

Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Henrique Barroso

Para uma Gramática do Aspecto no Verbo Português

Julho de 2006

Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Henrique Barroso

Para uma Gramática do Aspecto no Verbo Português

Tese de Doutoramento
Ramo: Ciências da Linguagem
Área de Conhecimento: Linguística Portuguesa

Trabalho efectuado sob a orientação do
Professor Doutor Mário Vilela

Julho de 2006

DECLARAÇÃO

Nome completo: HENRIQUE BARROSO FERNANDES

Endereço electrónico: hbarroso@ilch.uminho.pt

Título da Tese:
Para uma Gramática do Aspecto no Verbo Português

Orientador:
Professor Doutor Mário Augusto do Quinteiro Vilela

Co-orientador:
Professor Doutor Álvaro Iriarte Sanromán

Ano de conclusão: 2006

Ramo do Doutoramento: Ciências da Linguagem

Área de Conhecimento: Linguística Portuguesa

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA
A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE/TRABALHO

Universidade do Minho, / /

Assinatura: _____

A todos os que nunca deixaram de acreditar em mim:
é que, assim,
tão tenuemente,
conseguiram dar-me balanço,
direccionando-me,
para que chegasse.

Ao Humanismo da minha Companheira,
e à Ternura e Alegria dos nossos Filhos.

Aos meus Pais. Sempre.

AGRADECIMENTOS

Exceptuando evidentemente o meu próprio envolvimento, este projecto de investigação é ainda e de tal maneira devedor, quer na primeira fase do processo quer na segunda, a certas outras instituições & personalidades & pessoas que, sem o seu real contributo, não teria sido possível realizá-lo (ou, pelo menos, nestes moldes). Por conseguinte, estou-lhes sincera e profundamente agradecido, e é por essa mesma razão que vou passar a enumerá-las referindo, sinopticamente, a especificidade da contribuição:

- *A Universidade do Minho, através do Instituto de Letras e Ciências Humanas e respectivas unidades orgânicas (essencialmente Presidência, Conselho Científico, Departamento de Estudos Portugueses, Centro de Estudos Humanísticos e Secretarias – cada uma com o seu contributo próprio), por me ter concedido dispensa de serviço docente, e consequente equiparação a bolseiro, para poder iniciar os trabalhos preparatórios (na primeira fase do processo) e poder retomá-los e concluí-los (na segunda), e sobretudo (o que demonstrou continuar a acreditar na minha colaboração) por me ter contratado como Assistente Convidado a 100%, expirado que estava o contrato enquanto Assistente de carreira, garantindo-me assim a possibilidade de prosseguir a investigação que anos antes havia encetado.*
- *A Alexander von Humboldt-Stiftung, pela atribuição de uma bolsa de estudo ímpar (durante doze meses, primeiro, e prorrogada por mais seis, imediatamente a seguir, e ainda, volvidos um ano e meio, por mais um mês) que me permitiu uma relativamente longa e produtiva estada na Alemanha (quase sempre na Universidade de Münster, mas também na de Tübingen), sobretudo a possibilidade de traba-*

lhar com os Profs. Doutores †Eugenio Coseriu (um mês aproximadamente, na Universidade de Tübingen) e Wolf Dietrich (meu co-orientador, durante o restante tempo, na Universidade de Münster).

- *Os Profs. Doutores Mário Vilela (Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto) e Álvaro Iriarte Sanromán (Professor Auxiliar, de nomeação definitiva, do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho): o primeiro, por ter aceitado orientar-me na segunda fase do processo de doutoramento, por ter sabido compreender o meu* timing *e, sobretudo, pela proximidade de orientação; o segundo, por se ter prontificado a ser co-orientador já numa fase relativamente avançada do projecto e, ainda, pela ajuda na versão castelhana do* Resumo*; e a ambos, ainda, pela amizade.*

- *Os Profs. Doutores †José G. Herculano de Carvalho (então Professor Catedrático Jubilado da Universidade de Coimbra) e Vítor Manuel de Aguiar e Silva (na altura Professor Catedrático da Universidade do Minho), por terem escrito e enviado directamente para a Alexander von Humboldt-Stiftung os pareceres (confidenciais) exigidos por esta instituição que, conforme já assinalei, me veio a contemplar com uma excelente bolsa de estudo. E, ainda, o primeiro (†Prof. Herculano de Carvalho), por ter sido meu orientador na primeira fase deste processo; o segundo (Prof. Aguiar e Silva), por ter sugerido – e entrado mesmo em contacto com ele para o efeito – o Prof. Mário Vilela como orientador na segunda fase.*

- *Os Profs. Doutores Wolf Dietrich e †Eugenio Coseriu: o primeiro por ter aceitado receber-me na sua instituição (Westfälische Wilhelms-Universität zu Münster) e ser meu co-orientador enquanto aí estive como bolseiro da Alexander von Humboldt-Stiftung; por me ter permitido participar nos seus seminários de linguística românica e sobretudo pela orientação na recolha bibliográfica e pela sua mais do que generosa disponibilidade: foram muitas as horas que passou comigo, no seu gabinete, a discutir aspectos vários da investigação; e, finalmente, por me ter convidado a aí colaborar como docente de língua e linguística portuguesas, e pela amizade. O segundo, por me ter recebido na sua instituição durante duas curtas*

estadas na cidade de Tübingen e, de modo particular, por me ter posto à disposição materiais próprios vários sobre a temática da minha pesquisa.

- *Os colegas do Instituto de Letras e Ciências Humanas, em geral, e os do Departamento de Estudos Portugueses, em particular, e ainda os da mesma linha de acção (Ciências da Linguagem), de modo específico, pelos "empurrões" sucessivos e oportunamente positivos.*
- *Os colegas e amigos Profs. Doutores Amadeu Torres, Américo Lindeza Diogo e Sérgio Sousa (todos da Universidade do Minho): os dois primeiros, pelas leituras críticas dos esquissos e também pelas palavras de verdadeiro encorajamento; o último, pela disponibilidade (e não só por me ter ficado com um núcleo de estágio no ano lectivo 2005/06 e por ter corrigido a versão francesa do* Resumo*).*

- *Os meus Amigos Morais, pela compresença sábia e pela verdadeira amizade – já longa! – que dá vida; e o Carlos, em particular, pelas palavras oportunas (no sentido de* καιρός*) sobre controlo de emoções, e não só.*
- *Os meus Pais, pela ausência de todo inabitual; e os meus irmãos, por aquela ter em parte sobrado para eles.*
- *A minha família, pela compreensão paciente e paciência compreensiva, isto é, pelo afecto; e a Silke, ainda, pela correcção das versões alemã e inglesa do* Resumo.

TÍTULO E RESUMO

Título: *Para uma gramática do aspecto no verbo português*

Resumo (com destaque das palavras-chave):

• Com a finalidade de se ficar a conhecer o estado da investigação em torno do aspecto no verbo português, passam-se em revista, recenseando-os de algum modo, vários estudos, quase exclusivamente de autoria brasileira e portuguesa, que versam a temática aqui apresentada, e que foram produzidos nos últimos vinte a vinte e cinco anos.

• Com o propósito de se tomar conhecimento dos pressupostos teórico-metodológicos em que assenta a investigação, procede-se à caracterização do aspecto verbal distinguindo os seus processos expressivos (aspecto lexical e aspecto gramatical e respectivas tipologias), (re)conhecem-se os conceitos de auxiliarização e gramaticalização e os correlatos verbo auxiliar e perífrase verbal, traçam-se as coordenadas do modelo descritivo, explicam-se a constituição e finalidades do *corpus* e/ou dos *corpora*, identificam-se formal e denominativamente as formas verbais perifrásticas (por oposição às não-perifrásticas e bi(multi)perifrásticas) e, por fim, procura-se descortinar a sua estruturação em termos de significado aspectual.

• Com o objectivo (primacial) de se revelar a combinatória de algumas perífrases verbais que representam a constituição temporal interna das situações (o núcleo duro da categoria aspecto) no português actual, perseguindo as preferências ou tendências, descrevem-se, com base em *corpora*, as suas

propriedades *morfo-sintácticas* (com que formas flexionais de tempo-aspecto-modo e pessoa-número se combinam formando, assim, os respectivos subparadigmas que constituem o paradigma perifrasticamente expresso), *sintáctico-semânticas* (com que tipos proposicionais e respectivas formas coocorrem, tipos de sujeito e respectiva quantificação, número e natureza dos argumentos e respectiva configuração sintáctica) e *semântico-lexicais* (com que tipos de predicados verbais se combinam – se estativos, se de processo, se de processo culminado, se de culminação, se pontuais – e respectivas implicações significativas), designadamente as de progressivo (<*estar a* + infinitivo> e <*estar* + gerúndio>), progressivocomitativo (<*andar a* + infinitivo>, <*andar* + gerúndio>, <*viver* + gerúndio> e <*viver a* + infinitivo>) e progressivogradativo (<*ir* + gerúndio>, <*vir* + gerúndio> e <*vir a* + infinitivo$_1$>). Simultaneamente, trata-se da especialização (perífrases que de algum modo se "especializaram/especializam" na manifestação de uma particularidade significativa a partir do significado prototípico que as caracteriza) e/ou da variação (construções perifrásticas linguística e não-linguisticamente condicionadas) nas distintas formas verbais perifrásticas.

E, assim, se pretende ficar a conhecer uma parte da «gramática do aspecto no verbo do português actual», à luz essencialmente da sua variante europeia.

TITLE AND ABSTRACT

Title: *Towards a grammar of the aspect in the Portuguese verb*

Abstract (Key-words are emphasized):

• This thesis has the aim to give an overview of and insight into the state of the research on the aspect in the Portuguese verb, reviewing, in a way, some of the studies that deal with the subject. Most of these studies have been produced in the past 20 to 25 years, almost exclusively by Brazilian or Portuguese authors.

• It seeks to inform about the theoretical and methodological presumptions on which the research is based, procedes to the characterization of the verbal aspect distinguishing its expressive processes (lexical aspect and grammatical aspect and respective typologies), (re)cognizes the concepts of auxiliarization and grammaticalization and the correlates auxiliary verb and verbal periphrasis, traces the coordinates of the descriptive model, explains the constitution and purpose of the *corpus* and/ or the *corpora*, identifies formally and denominatively the verbal periphrasis forms (in opposition to non-periphrastical and bi- or multiperiphrasticals) and, finally, tries to uncover its organization in terms of aspectual meaning.

• With the (primary) aim to reveal the combinatories of some verbal periphrases that represent the internal temporal constituency of the situations (the very heart of the category aspect) in today's Portuguese, following the preferences or tendencies, I will describe, on the basis of *corpora*, their *morpho-syntactical* properties (the flectional forms of Tense-Aspect-Mode and Person-Number they

combine with, thus forming the respective sub-paradigms that constitute the paradigm that is expressed by a periphrasis), *syntactic-semantic* properties (the propositional types and respective forms the co-occur with, types of subject and respective quantification, number and nature of the arguments and their syntactic configuration) as well as *semantic-lexical* properties (the types of verbal predicates they go with – whether state verbs, process verbs, culminated process verbs, culmination verbs or point verbs – and their significant implications), that is: the progressive (<*estar a* + infinitive> and <*estar* + gerund>), comitative-progressive (<*andar a* + infinitive>, <*andar* + gerund>, <*viver* + gerund> and <*viver a* + infinitive>) e gradative-progressive (<*ir* + gerund>, <*vir* + gerund> and <*vir a* + infinitive$_1$>). Simultaneously, it is about the specialization (periphrases that (have) somehow specialize(d), because they show a particular meaning, that has emerged from the prototype meaning that characterizes it) and/or the variation (linguistically and non-linguistically conditioned periphrastic constructions) in the various periphrastical verbal forms.

And, thus, this thesis aims to inform about a part of the «grammar of the aspect in today's Portuguese verb», essentially in the light of the European variant.

TITRE ET RÉSUMÉ

Titre: *Vers une grammaire de l'aspect dans le verbe portugais*

Résumé (avec détachement des mots-clés):

• Afin de connaître l'état de la recherche sur l'aspect dans le verbe portugais, nous avons passé en revue, en les recensant d'une certaine manière, plusieurs études, presque toutes d'auteurs brésiliens et portugais, qui portent sur le thème présenté ici et qui ont été produits au cours des vingt-cinq dernières années.

• L'intention étant de prendre connaissance des présupposés théorico-méthodologi-ques sur lesquels la recherche repose, nous procédons à la caractérisation de l'aspect verbal en distinguant ses procédés expressifs (aspect lexical et aspect grammatical et leurs typologies respectives), on (re)connaît les concepts d'auxiliarisation et de grammaticalisation et les corrélats verbe auxiliaire et périphrase verbale; on trace les coordonnées du modèle descriptif, on explique la constitution et les finalités du *corpus* et/ou des *corpora*, on identifie formellement et dénominativement les formes verbales périphrastiques (par opposition aux non-périphrastiques et aux bi(multi)périphrastiques), et, pour finir, on cherche à démêler leur structuration en termes de signification aspectuelle.

• Avec l'objectif (primatial) de révéler la combinatoire de certaines périphrases verbales qui représentent la constitution temporelle interne des situations (le noyau dur de la catégorie aspect) dans le portugais actuel, en poursuivant les préférences ou tendances, on décrit, à partir des *corpora*, ses propriétés

morphosyntaxiques (avec quelles formes flexionnelles de temps-aspect-mode et personne-nombre elles se combinent et forment ainsi les subparadigmes respectifs qui constituent le paradigme périphrastiquement exprimé); *syntacticosémantiques* (avec quels types propositionnels et avec quelles formes respectives elles entrent en cooccurrence, les types de sujet et leur quantification respective, le nombre et la nature des arguments et leur configuration syntactique respective) et *sémanticolexicaux* (avec quels types de prédicats verbaux elles se combinent, s'ils sont statifs, s'ils sont de procès, s'ils sont de procès culminé, s'ils sont de culmination, s'ils sont ponctuels – et leurs respectives implications significatives), surtout celles du progressif (<*estar a* + infinitif> et <*estar* + gérondif>), progressif-comitatif (<*andar a* + infinitif>, <*andar* + gérondif>, <*viver* + gérondif> et <*viver a* + infinitif>) et progressif-gradatif (<*ir* + gérondif>, <*vir* + gérondif> et <*vir a* + infinitif$_1$>). On traite simultanément la spécialisation (périphrases qui en quelque sorte "se sont spécialisées/se spécialisent" dans la manifestation d'une particularité significative à partir de la signification prototype qui les caractérise) et/ou la variation (constructions périphrastiques linguistiquement et non-linguistiquement conditionnées) dans les différentes formes verbales périphrastiques.

C'est ainsi que l'on prétend rendre compte d'une partie de «la grammaire de l'aspect dans le verbe du portugais actuel», et cela essentiellement à la lumière de sa variante européenne.

TÍTULO Y RESUMEN

Título: *Para una gramática del aspecto en el verbo portugués*

Resumen (con destaque de las palabras-clave):

• Con la finalidad de conocer el estado de la investigación sobre el aspecto en el verbo portugués, se examinan, enumerándolos de algún modo, varios estudios, casi exclusivamente de autoría brasileña y portuguesa, que versan sobre la temática aquí presentada, y que fueron producidos en los últimos veinte o veinticinco años.

• Con el propósito de dar a conocer los principios teórico-metodológicos en que se fundamenta la investigación, se procede a la caracterización del aspecto verbal distinguiendo sus procesos expresivos (aspecto léxico y aspecto gramatical y respectivas tipologías), se reconocen los conceptos de auxiliarización y gramaticalización y sus correlatos verbo auxiliar y perífrasis verbal, se presentan las coordenadas del modelo descriptivo, se explican la constitución y finalidades del *corpus* y/o de los *corpora*, se identifican formal y denominativamente las formas verbales perifrásticas (por oposición a las no-perifrásticas y bi(multi)perifrásticas) y, finalmente, se procura comprender su estructura en términos de significado aspectual.

• Con el objetivo (primordial) de mostrar la combinatoria de algunas perífrasis verbales que representan la constitución temporal interna de las situaciones (el núcleo duro de la categoría aspecto) en el portugués actual, buscando las preferencias o tendencias, se describen, con base en *corpora*, sus

propiedades *morfosintácticas* (con qué formas flexionales de tiempo-aspecto-modo y persona-número se combinan formando, así, los respectivos subparadigmas que constituyen el paradigma perifrásticamente realizado), *sintáctico-semánticas* (con qué tipos proposicionales y respectivas formas se combina, tipos de sujeto y respectiva cuantificación, número y naturaleza de los argumentos y respectiva configuración sintáctica) y *léxico-semánticas* (con qué tipos de predicados verbales se combinan – estativos, de proceso, de proceso culminado, de culminación, puntuales – y respectivas implicaciones significativas), designadamente las de progresivo (<*estar a* + infinitivo> y <*estar* + gerundio>), progresivocomitativo (<*andar a* + infinitivo>, <*andar* + gerundio>, <*viver* + gerundio> y <*viver a* + infinitivo>) y progresivogradativo (<*ir* + gerundio>, <*vir* + gerundio> y <*vir a* + infinitivo$_1$>). Al mismo tiempo, se trata de la especialización (perífrasis que de algún modo se "especializaron/especializan" en la manifestación de una particularidad significativa a partir del significado prototípico que las caracteriza) y/o de la variación (construcciones perifrásticas lingüística y no-lingüísticamente condicionadas) en las distintas formas verbales perifrásticas.

Y, de esta manera, se pretende dar a conocer una parte de la «gramática del aspecto en el verbo del portugués actual», a la luz esencialmente de su variante europea.

TITEL UND ABSTRAKT

Titel: *Beitrag zu einer Grammatik des Aspekts im portugiesischen Verb*

Abstrakt (Schlagwörter werden hervorgehoben):

• Um einen Einblick in und Überblick über den Stand der Forschung auf dem Gebiet des Aspekts im portugiesischen Verb zu geben, werden in dieser Arbeit einige Studien – fast ausschließlich von brasilianischen und portugiesischen Autoren –, die das Thema behandeln und in den vergangenen 20 bis 25 Jahren verfasst wurden, vorgestellt und auf gewisse Weise rezensiert.

• Um Kenntnis zu erhalten über die theoretischen und methodologischen Voraussetzungen, auf denen die Forschung beruht, wird dann eine Charakterisierung des Verbalaspekts vorgenommen, indem seine Ausdrucksmittel unterschieden werden (lexikalischer Aspekt und grammatikalischer Aspekt und jeweilige Typologien); die Konzepte von Auxiliarisierung und Grammatikalisierung und die Korrelate Hilfsverb und Verbalperiphrase werden erfasst und unterschieden; die Koordenaten des deskriptiven Modells werden beschrieben; Aufbau und Zielsetzungen des *Korpus* und/oder der *Korpora* werden erläutert; die periphrastischen Verbalformen werden formal und namentlich identifiziert (und von den unperiphrastischen und bi- bzw. mehrperiphrastischen Verbalformen abgesetzt) und gegen Ende wird der Versuch unternommen, seine Strukturierung hinsichtlich einer aspektualen Bedeutung aufzudecken.

• Um (in erster Linie) die Kombinationsmöglichkeiten einiger Verbalperiphrasen aufzudecken, die für die interne temporale Beschaffenheit der Situationen (der harte Kern der Kategorie Aspekt) im heutigen Portugiesisch stehen, und Tendenzen und Präferenzen zu beobachten, werden auf der Grundlage von *Korpora* ihre *morpho-syntaktischen* (Mit welchen Flexionsformen von Tempus-Aspekt-Modus und Person-Numerus gehen sie Verbindungen ein und bilden auf diese Weise die jeweiligen Unterparadigmen, die das Paradigma konstituieren, das durch eine Periphrase ausgedrückt wird?), *syntaktisch-semantischen* (In welchen Satzarten und jeweiligen Formen kommen sie zusammen vor, Subjektarten und ihre Quantifizierung, Anzahl und Eigenschaft der Argumente und entsprechende Satzkonfiguration) und *semantisch-lexikalischen* (Mit welchen Arten von Verbalprädikaten lassen sie sich kombinieren: mit Zustandsverben, Prozessverben, Kulminationsprozessverben, Kulminationsverben, punktuellen Verben – und ihre Implikationen hinsichtlich der jeweiligen Bedeutung) Eigenschaften beschrieben, insbesondere die von Progressiv (<*estar a* + Infinitiv> und <*estar* + Gerundium>), Komitativprogressiv (<*andar a* + Infinitiv>, <*andar* + Gerundium>, <*viver* + Gerundium> und <*viver a* + Infinitiv>) und Gradativprogressiv (<*ir* + Gerundium>, <*vir* + Gerundium> und <*vir a* + Infinitiv$_1$>). Gleichzeitig wird die Spezialisierung behandelt (Verbalperiphrasen, die sich auf die eine oder andere Weise "spezialisieren/spezialisiert haben", weil sich bei ihnen ausgehend von ihrer ursprünglichen Bedeutung eine Bedeutungseigenheit zeigt, die für sie bezeichnend ist) und/oder die Variation (sprachlich und nicht-sprachlich bedingte periphrastische Konstruktionen) bei den verschiedenen periphrastischen Verbalformen.

Und so soll Einblick gegeben werden in einen Teil der «Grammatik des Aspekts im Verb des heutigen Portugiesisch», hauptsächlich im Licht ihrer europäischen Variante.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS v

TÍTULO E RESUMO ix

TITLE AND ABSTRACT xi

TITRE ET RÉSUMÉ xiii

TÍTULO Y RESUMEN xv

TITEL UND ABSTRAKT xvii

NOTAS PRELIMINARES xxv

CONVENÇÕES xxix

1. Siglas dos textos-fonte utilizados na constituição dos *corpora* xxix
2. Siglas de revistas e de outras publicações similares referenciadas na bibliografia teórico-metodológica xxx
3. Abreviaturas e outros símbolos xxxv
4. Rol dos *corpora* xxxvi

INTRODUÇÃO 1

1. Do título e do tema-objecto de estudo e respectivo tratamento 1
2. Da arquitectura da presente investigação 10
3. Dos objectivos específicos e gerais 14
4. Da especificidade das referências bibliográficas 16

PRIMEIRA PARTE

DO ASPECTO ENQUANTO CATEGORIA DA VERBALIDADE 19

CAPÍTULO I

ESTADO DA INVESTIGAÇÃO EM TORNO DO ASPECTO NO VERBO PORTUGUÊS..... 21

1. Introdução 21
2. Contribuição de autores alemães 23
3. Contribuição de autores brasileiros 28
4. Contribuição de autores portugueses 43

CAPÍTULO II

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS..... 79

1. Introdução 79
2. Do aspecto e da aspectualidade 81
3. Do aspecto verbal: identificação e processos expressivos..... 101
   - 3.1. Aspecto lexical: caracterização e tipologia 102
     - 3.1.1. Predicados verbais de 'processo' 104
     - 3.1.2. Predicados verbais de 'processo culminado'..... 105
     - 3.1.3. Predicados verbais de 'culminação'..... 106
     - 3.1.4. Predicados verbais 'pontuais'..... 107
     - 3.1.5. Predicados verbais 'estativos'..... 107
     - 3.1.6. Fundamentos desta classificação e síntese final 108
     - 3.1.7. Natureza composicional do aspecto lexical..... 111
   - 3.2. Aspecto gramatical: caracterização e tipologia 113
     - 3.2.1. Aspecto flexional 114
     - 3.2.2. Aspecto perifrástico..... 115
4. Dos conceitos de auxiliarização e gramaticalização 117
   - 4.1. Auxiliarização: noção e principais características..... 117
   - 4.2. Gramaticalização: conceito e factores desencadeadores..... 119
   - 4.3. Verbos auxiliares e perífrases verbais..... 122

5. Do modelo descritivo: coordenadas 126
5.1. Estrutura do sistema verbal do português actual 128
5.2. Sistema aspectual verbal do português da actualidade 129
5.3. Variação e especialização linguísticas 131
6. Do *corpus* e/ou dos *corpora* 133
6.1. Constituição 134
6.2. Finalidades 138
7. Das formas verbais: identificação e respectiva denominação 140
7.1. Subsistema das formas perifrásticas 141
7.2. Outros subsistemas 142
7.2.1. Subsistema das formas bi(multi)perifrásticas 142
7.2.2. Subsistema das formas simples e compostas 143
7.3. Das denominações: uma proposta 144
7.3.1. Designações mais ou menos tradicionais 145
7.3.2. Outras propostas denominativas 146
7.3.3. Proposta própria 147
8. Das formas verbais perifrásticas 151
8.1. Estruturação deste subsistema de formas 151
8.2. Grau de integração no sistema verbal 152

SEGUNDA PARTE

DA COMBINATÓRIA DE ALGUMAS PERÍFRASES VERBAIS DESCRITORAS DA 'CONSTITUIÇÃO TEMPORAL INTERNA' DAS SITUAÇÕES NO PORTUGUÊS EUROPEU ACTUAL 155

CAPÍTULO III

INTRODUÇÃO GLOBAL E FORMAS VERBAIS PROGRESSIVAS 157
1. Introdução de carácter global 157
2. Formas verbais progressivas: identificação e caracterização 160
2.1. Formas verbais com <*estar a* + infinitivo> 160
2.1.1. Propriedades morfo-sintácticas 171

2.1.2. Propriedades sintáctico-semânticas 176
2.1.3. Propriedades semântico-lexicais 181
2.2. Formas verbais com <*estar* + gerúndio> 187
2.2.1. Propriedades morfo-sintácticas 194
2.2.2. Propriedades sintáctico-semânticas 196
2.2.3. Propriedades semântico-lexicais 200
2.3. Da variação nestas formas verbais 203

CAPÍTULO IV

FORMAS VERBAIS PROGRESSIVOCOMITATIVAS 207
3. Identificação e caracterização 207
3.1. Formas verbais com <*andar a* + infinitivo> 208
3.1.1. Propriedades morfo-sintácticas 215
3.1.2. Propriedades sintáctico-semânticas 218
3.1.3. Propriedades semântico-lexicais 221
3.2. Formas verbais com <*andar* + gerúndio> 224
3.2.1. Propriedades morfo-sintácticas 226
3.2.2. Propriedades sintáctico-semânticas 228
3.2.3. Propriedades semântico-lexicais 230
3.3. Formas verbais com <*viver* + gerúndio> 232
3.3.1. Propriedades morfo-sintácticas 232
3.3.2. Propriedades sintáctico-semânticas 233
3.3.3. Propriedades semântico-lexicais 234
3.4. Formas verbais com <*viver a* + infinitivo> 235
3.4.1. Propriedades morfo-sintácticas 236
3.4.2. Propriedades sintáctico-semânticas 237
3.4.3. Propriedades semântico-lexicais 237
3.5. Da variação e especialização nestas formas verbais 238

CAPÍTULO V

FORMAS VERBAIS PROGRESSIVOGRADATIVAS 243

4. Identificação e caracterização 243
4.1. Formas verbais com <*ir* + gerúndio> 243
4.1.1. Propriedades morfo-sintácticas 254
4.1.2. Propriedades sintáctico-semânticas 257
4.1.3. Propriedades semântico-lexicais 261
4.2. Formas verbais com <*vir* + gerúndio> 266
4.2.1. Propriedades morfo-sintácticas 270
4.2.2. Propriedades sintáctico-semânticas 274
4.2.3. Propriedades semântico-lexicais 277
4.3. Formas verbais com <*vir a* + infinitivo1> 280
4.3.1. Propriedades morfo-sintácticas 284
4.3.2. Propriedades sintáctico-semânticas 286
4.3.3. Propriedades semântico-lexicais 288
4.4. Da especialização e variação nestas formas verbais 290

CONCLUSÃO 295
1. Dos resultados 295
1.1. Resultados parciais 296
1.2. Resultados globais 303
2. Da continuação do projecto 304

ÍNDICE REMISSIVO 307
1. Termos 307
2. "Tempos verbais" perifrásticos 312
3. Autores 315

BIBLIOGRAFIA 319
1. Bibliografia teórico-metodológica 319
2. Bibliografia utilizada na constituição dos *corpora* 366
2.1. Textos literários e outros textos 366
2.2. Imprensa escrita 368

NOTAS PRELIMINARES

Para facilitar a tarefa ao leitor (ou consulente), por economia de espaço e, ainda, para evitar repetições desnecessárias, resolvi organizar duas listas de siglas que, juntamente com uma terceira (*Abreviaturas e outros símbolos*) e uma quarta (*Rol dos corpora*), constituem as *Convenções* aqui adoptadas.

A primeira lista é constituída por siglas da quase totalidade das fontes de que me servi para organizar os nove *corpora* (uns, pela sua própria natureza, mais longos do que outros) de carácter simultaneamente descritivo e exemplificativo, o núcleo por excelência não só da Parte II mas também da presente investigação globalmente considerada.

Escrevi, no parágrafo anterior, «da quase totalidade das fontes» e não «da totalidade». É que, para algumas fontes, por não serem recursivas, isto é, por praticamente não fornecerem mais do que uma ocorrência e, ao mesmo tempo, não constituírem um texto unitário de uma extensão considerável (por exemplo, livro) e/ou periódicos de difusão relativamente alargada (são, portanto, de natureza esparsa), não as adoptei. Porém, em notas de rodapé (e quase só aqui), consta a sua indicação (bibliográfica – quando é desta natureza) completa. Estão, neste caso, as ocorrências de certas formas verbais em enunciados colhidos em: correspondência institucional; traduções portuguesas de originais em outras línguas; panfletos/cartazes publicitários distribuídos pela imprensa; documentos oficiais; um prefácio; um livro de didáctica brasileiro; e outras narrativas brasileiras e portuguesas.

Para todas as outras fontes foram, pois, adoptadas siglas. Estas (imediatamente seguidas da página – se se trata de livros –, do número, da data e da página – se

se trata de revistas – e da data simplesmente – se se trata de jornais) aparecem no canto inferior direito, ligeiramente para fora e entre colchetes, logo após a transcrição do enunciado que documenta a(s) ocorrência(s) da(s) forma(s) verbal(ais) em causa. Analisemos, de seguida, cada uma destas situações, para que não restem quaisquer dúvidas sobre esta maneira de proceder:

> «Qualquer dia despedia-o e o delírio crónico faria parte da vida dela. Talvez ***estivesse a enlouquecer***.»
>
> [*AR*, p. 117]

> «Quatro anos depois, Sintra vê alguns sonhos cumpridos – o saneamento básico, por exemplo, chegou a aldeias a quem a promessa ***vinha sendo feita*** há mais de dez anos –, algumas desilusões confirmadas [...].»
>
> [*V* 229 (1997/08/07 a 13), p. 29][1]

> «A Comissão Política Distrital de Braga do PP acusou ontem um agente da PSP de "***ter andado a fotografar*** Manuel Monteiro" durante uma acção de pré-campanha em Barcelos.»
>
> [*DM*, 1995/09/26]

Agora, procurando na lista de siglas que nos diz respeito, identificamos imediatamente a obra e o autor ou o periódico, senão vejamos:

AR	*A Alma dos Ricos,* Agustina Bessa-Luís
V	*Visão*
DM	*Diário do Minho*

[1] Esta maneira de proceder (por esta ordem: nome, número, data e página) só não se cumpre na íntegra em relação às revistas *Visão* (algumas vezes, mas poucas) e *Pública* (uma vez). A razão desta discrepância prende-se com o processo de recolha das ocorrências: como foram colhidas em diferentes momentos e com intervalos temporais relativamente latos, e apesar de ter sempre presente os princípios desta técnica, aconteceu que ao tomar nota das fontes ora me esqueci do número (ex.: [*V* (2001/07/05 a 11), p. 99]), ora da página (ex.: [*V* 299 (1998/12/10 a 16)]), ora de ambos (ex.: [*V* (1994/08/04 a 10)]), mas o nome e a data (as indicações essenciais) das mesmas nunca faltam.

Uma vez aqui, e caso queiramos ou necessitemos de saber as informações completas, a *Bibliografia utilizada na constituição dos corpora* informa-o, também de forma imediata e com toda a precisão:

Bessa-Luís, Agustina
(2002) *A Alma dos Ricos*. Lisboa, Guimarães Editores.

Diário do Minho (diário), Braga

Visão (revista semanal), Lisboa

A segunda lista, por seu turno, reúne siglas de revistas científicas e de outras publicações semelhantes (sobretudo actas de congressos, colóquios e/ou encontros) que uso nas referências bibliográficas de natureza teórico-metodológica. Esta técnica, que adoptei de Holtus & Metzeltin & Schmitt (2001: xiii-xxxviii)[2] e que sigo quase à letra (exceptuam-se apenas revistas e/ou publicações similares não incluídas pelos autores citados, mas faço-o à sua semelhança), tem, entre outras vantagens de fácil entendimento, a de nos dar a conhecer o(s) centro(s) de investigação que a(s) produz(em), o(s) organizador(es)/editor(es) – quando o(s) há – e a localidade de publicação e/ou respectiva Universidade (muitas vezes – já sucedeu comigo –, aparece-nos o nome de uma publicação deste tipo, sem mais nada, e sabe-se quão difícil é encontrá-la...). Se calhar, agora, este problema está (estará) em parte resolvido pela informatização e respectiva indústria. Em todo o caso, parece-me, numa obra desta natureza quadra bem este tipo de informações.

À semelhança do que se fez para a primeira lista, ilustremos também esta técnica com um exemplo para cada situação referida:

Barroso, Henrique
(1997) «O *aspecto de fases* em português contemporâneo», in Lorenzo, Ramón (ed.), *ACILFR* XIX, vol. I, pp. 333-348.

Campos, Henriqueta Costa
(1984) «Pretérito perfeito simples/pretérito perfeito composto: uma oposição aspectual e temporal», in *LtS* 2, pp. 11-53.

[2] Holtus, Günter & Metzeltin, Michael & Schmitt, Christian (eds.), *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. I, 1. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001.

Consultando a lista de siglas em causa temos, respectivamente,

ACILFR XIX	Lorenzo, Ramón (ed.), *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas*, Universidade de Santiago de Compostela, 1989, A Coruña: Fundación "Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa", 1992-1997
LtS	*Letras Soltas*. Secção de Linguística. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa

CONVENÇÕES

1. Siglas dos textos-fonte utilizados na constituição dos *corpora*

A	*Aparição*, Vergílio Ferreira
Al	*Alma*, Manuel Alegre
Alq	*O Alquimista*, Paulo Coelho
AR	*A Alma dos Ricos*, Agustina Bessa-Luís
C	*A Caverna*, José Saramago
CBD	*A Casa dos Budas Ditosos,* João Ubaldo Ribeiro
CD CN	*Cinco Dias, Cinco Noites*, Manuel Tiago
CID	*O Conto da Ilha Desconhecida*, José Saramago
CM	*Correio do Minho*
CP	*O Comércio do Porto*
CPó	*A Casa do Pó*, Fernando Campos
CS	*Cartas a Sandra*, Vergílio Ferreira
DE	*Dinossauro Excelentíssimo*, José Cardoso Pires
DM	*Diário do Minho*
EC	*Ensaio sobre a Cegueira*, José Saramago
EJC	*O Evangelho segundo Jesus Cristo*, José Saramago
EL	*Ensaio sobre a Lucidez*, José Saramago
Eq	*Equador*, Miguel Sousa Tavares
Es	*Estorvo*, Chico Buarque
Ex	*Expresso*
FH	*Fora de Horas*, Paulo Castilho
FHL	*Felizmente Há Luar!*, Luís de Sttau Monteiro
G	*Gaibéus*, Alves Redol
HD	*O Homem Duplicado*, José Saramago
I	*O Independente*
IM	*As Intermitências da Morte*, José Saramago
IND	*In Nomine Dei*, José Saramago
JN	*Jornal de Notícias*
JT	*José do Telhado*, Camilo Castelo Branco

LC	*Levantado do Chão*, José Saramago
LD	*Livro do Desassossego, por Bernardo Soares*, Fernando Pessoa
M	*Mensagem*, Fernando Pessoa
MA	*Memorial de Aires*, Machado de Assis
MC	*O Monte Cinco*, Paulo Coelho
MI	*Matar a Imagem*, Ana Teresa Pereira
MM	*A menina do mar*, Sophia de Mello Breyner Andresen
NG	*Nome de Guerra*, Almada Negreiros
NN	*A noite de Natal*, Sophia de Mello Breyner Andresen
NPP	*Novos Poemas Póstumos*, António Gedeão
O	*Odes*, Miguel Torga
P	*Público*
Pa	*Pública*
Po	*Portugal*, Miguel Torga
POP	*Por Outras Palavras*, Paulo Castilho
PS	*A Ponte dos Suspiros*, Fernando Campos
Putos	*Os Putos*, Altino do Tojal
RT	*O Rio Triste*, Fernando Namora
SE	*Sinais Exteriores*, Paulo Castilho
TF	*Terra Fria*, Ferreira de Castro
TN	*Todos os Nomes*, José Saramago
TPBP	*Trabalhos e Paixões de Benito Prada*, Fernando Assis Pacheco
U	*Ursamaior*, Mário Cláudio
V	*Visão*
VF	*A Varanda do Frangipani*, Mia Couto
VP	*Visitas ao Poder*, Maria Filomena Mónica

2. Siglas de revistas e de outras publicações similares referenciadas na bibliografia teórico-metodológica

ACIELB V	*Actas do V Colóquio Internacinal de Estudos Luso-Brasileiros*. Coimbra, 1966
ACILR IX	*Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica* (Lisboa, 31 de Março – 4 de Abril de 1959), 3 vols. Lisboa, 1960/1962
ACILFR XII	Rosetti, Alexandru & Reinheimer-Rîpeanu, Sandra (eds.), *Actele celui de al XII-lea Congres International de Lingvistică şi Filologie Romanică*, 2 vols. Bucureşti, 1970/1971
ACILPR XIII	Boudreault, Marcel & Möhren, Frankwalt (eds.), *Actes du XIII^e Congrès International de Linguistique et Philologies Romanes*, tenu à l'Université

	Laval (Québec, Canada), du 29 août au 5 septembre 1971, 2 vols. Québec, 1976
ACILFR XIV	Vàrvaro, Alberto (ed.), *Atti del XIV Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza* (Napoli, 15-20 aprile 1974), 5 vols. Napoli/Amsterdam, 1976-1981
ACILFR XIX	Lorenzo, Ramón (ed.), *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas*, Universidade de Santiago de Compostela, 1989, A Coruña: Fundación "Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa", 1992-1997
ACILPR XX	Hilty, Gerold (ed.), *Actes du XX^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, Université de Zurich (6.–11.4.1992), 5 vols. Tübingen/ Basel, 1993
AEAPL I	*Actas do I Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 2-4 de Outubro de 1985), 1 vol. Lisboa, 1986
AEAPL VI	*Actas do VI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Porto, 1 e 2 de Outubro de 1990), 1 vol. Lisboa: Colibri, 1991
AEAPL VII	*Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 7 e 8 de Outubro de 1991), 1 vol. Lisboa: Colibri, 1992
AEAPL VIII	*Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 1-3 de Outubro de 1992), 1 vol. Lisboa: Colibri, 1993
AEILC I	Vilela, Mário & Silva, Fátima (eds.), *Actas do 1.º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva* (Porto, 29 e 30 de Maio de 1998), 1 vol. Porto, Faculdade de Letras do Porto, 1999
AENAPL IX	*Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Coimbra, Outubro de 1993), 1 vol. Lisboa: Colibri, 1994
AENAPL X	*Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Évora, Outubro de 1994), 1 vol. Lisboa: Colibri, 1995
AENAPL XI	Vol. I: Nascimento, M.ª F. Bacelar do & Rodrigues, M.ª C. & Gonçalves, J. B.; Vol. II: Faria, I. H. & Correia, M.; Vol. III: Duarte, Inês & Miguel, Matilde (eds.), *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, Outubro de 1995). Lisboa: Colibri, 1996
AENAPL XII	Castro, Ivo (ed.), *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Braga – Guimarães, 30 de Setembro a 2 de Outubro de 1996), 2 vols. Lisboa: Colibri, 1997
AENAPL XIII	Mota, M.ª Antónia & Marquilhas, Rita (eds.), *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 1-3 de Outubro de 1997), 2 vols. Lisboa: Colibri, 1998
AENAPL XIV	Lopes, Ana C. M. & Martins, Cristina (eds.), *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Aveiro, 28-30 de Setembro de 1998), 2 vols. Lisboa: Colibri, 1999

AENAPL XVI	Correia, Clara N. & Gonçalves, Anabela (eds.), *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Coimbra, 28-30 de Setembro de 2000). Lisboa: Colibri, 2001
AILC	*Anales del Instituto de Lingüística de la Universidad Nacional de Cuyo*. Mendoza
Alfa	*Alfa*. Revista lingüística. Publicação da Universidade Estadual São-Paulista (UNESP). São Paulo
ALHafn	*Acta Linguistica Hafniensia*. Copenhagen
Archivum	*Archivum*. Revista de la Facultad de Filosofía e Letras. Universidad de Oviedo. Oviedo
ASNS	*Archiv für das Studium der neueren Sprachen und Literaturen*. Braunschweig/ Berlin/Bielefeld
BF	*Boletim de Filologia*. Lisboa
BFUCh	*Boletín de Filología de la Universidad de Santiago de Chile*. Santiago de Chile
BGDDSL	*Beiträge zur Geschichte der deustschen Sprache und Literatur*. Tübingen
BH	*Bulletin Hispanique*. Bordeaux
Biblos	*Biblos*. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra
BJR	*Bulletin des Jeunes Romanistes*. Strasbourg
BRAE	*Boletín de la Real Academia Española*. Madrid
BSL(P)	*Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*. Paris
CFS	*Cahiers Ferdinand de Saussure*. Genève
Confluência	*Confluência*. Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro
Diacrítica	*Diacrítica*. Revista do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM). Braga
DRLAV	*Documentation et recherche en linguistique allemande*. Vincennes. Revue de linguistique de l'Université Paris VIII. Paris
EClás	*Estudios Clásicos*. Órgano de la Sociedad Española de Estudios Clásicos. Madrid
EFil	*Estudios Filológicos*. Universidad Austral de Chile. Valdivia
ELing	*Estudos Lingüísticos*. Anais dos seminários do GEL. Universidade de Mogi das Cruzes
EspA	*Español Actual*. Madrid
FM	*Le français moderne*. Revue consacrée à l'étude de la langue française du XVI^{e} siècle à nos jours. Paris
FoLi	*Folia Linguistica*. Acta Societatis Linguisticae Europaeae. The Hague
FrM	*Le français dans le monde*. Paris

H/Hispania	*Hispania*. A Teacher's Journal devoted to the interests of the teaching of Spanish and Portuguese. Baltimore/Mississippi (Miss.) et ali.
IAP	*Ibero-Americana Pragensia*. Anuario del Centro de Estudios de la Universidad Carolina de Praga. Praga
IF	*Indogermanische Forschungen*. Zeitschrift für Indogermanistik und allgemeine Sprachwissenschaft. Berlin
JF	*Jornal de Filologia*. Universidade de São Paulo. São Paulo
JIL	*Journal of Italian Linguistics*. Dordrecht
JL	*Journal of Linguistics*. London
Langages	*Langages*. Paris
Language	*Language*. Journal of the Linguistic Society of America. Baltimore
LAnt	*Linguistica Antverpensia*. Antwerpen
LFr	*Langue Française*. Paris
LH	*Letras de Hoje*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre
Lingl	*Linguistic Inquiry*. Cambridge (Mass.)
Lingua	*Lingua*. Amsterdam
Linguistics	*Linguistics*. The Hague
Linguistique	*La Linguistique*. Revue de la Société Internationale de Linguistique Fonctionnelle/Journal of the International Society of Functional Linguistics. Paris
Littera	*Littera*. Revista para professores de português e de literaturas de língua portu-guesa. Rio de Janeiro
LLearning	*Language Learning*. Language Learning Research Club at the University of Michigan. Malden (Mass.)
LRL	Holtus, Günter & Metzeltin, Michael & Schmitt, Christian (eds.), *Lexikon der Romanistischen Linguistik* (LRL). Tübingen, 1988-2003
LS/A	*Linguistische Studien*, Reihe A. Arbeitsberichte der Akademie der Wissenschaften der DDR. Zentralinstitut für Sprachwissenschaft. Berlin
LtS	*Letras Soltas*. Secção de Linguística. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa
MLing	*Modèles linguistiques*. Lille
MLJ	*The Modern Language Journal*. Ann Arbor (Michigan)
MSS	*Münchener Studien zur Sprachwissenschaft*. München
Nós	*Nós*. Revista da Lusofonia. Pontevedra/Braga
NRFH	*Nueva Revista de Filología Hispánica*. México
NS	*Die Neueren Sprachen*. N. F. Frankfurt am Main
Orbis	*Orbis*. Bulletin international de documentation linguistique. Louvain
PFLE	*Presente y futuro de la lengua española*. Madrid
PhP	*Philologica Pragensia*. Praha

PICL IX	Lunt, Horace G. (ed.), *Proceedings of the IXth International Congress of Linguistics* (Cambridge Mass., August 27-31, 1962). London: Mouton, 1964
R	*Romania*. Revue consacrée à l'Étude des Langues et des Littératures Romanes. Paris
RBF	*Revista Brasileira de Filologia*. Rio de Janeiro
RBPh	*Revue Belge de Philologie et d'Histoire*. Bruxelles
REF	*Revista Espanõla de Filología*
REL	*Revue des Études Latines*. Paris
REspL	*Revista Española de Lingüística*. Órgano de la Sociedad Española de Lingüística. Madrid
RF	*Romanische Forschungen*. Vierteljahresschrift für romanische Sprachen und Literaturen. Erlangen/Frankfurt am Main
RFE	*Revista de Filología Española*. Madrid
RFH	*Revista de Filología Hispánica*. Buenos Aires
RFLP/LL	*Revista da Faculdade de Letras «Línguas e Literaturas»*. Porto
RH	*Revue Hispanique*. Paris/New York
RJb	*Romanistisches Jahrbuch*. Hamburg/Berlin/New York
RLA	*Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*. Publ. de la Facultad de Humanida-des y Arte, Universidad de Concepción, Chile. Concepción
RLiR	*Revue de Linguistique Romane*. Paris/Lyon
Romanitas	*Romanitas*. Rio de Janeiro
RPFL	*Revue de Philologie Française* (*et de Littérature*). Paris
RPh	*Romance Philology*. Berkeley/Los Angeles
RRL	*Revue Roumaine de Linguistique*. Bucarest
RUM	*Revista de la Universidad de Madrid*. Madrid
SCL	*Studii şi Cercetări Lingvistice*. Bucureşti
SILTA	*Studi Italiani di Linguistica Teorica e Applicata*. Padova
Sprachwissenschaft	*Sprachwissenschaft*. Heidelberg
StN	*Studia Neophilologica*. A Journal of Germanic and Romanic Philology. Uppsala
Synthese	*Synthese*. Dordrecht/Boston
TCLP	*Travaux du Cercle Linguistique de Prague*. Prague
ThBICC	*Thesaurus* . Boletín del Instituto Caro y Cuervo. Bogotá
TPhS	*Transactions of the Philological Society*. London/Oxford
TraLiLi	*Travaux de Linguistique et de Littérature*, publiés par le Centre de Philologie et de Littératures romanes de l'Université de Strasbourg. Strasbourg
UCPL	*University of California Publications in Linguistics*. Berkeley/Los Angeles
Verba	*Verba*. Anuario Galego de Filoloxía. Santiago de Compostela

VKR	*Volkstum und Kultur der Romanen*. Hamburg
VR	*Vox Romanica*. Annales Helvetici explorandis linguis Romanicis destinati. Zürich/Bern
Word	*Word*. Journal of the International Linguistic Association. New York
ZfSL	*Zeitschrift für französische Sprache und Literatur*. Oppeln/Jena/Leipzig/Wiesbaden
ZPaS	*Zeitschrift für Phonetik und allgemeine Sprachwissenschaft*. Berlin
ZrP	*Zeitschrift für romanische Philologie*. Halle/Tübingen

3. Abreviaturas e outros símbolos

A./AA.	autor(a)/autores(as)
arg. ext.	argumento externo
arg. int.	argumento interno
cap./s.	capítulo/s
cf.	confrontar/conferir
ed./s.	editor/es (*ou* organizador/es)
esp.	espanhola
ex./s.	exemplo/s
flex.	flexionado/a/s
fs.	fascículo/s
ger.	gerúndio
inf.	infinitivo
n.	nota
O	oblíquo
OD	objecto directo
OI	objecto indirecto
p. ex.	por exemplo
p./p.	página/s
P1	1.ª pessoa do singular
P2	2.ª pessoa do singular
P3	3.ª pessoa do singular
P4	1.ª pessoa do plural
P5	2.ª pessoa do plural
P6	3.ª pessoa do plural
part.	particípio
PB	português brasileiro
PdOD	predicativo do objecto directo
PdS	predicativo do sujeito

PE	português europeu
PM	português moçambicano
PN	pessoa(s)-número
port.	portuguesa
pred.	predicativo
S	sujeito
SN	Sintagma Nominal
SP	Sintagma Preposicional
SV	Sintagma Verbal
tb.	também
trad.	tradução
v.	ver
vol./s.	volume/s

[...]	Texto não incluído, porque demasiado extenso e/ou desnecessário.
[...][1]	Fonte de uma determinada ocorrência não incluída na bibliografia final, mas apenas em nota de rodapé.

4. Rol dos *corpora*

Corpus i : <*Estar a* + infinitivo>: 160-171
Corpus ii : <*Estar* + gerúndio>: 187-193

Corpus iii : <*Andar a* + infinitivo>: 208-215
Corpus iv : <*Andar* + gerúndio>: 224-226
Corpus v : <*Viver* + gerúndio>: 232
Corpus vi : <*Viver a* + infinitivo>: 235-236

Corpus vii : <*Ir* + gerúndio>: 243-254
Corpus viii : <*Vir* + gerúndio>: 266-270
Corpus viii : <*Vir a* + infinitivo$_1$>: 280-283

Pôs-se de joelhos, implorou, Por favor, ajudem-me, digam-me por onde devo ir, Vem andando*, ceguinho,* vem andando*, disse de lá um soldado em tom falsamente amigável, o cego levantou-se, deu três passos, mas estacou outra vez, o tempo do verbo pareceu-lhe suspeito,* vem andando *não é* vai andando, vem andando *está a dizer-te que por aqui, por aqui mesmo, nesta direcção, chegarás aonde te estão a chamar, ao encontro da bala que substituirá em ti uma cegueira por outra.*

Saramago, José, *Ensaio sobre a Cegueira*, pp. 106-107

INTRODUÇÃO

1. Do título e do tema-objecto de estudo e respectivo tratamento

O título *Para uma gramática do aspecto no verbo português* é, entre vários possíveis, o que me parece representar melhor tanto a problemática a investigar quanto o respectivo tratamento. As razões – da mais geral para a mais específica – são as seguintes: (i) a categoria aspecto enquanto possibilidade universal da linguagem, com manifestação (embora heterogénea) em todas as línguas até agora descritas; (ii) especialmente na categoria sintáctica verbo; (iii) e de modo recursivo (nuns casos) e não-recursivo (noutros), o que explica as compatibilidades ou incompatibilidades (as denominadas restrições de selecção), constituindo assim a gramática de uma língua particular; (iv) na ocorrência, do português; e, claro, (v) mais precisamente ainda, do português europeu actual.

Com efeito, "do aspecto enquanto categoria da verbalidade expressa gramaticalmente (no caso, perifrasticamente ou por meio de perífrases verbais)[1] e da

[1] As expressões biperifrástica (por meio de biperífrases, ou seja, construções do tipo das de <*estar a* + *acabar de* + infinitivo>) e multiperifrástica (através de multiperífrases, isto é, estruturas do tipo das de <*ir* + *deixar* (inf.) *de* + *começar a* + infinitivo>), também gramaticais, constituem matéria de investigação de trabalho subsequente, a realizar após a conclusão do presente (cf. nota 3).

combinatória morfo-sintáctico-semântico-lexical destas últimas estruturas no português europeu de hoje (sempre com base na representação escrita das suas distintas manifestações da variante culta)" constitui o tema-objecto de estudo da presente pesquisa[2]. Isto quer significar que se vai proceder à identificação do aspecto enquanto categoria verbal (ou própria da verbalidade) distinguindo ao mesmo tempo os respectivos processos expressivos para, deste modo, se poder, por seu turno, proceder à identificação do aspecto na sua qualidade de categoria gramatical para, ainda, estabelecidas as coordenadas teórico-metodológicas e coligidas e identificadas as formas verbais em análise (todas perifrásticas), se fazer o reconhecimento da sua estrutura aspectual a funcionar de facto no português de hoje para, por fim, se proceder à descrição da sua sintagmática, ou seja, da combinatória morfo-sintáctico-semântico-lexical de nove perífrases aspectuais[3] (algumas das que mais directamente têm que ver com a 'constituição temporal interna' das

[2] Uma vez que ultimamente têm vindo a lume, sobretudo de autores portugueses (mas não exclusivamente), vários estudos (cf. sobretudo cap. I, mas também bibliografia final), de orientação teórico-metodológica igual (nuns casos), semelhante (noutros) e diferente (noutros ainda), pode pois parecer redundante persistir na temática em epígrafe. Acontece, porém, que posso enunciar (porque existem) pelo menos três ordens de razões que sustentam a presente investigação: 1. defendidas, em 30 de Setembro de 1988, as Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Linguística Portuguesa, com a apresentação e defesa do trabalho de síntese *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrónica* (publicado, em 1994, pela Porto Editora, com o n.º 5 da Colecção *Mundo de Saberes*), o Prof. J. G. Herculano de Carvalho, então meu orientador, sugeriu-me, para Provas de Doutoramento, que continuasse a aprofundar esta matéria; 2. volvidos estes anos, e apesar de entretanto (conforme já assinalei) terem sido publicados diversos trabalhos (uns com maior incidência, outros com menor) sobre esta mesma temática (ou afim), acredito que posso ainda dar uma achega importante para o conhecimento destes aspectos da gramática do português (sobretudo das actualizações mais ou menos cultas da variante europeia desta língua); 3. e, em último lugar, é óbvio que mais uma contribuição sobre uma determinada matéria é sempre uma mais-valia para o avanço e/ou para a história desse ramo do conhecimento.

[3] As restantes construções perifrásticas (mais cinquenta e uma) e todas as biperifrásticas (quarenta e sete) e multiperifrásticas (duas) aspectuais, já convenientemente organizadas, vão ser pois objecto de estudo em trabalhos posteriores (cf. nota 1). Porque, no fundo, se está diante da mesma matéria da tratada aqui, constituirão uma espécie de vols. II e III (uma continuação deste – também uma espécie de vol. I) de *Para uma gramática do aspecto no verbo português*.

situações, o núcleo duro da categoria aspecto) no português europeu da actualidade.

Obviamente que esta maneira de proceder e consequentes resultados apenas se conseguem, independentemente do modelo teórico que se perfilhe ou queira perfilhar[4], graças a aplicação de uma metodologia coerente – o que fiz.

Ao eleger como objecto de estudo uma determinada parcela da realidade – um *continuum* de carácter unitário – coloca-se iniludivelmente a todo e qualquer investigador o problema das delimitações. Assim, no caso presente, porque é meu propósito investigar a natureza e constituição da categoria aspecto e averiguar da sua expressão gramatical verbal (de tipo perifrástico), essencialmente na variante europeia do português da actualidade, estou automática e obrigatoriamente a deixar de lado, entre outros possíveis, os seguintes aspectos: certas categorias morfo-sintáctico-semânticas, que até estão estreitamente relacionadas com aquela, como sejam o tempo e o modo, só para citar dois exemplos[5]; a sua manifestação em outras classes de palavras ou categorias sintácticas, como sejam o nome e o adjectivo, sobretudo; outros processos expressivos, complementares ou autónomos, como seja a realização flexional (ou morfológica), por exemplo; outras variantes nacionais do português actual, como seja a brasileira, também só para referir um exemplo; etc.

---

[4] Sobre esta matéria, veja-se o que se diz mais abaixo (pp. 8-9) e, em especial, o subcapítulo 5. do cap. II. Advirto, desde já, que a minha atitude em termos teóricos (e, em parte, metodológicos) não segue nem uma escola nem um autor em particular. O que se escreve no cap. II, bem como as referências bibliográficas aí convocadas, consubstanciam a orientação teórico-metodológica adoptada nesta investigação.

[5] Basta lembrar que estas três categorias, mas combinadas ao mesmo tempo com as de pessoa e número, são as que geram as 65 (ou 68, se se juntar também o género, e isto ocorre quando o particípio assume o estatuto semi-adjectival – ou mesmo adjectival – como acontece, por exemplo, com o marcador da passiva) formas verbais simples que caracterizam a conjugação de um verbo pertencente ao padrão (flexional) geral (ou regular).

Pode, eventualmente, perguntar-se por que motivo é que não se trata também desses outros aspectos mais ou menos correlatos.[6] A resposta, julgo, resulta mais do que evidente: a temática em análise é, já por si, complexa e abrangente. Tentemos compreender o alcance desta afirmação.

Tratar do aspecto implica não só relacionar-se com o conceito de *Aktionsart* (ou modo de acção), e praticamente vice-versa, mas também, pelo menos numa língua do tipo da do português, abordar igualmente (ainda que ao de leve) o tempo linguístico, e também vice-versa: com efeito, trata-se de duas focalizações do mesmo fenómeno (tempo/temporalidade)[7]. São, por conseguinte, termos/ concei-

[6] Se lhes faço referência, como agora, é porque não se pode dispensar, mas a informação é sempre colateral. Há, no entanto, autores que o fazem: Campo (1998), para o espanhol e português, Campos (1997) e Klöppel (1960), para o português, Confais (1990), para o francês e alemão, Togeby (1953), para o espanhol, tratam, por exemplo, das categorias tempo, aspecto e modo conjuntamente.

[7] Há línguas, porém, que conhecem situações bem mais estremadas (cada língua tem as suas preferências ou funções próprias), concretamente: ou "dominância" do tempo ou, pelo menos, uma subtil arquitectura dos tempos (otetela e nandi), ou "dominância" do aspecto (árabe, berbere, russo), ou "dominância" da voz (malgaxe) ou, ainda, "dominância" de enunciativos (japonês, coreano). Sobre esta matéria em geral, cf. Bentolila (1998: 5-37), e sobre a especificidade de algumas daquelas línguas e ainda de outras ali não referidas, cf. Wetshemongo Kamomba (1998: 197-212), para o otetela, língua bantu falada na bacia central do Congo, que se caracteriza por apresentar uma base verbal precedida de um prefixo marcador de tempo e seguida de um sufixo indicador de aspecto; Ibn El Farouk (1998: 153-164), para o árabe literal moderno; Clairis (1998: 87-95), para o grego moderno, língua cujo 'presente' representa a forma nua do verbo; Builles (1998: 213-251), para o malgaxe, língua falada em Madagáscar, cujo verbo é constituído por uma base seguida de um afixo que denota voz; Choi (1998: 273-285) e Lee (1998: 287-304), para o coreano, língua que se caracteriza essencialmente pelas modalidades enunciativas, com uma forte representação da hierarquia dos interlocutores; Guérin (1998: 253-272), para o inguche (língua caucásica setentrional), que apresenta um sistema verbal que faz lembrar o do russo: os verbos repartem-se por dois subconjuntos: o pontual e o repetitivo/iterativo; Nguyen (1998: 307-326), para o wallisiano, língua polinésia *sui generis* falada na Ilha de Wallis: mesmo sendo impróprio falar-se de sistema verbal, apresenta tempos-modos e aspectos; Martin (1998: 39-54), para o montanhês (língua falada no Québec, Canadá), que apresenta um sintagma verbal nu, ou seja, nem tempo, nem aspecto, nem modo; Chamoreau (1998: 55-69), para o tarasca (México), língua em que as modalidades enunciativas aparecem fortemente marcadas, imediatamente seguidas dos aspectos e tempos; Gruère & Sardessai (1998: 97-110), para a língua concani (falada no Estado de Goa), que opõe o imperfectivo ao perfectivo e também unidades de valor temporal e modal; Jain-Duhaut (1998: 111-

tos que se implicam mutuamente. Ora, este estado de coisas não facilita a sua abordagem – e assim começamos a (a)perceber(-nos d)a complexidade da questão, que pode ser ilustrada ainda por: *Aktionsart* e predicados verbais ou das relações entre os vários tipos de situações (estados, processos, processos culminados, culminações e pontos) e respectiva representação linguística (predicados verbais estativos, de processo, de processo culminado, de culminação e pontuais); aspecto imperfectivo e perfectivo ou da focalização parcial (apenas de uma parte interna, sem contemplar nem o princípio nem o fim) e global (do princípio até ao fim) de uma situação qualquer; pontualidade e duratividade ou dos predicados que se concebem, respectivamente, sem e com desenvolvimento interno; telicidade e atelicidade ou da propriedade de os predicados incluírem ou não no seu significado a conclusão natural do evento, isto é, serem delimitados ou não-delimitados, respectivamente; perfeito ou da focalização do(s) intervalo(s) de tempo imediatamente depois do fim de uma situação.[8] Trata-se de uma temática com ramificações várias (daí a abrangência), e que de modo algum se esgotam com a presente enumeração.

Os significados prototípicos e derivados de natureza aspectual que participam na estruturação do actual sistema verbal do português europeu (para parte dos quais já se apontou nos parágrafos precedentes, e que ficaremos a conhecer

-142), para o hindi (a maior língua da Índia), que distingue classes de aspectos e também classes de tempos-modos; Staudacher-Valliamée (1998: 143-152), para o crioulo reunionês (língua falada na Ilha de Reunião), que se caracteriza por apresentar modalidades aspectuais (as predominantes) e para-aspectuais e também tempos-modos; Bentolila & Shimelis (1998: 165-175), para o amárico (língua oficial da Etiópia): aspectos e tempos; e Bonvini (1998: 177-196), para o kàsim (língua do Volta, falada no Burquina Fasso e norte do Gana), onde o verbo é monofuncional (predicativo) e as bases verbais se distribuem pelos tipos processual (processo associado à ideia de princípio, desenvolvimento e fim: portanto, pluriaspectivo) e estativo (sem desenvolvimento e sem progresso: por consequência, monoaspectivo). Cohen (1989) fornece, igualmente, informações relevantes sobre a matéria em epígrafe, tanto em termos gerais como sobre o que se passa numa série de línguas da família semítica (acádio, ugarítico, árabe, aramaico e línguas da Etiópia) e, ainda, do peul, do inglês, do latim e do russo.

[8] Cf. García Fernández (1998), Morimoto (1998) e Oliveira (2003), alguns dos autores que tratam destas matérias e que volto a citar, juntamente com outros, sobretudo no cap. II.

melhor, ou seja, de modo mais organizado, nos capítulos III a V) manifestam-se quer lexical quer gramaticalmente, no entanto a realização gramatical é incomparavelmente muito mais organizada e sistemática, isto é, bastante mais produtiva.

São instrumentos gramaticais dos significados em epígrafe as formas verbais perifrásticas (e também as biperifrásticas e multiperifrásticas) ou da sua expressão morfo-sintáctica. Este processo expressivo resulta da instrumentalização ou gramaticalização de certas expressões sintagmáticas[9] que já se especializaram e/ou vão especializando, digamos assim, na manifestação mais ou menos sistemática dos significados compreendidos pela categoria verbal aspecto.

Saber em que consistem os fenómenos/processos linguísticos auxiliarização e gramaticalização e como se manifestam é, pois, condição indispensável para nos podermos inteirar da interpretação-descrição que se faz da matéria em análise.

Relacionar os instrumentos expressivos acabados de referir com os vários tipos de predicados verbais determinados pela *Aktionsart* (estativos, de processo, de processo culminado, de culminação e pontuais) constitui, evidentemente, uma questão fulcral desta investigação, e por uma razão muito simples: já que se trata exclusivamente de formas verbais integradas em enunciados com sentido, este procedimento permite-nos ficar a conhecer o funcionamento de vários aspectos da gramática do português no que à categoria em questão diz respeito.

Assim, e em relação a todas as formas verbais aqui consideradas, para além de se poder registar a frequência de ocorrência e alguns valores estatísticos relativos (sempre que necessário for), pode sobretudo averiguar-se do carácter completo/praticamente completo/meio completo/pouco completo/ínfimo dos diversos paradigmas, isto é, as formas perifrásticas simples e compostas resultantes da actualização sintagmático-discursiva manifestada automaticamente nos sufixos flexionais de tempo-aspecto-modo e pessoa-número que os constituem (ou das suas *propriedades morfo-sintácticas*); dos tipos proposicionais (declarativo, interrogativo,

[9] Na ocorrência, verbo(s) auxiliar(es), flexionado(s) ou não flexionado(s), seguido(s) ou não de preposição(ões) e verbo(s) auxiliado(s), obrigatoriamente numa das três formas não-finitas do verbo: particípio (as menos frequentes), gerúndio (com uma frequência razoável) ou infinitivo (as mais frequentes).

exclamativo, imperativo ou optativo) e respectivas formas (afirmativa ou negativa, activa ou passiva, neutra ou enfática) em que ocorrem de facto, dos seus argumentos (número e natureza) e correspondentes configurações sintácticas ("impessoal"; inergativa[10], inacusativa ou ergativa[11] e copulativa; transitiva; ditransitiva e transitiva predicativa), dos tipos de sujeito (sujeito nulo, sujeito animado, sujeito de coisa) e da quantificação de sujeitos e objectos directos e consequentes implicações significativas (ou das suas *propriedades sintáctico-semânticas*); e, por fim, da relação entre significado prototípico e significados derivados (ou especiais), decorrentes estes últimos particularmente da sua combinação com algum ou alguns dos vários tipos de predicados verbais (estativos, de processo, de processo culminado, de culminação, pontuais) (ou das suas *propriedades semântico-lexicais*). De tudo isto se dá conta nos subcapítulos intitulados «Propriedades morfo-sintácticas», «Propriedades sintáctico-semânticas» e «Propriedades semântico-lexicais» relativos a todas as formas verbais (perifrásticas) progressivas, progressivocomitativas e progressivogradativas, e logo após a apresentação de cada *corpus* descritivo-exemplificativo.

Se, porventura, ainda não se reparou na extensão significativa do termo gramática, que justamente por isso encabeça também o título, os parágrafos imediatamente precedentes põem-no em evidência, ilustrando-o até de maneira inequívoca: gramática no sentido de se tratar de *instrumentos gramaticais* resultantes do processo linguístico *gramaticalização* e gramática no sentido de se averiguar das suas *propriedades morfo-sintáctico-semântico-lexicais*.[12]

Como é sabido, qualquer descrição pressupõe, se não de modo explícito, pelo menos implicitamente, um modelo simultaneamente teórico e metodológico que a sustente e legitime. Não se passa de outro modo aqui, como é óbvio. Não obstante,

---

[10] Ou vero-intransitiva, isto é, configuração sintáctica própria dos verbos intransitivos verdadeiros.

[11] Ou, ainda, pseudo-intransitiva, isto é, configuração sintáctica própria dos verbos intransitivos falsos.

[12] Não se julgue, contudo, que se esgotam assim, aqui, os sentidos do termo gramática. Com estes coexistem outros, e igualmente válidos (cf., *infra*, o subcapítulo 3., pp. 15-16).

conforme já tive ocasião de o esclarecer[13], não vou seguir nem uma escola nem um autor em particular. Por consequência, e fazendo jus ao primeiro período deste parágrafo, são estas as coordenadas de orientação descritiva básicas:

1 *Considerar as formas verbais simples, compostas, perifrásticas, biperifrásticas e multiperifrásticas como um todo unitário.*[14]

Este procedimento permite averiguar da rede de relações consubstanciada e partilhada por todas, designadamente: morfológicas, sintácticas, semânticas, ou de todos os tipos ao mesmo tempo.

2 *Considerar o aspecto como uma categoria que "tematiza", primacialmente, os intervalos de tempo e os limites ou fronteiras de uma situação, o mesmo é dizer, a sua constituição temporal interna, mas também os respectivos resultado ou não-resultado, orientação e quantificação.*[15]

Este segundo procedimento permite, por sua vez, visualizar o espectro de significados prototípicos (ou tendencialmente desta natureza) expressos pelas formas verbais em análise.

3 *Considerar a combinação das estruturas perifrásticas, bi e multiperifrásticas, identificadas já pelos significados prototípicos, com os diferentes tipos de predicados verbais (os representantes linguísticos das situações).*[16]

Por fim, o terceiro procedimento permite confirmar ou infirmar não só os significados prototípicos, como também os derivados e, até, os completamente

---

[13] Cf. nota 4 (p. 3).

[14] A despeito de assim ser, na presente investigação apenas se têm em atenção, como foi já assinalado, algumas das formas verbais perifrásticas que têm a ver com a 'constituição temporal interna' das situações. Quanto a outras formas perifrásticas e às bi e multiperifrásticas, também se referiu já, constituem matéria de investigação em trabalhos subsequentes. As formas verbais simples e compostas só podem ser cabalmente analisadas/interpretadas e, consequentemente, descritas, depois de se convocar também e fundamentalmente a categoria tempo, de que agora não me ocupo, mas de que muito provavelmente me vou ocupar em trabalhos futuros.

[15] Recordar, no entanto, o que se escreve sobretudo no início da nota anterior.

[16] Recordar, de novo, a informação inicial da nota 14.

novos, para além de toda uma série de outras informações, para cujas natureza e relevância se apontou já em parágrafos anteriores.

Estes são, pois e sinopticamente, os pilares em que assenta, se assim se pode dizer, o modelo teórico-metodológico que sustenta a presente investigação ou, se se preferir, as linhas de força com que se opera.[17]

Os parágrafos precedentes deixam-no já transparecer, mas na prática é só na Parte II (caps. III a V)[18] que se torna evidente que, sem se secundarizar a perspectiva onomasiológica, é a semasiológica que se impõe. Esta maneira de proceder é perfeitamente inteligível, já que me propus como objectivo crucial nesta investigação perscrutar, no sentido de o procurar conhecer, o núcleo da estrutura aspectual que caracteriza o sistema verbal a funcionar de facto na variante europeia do português hodierno, ou seja, identificar alguns dos significados prototípicos e derivados daquela natureza realizados pela categoria sintáctica verbo ou, melhor, pelo predicado verbal. Isto, obviamente, sempre com base nas formas (verbais) perifrásticas – os instrumentos, como vimos em parágrafos anteriores, mais ou menos gramaticalizados ao serviço das funções mais específicas de cariz aspectual. Por isso, (re)conhecer as formas que habitualmente manifestam aqueles significados é, evidentemente, fundamental também – aliás, como acabou de se assinalar, é delas que se parte sempre. Daí falar de gramática do *aspecto* no verbo do português da actualidade, que o mesmo é dizer: os instrumentos gramaticais a que o português europeu de hoje, através das suas variantes cultas predominantemente, recorre – e assim fica, uma vez mais, explícita e explicada uma das acepções do termo gramática, que integra centralmente o título.

Para concluir esta breve apresentação da metodologia seguida, resta apenas referir a natureza das fontes de onde se retiraram os materiais para análise e interpretação e consequente descrição. Em rigor, deveria ter-me servido de fontes orais,

---

[17] Em sede própria (que é o subcapítulo 5. do cap. II), faz-se a sua apresentação devidamente enquadrada. Em todo o caso, já aflorei parte deste modelo em outros locais: Barroso (1999: 332-333) e (2000: 89-91).

[18] Na Parte I (cf. cap. II, secção 8.1., pp. 151-152) toca-se neste assunto apenas de modo ligeiro.

as que correspondem ao português falado normalmente. Se não de modo exclusivo, ao menos numa percentagem elevada. Optei, em todo o caso, por fontes escritas[19] exclusivamente. E a razão deste procedimento, julgo, não deixa dúvidas a ninguém: a praticabilidade da última opção e a (quase) impraticabilidade da primeira. Uma questão pragmática, portanto. Todavia, o português escrito (literário e não-literário), não obstante pautar-se por regras próprias, representa bem – ou, até, muitíssimo bem – o português falado (basta consultar os nove *corpora* descritivo-exemplificativos dos capítulos III a V: o fundamento da presente investigação). Uma nota mais: as fontes literárias são as que predominam. No entanto, como é natural, não deixam de ser falantes do português que o plasmam na escrita criativa.

2. Da arquitectura da presente investigação

O núcleo da presente investigação consta de duas partes. A Parte I desenvolve-se em dois capítulos e a Parte II, em três. Delimitam-no, à esquerda, a Introdução e, à direita, a Conclusão, o Índice Remissivo e a Bibliografia.[20]

A Introdução, como se está a ver, tem uma função fundamentalmente de apresentação-descrição programática; e a Conclusão, como se vai ver, destaca, fazendo a sua enumeração, os resultados a que se chegou. Falemos, agora, das duas partes em torno das quais se organiza a investigação e, também, do Índice Remissivo.

Reconhecer ou ficar a conhecer uma parte da gramática do aspecto no verbo português através da sua variante europeia da actualidade é, sabe-se já desde o início, o propósito último desta investigação. Para tal convergem imediatamente dois outros e mediatamente três. No que à convergência imediata diz respeito, trata-se de perceber o aspecto enquanto categoria da verbalidade fazendo, ao mesmo tempo, o reconhecimento de parte da estrutura aspectual do subsistema perifrásti-

---

[19] Sobre a diversidade tipológica destas, veja-se o segundo parágrafo do subcapítulo 4. (pp. 16-17).

[20] Formam as suas margens a Dedicatória, os Agradecimentos, o Resumo, as Notas Preliminares, as Convenções e a Epígrafe. O Índice, não partilhando nem da natureza do núcleo nem das dos remanescentes, constitui, na sua qualidade de sumário essencialmente do primeiro, um verdadeiro programa de acção investigativa.

co do sistema verbal (Parte I) e averiguar a combinatória de algumas perífrases aspectuais no português europeu actual (Parte II). Quanto à convergência mediata, está em causa: primeiro, (re)conhecer o contributo de autores vários para o avanço desta área do conhecimento (cap. I); segundo, fazer a apropriação dos conceitos de aspecto e aspectualidade e de outros termos correlacionados (aspecto verbal, aspecto lexical, aspecto gramatical, aspecto composicional; auxiliarização e gramaticalização), traçar as coordenadas do modelo descritivo e averiguar a constituição e finalidades dos *corpora* e, por fim, fazer o reconhecimento das formas verbais perifrásticas (e também de outras) e respectivas denominação, estruturação e integração no sistema verbal (cap. II), ou seja, as matérias da Parte I *ou* do suporte teórico-metodológico pressuposto pela Parte II; e, terceiro, identificar e caracterizar em termos de significado algumas das diferentes formas verbais perifrásticas relacionadas com a 'constituição temporal interna' das situações e, sobretudo, fazer a descrição da sua combinatória morfo-sintáctico-semântico-lexical (caps. III a V), isto é, as matérias da Parte II *ou* da parte descritiva por excelência.

Os capítulos III a V desenvolvem-se basicamente do seguinte modo: para cada grupo de formas verbais perifrásticas[21] compreendidas todas pela propriedade conglomeradora inventariada no subcapítulo anterior, procede-se, em primeiro lugar, e após uma introdução-apresentação comum, à sua identificação (como se obtêm) e caracterização (propriedade típica individualizadora); depois, faz-se a sua apresentação sintagmático-discursiva (ou seja, as formas devidamente integradas em enunciados completos quanto ao sentido), imediatamente seguida (logo depois de cada *corpus*) das respectivas propriedades morfo-sintáctico-semântico-lexicais; e, por último, aquilata-se da variação e/ou especialização manifestada/s nestas formas verbais, isto é: se se trata de variantes e de que tipo e por que razões ou se se está na presença de especializações significativas e quais e porquê.

[21] Porque já foram enumerados (v. subcapítulo 1., p. 7), não se voltam a explicitar aqui os grupos em causa.

Já o disse antes, mas nunca é demais insistir: porque são o núcleo e fundamento da presente investigação (particularmente da Parte II, que o mesmo é dizer, dos caps. III a V – os capítulos de natureza descritiva por excelência, como se frisou já), os *corpora* descritivo-exemplificativos têm que fazer obrigatoriamente parte (do corpo) do texto, isto é, integrá-lo, e de modo algum constituírem-se como seus apêndices[22].

Para que a(s) leitura(s) destes *corpora* se possa(m) fazer de modo inequívoco, eis a sua organização: as ocorrências das diferentes estruturas verbais (devidamente contextualizadas), que os constituem, estão duplamente numeradas:

a O primeiro número (**a negrito**), exclusivamente de **1.** a **24.**[23], significa o "tempo verbal" do subsistema estudado: formas verbais perifrásticas.[24]

b O segundo número, do lado direito do primeiro (em tipo normal), não limitado, indica o número de ocorrências[25] que consegui coligir para cada "tempo verbal", com a finalidade de documentarem o funcionamento efectivo (ou seja: uso discursivo das estruturas verbais em causa) desta subcomponente (afinal, trata-se da expressão gramatical verbal do aspecto) da componente semântica da gramática do português europeu da actualidade.[26]

Concretizemos com dois exemplos, que ilustram outras tantas ocorrências do subsistema de formas referido:

3.6. «Imagino que ***estarás a chegar*** por estes dias, [...]»

---

[22] Este procedimento, como terá ocasião de ver-se ao longo de toda a Parte II, apresenta uma virtualidade de vantagens.

[23] Mas pode perfeitamente haver vazios, e por motivos vários: por exemplo, incompatibilidades das estruturas com os significados em causa; não ter encontrado quaisquer ocorrências que os documentem – embora possíveis teoricamente; etc. Destas matérias vou tratar, naturalmente, nos locais apropriados.

[24] Tudo está devidamente descrito e explicado em 7.1. e 7.2. (formas paradigmáticas) e 7.3. (denominações que proponho) do cap. II.

[25] Em princípio – tentei ter esse cuidado –, não repetidas, ou seja, que não apresentem exactamente a mesma (quantidade de) informação.

[26] Cf., *supra*, subcapítulo 1. (pp. 6-7) e os vários subcapítulos, nos três capítulos, em que se trata das propriedades morfo-sintáctico-semântico-lexicais das formas verbais perifrásticas sob escopo.

Sexta ocorrência (6.) do *futuro perifrástico* (**3.**) na segunda pessoa do singular; proposição de tipo declarativo nas formas afirmativa, activa e neutra; predicado verbal (<chegar>) de configuração sintáctica inacusativa, ou seja, selecciona um argumento interno que ocorre com a função/relação gramatical de sujeito; o excerto não é suficiente para informar sobre a natureza do sujeito mas, pela semântica de <imagino> e <chegar>, deduz-se (facilmente) ser animado e humano; a combinação de <*estar a* + infinitivo> (a estrutura que manifesta prototipicamente o progressivo) com um predicado verbal de culminação (no caso presente, <chegar>), documentando a sua compatibilidade, proporciona a ocorrência do iminencial (aqui, um significado derivado e para o qual também contribui o uso do adverbial <por estes dias>[27]), que tem marcador(es) próprio(s)[28] .[29]

> **23.**1. «Não era temê-lo nem buscá-lo o que acontecia: era a sua presença que afectava de tal maneira a realidade que todos recebiam em cheio a impressão de ***terem estado a dormir*** até ele chegar.»

Primeira ocorrência (1.) do *infinitivo pessoal composto perifrástico* (**23.**) na terceira pessoa do plural; proposição de tipo declarativo nas formas afirmativa, activa e neutra; o predicado verbal <dormir> selecciona apenas um argumento externo que assume, por consequência, a função/relação gramatical de sujeito: portanto, verbo de configuração sintáctica inergativa; sujeito animado e humano; a combinação de <*estar a* + infinitivo> com um predicado verbal de processo (<dormir>) – porém, contextualmente delimitado pelo adverbial temporal <até ele chegar>, logo predicado verbal de processo culminado – não só exibe um dos melhores contextos

---

[27] Embora reconheça – assumindo-o mesmo – o papel dos adverbiais na expressão do aspecto proposicional, neste trabalho só em ocasiões do tipo da desta é que assinalo, e colateralmente, tal estatuto.

[28] Por exemplo, entre outros, <*estar para* + infinitivo>.

[29] Isto não quer significar que se esgotem aqui e assim todas as informações das naturezas referidas, a saber: morfológicas, sintácticas, semânticas e lexicais. Apenas se registam as mais relevantes – é só para se ficar a perceber como se opera. Mesmo assim, também não quer dizer que vá operar sempre exactamente deste modo. Aqui, como se vê, resulta, porque se trata tão-somente de uma exemplificação. Na sua descrição propriamente dita são outras as maneiras de proceder.

de compatibilidade entre a primeira e o segundo como também, e por isso, expressa o progressivo por excelência.[30]

Dada a pertinência de um Índice Remissivo num texto da natureza do deste, resolvi integrá-lo, subdistinguindo três grupos de remissões: no primeiro, listam-se os termos que de modo inequívoco remetem interpretativo-descritivamente para a temática em análise; no segundo, os "tempos verbais" perifrásticos; e, por, fim, no terceiro, os autores efectivamente citados e/ou meramente referidos.

3. Dos objectivos específicos e gerais

No seguimento do que se tem vindo a dizer é, pois, evidente que são objectivos específicos da presente investigação conhecer algumas das formas verbais mais directamente implicadas na manifestação do núcleo duro da categoria aspecto, as denominações decorrentes desta (uma proposta simples e natural, praticamente só de natureza formal, e bem diferenciada das designações consagradas pela gramática tradicional) e respectivos significados aspectuais prototípicos e derivados efectivamente realizados na variante europeia do português actual. Por consequência, e logicamente, ficar a conhecer uma parte da componente semântica da gramática da língua portuguesa da actualidade, mais precisamente: a semântica gramatical do aspecto verbal nesta língua.

A presente abordagem visa ainda deslindar, na medida das minhas possibilidades, a relação entre o sistema aspectual (melhor: do seu núcleo) de expressão perifrástica e as componentes morfológica, sintáctica e semântica, e ainda do léxico, da gramática do português europeu da actualidade. Este procedimento permitir-nos-á averiguar da boa formação das perífrases aspectuais: é que esta (a boa formação) está ligada tanto à semântica do verbo associado ao auxiliar aspectual quanto às suas propriedades sintácticas. E muito do que aqui se diz e de certa maneira como

---

[30] Mesmo encontrando-se numa forma composta (de perfeito), tal facto não entra em contradição com o que se acaba de afirmar. Muito pelo contrário: <*terem estado a* dormir> é uma forma constituinte do paradigma <*estar a* dormir> (cf. cap. II, 7.1.).

se diz, sem nunca se alinhar a cem por cento, tem a sua matriz nos ensinamentos colhidos essencialmente em autores como Bertinetto (1986), Brianti (1992), Campos (2002), Comrie (1976), Duarte (1989), Duarte & Brito (2003), Gómez Torrego (1988 e 1999), Laca (1998, 2001, 2004), Lyons (1980), Miguel (1999), Morimoto (1998), Oliveira (1992a, 1992b, 1996a, 1996b e 2003), Rodriguez Espiñeira (1990), Squartini (1998) e Yllera (1999).

Dado que a frequência de ocorrência das formas verbais perifrásticas é tão esmagadora, não consigo perceber por que motivo é que muitos autores de compêndios de gramática escolares (para os diferentes graus do ensino básico e secundário) continuam a (ou persistem em) etiquetar as formas verbais simplesmente como tempos e a considerar praticamente apenas as formas verbais simples e, às vezes (nem sempre!), as compostas e, só quase em nota de rodapé (quando acontece!), é que *alinham* (e mais nada!) alguns verbos auxiliares da dita conjugação perifrástica.[31] Ora, do exposto facilmente se deduz que o presente trabalho tem como objectivo(s) geral(ais), mais do que denunciar a situação descrita, sobretudo contribuir para uma cultura de mudança, ainda que paulatina, deste *status quo*: no mínimo, abaná-lo.

Por fim, como objectivo simultaneamente geral e específico, pretende-se (deseja-se) que este trabalho venha a constituir (ou constitua mesmo) uma espécie de *mutatis mutandis* "manual" (para já, o vol. I) de *Gramática do aspecto no verbo português da actualidade* (sobretudo da sua variante europeia, como repetidamente se tem dito), para que professores e alunos, em particular, e a comunidade locutora, em geral, tendo necessidade de ensinar/aprender e/ou tirar dúvidas, possam consultá-lo e aí fazer(em) o reconhecimento das formas verbais perifrásticas que estão ao serviço daquela categoria, isto é, que a realizam de modo exclusivo e/ou

[31] Enquanto Orientador Científico de Português de professores estagiários da Universidade do Minho fiz, já várias vezes, a seguinte experiência: quando me desloco às Escolas do ensino básico e secundário para poder assistir a aulas daqueles, peço-lhes que me mostrem os manuais da disciplina referida adoptados (livros de texto e compêndios de gramática) e, ao procurar neles estas matérias, tenho-me deparado sempre com a situação focada!

cumulativamente com outras categorias de que não se trata aqui – daí faltarem também as formas[32]. Numa palavra: uma forte finalidade didáctica, portanto. E eis outra acepção do termo gramática.

4. Da especificidade das referências bibliográficas

São de dois tipos as referências bibliográficas listadas no final do presente trabalho de investigação: as de natureza teórico-metodológica e as utilizadas na constituição dos *corpora* descritivo-exemplificativos. No que às do primeiro tipo diz respeito, quero aqui registar que foram compulsadas em diferentes graus, mais propriamente: umas, de modo mais detido, isto é, de leitura lenta, aturada e reflexiva (são, por isso, mais recursivamente utilizadas, aparecendo citadas directa e/ou indirectamente ao longo da extensão textual, quando é caso disso, ou só em certos locais, quando oportunas); outras, de modo menos detido, porque de informação secundária e/ou tendencialmente desta natureza: se vêm a propósito faz-se-lhes, obviamente, referência; outras, por fim, só em diagonal, por terem um valor praticamente residual, quer dizer, serem de natureza periférica. Por seu turno, as do segundo tipo, de cuja natureza me ocupei no último parágrafo da secção 1., constituem ao mesmo tempo o ponto de partida (os *corpora* enquanto objectos concretos a analisar/descrever) e o ponto de chegada (os *corpora* enquanto exemplos, também concretos, do que se vai/está defendendo) da aplicação do modelo teórico-metodológico aqui tomado em consideração confirmando, pois, a sua exequibilidade.

Porque se trata de um número consideravelmente elevado[33] e, também, porque é relevante explicitar a sua diversidade (propriedade fundamental na descrição de um qualquer aspecto gramatical de também uma qualquer variante de uma língua particular), enunciam-se, a seguir, os diferentes tipos em que se enquadram (ou podem enquadrar) os textos-fonte utilizados na constituição dos *corpora*: imprensa

---

[32] Por exemplo, as estruturas com verbos ditos modais, do tipo <*deve* trabalhar>, <*deve* ter trabalhado>, <*pode* comer>, <*pode* ter comido>, etc., etc.

[33] Cf. elenco em 2.1. e 2.2. da Bibliografia (pp. 366-368) e, ainda, Notas Preliminares (p. xxv).

regional (diários), imprensa nacional (diários e semanários); textos literários (poéticos, narrativos e dramáticos); textos científicos e/ou técnico-científicos; revistas sociais e de divulgação vária; textos de literatura esotérica; textos narrativos brasileiros e moçambicanos (uma percentagem ínfima, mesmo); estudos sociológicos; crónicas avulsas; e ainda: correspondência institucional; traduções (portuguesas) de originais em outras línguas; panfletos e/ou cartazes publicitários distribuídos pela imprensa; documentos oficiais; literatura prefacial.

Apesar do seu carácter generalista, incluo na bibliografia teórico-metodológica gramáticas, dicionários, enciclopédias e obras afins (cf. 1. da Bibliografia). A razão é simples: são tão poucas, que não se justifica (assim me parece) a criação de uma secção especial dentro daquela. Independentemente do seu maior e/ou menor grau de informação, incluo-as porque simplesmente as compulsei.[34]

[34] Mesmo no remate do que se pode chamar capítulo introdutório, gostaria de fazer o seguinte reparo: à medida que se vai avançando na extensão textual (particularmente na Parte II), vai com certeza notar-se que o discurso parece (ou é mesmo) repetido. Não há, contudo, maneira de o contornar: a natureza do objecto de estudo e a análise empreendida condicionam fortemente o tipo discursivo não me restando, por consequência, margem para grande diversidade estilístico-lexical.

PRIMEIRA PARTE

DO ASPECTO ENQUANTO CATEGORIA DA VERBALIDADE

CAPÍTULO I

ESTADO DA INVESTIGAÇÃO EM TORNO DO ASPECTO NO VERBO PORTUGUÊS

1. Introdução

A presente investigação, sem evidentemente deixar de ser um contributo próprio para o conhecimento da temática que agora me volta a ocupar, integra-se de modo natural na produção aspectológica portuguesa, tanto nacional como internacional. Por conseguinte, o propósito desta unidade só pode ser bifocal: por um lado, fazer-se uma síntese "crítica" das contribuições que me parecem (sem quaisquer juízos de valor) mais marcadamente produtivas e/ou representativas do tema em análise (objectivo primário) e, por outro, através dos implícitos e/ou explícitos daí decorrentes, ir paulatinamente situando a que estou a empreender (objectivo secundário).

As contribuições a que me refiro no parágrafo precedente dizem apenas respeito a trabalhos produzidos no intervalo temporal dos últimos vinte a vinte e cinco anos, aproximadamente – o que não quer dizer que as produções anteriores a este período sejam destituídas de relevância. Muito pelo contrário.[1] Trata-se tão-só de um procedimento metodológico.

[1] Esta afirmação pode ser inteiramente conferida em Barroso (1994: 19-54), onde se recenseiam vinte e oito títulos (contributos em capítulos e/ou parágrafos de gramáticas, artigos e/ou comunicações e dissertações). A esmagadora maioria foi, portanto, produzida e publicada antes do período tido agora em

Já que os estudos que agora (e aqui) importa referir foram produzidos em alemão, português brasileiro e português europeu, será essa também a ordem de tratamento, e respeitando sempre a cronologia da sua publicação (trate-se de diferentes autores ou de distintos trabalhos de um mesmo autor), designadamente: contributos alemães (Schemann 1982 e Gärtner 1998)[2], brasileiros (Travaglia 1985, Soares, M.ª 1987, Costa 1997 e Castilho 2000)[3] e portugueses (Duarte 1989; Oli-

consideração. Deste conjunto há dez que, apesar de terem sido publicados nos primeiros anos do período em causa, não serão exactamente por isso apreciados de novo. Contudo, a referência de nove aparecerá na bibliografia final (porque esta, como se disse já na Introdução, não é exclusivamente de tipo selectivo).

[2] Trataram igualmente deste assunto, entre outros – é óbvio –, os autores que passo a mencionar: Böckle (1980: 333-354): do diassistema das perífrases verbais com 'infinitivo gerundial' do português; Campo (1998): tempos, aspectos e modos em espanhol e português: um manual para estudantes alemães de português e espanhol; Cella (1978): análise distribucional e comparativa dos sistemas verbais – formas do indicativo – francês e português, à luz das teorias de G. Guillaume sobre o tempo, aspecto e modo; Dietrich (1996: 223-235): de uma tendência românica comum: perífrases verbais: tipologias funcionais; Klöppel (1960): de *Aktionsart* e modalidade nas perífrases portuguesas; Martins (1982: 154-162 e 345-361): de verbos auxiliares e conjugação perifrástica, respectivamente; Merlan (1999: 159-205): das 'perífrases verbais paratácticas' do tipo *pegar e* + V_2 nas línguas românicas em geral, mas com maior incidência em português e romeno; Sten (1973): do emprego dos tempos verbais [dezoito e algumas perífrases] em português moderno; Suter (1984): do *Pretérito Perfeito Composto* do português: tentativa de delimitação da função fundamental do PPC por oposição ao Perfeito Simples, Imperfeito e Presente do indicativo – nível da língua – e as suas possibilidades de emprego/uso estilístico e semântico – nível da fala; e Weise (2000): análise textual contrastiva de alguns tempos do passado previamente seleccionados – *pretérito perfeito composto*, *pretérito perfeito simples* e *pretérito imperfeito* do indicativo – do português e alemão.

[3] Entre outros autores brasileiros que também se ocuparam destas matérias e afins, podem citar-se: Barros (1974): do tempo e aspecto na flexão do verbo português; (1981): da aplicação dos princípios e métodos estruturais ao sistema verbal do português; Bechara (1999: 209-224): da aplicação do modelo coseriano [Coseriu (1976)] ao sistema verbal português; Corôa (1985): essencialmente, da interpretação semântica do tempo nos verbos do português e, colateralmente, também do aspecto; Ilari (1997): da expressão do tempo em português, sobretudo, mas também, ao tratar da expressão da duração e reiteração, do aspecto; Neves (2000: 25-65): de verbos: subclassificação dos que constituem predicados e tipologia dos que não constituem predicados: modalizadores, aspectuais, de tempo e de voz; e Rodrigues

veira 1992a, 1992b, 1996a, 1996b e 2003; Barroso 1994 e 2000; Campos 1996, 1998 e 2002; Barbosa 1998a e 1998b; Silva, P. 1998; Cunha 1998 e 1999; Oliveira & Cunha & Matos 2001 e Duarte & Brito 2003)[4].

2. Contribuição de autores alemães

Os contributos de autoria alemã que aqui trago à colação, para além de terem sido publicados com dezasseis anos de intervalo, são também de naturezas distintas: o que apareceu primeiro é um estudo específico sobre perífrases verbais do português; o publicado mais recentemente, ao invés, trata-se de um capítulo de

& Galembeck (1996: 281-296): do aspecto enquanto categoria motivada discursivamente, com base na análise das formas do pretérito perfeito e imperfeito do indicativo.

[4] De entre os autores portugueses que também abordaram e/ou trataram esta temática, podem referir-se os seguintes: Almeida, M.ª (2001: 47-59): do imperfeito e do *imparfait* numa perspectiva contrastiva; Ançã (1990): análise do domínio da expressão do tempo e do aspecto em português por alunos do 5.º ano de escolaridade; Leiria (1996: 71-81): da aquisição do aspecto verbal por falantes não nativos, isto é, aprendizagem de L_2; Lopes, A. (1996: 351-371): do tempo, aspecto e coesão discursiva: teoria deíctica do tempo gramatical e estrutura interna do intervalo de tempo; de um tratamento integrado da expressão do tempo e do aspecto; (1997: 657-670): análise semântica e pragmática do pretérito mais-que-perfeito do indicativo em português contemporâneo: o seu comportamento com predicados de *accomplishments* e *achievements* e com predicados basicamente estativos e de actividades; Santos, D. (1992: 389-401): tratamento conjunto de tempo, aspecto e 'genericidade' e da habitualidade como marca fundamental do sistema aspectual e temporal do português; (1997: 299-315): de uma classificação aspectual portuguesa do português; Soares, N. (1995: 557-567): da semelhança/diferença funcional entre *Começar a Vinf* e *Pôr-se a Vinf*; Vilela (1999: 60-179): da categoria gramatical verbo: classificação quanto ao seu significado genérico; aspecto lexical e respectivos meios de expressão; verbos plenos e verbos auxiliares; tempo e temporalidade: tempo absoluto e tempo relativo, tempo como categoria gramatical e como categoria nocional, tempos verbais, relações de anterioridade/ simultaneidade/ posterioridade, tempo e aspecto, referência temporal; grupos verbais e locuções verbais; e Volpato & Pereira (1997: 341-346): considerações histórico-semânticas da construção progressiva em Português, propondo que se afira um *status* de 'tempo verbal' para o 'progressivo'. Esta ideia, como cabalmente se verá, constitui *mutatis mutandis* uma tese que aqui se defende, e desde a fase mais incipiente deste projecto –, portanto, não só de agora! –, não só para o 'progressivo', mas também para outros valores aspectuais: 'progressivocomitativo', 'progressivogradativo', 'inceptivo', etc.

uma gramática. Porém, e para que mais facilmente se possa aquilatar do seu real contributo à problemática em questão, devem ser vistos de modo separado.

2.1 O primeiro é um estudo de Schemann (1982)[5] sobre os critérios de definição das perífrases verbais, essencialmente, com ilustração das perífrases verbais do português, para o que apresenta um extenso *corpus* (pp. 77-154) de que fazem também parte as respectivas equivalências em alemão (é que o estudo tem uma forte finalidade didáctica: ensino do português a falantes de língua alemã e, também, vice-versa). Só que muitas estruturas não são perífrases mas, antes, construções/expressões idiomáticas – também não é de estranhar, porque o próprio A., mesmo no termo deste estudo e antes da apresentação do *corpus*, escreve o seguinte: «[...]. In diesem Sinn ist die Analyse der Verbalperiphrasen für uns ein Teilgebiet der Idiomatikforschung.»[6]

Antes de fazer incidir o foco sobre os critérios de definição das perífrases verbais, passa em revista, em 1. (pp. 1-8), as análises levadas a cabo até então, recordando ao mesmo tempo os critérios fundamentais, isto é: os que fazem de uma perífrase verbal uma unidade sintáctica e semântica, os conceitos de verbo auxiliar e auxiliado (ou principal) e a função modificadora daquele, sobretudo. Agora, já com o foco direccionado para o que de facto é tema, trata, em 2. (pp. 9-17), da "limitação ao contexto semântico e lexical", ilustrando com <começar a> que, na sua qualidade de modificante, pode combinar-se com tudo o que é passível de começar, isto é, não apresenta quaisquer restrições relativamente ao modificado; ao invés, <desatar a> e <deitar a>, por exemplo, só podem aparecer em determinados contextos: o primeiro, com 1. <correr/fugir ...>, 2. <rir/ ...>, 3. <chorar/

---

5 *Die Definitionskriterien der Verbalperiphrasen.* (*Die portugiesischen Verbalperiphrasen: Corpus und Analyse*) (159 pp.): livro.

Esta maneira de proceder (registar, em nota de rodapé, o título do estudo distinguindo ao mesmo tempo o tipo de contributo – tese/dissertação e/ou livro, artigo em revista da especialidade, comunicação a uma reunião científica, capítulo e/ou parágrafo de livro/gramática), parece-me, facilita o acompanhamento da apreciação crítica que se lhe segue.

6 Schemann (1982: 74).

...>, 4. <berrar/descompor alguém/ ...>, 5. <chover/ ...>; o segundo, só com 1. <correr/fugir ...>;[7] em 3. (pp. 18-24), do "relacionamento e perspectiva", ou seja, da 'relação de uma acção com outras acções precedentes ou seguintes' (<começar por> e <acabar por>[8], entre outros, são exemplo disso), por um lado, e 'movimento em direcção ao falante ou para longe dele' (também em sentido figurado), exemplificando com <estar por>, <ficar por>, <ficar a> e <ficar de>[9], por outro lado; ...>; em 4. (pp. 25-30), da "actualização e curso", para o que discorre sobre <estar a fazer qc.>; ...>; em 5. (pp. 31-40), de "metáforas de movimento e orientação", falando de <passar a>, <chegar a>, <tornar/voltar a>, <ir>, <vir> e <vir a>; em 6. (pp. 41-48), discorre sobre a estrutura pragmática das perífrases verbais, ou seja, das pressuposições que acompanham uma perífrase e os actos de fala, para o que faz uma análise com base em <haver de fazer qc.>; em 7. (pp. 49-52), procura separar algumas perífrases verbais cujo significado é quase igual (do tipo <ter que/ ter de/ ter a/ precisar de fazer qc.>, por exemplo). Por fim, em 8. (pp. 53-75), indaga, primeiro, das relações internas entre as perífrases verbais do português (destacando-se como factores a 'actualização', o 'relacionamento' e a 'perspectiva'); apresenta, a seguir (Schemann 1982: 64), o modelo aspectual, que é basicamente o de Coseriu (1976), ou seja: 'duração', 'repetição', 'conclusão', 'resultado' e 'fase' (a única excepção é a categoria da 'visão'); e, depois ainda, de acordo com os diferentes critérios de definição das perífrases verbais, ordena-as do seguinte modo (Schemann 1982: 67-69): 'duração': durativo: <estar a>, (<andar a>), iterativo: <andar a>, (<ir fazendo>), <vir fazendo>, <tenho feito>; 'repetição': semelfactivo: <tornar a>, <voltar a>; 'resultado': efectivo: <qc. está feita>, (<chegar a>, <vir a>), produtivo: <alg. tem 3/ ... romances/ ... escritos>, etc.; 'fase': iminencial/ingressiva: <estar a>, <estar para>, etc., inceptiva: <começar a>, <deitar a>, <desatar a>, etc., etc., continuativa: <continuar a>, etc., regressiva: <estar a acabar>, <estar a terminar>, conclusiva: <acabar de>, <cessar de>, <deixar de>,

[7] Schemann (1982: 9-10).

[8] Schemann (1982: 19-20).

[9] Schemann (1982: 22-23).

etc., egressiva: <alg. acaba de>, etc.; 'relacionamento': <acabar por>, <acabar fazendo>, <começar por>, <começar fazendo>, etc.; 'perspectiva': sobretudo <ir/vir>; 'unidades pragmáticas' (várias); 'modais' (várias); 'unidades de percepção' (várias) e 'outras' (também várias).

Apesar de se estar na presença do mais antigo dos estudos aqui convocados e, ainda, de não se concordar com tudo o que sobre esta matéria nele se defende, é claro que a sua leitura/consulta resulta naturalmente enriquecedora.

2.2 O segundo contributo em língua alemã é o de Gärtner (1998)[10]. Trata-se, como já se disse, de um capítulo (de uma gramática) que se ocupa essencialmente dos "tempos" (principais valores do 'presente', 'futuro', 'pretérito perfeito composto', 'pretérito perfeito simples', 'pretérito imperfeito', 'pretérito mais-que-perfeito', 'futuro do pretérito' ou 'condicional'), dos "modos" ('indicativo', 'condicional', 'imperativo' e 'conjuntivo')[11] e das "perífrases verbais", que considera serem "formas verbais compostas" (Gärtner 1998: 32), ou seja, formas constituídas por um verbo enfraquecido no seu significado originário, que funciona como verbo auxiliar, e o infinitivo ou gerúndio do verbo principal, distinguindo três tipos: as que servem para a designação de 'relações temporais' (ou perífrases verbais que designam tempo), de diferentes 'modalidades da acção verbal' (ou perífrases verbais modais) e de diferentes 'modos de ver o decorrer da acção verbal' (ou perífrases verbais que designam aspecto).

Nas do primeiro tipo, inclui <ir + infinitivo>, <haver de + infinitivo>, <vir + gerúndio>, <ter vindo a + infinitivo>, <acabar de + infinitivo> e <vir de + infinitivo>; nas do segundo, <dever + infinitivo>, <haver de + infinitivo>, <ter de/ ter que + infinitivo>, <precisar de + infinitivo>, <poder de + infinitivo> e <saber + infinitivo>; e nas do terceiro, toda uma série de construções perifrásticas que, devido ao seu elevado número e sobretudo à variedade significativa expressa, requerem uma consideração à parte.

---

[10] *Grammatik der portugiesischen Sprache* (34 pp.): capítulo de gramática.

[11] Gärtner (1998: 21-32), mais precisamente: parágrafos A.24 a A.100.

Assim, <estar a + infinitivo> e <estar + gerúndio> expressam actualidade, ou seja, "uma acção que está em curso relativamente a um determinado momento"; <ir + gerúndio>, progressividade, isto é, "começo e desenvolvimento gradual de uma acção"; <andar a + infinitivo> e <andar + gerúndio>, 'iteratividade descontínua'; <viver a + infinitivo> e <viver + gerúndio>, 'iteratividade contínua' e <costumar + infinitivo>, 'iteratividade habitual'; <tornar a/voltar a + infinitivo>, 'repetição simples da acção'; <chegar a/vir a + infinitivo>, 'resultatividade' com esforço do sujeito e sem participação activa do sujeito, respectivamente. A seguir, as perífrases verbais que servem para designar as diferentes fases de uma acção: <estar (mesmo) para + infinitivo>, <ir a/para + infinitivo>, <estar a ponto de + infinitivo>, <estar por/ficar por + infinitivo> e <ter a/c. por + infinitivo>, 'iminência da acção'; <começar a/principiar a + infinitivo>, 'início da acção'; <apressar-se a/correr a + infinitivo>, 'início apressado'; <deitar a/desatar a/disparar a/largar a/romper a/pegar a + infinitivo>, 'início repentino'; <ficar a + infinitivo> e <pôr-se a + infinitivo>, 'início e duração/continuidade' sem ser directamente desejada pelo sujeito e com o querer activo do sujeito, respectivamente; <meter-se a + infinitivo>, <dar em/para + infinitivo> e <sair a + infinitivo>, 'início e hábito'; <agarrar-se a + infinitivo>, <pegar a + infinitivo> e <agarra/pega e faz>, 'início e intensidade'; <andar a + infinitivo> e <andar + gerúndio>, entre outras, 'continuação de uma acção'; <deixar de/parar de/cessar de + infinitivo> e <desistir de + infinitivo>, 'interrupção/suspensão da acção'; <acabar de/terminar de + infinitivo>, 'fim/termo da acção'.

Em último lugar, sem assinalar nitidamente a passagem das de fase para as desta última categoria, trata, no parágrafo 6.6., das perífrases de 'colocação da acção', distinguindo as que designam 'ordem' (<começar por + infinitivo>, <começar + gerúndio>, <continuar + gerúndio>, <acabar por/terminar por + infinitivo>, <acabar/terminar + gerúndio>) das que designam passagem de uma acção para outra (<passar a + infinitivo>, <ficar a + infinitivo> e <ficar + gerúndio>).

Não obstante discordar de algumas afirmações e/ou interpretações feitas e/ou sugeridas pelo A. (entre outras, 1. não acho que as perífrases sejam formas verbais

compostas *tout court*; 2. <ter vindo a + infinitivo> é uma forma de <*vir* + gerúndio> ou de <*vir a* + infinitivo1>, e não uma perífrase autónoma; 3. construções como <vir de + infinitivo>, <saber + infinitivo>, <tardar/demorar + infinitivo>, <estar a ponto de + infinitivo>, <dar em/para + infinitivo>, etc. não são perífrases), a compulsação destas páginas da gramática em causa fornece indicações valiosas sobre a matéria em epígrafe.

3. Contribuição de autores brasileiros

3.1 O primeiro contributo a recensear, de entre os quatro de autoria brasileira supramencionados, é o de Travaglia (1985)[12], que é ao mesmo tempo o de maior fôlego, tanto no número de páginas quanto – mais importante – no desenvolvimento dado à categoria sob escopo. Vejamo-lo, pois: para além da Introdução (onde enuncia os objectivos da sua pesquisa – que situa essencialmente na componente semântica –, bem como os princípios metodológicos a seguir) e da Conclusão (onde alinha os principais resultados a que chegou), Travaglia desenvolve a sua investigação em dez pontos, equivalentes *grosso modo* a outros tantos capítulos, a saber: 1. colocações e estudos existentes sobre o aspecto no português (pp. 27-48), 2. o conceito de aspecto e as noções aspectuais (pp. 49-70), 3. tipos de situações (pp. 71-84), 4. o quadro aspectual do português (pp. 85-116), 5. relações entre os aspectos (pp. 117-138), 6. o aspecto nos nomes (pp. 139-141), 7. expressão do aspecto pelas flexões verbais (pp. 147-201), 8. expressão do aspecto pelas perífrases verbais (pp. 203-280), 9. outros recursos de expressão do aspecto (pp. 281-304) e 10. a relação do aspecto com a voz, o tempo e o modo verbal (pp. 305-320).

No primeiro, faz uma espécie de ponto de situação dos estudos de aspecto na língua portuguesa: num primeiro momento, as referências indirectas e, num

[12] *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão* (352 pp.): versão revista da tese de doutorado do autor.

segundo, as directas destacando, naturalmente, o trabalho de Castilho (1967), que também já recenseei noutro lugar (Barroso 1994: 36-40).

No segundo, trata, em primeiro lugar, do conceito de aspecto, para o que avança as propriedades mais comummente apresentadas (1. «a maneira de ser da ação», 2. indicação da duração do processo, de sua estrutura temporal interna, 3. indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo, o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si, 4. o aspecto envolve tempo e 5. o aspecto como marcador de oposições entre certas noções ou de noções simples: término/não-término, início, resultado, etc.), considerando que as n.º 2, 3 e 4 oferecem os elementos de partida para um bom conceito da categoria que, depois de distinguir do tempo verbal, ele próprio a define como «uma categoria verbal de TEMPO[13], não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação.» (Travaglia 1985: 53); e, em segundo lugar, apresenta algumas noções aspectuais nucleares (e cruciais para a sua descrição da categoria em português), como sejam as de 'duração' (contínua e descontínua, limitada e ilimitada), 'pontualidade' e a de 'fase', que compreende os pontos de vista da 'realização' (situação por começar, começada ou não-acabada e acabada), do 'desenvolvimento' (início ou inceptividade, meio ou cursividade e fim ou terminatividade) e do 'completamento' (situação completa e incompleta) e, ainda, outras noções não-aspectuais mas habitualmente ligadas ao aspecto (habitualidade, incoação, progressividade, permansividade, resultatividade, cessamento e experienciamento).

No terceiro, chamando antes de mais nada a atenção para as implicações significativas resultantes da interacção dos tipos de situação com as flexões temporais e as perífrases verbais, procede, depois, à distinção dos principais tipos de situações opondo, em primeiro lugar, verbos télicos (que indicam situações necessariamen-

[13] É assim que o A. representa o tempo cronológico, distinguindo-o desta maneira do tempo verbal, por um lado, e dos tempos flexionais, por outro.

te tendentes a um fim) a atélicos (situações que, pelo contrário, não tendem para um fim necessário) e, em segundo lugar, situações dinâmicas (as que se caracterizam por as fases de uma situação serem necessariamente diferentes) a estáticas (ao invés, aquelas cujas fases são idênticas, homogéneas, durante o período da sua existência), subdistinguindo, dentro das situações dinâmicas, os processos (situações dinâmicas durativas) dos eventos (situações dinâmicas pontuais) que, quando controlados por um agente, se designam, respectivamente, de actividades e actos; distingue, por fim, três tipos de situações pontuais (as inceptivas, as terminativas e as que não têm a ver nem com o início nem com o termo de uma situação), estados temporários (com duração limitada) de permanentes (com duração ilimitada) e situação 'narrada' de 'referencial'.

No quarto (o mais importante da primeira parte), faz a apresentação-caracterização do quadro aspectual do português constituído, na sua opinião, por treze aspectos simples (isto é, caracterizados por uma única noção), que é o seguinte: 1. perfectivo (caracteriza-se por apresentar uma situação como 'completa', isto é, na sua totalidade), 2. imperfectivo (ao invés, caracteriza-se por apresentar a situação como 'incompleta', ou seja, numa das suas fases de desenvolvimento), 3. durativo (ou de uma situação com 'duração contínua limitada'), 4. indeterminado (ou de uma situação, pelo contrário, com 'duração contínua ilimitada'), 5. iterativo (ou de uma situação com 'duração descontínua limitada'), 6. habitual (ou de uma situação, inversamente, com 'duração descontínua ilimitada'), 7. pontual (ou de uma situação 'sem duração'), 8. não-começado (caracteriza-se por apresentar a situação na fase anterior ao início da sua realização), 9. não-acabado ou começado (ou da situação já em realização, ou seja, após o seu momento inicial e antes do seu momento terminal), 10. acabado (caracteriza-se por apresentar a situação após o seu momento final, por conseguinte, concluída, terminada), 11. inceptivo (ou da apresentação da situação no seu ponto inicial ou nos seus primeiros momentos), 12. cursivo (ou da apresentação da situação em pleno desenvolvimento, ou seja, concebida como tendo já passado os momentos

iniciais e antes de ter atingido os finais) e 13. terminativo (ou da apresentação da situação nos seus momentos finais ou mesmo no seu termo).

Nos quinto e sexto (de importância secundária, sobretudo este último) trata, respectivamente, das relações entre os aspectos, separando os que pertencem ao mesmo grupo de distinções – que são mutuamente exclusivos – daqueles que podem ou não aparecer combinados com certos outros (são casos disso, por exemplo, o imperfectivo, que pode perfeitamente aparecer ao lado do inceptivo, cursivo e terminativo, por serem todos portadores do traço 'incompleto', na primeira situação, e o perfectivo, que já o não pode por, inversamente, ser de carácter 'completo', na segunda situação), e do aspecto nos nomes, ou seja, o facto de muitos substantivos e adjectivos apresentarem situações como durativas ou pontuais, dinâmicas ou estáticas (sendo todos, curiosamente, derivados de verbos).

No sétimo (o segundo em importância na segunda parte), descreve os tipos de aspecto expressos pelas flexões verbais, o mesmo é dizer, do aspecto expresso morfologicamente. Assim, segundo o A., o 'presente do indicativo' expressa os aspectos indeterminado, habitual, não-acabado, cursivo e imperfectivo; o 'pretérito perfeito do indicativo', o aspecto perfectivo, mas também o acabado e o passado habitual com limite; o 'pretérito imperfeito do indicativo', o aspecto imperfectivo, mas também o cursivo, o não-acabado e o passado habitual sem limite; o 'pretérito mais-que-perfeito' (tanto simples quanto composto), o aspecto acabado, mas também o perfectivo; o 'futuro do presente', o 'futuro do pretérito', o 'imperativo' e os tempos flexionais do 'subjuntivo', por essencialmente marcarem valores modais, carecem de aspecto; o 'infinitivo' (ambas as formas) é aspectualmente neutro; o 'gerúndio', em si, não marca qualquer noção aspectual, mas é normalmente apontado como marcador dos aspectos não-acabado, cursivo e durativo; e, por fim, o 'particípio' marca o aspecto acabado, apresentando a situação como concluída.

No oitavo (o de maior relevo), que trata do aspecto expresso por perífrases verbais, começa por esclarecer o conceito de 'perífrase verbal', destacando o seu estatuto funcional múltiplo (marcação de aspecto, voz, tempo, modalidade e «determi-

nadas noções semânticas»[14]), e definir o *modus operandi* (combinação de perífrases verbais com verbos principais télicos, atélicos, estáticos (de estado ou não), de situações dinâmicas (processos e eventos) e transformativos – é que «muitas vezes, o tipo de verbo principal altera o aspecto expresso pela perífrase»[15]), passando, logo, à descrição detalhada por agrupamentos de perífrases, assim: "as perífrases de ter e haver": <ter + particípio> expressa os aspectos perfectivo e acabado, mas também, nas diversas combinatórias, imperfectivo, não-acabado, iterativo, durativo, cursivo, e o mesmo se passa com <haver + particípio>; <ter + particípio (variável)>, imperfectivo, cursivo, não-acabado e durativo (para a situação referencial) e acabado (para a situação narrada); "as perífrases de estar": <estar por + infinitivo> e <estar para + infinitivo> marcam o aspecto não-começado (para a situação narrada) e a última também a noção temporal de 'futuro'; <estar + gerúndio> e <estar a + infinitivo>, aspectos imperfectivo, cursivo, não-acabado e durativo; <estar + particípio>, acabado; "as perífrases de ir": <ir + infinitivo> marca tempo futuro; <ir + gerúndio>, durativo, com a ideia de desenvolvimento gradual; "as perífrases de vir": <vir + infinitivo> expressa tempo futuro; <vir a + infinitivo>, futuro, 'ponto terminal' = resultado; <vir + gerúndio>, aspectos imperfectivo, cursivo, não-acabado e durativo; "as perífrases iterativas e habituais": <andar + gerúndio> e <andar a + infinitivo> marcam o aspecto iterativo; <viver + gerúndio>, imperfectivo, não-acabado e habitual; <viver + particípio>, habitual; <costumar + infinitivo> e <usar + infinitivo>, habitual; <tornar a + infinitivo> e <voltar a + infinitivo> expressam segunda realização de uma situação; "as perífrases de ficar" (<ficar + gerúndio>, <ficar + particípio>, <ficar por + infinitivo> e <ficar a + infinitivo>) marcam, em geral, iteração; quanto às "perífrases de permanecer", pouco mais diz de que são pouco usadas; "as perífrases de continuar, prosseguir e seguir" (<continuar + gerúndio>, <continuar a + infinitivo>, <continuar por + infinitivo> e <seguir + gerúndio>) marcam o aspecto começado ou não-acabado e durativo; "as perífrases

[14] Travaglia (1985: 204).

[15] Travaglia (1985: 205).

de deixar": <deixar de + infinitivo>, em si, não marca aspecto, porém, em combinação com <estar + gerúndio>, expressa o aspecto terminativo, e o mesmo se passa com <cessar de + infinitivo> e <parar de + infinitivo>; "as perífrases de acabar": <acabar + gerúndio> e <acabar por + infinitivo> expressam um resultado final ou uma consequência, e <acabar de + infinitivo>, o acabado e, ainda, a noção temporal de passado recente; "as perífrases de terminar": <terminar + gerúndio> não marca aspecto e <terminar de + infinitivo> expressa o terminativo; "as perífrases de começar e principiar": <começar + gerúndio> e <principiar + gerúndio> não marcam aspecto, mas a primeira situação de uma série; <começar a + infinitivo> e <principiar a + infinitivo>, aspecto inceptivo; <passar a + infinitivo>, o mesmo que as anteriores, para além da implicação de mudança de situação; "outras perífrases inceptivas": <pôr-se a + infinitivo>, <deitar a + infinitivo>, <desatar a + infinitivo>, <pegar a + infinitivo>, <romper a + infinitivo>, <desandar a + infinitivo> e <entrar a + infinitivo> que, para além do significado em epígrafe, expressam ainda um valor intensivo. Remata este capítulo chamando a atenção para os seguintes factos: ser o pontual o único aspecto não marcado por perífrase; tender a língua portuguesa para apresentar as situações mais como durativas do que como pontuais e terem todas as perífrases nos pretéritos perfeito e mais-que-perfeito aspecto perfectivo.

Por fim, no nono, trata de outros recursos expressivos da categoria em análise, como sejam: semantema verbal, adjuntos adverbiais, afixos (prefixos e/ou sufixos), tipo oracional, repetição do verbo, ênfase entonacional, preposições, complemento e sujeito do verbo; e, no décimo, das relações entre o aspecto e a voz (dizendo que o aspecto não-começado é o único que apresenta restrição em relação à voz, não aparecendo nem na passiva nem na reflexiva), o tempo (normalmente o futuro restringe a actualização dos aspectos) e o modo (as perífrases parecem ser o único recurso de expressão do aspecto capaz de anular o efeito da modalidade).

A própria resenha, como acaba de se ver, denota bem o fôlego deste trabalho. Para além do mais, está teoricamente bem alicerçado (Castilho 1967, Comrie 1976, Lyons 1980, entre outros). Por conseguinte, daqui só pode decorrer que, independentemente das concordâncias e/ou discordâncias (que as há, com certe-

za, mas irrelevantes para a condução da minha própria investigação), é de leitura obrigatória para todos os que se ocupam (ou queiram e/ou venham a ocupar-se) destas matérias na língua portuguesa.

3.2 O contributo de Soares, M.ª (1987)[16] é o segundo mais extenso dos quatro de autoria brasileira aqui convocados, porém o que se situa em último lugar em termos de contribuição efectiva para a constituição das bases teórico-metodológicas deste outro que estou a empreender. No fundo, a A. examina os sistemas verbais do russo e do português, procurando determinar as suas oposições aspectuais e temporais básicas: naquele, é a oposição aspectual perfectivo-imperfectivo; neste, temos que o sistema temporal está construído na base de duas oposições: os planos (actual e inactual) e as perspectivas (retrospectiva, respectiva ou paralela e prospectiva), sendo a primeira perspectiva (ou perspectiva primária) formada pelo sistema temporal simples e a segunda perspectiva (ou perspectiva secundária), pelos auxiliares <ter> (com valor retrospectivo) e <ir> (com valor prospectivo); nas dimensões aspectuais, que se obtêm com outros auxiliares, mais numerosos, é possível distinguir três tipos de oposições: a visão, a fase e a colocação. Trata-se, evidentemente, da assunção, em toda a linha, do modelo têmporo-aspectual proposto por Coseriu (1976) para as línguas românicas.

Na Introdução (pp. 1-5), recorda, muito resumidamente, sobretudo as circunstâncias que levaram ao reconhecimento da categoria aspecto; a importância desta categoria no grego e em latim e, de modo particular, nas línguas eslavas; a acção dos gramáticos histórico-comparativistas para o desenvolvimento deste tipo de estudos nas línguas europeias; a diferença entre 'aspecto' e 'modo de acção' (ou *Aktionsart*); e, por fim, sublinha o objectivo didáctico deste estudo: auxiliar de aprendizagem da língua russa por parte de estudantes de língua portuguesa ou, mais precisamente, da «aplicação destes conhecimentos ao ensino do russo para brasileiros» (Soares, M.ª 1987: 5).

---

16 *A semântica do aspecto verbal em russo e em português* (198 pp.): tese de doutorado.

O trabalho desenvolve-se em oito capítulos. No primeiro (Conceituação de aspecto: pp. 7-27), trata de localizar a categoria sob escopo entre as categorias verbais servindo-se, para o efeito, do famoso estudo de Jakobson (1963a: 182-184) sobre estas mesmas categorias (género, número, pessoa, voz, modo, estatuto, aspecto, tempo, taxe e evidência) e o verbo russo; apresenta uma definição de 'aspectualidade', opondo a 'qualitativa' à 'quantitativa', por um lado, relacionando aquela com a categoria 'tempo', por outro, distinguindo 'aspecto' de 'modo de acção', por outro ainda, e chamando a atenção para a diferença, própria do estruturalismo funcional, entre 'valor de língua' e 'valores secundários' (ou 'valores de fala'), por fim. No segundo (O sistema aspectual do russo: pp. 28-41), fala da oposição básica deste sistema, dos significados secundários, da relação da oposição básica com os 'modos de acção' desta língua e dos factores que entram em linha de conta na escolha do aspecto pelo falante. No terceiro (O aspecto no português: pp. 42-70), faz, num primeiro momento, uma breve retrospectiva dos estudos sobre o aspecto no português, recordando particularmente os trabalhos de Castilho (1967a), Travaglia (1985), Barros (1981) e Coseriu (1976, 1980) e, num segundo momento, apresenta o modelo têmporo-aspectual coseriano que, já o escrevi acima, assume por inteiro como suporte teórico para a descrição do português, ocupando-se, primeiro, das dimensões temporais (planos e perspectivas) e, depois, das aspectuais (visão, fase e colocação ou incidência), concluindo com o relacionamento entre ambos os tipos de dimensões.

No quarto (Correspondências verbais português-russo segundo o contexto: pp. 71-89), notando-se já bem a natureza didáctica do trabalho, a A. apresenta linearmente, com todo o detalhe, as correspondências das formas verbais do português, já denominadas coserianamente, e do russo, assim (só dois exemplos, para se ficar com uma ideia precisa): 'passado da perspectiva retrospectiva do plano inactual' (<tinha feito>) (português) e 'passado do perfectivo' (russo)[17] e 'futuro da perspectiva prospectiva do plano actual' (<irei fazer>) (português) e 'futuro do perfectivo ou

[17] Soares, M.ª (1987: 80).

do imperfectivo' (russo)[18]. No quinto (Entrelaçamento das categorias tempo e aspecto em russo: pp. 90-126), apresenta, em primeiro lugar, o sistema modo-temporal do russo, passando, depois, para os significados particulares de cada tempo verbal nesta língua e formas prováveis que lhes correspondem em português, falando, por fim, do uso figurado dos tempos verbais ainda naquela língua. No sexto (Entrelaçamento das categorias aspecto e modalidade em russo: pp. 127-139), depois de uma breve apresentação do conceito de 'modalidade', trata da sua expressão em russo (no passado, no infinitivo, no futuro, no imperativo e no subjuntivo). No sétimo (Os modos da ação e sua relação com o aspecto no russo: pp. 140-157), trata da origem e do conceito de 'modo de acção' (ou *Aktionsart*), primeiro; apresenta uma classificação dos modos de acção em russo, depois; da inter-relação do aspecto e do modo de acção, a seguir; e, por, fim, da formação dos pares aspectuais nesta língua. Finalmente, no oitavo (Aplicações deste estudo ao ensino do russo: pp. 158-178), depois de apresentar os postulados metodológicos gerais, trata do ensino do aspecto na etapa inicial, num primeiro momento, e em etapas mais adiantadas, num segundo momento.

3.3 O penúltimo contributo de autoria brasileira é o de Costa (1997)[19]. Trata-se de um trabalho de dimensões inferiores aos dois precedentes e superiores ao seguinte. Todavia, depois do anterior, é o que menos contribui para a constituição dos fundamentos teóricos e/ou metodológicos que sustentam a presente investigação. Para além do mais, carece parcialmente de organização, quer macro quer microestrutural (p. ex., tem Introdução, mas não há Conclusão; ausência absoluta de numeração capitular e subcapitular; capítulos intitulados simplesmente assim: «Considerações Gerais» e «Perfectivo e Imperfectivo»). Em todo o caso, não deixa de dar informações substantivas sobre a categoria em epígrafe, como se pode ver já a seguir.

---

[18] Soares, M.ª (1987: 83).

[19] *O aspecto em português* (102 pp.): tese de mestrado.

Para além da Introdução (pp. 8-10) – onde diz que se trata de um estudo feito com base em 24 horas de gravação e que usa os termos 'fato' ou 'fato verbal' para referir indistintamente conceitos como 'situações', 'estados', 'acontecimentos', 'atividades', 'processos', 'atos' –, desenvolve o seu trabalho em cinco pontos, a saber: em Considerações Gerais (pp. 11-29), depois de diferençar as entidades de primeira (espaço), segunda (tempo) e terceira (atribuição de valores e formulação de juízos) ordens, distingue os tipos de entidades de segunda ordem (com base nos traços 'durativo', 'dinâmico', 'permanente' e 'agente'): 'acontecimentos', 'atos' ('ações'), 'processos', 'atividades' e 'estados'; relaciona 'verbo', 'tempo' e 'deixis'; opõe 'tempo' (tempo externo) a 'aspecto' (tempo interno), apresentando uma síntese dos traços caracterizadores desta última categoria: 'a não-referência à localização no tempo', 'a constituição temporal interna', 'a vinculação da categoria a atividades, processos e estados' e 'a "representação espacial"'; refere a importância na averiguação da 'expressão lexical', 'morfológica' ou 'sintáctica' da categoria aspecto, caso exista como possibilidade semântica numa língua, concluindo que em português se actualiza através de 'lexemas', 'morfemas flexionais e derivacionais' e 'perífrases'; relaciona 'aspecto' e 'número verbal' e, por fim, porque limita a noção de aspecto à 'constituição temporal interna de uma situação', ficam excluídas deste âmbito noções como 'iteração', 'iminência' e 'habitualidade'.

Em Perfectivo e Imperfectivo (pp. 30-38), para além de recordar uma série de caracterizações inadequadas (no sentido de equívocas e/ou mesmo erradas) da categoria em causa, distingue estes dois significados aspectuais com base na consideração ou não consideração, por parte do falante, da constituição temporal interna, ou seja, imperfectivo e perfectivo, respectivamente, sublinhando que este último não admite subdivisões em termos de temporalidade e aquele, ao invés, sim – daí o poder referir uma situação em curso, as fases constitutivas da temporalidade interna e ainda o estado resultante de um processo anterior.

Em Atualização do Aspecto nas Formas Verbais do Português (pp. 39-79), trata do aspecto verbal expresso pelos lexemas, pelos morfemas derivacionais (afixos), pelas formas dos tempos verbais (as de Gerúndio, Particípio, Pretérito Perfeito

Composto e Pretérito Imperfeito, do Indicativo e Subjuntivo, «carregam, efetivamente, marca de imperfectividade.»[20]; e as restantes estão no perfectivo) e pelas perífrases (as de Gerúndio expressam 'aspecto imperfectivo em curso' – processo – e Voz ativa; e as de Particípio, 'aspecto imperfectivo resultativo' – estado resultante de processo anterior – e Voz passiva); alinha, depois, os verbos auxiliares aspectuais <ser>, <estar>, <ficar>, <permanecer>, <continuar>, <andar>, que considera variantes aspectivas entre si, e, ainda, <começar a>, <ir> e <acabar de>, que expressam o imperfectivo de fases; a seguir (para mim, o ponto que mais se destaca neste trabalho, até porque didacticamente aproveitável, embora peque por demasiado sinóptico e pela presença de uma ou outra incorrecção), apresenta quadros da "conjugação aspectual", assim: nas pp. 58-64, o "quadro da voz ativa", contrapondo as formas verbais simples ("tempos verbais") às perifrásticas ("perífrases imperfectivas possíveis"), por exemplo: <leio> / <estou lendo>, <fico lendo>, <ando lendo>, <continuo lendo>, <permaneço lendo> [?!, pelo menos em PE], <começo a ler>, <vou lendo>, <acabo de ler>, e por aí fora; nas pp. 65-74, o "quadro da voz passiva", contrapondo, desta vez, os "tempos verbais" às "perífrases imperfectivas" e às "perífrases duplamente imperfectivas", por exemplo: <é lido> / < – >, <está lido>, <fica lido>, <anda lido>, <continua lido>, <permanece lido> [?!, pelo menos em PE], *<começa (a) lido>, ?<vai lido>, *<acaba (de) lido> e *<é sendo lido>, <está sendo lido>, <fica sendo lido>, <anda sendo lido>, <continua sendo lido>, <permanece sendo lido> [?!, pelo menos em PE], <começa a ser lido>, <vai sendo lido>, <acaba de ser lido>, e igualmente por aí fora; e conclui este ponto com o levantamento das incompatibilidades com os verbos auxiliares <ir>, <começar (a)>, <acabar (de)>, <ser> e <estar>.

Por último, em Atualização do Aspecto no Português Através dos Circunstanciais Temporais (pp. 80-88), analisa o papel dos 'circunstanciais temporais propriamente ditos' (exs.: <em Agosto>, <futuramente>, <agora>, etc.), dos 'circunstanciais pontuais' (exs.: <de repente>, <logo>, etc.), dos 'circunstanciais de freqüência' (exs.:

[20] Costa (1997: 44).

<de novo>, <novamente>, <periodicamente>, <sempre>, etc.) e dos 'circunstanciais durativos' (exs.: <até hoje>, <há meia hora>, <desde Novembro do ano passado>, etc.) na expressão do aspecto; e, em Atualização do Aspecto no Português Através de Formas de Substantivos e Adjetivos (pp. 89-97), chama a atenção, sem lhe dar obviamente grande destaque (o número de páginas que lhe dedica não é suficiente para tal), para o facto de substantivos (em <-mento>, <-agem> e <-ização>: marca de 'imperfectividade') e adjectivos (do tipo <global>, <globalizado> e <globalizante>: 'perfectivo', 'imperfectivo resultativo' e 'imperfectivo cursivo', respectivamente) terem também um papel relevante na expressão da categoria em análise.

3.4 O último contributo de autoria brasileira aqui trazido à colação (o mais recente dos quatro e também do autor) é o de Castilho (2000)[21]. No fundo, trata-se de um programa de acção nesta área do conhecimento, constituído por três pontos, a saber: (i) o problema do aspecto verbal (pp. 17-23), (ii) um plano descritivo para o aspecto verbal (pp. 23-32) e, de acordo com a metodologia proposta, (iii) (descrição do) aspecto iterativo (pp. 32-42).

No primeiro, onde se caracteriza o aspecto verbal como uma propriedade da predicação e esta última como o correlato gramatical do estado de coisas («concepção de algo real ou imaginário que possa ocorrer em algum mundo»[22]), cita trabalhos representativos de cada uma das três fases que distingue na história da aspectologia: a "fase léxico-semântica" (a que corresponde à identificação das classes semântico-aspectuais do verbo ou *Aktionsarten*, isto é, aquela que consiste em atribuir à semântica do radical do verbo as noções aspectuais encontradas); a "fase semântico-sintáctica" ou, também dita, "composicional" (a que considera o aspecto como categoria que resulta da combinação da *Aktionsart* do verbo não só com a flexão e os verbos auxiliares, mas também com os argumentos do verbo e adjuntos adverbiais); e a "fase discursiva" (a respeitante às condições discursivas

21 «Problemas do aspecto verbal no português falado no Brasil» (30 pp.): comunicação.

22 Castilho (2000: 17).

que propiciam a ocorrência dos aspectos assim identificados). Continuando a exposição, relaciona e distingue as categorias 'tempo' e 'aspecto', fazendo-o bühlerianamente, ou seja, a primeira insere-se no campo deíctico da linguagem e a segunda, no simbólico. Por último, e para que se possa fazer a sua descrição, apresenta a seguinte tipologia aspectual: imperfectivo (que compreende o 'inceptivo' ou relativo à fase inicial, o 'cursivo' ou relativo à fase medial e o 'terminativo' ou relativo à fase final), perfectivo (que abrange, por sua vez, o 'pontual' e o 'resultativo'), semelfactivo (ocorrência singular) e iterativo (ocorrência múltipla, habitual ou reiterada), configurando os dois primeiros a face 'qualitativa' do aspecto e os dois últimos, a 'quantitativa'. Para além desta assunção, o A. admite ainda a natureza composicional do aspecto, que decorre, como em parte já se referiu, (i) da *Aktionsart* do verbo na qualidade de item lexical, (ii) da interacção desta com a flexão de tempo ou com o verbo auxiliar, nas construções perifrásticas, e (iii) da interacção deste complexo, tanto com os argumentos verbais (externo e internos) quanto com os adjuntos adverbiais aspectualizadores (Castilho 2000: 22-23).

No segundo ponto, apresenta o programa de acção propriamente dito, que compreende as seguintes linhas de força: 1. *Aktionsart* do verbo (oposição entre verbos atélicos, que implicam diferentes fases na execução de um estado de coisas, e verbos télicos, que pressupõem começo e fim simultâneos ou praticamente simultâneos); 2. *Aktionsart* e flexão (há tempos que se combinam de preferência com um tipo de aspecto e outros com outro(s) tipo(s): parece que o presente, o pretérito imperfeito e o gerúndio favorecem a ocorrência do imperfectivo e o pretérito perfeito e o particípio, ao invés, a emergência do perfectivo); 3. aspecto e formas perifrásticas (porque são fundamentais para a determinação do conteúdo aspectual verbal, é absolutamente necessário fazer o reconhecimento das perífrases verbais e averiguar do seu estatuto funcional; antes, porém, é preciso identificar os verbos auxiliares, produtos de gramaticalização de verbos plenos, para o que adianta os seguintes testes: (i) 'sujeito da expressão', isto é, dois verbos mas um só sujeito; (ii) 'escopo da negação' sobre ambos os verbos – de outro modo não é perífrase; (iii) 'esvaziamento semântico (ou gramaticalização) do primeiro verbo' passando, por

isso, a funcionar como meio ou instrumento de manifestar pelo menos um significado – no caso concreto, aspectual; (iv) 'lugar da perífrase no quadro conjugacional' ou se as perífrases podem ser interpretadas como tempos compostos, o que leva o A. a concluir que «*estar –ndo* ainda não pode ser considerado um 'presente composto'»[23], por ser anafórico e seleccionado pelo discurso referencial, ao contrário do presente simples, que é catafórico e seleccionado pelo discurso genérico (Castilho 2000: 30), entre outras propriedades); e 4. aspecto, argumentos e adjuntos (isto quer significar que tanto as propriedades semânticas dos argumentos quanto a sua quantificação não são indiferentes à constituição do significado aspectual: os SNs /específicos/ propiciam a emergência do imperfectivo e do perfectivo codificando, no singular, o 'semelfactivo' e, no plural, o 'iterativo'; e, ainda, que os adjuntos adverbiais aspectualizadores, que o A. distingue entre 'qualitativos durativos' e 'pontuais' e 'quantitativos', interferem enormemente na composição do tipo de aspecto obtido).

No terceiro (e último) ponto, procede à descrição do iterativo – conforme o plano proposto – começando pela apresentação das propriedades deste aspecto, e que podem sintetizar-se do seguinte modo: (i) quantificação do imperfectivo e do perfectivo; (ii) o sujeito das predicações quantificadas é habitualmente /não-específico/, pluralizado; e (iii) sendo o léxico praticamente irrelevante na composição iterativa, significa que está mais dependente de factores de carácter composicional que os outros aspectos. Tais propriedades são ainda especificadas desta maneira: 1. iteração e flexão modo-temporal (o presente, o imperfeito, o pretérito perfeito composto, perífrases e até a repetição do verbo marcam este valor aspectual); 2. iteração e argumentos verbais: os argumentos do verbo são capazes de gerar iteratividade quando temos a) um sujeito /não-específico/, seguido ou não de complemento nulo, b) um sujeito e/ou complemento pluralizados e c) um sujeito escopo de quantificadores (definidos, universais, partitivos e distributivos) (Castilho

[23] Discordo deste termo (que rejeito liminarmente) para as formas perifrásticas propriamente ditas, porque <*ter/ haver* + particípio> também faz parte daquelas estruturas (cf., por exemplo, *corpora* i e ii, pp. 169-171 e 193, respectivamente).

2000: 34-37); 3. iteração e advérbios quantificadores (neste âmbito, faz-se a distinção entre repetição /não-específica/ e repetição /específica/: para a primeira, repetição indeterminada, concorrem os advérbios em <–mente> derivados dos adjectivos com o traço 'frequência', o advérbio <sempre> e os adverbiais formados com o elemento <vez> quantificado universalmente; para a segunda, repetição determinada, os adverbiais temporais formados por um SP quantificado)[24]; 4. iteração e padrão sentencial (segundo o A., os padrões frasais aditivos em polissíndeto, condicionais-temporais e temporais-proporcionais favorecem a quantificação do verbo gerando o significado iterativo)[25]; e 5. iteração e articulação discursiva (as narrativas de eventos habituais e discursos argumentativos em que se fazem generalizações são, segundo o A., habitualmente construídos através de séries de predicações iterativas)[26].

Na síntese conclusiva final, ressalta o A., uma vez mais, o carácter composicional do aspecto enquanto propriedade da predicação, encarando-o como uma hipótese séria no momento da sua descrição, e recorda (i) que o léxico não é um factor relevante para o iterativo, (ii) que as 'flexões não-específicas' predominam nas expressões iterativas e, por fim, (iii) que os argumentos pluralizados, os argumentos verbais /não-específicos/ e os adjuntos adverbiais quantificadores favorecem o iterativo, ao contrário dos argumentos no singular, que favorecem o semelfactivo, e /específicos/ e qualificadores durativos e pontuais, o imperfectivo e o perfectivo, respectivamente.

Embora breve (também não seria possível fazer mais no espaço-tempo de uma comunicação), estamos na presença de um contributo bastante esclarecedor da problemática em análise, para além da pertinência e actualidade óbvias.

---

[24] Cf. exemplos em Castilho (2000: 37-39).

[25] Cf. exemplos em Castilho (2000: 40).

[26] Cf. exemplos em Castilho (2000: 41-42).

4. Contribuição de autores portugueses

4.1 Dos contributos de autoria portuguesa que aqui vão ser recenseados, começo pelo de Duarte (1989)[27], e tão-somente porque foi o primeiro a aparecer. No subcapítulo mais pequeno (Duarte 1989: 38-41), a A. trata da tipologia dos estados de coisas, ou seja, distingue estados («estados de coisas [– DINÂMICO] cujas entidades envolvidas não sofrem qualquer alteração ou transição durante o intervalo de tempo (*It*) em que têm lugar») de eventos («estados de coisas [+ DINÂMICO], localizados num dado *It*, que exprimem a passagem de um estado *p*, localizado num *It'* imediatamente anterior, para um estado *p'*, localizado num *It"* imediatamente posterior») e de processos («estados de coisas [+ DINÂMICO] que exprimem um dado "fazer" localizado num *It* aberto, delimitado por dois eventos (o início – x *começar a* Ψ – e o termo – x *acabar de* Ψ –)»). Se os estados, eventos e processos forem [+ CONTROLADO] (propriedade que resulta de uma entidade envolvida poder determinar *intencionalmente* a ocorrência ou não-ocorrência de um estado de coisas), está-se na presença, respectivamente, de posições, acções e actividades.[28]

Por seu turno, no subcapítulo maior (Duarte 1989: 89-102), é da categoria linguística aspecto que a A. se ocupa, começando por dizer que a sua definição deve (i) dar conta da tipologia dos estados de coisas e dos predicadores, (ii) recorrer ao conceito de intervalo de tempo e a operações de quantificação sobre intervalos de

---

27 «Tipologia dos estados de coisas» e «A categoria linguística aspecto» (4 e 14 pp., respectivamente): subcapítulos de gramática.

28 Apesar de vários AA. fazerem esta destrinça terminológico-conceptual, outros há que operam de outro modo, isto é, não recorrendo ao traço [± CONTROLADO], distinguem apenas estados, processos, processos culminados, culminações e pontos. Como já deu para ver na Introdução, é de acordo com estes últimos que eu procedo: cf., por exemplo, Duarte & Brito (2003: 190-197).

Para além disso, gostaria de fazer esta outra observação: como também já deu para notar (igualmente na Introdução), situação é o termo que vou usar (quase sempre) ao longo do trabalho, em vez do sinónimo estado de coisas, porque também é o mais frequentemente utilizado pelos estudiosos destas matérias: cf., por exemplo, Comrie (1976: 3), Lyons (1980: 427, 640-646 e 1995: 321-324) e Smith (^{2}1997: 11).

tempo, de modo a poder-se averiguar da duração do estado de coisas e dos caracteres singular/plural da sua ocorrência e (iii) incluir a referência às fronteiras inicial e final de um intervalo de tempo e, ainda, os intervalos adjacentes (os imediatamente anteriores e os imediatamente posteriores), ou seja, a definição da categoria aspecto deve contemplar tanto a 'classe aspectual' do predicador (i) quanto a 'forma aspectual' (ii e iii). A seguir, distingue os vários tipos de predicados (os eventivos, os processuais e os estativos) e respectivas propriedades; discorre sobre os valores aspectuais de alguns tempos verbais ("perfeito", "imperfeito", "pretérito perfeito composto", "presente simples"): 'acabado'/'inacabado', 'ocorrência singular'/'ocorrências plurais'; 'inacabado' e 'frequentativo'; 'inacabado', 'habitual', 'ocorrência singular', 'gnómico' ou 'universal', respectivamente; considera os verbos aspectuais, nas construções perifrásticas, como variantes aspectuais de <ser> e <estar>: <começar a Vinf> exprime um valor aspectual 'inceptivo'; <acabar de Vinf>, 'conclusivo'; <estar a Vinf>, 'cursivo'; <continuar a Vinf>, 'permansivo'; e <acabar de Vinf>, 'cessativo'.

Fala, depois, dos processos de expressão da categoria em análise, distinguindo os 'lexicais' (classe aspectual – estados, processos e eventos – e formação de palavras) dos 'gramaticais' (formas verbais, verbos aspectuais e adverbiais); e, por fim, dos valores aspectuais, opondo o pontual (o que caracteriza enunciados que descrevem eventos) ao durativo (o que, por sua vez, caracteriza enunciados que descrevem estados e processos) e acabado a inacabado (definidos em termos da teoria conjuntista ou dos intervalos e subintervalos de tempo). O pontual compreende o 'incoativo' (passagem de um estado para outro), o 'causativo' ou 'resultativo' (uma entidade determina a passagem de outra entidade de um estado para outro estado), o 'inceptivo' (começo da ocorrência do estado de coisas descrito), o 'conclusivo' (ao invés, termo da ocorrência do estado de coisas descrito), o 'cessativo' (passagem de um estado de coisas que ocorreu para outro que não ocorre em *It*); e o durativo, o 'cursivo', o 'permansivo', o 'iterativo', o 'frequentativo', o 'habitual' e o 'gnómico' (ou estado de coisas válido em todos os subintervalos de *It*).

Mesmo em se tratando de um capítulo de uma gramática, não deixa de ser um estudo profundo sobre a categoria em causa: o consulente sai obviamente esclarecido e também mais enriquecido pela quantidade de informação que aí consegue colher.

4.2 Um contributo *sui generis*, porque produzido faseadamente ao longo de mais de uma década (o que permite observar uma certa evolução na apresentação destas matérias por parte do seu autor – facto que, aliás, o próprio titulado deixa em parte transparecer: de «Alguns aspectos do Aspecto» e «Algumas questões sobre Tempo e Aspecto», de 1992, passando por «Algumas questões de semântica temporal» e «Algumas peculiaridades do Aspecto em português», de 1996, a «Tempo e Aspecto», um capítulo integrante de uma gramática descritiva do português, de publicação recente: 2003), é o de Fátima Oliveira. Mas vejamos, por partes, a especificidade desta contribuição que, pelo exposto, se pode desde já classificar de plural.

Assim, em Oliveira (1992a)[29], que «é apenas o primeiro esboço, com o objectivo de tornar mais claras algumas questões relacionadas com o Aspecto»[30], a A. sublinha, antes de mais nada, os seguintes aspectos: a complexidade dos estudos de aspecto, dado esta categoria implicar relações (i) com o tempo gramatical, (ii) com uma tipologia de estados de coisas e (iii) também com questões de referência nominal, sobretudo a diferença entre predicados cumulativos e 'quantizados'; a dificuldade em determinar o significado do Aspecto separadamente do do Tempo e do da *Aktionsart* (é que se, na origem, o Aspecto dizia apenas respeito à oposição perfectivo/imperfectivo, para designar estados de coisas concluídos ou não, ultimamente tem-se estendido a outras noções – duração, instantaneidade, frequência, início, completude, etc. – que se encontram igualmente gramaticalizadas na estrutura de várias línguas); a dificuldade em destrinçar a lexicalização da gramaticalização na manifestação daqueles significados, isto é, se se está na presença de

[29] «Alguns aspectos do aspecto» (16 pp.): comunicação.

[30] Oliveira (1992a: 288).

formas gramaticais ou de itens lexicais; e a consideração subjectiva do aspecto, ou seja, a representação que o falante tem do processo expresso pelo verbo (portanto, relativo à enunciação, e não ao enunciado, como o Tempo).

Depois, porque é importante conhecer os mecanismos que dão conta da estrutura (interna) dos estados de coisas, fala da existência de várias tipologias (sem se esquecer de sublinhar que nenhuma está isenta de problemas), procedendo de imediato à apresentação, sumária, da, já clássica, de Vendler, seguida da de Moens.[31] No que diz respeito à primeira tipologia, temos: actividades, *accomplishments* (ou conclusões – proposta de trad. port. da A.), *achievements* (ou consecuções – igualmente sua proposta de trad. port.) e estados. Os dois primeiros caracterizam-se por serem processos com fases sucessivas e os dois últimos, ao invés, por não terem fases sucessivas; e, entre si, os dois primeiros porque as actividades são homogéneas e os *accomplishments*, inversamente, heterogéneos; e, por fim, também entre si, os dois últimos porque os *achievements* são pontuais e os estados, pelo contrário, concernem a um período.

Logo a seguir, chamando a atenção para o facto de esta classificação ter sido alvo de alteração por parte de autores vários, apresenta a taxinomia de Moens, que estabelece uma clara distinção entre estados e não-estados (ou eventos, como ele os denomina), correspondendo ontologicamente à distinção entre situações estáticas e situações dinâmicas, respectivamente. Os eventos são «delimitados» porque, supõe-se, começam e terminam em pontos relativamente precisos no tempo; os estados, pelo contrário, por precisamente não fazerem referência ao início ou ao fim de um estado, embora alargados, «não são delimitados». Os eventos são, por sua vez, de dois tipos: os atómicos (indivisíveis) e os alargados (oposição paralela à de Vendler entre processos sem fases sucessivas e com fases sucessivas, respectivamente); para além disso, tanto um tipo quanto o outro pode ou não ter consequências (semelhante à oposição télico/atélico); por fim, os eventos atómicos podem ser de dois tipos: as culminações (que incluem o ponto final, por-

[31] Cf. Oliveira (1992a: 291 e 292-293).

tanto com consequências) e os pontos (sem quaisquer consequências) (o primeiro tipo assemelha-se ao *achievement* de Vendler e o segundo ao semelfactivo de Smith).

Defende, ainda, com apoio noutros autores (Oliveira 1992a: 293-294), que, não sendo de todo despiciendo considerar os argumentos do verbo, o tempo gramatical e os advérbios, a classificação aspectual deve ser dinâmica, dizendo mesmo que «um passo importante a ser dado é a forma como se pode dar a computação do valor aspectual de uma frase.»[32] E, já no remate da sua comunicação, em jeito de síntese, recorda a necessidade de (i) uma abordagem dinâmica do Aspecto e a de (ii) averiguar qual a classificação mais adequada dos estados de coisas, deixando no ar a seguinte questão: «Serão as classes aspectuais que explicam o Aspecto (os dados) ou a interacção da informação semântica veiculada pelos traços aspectuais que é crucial para a composição do Aspecto?» (Oliveira 1992a: 301).

Em Oliveira (1992b)[33] (que até à página nove é o mesmo texto de Oliveira (1992a), apenas com correcções pontuais por causa da inclusão da categoria Tempo), parte-se da hipótese de que as informações de natureza temporal e aspectual constituem sistemas temporais complementares, caracterizando-se a do primeiro tipo por localizar a situação no tempo e a do segundo por especificar a estrutura temporal interna da situação.[34] Neste sentido, diz que, tanto em português como noutras línguas, os tempos gramaticais podem ter um valor específico de perspectiva (como acontece no contraste entre Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito), por um lado, e que a duração, por exemplo, é uma propriedade que afecta os dois subsistemas e que há relações de co-ocorrência entre expressões adverbiais e propriedades aspectuais, por outro lado.

A seguir, e depois de caracterizar o perfectivo, no quadro de uma semântica de intervalos, como «um intervalo cujos limites inicial e final estão fechados» (Oli-

---

[32] Oliveira (1992a: 296).

[33] *Algumas questões sobre tempo e aspecto* (23 pp.): caderno.

[34] Pelo que acaba de se escrever, nota-se claramente um distanciamento – no sentido de ir um pouco mais além – em relação a Oliveira (1992a).

veira 1992b: 9), chamando a atenção para o facto de se apresentar o Pretérito Perfeito como um indicador dessa propriedade, sublinha a necessidade de se ter em conta não só o tipo de situação como também a perspectiva. Discute, a esse propósito, vários casos com estes tipos de implicações, falando do "paradoxo do imperfectivo", apresentando argumentos de autores vários e contra-argumentando sempre, dadas as naturais dificuldades dos vários modelos em explicarem as especificidades de certos tempos combinados com certos tipos de predicados verbais, denotadores estes também de certos estados de coisas, numa língua como o português. E, ainda neste âmbito, afirma (Oliveira 1992b: 14) que a associação do Pretérito Perfeito e Progressivo tem efeitos diferentes consoante o tipo de situação.

Termina esta contribuição, cujo objectivo no fundo é abrir caminhos para tentar perceber esta intrincada questão da relação entre Tempo e Aspecto, recordando, uma vez mais, a especificidade do português, ao conjugar tanto o Imperfeito quanto o Perfeito com o Progressivo, concluindo com uma apresentação sumária da proposta de Landman 1992, que diz que o Progressivo é um operador de SV (cf. Oliveira 1992b: 19-21).

Em Oliveira (1996a)[35], expõem-se sumariamente (o espaço não é para desenvolvimentos) algumas questões de semântica temporal, mais propriamente: da capacidade que as línguas têm de referir eventos que ocorrem simultânea, anterior ou posteriormente em relação a um ponto tomado como referência (ou do tempo gramatical), bem como da sua apresentação completa ou incompleta (ou do aspecto). Neste âmbito, reflecte, por um lado, sobre algumas formas de tratamento do tempo e respectivas propriedades, ou seja: do tempo como uma "série de instantes ordenados uns em relação aos outros" ou do tempo direccional, irreversível e uniforme, que se caracteriza pela 'irreflexibilidade', 'transitividade', 'assimetria' e 'densidade' (daí poder representar-se o tempo como uma linha); por outro lado, porque esta concepção de tempo não serve (porquanto desadequada) para descrever acontecimentos ou situações que apresentam duração, por exemplo,

[35] «Algumas questões de semântica temporal» (6 pp.): subcapítulo de livro.

recorre-se à ideia de 'intervalo de tempo' ou do tempo como um conjunto contínuo de intervalos temporais ordenados pela relação de precedência (ou seja, os intervalos de tempo podem 'sobrepor-se', 'estar contidos' ou 'preceder' outros intervalos de tempo).

A seguir, na subsecção intitulada "Relações entre alguns tempos", trata dos seguintes aspectos: do tempo como categoria deíctica, ou seja, a sua interpretação depende da relação dos tempos verbais relativamente a um 'ponto de referência' (que pode ser outro tempo verbal ou o ponto/momento da fala); do carácter anafórico de alguns tempos verbais (nos discursos) e do papel dos advérbios e expressões adverbiais na expressão do tempo; de a interpretação dos tempos simples e compostos depender da frase e do discurso (daí as noções de 'presente histórico', 'presente habitual', etc.); de os caracteres modal e/ou temporal do 'futuro' se prenderem com a especificidade de cada uma das línguas; e de a 'posterioridade' se realizar em português por meio de expressões adverbiais e <ir + infinitivo> e, ainda, de os tempos do passado mostrarem relações de 'ordenação' mas também de 'inclusão'.

Depois de definir o aspecto como a diferente forma de perspectivar as situações descritas pelos predicados verbais, a A. procede à apresentação das propriedades aspectuais dos eventos, a saber: "processo preparatório", "ponto de culminação" e "estado resultante", caracterizando neste seguimento as classes aspectuais de verbos (ou *Aktionsarten*) de acordo com a tipologia de Vendler (Oliveira 1996a: 367): *accomplishments* (ou eventos que apresentam duração), que incluem a fase preparatória e o ponto de culminação; *achievements* (eventos momentâneos), que só incluem o ponto de culminação; actividades (que precisam de um complemento para demarcar algum limite) e estados, que não apresentam um ponto de culminação intrínseco.

Conclui, sublinhando, uma vez mais, que a informação aspectual pode modificar-se sempre em relação aos tipos básicos, e isto deve-se sobretudo à acção dos complementos e dos operadores aspectuais, dizendo que o Progressivo (com <estar a + infinitivo>) e o Perfectivo (com o Pretérito Perfeito) são operadores

aspectuais, e que a grande oposição aspectual é constituída por Imperfectivo (evento não completo)/Perfectivo (evento completo) (Oliveira 1996a: 368).

Em Oliveira (1996b)[36], temos *grosso mod*o uma sistematização do que a A. foi apresentando nos trabalhos anteriores, concretamente: trata do conceito de Aspecto relacionado com o de Tempo e ainda com o de *Aktionsart*. Os dois primeiros têm a ver com o fluxo e refluxo dos eventos através do tempo, ou seja: o Tempo descreve as relações de Anterioridade, Coincidência e Posterioridade das frases marcadas temporalmente em relação com o momento da enunciação (o que corresponde a uma visão muito simples deste fenómeno), mas também e sobretudo a relação entre o tipo de eventualidade e a forma como é perspectivada (uma visão complexa do Tempo, e também a que está mais próxima da realidade das línguas); para além disso, confirmando esta propriedade do fenómeno linguístico em causa, estão as relações temporais entre frases complexas e discursos ou da natureza anafórica do Tempo; e, ainda, que eventualidades diferentes implicam interpretações diferentes.

Depois, do Aspecto e da sua articulação ou diferenciação com a *Aktionsart*: tradicionalmente, o Aspecto corresponde à oposição Imperfectivo/Perfectivo, marcada por afixos nas línguas eslavas; e a *Aktionsart*, à informação lexicalizada de certas propriedades aspectuais ('duração', 'completude', 'frequência', etc.), referindo a dificuldade em distinguir um do outro, porque o mesmo tipo de informação pode expressar-se quer por processos lexicais quer por processos gramaticais, o que exemplifica com as expressões em português de "uma situação que se repete": <frequentemente>, <muitas vezes>, <costumar + V> ou Presente e Imperfeito em certas construções.

Porque é fundamental conhecer a estrutura interna dos eventos e a forma como os falantes podem descrever as suas subpartes, apresenta quatro tipologias de situações, a saber: a de Vendler (1967): as situações que implicam fases sucessivas (actividades e *accomplishments*) e as que não o implicam (estados e *achievements*), estes últimos não se combinando por isso com o Progressivo; a

[36] «Algumas peculiaridades do aspecto em português» (40 pp.): comunicação.

de Dowty (1979): reclassificando a de Vendler, propõe 'estados', 'actividades', 'mudança de estado simples' e 'mudança de estado complexa', sendo todos agentivos ou não agentivos (portanto, oito tipos); a de Moens (1987): estados/não-estados (ou eventos) (com base em situações estáticas/situações dinâmicas): os primeiros são de duração não limitada e os segundos começam e terminam em pontos relativamente precisos no tempo; e, dentro destes últimos, há os atómicos (indivisíveis) e os alargados, podendo ambos ter ou não consequências (daí o paralelismo com télico/atélico), para o que propõe as seguintes classes aspectuais: estado, processo culminado (evento alargado télico), processo (evento alargado atélico), culminação (evento atómico que inclui ponto final) e ponto (evento atómico sem consequências) (está-se, por conseguinte, na presença de uma classificação dinâmica, ou seja, o Núcleo Aspectual é constituído por 'processo preparatório', 'ponto de culminação' e 'estado consequente'); por fim, Kamp & Reyle (1993) propõem a tipologia de Vendler associada ao Núcleo Aspectual de Moens, assim: *accomplishments* ('processo preparatório' + 'ponto de culminação'), *achievements* ('ponto de culminação'), actividades e estados, e tudo isto combinado com os operadores aspectuais (que se relacionam com a mudança aspectual) Progressivo e Perfeito.

Concluída esta apresentação teórica, trata de algumas questões de Tempo/Aspecto em português, chamando antes de mais nada a atenção para a especificidade desta língua no que diz respeito à compatibilidade do Imperfeito/Pretérito Perfeito/Pretérito Mais-que-Perfeito com o Progressivo. A seguir, destaca algumas diferenças entre o Pretérito Perfeito e o Imperfeito; releva o facto de a combinação destes dois tempos com o Progressivo alterar o tipo de situação, assinalando ainda que o Imperfeito e o Progressivo têm efeito de estado (não há delimitação temporal) e que, associados, originam o 'estado progressivo'.

Num outro ponto, ao tratar do Progressivo, faz as seguintes asserções: porque o estado tem fases (ou sub-estados), há aproximação entre o Imperfeito e construções progressivas; o Presente e o Imperfeito expressam 'estados habituais'; o Pretérito Perfeito, por haver limite final no passado, 'iteratividade'; as construções com

Progressivo são eventos incompletos, ao passo que com o Pretérito Perfeito se considera o evento globalmente; com o Pretérito Perfeito + Progressivo, tem-se pelo menos duas fases; e, por último, as construções com Progressivo são mais restritivas em português do que em inglês (não ocorrem, por exemplo, com <estar + adjectivo>).

Termina este contributo arrolando algumas observações sobre o Pretérito Perfeito Composto: em primeiro lugar, e ao contrário do que se passa com as outras línguas românicas, este tempo não marca 'perfectividade', mas antes 'duração' e, conforme o tipo de situação, 'mais ou menos iteratividade'; tratando-se de um estado, a perfectividade perde-se; sendo o presente o ponto de perspectiva, <ter + Particípio Passado> marca o início de um evento ou estado anterior ao presente e que pode continuar para além deste, mas se for outro o ponto de perspectiva já não acontece a mesma coisa; e <ter + Particípio Passado flexionado> é que marca claramente 'perfectividade'. Numa palavra: a perfectividade requer que nenhuma fase do evento possa ocorrer para além do ponto de referência, pois é o 'estado resultante de uma acção acabada' o que está em causa – daí dever distinguir-se a 'perfectividade' da 'completude'.

Finalmente, em Oliveira (2003)[37], está-se na presença de uma bem estruturada e sólida apresentação das categorias Tempo e Aspecto na língua portuguesa, o que denota claramente a tal "evolução" referida logo no início da presente secção. Antes de mais nada, e apesar de reconhecer que *fundamentalmente* se não podem separar as duas categorias, procura em todo o caso determinar-lhes o conceito, caracterizando o tempo como uma «ordenação linear de unidades temporais atómicas (instantes) ou densas (intervalos) que se podem suceder ou sobrepor» e o aspecto como a categoria que «permite olhar para a sua estrutura interna perspectivando as situações do seu interior, sendo por conseguinte sub-atómico»; aquela é uma categoria relacional (deíctica e anafórica) e esta, ao invés, centra-se tão-

[37] «Tempo e aspecto» (52 pp.): capítulo de gramática.

somente na perspectiva interna, sem necessidade de se relacionar com outros elementos (Oliveira 2003: 129-130).

Em relação à categoria linguística tempo, diz-se que os tempos verbais se articulam em três domínios (passado, presente e futuro), o que permite falar numa relação tríplice (anterioridade, simultaneidade, posterioridade) relativamente a um momento tomado como referência; e porque a localização temporal é relativa, apresentam-se três momentos essenciais: o ponto da fala (ou o momento da enunciação), o ponto do evento (ou o tempo do acontecimento descrito pela frase) e o ponto de referência (ou o ponto intermédio que permite situar o evento ou estado descrito).

Quanto à categoria linguística aspecto, começa por discordar da distinção tradicional entre este e *Aktionsart*, que consiste em considerar o primeiro como uma categoria gramatical (de expressão morfológica, por exemplo) e a segunda como uma categoria lexical, porque é possível (as línguas estão aí para o demonstrar) veicular informação aspectual igual e/ou muito semelhante fazendo uso de diferentes processos linguísticos. E, neste âmbito, alista, em primeiro lugar, os meios de expressão do aspecto (comuns ao português e a muitas outras línguas): (i) natureza semântica dos predicados, (ii) afixos (que contêm também informação temporal), (iii) construções com auxiliares e semiauxiliares, (iv) a combinação de vários elementos na frase, com destaque para os adverbiais e (v) a natureza sintáctico-semântica dos sintagmas nominais, particularmente os que constituem complementos subcategorizados; e, em segundo lugar, apresenta a sua (porque a assume, mas tomada de Moens[38]) tipologia aspectual (processo, processo culminado, culminação, ponto e estado)[39] que articula com a noção de Núcleo Aspectual, constituído, conforme se escreveu já, por 'processo preparatório', 'ponto de culminação' e 'estado consequente'.

---

[38] Cf. contributo anterior (Oliveira, 1996b).

[39] Porque se trata da tipologia adoptada na presente investigação (cf. 3.1. do cap. II, onde se encontra devidamente caracterizada) e este trabalho foi uma das suas principais fontes, não se dá aqui maior relevo a esta matéria.

Defensora da aspectualidade composicional (a que se caracteriza por a determinação do valor aspectual de uma frase poder resultar da intervenção de vários factores), considera os 'tempos gramaticais', os 'operadores aspectuais' e a 'natureza semântica dos complementos' factores desencadeadores de mudança aspectual na frase. Quanto a este último, verifica-se que um 'argumento contável' se articula preferencialmente com um 'predicado télico' (ex.: <beber um copo de água>) e um 'argumento não contável', com um 'predicado atélico' (ex.: <beber água>, <beber copos de água>) (Oliveira 2003: 151).

No que diz respeito aos tempos gramaticais, a A. considera o seguinte: o Pretérito Perfeito Simples não altera necessariamente o valor aspectual da predicação, ao contrário do que tradicionalmente se defende, isto é, que é 'perfectivo'; em todo o caso, este tempo gramatical atribui um 'limite' a um estado e um 'limite' e uma inferência de 'terminado' a um processo; o Imperfeito, por ser um tempo alargado, permite transformar 'eventos télicos' em 'predicados atélicos, não delimitados' e possivelmente, até, em 'estados habituais' (ou outros); o Mais-que-Perfeito (simples ou composto) estabelece claramente um 'estado consequente' para as situações que envolvem culminação (processos culminados e culminações), o que é um traço de 'perfectividade'; em relação aos restantes tipos de situações, tem um efeito aspectual de 'terminado'; o Pretérito Perfeito Composto não marca 'perfectividade' (como acontece com as construções paralelas em outras línguas românicas), mas antes 'duração' que tem início não preciso no passado e que perdura no presente, a que se associa, consoante o tipo de situação, e a construção em que ocorre, uma leitura de 'iteratividade'; este efeito perde-se, todavia, se o ponto de perspectiva temporal não for o momento da enunciação e ainda se se estiver diante de situações estativas; o Presente do Indicativo só indica tempo presente, e em parte sobreposto ao tempo da enunciação, com estados; com processos, a leitura preferencial é a de estado habitual (ocorrência indeterminada de eventos do mesmo tipo num intervalo de tempo não delimitado, com inclusão obrigatória do tempo da enunciação); com processos culminados, raramente se usa sem a ocorrência simultânea de adverbiais de quantificação (do tipo <todos os dias>) ou de duração

(do tipo <em quatro dias>); com culminações, as formas de Presente são pouco usuais.[40]

Por fim, em relação aos operadores aspectuais, temos que o Progressivo (que se obtém em PE com <estar a + infinitivo> e que se caracteriza por perspectivar um evento como estando a ter lugar, como durativo e, ainda, como incompleto) pode ocorrer com todos os tipos de situações, excepto com estados não faseáveis, transformando-os geralmente em 'estados progressivos'. No fundo, este operador tem pelo menos os seguintes efeitos: (i) as situações comportam-se basicamente como estados; (ii) as situações télicas no Progressivo perdem a sua culminação; (iii) as culminações perdem também a sua não duração; e (iv) com "verbos de criação", as formas progressivas supõem em geral 'objectos incompletos' (ex.: <estar a construir uma casa>).

Com outros operadores passa-se o seguinte: <começar a + infinitivo> pode ocorrer com eventos (sobretudo processos culminados e processos) e estados faseáveis, resultando a leitura final num 'evento pontual'; <continuar a + infinitivo> pode combinar-se com estados não faseáveis, mas sem acarretar qualquer alteração aspectual, e ainda com estados faseáveis e eventos, resultando a leitura final num 'processo' (claro que, tratando-se de processos, não há alteração aspectual); <deixar de + infinitivo> pode ocorrer com estados, acarretando uma 'mudança de estado', com características de 'estado cessativo', e com eventos (essencialmente processos e processos culminados; com culminações, é de difícil aceitação), implicando uma leitura de 'evento pontual'; <parar de + infinitivo> (com características paralelas a <deixar de + infinitivo>) opera tipicamente sobre eventos (processos e processos culminados) e não sobre estados, marcando uma 'paragem' ou uma 'interrupção' do evento cuja leitura final é a de um 'evento pontual'; <acabar de + infinitivo>, marcando o 'fim' com características diferentes dos anteriores, opera

[40] Sobre o poder transformativo deste tempo gramatical, veja-se o que escreve ainda a A. (Oliveira 2003: 145): «A transição de um evento para um estado iterativo ou mesmo habitual operado pelo Presente permite compreender em parte por que razão as frases genéricas caracterizadoras surgem usualmente no Presente.»

sobre processos e processos culminados cuja leitura final é a de 'culminação', quase sempre, e também a de 'processo culminado', em alguns casos; e <andar a + infinitivo> opera , tal como <estar a + infinitivo>, sobre eventos e estados faseáveis, todavia a leitura final é outra: aqui, está-se na presença de um 'estado habitual' ou 'frequentativo'.

Por último, trata dos tempos gramaticais[41], mais propriamente, apresenta uma análise das informações temporais (com indicação, nos casos relevantes, de algumas incidências aspectuais e modais) de cinco tempos simples (Presente, Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito, Futuro e Futuro do Passado) e quatro compostos (Pretérito Perfeito Composto, Pretérito Mais-que-Perfeito Composto, Futuro Composto e Condicional Composto), num primeiro momento; e dos adverbiais de tempo, designadamente dos 'de localização temporal', 'de frequência' e 'de duração', num segundo momento – matérias que, por serem de natureza colateral relativamente à temática sob escopo, entendo não carecerem de outro detalhe.

4.3 O contributo de Barroso (1994)[42], de matriz coseriana (Coseriu 1976, 1977b, 1977c, 1977d e 1980) e dietrichiana (Dietrich 1983), constitui, com certeza, um texto a compulsar por todos aqueles que abordem esta temática/problemática: é que se trata, conquanto muito próxima do modelo coseriodietrichiano, de uma análise global (por isso, se calhar, não vai tão fundo quanto seria desejável) da expressão verbal perifrástica das categorias aspectuais, e respectivas subcategorias, efectivamente representadas no português contemporâneo.

Para além da Introdução e da Conclusão, este trabalho consta de quatro capítulos, dos quais os II e III constituem o seu núcleo duro. No I (Ponto da situação dos estudos de *aspecto verbal* em português: pp. 19-54), resenham-se os contributos

---

41 Num trabalho precedente, em co-autoria (Oliveira & Lopes 1995), tem-se já uma análise que aponta no sentido da que se apresenta nesta secção do que se está a recensear.

42 *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/ sincrónica* (190 pp.): tese/livro.

de autores portugueses e brasileiros em gramáticas, primeiro, e em outros estudos, depois, e, por fim, de quatro outros autores (que não portugueses nem brasileiros).

No II (Perífrases verbais, gramaticalização e *aspecto perifrástico*: pp. 55-81), estuda-se o processo de *gramaticalização* das perífrases verbais, para o que se analisa o conjunto sintagmático *auxiliar* + *auxiliado*, delimitando o auxiliar através de critérios vários e procurando conhecer os distintos graus de gramaticalização das perífrases; distinguem-se as perífrases *aspectuais* das perífrases *modais*, *temporais* e *diatéticas*; apresenta-se uma definição da categoria *aspecto*, bem como de *aspecto verbal perifrástico*; e, em último lugar, caracterizam-se os distintos níveis de realização da categoria em epígrafe: realização não gramatical (lexical e contextual) e realização gramatical (flexional e perifrástica).

No III (Estudo funcional/sincrónico das *perífrases verbais aspectuais* do português contemporâneo: pp. 83-164), considera-se, na linha de Coseriu, o aspecto verbal perifrástico como um sistema complementar (ou marginal) da conjugação fundamental, primeiro; depois, passa-se ao estudo das categorias e subcategorias aspectuais do sistema linguístico português expressas por meio de perífrases verbais, começando pela 'visão parcializadora', que compreende a 'visão angular' (expressa por <estar a + infinitivo> e <estar + gerúndio>), a 'visão comitativa' (<andar a + infinitivo>, <andar + gerúndio>, <viver + gerúndio> e <viver a + infinitivo>), a 'visão prospectiva' (<ir + gerúndio>), a 'visão retrospectiva' (<vir + gerúndio>), a 'visão continuativa' (<continuar a + infinitivo> e <continuar + gerúndio>) e a 'visão extensiva' (<ficar a + infinitivo> e <ficar + gerúndio>); passando à 'fase' (ou 'grau'), que compreende, por sua vez, a 'fase iminencial' (<estar para + infinitivo>, <andar para + infinitivo>, <ir para + infinitivo> e (<ir a + infinitivo>), a 'fase inceptiva' (<começar a + infinitivo>, <principiar a + infinitivo>, <recomeçar a + infinitivo>, <pôr-se a + infinitivo>, <passar a + infinitivo>, <romper a + infinitivo>, <deitar a + infinitivo>, <desatar a + infinitivo>, <pegar a + infinitivo>, <largar a + infinitivo>, <entrar a + infinitivo> e <meter-se a + infinitivo>), a 'fase progressiva' (<ir + gerúndio> e <vir + gerúndio>: trata-se de formas sincréticas, tanto formalmente quanto em termos de conteúdo), a 'fase continuativa' (<continuar a + infinitivo> e <conti-

nuar + gerúndio>: também formas sincréticas, tanto em termos formais como de conteúdo), a 'fase pré-final' (<estar a + acabar de + infinitivo>), a 'fase final' (<acabar de + infinitivo>) e a 'fase egressiva' (<ter + particípio flexionado>); (ao lado destas, mas marcando «'paragens' no desenvolvimento de uma acção verbal»[43], estão <parar de + infinitivo>, <cessar de + infinitivo> e <deixar de + infinitivo>); continuando com a categoria da 'colocação', que compreende, também por seu turno, o 'alinhamento' (ou 'ordem') (<começar por + infinitivo>, <começar + gerúndio> e <acabar por + infinitivo>, <acabar + gerúndio>, <terminar por + infinitivo>, <terminar + gerúndio> e <findar por + infinitivo>), a 'disposição resultante' (<vir a + infinitivo> e <chegar a + infinitivo>) e a 'demarcação' (<ir + infinitivo> e <vir + infinitivo>); depois, a categoria da 'repetição', com a subcategoria 'repetição simples' (<voltar a + infinitivo> e <tornar a + infinitivo>); da 'duração', com a subcategoria 'durativo' (ou 'duração indefinida') (<ter vindo a + infinitivo>, <ter estado a + infinitivo>, <ter andado a + infinitivo>, <ter continuado a + infinitivo> e <ter ficado a + infinitivo>); do 'resultado', que compreende o 'resultado efectivo' (<ter + particípio passado>) e o 'resultado produtivo' (<ter + objecto directo + particípio concordando em género e número com o objecto>); do 'cumprimento' (ou 'acabamento') (<estar + particípio>) e a «a não realização da acção verbal»[44] (<estar por + infinitivo>, <continuar por + infinitivo> e <ficar por + infinitivo>).

No IV (e último) capítulo (Origem das *perífrases verbais aspectuais*), de natureza periférica, dada a analogia formal e funcional das perífrases verbais aspectuais nas línguas românicas, nomeadamente no português e no castelhano, aventa-se a hipótese de terem tido uma origem comum que é, pelo que tudo indica, o grego antigo.[45]

---

[43] Barroso (1994: 134).

[44] Barroso (1994: 162).

[45] Sobre esta matéria, cf. Coseriu (1977b, 1977c e 1977d) e Dietrich (1983: 272-433).

Barroso (2000)[46], que teórico-metodologicamente se começa a diferenciar do modelo coserio-dietrichiano em que assenta Barroso (1994), como acabou de se ver, é aqui convocado sobretudo porque faz a ponte entre este último e a presente investigação – sem olvidar, naturalmente, a informação que nele se pode colher sobre tipos formais e funcionais de perífrases verbais e respectiva relação estatística (alguns valores indicativos) num *corpus* concreto (*Todos os Nomes*, de José Saramago)[47] –, e que pode ver-se já e fundamentalmente no conceito de 'sistema verbal do português hodierno' que aí apresento, ou seja: «Por tal expressão, entendemos não só (como habitualmente se faz) o conjunto das *formas verbais simples* e dos tradicionalmente denominados *tempos compostos*, mas também das *perífrases verbais simples* (designação provisória do conjunto *verbo auxiliar flexionado + com/sem preposição + verbo auxiliado não flexionado: infinitivo, gerúndio* ou *particípio*), os (também provisoriamente designados) *tempos compostos das perífrases verbais simples* (combinações desta com *ter* ou *haver* + particípio passado) e ainda os *complexos verbais perifrásticos* (designação também provisória para a combinação de duas ou mais perífrases simples, com ou sem *ter* ou *haver* + particípio passado)»[48], constituindo o que aí também designo, respectivamente, por *sistema integrado* (formas verbais simples e tempos compostos), *sistema em parte integrado* e *em parte ainda marginal* (perífrases verbais simples e tempos compostos das perífrases verbais simples) e *alargamento* e/ou *enriquecimento do sistema verbal anterior* (complexos verbais perifrásticos).[49]

4.4 A contribuição de Campos (1996)[50], entre outras eventuais razões, interessa aqui ser focada essencialmente por duas: pela chamada de atenção para a

[46] «Das *perífrases verbais* como instrumento expressivo privilegiado das categorias de natureza temporo-aspectual e simplesmente aspectual no sistema verbal do português de hoje» (15 pp.): comunicação.

[47] Barroso (2000: 91-98 e 99-101, respectivamente).

[48] Barroso (2000: 89-90).

[49] Cf., no entanto, o que aqui se diz com o que se escreve nos subcapítulos 7. e 8. do cap. II.

[50] «Para uma reinterpretação de alguns fenómenos aspectuais» (17 pp.): comunicação.

'natureza composicional do aspecto' (a primeira) e pela introdução de uma tipologia aspectual "nova" (discreto – denso – compacto), um auxiliar analítico com um forte potencial na revelação da 'construção da determinação nominal e verbal' (a segunda).

A aspectualidade composicional consiste no seguinte, e passo a citar: «o valor aspectual de uma situação só pode ser estabelecido pela integração progressiva de todos os constituintes que participam na sua definição, a saber, verbo lexical, predicado (SV), sujeito, tempo verbal, adverbial temporal-aspectual, contexto discursivo.»[51] Ainda neste âmbito, a construção dos valores aspectuais consegue-se graças à convergência de três planos: o 'plano da noção' (onde se definem e estruturam propriedades semânticas primitivas), o 'plano sintáctico-semântico' (onde se constrói e orienta a relação predicativa) e o 'plano das operações enunciativas' (onde se constroem determinações nominais e verbais, dando origem ao enunciado).

E no que diz respeito à construção da determinação, com a referida tipologia (que incide sobre propriedades semânticas, primitivas ou construídas, geralmente associadas à tipologia tradicional 'contável'/'não contável' ou 'contável'/'massivo'), temos que na determinação nominal funciona mais claramente ('discreto' corresponde à noção de 'contável': são quantificáveis por numerais, singularizáveis e pluralizáveis; a de 'denso', a 'não contável', do tipo <farinha, areia>; e 'compacto' não se deixa singularizar ou pluralizar nem directamente, como acontece com 'discreto', nem por meio de discretizadores, como no caso de 'denso') do que na verbal (uma ocorrência nocional e situacionalmente determinada é de tipo 'discreto'; só espácio-temporalmente, de tipo 'denso'; e apenas qualitativamente, de tipo 'compacto').

Em Campos (1998)[52], tem-se essencialmente uma introdução à categoria aspecto e à construção dos seus valores referenciais em português. Para isso, a A.

---

[51] Campos (1996: 77).

[52] «Aspecto e modalidade» (29 pp.): capítulo de livro.

começa por dizer que o valor referencial da categoria gramatical aspecto resulta da convergência de diversos factores, concretamente, (i) da 'natureza aspectual da relação predicativa' e (ii) de um conjunto de operações que age sobre a relação predicativa, que é o 'ponto de vista', construído pelo locutor. Fala, depois, das classes aspectuais: estados (*states*), actividades (*activities*), eventos prolongados (*accomplishments*) e eventos instantâneos (*achievements*), para o que apresenta vários exemplos comentados, concluindo que, «para a definição da natureza aspectual do objecto linguístico modalizado, concorrem, não só o predicado verbal, mas também os seus argumentos nucleares, e ainda, o adverbial marcador de localização temporal, quer associado a um intervalo de duração, quer associado a um intervalo de realização.»[53]

A seguir, a propósito do 'ponto de vista' (a segunda componente na construção do valor aspectual da relação predicativa), que diz ser a perspectiva pela qual o locutor constrói, linguisticamente, a situação representada pela relação predicativa, distingue a perspectiva que vê a situação como 'estando em curso' ou como 'constituindo um todo' em relação a um ponto tomado como referência – o que corresponde, respectivamente, às designações tradicionais de imperfectivo e perfectivo, conceitos que vai explanando através de exemplos. Ainda neste âmbito, diz que a distinção imperfectivo–perfectivo não se encontra marcada no léxico, nem em português nem na esmagadora maioria das línguas ocidentais (ao contrário do que se passa nas línguas eslavas), mas que, sim, aparece marcada nos tempos gramaticais (p. ex.: imperfeito–perfeito simples, formas progressivas–formas não progressivas, etc.). Discorre, ainda, sobre os valores 'habitual' e 'genérico' das frases, dizendo que há autores que incluem os 'genéricos' e os 'habituais' entre as situações-tipo, ao lado das actividades, dos eventos e dos estados (Campos 1998: 206) e, por fim, reporta alguns valores aspectuais e temporais expressos pelos tempos gramaticais, actualizados numa pluralidade de contextos.

---

53 Campos (1998: 202).

Campos (2002)[54], o mais recente contributo da A. a esta área do conhecimento, estrutura-se em dois momentos. No primeiro, sobre questões aspectuais, recorda alguns "postulados", como sejam: o aspecto, tanto em português quanto na maior parte das línguas ocidentais, exprime-se basicamente nos predicados verbais, nos tempos gramaticais, nas perífrases verbais e nos adverbiais aspectuais; os valores aspectuais e temporais, ainda que de manifestação principal nas formas verbais, têm a ver com o enunciado na sua globalidade, por um lado, e resultam de relações binárias entre o tempo T do enunciado – termo localizado – e uma segunda coordenada temporal T', que é termo localizador (Campos, 2002: 75), por outro lado; a construção destes valores provém da convergência da (i) natureza aspectual do predicado verbal subjacente (também dita classe aspectual ou *Aktionsart*) e de (ii) outras categorias gramaticais coocorrentes, principalmente do tempo e da determinação do argumento interno da relação predicativa (daí falar-se da natureza fortemente composicional da categoria aspecto); a distinção entre 'valor aspectual do enunciado' e 'natureza aspectual do predicado', e que esta pode centrar-se na oposição entre 'télico' e 'não-télico', ou seja, os predicados télicos representam situações delimitadas intrinsecamente, contêm na sua definição um ponto terminal inerente ou "telos" (exs.: <nascer>, <morrer>, <chegar>, <escrever o/um livro>) e os predicados atélicos, ao invés, representam situações que não contêm um ponto terminal inerente, sem quantificação intrínseca (exs.: <correr>, <nadar>, <ler>, <cantar fados>, <escrever cartas>); distinção entre 'telos nocional', intrínseco (definido pelas propriedades primitivas do verbo, por um objecto directo ou um adjunto espacial que discretizam a situação) e 'telos enunciativo', marcado temporalmente; a tipologia de classes aspectuais de Vendler (1967): estados, actividades, eventos prolongados (*accomplishments*) e eventos instantâneos ou pontuais (*achievements*): os eventos são situações télicas e os estados e as actividades, atélicas.

[54] «Questões aspectuais: algumas especificidades do português» (16 pp.): artigo.

No segundo, sobre algumas especificidades do aspecto em português, trata dos valores aspectuais do pretérito perfeito simples e nas formas compostas do pretérito (pretérito perfeito composto e pretérito mais-que-perfeito) e, ainda, dos valores de <acabar de>. Este último apresenta duas interpretações: a nocional-aspectual (que só ocorre com situações que tenham duração, marcando a passagem de um ponto previamente definido) e a temporal (com predicados télicos instantâneos). Em relação aos tempos gramaticais referidos, a A. diz o seguinte: o pretérito perfeito simples pode ter dois valores (o 'aoristo' e o 'perfeito', ou seja, situação passada com relevância no presente); o pretérito perfeito composto, com verbos estativos, tem valor de 'continuidade', e com verbos não estativos, de 'iteratividade'; o mais-que-perfeito, na forma simples, expressa 'aoristo' e, na composta, 'perfeito'.[55]

Comentário global final: apesar de parcelares (trata-se de pequenos estudos), são contributos importantes para o conhecimento da temática sob escopo: afinal, está-se na presença de outra(s) perspectiva(s) sobre o mesmo fenómeno, o que é obviamente enriquecedor, porque também complementar.

4.5 Em dois trabalhos (um em francês e o outro em português) saídos a público no mesmo ano, Barbosa (1998a)[56] e (1998b)[57], respectivamente, apresenta uma análise funcional do sistema verbal português, ou seja, diz que a classe 'verbo' se define, nesta língua, pela compatibilidade com as classes da 'pessoa' (seis monemas: P1, P2, P3, P4, P5 e P6), do 'tempo' (dois monemas: 'passado' e 'pretérito'), da 'perspectiva' (também dois monemas: 'anterior' e 'posterior'), do 'aspecto' (um único monema: 'perfeito', com valor de "accompli", como escreve o A.) e do 'modo' (quatro monemas: 'subjuntivo', 'infinitivo', 'gerúndio' e 'imperativo'). Para além disso, não tem em linha de conta a existência do monema 'particípio', consi-

[55] Entre outros estudos afins destes, da mesma autora, e cuja consulta constitui certamente uma mais-valia, refiro os três seguintes: Campos (1997a), sobre ser o pretérito perfeito composto um tempo presente(?); Campos (1997b), sobre os significados de <acabar>: ambiguidade lexical e representação metalinguística; e Campos (1997c), sobre o marcador <já>.

[56] «Le système verbal portugais» (16 pp.): comunicação.

[57] «Modalidades verbais portuguesas» (16 pp.): artigo.

derando-o, antes, ou como um adjectivo (tanto nas construções não-passivas quanto nas passivas – concordando em género e número com o nome –, porque, segundo o A., a classe da 'voz' não existe em português), ou como o segundo segmento (<-do>) do significante descontínuo, próprio do monema 'perfeito' (exs.: <tem cantado>, <tinha cantado>, <teria cantado>, etc.).[58]

A despeito de tratarem de uma temática praticamente colateral à que agora me ocupa, a convocação destes estudos justifica-se, no entanto, por duas razões: pela apresentação e caracterização do significado aspectual 'perfeito', expresso por <ter/haver ... -do> (a primeira), e, mais importante (vem ao encontro do que aqui também se defende), por se considerarem os 'tempos compostos' e os 'tempos simples' integrantes do sistema verbal do português, e não estes últimos como um sistema complementar daquele (a segunda).

4.6 Na mesma linha de pensamento dos trabalhos recenseados em 4.5 está o de Silva, P. (1998)[59] (situa-se no mesmo quadro teórico – o funcionalismo –, para além de que o autor daqueles foi, inclusive, o orientador deste). A principal diferença é que aqui são estudados exclusivamente os "tempos compostos" do sistema verbal português da actualidade (para o que parte da sua definição, designações, origem e evolução), frisando o seu autor que, já na origem, se caracterizavam por uma certa ambivalência: expressavam o estado resultante (um valor) de uma acção anterior e terminada (o outro valor) (Silva, P. 1998: 66). Em síntese, são estas as propriedades que o A. atribui às formas verbais compostas do português: <tem amado>: "perfectividade" em diversos sentidos, sobretudo "realizado" ou "concretizado", e associado ao sentido de "certo"; <terá amado>: "perfectividade distanciada"; <teria amado>: "perfectividade duplamente distanciada"; <tenha amado>: "perfectividade de algo não-afirmado em relação ao momento de referência"; <tivesse amado>: "perfectividade distanciada de algo que é comentado"; <tiver

58 Embora distintamente (também são outros os alvos), o A. já aponta nesta direcção em dois outros estudos, publicados anos antes: cf. Barbosa (1995) e (1989).

59 *Os "tempos compostos" do sistema verbal português* (171 pp.): tese de mestrado.

amado>: "perfectividade de algo posterior que é comentado"; <ter amado>: "perfectividade do sentido do monema actualizado como verbo"; e <tendo amado>: "perfectividade temporal".

Dois comentários finais: a "perfectividade" é um conceito que, apesar de tudo, não está suficientemente definido, para além de ser diferente do que é costume entender-se por tal (aspecto negativo); rejeita (Silva, P. 1998: 159) liminarmente a concepção que defende que os chamados tempos compostos constituiriam um sistema secundário relativamente ao sistema verbal primário, de que fariam parte as formas verbais dos tempos ditos simples (aspecto positivo).

4.7 O contributo de Cunha (1998)[60], que se situa na mesma linha teórica dos de Oliveira recenseados em 4.2, constitui uma referência obrigatória na investigação portuguesa da actualidade para todos quantos se dedicam ao estudo destas matérias, e por um dúplice motivo: porque se trata de um trabalho com um desenvolvimento considerável sobre as construções com progressivo no português (focalização de um ponto na ampla e complexa rede aspectual), primeiro; e por causa do conhecimento aportado, isto é, fica-se a saber o comportamento semântico das referidas construções, bem como da sua relação com outros operadores aspectuais no português de hoje, segundo.

Estruturado em três capítulos, no I (Questões gerais sobre tempo e aspecto: delimitação e convergências), trata (i) de algumas propostas fundamentais sobre as classes aspectuais de predicações, (ii) da oposição básica eventos/estados, (iii) da articulação tempo e aspecto e (iv) do aspecto e *Aktionsart*. No primeiro item, arrola, caracterizando-as, as propostas de Vendler (1967), Dowty (1979), Mourelatos (1981), Parsons (1990), Moens (1987) e Kamp & Reyle (1993). Sinopticamente: Vendler, com base em três critérios (1. predicados que admitem/não admitem a construção progressiva, 2. predicados que se combinam preferencialmente com expressões adverbiais durativas/quantitativas e 3. implicações do Progressivo rela-

60 *As construções com progressivo no português: uma abordagem semântica* (165 pp.): tese de mestrado.

tivamente ao Perfeito), distingue quatro classes (estados, actividades, *accomplishments* e *achievements*), que se diferenciam entre si por serem durativos/não durativos, dinâmicos/não dinâmicos, homogéneos/não homogéneos, télicos/não télicos, com/sem estado resultante, entre outras propriedades[61]; Dowty, com base nas noções de 'intervalo de tempo', 'momento' e 'mudança de estado' (ou da semântica de intervalos), reformula a classificação de Vendler, propondo as seguintes distinções: predicados verdadeiros relativamente a momentos/intervalos de tempo, estados/não estados e predicados de mudança de estado indefinida/definida;[62] Mourelatos, que adopta, basicamente, uma classificação tripartida e que tem muito em comum com a de Vendler (estados, processos e eventos), insiste particularmente que os tipos aspectuais devem ser atribuídos, não aos predicados, mas antes às predicações, inventariando os elementos linguísticos que contribuem para isso: (i) o significado inerente do verbo, (ii) a presença e a natureza de certos argumentos do predicado, (iii) expressões adverbiais e preposicionais, (iv) aspecto (Perfectivo e Imperfectivo), (v) os tempos gramaticais e (vi) o tempo;[63] Parsons encara o conceito de 'evento' como um "primitivo" a partir do qual se podem descrever todas as distinções aspectuais;[64] Moens, que à semelhança do autor anterior adopta a distinção 'estados'/'eventos' como a oposição fundamental no tratamento das eventualidades, ao dar grande atenção à estruturação interna dos eventos, faz com que o conceito de 'fase' se torne central neste posicionamento teórico. Daí a noção de Núcleo Aspectual (representação da estrutura fásica dos eventos) que compreende o processo preparatório (fase durativa, homogénea e atélica), o ponto de culminação (fase atómica, indivisível) e o estado resultante (fase estática e que dá conta da existência de consequências, resultado da finalização de um evento télico), e do qual decorre a sua classificação aspectual das predicações: processos (eventos constituídos apenas pela fase de 'processo

61 Sobre a essência destas propriedades e respectiva funcionalidade, cf. subcapítulo 3.1. do cap. II.

62 Para mais pormenores, cf. Cunha (1998: 8-13).

63 Para mais detalhes, cf. Cunha (1998: 13-17).

64 Para outros pormenores, cf. Cunha (1998: 19-21).

preparatório'), processos culminados (eventos constituídos pelas três fases descritas), culminações (eventos constituídos pelas duas últimas fases) e pontos (eventos constituídos apenas pelo 'ponto de culminação', sem consequências associadas). E, para dar conta da "passagem", "transição" de umas classes para outras, fala de Rede Aspectual (uma complexa teia de relações entre as várias eventualidades). Por fim, para Kamp & Reyle, os primitivos aspectuais são os conceitos de 'estado' e de 'evento'.[65]

No segundo item, desenvolve a oposição básica entre eventos e estados, com explicitação e caracterização dos respectivos subtipos. Deste modo, os primeiros descrevem situações dinâmicas, ou seja, aquelas em que se verifica uma qualquer mudança ao nível do estado de coisas que os próprios perspectivam (podem, por isso, conceber-se como estruturados a partir de fases pertencentes a um mesmo Núcleo Aspectual); os segundos, ao invés, descrevem situações não dinâmicas, isto é, aquelas em que não se verifica qualquer mudança ao nível do estado de coisas que representam, porque perspectivado como inalterado ao longo do tempo (trata-se, por conseguinte, de um "contínuo estático"). Nos primeiros, porque não se apresentam do mesmo modo (isto é, uns marcam uma fase, outros marcam outra e/ou outras), é possível distinguir os seguintes subtipos: actividades ou processos, *accomplishments* ou processos culminados, *achievements* ou culminações e pontos; nos segundos, por seu turno, porque carecem de todo de uma estrutura fásica, é impossível estabelecer quaisquer subcategorias. Em todo o caso, Moens (1987) propõe a seguinte divisão para os estativos (Cunha 1998: 29): estados lexicais (correspondem a predicações cujo valor estativo resulta da contribuição prestada por certas propriedades inerentes a determinados itens lexicais), estados progressivos (os que resultam dos efeitos da aplicação do operador aspectual Progressivo), estados resultativos (correspondem à última fase do Núcleo Aspectual, isto é, os que dão conta de forma não dinâmica das "consequências" subjacentes a grande parte das culminações), e estados habituais (os que se

[65] Para outros detalhes, cf. Cunha (1998: 27).

formam a partir da iteração de eventos, passando a ser perspectivados como um todo, e que dão origem a um "contínuo" estático). E, por fim, porque a Rede Aspectual permite a passagem de estados para processos, distingue estados faseáveis (os que podem sofrer a "transição" para eventos) dos estados não faseáveis (os que estão impedidos de se tornarem eventos).

No terceiro item, dedicado à articulação tempo/aspecto, começa-se por chamar a atenção para a 'sensibilidade' às classes aspectuais de muitos adverbiais temporais (os 'durativos' com processos e estados; os 'pontuais' com processos culminados, culminações e pontos; e os 'frequenciais', que convertem eventos em estados habituais); passando-se, num primeiro momento, a uma breve reflexão sobre o facto de os tempos gramaticais, numa língua como o português, para além das informações temporais, veicularem também várias outras de natureza aspectual, centrando particularmente o foco no Pretérito Perfeito (1. perfectivo?, 2. terminativo?, 3. passado e neutro em termos aspectuais?), mas também no Imperfeito (estatividade e carácter habitual ou frequentativo, para além de passado), Presente do Indicativo (habitual ou frequentativo) e Pretérito Perfeito Composto (para além de perspectivar uma situação como «começada no passado mas prolongando-se potencialmente até ao tempo presente»[66], parece converter as situações em estados habituais ou frequentativos); e, num segundo momento, ao estabelecimento das diferenças entre Tempo e Aspecto (1. o primeiro é um conceito basicamente "relacional" – localização de uma eventualidade em relação a um "ponto de referência" – e o segundo, ao invés, diz respeito à "perspectivação temporal do interior de uma eventualidade"; 2. porque relacional, o primeiro é uma categoria deíctica – e estabelece quase sempre relações de tipo anafórico – e o segundo, pelo contrário, é essencialmente "autónomo", no que à referência diz respeito; 3. e, em último lugar, o primeiro aborda as eventualidades de um modo essencialmente exterior, isto é, 'atomicamente' e o segundo, de modo inverso, a partir do seu próprio interior, ou seja, 'subatomicamente'); concluindo com a relação entre aspecto e

[66] Cunha (1998: 43).

Aktionsart, para o que recorda três concepções do primeiro (sentido estreito: designa apenas as 'oposições sistematicamente gramaticalizadas', relativas à perspectivação interna das situações; sentido nem estreito nem largo: refere todas as informações relativas à estruturação interna das situações morfológica ou flexionalmente marcadas; sentido largo: concepção sem restrições, ou seja, concebe-se como uma noção puramente semântica, independentemente das variações aos níveis sintáctico e morfológico), adoptando uma concepção abrangente e unificada, ou seja, o Aspecto é, antes do mais, uma noção semântica e, como tal, diz respeito à estruturação temporal interna das predicações, mantendo por isso uma certa independência relativamente às diversas propriedades sintácticas, morfológicas ou lexicais envolvidas (Cunha 1998: 49).

No capítulo II (As construções com Progressivo), depois de dizer como se obtêm (com <estar a + infinitivo>, na norma-padrão do PE, <estar + gerúndio>, em algumas variedades do Alentejo e Açores e também no PB) e que ocorrem com a quase totalidade das classes aspectuais de predicações, (i) resenha alguns problemas clássicos associados ao Progressivo em Semântica Formal, (ii) recorda algumas propostas de tratamento, (iii) reflecte sobre a articulação do Progressivo com alguns Tempos Gramaticais do português e (iv) trata da construção <estar para>. No primeiro ponto, sublinha o carácter estativo das construções progressivas (ou seja, as frases no Progressivo comportam-se basicamente como estativos), descreve o paradoxo do Imperfectivo (ou, por outras palavras, os valores de verdade das formas progressivas de eventualidades télicas não implicam a verdade do "todo" da situação correspondente) e fala da relação entre o Progressivo e as classes aspectuais de predicações (por exemplo, os *achievements*, na estrutura progressiva, perdem não só a telicidade como também a "instantaneidade", a propriedade que caracteriza este tipo de situações, e, ainda, com "verbos de criação", as formas progressivas supõem, geralmente, a existência de "objectos incompletos") (Cunha 1998: 56-69). No que diz respeito ao segundo ponto, depois de passar em revista as virtualidades e defeitos de algumas propostas (sobretudo as baseadas numa semântica de "momentos" ou "intervalos"), que não conseguem resolver certos

problemas decorrentes da actualização do Progressivo, assume que só a inclusão de um sistema composto por um Núcleo e uma Rede Aspectual (como o de Moens 1987) dá resposta satisfatória aos problemas focados, concebendo o Progressivo como um operador aspectual que converte um *input* necessariamente processual num *output* de tipo estativo (Cunha 1998: 85-91). No terceiro ponto, foca-se sobretudo a relação do Progressivo com o Imperfeito (ambos estativizam as situações em que ocorrem), o Pretérito Perfeito ("terminado", embora não intrinsecamente "concluído"), o Presente do Indicativo (não ocorre a leitura preferencialmente habitual) e o Pretérito Perfeito Composto (também torna estativas as situações em que ocorre, seja por "prolongamento" até ao presente, seja por iteração de situações) (Cunha 1998: 92-93). E, no último ponto, a propósito da possibilidade de uma interpretação que remete para o futuro das formas progressivas em inglês (o que não acontece em português), parte para a construção <estar para>, que caracteriza na eventualidade de representar aquele papel, chegando, porém, à conclusão tratar-se de uma estrutura que não se identifica nem com o Progressivo nem com um tempo futuro, mas antes suporte de um estado pré-preparatório (Cunha 1998: 94-99).

No III (e último) capítulo (Relações entre o Progressivo e outros operadores aspectuais no português), (i) faz uma caracterização geral de alguns operadores aspectuais, (ii) verifica a articulação do Progressivo com alguns operadores aspectuais e também com construções predicativas adjectivais e (iii) tece algumas considerações finais. No primeiro item, que começa pela definição de operadores aspectuais («elementos linguísticos cuja principal função é a de alterar a "perspectivação" ou a "focalização" das situações, manifestando, portanto, consequências muito relevantes ao nível da classificação aspectual das expressões com que se combinam»[67]) e pela apresentação da noção de "operação aspectual" (ou seja: as categorias aspectuais básicas são comutadas, na Rede, de forma a obter-se o *input* desejado, e este, por seu turno, sofre uma nova transição, devido à acção do

[67] Cunha (1998: 103).

operador aspectual, de modo a conseguir-se um *output* final), apresenta as características gerais dos seguintes operadores aspectuais: <começar a>, <continuar a>, <deixar de> e <parar de>, <acabar de>, <andar a>.

Porque as características gerais dos primeiros quatro operadores aspectuais se apresentam mais abaixo, a propósito da recensão a Cunha (1999), passamos de imediato às dos restantes. Assim, <acabar de>, que o A. caracteriza como um «operador que veicula o "final", a "conclusão" ou a "culminação" de um dado evento»[68], aparentemente pode ocorrer com todas as classes aspectuais, salvo estados. Porém, observando um pouco melhor, verifica-se que a sua combinação com culminações é bem diferente da da com processos e processos culminados: com aquelas, para além da informação aspectual, desempenha também um importante papel em termos temporais. Em face do exposto, <acabar de> apresenta as seguintes propriedades: processos e processos culminados como categoria-base, processo básico no *input* e culminação (ou processo culminado, se, para além de culminação, existir um processo preparatório) no *output* (Cunha 1998: 122). <Andar a>, que «descreve a ocorrência "iterada", "prolongada" ou "frequente" de um evento ou de parte(s) de um evento»[69], ocorre, tipicamente, com todas as categorias aspectuais, com excepção dos estados não faseáveis (tal qual com <estar a>); e o mesmo se passa em relação à conversão das diversas categorias aspectuais em processos (o seu *input*) e, ainda, no que ao *output* diz respeito (estados, com ambos os operadores), apenas com a diferença de que, com <estar a>, como se viu, se tem um estado progressivo e, com <andar a>, um estado habitual ou frequentativo. Portanto, e em síntese, temos: eventos e estados faseáveis como categoria-base, processo no *input* e estado habitual ou frequentativo no *output*.

No segundo item, relaciona o Progressivo com alguns outros operadores aspectuais, mais propriamente: verifica o comportamento de um e outros quando ou são

---

[68] Cunha (1998: 118).

[69] Cunha (1998: 123).

escopo de ou estão no escopo de, respectivamente, isto é, trata-se de ter em conta o carácter composicional e hierarquizado das estruturas com vários operadores. Assim, veja-se o que se passa com os que se acabaram de considerar: <começar a>, como todos os outros eventos pontuais, pode surgir no escopo do Progressivo (tem-se, nestes casos, um processo preparatório); <continuar a>: se o *output* é um estado não faseável, esta estrutura dificilmente ocorre sob o escopo do Progressivo; se, ao invés, for um processo, já é possível aparecer no seu escopo; <deixar de> comporta-se tal como <continuar a>, para além de que pode ter escopo sobre as formas progressivas; <parar de> pode surgir sem problemas dentro do escopo do Progressivo, mas o inverso já não é muito plausível; <acabar de>, no escopo do Progressivo, comporta-se tal qual as outras culminações, porém a situação inversa (o Progressivo no escopo de <acabar de>) é algo anómalo; e <andar a>, visto tratar-se de um estado de tipo não faseável, não pode ocorrer no escopo do Progressivo, e o contrário também não parece lá muito plausível (Cunha 1998: 127-135).

E no que às construções predicativas adjectivais diz respeito, o A. apresenta a seguinte relação comportamental (Cunha 1998: 146): <ser ADJ> expressa estado (propriedades de um indivíduo); <estar ADJ> e <continuar ADJ>, estado (manifestações temporalmente limitadas de um indivíduo); <andar ADJ>, estado habitual ou frequentativo; e <ficar ADJ>, culminação com estado resultante expresso.

No último item, reflecte sobre questões de estrutura e organização da sua própria investigação (opção de caracterizar o Progressivo como um operador aspectual que converte processos em estados) e sobre problemas e questões em aberto (o que se deve entender exactamente por Perfectividade e qual a estrutura que melhor a expressa no português: <ter + particípio>? ou <ter + OD + particípio flexionado>?; a dificuldade em se encontrar uma definição incontrovertida e rigorosa de 'estado'; outra vez sobre o carácter estativo das formas progressivas; construções progressivas: estados faseáveis" ou "não faseáveis"?), concluindo (caracterização semântica de <estar a> em contextos de ocorrência muito diversificados e a noção de 'operador aspectual', fundamental para a dilucidação das suas funções e propriedades)

com a chamada de atenção para as interacções entre os diversos operadores e entre estes e os Tempos Gramaticais do português (perspectivas futuras).

Em Cunha (1999)[70], temos praticamente uma (espécie de) síntese do capítulo terceiro de Cunha (1998), com excepção das quatro páginas iniciais onde, evidentemente, se procede à apresentação dos pressupostos teóricos (Núcleo Aspectual: processo preparatório, ponto de culminação e estado resultante; classes aspectuais de eventos: processos, processos culminados, pontos, culminações e estados e respectiva caracterização, com a divisão fundamental entre estados [+ "faseáveis"] e estados [– "faseáveis"]; Rede Aspectual: "transições" ou "comutações" – do *input* para o *output* ou da configuração aspectual) e à caracterização do Progressivo e respectivos problemas, decorrentes estes últimos sobretudo da sua análise no âmbito de uma semântica de intervalos.

O núcleo deste trabalho consiste, pois, na caracterização geral dos seguintes cinco operadores aspectuais: <começar a> e <passar a>, <continuar a>, <deixar de> e <parar de>. <Começar a>, que o A. caracteriza «como representando a passagem de um "não evento" a um evento, ou, dito de outra forma, como o momento que marca o início de uma nova situação»[71], pode aparecer combinado com praticamente todas as classes aspectuais (salvo os estados que não se podem converter em processos e talvez também algumas culminações), ou seja: eventos e estados faseáveis como categoria-base, fase pré-preparatória no *input* e evento pontual no *output*. <Passar a>, apesar de semanticamente ser semelhante ao anterior (permanece a ideia de passagem de uma "não eventualidade" a uma eventualidade) (Cunha 1999: 453), distingue-se em todo o caso dele por aspectualmente serem outras as suas restrições combinatórias: como *input* só fases preliminares de formas estativas e como *output* só estados, o que quer dizer que o efeito deste operador é «a 'passagem' de um estado pré-preparatório a um estado de natureza aspectual idêntica.»[72] <Continuar a>, que «perspectiva uma eventualidade (durati-

70 «Breve análise semântica de alguns operadores aspectuais do português» (16 pp.): comunicação.

71 Cunha (1999: 451).

72 Cunha (1999: 453).

va) no seu "prolongamento" ou "continuação", isto é, dá conta de um intervalo não inicial de uma situação»[73], ocorre com estados não faseáveis (permanecendo como tal tanto no *input* quanto no *output*) e com eventos e estados faseáveis (portanto, processo quer no *input* quer no *output*); para além disso, há algumas dificuldades em combiná-lo com certas culminações e, com pontos, só depois de convertidos, por iteração, em processos (Cunha 1999: 454). <Deixar de>, que «designa passagem de um evento não completo a um "não evento", ou seja, descreve a "cessação" ou "interrupção" de uma dada eventualidade»[74], ocorre quer com estados não faseáveis (sendo também este o seu *input*; o *output* é um estado cessativo), quer com estados faseáveis e eventos (subsistindo alguma dificuldade na sua combinação com culminações) – o que quer dizer que, neste caso, se tem um processo como *input* e um evento pontual + estado cessativo como *output*. E, por fim, <parar de>, que «descreve a "interrupção" ou "paragem" de um dado evento»[75], parece não poder aplicar-se a estados nem a culminações, mas ocorrendo exclusivamente com processos e processos culminados (Cunha 1999: 459): processo básico como *input* e evento pontual (+ estado cessativo) como *output*.

4.8 Um outro contributo importante, ainda que não desenvolvido, para o conhecimento da temática-objecto de estudo na presente pesquisa – e que naturalmente contribui para a percepção do aspecto enquanto categoria da verbalidade – é o de Oliveira & Cunha & Matos (2001)[76] que, no fundo, consiste numa breve (as circunstâncias também não permitem aprofundamentos) análise de alguns operadores aspectuais em PE e PB. Para isso, e numa espécie de introdução, assinalam nas duas variedades do português casos de construções plenamente paralelas (<começar a, passar a, deixar de, chegar a, parar de + infinitivo>), parcial ou varia-

[73] Cunha (1999: 454).

[74] Cunha (1999: 456).

[75] Cunha (1999: 458).

[76] «Alguns operadores aspectuais em português europeu e português brasileiro» (13 pp.): comunicação.

velmente correspondentes (<continuar a + infinitivo>/ <continuar + gerúndio>, <acabar de + infinitivo>/ <acabar + gerúndio> ou <acabar de/ por + infinitivo>) e divergentes (<estar a + infinitivo>, <estar + gerúndio>, <ficar a + infinitivo> e <ficar + gerúndio>) que, tendo em atenção as construções em que ocorrem, consideram operadores aspectuais porque «operam alterações no *output* e permitem verificar que são despoletadas comutações aspectuais na base, ou seja, no tipo aspectual de predicado de partida, determinando também, em vários casos, que o próprio tipo aspectual de *input* seja alterado para poder ocorrer com certos operadores, não criando anomalias semânticas.»[77]

Depois, para se poder proceder à descrição do anunciado, apresenta-se a tipologia aspectual usada (a de Moens 1987, que é muito semelhante à de Vendler 1967): estados e eventos (oposição básica) e estados lexicais (não faseáveis – do tipo <ser verde>, <ser alto> – e faseáveis – do tipo <ser simpático>)[78], estados progressivos, estados consequentes e estados habituais, por um lado, e processos (paralelo a *activities*), processos culminados (*accomplishments*), culminações (*achievements*) e pontos (diferentes de culminações por não admitirem estado consequente), por outro lado, classificação aspectual das predicações esta que tem a sua génese no Núcleo Aspectual (também Moens 1987), constituído por três fases principais: processo preparatório (fase de tipo processual e durativo), ponto de culminação (fase pontual que pressupõe uma mudança) e estado consequente (que descreve algumas consequências associadas a alguns pontos de culminação), a que se associa estreitamente uma Rede Aspectual (fenómeno que permite, sob certas condições, a transição de um determinado tipo aspectual para outro).

Feita a apresentação dos pressupostos teóricos, passam à descrição do Progressivo em relação com alguns outros operadores nas duas variedades do português referidas, começando por dizer que aquele pode ocorrer com qualquer tipo de

---

[77] Oliveira & Cunha & Matos (2001: 737).

[78] Sobre esta distinção, cf. Cunha (1998: 31 e 1999: 448-449).

evento, excepto com estados não faseáveis, tanto numa variante quanto na outra – o que quer significar que o *input* terá que ser um processo e o *output* um estado (progressivo). Para além disso, em termos temporais, o contraste entre o Presente do Indicativo e o Presente Progressivo, com excepção de uma "leitura de futuro" para a construção com gerúndio, permite asseverar que, igualmente nas duas variedades do português em questão, o primeiro é só com estados que mantém características temporais porque, com eventos, transforma-os em estados habituais – o que quer dizer que, nestes casos, o Presente Progressivo é que é o responsável pela informação temporal de sobreposição (total ou parcial) com o tempo da enunciação (Oliveira & Cunha & Matos 2001: 739).

No que diz respeito aos outros operadores, temos que <estar para + infinitivo> pode ocorrer com todos os tipos aspectuais, excepto com estados não faseáveis, quando se faz a medição de uma fase pré-preparatória. Por este motivo, os AA. consideram que «não se trata de um *operador aspectual*, mas antes de um *perspectivador*, que mede a duração da fase pré-preparatória, marcando eventualmente o começo da fase preparatória.»[79] <Andar a + infinitivo> e <andar + gerúndio> são semanticamente aparentados com <estar a + infinitivo> e <estar + gerúndio>, isto é, (i) ocorrem com eventos e estados faseáveis, (ii) o *input* é um processo (básico ou derivado) e (iii) só mesmo no *output* é que divergem: naqueles é um estado habitual e, nestes, como já se disse, um estado progressivo. <Ficar a + infinitivo> e <ficar + gerúndio> também são afins do Progressivo, ou seja, (i) admitem, no seu escopo, estados faseáveis e eventos, (ii) o *input* é um processo (igualmente básico ou derivado) e (iii) o *output* é, nestes, diferentemente do Progressivo, um evento pontual + estado consequente. E, por fim, <continuar a + infinitivo> e <continuar + gerúndio>, ao contrário dos operadores aspectuais precedentes, coocorrem com qualquer classe aspectual de predicação (Oliveira & Cunha & Matos 2001: 744) e, por consequência, tanto no *input* quanto no *output*, temos ou estados não faseáveis

79 Oliveira & Cunha & Matos (2001: 740).

ou processos pois, segundo os AA., <continuar a> «participa em duas estruturas aspectuais marcadamente divergentes»[80].

4.9 A última contribuição de autoria portuguesa que convoco a esta espécie de ponto de situação dos estudos sobre o aspecto no português é a de Duarte & Brito (2003)[81]. Trata-se de uma apresentação-caracterização sumária (como é próprio de um subcapítulo de uma gramática), mas límpida (o que facilita enormemente a leitura a consulentes desconhecedores e/ou não dominadores destas matérias), para além de utilitária, dos diferentes tipos de situações e tipos aspectuais de verbos que as descrevem, bem como da relação entre estes últimos e a respectiva estrutura argumental.

As AA. começam por distinguir estados (situações não dinâmicas) de eventos e processos (situações dinâmicas, não estativas), dizendo que os primeiros são descritos por verbos estativos e os segundos, por verbos não estativos – dois tipos de verbos cuja diferença radica na impossibilidade (os primeiros)/ possibilidade (os segundos) de ocorrerem em frases imperativas.

Caracterizam, a seguir, as situações dinâmicas, que se distinguem entre si (i) por tenderem ou não para um fim (respectivamente, télicas ou atélicas), (ii) por terem ou não duração e (iii) por apresentarem ou não estado resultante: as situações dinâmicas atélicas (denominadas processos) caracterizam-se porque a duração se apresenta sem delimitação (admitindo, por conseguinte, expressões adverbiais durativas); as télicas, ao invés, por apresentarem uma duração delimitada, porém distintamente, ou seja: os de duração razoavelmente longa (processos culminados), os de duração breve (culminações) e os de nenhuma duração (pontos); e estes três últimos distinguem-se, ainda, porque os processos culminados e as culminações exibem estado consequente e os pontos, não.

---

[80] Oliveira & Cunha & Matos (2001: 746-747).

[81] «Tipos de situações e tipologia aspectual dos verbos» e «Natureza aspectual do verbo e respectiva estrutura argumental» (8 pp.): subcapítulos de gramática.

Por fim, averiguam que os distintos tipos aspectuais de verbos pertencem (ou podem pertencer) a várias classes. Assim, são 'estativos' (aqueles que descrevem estados) verbos existenciais (exs.: <existir>, <haver>, <ser>), locativos de dois lugares (exs.: <morar>, <residir>), de posse (exs.: <ter>, <pertencer>), epistémicos (ex.: <saber>), perceptivos (ex.: <ver>), psicológicos não causativos (ex.: <gostar>) e copulativos (exs.: <ser>, <andar>); 'de processo', verbos meteorológicos (exs.: <chover>, <nevar>), inergativos de actividade física (exs.: <chorar>, <dançar>), de movimento (exs.: <correr>, <nadar>) e também transitivos com incorporação do objecto (ex.: <A Teresa já *comeu*>), 'plurais simples' (ex.: <O João *escreve* [poemas]>) ou massivos (ex.: <O Carlos *bebe* [vinho]>); 'de processo culminado', verbos binários e ternários de tipo causativo ou agentivo, em que o argumento interno exprime o resultado ou a entidade criada ou afectada pelo processo (exs.: <destruir>, <dar>, <comprar>, <deslocar>, <escrever>); 'de culminação', verbos unários de movimento, de aparecimento e desaparecimento em cena, mudança de estado (exs.: <chegar>, <sair>, <nascer>, <morrer>, <falecer>, <murchar>, <rejuvenescer>) e alguns predicados binários ou ternários que denotam processo pontual (exs.: <ganhar (a corrida)>, <conseguir (o prémio)>, <pedir (algo)>, <descobrir (a solução do problema)>); e 'pontuais', verbos unários com o argumento Tema ou Experienciador seleccionado para sujeito (exs.: <espirrar>, <suspirar>).

No presente capítulo, como se viu pela apresentação de um conjunto de contribuições à temática/problemática em epígrafe, ao "relegarem-se" para segundo plano certos tratamentos e ao "destacarem-se" certos outros, fui apontando já numa determinada direcção a minha própria maneira de conduzir a investigação que ora tenho em mãos – o que se verá melhor no capítulo que se segue e, de modo concreto, nos capítulos III a V. Assim (denunciando sentido de unidade e coerência textual), neste capítulo I, aponta-se na direcção de uma orientação; no capítulo II, traçam-se as respectivas coordenadas de natureza teórica, bem como as de carácter metodológico; e, nos capítulos III a V, faz-se a aplicação do procedimento/modelo teórico-metodológico assim construído.

CAPÍTULO II

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

1. Introdução

Este capítulo, como aliás o título o explicita, trata dos pressupostos teórico-metodológicos implicados na presente investigação. Antes, porém, de proceder à sua discriminação propriamente dita, vou apresentar onze citações de igual número de autores, intercaladas por uma síntese-comentário, com uma dupla finalidade: por um lado, a de funcionarem como meio para melhor conhecer a natureza e constituição tanto da categoria aspecto quanto da noção semântica aspectualidade e, por outro, a de lhes servirem *grosso modo* de introdução-apresentação.

Posto isto, procede-se à identificação do aspecto verbal (ou do aspecto enquanto categoria da verbalidade ou, se calhar melhor, como propriedade das línguas que se manifesta particularmente na categoria sintáctica verbo), definindo-o e caracterizando os respectivos processos expressivos, bem como as tipologias constituintes, ou seja: do aspecto lexical (ou dos significados aspectuais contidos nos lexemas e/ou predicados verbais), que compreende cinco tipos (processos, processos culminados, culminações, pontos e estados, descritos linguisticamente por predicados verbais de processo, de processo culminado, de culminação, pontuais e estativos, respectivamen-

te), e do aspecto gramatical (ou dos significados aspectuais manifestados especialmente pelos sufixos próprios da flexão verbal e/ou pelas construções perifrásticas), que compreende, por isso, dois tipos (o aspecto flexional e o aspecto perifrástico, de expressão, respectivamente, morfológica e morfo-sintáctica), fazendo ainda uma breve referência à natureza composicional do aspecto lexical.

Depois, e dado que as formas verbais que expressam o progressivo, o progressivocomitativo e o progressivogradativo são determinadas sintagmaticamente, a sua cabal compreensão exige o (re)conhecimento dos fenómenos/processos linguísticos de auxiliarização (noção, características específicas) e gramaticalização (conceito, mecanismos, motivações) e dos termos correlacionados verbo auxiliar (principais critérios de identificação) e perífrase (também biperífrase e multiperífrase) verbal (fases de gramaticalização), respectivamente.

Na secção seguinte, traçam-se as coordenadas do modelo descritivo aqui desenvolvido, para dar conta não só das formas verbais efectivamente analisadas (todas perifrásticas), mas também das demais outras agora não contempladas (simples, compostas, as restantes perifrásticas, biperifrásticas e multiperifrásticas), a saber: (i) estrutura do sistema verbal do português actual (1.º nível: formas verbais simples e compostas; 2.º nível: formas verbais perifrásticas; 3.º nível: formas verbais bi e multiperifrásticas), (ii) sistema aspectual verbal do português da actualidade (descrição da constituição temporal interna, do resultado/não-resultado, da orientação e da quantificação específica das situações) e (iii) variação e especialização linguísticas (especialmente formas alternativas linguisticamente condicionadas ou variantes combinatórias e não linguisticamente condicionadas ou variantes livres; e especificações idiossincráticas do significado geral, prototípico).

Depois, trata-se da constituição do *corpus* e/ou dos *corpora* (relação fontes/número de excertos fornecidos; suas cronologia e natureza diversificada; e algumas comparações de carácter estatístico) e respectivas finalidades (núcleo da presente investigação; indagação da combinatória morfo-sintáctico-semântico-

lexical efectiva; averiguação da frequência de ocorrência; possibilidade de didacticamente funcionarem como "paradigmas").

No penúltimo subcapítulo, procede-se à identificação das formas constituintes do sistema verbal do português actual, com destaque naturalmente para o subsistema das formas verbais perifrásticas, e respectiva denominação (uma proposta própria em confronto com outras).

Por fim, e muito brevemente, procura-se determinar a estrutura aspectual das formas verbais perifrásticas, particularmente das que descrevem a constituição temporal interna das situações, porquanto é de algumas destas últimas que o presente trabalho se ocupa, sem deixar de indagar também do seu grau de integração no sistema verbal.

2. Do aspecto e da aspectualidade

Por forma a que nos inteiremos da essência (natureza e constituição) tanto da categoria linguística aspecto quanto da noção semântica aspectualidade, apresentam-se a seguir onze excertos provenientes de onze textos de outros tantos autores, escritos e publicados entre 1976 e 1999, e que faço imediatamente acompanhar, à medida que os vou transcrevendo, de uma síntese-comentário – como já referi.

> 1. As the general definition of aspect, we may take the formulation that 'aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation'.
>
> However, although both aspect and tense are concerned with time, they are concerned with time in very different ways. As noted above, tense is a deictic category, i.e. locates situations in time, usually with reference to the present moment, though also with reference to other situations. Aspect is not concerned with relating the time of the situation to any other time-point, but rather with the internal temporal constituency of the one situation; one could state the difference as one between situation-internal time (aspect) and situation-external time (tense).
>
> Just as some languages do not grammaticalise time reference to give tenses, so some languages do not grammaticalise semantic aspectual distinctions to give aspects.
>
> In this book, the terms 'perfect' and 'perfective' are used in very different senses

> from one another. The term 'perfective' contrasts with 'imperfective', and denotes a situation viewed in its entirety, without regard to internal temporal constituency; the term 'perfect' refers to a past situation which has present relevance, for instance the present result of a past event (*his arm has been broken*).
>
> In discussing aspect, it is often necessary to refer to the differences between states, events, processes, etc.; [...]. However, while ordinary nontechnical language provides, with a limited amount of systematisation, a metalanguage for these various subdivisions, it does not provide any general term to subsume them all. In the present work the term 'situation' is used as this general cover-term, i.e. a situation may be either a state, or an event, or a process. [...]. For the present, we may take the distinction as follows: states are static, i.e. continue as before unless changed, whereas events and processes are dynamic, i.e. require a continual input of energy if they are not to come to an end; events are dynamic situations viewed as a complete whole (perfectively), whereas processes are dynamic situations viewed in progress, from within (imperfectively).[1]

Para Comrie – acaba de ler-se –, 'os aspectos são diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna de uma situação'. Para além disso, o tempo e o aspecto têm a ver com o Tempo[2] (*time*), mas de modos muito diferentes: o primeiro é uma categoria deíctica, isto é, localiza situações no Tempo, habitualmente em relação ao momento presente, mas também relativamente a outras situações; o segundo, ao invés, não diz respeito à relação do Tempo da situação com um qualquer ponto Temporal, mas antes à constituição temporal interna de uma situação, ou seja: situação-Tempo interno (aspecto) e situação-Tempo externo (tempo).

Recorda, a seguir, que assim como há línguas que não gramaticalizam o Tempo para dar origem a tempos (*tenses*), também há línguas que não gramaticalizam as distinções semanticamente aspectuais para criar aspectos.

---

[1] Comrie (1976: 3, 5, 7-8, 12 e 13).

[2] Desta maneira, servindo-me da maiúscula (Tempo, Temporal), por oposição à minúscula (tempo), pretendo distinguir o 'fenómeno tempo' do 'tempo gramatical', que as línguas inglesa e alemã tão bem distinguem lexicalmente, *time* e *tense* (inglês) e *Zeit* e *Tempus* (alemão), respectivamente.

Distingue inequivocamente os termos 'perfeito' e 'perfectivo', dizendo que este último contrasta com o 'imperfectivo' porque denota uma situação vista na sua integridade (ou de modo inteiro), sem atender à constituição temporal interna (própria do segundo), e que o termo 'perfeito' se refere a uma situação passada que tem relevância presente.

Por fim, chama a atenção para o facto de que, ao tratar-se do aspecto, é muitas vezes necessário referir as diferenças entre estados, eventos, processos, etc., que, por carecerem na literatura da especialidade de um termo geral que os compreenda a todos, passa a designar pelo genérico 'situação', ou seja, uma situação pode ser ou um estado, ou um evento, ou um processo, propondo as seguintes distinções: os estados são estáticos, isto é, continuam como antes, sem mudar, ao passo que os eventos e os processos são dinâmicos, isto é, requerem um *input* de energia contínuo, caso não estejam a encaminhar-se para um fim; os eventos são situações dinâmicas vistas como um todo completo (perfectivamente), enquanto os processos são situações dinâmicas vistas em progresso, de dentro (imperfectivamente).

Como se verá na Parte II, tanto o conceito de 'aspecto' (que se opõe ao de 'tempo' por ter a ver com a constituição temporal interna das situações) quanto os de 'situação' e respectivas subespécies ('estados', 'eventos' e 'processos') são aspectos contemplados – em todo o caso não necessariamente assim – na análise-descrição que aí se faz das formas verbais que são objecto de estudo da presente investigação.

> 2. Se invece consideriamo un determinato processo da un punto di vista (per così dire) immanente, ossia avendo di mira la sua intima costituzione e le sue specifiche modalità di svolgimento (piuttosto che la sua localizzazione nel tempo e la rete di rapporti temporali in cui è inserito), allora quelle che vengono portate in primo piano non sono le proprietà specificamente temporali del verbo, bensì le sue proprietà aspettuali. Ad es., noi possiamo considerare una data situazione nella sua globalità, come un singolo processo non ulteriormente analizzabile; oppure la possiamo cogliere in una certa fase del suo svolgimento; ovvero possiamo considerarla nel perdurare del suo risultato, anziché nel suo svolgersi; o ancora, possiamo insistere sull'abitualità con cui la situazione

> stessa tende a presentarsi; e così via.
>
> Venendo ora a questioni più di sostanza, occorre ricordare che il concetto di Azione è di natura eminentemente semantico-lessicale, cioè è legato al significato del singolo lessema considerato. Questa prima osservazione ci consente già di distinguere l'Azione dall'Aspetto, essendo quest'ultima una nozione di natura tendenzialmente morfologica oltreché beninteso di natura semantica. In effetti, l'Aspetto è palesato, almeno nelle lingue che meglio si caratterizzano da questo punto di vista, dalla commutazione tra diversi Tempi verbali: si pensi, per l'italiano, alla già citata opposizione tra Imperfetto e Perfetti. Viceversa, l'Azione non viene, normalmente, intaccata dalla coniugazione.[3]

Bertinetto refere, por seu turno, que se se considerar um determinado processo de um ponto de vista imanente, ou seja, tendo em consideração a sua constituição interna e as suas modalidades de desenvolvimento específicas (mais do que a sua localização no Tempo e a rede de relações temporais em que está inserido), o que ocorre em primeiro plano já não são as propriedades especificamente temporais do verbo, mas antes as suas propriedades aspectuais. Por exemplo, pode-se considerar uma dada situação na sua globalidade, como um processo singular, não analisável ulteriormente; ou interceptá-la numa certa fase do seu desenvolvimento; ou considerá-la no perdurar do seu resultado, mais que no seu desenrolar-se; ou, ainda, insistir na habitualidade com que a própria situação tende a apresentar-se; etc.

Entrando mais em questões de substância, o A. recorda que o conceito de acção (*azione*) (ou 'modalidade de acção' ou, ainda, *Aktionsart*) é de natureza eminentemente semântico-lexical, isto é, está ligado ao significado do lexema individualmente considerado. Esta primeira observação permite já distinguir a acção do aspecto, tratando-se este último de uma noção de natureza tendencialmente morfológica, para além de naturalmente semântica. Com efeito, o aspecto manifesta-se, pelo menos nas línguas que melhor se caracterizam deste ponto de vista, pela comutação entre diversos tempos verbais: pense-se, para o italiano, na opo-

[3] Bertinetto (1986: 76 e 84).

sição entre imperfeito e perfeitos. De modo inverso, a acção não é, normalmente, realizada pela conjugação.

Entre outros aspectos, insiste-se (i) na oposição entre propriedades temporais e propriedades aspectuais, considerando-as resultado de dois pontos de vista distintos sobre o mesmo fenómeno (Tempo/temporalidade), (ii) nas considerações perfectiva ou imperfectiva e no resultado ou habitualidade de uma situação e (iii) na oposição entre acção e aspecto: a primeira de natureza eminentemente semântico-lexical e o segundo de natureza tendencialmente morfológica. São aspectos, particularmente estes últimos, de que também tratarei na análise-descrição levada a cabo na Parte II, conforme já referi.

> 3. Les définitions les plus courantes de l'aspect illustrent deux conceptions pas toujours clairement exprimées et qui parfois, chez les mêmes auteurs, se substituent l'une à l'autre dans une oscillation insidieuse.
>
> La première reconnaît comme aspectif tout ce qui dans le verbe ne relève pas du temps situé (non plus, bien entendu, que des catégories reconnues du mode, de la voix et de la personne).
>
> La seconde conception, plus synthétique, se charge d'un contenu positif: est aspectif tout ce qui dans un verbe relève de la notion de **durèe** du procès.[4]

Na opinião de Cohen, como acaba de se ler, as definições mais correntes do aspecto ilustram duas concepções nem sempre claramente expressas e que, por vezes, nos mesmos autores, se substituem uma à outra numa oscilação insidiosa, a saber: a primeira reconhece como aspectivo tudo o que no verbo não releva do tempo situado (e, claro, das categorias do modo, da voz e da pessoa); a segunda, mais sintética e de conteúdo positivo, reconhece ser aspectivo tudo o que num verbo releva da noção de duração do processo.

A segunda concepção do aspecto aproxima-se, sem de modo algum coincidir, da assumida nesta investigação e considerada como propriedade nuclear da categoria em epígrafe, ou seja, a constituição temporal interna das situações.

---

[4] Cohen (1989: 15, 16 e 17).

> 4. On entend par *Aktionsart* le mode d'action impliqué dans le lexème verbal indépendamment de ses réalisations grammaticales: ainsi les verbes *schlafen* et *dormir* expriment un procès impliquant une certaine durée, quel que soit le temps grammatical, avec lequel ils sont réalisés, et sont appelés à ce titre "duratifs". Cet aspect lexical constitue donc une «qualité sémantique **invariante**» [...] du verbe: il peut être dit "**objectif**" au sens où le locuteur n'a aucun moyen de le modifier. En revanche, l'aspect grammatical, dont nous parlons pour l'instant au singulier, se présente comme une variation signifiante du verbe, liée à un choix du locuteur, et à ce titre "**subjective**" [...]: que le verbe soit duratif (*schlafen*, *dormir*) ou ponctuel (*platzen* et *éclater*), le locuteur a le choix de présenter le procès dans la perspective résultative dite de l'accompli (par exemple PERF ou PC) ou du non accompli (par exemple PRÄS ou PRES).[5]

Confais entende por *Aktionsart* o modo de acção implicado no lexema verbal independentemente das suas realizações gramaticais, e exemplifica com <schlafen> (alemão) e <dormir> (francês), verbos que exprimem um processo que implica uma certa duração, seja qual for o tempo gramatical com o qual se combinem: são por isso denominados "durativos". Diz que este aspecto lexical constitui uma «qualidade semântica invariante» do verbo: pode dizer-se "objectivo" porque o locutor não dispõe de nenhum meio para o modificar. Pelo contrário, o aspecto gramatical apresenta-se como uma variação significante do verbo, ligada a uma escolha do locutor, por isso "subjectiva": seja o verbo durativo (<schlafen>, <dormir>) ou pontual (<platzen>, <éclater>), o locutor pode optar por apresentar o processo na perspectiva resultativa dita do *accompli* (p. ex., Perfekt ou passé composé) ou do *non accompli* (p. ex., Präsens ou présent).

Distingue-se, aqui, nitidamente entre aspecto lexical («qualidade semântica invariante» do verbo, de natureza "objectiva") e aspecto gramatical ("variação significante" do verbo, de natureza "subjectiva"), apenas de expressão flexional. Muito embora se faça o mesmo na presente investigação, a análise-descrição das formas verbais que se apresenta na Parte II tem em consideração a interacção

[5] Confais (1990: 148).

entre aspecto gramatical, aqui exclusivamente de expressão perifrástica, e aspecto lexical.

> 5. In summary, the Aristotelian categorization represents a classification of situations (and the linguistic expressions denoting these) in terms of abstract phasic structures. The *Aktionsarten* represent rather a classification of (expressions for) phases of situations and subsituations. But aspect proper is a distinction having to do with the relationship of a situation to the temporal frame against which it is set; it does not classify types of occurrences. [...] As regards the universality of aspectual systems, there are initially several possibilities. There may be a universal set of possible categories from which languages pick and choose. There may be implicational universals – in effect, tendencies: if a language does such and such, then it is likely to act thus. Or it may be that there are a small, discrete set of categories, so that aspect may be "parameterized": there may be only a small number of ways in which aspectual systems may differ, and in general they might be essentially the same.[6]

Para Binnick, a categorização aristotélica representa uma classificação de situações (e as expressões linguísticas que as denotam) em termos de estruturas fásicas abstractas. As *Aktionsarten* representam, por seu turno, uma classificação de (expressões para) fases de situações e subsituações. Mas o aspecto propriamente dito é uma distinção que tem a ver com a relação de uma situação relativamente ao quadro Temporal a que se opõe; não classifica tipos de ocorrências.

Quanto à universalidade dos sistemas aspectuais, há inicialmente diversas possibilidades. Pode haver um conjunto universal de categorias possíveis de que as línguas se servem selectivamente. Pode haver universais implicacionais – na realidade, tendências: se uma língua faz isto e aquilo, então é provável que se comporte assim. Ou pode ser que haja um conjunto de categorias pequeno, discreto, que o aspecto pode ser "parametrizado": pode haver só um número pequeno de aspectos em que os sistemas aspectuais podem divergir, e em geral podem ser essencialmente os mesmos.

---

[6] Binnick (1991: 213).

A despeito de, em termos aspectuais, estarmos diante de uma classificação tripartida, no fundo o que está em causa é, de um lado, o aspecto lexical ('categorização aristotélica', que tem a ver com a distinção dos tipos de situações linguisticamente representadas, e '*Aktionsarten*', que dizem respeito às fases de situações) e, de outro, o aspecto gramatical (o 'aspecto propriamente dito').

Para além disso, discorre-se sobre a universalidade dos sistemas aspectuais, aventando três hipóteses: (i) conjunto universal de categorias possíveis, (ii) universais implicacionais (tendências) e (iii) parametrização: sistemas aspectuais com poucas facetas divergentes e que, em geral, são essencialmente os mesmos.

> 6.1 Aspektualität findet in den slavischen Sprachen ihren formalen Ausdruck in den Verbkategorien Aspekt und Aktionsarten, jedoch sind bei ihrer Realisierung, das sei bereits vorweggenommen, weitere Faktoren zu berücksichtigen, so dass sich z.B. für das Russische folgende Komponenten des Feldes Aspektualität ergeben:
>
> 1) Verbalaspekt,
> 2) Aktionsarten,
> 3) Verbalcharakter und -semantik,
> 4) nicht-verbale lexikalische Mittel,
> 5) satzsyntaktische Mittel,
> 6) textlinguistische Mittel.
>
> Bereits an dieser Aufgliederung für slavische Belange kann man erkennen, dass Aspektualität über die Grenzen des Verbalsystems hinausreicht.[7]

Deste excerto sobressai o seguinte: apesar de a aspectualidade nas línguas eslavas encontrar a sua expressão formal nas categorias verbais aspecto e *Aktionsarten*, na sua realização, todavia, outros factores têm de ser tomados em consideração. Por exemplo, em russo, contam-se as seguintes componentes do campo da aspectualidade: (i) aspecto verbal, (ii), *Aktionsarten*, (iii), carácter e semântica verbais, (iv) meios lexicais não-verbais, (v) meios sintáctico-proposicionais e (vi) meios de "linguística textual".

---

[7] Schwall (1991: 3).

Pelo que acaba de se expor, fica claro que o conceito de aspectualidade ultrapassa os limites do sistema verbal.

> 6.2 Der Verbalaspekt ist eine den slavischen Sprachen eigene Erscheinung, wobei jedes Verb primär, d.h. vor jeder temporalen Differenzierung, eine aspektuelle Zuordnung erfährt: Eine Handlung ohne aspektuelle Differenzierung ist nicht denkbar. Die Vorstellung des Sprechers von der Handlung als solcher korreliert mit dieser aspektuellen Unterscheidung; hierbei ist zu beachten, dass diese gedankliche Differenzierung sich in der Regel aus dem realen Standpunkt des Sprechers ergibt, d.h. der Verbalaspekt ist in der Regel als eine 'intersubjektiv erfahrbare' Größe einzuschätzen, da dem Sprecher nicht die freie Wahl des pf oder des ipf Aspekts überlassen wird. Die Ausnahme der Regel stellen die Fälle von Aspektkonkurrenz dar; hier spielen gewisse Nuancierungen eine Rolle, da der Sprecher auf jeden Fall, gleich welchen Aspekt er wählt, die gleiche außersprachliche Wirklichkeit bezeichnet. Generell ist der Verbalaspekt jedoch nicht als eine fakultative Kategorie anzusehen, da der Sprecher nicht willkürlich den Aspekt setzen kann: Er muss sich nach den realen Bedingungen seines Standpunktes richten, da diese seine Vorstellung von der Handlung schon wesentlich determinieren. Bereits hier offenbart sich die Grammatikalität der Kategorie Aspekt.[8]

Neste segundo excerto do mesmo texto, Schwall escreve que o aspecto verbal é um fenómeno próprio das línguas eslavas, pois qualquer verbo é afectado primariamente (isto é, antes de receber qualquer diferenciação temporal) por uma incorporação aspectual: uma acção (processo) não é pensável sem diferenciação aspectual. Aquilo que o falante pensa de uma acção (ou processo) enquanto tal está correlacionado com esta diferença aspectual; repare-se que esta diferenciação mental resulta quase sempre do ponto de vista real do falante, isto é, o aspecto verbal em regra deve ser entendido como uma grandeza 'intersubjectivamente experienciável', visto que o falante não pode optar livremente pelo aspecto perfectivo ou imperfectivo. A excepção à regra é constituída pelos casos de concorrência aspectual: certos matizes têm aqui um papel a desempenhar, dado que o falante designa em todo o caso a mesma realidade extralinguística. De um modo geral, o

[8] Schwall (1991: 92).

aspecto verbal não pode ser visto como uma categoria facultativa, porque o falante não pode fixar arbitrariamente o aspecto: tem de guiar-se pelas condições reais do seu ponto de vista, pois estas últimas já determinam essencialmente a sua ideia da acção/do processo. E assim se manifesta a gramaticalidade da categoria aspecto.

A autora destaca, por um lado, a idiossincrasia do aspecto verbal nas línguas eslavas (o verbo organiza-se primariamente em torno da informação aspectual e, só depois, da temporal) e, por outro, o carácter obrigatório da categoria aspecto (entendida esta como uma grandeza 'intersubjectivamente experienciável', e que opõe o perfectivo ao imperfectivo): é que o falante não tem hipótese de escolher; tem, antes, de atender às condições reais do seu ponto de vista, e assim se revela a gramaticalidade da categoria aspecto.

Segundo Schwall (1991: 425), a aspectualidade – que a própria considera uma categoria semântico-funcional –, enquanto fenómeno das línguas em geral, apresenta as componentes 'verbal' e 'não-verbal'. A componente verbal manifesta-se nas 'categorias verbais gramaticais' (p. ex., *vid*) (ou da gramática explícita, aberta) e na 'accionalidade' que, por sua vez, se manifesta nas '*Aktionsarten*'/ 'perífrases verbais' (ou da gramática latente, oculta e também da aspectualidade lexical) e 'semântica verbal'/ 'carácter verbal' (ou, ainda, da aspectualidade lexical); a componente não-verbal manifesta-se, por seu turno, nas 'determinações complementares do verbo', que podem ser determinadores lexicais (p. ex.: advérbios) (ou, mais uma vez, da aspectualidade lexical) e características gramaticais dos actantes (p. ex.: ± animado; número; transitivo/intransitivo; etc.) (ou da aspectualidade micro-sintáctica), e no 'contexto', que compreende a 'frase' (também características gramaticais dos actantes) e 'texto' (ou, respectivamente, da aspectualidade micro e macro-sintáctica).[9]

[9] Para a elaboração do diagrama da p. 425, que não reproduzo, a A. baseou-se em Bondarko (1967: 50) (*apud* Schwall 1991: 425) e em Maslov (1985:21).

7. L'aspect sert à définir les propriétés temporelles d'un énoncé à partir du point de vue du locuteur. Contrairement au temps linguistique, dont la réalisation est visible soit sur le plan morphologique par les désinences des V, soit sur le plan lexical par la présence d'indicateurs temporels dans la phrase, les différentes réalisations de l'aspect ne sont pas liées, à l'exception des langues slaves [...], à des marques morphologiques ou lexicales fixes. Ainsi un aspect particulier peut être manifesté soit par un temps verbal, soit par la sémantique du lexème verbal, par une périphrase aspectuelle ou encore par un contexte phrastique particulier.

Ainsi l'aspect que j'appelle 'morphologique' se manifeste principalement à travers la commutation des temps verbaux. L'aspect morphologique, noté Am, désigne le point de vue choisi par le locuteur pour considérer le déroulement de l'état de choses exprimé par un énoncé. On peut considérer un état de choses globalement ou dans une certaine phase de son développement. L'opposition aspectuelle sur laquelle se fonde l'Am est celle entre Am perfectif et imperfectif [...]. L'Am est perfectif lorsque une action/procès est vue dans sa globalité et imperfectif lorsque celle-ci est considérée dans le cours de son développement.

L'aspect que j'appelle 'lexical', noté Al, se définit à partir du lexème verbal. Il s'agit d'une notion de sémantique lexicale, que l'on peut projeter au niveau syntagmatique et propositionnel, définissant les propriétés temporelles (duratives, ponctuelles, etc.) d'une expression linguistique (V, VP ou IP). L'Al se subdivise en deux classes fondamentales: celle des duratifs et celle des non-duratifs.

L'aspect que je désigne sous le nom de 'syntagmatique', noté As, résulte de la combinaison de deux lexèmes verbaux, un auxiliaire aspectuel et un V à l'infinitif ou au gérondif, précédé ou non d'une préposition. L'aspect syntagmatique exprime essentiellement le mode de progression de l'action/procès le long de l'axe temporel: celui-ci peut être de type imperfectif-ponctuel [...]; progressif [...], continu [...]; habituel [...] ou imminentiel [...]. Il peut être également activé par des indicateurs spécifiques, adverbiaux ou autres, présents dans la proposition. L'As interagit avec l'Am et l'Al, dans la mesure ou chacun des éléments qui le compose répond à un certain nombre de conditions sur l'Am et/ou l'Al. Dans chacune de ces périphrases le semi-auxiliaire joue le rôle d'opérateur aspectuel qui se combine avec un lexème verbal répondant à certains présupposés d'application. Ceux-ci concernent soit l'Am et/ou l'Al, soit d'autres conditions imposées par le contexte.

Les différentes catégories aspectuelles interagissent entre elles. [...]. En définitive l'aspect ne se mesure qu'au niveau de la phrase, c'est-à-dire en tenant compte de tous

> les facteurs contextuels susceptibles de modifier la catégorie aspectuelle déterminée sur une base grammaticale-lexicale.[10]

Nas palavras de Brianti, o aspecto serve para definir as propriedades temporais de um enunciado a partir do ponto de vista do locutor. Ao contrário do tempo linguístico, que se realiza quer morfologicamente, pelas desinências verbais, quer lexicalmente, pela presença de indicadores temporais na frase, as diferentes realizações do aspecto não estão ligadas, com excepção das línguas eslavas, a marcas morfológicas e lexicais fixas. Isto quer dizer que um determinado aspecto pode manifestar-se (i) ou por um tempo verbal, (ii) ou pela semântica de um lexema verbal, (iii) ou por uma perífrase aspectual, (iv) ou ainda por um contexto frásico particular.

Distingue, de seguida, três tipos de aspecto, a saber: o 'morfológico', o 'lexical' e o 'sintagmático'. O primeiro, que se manifesta principalmente na comutação dos tempos verbais, consiste na escolha por parte do falante do ponto de vista na consideração do desenvolvimento do estado de coisas expresso por um enunciado: de acordo com esta perspectiva, o falante pode considerá-lo ou globalmente ou numa certa fase do seu desenvolvimento, por conseguinte, e respectivamente, aspecto morfológico perfectivo e imperfectivo; o segundo caracteriza-se com base no lexema verbal, ou seja: trata-se de uma noção de semântica lexical, que se pode projectar nos níveis sintagmático e proposicional, definindo as propriedades temporais (durativas, pontuais, etc.) de uma expressão linguística (verbo, sintagma verbal, frase); o último consiste na combinação de dois lexemas verbais, um auxiliar aspectual e um verbo no infinitivo ou no gerúndio, precedido ou não de uma preposição, e caracteriza-se por exprimir essencialmente o modo de progressão da acção/processo ao longo do eixo temporal, podendo ser de tipo imperfectivo-pontual, progressivo, contínuo, habitual ou iminencial.

---

[10] Brianti (1992: 30-31).

Por fim, sublinha que as diferentes categorias aspectuais interagem entre si e que, no fim de contas, o aspecto só se pode medir ao nível da frase, ou seja, tendo em conta todos os factores contextuais susceptíveis de modificarem a categoria aspectual determinada gramatical-lexicalmente.

Trata-se, portanto, de aspectos que tomarei em consideração (não todos, em todo o caso) na Parte II, sobretudo os tipos lexicais, alguns dos tipos sintagmáticos (que denomino de expressão perifrástica) e a interacção entre aspecto lexical (ou dos tipos accionais de predicados verbais) e aspecto gramatical de expressão perifrástica (ou das construções perifrásticas progressivas, progressivocomitativas e progressivogradativas).

> 8. Aktionalität ist die Wahrnehmung von Sachverhalten; Aspektualität hingegen ist eine Kategorie der Textebene, die verschiedene Sichtweisen eines Sachverhalts ausdrückt. Die Aspektualität verhält sich qualitativ komplementär der Aktionalität gegenüber. Die Aktionalität findet ihre Realisierung in der Lexik, die Aspektualität hingegen hauptsächlich (jedoch nicht ausschließlich) in der Grammatik (ASP).
>
> Die Aktionalität erfüllt die Funktion des Abbildens bzw. Darstellens, während die Aspektualität die Funktion des Betrachtens hat.
>
> Sowohl Aktionalität als auch Aspektualität stellen kognitive Prozesse dar und sind in ihrem Wesen subjektiv.
>
> AKT ist eine Darstellung eines wahrgenommenen Sachverhalts und wird durch Prozesse der Wortbildung sowie durch VPen ausgedrückt. Sie ergibt sich letztendlich aus dem gesamten Satzkontext. Der ASP (und die Satzsicht) "betrachten" den durch die AKT dargestellten Sachverhalt.
>
> AKTen können zu ASPen grammatikalisiert werden. Dies ist besonders wichtig, im Falle der VPen; denn es könnte sich nach dieser Untersuchung herausstellen, dass einige spanische VPen weit fortgeschritten in ihrer Entwicklung zu ASPen sind. Andererseits ist die potentielle Grammatikalisierung der AKTen durch die Tatsache eingeschränkt, dass die kognitiv relevanten ASPe ebenfalls eingeschränkt sind.[11]

[11] Quesada (1994: 101-102)

Quesada define a accionalidade (*Aktionalität*) como a percepção de estados de coisas e a aspectualidade (*Aspektualität*), ao invés, como um categoria do nível textual que expressa as diferentes perspectivas de um estado de coisas. A aspectualidade é, em termos qualitativos, complementar da accionalidade. A accionalidade encontra a sua realização no léxico e a aspectualidade, pelo contrário, principalmente (contudo não exclusivamente) na gramática.

A accionalidade desempenha a função do retratar ou representar, enquanto a aspectualidade tem a função do considerar.

Tanto a accionalidade quanto a aspectualidade representam processos cognitivos e são na sua essência subjectivos.

A accionalidade é uma representação de um estado de coisas percebido e expressa-se por processos lexicogenéticos (ou de formação de palavras) e igualmente por perífrases verbais. No fim de contas, resulta do contexto frásico global. O aspecto (e o nível frásico) "consideram" o estado de coisas representado já pela accionalidade.

Os modos de acção (no original "accionalidades") podem, depois de sofrerem um processo de gramaticalização, transformar-se em aspectos. Isto é particularmente importante no caso das perífrases verbais porque, de acordo com a investigação levada a cabo pelo A., poderá verificar-se que algumas perífrases verbais do castelhano progrediram muito no seu desenvolvimento para aspectos. Por outro lado, a potencial gramaticalização das "accionalidades" está limitada pelo simples facto de os aspectos cognitivamente relevantes também o estarem.

Por consequência, e em síntese, o domínio semântico do processo verbal consta de duas categorias, uma gramatical e outra lexical: a primeira denomina-se aspecto (*Aspekt*) e a segunda modo de acção (*Aktionsart*), e ambas as categorias são os correlatos formais de dois domínios cognitivos com funções semelhantes, a saber, a aspectualidade e a accionalidade, respectivamente.

> 9. The aspectual meaning of a sentence conveys information of two kinds: a situation is presented from a particular perspective, or viewpoint; and the situation is indirectly classified as a state or an event of a certain type.

I assume that the aspectual categories are not language dependent, but are based in human cognitive abilities. [...] These observations suggest strongly that the distinction between stative and non-stative is made very early, on a cognitive basis.

Aspect traditionally refers to grammaticized viewpoints such as the perfective and imperfective. Recently, as a people have come to appreciate the relation between viewpoint and situation structure, the range of the term 'aspect' broadened. The term now includes temporal properties of situations, or situations types. (The terms 'internal event structure' and 'Aktionsart' are also used for the latter; see Comrie 1976) Viewpoints and situation types convey information about the temporal aspects of situations such as beginning, end, change of state, and duration. This notion of temporality is distinct from temporal location, although related to it. Aspect is the semantic domain of the temporal structure of situations and their presentation.

[...] This information is given by the linguistic forms that appear in a sentence. Situation type is conveyed by the verb constellation, which I define as a main verb and its arguments, including subject. Viewpoint is conveyed by a grammatical morpheme, usually verbal.

The situation type of a sentence indirectly classifies the event or state talked about according to its temporal properties. I distinguish five types of situation: State, Activity, Accomplishment, Semelfactive, Achievement. They differ in the temporal properties of dynamism, durativity, and telicity. [...] There are three main viewpoint types, perfective, imperfective, and neutral.

[...] The examples show very clearly that situation type meaning is compositional: it is built up with the verb, arguments and adverbs of a sentence.

Summarizing, aspect is a semantic domain which is expressed in linguistic categories. Aspectual meanings are grammaticized through viewpoint and situation type categories. The categories of viewpoint aspect are overt, whereas situation aspect is expressed in covert categories.

Universal Grammar provides the formal structure of aspectual systems: the components of situation aspect and viewpoint aspect, and their interaction in sentences. The categories of both aspectual components are directly related to the temporal structure of situations. I propose that the temporal structure of situations is the substantive basis for the aspectual categories of language.

The domain of temporal location is closely related to aspect. The two domains are complementary. Temporal location takes an external viewpoint of a situation: tense and

> time adverbials locate a situation in time. Aspect presents the internal structure of a situation.[12]

Smith começa por referir que o significado aspectual de uma frase carreia informações de duas espécies: uma situação (i) é apresentada de uma perspectiva particular (ou ponto de vista) e (ii) é indirectamente classificada como um estado ou um certo tipo de evento.

A autora assume que as categorias aspectuais não são linguisticamente dependentes, mas baseadas nas capacidades cognitivas humanas. Esta e outras informações aqui não explicitadas sugerem fortemente que a distinção entre estativo e não-estativo se processa muito cedo, numa base cognitiva.

Tradicionalmente, o aspecto refere-se aos pontos de vista gramaticalizados, como o perfectivo e o imperfectivo. Recentemente, porque se tem vindo a avaliar a relação entre ponto de vista e estrutura situacional, o âmbito do termo 'aspecto' tornou-se mais amplo. Agora, o termo inclui propriedades temporais de situações, ou tipos de situações (também ditos, estes últimos, 'estrutura eventiva interna' e '*Aktionsart*'). Os pontos de vista e os tipos de situação carreiam informações sobre os aspectos temporais de situações como começo, fim, mudança de estado e duração. Esta noção de temporalidade é distinta da de localização temporal, contudo relacionada. O aspecto é o domínio semântico da estrutura temporal de situações e respectiva apresentação.

O 'tipo de situação' obtém-se, segundo a A., pela constelação verbal, que define como um verbo principal e respectivos argumentos, incluindo o sujeito; e o 'ponto de vista', por um morfema gramatical, geralmente verbal.

Com base nas propriedades temporais de 'dinamismo', 'duratividade' e 'telicidade', distingue cinco tipos de situação: estado, actividade, *accomplishment*, semelfactivo e *achievement*; e, também segundo a A., são três os pontos de vista: perfectivo, imperfectivo e neutral.

---

[12] Smith ([2]1997: xiii, xv, 1, 2, 3, 4, 5, 13 e 14)

Chama a atenção para o facto de o significado do tipo de situação ser de carácter composicional, ou seja, resultar da combinação do verbo, argumentos e adverbiais de uma proposição.

Resumindo, diz que o aspecto é um domínio semântico que se expressa em categorias linguísticas; que os significados aspectuais estão gramaticalizados nas categorias do 'ponto de vista' e do 'tipo de situação'; que as categorias do aspecto do ponto de vista são explícitas e as do aspecto do tipo de situação, ao invés, implícitas; que a Gramática Universal fornece a estrutura formal dos sistemas aspectuais (ou seja: aspecto de situação, aspecto de ponto de vista e respectiva interacção nas proposições), acabando por propor, dada a sua estreita relação, que a estrutura temporal das situações é a base substantiva para as categorias aspectuais das línguas; e, por fim, que os domínios da localização temporal e do aspecto são complementares: o primeiro supõe um ponto de vista externo de uma situação (os tempos gramaticais e os adverbiais temporais localizam uma situação no tempo) e o segundo apresenta a estrutura interna de uma situação.

Trata-se de informações sólidas e de grande profundidade sobre a temática em análise, que vou com certeza ter em consideração, sem contudo as seguir tal como aqui se escreve. O destaque vai naturalmente para a relação de interacção entre o aspecto lexical (aqui: 'tipo de situação') e o aspecto gramatical (aqui: 'ponto de vista'). Também digna de destaque é a base cognitiva (e não linguística) das categorias aspectuais.

> 10. Aspectual periphrases are (i) expressions of the "internal temporal constituency" of some State of Affairs [...] (Inner Aspect), (ii) expressions of the relevance of an anterior or posterior State of Affairs for a situation at some temporal reference point [...] (Outer Phasal Aspect), (iii) expressions quantifying a set of occurrences of some State of Affairs [...] (Quantificational Aspect).
>
> Aspectual distinctions can be roughly subclassified according to the level of the predication that they modify. I will label the two classes of Aspect "Inner Aspect" and "Outer Aspect", respectively. Inner Aspect concerns the core predication, i.e. the predicate and its arguments plus possible satellites of Manner, Means and Speed [...] and it specifies the internal temporal constituency of the SoA designated by the core predication.

> Within the domain of Inner Aspect, two types of aspectual specification can be distinguished: firstly, Inner Phasal Aspect, which concerns the different stages that can be distinguished within the development of a SoA with respect to some reference point [...], and, secondly, Quantificational Aspect, which concerns the internal temporal constituency of the SoA in its totality. Inner Aspect distinctions are sensitive for and may produce effects on the *Aktionsart* of the predication, i.e. the internal constituency of the predication as lexically coded [...]. Outer Aspect, on the other hand, concerns the extended predication (i.e. a predication whose Inner Aspect has been fully specified). Within the domain of Outer Aspect, there are two types of aspectual specification to be distinguished: firstly Outer Phasal Aspect, where the SoA is related to some situation previous or posterior to it [...], and, secondly, Quantificational Aspect, where the frequency of the occurrence of the SoA is specified [...].[13]

Para Olbertz, as perífrases aspectuais são (i) expressões da "constituição temporal interna" de um estado de coisas (o que denomina de 'aspecto interno', porque diz respeito à predicação nuclear), (ii) expressões da relevância de um estado de coisas anterior ou posterior para uma situação num ponto de referência temporal (o que chama de 'aspecto de fase externo') e (iii) expressões que quantificam um conjunto de ocorrências de um estado de coisas (o que designa de 'aspecto quantificador').

Para além disso, recorda a A., as distinções de aspecto interno tanto são sensíveis à *Aktionsart* da predicação como podem produzir efeitos sobre ela, ou seja, é da constituição temporal interna da predicação enquanto lexicalmente codificada que se trata.

Portanto, sublinha-se aqui, e uma vez mais, que a "constituição temporal interna" de uma situação representa o núcleo da categoria aspecto, tal como também se defende neste trabalho.

> 11. El término 'aspecto' se ha usado normalmente para aludir a la información (o al conjunto de informaciones) que un predicado proporciona sobre la manera en que se desarrolla y distribuye un evento en el tiempo. [...], esa información puede manifestarse

[13] Olbertz (1998: 323 e 324).

formalmente de muy diversas maneras en las distintas lenguas; entre otras,

(a) A través de recursos relacionados con las formas verbales: por ejemplo, usando temas distintos para un mismo verbo (el caso del árabe); mediante parejas de verbos autónomos (en las lenguas eslavas); oponiendo las formas de un mismo verbo por medio de afijos flexivos – el caso de la pareja perfecto simple/imperfecto (*llegó/ llegaba*) en español y otras lenguas romances; mediante la oposición entre un presente simple y un presente perifrástico (... *como / estoy comiendo* ...); o a través de perífrasis verbales del tipo de *empezar a* y *acabar de* [...].

(b) Además, y es el caso concreto del español, la información aspectual puede venir proporcionada por las unidades léxicas cuando funcionan como predicados. En concreto, los verbos – los predicados por excelencia – son portadores, por el propio contenido semántico de su raíz, de información relacionada con el modo en que tiene lugar el evento que describen (con o sin límite, con o sin duración, de forma única o repetida, etc.). Esta noción léxico-semántica es lo que se conoce tradicionalmente con el término alemán de *Aktionsart* o con su traducción más frecuente, 'modo de acción'. Aquí se utilizará el término de 'aspecto léxico' para hacer referencia a esta propiedad semántica inherente a los predicados.

La estrecha relación existente entre el tiempo y el aspecto es consecuencia del hecho de que ambas nociones tienen que ver con la temporalidad de los eventos verbales, si bien otorgan a esta un tratamiento diferente. En efecto, el 'tiempo' es una categoría deíctica: localiza el evento verbal en un tiempo externo, orientándolo bien en relación con el momento de habla, bien en relación con el tiempo en que tiene lugar otro evento. El aspecto, en cambio, se ocupa del tiempo como una propiedad inherente o interna del propio evento: muestra ele evento tal y como este se desarrolla o distribuye en el tiempo, sin hacer referencia al momento del habla.

En conclusión, podemos afirmar que los estados, procesos y acciones (tengan o no límite, tengan o no duración, sean únicos o repetidos) se construyen combinando la información aspectual expresada por el verbo como unidad léxica con la información semántica y estructural contenida en los SSNN que designan a los participantes en el evento y en otros elementos que componen el predicado, y también con el aspecto flexivo de la forma en que el verbo aparece conjugado.[14]

[14] Miguel (1999: 2980, 2981, 2989 e 3006).

Nesta citação de Miguel são destacáveis os seguintes pontos: (i) o termo 'aspecto' usa-se normalmente para aludir à informação (ou conjunto de informações) proporcionada(s) por um predicado sobre o modo como se desenvolve (isto é: se implica mudança ou não, se remete para um limite ou não, se ocorre de forma única ou repetida ou, ainda, se de forma permanente, se habitual ou se intermitente) e distribui (ou seja: se se trata de um período de tempo indefinido, se de um intervalo temporal definido, se de um instante; ou, ainda, se da fase inicial, se medial ou se final) um evento no tempo; (ii) este tipo de informação pode manifestar-se formalmente de diversos modos nas diferentes línguas do mundo, a saber: recorrendo a temas verbais distintos (em árabe, p. ex.), por meio de pares de verbos autónomos (nas línguas eslavas), pela oposição de formas do mesmo verbo através de sufixos flexionais (a oposição entre 'pretérito perfeito simples' e 'pretérito imperfeito' nas línguas românicas em geral), mediante a oposição entre uma forma simples e outra perifrástica do mesmo 'tempo verbal' (<estudo>/<estou a estudar>) ou pelo recurso a perífrases verbais do tipo de <*começar a* + infinitivo>, <*andar a* + infinitivo>, <*ir* + gerúndio>, etc.; para além disso, a informação aspectual pode ainda ser carreada pelas unidades lexicais quando funcionam como predicados; (iii) a estreita relação entre tempo e aspecto deve-se ao facto de ambas as noções terem a ver com a temporalidade dos eventos, embora com diferente tratamento: a primeira é uma categoria deíctica e a segunda, ao invés, diz respeito ao tempo enquanto propriedade inerente ao próprio evento, ou seja, refere-se ao seu modo de desenvolvimento e à sua distribuição no tempo; por último, e a modos de conclusão, (iv) afirma-se que os distintos tipos accionais (estados, processos e acções) se constroem combinando a informação aspectual expressa pelo verbo enquanto unidade lexical com a informação semântica e estrutural contida nos sintagmas nominais que designam os participantes no evento e em outros elementos que compõem o predicado, e também com o aspecto flexivo da forma em que se encontra conjugado o verbo – eis aqui nitidamente expressa a natureza composicional do aspecto lexical, de que também se falará numa das próximas secções (cf. 3.1.7.).

Esta abordagem, plural, permitiu-nos ficar a conhecer, de forma inequívoca, não só os conceitos de aspecto e *Aktionsart* (ou modo de acção), categorias linguísticas, como também os de aspectualidade e accionalidade, noções semântico-cognitivas correlatas. Para além disso, as naturezas, respectivamente, subjectiva (possibilidade de opção por parte do locutor) e objectiva (impossibilidade de escolha por parte daquele) das duas primeiras e unicamente subjectiva (percepção de uma situação e respectiva perspectivação por parte do falante) das duas últimas; e só no que às duas primeiras diz respeito, a realização exclusivamente lexical da segunda (*Aktionsart*) e principalmente gramatical da primeira (aspecto). Portanto, e em síntese: da natureza e constituição sobretudo das categorias aspecto e modo de acção, mas também das noções semântico-cognitivas que, respectivamente, lhes subjazem, aspectualidade e accionalidade.

3. Do aspecto verbal: identificação e processos expressivos

Vimos, nas páginas precedentes, que o aspecto é uma categoria própria do predicado, seja a sua natureza nominal ou verbal. É, por conseguinte, uma propriedade da predicação. Ora, sendo o verbo a categoria sintáctica predicadora por excelência é, pois, natural que as expressões aspecto e aspecto verbal sejam praticamente sinónimas, independentemente das suas realizações verbal ou não-verbal.[15] Isto quer, por consequência, dizer que se trata de uma categoria linguística, de expressão predicativo-verbal, que consiste essencialmente no modo pelo qual se representa quer o desenvolvimento de uma situação (mutável/imutável, delimitada/não-delimitada, semelfactiva/repetida/iterativa/frequentativa/habitual/genérica), quer a sua distribuição no tempo (duração indefinida/definida/instantânea, fase inicial/fase medial/fase final). Está, assim, identificado o aspecto verbal.

---

[15] Sobre isto, v. pp. 88-90 e ainda, mas desta feita sobre 'composicionalidade', a secção 3.1.7 (pp. 111-113).

No que diz respeito à sua expressão, verifica-se que os tipos de informação por ele compreendidos se realizam por processos mais ou menos recursivos, sistemáticos (ou da sua expressão gramatical), e também de forma avulsa, assistemática, pela manifestação do significado desta natureza contido em cada unidade lexical singularmente considerada (ou da sua expressão lexical). Comecemos por esta última (ou do aspecto lexical).

3.1. Aspecto lexical: caracterização e tipologia

Aspecto lexical (também conhecido por *Aktionsart* e 'modo de acção', o equivalente de tradução mais disseminado) é a expressão aqui adoptada, que tomei de empréstimo a autores como Morimoto (1998) e principalmente Miguel (1999), para designar a informação desta natureza (ou seja: se uma situação é durativa ou pontual, se é delimitada/télica ou não-delimitada/atélica, se é dinâmica ou estativa, se implica um estado consequente ou não, se é homogénea ou não, se indica o seu início ou termo, se é semelfactiva ou repetida, etc.) contida nas unidades lexicais que funcionam como predicados.

A definição de aspecto lexical que se transcreve a seguir, e que foi avançada por uma especialista (Miguel 1999: 2983)[16], para além de funcionar como achega, ilustra bem o que se acaba de afirmar:

> El aspecto léxico [...] es la información sobre el evento (por ejemplo, sobre si es delimitado o no delimitado) que proporcionan las unidades léxicas que actúan como predicados. No solo los verbos sino cualquier unidad léxica que actúe como predicado puede proporcionar información de tipo aspectual. En efecto, también los adjetivos y algunos nombres contienen en ocasiones información aspectual determinante para su compatibilidad con determinados contextos sintácticos.

[16] Para outras definições/caracterizações mais ou menos afins (em todo o caso, complementares), cf. Morimoto (1998: 9-10) e Rodriguez Espiñeira (1990: 179-180). O estudo desta última autora é particularmente importante por causa do levantamento dos principais tipos de *Aktionsarten* e respectiva caracterização: fundamentos e provas linguísticas para esta distinção nocional.

Sabemos, já, que a natureza semântica das predicações constitui o aspecto lexical. Agora, vamos conhecer os tipos aspectuais que o enformam. Porém, antes, convém chamar a atenção para o seguinte: o que aqui está de facto em causa é a classificação aspectual dos verbos e/ou predicados verbais com base nas situações (e é assim que se procede neste trabalho) e não, como habitualmente se faz ou pelo menos parece transparecer fazer-se, a apresentação/ caracterização dos diferentes tipos de situações, pois é o fenómeno linguístico o que importa e não a realidade extralinguística, ou seja: é da representação por parte das línguas, através dos "crivos" da percepção e consideração próprios do locutor enquanto sujeito cognoscente, dos distintos modos de existir das situações que se trata, e não das situações em si.

Os critérios habitual mas não exclusivamente utilizados na discriminação das tipologias aspectuais são os seguintes: (i) dinamicidade (propriedade que consiste na realização ou aceitação de um certo "fazer" por parte de uma entidade envolvida numa dada situação ou da sua eventual mudança de lugar)/ estatividade (propriedade que consiste exactamente no contrário da anterior, ou seja, não se verifica nenhuma alteração de uma entidade envolvida que seja durante o período de tempo em que uma determinada situação tem lugar), (ii) telicidade (propriedade significando que as situações tendem naturalmente para um fim, portanto delimitadas)/ atelicidade (propriedade que significa, inversamente, que as situações não tendem naturalmente para um fim, por conseguinte não-delimitadas) e (iii) duratividade (propriedade significando que uma situação perdura no tempo, definida ou indefinidamente)/pontualidade (propriedade significando que uma situação se realiza num ponto, que carece de estrutura temporal interna, logo temporalmente indivisível).

De acordo com estes critérios, é possível identificar os seguintes tipos: processos ou actividades, processos culminados ou *accomplishments*, culminações e

pontos ou *achievements* e estados[17], linguisticamente descritos (mais importante!) por predicados verbais de processo, de processo culminado, de culminação, pontuais e estativos, respectivamente.

Porque bastam para distinguir os tipos aspectuais acabados de apresentar, trata-se de critérios suficientes. Porém, são necessários mais dois (e há estudiosos que os convocam), a saber: (iv) 'implicação ou não de um estado resultante' (propriedade que consiste em reconhecer ou não um estado como consequência natural de um processo anterior) e (v) homogeneidade (propriedade que, precisamente por implicar que uma situação careça de ponto final ou estado culminante, significa que pode ser abandonada ou interrompida em qualquer momento, mas não completada ou concluída).

Procedamos agora à caracterização individualizada de cada tipo aspectual e respectivos predicados verbais descritores.

3.1.1. Predicados verbais de 'processo'

Os 'predicados verbais de processo' são assim designados porque descrevem processos, ou seja, situações que se caracterizam por serem (i) 'dinâmicas' (regista-se alguma espécie de alteração), (ii) 'atélicas' (não apontam para um fim, portanto são naturalmente não-delimitdas), (iii) 'durativas' (estendem-se ao longo do tempo, isto é, perduram), (iv) 'homogéneas' (cada fracção de um processo é sempre esse processo) e, logicamente (por causa desta última propriedade), (v) 'carecem de estado consequente'.

São 'predicados verbais de processo' os seguintes tipos[18]: verbos de movimento contínuo (<andar>, <bailar>, <caminhar>, <correr>, <nadar>, etc.), verbos

[17] Os segundos termos correspondem à tipologia proposta por Vendler (1967), conforme se escreveu, várias vezes já, no capítulo precedente (*passim*), e os primeiros, aqui adoptados, que tomei de empréstimo tanto a Oliveira (2003) quanto a Cunha (1998), à de Moens (1987), com excepção de 'estados', que é um termo comum a ambas as tipologias (e a várias outras aqui não convocadas).

inergativos de actividade física (<gritar>, <chorar>, <respirar>, <sorrir>, etc.), verbos meteorológicos (<chover>, <nevar>, <trovejar>, etc.), verbos que designam actividades para descrever o sujeito (<cantar>, <escrever>, <fumar>, <pintar>, etc.). Em geral, são verbos inergativos (um arg., ext., com a relação gramatical de S), pois o OD actua como delimitador. Em todo o caso, há verbos transitivos que expressam processos, só que sob certas condições, a saber: quando o OD é (i) um nome massivo ou não-contável (<beber cerveja>, <ouvir música>, <procurar trabalho>, etc.) ou (ii) plurais simples, isto é, não determinados (<conduzir camiões>, <fumar cigarros>, etc.).

3.1.2. Predicados verbais de 'processo culminado'

Os 'predicados verbais de processo culminado' recebem esta designação por descreverem processos culminados, isto é, situações que exibem as seguintes características: como as anteriores, porque se estendem ao longo do tempo, são (i) 'durativas'; porém, ao contrário daquelas, porque a sua estrutura temporal interna determina um ponto final, um limite, são naturalmente (ii) 'télicas' ou 'delimitadas'; como as anteriores, porque se verifica alguma espécie de alteração, são igualmente (iii) 'dinâmicas'; inversamente às anteriores, e dado que uma fracção de um processo culminado nunca é esse processo culminado, são (iv) 'não-homogéneas' e, também ao contrário dos processos, (v) implicam um estado resultante, como consequência lógica do processo anterior.

Como 'predicados verbais de processo culminado' podem apontar-se os tipos que se discriminam a seguir: verbos de movimento que implicam uma mudança de lugar mencionando-a de forma explícita (<aproximar-se de casa>, <afastar-se da cidade>, <correr os cem metros>, <nadar até à outra margem>, <regressar do Algarve>, etc.), verbos de objecto afectado ou efectuado (<construir uma casa>,

[18] Para a redacção deste ponto específico relativamente a todos os tipos de predicados verbais, tive em consideração o trabalho de Karolak (1993) e, de modo especial (sigo-o de perto), o de Duarte & Brito (2003: 190-197).

<derrubar um edifício>, <desenhar uma caricatura>, <escrever um livro>, <dar um presente aos amigos>, <arrumar os livros nas estantes>, etc.), verbos de execução (<tocar uma sonata>, <recitar um poema>, <explicar um tema>, etc.). Trata-se, no fundo e tipicamente, de verbos binários (com dois argumentos: um externo e outro interno) e ternários (com três argumentos: um externo e dois internos) de tipo causativo e agentivo que contribuem essencialmente para uma leitura de 'perfectividade' ou expressão de um 'resultado'.

3.1.3. Predicados verbais de 'culminação'

Recebem a denominação de 'predicados verbais de culminação' aqueles que descrevem culminações, quer dizer, situações que apresentam estas propriedades: como os dois tipos anteriores, são (i) 'dinâmicas'; como o anterior, são naturalmente (ii) 'télicas' ou 'delimitadas' (é que se trata de situações de transição), (iii) 'não-homogéneas' e, logicamente, (iv) 'implicam um estado resultante', uma consequência do processo preparatório; ao contrário das anteriores, expressam situações (v) de curta duração ('não-durativas', portanto) e/ou até 'pontuais', marcando ou o seu início ou o seu termo; e, por fim, apesar de ambos os tipos (o anterior e este) serem os únicos a exibirem 'estado resultante', as culminações focam exclusivamente o momento em que se alcança o termo final de uma situação ou – o que vale o mesmo – o ponto inicial de uma nova situação (os processos culminados, ao invés, focam também o processo preparatório).

Como 'predicados verbais de culminação' típicos temos os unários (um só argumento, interno, com a relação gramatical de S) de movimento que designam aparecimento em cena e saída de cena (<entrar>, <chegar> e <sair>, <partir>, etc.) e de mudança de estado (<nascer>, <morrer>, <murchar>, <rejuvenescer>, etc.). Para além disso, pertencem igualmente a esta classe aspectual alguns binários e ternários que indicam posse (<adquirir>, <comprar>, <vender>, <perder>, etc.), percepção (<recordar-se>, <descobrir>, <ouvir um grito>, <reconhecer>, etc.) ou são de língua (<perguntar>, <dar uma resposta>, etc.); e, ainda, outros

(<ver o cimo do monte>, <marcar um golo>, <chegar à meta>, <rebentar de ira>, etc.), sempre que denotem processo 'pontual'.

3.1.4. Predicados verbais 'pontuais'

Denominam-se 'predicados verbais pontuais' os que descrevem pontos, ou seja, situações cuja caracterização consta apenas de um traço positivo, que partilha de modo inteiro com os três tipos anteriores (a saber: são (i) 'dinâmicas'), de três negativos (isto é: são (ii) 'não-durativas', (iii) 'não-homogéneas' e (iv) 'não implicam estado consequente') e um neutro (que é: não são (v) 'nem télicas nem atélicas'). De facto, o serem 'pontuais' é o traço identificador por excelência pois, por carecerem de todo de estrutura temporal, só podem reduzir-se ao ponto-relâmpago que lhes determina a existência.

Duarte & Brito (2003: 197) apontam como 'predicados verbais pontuais' <espirrar> e <suspirar>, predicados unários que seleccionam para sujeito um argumento Tema ou Experienciador. Para além destes, podem alistar-se estes outros: <cair>, <admirar-se>, <lembrar-se>, <explodir>, <rebentar>, <desabar>, <recusar>, etc.

3.1.5. Predicados verbais 'estativos'

Este último tipo designa-se assim, de 'predicados verbais estativos', por descreverem estados, isto é, situações que, antes de tudo, se opõem aos quatro tipos anteriores, que são – vimo-lo há instantes – inerentemente 'dinâmicas', por serem, também inerente mas inversamente, (i) 'não-dinâmicas' (não se verifica qualquer alteração nas entidades envolvidas durante o período da sua existência). Trata-se do traço por excelência, até porque é o único que permite distinguir os estados dos processos, senão vejamos: aqueles, como estes, são (ii) 'atélicos' ou 'não-delimitados' (não tendem para um fim), (iii) 'durativos' (perduram no

tempo), (iv) 'homogéneos' (cada hipotética[19] fracção de um estado é sempre o mesmo estado) e, também logicamente (em virtude desta última característica), (v) 'carecem de estado consequente'. Por conseguinte, os estados, pela sua própria natureza, carecem de estrutura temporal interna, quer dizer: são durativos, mas não progridem nem culminam.

Entre os 'predicados verbais estativos', contam-se as seguintes subclasses: verbos que expressam posse (<ter>, <possuir>, etc.), permanência num estado ou situação (<conter>, <estar>, <habitar>, <permanecer>, <residir>, <morar>, etc.), existência (<haver>, <existir>, <ser>, no sentido existencial, etc.), duração inerente (<continuar>, <durar>, <perdurar>, <seguir>, etc.), verbos pseudoatributivos (<assemelhar-se>, <parecer-se>, <ser considerado>, <ser denominado>, etc.), epistémicos (<saber>, <conhecer>, etc.), perceptivos (<ver>, etc.), psicológicos não causativos (<gostar, <amar>, <odiar>, etc.), copulativos (<ser>, <andar>, etc.); e ainda predicados não faseáveis (<ser alto>, <ser quarta-feira>, etc.).

3.1.6. Fundamentos desta classificação e síntese final

A classificação aspectual precedente assenta fundamentalmente em três oposições, básicas, sustentadas/activadas pelas propriedades seguintes (descritas já na secção 3.1. e que agora apenas se recordam): (i) dinamicidade/estatividade, (ii) telicidade (ou delimitação)/atelicidade (ou não-delimitação) e (iii) duratividade/pontualidade.

Em conformidade com o exposto, a oposição mais básica de todas, e parece que cognitivamente primária, é a que se observa entre estados, por um lado, e os demais tipos de situações (processos, processos culminados, culminações e pontos), por outro, tão simplesmente porque na realidade extralinguística há estados de coisas que acontecem/existem ('situações estáticas') e outros que

[19] É que os estados não admitem quaisquer pausas no seu todo homogéneo, ao contrário dos processos.

ocorrem ('situações dinâmicas'). Por conseguinte, as propriedades 'dinamicidade' e 'estatividade', tomadas como primeiro critério, distinguem, identificando-os, os dois tipos básicos de situações, o fundamento da oposição das oposições (no que a esta matéria diz evidentemente respeito), a saber: estados *vs* eventos (termo genérico para designar as situações de tipo dinâmico).

Prosseguindo, e agora só na esfera eventiva (os estados foram já isolados), a oposição que ocorre em primeiro plano é a que se verifica entre processos, a um lado, e processos culminados, culminações e também pontos, a outro, porque, de novo, a realidade extralinguística nos mostra que há estados de coisas orientados para um limite final definido ('situações dinâmicas delimitadas') e outros, ao invés, subsistem indiferentemente a essa orientação ('situações dinâmicas não-delimitadas'). Por consequência, as propriedades eleitas como segundo critério, 'telicidade' e 'atelicidade', distinguem o segundo nível de oposições, depois da básica, que consiste na oposição eventos não-delimitados *vs* eventos delimitados.

Por fim, e desta vez já só na esfera eventiva delimitada (os processos também já foram isolados), a terceira oposição é a que se observa entre processos culminados, de um lado, e culminações e pontos, de outro, precisamente porque a realidade extralinguística revela que, para alcançarem o tal 'limite' final definido, uns estados de coisas consomem muito tempo ('situações dinâmicas delimitadas durativas'), outros pouco ('situações dinâmicas delimitadas não-durativas' ou 'de curta duração') e outros ainda nenhum ('situações dinâmicas neutralmente delimitadas pontuais'). Portanto, as propriedades 'duratividade' e 'pontualidade', seleccionadas para terceiro critério, estabelecem o terceiro nível de oposições, que concerne à oposição (trimembre) eventos durativos *vs* eventos não-durativos. E, assim, ficam isolados também os restantes tipos de

situações: processos culminados, culminações e pontos, respectivamente.[20]

Caso se prefira dar outro arranjo, pode, sinopticamente, ter-se: (i) 'situações estáticas'/'situações dinâmicas' (estados *vs* eventos), linguisticamente descritos por 'predicados verbais estativos'/'predicados verbais não-estativos'; (ii) 'situações dinâmicas atélicas'/'situações dinâmicas télicas' (eventos não-delimitados *vs* eventos delimitados), representados linguisticamente por 'predicados verbais de processo'/'predicados verbais de processo culminado'; (iii) 'situações dinâmicas télicas de curta duração'/'situações dinâmicas indiferentemente télicas/atélicas sem duração' (eventos não-durativos delimitados *vs* eventos não-durativos neutralmente delimitados), descritos linguisticamente por 'predicados verbais de culminação'/'predicados verbais pontuais'.

Para concluir este ponto, e em jeito de síntese, reproduz-se aqui o seguinte quadro-resumo, que se encontra em Oliveira (2003: 137), e no qual se pode visualizar global e/ou parcialmente o seguinte: principais tipos de situações, traços característicos (positivos e negativos) e respectivas relações – todos predicativamente descritos, como se viu.

	Dinâmico	Télico	Duração	Estado consequente	Homogéneo
Processo	+	–	+	–	+
Processo culminado	+	+	+	+	–
Culminação	+	+	–	+	–
Ponto	+	(–)	–	–	–
Estado	–	–	+	–	+

[20] Sobre aspectos sintácticos e de implicação lógica relacionados com os tipos de oposições de base semântico-aspectual acabados de discriminar, cf., entre outros, Rodriguez Espiñeira (1990: 185-192) e Morimoto (1998: 17-22).

3.1.7. Natureza composicional do aspecto lexical

Toda a unidade lexical verbal que funciona como predicado exibe um estatuto aspectual próprio (ou de tipo estativo, ou de tipo eventivo – neste caso, ou de processo, ou de processo culminado, ou de culminação ou pontual), que a identifica. Porém, quando integrada na proposição (e é assim que funcionam as línguas, portanto praticamente sempre), esse estatuto é susceptível de modificar-se – não tem que acontecer sempre, mas ocorre muito frequentemente.

Por conseguinte, tal propriedade (a mudança da valência aspectual primitiva de um verbo enquanto unidade lexical) deve-se à informação carreada por outros elementos constituintes do enunciado proposicional: em primeiro lugar, encontram-se naturalmente os complementos subcategorizados, ou seja, os participantes que enformam a sua estrutura argumental, especificamente a informação semântico-estrutural contida nos SNs que os designam; em segundo lugar, já fora do âmbito do predicado, os adverbiais, cujo destaque vai compreensivelmente para os de natureza temporal (durativos, pontuais, frequenciais, etc.), mas também locativos e ainda de outras subcategorias; e, por fim, a informação de cariz têmporo-aspectual, essencialmente, própria das diferentes formas flexionais do verbo. Repare-se, a este propósito, confirmando e ao mesmo tempo sustentando o que acaba de afirmar-se, no que escreve Miguel (1999: 2895)[21], a especialista espanhola já aqui citada por mais que uma vez:

> El aspecto léxico del verbo puede ser modificado por la información que aportan otros participantes en el predicado (el sujeto y los complementos) y otros elementos

[21] Esta A. descreve, com um certo desenvolvimento, neste mesmo estudo (Miguel 1999: 2993-3008), a natureza composicional do aspecto lexical em castelhano ou dos elementos que intervêm na expressão da informação aspectual nesta língua (listagem: (i) raiz verbal, (ii) afixos derivativos, (iii) o *se* (*me*, *te*, ...) delimitador e (iv) contexto sintáctico: (iva) complementos do verbo, (ivb) advérbios e locuções adverbiais, (ivc) o sujeito da oração e (ivd) verbos modais). A sua formulação é também válida para o português.

> como los modificadores adverbiales de tiempo y lugar, la negación y la propia información temporal-aspectual de la forma en la que la raíz del verbo aparezca flexionada.

É nisto, pois, que consiste a natureza composicional (ou, simplesmente, a composicionalidade) do aspecto, e mais precisamente, do aspecto lexical, porque é o significado aspectual básico ou primitivo de um verbo enquanto unidade lexical que é susceptível de alterar-se por influência dos participantes no predicado e também de vários outros elementos proposicionalmente coocorrentes, tal como se explicitou há instantes.

A manifestação desta propriedade pode ser visualizada, obviamente que só em parte, nos três enunciados que se seguem (trata-se de outras tantas ocorrências, respectivamente, de <*estar a* + infinitivo>, <*estar* + gerúndio> e <*andar a* + infinitivo>, analisadas na Parte II[22]):

> **15.**9. «Agora volte para a cama e durma bem o resto da noite, papagaio-do-mar, que eu vou fazer o mesmo, ***tenho estado a trabalhar*** até agora, [...]»

> **3.**7. «O natural seria que neste exacto momento Tertuliano Máximo Afonso pensasse em uma outra mãe que, se já foi informada da triste novidade, igualmente ***estará chorando*** as lágrimas inconsoláveis da orfandade materna, [...]»

> **1.**10. «– Onde tens estado metido? Hoje parece que ***andas a cultivar*** mistérios.»

Em 15.9., temos o seguinte: <trabalhar> é, primitivamente, um 'predicado verbal de processo'. Aqui, porém, porque combinado com o adverbial <até agora>, com função delimitadora, transforma-se num 'predicado verbal de processo culminado'. Trata-se, por conseguinte, de um elemento proposicional a influir na valência aspectual primitiva da unidade lexical que aqui é o núcleo do predicado.

---

[22] Cf., particularmente, as notas 27 (p. 183) e 41 (p. 200) ao cap. III e 5 (p. 222) ao cap. IV, respectivamente.

Por seu turno, em 3.7., ocorre o que se descreve a seguir: <chorar> também é, originalmente, um 'predicado verbal de processo'. Todavia, aqui, combinado com o OD <as lágrimas>, com função delimitadora, transforma-se igualmente num 'predicado verbal de processo culminado'. Desta vez, ao contrário do que se passa no enunciado anterior, temos um complemento subcategorizado, isto é, um argumento, interno, a influir no estatuto aspectual originário da unidade lexical que agora é o núcleo do predicado.

Por fim, em 1.10., acontece o seguinte: inversamente ao que se passa nos dois enunciados precedentes, <cultivar> é, originariamente, um 'predicado verbal de processo culminado'. Contudo, aqui, embora combinado com o OD <mistérios>, este não tem função delimitadora porque se encontra simplesmente no plural, isto é, sem quaisquer outras determinações, tornando-se, por consequência, num 'predicado verbal de processo'. Nesta última situação temos, como na anterior, um complemento subcategorizado (um argumento, interno, com a relação gramatical de OD) a influir no significado aspectual primitivo da unidade lexical/núcleo do predicado.

3.2. Aspecto gramatical: caracterização e tipologia

A informação aspectual, do mesmo tipo (ou afim) da contida nas unidades lexicais que funcionam como predicados (conforme se viu), pode também ser veiculada por outros meios (iguais ou completamente distintos) nas diferentes línguas do mundo. Trata-se, em todo o caso, de procedimentos que, precisamente por serem usados de modo mais sistemático e com um razoável grau de produtividade, podem cunhar-se de 'expressão gramatical do aspecto' ou, simplesmente, aspecto gramatical. Estão nesta situação (ou podem enquadrar-se nela) o recurso a (i) 'temas verbais' vários (p. ex., os temas do presente, perfeito e aoristo, no grego antigo; os do *infectum* e *perfectum*, no latim; etc.), (ii) 'afixos derivacionais' (p. ex., a preferência por prefixos, nas línguas eslavas, opondo pares de verbos: um perfectivo e outro imperfectivo), (iii) 'sufixos flexionais' (p. ex., a oposi-

ção entre as formas simples do pretérito perfeito e imperfeito do indicativo, nas línguas românicas em geral) e (iv) 'perífrases verbais' (p. ex., as oposições, num primeiro momento, entre as formas verbais simples e as "correspondentes" formas verbais perifrásticas e, num segundo momento, entre as distintas formas verbais perifrásticas, particularmente nas línguas românicas ibéricas, com especial relevo para o português e castelhano).

Uma vez que, nestas línguas e noutras que se lhes não distanciam demasiado, os sufixos flexionais verbais, por um lado, e as perífrases verbais, especialmente, por outro, são os instrumentos que melhor (no sentido de mais sistemática e produtivamente) manifestam a informação aspectual que lhes é própria, a expressão gramatical do aspecto é, pois, de dois tipos, a saber e respectivamente: flexional e perifrástica.

3.2.1. Aspecto flexional

Na sequência do que se vem argumentando, o aspecto flexional, tal como o nome indica, consiste na expressão de conteúdo semântico de natureza aspectual por meio dos sufixos próprios da flexão verbal. Assim, por exemplo, e segundo García Fernández (1998), em castelhano, os sufixos flexionais do «presente» e «pretérito imperfecto» expressam o «aspecto imperfecto» (com os valores de 'habitual', 'progressivo', 'contínuo'); os do «pretérito perfecto simple» e as «formas compuestas», que são ambíguas, o «aspecto aoristo o perfectivo» (com os valores de 'terminativo', 'ingressivo'); as «formas compuestas», de novo, o «aspecto perfecto» (com os valores de 'resultativo', 'experiencial'); e os do «futuro» e «condicional» (ambos simples), o «aspecto neutral» (com os valores do «imperfecto» e «aoristo»).

Travaglia (1985), de que já se deu notícia no capítulo anterior, apresentou, para o português, uma interpretação que não dista muito da que acaba de ser referida[23]. Outras interpretações, mais ou menos convergentes, foram apresenta-

[23] V. síntese no cap. I, p. 31.

das, igualmente para o português, por Costa (1997)[24], Castilho (2000)[25], Duarte (1989)[26], Oliveira (2003)[27], Campos (2002)[28] e Cunha (1998)[29].

Independentemente da inventariação dos significados aspectuais manifestados pelos sufixos flexionais que os diferentes autores vão arrolando, o que importa de facto aqui relevar é que se está na presença de um processo morfológico (sintético, portanto) de expressão do aspecto. Por essa razão, há autores que também o designam de aspecto morfológico[30].

3.2.2. Aspecto perifrástico

Como se depreende dos termos constituintes, o aspecto perifrástico consiste, por sua vez, na expressão de conteúdo semântico de cariz aspectual por meio de perífrases verbais (estruturas sintagmáticas constituídas por um verbo auxiliar + um verbo auxiliado, conectados com ou sem preposição), fundamentalmente, mas também, não despiciendamente, através de biperífrases verbais (estruturas sintagmáticas constituídas por dois verbos auxiliares + um verbo auxiliado, conectados todos com ou sem preposições) e ainda, em grau bastante mais reduzido, mediante multiperífrases verbais (estruturas sintagmáticas constituídas por três ou mais verbos auxiliares + um verbo auxiliado, igualmente conectados com ou sem preposições).

É claro que a expressão perifrástica propriamente dita (um verbo auxiliar + um verbo auxiliado, conectados com ou sem preposição) é a que predomina. Neste trabalho é, aliás, a única tida em consideração, pois os significados aspectuais progressivo, progressivocomitativo e progressivogradativo, aqui estu-

---

[24] V. síntese no cap. I, pp. 37-38.

[25] V. síntese no cap. I, p. 40.

[26] V. síntese no cap. I, p. 44.

[27] V. síntese no cap. I, pp. 54-55.

[28] V. síntese no cap. I, p. 63.

[29] V. síntese no cap. I, pp. 68 e 70.

[30] Brianti (1992: 30), por exemplo.

dados, são de expressão prototípica e exclusivamente perifrástica, a saber e respectivamente: <*estar a* + infinitivo>, <*estar* + gerúndio>; <*andar a* + infinitivo>, <*andar* + gerúndio>, <*viver* + gerúndio>, <*viver a* + infinitivo>; e <*ir* + gerúndio>, <*vir* + gerúndio>, <*vir a* + infinitivo$_1$>. Destas nove construções, cinco (a maioria) resultam da estreita relação de solidariedade estabelecida exclusivamente entre auxiliar e auxiliado; e as restantes quatro, do mesmo tipo de relação, porém efectivada pelo conector <a>.

Seja qual for o enquadramento teórico em que se situam, bem como o tipo de desenvolvimento perseguido, nenhum dos contributos recenseados no capítulo I que mais directamente têm a ver com esta matéria deixa de reconhecer o estatuto privilegiado das perífrases verbais no tocante à expressão do aspecto. Estão, pois, neste caso Gärtner (1998)[31], Travaglia (1985)[32], Costa (1997)[33], Duarte (1989)[34], Oliveira (2003)[35] e Barroso (1994)[36].

Ignorando (tal como se procedeu em relação ao tipo anterior) a enumeração dos significados aspectuais expressos por perífrases verbais que os vários autores alistam, o que deveras importa aqui registar é que se está diante de um processo morfo-sintáctico (analítico, por conseguinte) de realização do aspecto. Por esse motivo, há igualmente autores que o denominam também de aspecto sintagmático[37].

Estão, assim, identificados – e ao mesmo tempo caracterizados – os dois principais tipos de aspecto gramatical: o flexional, de expressão morfológica, e o perifrástico, de realização morfo-sintáctica.

---

31 V. síntese no cap. I, p. 27.

32 V. síntese no cap. I, pp. 32-33.

33 V. síntese no cap. I, p. 38.

34 V. síntese no cap. I, p. 44.

35 V. síntese no cap. I, pp. 55-56.

36 V. síntese no cap. I, pp. 57-58.

37 Brianti (1992: 31), por exemplo.

4. Dos conceitos de auxiliarização e gramaticalização

Visto que as construções que expressam prototipicamente o progressivo, o progressivocomitativo e o progressivogradativo (mas também outras não contempladas agora) só têm existência sintagmaticamente, faz todo o sentido inteirarmonos, ainda que de modo breve[38], não só do processo linguístico que lhes dá origem (ou da auxiliarização), como também daquele outro que lhes permite desenvolverem-se atingindo, em alguns casos, um elevado grau de sistematicidade e produtividade (ou da gramaticalização). Conheçamo-los, pois, e de forma a perceber-se de igual modo a relação entre verbos auxiliares e perífrases (também biperífrases e multiperífrases) verbais.

4.1. Auxiliarização: noção e principais características

Por auxiliarização entende-se o processo linguístico que consiste na concatenação/imbricação sintagmática de pelo menos duas unidades pertencentes à mesma categoria léxico-sintáctica (o verbo, no caso presente), resultante da relação de mútua solidariedade que se gera entre elas, e funcionando uma (em português e línguas similares, a primeira) como modificadora da outra (a segunda, nas mesmas circunstâncias).[39] Por essa razão, a primeira diz-se auxiliar (também, mas só esporadicamente, auxiliante) e a segunda, auxiliada ou, de modo mais rigoroso, porque se está diante de um complexo de auxiliação de natureza verbal, verbo auxiliar e verbo auxiliado, respectivamente.

Trata-se, por conseguinte, de uma estrutura (i) diádica ([verbo auxiliar] + [verbo auxiliado]), (ii) de ordem invariável (precedência do auxiliar: [verbo auxiliar + verbo auxiliado]) que (iii) admite, em todo o caso, a dissociação dos seus elementos

---

[38] E é suficiente neste contexto (não constitui tema da presente investigação).

[39] Sobre este processo linguístico e também sobre o de copularização nas línguas românicas, ambos com fontes comuns mas desenvolvimentos independentes, cf. Laca (2000).

constituintes por inserção de certos categoriais, predominantemente um adverbial ([verbo auxiliar + categorial + verbo auxiliado]).[40]

Para além disso, no processo de auxiliação, os elementos linguísticos intervenientes (auxiliar[41] e auxiliado, com ou sem conectivo preposicional) contribuem de igual modo com informação lexical e gramatical, ou seja: o primeiro não é só morfema (encarregado de expressar tempo, aspecto, modo, pessoa e número) pois, quando auxiliar, expressa uma função nova, isto é, transforma-se mantendo parcialmente o seu sentido; e o segundo não é só semantema (encarregado de expressar o significado lexical), também é portador de uma parte da função gramatical (o ser infinitivo, gerúndio ou particípio): são, por conseguinte, adjuvantes mútuos no contexto sintagmático.

Elucidativas, a este propósito, são as palavras de Benveniste (1965: 6-7), escritas ao tratar da auxiliação de temporalidade (os outros dois tipos por ele considerados são a auxiliação de diatese e a de modalidade), que passo a transcrever:

> Il est pourtant clair que cette mutation fonctionnelle du présent *il a* en auxiliant de parfait n'est possible que du fait de l'auxiliation. Seule la jonction syntagmatique de *il a* avec *chanté* fait du présent de *avoir* le constituant d'un parfait. On doit bien admettre alors que l'auxilié *chanté* n'est pas seulement sémantème; il est aussi porteur d'une partie de la fonction grammaticale. [...]. Il apparaît donc que l'auxilié doit être reconnu comme bifonctionnel. En sus de sa fonction paradigmatique, qui est d'assurer la liaison sémantique avec le verbe, il remplit une fonction syntagmatique complémentaire de celle de l'auxiliant. [...]. Mais seule la somme de l'auxiliant et de l'auxilié, associant le *sens* spécifique de l'*auxiliant* à la *forme* spécifique de l'*auxilié*, assure la *fonction de temporalité* et produit la valeur de parfait.

---

[40] Das nove construções estudadas na Parte II, só <*viver* + gerúndio>, <*viver a* + infinitivo> e <*vir a* + infinitivo$_1$> é que não exibem esta propriedade; as demais, sim: cf. § 2.1.2.4, pp. 180-181 (para <*estar a* + infinitivo>); § 2.2.2.4, p.199 (para <*estar* + gerúndio>); § 3.1.2.6, p. 221 (para <*andar a* + infinitivo>); § 3.2.2.5, p. 230 (para <*andar* + gerúndio>); § 4.1.2.6, p. 261 (para <*ir* + gerúndio>); e § 4.2.2.4, p. 277 (para <*vir* + gerúndio>).

[41] Ou auxiliares, caso se esteja diante de um sintagma verbal biperifrástico ou multiperifrástico.

Neste seguimento (isto é, no das minhas palavras e das de Benveniste), funcionando como uma nota ao mesmo tempo explicativa e complementar e ainda como um indicador claro da relação de contiguidade (ou, pelo menos, muito estreita) entre os processos de auxiliarização e gramaticalização, é oportuno referir estas outras (palavras) de Coseriu (1976: 120-121), escritas ao estabelecer a diferença entre perífrase lexical e perífrase gramatical:

> In einer "grammatischen Periphrase" dagegen bewahrt ein Glied seine eigene lexikalische Bedeutung, während das andere oder die anderen ihre lexikalische Bedeutung verlieren, indem sie zu "Morphemen", zu grammatischen Hilfselementen werden. In *j'ai chanté* z.B. bewahrt das Glied *chanté* seine lexikalische Bedeutung 'singen'; *ai* dagegen hat nicht mehr die Bedeutung 'haben', da hier *ai* nur eine grammatische Bestimmung von *chanté* ist: vom lexikalischen Gesichtspunkt aus hat man in *j'ai chanté* nur die Bedeutung 'singen' und nicht die Bedeutung 'haben, besitzen'. Deswegen ist *j'ai chanté* eine Form des Verbs *chanter* und nicht des Verbs *avoir*: das Verb *avoir* ist in dieser Periphrase, wie man sagt, "grammatikalisiert" worden. [...]. In diesem Sinne können wir sagen, dass die Bedeutung unserer Verbalperiphrasen von der Bedeutung ihrer Glieder abhängt, und zwar von der lexikalischen Bedeutung des Hilfsverbs, die aber zu einer blossen grammatischen Kraft geworden ist, und von der grammatischen Bedeutung der in den Periphrasen erscheinenden Formen des Hauptverbs; in *j'ai chanté* z.B. von der grammatikalisierten Bedeutung von *avoir* und von der Bedeutung des Partizips.

Ora, porque o que aqui se afirma está impregnado de gramática ('perífrase gramatical', 'morfemas', 'elementos auxiliares gramaticais', 'significado gramatical'), está no momento de se proceder à identificação e caracterização do outro processo linguístico, intimamente correlacionado com este.

4.2. Gramaticalização: conceito e factores desencadeadores

Por gramaticalização entende-se, por seu turno, o processo linguístico que consiste basicamente na transformação paulatina de uma unidade lexical (ou menos gramatical) numa outra gramatical (ou mais gramatical), com o objectivo de se codificar uma função nova na língua ou que, não o sendo de todo, ainda

não fora codificada até então ou, pelo menos, dessa maneira; ou apenas do seu uso sincronicamente figurado.[42]

Esta matéria tem constituído, nos últimos anos, objecto de especial atenção por parte de alguns investigadores que se situam no quadro da Linguística Cognitiva. Neste âmbito, faz todo o sentido reparar, por exemplo, na seguinte definição do processo linguístico em epígrafe apresentada por Silva (1999: 532 e 1996: 114), que vem aliás na sequência de e/ou confina com outras[43], e na qual são notórias algumas das suas propriedades de que se vai falar de imediato:

> [...] *gramaticalização* [...] processo gradual e contínuo (diacrónico, como uma espécie de mudança linguística, e sincrónico, como variação de uso num mesmo estádio de língua), pelo qual um item lexical, uma construção, um elemento discursivo-pragmático, ou mesmo um item gramatical se tornam, em determinados contextos linguísticos, numa categoria gramatical (ou *mais* gramatical, no último caso), passando a codificar uma função gramatical que, ou ainda não tinha sido codificada, ou fora codificada de modo diferente.

Porque as construções que expressam o progressivo, o progressivocomitativo e o progressivogradativo são produtos do processo de gramaticalização diacrónica e/ou sincrónica – que aqui não vai ser, todavia, objecto de atenção individualiza-

---

42 Sobre este processo linguístico, cf., especialmente, Traugott & Heine (1991), Hopper & Traugott (1993) e Bybee & Perkins & Pagliuca (1994); e, para uma apresentação sumária, pode ler-se Neves (1997: 113-142).

43 Estão neste caso, entre outras, as definições de gramaticalização de Lima (1997: 643): «[...] processo diacrónico pelo qual uma unidade ou uma construção com pleno significado lexical se vai transformando numa forma com estatuto gramatical, mudando consequentemente de categoria sintáctica e passando assim a codificar relações que anteriormente não eram codificadas, ou eram-no de outro modo; [...].» e de Hopper & Traugott (1993: xv): «We define grammaticalization as the process whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions, and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions.» que entroncam, por sua vez, na de Kuryłowicz ([1965] 1975: 52): «Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status, e. g. from a derivative formant to an inflectional one».

da, mas que se pressupõe na Parte II –, conhecer as suas principais características, bem como os respectivos mecanismos e motivações permitirá naturalmente compreendê-la de modo cabal.

A unidireccionalidade parece ser, pelo menos diacronicamente, a propriedade típica do processo de gramaticalização, pois (o sentido único) vai do lexical para o gramatical (ou do menos gramatical para o mais gramatical), nunca inversamente. Isto quer significar que a unidireccionalidade implica (i) um 'aumento de abstracção' (parte-se sempre de conceitos e/ou expressões concretas), (ii) um 'aumento de significado pragmático' (mais do que um esvaziamento semântico, há um enriquecimento pragmático, isto é, em vez de 'semântico > menos semântico', tem-se 'semântico > pragmático > menos semântico-pragmático') e (iii) um 'aumento de dependência sintagmática' (ao decategorializar-se, ou seja, ao deixar de ter estrutura argumental própria, fica automaticamente dependente dos elementos contextuais contíguos).

A despeito de se tratar de propriedades características do processo de gramaticalização, não são contudo suficientes. É, por isso, necessário recorrer aos dois mecanismos típicos da mudança linguística que (confirmam-no estudos recentes) mais frequentemente conduzem a este processo, a saber: a reanálise e a analogia. A reanálise, que opera a nível sintagmático, cria estruturas novas a partir das velhas, implicando por conseguinte 'mudança de regra'; a analogia, operando a nível paradigmático, encarrega-se de fazer a 'generalização da regra'.

Para além disso (e trata-se de uma propriedade que não fica nada aquém das anteriores), a gramaticalização aparece como consequência de um processo de resolução de um problema linguístico, causado este não tanto por questões de ordem linguística (as mais importantes, deste ponto de vista, são as morfo-sintácticas), mas sobretudo por questões de ordem pragmática (os problemas da 'economia', 'eficiência', 'expressividade') e, mais marcadamente ainda, cognitiva: os problemas da 'representação conceptual', resolvidos pela 'estratégia metafórica' (conceptualizar conceitos de domínios abstractos por meio de conceitos de domínios concretos), e os relacionados com a 'expressão das atitudes do locutor',

resolvidos estes pela 'estratégia metonímica' (especificar um sentido, embora oculto, no contexto).[44]

A propósito do processo de gramaticalização de algumas construções perifrásticas nas línguas românicas, essencialmente do ponto de vista diacrónico, Laca (1998: 217-219) considera aquele como sendo sempre um 'processo de generalização' cujas consequências se manifestam (i) por uma frequência textual mais elevada da construção em questão; (ii) por uma perda de restrições na combinatória da construção em causa, ou seja, por uma generalização da sua distribuição (por exemplo, <*estar* + gerúndio>, em relação ao que acontecia até ao séc. XV, combina-se com sujeitos não-animados, com verbos estativos que exprimem uma atitude afectiva e pode aparecer na passiva, em predicações atributivas e com verbos de movimento); (iii) pela multiplicidade de valores contextuais da construção (quanto mais abstracta for, maior é a probabilidade de aparecer esta propriedade); e (iv) por efeitos de polarização produzidos pela forma nova (sobretudo sobre as formas não perifrásticas).[45]

4.3. Verbos auxiliares e perífrases verbais

Os verbos auxiliares actuam nas línguas (pelo menos nas do tipo do português), não como fazem primacialmente os adjectivos (que ocorrem à direita do nome qualificando-o, isto é, determinando-o) mas, sim, como os advérbios (que ocorrem à esquerda do nome, adjectivo, advérbio e também categorias sintagmáticas modificando-os/-as). Daí, por exemplo (e entre várias outras que aparecem neste texto[46]), as designações de inceptivo, progressivogradativo,

---

[44] Sobre esta matéria (factores pragmáticos e cognitivos da gramaticalização), e de modo pormenorizado, cf., particularmente, Heine & Claudi & Hünnermeyer (1991).

[45] Cf. estas propriedades com as que se vão inventariando, ao longo da Parte II, a propósito das construções aí analisadas.

[46] Especialmente na Conclusão, secção 2 (pp. 304-306).

progressivo-inceptivo[47] e progressivogradativo-inceptivo, para representarem linguisticamente a especificação significativa levada a cabo pelos auxiliares aspectuais, ou seja, verbos modificadores. Para além disso, quando se tenta descortinar o significado das construções perifrásticas, biperifrásticas e multiperifrásticas recorrendo a paráfrases, os advérbios ocorrem automaticamente e são a categoria sintáctica que melhor descreve o significado expresso por aqueles sintagmas verbais.

É notória – para não se dizer evidente – a estreita relação entre verbos auxiliares e perífrases verbais ou vice-versa. Isto mesmo pode ser constatado, por exemplo, no seguinte fragmento de Olbertz (1998: 32 e 34):

> What I mean by the term periphrasis is the productive and indissoluble combination of an auxiliarized lexical verb with a verbal predicate in a specific non-finite form in which the finite verb agrees with the first argument of the non-finite verb. The function of this combination is the semantic modification of what is expressed by the non-finite predicate and its arguments. The non-finite form can be an infinitive – in most cases preceded by a preposition – a gerund or a participle.
>
> Verbs that do not have arguments and, consequently, do not impose selection restrictions, are auxiliaries.

Como acaba de se ler, aqui, (i) para além de se sublinharem os caracteres 'produtivo' e 'indissolúvel' da combinação de um verbo lexical em auxiliação com um predicado verbal numa forma não-finita específica, (ii) de se afirmar a concordância do verbo finito com o primeiro argumento do verbo não-finito e (iii) a modificação semântica de tal combinação sobre o expresso pelo predicado não-finito e respectivos argumentos, (iv) diz-se claramente, também, que os verbos que não têm argumentos, não podendo consequentemente impor restrições de selecção, são auxiliares.

---

[47] Escrevo progressivo-inceptivo, com hífen, e progressivogradativo, sem hífen, por exemplo, porque, com este artifício ortográfico, quero exactamente representar significados (neste caso, aspectuais) expressos, respectivamente, por biperífrases (ou multiperífrases) e perífrases verbais.

Esta última propriedade (carência de estrutura argumental e consequente ausência de imposição de restrições de selecção) parece ser o critério *primus inter pares* do conjunto habitualmente avançado para a identificação dos verbos auxiliares, pelo menos nenhum dos trabalhos compulsados deixa de o referir. Repare-se, exemplificativamente, nas citações seguintes: «(i) o auxiliar e o verbo chamado principal têm de pertencer ao mesmo domínio frásico, evidenciando um forte grau de coesão sintáctica; (ii) o auxiliar é desprovido de uma grelha argumental própria, o que implica que o SN-Sujeito final seja um dependente temático do SV cujo núcleo é o chamado principal.» (Gonçalves 1996: 10); «Numa perspectiva integrada de sintaxe e semântica, um verbo passa a auxiliar quando deixa de ter uma estrutura argumental própria, isto é, quando deixa de poder impor restrições de selecção» (Campos 1998: 71); «Embora apresentando diferenças entre si, os auxiliares não têm propriedades de selecção semântica ou temática; é o segundo V que determina a selecção do argumento sujeito» (Brito 2003: 404); «Devido ao facto de não possuírem significado lexical, os verbos auxiliares não têm propriedades de selecção semântica. Assim, o SN que ocorre com a relação gramatical de sujeito em frases com verbos auxiliares faz parte do complexo predicativo organizado em torno do verbo auxiliado.» (Duarte 2003: 303).

Efectivamente, um verbo lexical, para poder funcionar como auxiliar, para além de ter de estar junto de outro verbo lexical, que mantém sempre esse estatuto, tem ainda de começar a perder significado lexical próprio, isto é, dessemantizar-se; e, ao iniciar este processo de dessemantização, começa automaticamente também a perder independência sintagmática, que se manifesta logo, naturalmente, na grelha argumental. Pode, portanto, concluir-se que a dessemantização (que acarreta aumento de abstracção e de significado pragmático) conduz à decategorialização (que acarreta, por seu turno, aumento de dependência sintagmática) ou, ao inverso, que esta implica obrigatoriamente aquela.

Os outros critérios (isto é, para além do (i) ganho pragmático e/ou perda sémica total ou parcial e, claro, da consequente (ii) decategorialização ou ausência de propriedades de selecção semântica e temática) habitualmente apresentados

como cruciais na identificação desta classe de verbos, e que vão da semântica à morfologia passando particularmente pela sintaxe, são os que a seguir se discriminam: (iii) ausência de completiva, seja finita ou infinita; (iv) só negação frásica, e a preceder o verbo auxiliar; (v) impossibilidade de ocorrência de modificadores frásicos (ou adverbiais) com valores temporais distintos; (vi) em frases com verbos auxiliares, os clíticos ocorrem adjacentemente à sua esquerda; (vii) impossibilidade de substituir o segundo verbo (principal) e respectivos argumentos pelos demonstrativos <o> ou <isso>; (viii) impossibilidade de transformação passiva; e (ix) carência de forma imperativa.[48]

Os verbos que cumprem todos estes requisitos, manifestando consequentemente um elevado grau de auxiliaridade, são (verbos) auxiliares por excelência[49], e constituem, também por essa razão, em combinação com uma forma não-finita do verbo principal, verdadeiras perífrases verbais[50], altamente gramaticalizadas[51].

Acontece, porém, que uma situação como a que acaba de se referir, de tão perfeita, ou é ideal ou anda lá próximo, portanto praticamente inexistente. Assim, e em relação aos auxiliares que entram na formação das construções descritas na Parte II, que são <ir> e <vir> (verbos de movimento orientado), <andar> (verbo de movimento não orientado) e <estar> e <viver> (verbos de estado e/ou posição), pode-se dizer que, com excepção de <estar>, os demais não cumprem na íntegra aquela relação de quesitos, variando entre os que exibem mais e aqueles que manifestam menos. Esta propriedade tem a ver, naturalmente, com as suas pró-

---

48 Sobre estes e outros critérios usados na identificação dos verbos auxiliares do português e respectiva aplicação, cf., entre outros, Busse & Vilela (1986: 76-80), Barroso (1994: 61-65), Gonçalves (1996), Duarte (2003: 295-316) e Brito (2003: 404-409).

49 Sobre 'verbos auxiliares: forças cognitivas e respectiva gramaticalização', cf. Heine (1993).

50 Sobre o conceito de perífrase verbal, cf., *supra*, secção 3.2.2. e, ainda, Barroso (1994: 71 e 2000: 91-92), Brianti (1992: 144) e Laca (2004: 87-88), por exemplo.

51 Sobre fases/graus de gramaticalização dos verbos auxiliares e/ou perífrases verbais, cf. Barroso (1994: 66-71), que distingue cinco fases, e Heine (1993: 58-69), que distingue sete.

prias especificidades, o que acarreta por consequência também distintas fases de gramaticalização, para o que se chamará a atenção – sem se ser cem por cento preciso (até porque é de todo impossível) –, sobretudo quando se estiver a fazer a descrição das propriedades semântico-lexicais das respectivas construções.

Por fim, uma breve nota sobre a estrutura das construções biperifrásticas (ou, simplesmente, biperífrases) e multiperifrásticas (ou, também simplesmente, multiperífrases)[52], cuja definição/caracterização foi já apresentada (cf. secção 3.2.2.), em particular – tão-só porque são as mais documentadas – sobre a estrutura das do primeiro tipo.

Considere-se o enunciado <estar a começar a trabalhar>, que pode ser actualizado, por exemplo, em <O João está a começar a trabalhar> ou <O João deve estar a começar a trabalhar>, etc., etc. Reparando bem, verifica-se que não se está diante de uma estrutura ternária ([estar a] + [começar a] + [trabalhar]) mas, antes, na presença de um todo, a saber: o primeiro modificador (<estar a>) tem escopo sobre toda a sequência à direita (<começar a trabalhar>), isto é, sobre a estrutura que integra já um modificador (na ocorrência, <começar a>), ou em representação parentética: [[estar a] [[começar a] [trabalhar]]]. Trata-se, como se há-de ver noutro local[53], de uma estrutura 'inceptiva' modificada 'progressivamente', ou seja, do progressivo-inceptivo.

5. Do modelo descritivo: coordenadas

O modelo descritivo aqui proposto[54], que desenvolvi com o objectivo de analisar e descrever a estrutura temporal e aspectual do sistema verbal do português europeu a funcionar na actualidade, constitui-se em torno de quatro hipóteses (é, portanto, de natureza hipotético-dedutiva), que passo a apresentar e explicar:

---

[52] Sobre a estrutura dos sintagmas verbais então ainda não cunhados de biperífrases e multiperífrases, cf. Barroso (2000: 92).

[53] V. notas 1 e 3 à Introdução (pp. 1 e 2, respectivamente).

[54] Entenda-se, é claro, em sentido restrito. Em sentido amplo, é-o todo este capítulo.

Primeira hipótese

Todas as formas verbais sem excepção (simples, compostas, perifrásticas, biperifrásticas e multiperifrásticas) constituem um todo unitário

Segunda hipótese

O tempo é uma categoria essencialmente deíctica, mas também anafórica e, residualmente, nem uma coisa nem outra

Terceira hipótese

O aspecto é uma categoria que "tematiza", primacialmente, os intervalos de tempo e os limites e/ou fronteiras de uma situação, ou seja, a sua constituição temporal interna, mas também os respectivos resultado ou não-resultado, orientação e quantificação

Quarta hipótese

A combinação dos diversos tipos de formas, para que a primeira hipótese chama a atenção, diferenciadas pelos significados prototípicos que as segunda e terceira hipóteses reconhecem, com os distintos tipos accionais de predicados verbais (estativos, de processo, de processo culminado, de culminação e pontuais) permite visualizar o funcionamento efectivo do tempo e aspecto no sistema verbal do português de hoje (no caso concreto, à luz da sua variante europeia)

Dado que a primeira hipótese permite averiguar das relações morfológicas, sintácticas e semânticas entre as formas verbais; a segunda, compreender um número considerável de usos principalmente das formas simples, mas também

de outras, e identificar alguns significados prototípicos;[55] a terceira, identificar a esmagadora maioria dos significados prototípicos e tendencialmente desta natureza; a quarta, confirmar e/ou infirmar estes últimos significados e respectivos derivados e, até, dar a conhecer significados completamente novos e, ainda, todo um conjunto de várias outras informações de natureza morfo-sintáctico-semântico-lexical, só poderá ser este o corolário: ficar-se a conhecer melhor a componente semântica da gramática do português e, em parte, o próprio processamento deste conhecimento.

Concretizemos um pouco mais (ver secções 5.1. e 5.2., já a seguir).

5.1. Estrutura do sistema verbal do português actual

A primeira hipótese, por exemplo, permite aquilatar do carácter integrado de três níveis[56] do sistema verbal do português actual. Não três níveis assim:

Nível primeiro: formas verbais simples
Nível segundo: formas verbais compostas
Nível terceiro: formas verbais perifrásticas

mas três níveis como a seguir se explicita:

Primeiro nível

Formas verbais simples e formas verbais compostas (o 'núcleo'), assim:

FAÇO e TENHO FEITO

55 De que não me vou ocupar aqui. Aliás, na Introdução, ao fazer a apresentação das coordenadas de orientação descritiva básicas, já só se considera o conteúdo das primeira, terceira e quarta hipóteses. Cf., ainda e sobretudo, o que aí se escreve na nota 14 (p. 8).

56 E não quatro (níveis), como poderia pensar-se, com base em estruturas do tipo <deve estar a acabar de comer>, <pode ter estado a acabar de comer> (ambas com três verbos auxiliares: <*dever*>, <*estar a*>, <*acabar de*> e <*poder*>, <*estar a*> – numa forma composta –, <*acabar de*>, respectivamente), porque nenhum dos auxiliares modais (<*dever*> e <*poder*>) aceita a forma composta, assim: *<tem devido estar a acabar de comer>, *<tem podido ter estado a acabar de comer>.

que se manifesta obrigatoriamente nos outros dois níveis, isto é, transmite-lhes a estrutura. Visualize-se:

ESTOU A FAZER e TENHO ESTADO A FAZER (2.° nível)
ESTOU A ACABAR DE FAZER e TENHO ESTADO A ACABAR DE FAZER (3.° nível)

Segundo nível

Formas verbais perifrásticas (logo a seguir ao núcleo: 'seminuclear'), assim:

ANDO A FAZER e TENHO ANDADO A FAZER

que se manifesta obrigatoriamente no nível mais periférico, ou seja, transmite-lhe também o modelo. Veja-se:

ANDO A ACABAR DE FAZER e TENHO ANDADO A ACABAR DE FAZER (3.° nível)

Terceiro nível

Formas verbais biperifrásticas e multiperifrásticas (o mais afastado do núcleo: 'periférico'), assim:

ESTOU A ACABAR DE FAZER e TENHO ESTADO A ACABAR DE FAZER

que, evidentemente, não se manifesta em nenhum dos dois níveis anteriores, mas reproduz, logicamente, a sua estrutura: imediatamente, do segundo, e, mediatamente, do primeiro.

5.2. Sistema aspectual verbal do português da actualidade

A terceira hipótese, que explica a totalidade das formas verbais aqui tidas em consideração, permite identificar as seguintes tipologias aspectuais (de (i), núcleo, a (iv), periferia):

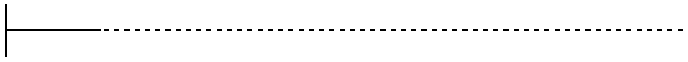
(i) As que descrevem a constituição temporal interna das situações:

Progressivas:

Sem limites, nem o inicial nem obrigatoriamente o final; diagramaticamente:

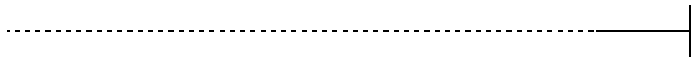
Inceptivas:

Início ou em torno do limite inicial; em diagrama:



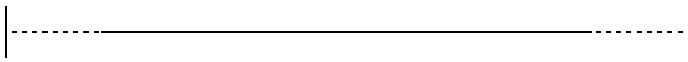
Terminativas:

Fim ou em torno do limite final; diagramaticamente:



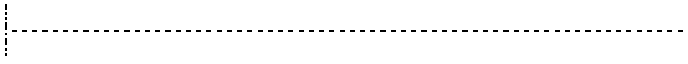
Continuativas:

Sem limites, mas implicando o inicial (à esquerda); em diagrama:



Iminenciais:

(Apenas) pressuposição do limite inicial, à direita (seja começo absoluto, seja recomeço)[57]; diagramaticamente:



[57] A iminência, para além de ser obviamente relativa ao início, pode ainda sê-lo a qualquer fase do seu desenvolvimento e mesmo, até, em relação ao seu termo.

(ii) As que descrevem o resultado/não-resultado das situações:
Resultativas e **não-resultativas**

(iii) As que descrevem a orientação (em relação a uma referência concebida como 'ponto de partida' ou como 'ponto de chegada') das situações:
Prospectivas e **retrospectivas**

(iv) As que descrevem a quantificação específica das situações:
Repetitivas

5.3. Variação e especialização linguísticas

Muito frequentemente, para se poder compreender de modo cabal uma determinada forma linguística, é necessário recorrer às noções de variação e/ou especialização. As formas verbais analisadas na Parte II deste trabalho estão nesta situação. Por conseguinte, para que a sua interpretação-descrição se possa efectivar de modo adequado, convém (re)conhecer, primeiro, os conceitos desses dois fenómenos linguísticos, bem como as respectivas principais características.

Por variação entende-se o fenómeno linguístico que consiste na possibilidade de existirem diferenças de realização (falada ou escrita) dentro de uma comunidade que partilha a mesma língua, e isto porque o sistema linguístico não é unitário (daí dever falar-se, rigorosamente, de diassistema). De facto, existem, sincronicamente falando (é que também há diferenciação linguística diacrónica), vários eixos de diferenciação, designadamente: estilístico, regional, sociocultural, ocupacional, etário. Tal diferenciação está documentada praticamente em todas as componentes da gramática de uma língua, ou seja: fonético-fonológica, morfológica, sintáctica, e também no léxico. De acordo com o que acaba de se afirmar, é possível estabelecer a seguinte tipologia (dois tipos com dois subtipos cada):

(A) Variantes combinatórias: formas alternativas condicionadas pelo contexto linguístico em que ocorrem. Distingo, todavia, as duas situações seguintes:

(i) Se são mutuamente exclusivas, isto é, onde ocorre uma forma não ocorre(m) a(s) outra(s) e vice-versa, trata-se de variantes combinatórias em distribuição complementar;

(ii) Se não são mutuamente exclusivas, mas se se verifica uma tendência preferencial por certas combinações (sintácticas, lexicais ou, até, morfológicas), estamos na presença de variantes combinatórias, simplesmente.

(B) Variantes livres (ou facultativas): formas alternativas não condicionadas pelo contexto linguístico de ocorrência. Também aqui devem distinguir-se as duas situações que se seguem:

(i) Se a sua génese é de natureza intra-individual, trata-se de variantes diafásicas (ou, também designadas, variantes estilísticas);

(ii) Se, pelo contrário, é de natureza interindividual, está-se na presença de variantes diastráticas (ou, denominadas também, variantes socioculturais) e, ainda, de variantes diatópicas (também ditas variantes regionais ou, ainda, geográficas).

As primeiras (as variantes diafásicas) explicam-se por diferentes "modalidades expressivas" (língua falada, língua escrita, língua literária, jargão técnico-profissional, língua dos jovens, etc.) e por "factores contextuais" (grau de formalidade do registo, por exemplo); as segundas (variantes diastráticas), por "diferenças sociais e/ou culturais" decorrentes do nível de escolaridade, profissão, sexo, idade, etc.; e as terceiras (variantes diatópicas), pela "disseminação de uma língua por diferentes espaços geográficos mais ou menos delimitados", tomando-se como norma a língua na sua extensão mais ampla.

Por conseguinte, quando são formas verdadeiramente alternativas (quer sejam condicionadas pelo contexto linguístico de ocorrência, quer produtos de escolha própria), não há quaisquer dúvidas de que se trata de variação (linguística).

Por último, quando já não constituem formas alternativas na sua verdadeira acepção (como se descreve, acima, a propósito do que designo simplesmente por variantes combinatórias), mas partilham o significado geral, prototípico (portanto, transversal/englobalizador), representam especificações idiossincráticas desse

significado mais geral, pelo que tais formas são absolutamente necessárias. A prova, pois, de que não há variação linguística mas, antes, aquilo que aqui designo por especialização[58] (significativa), fenómeno que me parece resultar de um desenvolvimento (no sentido de maior abstracção e, por conseguinte, generalização) da situação linguística descrita pelas variantes combinatórias, isto é: o condicionamento morfo-sintáctico-lexical deixou de ser a prerrogativa e estavam, assim, criadas as condições para a componente semântica da gramática poder intervir. Esta última propriedade revela/desvela, ao mesmo tempo, o carácter portentoso das capacidades cognitivas humanas: de facto, o que o Homem é capaz de experienciar, conhecer e, respectivamente, descrever em termos linguísticos é deveras extraordinário!

6. Do *corpus* e/ou dos *corpora*

O estudo das formas verbais progressivas, progressivocomitativas e progressivogradativas do português europeu da actualidade aqui apresentado baseia-se num *corpus* de material linguístico autêntico e não (em exemplos) *ad hoc*.[59] Em rigor, trata-se de *corpora* e, mais precisamente, de nove, que eu próprio organizei e cuja constituição se descreve na secção 6.1.: é que tais formas não só são diferentes quanto aos significados aspectuais expressos (progressivo, progressivocomitativo ou progressivogradativo) que, por um lado, as conglomeram, mas também quanto às propriedades morfo-sintáctico-semântico-lexicais que, por outro, as distinguem.

---

[58] Já depois de me ter decidido por este termo, encontrei esta referência em Hopper (1991: 25), que se cruza exactamente com o meu pensamento: «Specialization refers to the narrowing of choices that characterizes an emergent grammatical construction.»

[59] É claro que, enquanto falante nativo, poderia criar os exemplos em função das "necessidades" analítico-interpretativo-descritivas. Porém, porque se pretende descrever o *efectivamente* documentado e não a "potencialidade", a metodologia seguida parece-me ser cientificamente mais adequada – para além de eventualmente mais rica em resultados aportados.

Por funcionarem (ou poderem funcionar) ao mesmo tempo como pontos de partida e de chegada (daí a sua natureza descritivo-exemplificativa), constituindo-se assim como o núcleo da presente investigação, os *corpora*, devidamente numerados e identificados, fazem parte integrante (do corpo) do texto e não um seu apêndice. Por conseguinte, e tratando-se de uma questão metodológica, deve atentar-se, de imediato, no que se diz a respeito da sua constituição e, logo a seguir, nas respectivas finalidades.

6.1. Constituição

O *corpus* consta de 456 excertos textuais (ou enunciados), de sentido completo, em cada um dos quais se encontra inserida quase sempre uma forma verbal (às vezes, mas raramente, duas[60] ou, até, três[61]) das que aqui constituem objecto de estudo, e referidas antes.

Vejamos, agora, a sua proveniência ou, talvez melhor, a relação fonte/número de excertos fornecidos, começando pela imprensa escrita: *Público* (*P*)/75, *Expresso* (*Ex*)/29, *O Independente* (*I*)/15, *Jornal de Notícias* (*JN*)/13, *Diário do Minho* (*DM*)/3, *Correio do Minho* (*CM*)/3, *O Comércio do Porto* (*CP*)/2 (periódicos) e *Visão* (*V*)/7, *Pública* (*Pa*)/5 (revistas de imprensa) – 152 excertos, ou seja, um terço da totalidade do *corpus*; passando às fontes esmagadoramente literárias (exceptuam-se apenas três: duas de literatura esotérica e um estudo sociológico): *Terra Fria* (*TF*)/33, de Ferreira de Castro, *O Homem Duplicado* (*HD*)/32, *Ensaio sobre a Cegueira* (*EC*)/20, *Ensaio sobre a Lucidez* (*EL*)/12, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (*EJC*)/1, *O Conto da Ilha Desconhecida* (*CID*)/3, *A Caverna* (*C*)/12, *As Intermitências da Morte* (*IM*)/17, *In Nomine Dei* (*IND*)/13, *Levantado do Chão* (*LC*)/8, *Todos os Nomes* (*TN*)/1, de José Saramago, *Estorvo* (*Es*)/22, de Chico Buarque, *Memorial de Aires* (*MA*)/10, de Machado de Assis, *A Casa dos Budas Ditosos* (*CBD*)/2, de João Ubaldo Ribeiro, *A Varanda do Frangipani* (*VF*)/4, de Mia

[60] Cf., p. ex., 1.2. do *corpus* i, p. 160.

[61] Cf., p. ex., 10.1. do *corpus* vii, p. 252.

Couto, *Aparição* (*A*)/1, *Cartas a Sandra* (*CS*)/2, de Vergílio Ferreira, *Alma* (*Al*)/3, de Manuel Alegre, *A Alma dos Ricos* (*AR*)/6, de Agustina Bessa-Luís, *Cinco Dias, Cinco Noites* (*CD CN*)/2, de Manuel Tiago, *A Casa do Pó* (*CPó*)/11, *A Ponte dos Suspiros* (*PS*)/1, de Fernando Campos, *Dinossauro Excelentíssimo* (*DE*)/1, de José Cardoso Pires, *Equador* (*Eq*)/6, de Miguel Sousa Tavares, *Fora de Horas* (*FH*)/6, *Por Outras Palavras* (*POP*)/5, *Sinais Exteriores* (*SE*)/1, de Paulo Castilho, *Felizmente Há Luar!* (*FHL*)/1, de Luís de Sttau Monteiro, *Gaibéus* (*G*)/4, de Alves Redol, *Ursamaior* (*U*)/1, de Mário Cláudio, *Trabalhos e Paixões de Benito Prada* (*TPBP*)/5, de Fernando Assis Pacheco, *José do Telhado* (*JT*)/3, de Camilo Castelo Branco, *Livro do Desassossego* (*LD*)/3, *Mensagem* (*M*)/1, de Fernando Pessoa, *Matar a Imagem* (*MI*)/1, de Ana Teresa Pereira, *A menina do mar* (*MM*)/7, *A noite de Natal* (*NN*)/3, de Sophia de Mello Breyner Andresen, *Nome de Guerra* (*NG*)/6, de Almada Negreiros, *Novos Poemas Póstumos* (*NPP*)/1, de António Gedeão, *Odes* (*O*)/3, *Portugal* (*Po*)/2, de Miguel Torga, *Os Putos* (*Putos*)/9, de Altino do Tojal, *Rio Triste* (*RT*)/3, de Fernando Namora, *O Alquimista* (*Alq*)/1, *O Monte Cinco* (*MC*)/1, de Paulo Coelho, *Visitas ao Poder* (*VP*)/2, de Maria Filomena Mónica – 292 excertos, o que representa aproximadamente dois terços da totalidade do *corpus*; e terminando por um conjunto de fontes avulsas: traduções portuguesas de originais noutras línguas/2, outras narrativas brasileiras/2, outras narrativas portuguesas/3, livro de didáctica brasileiro/1, literatura prefacial/1, correspondência institucional/1, outros documentos/1 e panfletos e/ou cartazes publicitários/1 – as menos representadas do *corpus*, e só mesmo uma percentagem ínfima.

Em termos cronológicos, as fontes do primeiro tipo (as da imprensa escrita) situam-se nos últimos catorze anos (são, portanto, bastante recentes), designadamente: *Expresso* (1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1999, 2000, 2001 e 2004), *O Comércio do Porto* (1993), *Público* (1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997 e 2000), *Jornal de Notícias* (1992, 1993 e 1995), *O Independente* (1993), *Correio do Minho* (1993 e 1994), *Diário do Minho* (1995 e 1996), *Pública* (1996 e 1997) e *Visão* (1994, 1997 e 2001); as do segundo (as maioritariamente literá-

rias), conforme se pode ver na sua catalogação final[62], dos quarenta e seis títulos, apenas um é do séc. XIX (e, mesmo assim, da década de sessenta desse século), oito são já dos anos dois mil, e os restantes trinta e sete do séc. XX, com maior incidência, em todo o caso, para os produzidos nas décadas de oitenta e noventa (vinte e três) – o que significa, uma vez mais, a actualidade dos dados; por fim, as do terceiro tipo (as esparsas), porque essencialmente dos anos noventa do século passado e destes primeiros anos do século em curso, também são obviamente actuais.

Pelo exposto, não restam dúvidas de que se trata de um *corpus* (e, consequentemente, de *corpora*) com um elevado grau de diversificação: são várias as fontes, são vários os géneros e subgéneros por que se apresentam[63], são várias as temáticas nelas e por elas tratadas, são vários os seus contextos de produção, são vários os alvos a atingir, são vários ... várias ... Isto quer tão-somente significar que se está diante de material linguístico de tal maneira rico, que não só torna possível esta análise-interpretação-descrição das formas verbais–objecto de estudo na presente investigação, como também – basta reorientar o foco – eventuais outras, com certeza.

Não obstante predominarem os excertos de natureza literária (293), os de carácter não-literário não lhes ficam grandemente aquém (163). Os textos literários são apenas uma fonte mais, e não a fonte – como poderão equivocadamente julgar aqueles que compulsarem de relance e/ou de modo apressado o presente estudo. Se se confrontarem as quatro mais produtivas/contributivas fontes de ambas as naturezas (75 do *Público*, 29 do *Expresso*, 15 de *O Independente*, 13 do *Jornal de Notícias*, por um lado, e 33 de *Terra Fria*, 32 de *O Homem Duplicado*, 22 de *Estorvo*, 20 de *Ensaio sobre a Cegueira*, por outro lado), constata-se

---

[62] Para se ficar a conhecer a sua verdadeira localização cronológica, cf. 2.1. da Bibliografia utilizada na constituição dos *corpora* (pp. 366-368). Nos casos em que não se trate das primeiras edições, tal informação é devidamente assinalada entre colchetes.

[63] Sobre a diversidade tipológica das fontes, cf. Introdução, secção 4. (segundo parágrafo), pp. 16-17.

que os enunciados não-literários predominam sobre os literários: 132 contra 107! É só um exemplo. E também um facto.

Apresenta-se, a seguir, a sua distribuição discriminada (em itálico e abreviadamente, o texto-fonte e, entre parênteses, a quantidade de enunciados nele colhidos): *corpus* i (<*estar a* + infinitivo>): *A* (1), *Al* (1), *AR* (4), *C* (2), *CID* (2), *CM* (2), *CP* (1), *CPó* (2), *EC* (6), *EL* (5), *Eq* (1), *Ex* (9), *FH* (2), *HD* (7), *I* (6), *IM* (2), *JN* (3), *LC* (2), *LD* (1), *MA* (3), *MI* (1), *MM* (3), *NG* (2), *NN* (1), *P* (28), *Pa* (1), *POP* (2), *Putos* (1), *TF* (11), *V* (3), *VP* (1) e trad. port. de original inglês (1)[64]; *corpus* ii <*estar* + gerúndio>): *Alq* (1), *C* (3), *CBD* (1), *CD CN* (2), *CPó* (5), *EC* (3), *EJC* (1), *EL* (2), *Es* (14), *Ex* (2), *FHL* (1), *HD* (9), *IM* (5), *IND* (6) *JT* (1), *LC* (2), *LD* (1), *MA* (1), *MC* (1), *NG* (1), *P* (1), *Pa* (1), *Putos* (2), *SE* (1), *VF* (2) e excerto de um livro de didáctica brasileiro (1)[65]; *corpus* iii (<*andar a* + infinitivo>): *Al* (1), *AR* (1), *C* (3), *DE* (1), *DM* (1), *EC* (2), *EL* (3), *Eq* (1), *Ex* (5), *FH* (2), *G* (1), *HD* (6), *I* (4), *IM* (2), *IND* (4), *JN* (3), *NG* (2), *P* (8), *Pa* (1), *POP* (2), *Putos* (1), *RT* (2), *TF* (10), *TPBP* (3), *U* (1) e *V* (1); *corpus* iv (<*andar* + gerúndio>): *CPó* (2), *EC* (1), *EL* (1), *Es* (3), *Ex* (1), *G* (1), *HD* (1), *I* (1), *IND* (1), *JT* (2), *LC* (1), *TF* (1), *TN* (1) e *VF* (1); *corpus* v (<*viver* + gerúndio>): *Es* (2) e *CBD* (1); *corpus* vi (<*viver a* + infinitivo>): extractos de narrativas brasileiras (2) e excertos de narrativa portuguesa (2)[66]; *corpus* vii (<*ir* + gerúndio>): *Al* (1), *AR* (1), *C* (1), *CID* (1), *CM* (1), *CS* (1), *EC* (2), *EL* (1), *Eq* (3), *Es* (2), *Ex* (5), *FH* (1), *G* (2), *HD* (4), *I* (3), *IM* (4), *JN* (3), *LD* (1), *M* (1), *MA* (2), *MM* (3), *NN* (1), *NPP* (1), *O* (3), *P* (28), *Pa* (2), *Po* (2), *Putos* (2), *RT* (1), *TF* (11), *TPBP* (2), *V* (2), *VF* (1), panfleto publicitário (1)[67], correspondência de uma organização cultural (1)[68], excerto de narrativa portuguesa (1)[69], fragmento de um

[64] V. nota à ocorrência 22.1 (p. 171).

[65] V. nota à ocorrência 15.1 (p. 193).

[66] V. notas às ocorrências 1.1., 4.1., 4.2. e 4.3 (pp. 235-236).

[67] V. nota à ocorrência 1.14 (p. 245).

[68] V. nota à ocorrência 3.8 (p. 248).

[69] V. nota à ocorrência 4.17 (p. 249).

prefácio (1)[70] e trad. port. de original francês (1)[71]; *corpus* viii (<*vir* + gerúndio>): *C* (2), *CPó* (2), *CS* (1), *DM* (1), *EC* (4), *Eq* (1), *Es* (1), *Ex* (1), *HD* (2), *IM* (3), *IND* (2), *JN* (1), *LC* (3), *MA* (4), *MM* (1), *NG* (1), *NN* (1), *P* (4), *PS* (1), *Putos* (2) e *V* (1); *corpus* ix (<*vir a* + infinitivo$_1$>): *C* (1), *CP* (1), *DM* (1), *EC* (2), *Ex* (6), *FH* (1), *HD* (3), *I* (1), *IM* (1), *JN* (3), *P* (6), *POP* (1), *Putos* (1), *VP* (1) e excerto de documento de uma instituição universitária portuguesa (1)[72].

6.2. Finalidades

Antes de mais nada, e na sequência do que se tem vindo a dizer, os *corpora* constituem-se como o fundamento da presente investigação, na exacta medida em que formam a base a partir da qual se vai construir/construindo todo o discurso argumentativo em torno das formas verbais que aqui se analisam, interpretam e descrevem. Trata-se, pois, da finalidade primária/primeira, logo genérica e abstracta.

Depois (entrando já na natureza concreta das finalidades), porque se trata de formas verbais devidamente integradas em enunciados de sentido completo (ou, pelo menos, portadores de um sentido mínimo) e actualizadas de acordo com as especificidades discursivas e as necessidades dos sujeitos falantes/escreventes, pode-se indagar da sua combinatória efectiva, ou seja: (i) *morfo-sintacticamente* ou das formas flexionais de tempo-aspecto-modo e pessoa-número em que aparecem de facto as construções que expressam prototipicamente o progressivo, o progressivocomitativo e o progressivogradativo construindo, desta maneira, os subparadigmas que enformam o paradigma perifrasticamente expresso; (ii) *sintáctico-semanticamente* ou dos tipos proposicionais com que se combinam (se declarativo, se interrogativo, se exclamativo, se imperativo, se optativo) e respectivas formas (se afirmativa ou negativa, se activa ou passiva, se neutra ou enfática); do

[70] V. nota à ocorrência 15.1 (p. 254).

[71] V. nota à ocorrência 19.1 (p. 254).

[72] V. nota à ocorrência 15.17 (p. 283).

número (zero, um, dois, três) e da natureza (interna e/ou externa) dos argumentos[73] e correspondentes configurações sintácticas (se impessoal, se inergativa, se inacusativa ou ergativa, se copulativa, se transitiva, se ditransitiva, se transitiva predicativa)[74]; dos tipos de sujeito (nulo, animado e humano, animado e não-humano, inanimado, misto) e da sua quantificação – bem como da dos objectos directos – e consequentes implicações significativas; e (iii) *semântico-lexicalmente* ou dos tipos accionais de predicados verbais com que se combinam (se estativos, se de processo, se de processo culminado, se de culminação, se pontuais) e das implicações directas na manifestação do significado aspectual prototípico ou derivado, resultante este último de combinatórias particulares; e, ainda, dos tipos lexicais de predicados verbais coocorrentes (se de 'movimento orientado', se de 'movimento não orientado', se de 'mudança de estado', se de 'actividade mental', se de 'actividades físicas não delimitadas', se 'designadores de actividades para descrever o sujeito', se de 'execução', se de 'percepção', se de 'língua', se de 'posse', se 'existenciais', se 'meteorológicos', etc.)[75].

Em terceiro lugar, os *corpora* possibilitam a averiguação, pelo menos parcial, da frequência de ocorrência, quer das construções perifrásticas enquanto paradigmas, quer dos respectivos subparadigmas (em termos de tempo-aspecto-modo) quer, até, dos sub-subparadigmas (em termos de pessoa-número), para além de se poder referir (se for necessário ou caso se queira) alguns valores estatísticos, bem como, ainda, averiguar-se do e/ou constatar o carácter completo, quase completo, parcialmente completo, pouco completo ou ínfimo dos nove

---

73 Sobre estrutura argumental em geral, natureza aspectual do verbo e estrutura argumental e respectiva terminologia, cf., particularmente, Duarte & Brito (2003:183-197).

74 Sobre a denominação das várias configurações sintácticas exibidas pelos predicados verbais do português, aqui adoptada, cf. Duarte (2003: 295-316).

75 Sobre esta matéria, mais precisamente: sobre a diversidade de tipos lexicais de predicados verbais, cf., entre outros, Duarte & Brito (2003).

"paradigmas" correspondentes às nove construções perifrásticas aqui sob escopo e documentadas nos nove *corpora*.[76]

Por último (mas não menos importante), e evocando os fins didácticos já focados[77], os *corpora* podem funcionar como "paradigmas" (no sentido de "exemplos", "modelos"), concretamente: o consulente (seja um professor do ensino secundário, por exemplo), perante uma construção do tipo das aqui estudadas, sabendo ou não que se trata de um todo unitário, ao compulsar este texto, para além de poder confirmar esta última propriedade (reconhecível, imediatamente, pelo destaque em *itálico* e **negrito**, ***sobrepostos***), fica a saber que a referida construção enquanto um todo unitário se flexiona em tempo-aspecto-modo e pessoa-número como qualquer outra unidade lexical verbal simples (p. ex, <estudar>: *estudo*, *estudas*, *estuda*, *estudamos*, [*estudais*][78], *estudam*; *estudava*, *estudavas*, *estudava*, *estudávamos*, [*estudáveis*], *estudavam*; e <estar a estudar>: *estou a estudar*, *estás a estudar*, *está a estudar*, *estamos a estudar*, [*estais a estudar*], *estão a estudar*; *estava a estudar*, *estavas a estudar*, *estava a estudar*, *estávamos a estudar*, [*estáveis a estudar*], *estavam a estudar*), com a diferença, capital, de que tal estrutura serve essencialmente para expressar um conteúdo semântico de natureza ou aspectual (todas as aqui estudadas), ou temporal, ou modal, principalmente – podendo certificar-se ainda, se assim o entender, de todos os outros aspectos referidos já nas páginas precedentes.

7. Das formas verbais: identificação e respectiva denominação

Primeiro, porque se trata do subsistema aqui tido em consideração, vamos proceder ao reconhecimento das formas verbais perifrásticas (cf. 7.1.); a

---

[76] Alguns dos aspectos focados nestes dois últimos parágrafos, e que fazem parte do procedimento aqui adoptado, foram sugeridos pelos trabalhos de Gómez Torrego (1988 e 1999, sobretudo as páginas 108-173 e 3365-3386, respectivamente) e Yllera (1999, de modo particular as páginas 3400-3423).

[77] Cf. Introdução, pp. 15-16.

[78] As formas verbais assim assinaladas, entre colchetes, são de uso quase exclusivamente dialectal e/ou idiolectal.

seguir, ao que deriva directamente deste, ou seja, o das formas verbais bi(multi)perifrásticas (cf. 7.2.1.); e, por fim, ao que está na origem dos dois anteriores, isto é, o das formas verbais simples e compostas (cf. 7.2.2.).

A identificação das formas verbais processa-se do seguinte modo: para cada paradigma (formas resultantes da aplicação dos sufixos flexionais de tempo-aspecto-modo) representante de cada um dos três níveis de estruturação do sistema verbal do português actual, já identificados (cf. 5.1.), constituído por vinte e quatro potenciais conjuntos de formas (catorze de formas simples + dez de formas compostas)[79], elegeu-se, agora para cada subparadigma (formas que resultam da aplicação dos sufixos flexionais de pessoa-número), uma forma representativa, a saber: a de P3 (para 1., 2., 3., 4., 5., 6., 7., 8., 15., 16., 17., 18., 19. e 20.), a de P2 (para 9., 10., 12., 21. e 23.) e a única disponível (para 11., 13., 14., 22. e 24).

7.1. Subsistema das formas perifrásticas

Eis as formas que integram o segundo nível de estruturação do sistema verbal do português de hoje (paradigma construído com <investigar>, 'predicado verbal de processo'):

1. *está a investigar*
2. *esteve a investigar*
3. *estará a investigar*
4. *estava a investigar*
5. *estivera a investigar*
6. *estaria a investigar*
7. *esteja a investigar*

[79] 'Simples' e 'composto', nas formas verbais perifrásticas e bi(multi)perifrásticas, obviamente que são tomados em sentido amplo, apenas pela semelhança formal que mantêm com aquelas formas propriamente ditas, conforme ficou esclarecido na secção 5.1.

8. *estivesse a investigar*
9. (se tu) *estiveres a investigar*
10. ———— (mas *continua a investigar!*)
11. *estar a investigar*
12. (por tu) *estares a investigar*
13. *estando a investigar*
14. ... *estado a investigar*
15. *tem estado a investigar*
16. *terá estado a investigar*
17. *tinha estado a investigar*
18. *teria estado a investigar*
19. *tenha estado a investigar*
20. *tivesse estado a investigar*
21. (se tu) *tiveres estado a investigar*
22. *ter estado a investigar*
23. (por tu) *teres estado a investigar*
24. *tendo estado a investigar*

7.2. Outros subsistemas

Passemos, agora, à identificação das formas constituintes dos outros dois subsistemas referidos: para já, o das formas que correspondem ao terceiro nível de integração (paradigma construído com <comer>, 'predicado verbal de processo culminado') e, a seguir, o das formas integrantes do primeiro nível (paradigma construído, de novo, com <investigar>, 'predicado verbal de processo').

7.2.1. Subsistema das formas bi(multi)perifrásticas

1. *está a acabar de comer*
2. *esteve a acabar de comer*
3. *estará a acabar de comer*

4. *estava a acabar de comer*
5. *estivera a acabar de comer*
6. *estaria a acabar de comer*
7. *esteja a acabar de comer*
8. *estivesse a acabar de comer*
9. (se tu) *estiveres a acabar de comer*
10. ———— (mas *vai acabar de comer!*)
11. *estar a acabar de comer*
12. (por tu) *estares a acabar de comer*
13. *estando a acabar de comer*
14. ... *estado a acabar de comer*
15. *tem estado a acabar de comer*
16. *terá estado a acabar de comer*
17. *tinha estado a acabar de comer*
18. *teria estado a acabar de comer*
19. *tenha estado a acabar de comer*
20. *tivesse estado a acabar de comer*
21. (se tu) *tiveres estado a acabar de comer*
22. *ter estado a acabar de comer*
23. (por tu) *teres estado a acabar de comer*
24. *tendo estado a acabar de comer*

7.2.2. Subsistema das formas simples e compostas

1. *investiga*
2. *investigou*
3. *investigará*
4. *investigava*
5. *investigara*
6. *investigaria*

7. *investigue*
8. *investigasse*
9. (se tu) *investigares*
10. *investiga*!
11. *investigar*
12. (para tu) *investigares*
13. *investigando*
14. *investigado*
15. *tem investigado*
16. *terá investigado*
17. *tinha investigado*
18. *teria investigado*
19. *tenha investigado*
20. *tivesse investigado*
21. (se tu) *tiveres investigado*
22. *ter investigado*
23. (por tu) *teres investigado*
24. *tendo investigado*

7.3. Das denominações: uma proposta

Antes de apresentar as próprias denominações, quer para as formas verbais consideradas nucleares (as simples e as compostas), já com longa tradição denominativa, quer para as restantes aqui inventariadas (as perifrásticas, as biperifrásticas e as multiperifrásticas), sem tradição denominativa, vou – até porque só desse modo se compreenderá melhor a razão de se avançar com uma proposta própria (cf. 7.3.3.) – recordar as mais ou menos consagradas pela tradição gra-

matical portuguesa[80] (cf. 7.3.1.) e focar, de modo muito breve, duas propostas relativamente recentes[81] (cf. 7.3.2.).

7.3.1. Designações mais ou menos tradicionais

1. presente do indicativo
2. pretérito perfeito (simples)[82] do indicativo
3. futuro imperfeito do indicativo
4. pretérito imperfeito do indicativo
5. pretérito mais-que-perfeito (simples) do indicativo
6. condicional (simples) (do indicativo)
7. presente do conjuntivo
8. pretérito imperfeito do conjuntivo
9. futuro imperfeito do conjuntivo
10. imperativo (presente)
11. infinitivo impessoal (presente)
12. infinitivo pessoal (simples)
13. gerúndio simples
14. particípio (passado)
15. pretérito perfeito composto do indicativo
16. futuro perfeito do indicativo
17. pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
18. condicional composto (do indicativo)
19. pretérito perfeito composto do conjuntivo

---

[80] São fontes destas denominações, apesar de tudo com algumas diferenças mais ou menos significativas, por exemplo, Cunha & Cintra (1984: 397-402), Bechara (1999: 250-253), Martins (1982: 300-302 e 306-307), Vázquez Cuesta & Mendes da Luz (1983: 417-419), Silva & Tavares (1994: 136-137), Vilela (1999: 89 e 92) e Figueiredo & Ferreira (1973: 229-230).

[81] Peres (1996) e Barbosa (1998).

[82] O termo entre parênteses significa que aparece nalgumas propostas de nomenclatura e noutras não.

20. pretérito mais-que-perfeito composto do conjuntivo
21. futuro perfeito do conjuntivo
22. infinitivo impessoal perfeito
23. infinitivo pessoal composto
24. gerúndio composto

7.3.2. Outras propostas denominativas

Conforme se escreveu acima, apresenta-se, a seguir, a «proposta de nomenclatura do sistema verbal português» (mais precisamente: formas verbais simples do indicativo e também as formas não-finitas) de Peres (1996: 57)[83]:

1. (sobreposto a) presente
2. anterior a presente
3. posterior a presente
4. sobreposto a passado
5. anterior a passado
6. posterior a passado
11. não propõe denominação
13. não propõe denominação
14. anterior extensivo (?)

e, agora, a de Barbosa (1998a: 82) e (1998b: 64)[84]:

1. deixa sem designação
2. pretérito
3. posterior
4. passado

---

[83] Também já em Peres (1993: 48).

[84] Reproduzida quase talqualmente (apenas se substitui 'subjuntivo' por 'conjuntivo') em Silva, P. (1998: 58 e 156) e Osório (1999: 158).

5. passado + anterior
6. passado + posterior
7. subjuntivo
8. passado + subjuntivo
9. posterior + subjuntivo
10. imperativo
11. infinitivo
13. gerúndio
15. perfeito
16. posterior + perfeito
17. passado + perfeito
18. passado + posterior + perfeito
19. perfeito + subjuntivo
20. passado + perfeito + subjuntivo
21. posterior + perfeito + subjuntivo
22. perfeito + infinitivo
24. perfeito + gerúndio

Não me parece que as propostas acabadas de referir sejam assim tão praticáveis – no sentido de poderem vir a disseminar-se – quanto pretenderiam os seus autores. Em todo o caso, enquanto interpretações, através de objectivas distintas, dos dados linguísticos do verbo português, isso é outro assunto (que se afasta do que agora se está aqui a tratar).

7.3.3. Proposta própria

Em face do exposto, é chegado o momento de proceder à apresentação da proposta denominativa das formas verbais do português actual com a qual se opera neste trabalho, e que julgo ser funcional e praticável, também no sentido de poder vir a disseminar-se sem dificuldades de maior: é que tem a vantagem – assim me parece – de combinar a tradição (designações que a generalidade das

pessoas conhece) com as características formais evidenciadas pelas próprias estruturas.

São estas, por conseguinte, as denominações que proponho para as formas integrantes do (i) primeiro nível de estruturação:

1. presente
2. pretérito
3. futuro
4. imperfeito
5. mais-que-perfeito
6. futuro do pretérito (*ou* condicional)[85]
7. conjuntivo presente
8. conjuntivo imperfeito
9. conjuntivo futuro
10. imperativo
11. infinitivo
12. infinitivo pessoal[86]
13. gerúndio
14. particípio
15. presente composto
16. futuro composto
17. imperfeito composto
18. futuro do pretérito (*ou* condicional) composto
19. conjuntivo presente composto

---

[85] Não me decidi por uma só denominação, tão simplesmente porque a nomenclatura gramatical brasileira prefere a de 'futuro do pretérito' e a portuguesa, ao invés, a de 'condicional': cf., entre outros, Cunha & Cintra (1984: 398), Bechara (1999: 251) e Figueiredo & Ferreira (1973: 221), Vilela (1999: 89), respectivamente.

[86] Prefiro este termo ao menos preciso 'flexionado' (usado, por exemplo, em Bechara 1999: 252), porque flexionadas são todas as formas verbais simples.

20. conjuntivo imperfeito composto
21. conjuntivo futuro composto
22. infinitivo composto
23. infinitivo pessoal composto
24. gerúndio composto

Porque não as há (isto é, não aparecem arroladas nos compêndios de gramática e/ou outros textos de natureza análoga, tal como estamos habituados a vê-las para as formas verbais simples e compostas), proponho as seguintes designações para as formas que integram o (ii) segundo nível de estruturação:

1. presente perifrástico
2. pretérito perifrástico
3. futuro perifrástico
4. imperfeito perifrástico
5. mais-que-perfeito perifrástico
6. futuro do pretérito (*ou* condicional) perifrástico
7. conjuntivo presente perifrástico
8. conjuntivo imperfeito perifrástico
9. conjuntivo futuro perifrástico
10. imperativo perifrástico
11. infinitivo perifrástico
12. infinitivo pessoal perifrástico
13. gerúndio perifrástico
14. particípio perifrástico
15. presente composto perifrástico
16. futuro composto perifrástico
17. imperfeito composto perifrástico
18. futuro do pretérito (*ou* condicional) composto perifrástico
19. conjuntivo presente composto perifrástico

20. conjuntivo imperfeito composto perifrástico
21. conjuntivo futuro composto perifrástico
22. infinitivo composto perifrástico
23. infinitivo pessoal composto perifrástico
24. gerúndio composto perifrástico

Por fim, porque também não existem (o que é ainda mais compreensível), proponho estas denominações para as formas que compõem o (iii) terceiro nível de estruturação[87]:

1. presente bi(multi)perifrástico
2. pretérito bi(multi)perifrástico
3. futuro bi(multi)perifrástico
4. imperfeito bi(multi)perifrástico
5. mais-que-perfeito bi(multi)perifrástico
6. futuro do pretérito (*ou* condicional) bi(multi)perifrástico
7. conjuntivo presente bi(multi)perifrástico
8. conjuntivo imperfeito bi(multi)perifrástico
9. conjuntivo futuro bi(multi)perifrástico
10. imperativo bi(multi)perifrástico
11. infinitivo bi(multi)perifrástico
12. infinitivo pessoal bi(multi)perifrástico
13. gerúndio bi(multi)perifrástico
14. particípio bi(multi)perifrástico
15. presente composto bi(multi)perifrástico
16. futuro composto bi(multi)perifrástico
17. imperfeito composto bi(multi)perifrástico
18. futuro do pretérito (*ou* condicional) composto bi(multi)perifrástico

[87] Se forem constituídas por duas perífrases, chamam-se biperifrásticas (p. ex., 'presente biperifrástico'); se, ao invés, por três ou mais, multiperifrásticas (p. ex., 'imperfeito multiperifrástico').

19. conjuntivo presente composto bi(multi)perifrástico
20. conjuntivo imperfeito composto bi(multi)perifrástico
21. conjuntivo futuro composto bi(multi)perifrástico
22. infinitivo composto bi(multi)perifrástico
23. infinitivo pessoal composto bi(multi)perifrástico
24. gerúndio composto bi(multi)perifrástico

Observe-se que, em relação a estes dois últimos subsistemas e de acordo com o significado aspectual expresso, se dirá, logicamente, por exemplo, presente progressivo, imperfeito progressivocomitativo, imperfeito composto progressivogradativo, presente progressivo-inceptivo, etc., etc.[88]

8. Das formas verbais perifrásticas

Vamos encerrar este capítulo com uma breve reflexão sobre a estrutura aspectual do subsistema constituído pelas formas verbais perifrásticas, concretamente sobre as que descrevem a constituição temporal interna das situações, indagando ao mesmo tempo do seu maior ou menor grau de integração no (respectivo) sistema verbal.

8.1. Estruturação deste subsistema de formas

No que diz respeito à constituição temporal interna das situações, há (i) as formas verbais caracterizadas pela 'ausência de limites' ('sem limites', portanto), pois focalizam ou 'um instante Temporal da totalidade da sua duração' (as progressivas), ou 'vários instantes' (as progressivocomitativas) ou, ainda, a 'mudança de estado verificável no interior do seu decurso' (as progressivogradativas); (ii) as que se caracterizam por apontarem para o 'limite inicial', pois focalizam o 'instante inicial' ou os 'instantes iniciais' (as inceptivas); (iii) as que

[88] Cf., a este respeito, nota 16 ao cap. III (p. 174).

se caracterizam por assinalarem o 'limite final', pois focalizam o 'instante final' ou os 'instantes finais' (as terminativas); e, por fim, (iv) as que se caracterizam ainda pela 'ausência de limites, mas pressupondo o limite inicial' (portanto, não há focalização de nenhum limite) (as continuativas e as iminenciais).

As formas verbais continuativas implicam que "é verdade *ter começado a* ... já há algum tempo" (que pode ser muito ou pouco – não é relevante). Assim, por exemplo, «Continua a chover» implica «ter, já, começado a chover»; as iminenciais, por seu turno, implicam que "muito provavelmente *vai começar a* ... dentro de algum tempo" (que também pode ser muito ou pouco – não se explicita; em todo o caso, sempre mais breve do que na situação anterior). Daí a pressuposição do 'limite inicial' de uma situação exigido tanto pelas formas verbais continuativas quanto pelas iminenciais.

8.2. Grau de integração no sistema verbal

Rigorosamente, só depois de se analisarem todas as formas verbais perifrásticas disponíveis e a funcionarem efectivamente no português actual, é que se poderá ter em consideração este item. Em todo o caso, é possível, e desde já, avançar com a seguinte escala de integração no sistema verbal das respectivas formas (verbais), até porque as nove construções aqui estudadas indiciam/denunciam essa tendência: (i) formas inteiramente integradas, (ii) formas em integração e (iii) formas (ainda) periféricas.

Assim, e em relação à variante europeia do português actual, das formas analisadas na Parte II, as que resultam da flexão de <*estar a* + infinitivo> são, de entre todas desta natureza, as que se encontram mais perfeitamente integradas[89], e com uma função bem definida: a de expressarem, geralmente, o progressivo; as que resultam da construção congénere, <*estar* + gerúndio>, e tendo em conta os mesmos tipos de provas[90], encontram-se praticamente no mesmo

[89] As provas morfo-sintáctico-semântico-lexicais estão explicitadas no cap. III, pp. 171-186.

[90] Cf. cap. III, pp. 194-203.

nível de integração da anterior. Apresentam ainda um grau de integração semelhante as formas resultantes das flexões de <*andar a* + infinitivo> e <*ir* + gerúndio>[91], que têm igualmente funções bem definidas: as de expressarem, também em geral, o progressivocomitativo e o progressivogradativo, respectivamente (em termos específicos, contudo, expressam, também respectivamente, o progressivocomitativo descontínuo e o progressivogradativo prospectivo). As que resultam das flexões de <*viver* + gerúndio> e <*viver a* + infinitivo>, que têm a função específica de expressar o progressivocomitativo contínuo, encontram-se, em relação às formas anteriores, no outro extremo da escala, ou seja, são (ainda) periféricas[92]. Numa posição intermédia, isto é, algures entre as formas completamente integradas e as (ainda) periféricas, estão as formas resultantes das flexões de <*andar* + gerúndio>, <*vir* + gerúndio > e <*vir a* + infinitivo1>[93], com papéis funcionais gerais e específicos praticamente idênticos aos das formas que resultam das flexões de <*andar a* + infinitivo> e <*ir* + gerúndio> (a única diferença reside no facto de <*vir* + gerúndio > e <*vir a* + infinitivo1> expressarem especificamente o progressivogradativo retrospectivo).

Neste momento, conhecemos obviamente melhor a essência desta Parte I, ou seja, "do aspecto enquanto categoria da verbalidade". Para além disso, ficamos munidos de uma operatória teórico-metodológica que nos vai permitir conhecer, também, a essência da Parte II, isto é, "da combinatória de algumas perífrases verbais descritoras da constituição temporal interna das situações no português europeu actual" ou, mais precisamente ainda, das propriedades morfo-sintácticas, sintáctico-semânticas e semântico-lexicais das construções (perifrásticas) de progressivo, progressivocomitativo e progressivogradativo.

---

91 Cf., para os mesmos tipos de provas das formas anteriores, caps. IV (pp. 215-224) e V (pp. 254-266), respectivamente.

92 Para provas dos tipos das anteriores, cf. cap. IV, pp. 232-235 e 236-238, respectivamente.

93 Para provas morfo-sintáctico-semântico-lexicais, cf., respectivamente, caps. IV (pp. 226-232) e V (pp. 270-280 e 284-290).

SEGUNDA PARTE

DA COMBINATÓRIA DE ALGUMAS PERÍFRASES VERBAIS DESCRITORAS DA 'CONSTITUIÇÃO TEMPORAL INTERNA' DAS SITUAÇÕES NO PORTUGUÊS EUROPEU ACTUAL

CAPÍTULO III

INTRODUÇÃO GLOBAL E FORMAS VERBAIS PROGRESSIVAS

1. Introdução de carácter global

Consistindo a predicação na representação linguística dos estados de coisas (ou das, também assim designadas, situações), levada a cabo pelo falante, e caracterizando-se estes últimos como algo que pode ocorrer em algum mundo (tanto num real quanto num possível), significa isto, como decorrência lógica, que são accionadas determinadas operações, nomeadamente as que dizem respeito à sua localização no espaço e/ou no tempo (ou da atribuição de propriedades/relações deícticas de natureza locativa e/ou temporal) e à sua duração (ou da atribuição de propriedades/relações não-deícticas de carácter aspectual), entre outras que se prendem com o modo como são vistos, ouvidos, enfim, percebidos de alguma maneira (ou da atribuição de propriedades/relações de cariz modal). Isto, por um lado. Por outro lado, a predicação materializa-se no predicado (o fundamento do enunciado proposicional), que é (sabe-se) básica mas não exclusivamente representado pela categoria sintáctica verbo. E dizer verbo é falar de uma potencialidade de formas verbais, muitas já materializadas não só nas que são produto da flexão verbal propriamente dita e nas que resultam da composição com <*ter* + particípio> (ou <*haver* + particípio>), mas também nas que se foram e/ou vão consti-

tuindo sintagmaticamente pela relação de solidariedade gerada pela proximidade de duas ou mais formas verbais, a(s) primeira(s) das quais se instrumentaliza(m) passando a funcionar como modificador(es) da que se encontra à direita daquela(s): as formas verbais perifrásticas, biperifrásticas e multiperifrásticas, já devidamente identificadas (cf. cap. II, secção 7.), que funcionam como marcadores ou operadores de categorias várias, conforme se disse antes. E, assim, somos chegados às formas verbais perifrásticas directamente implicadas na manifestação da duração dos estados de coisas, o mesmo é dizer, e tal como se escreve no título da Parte II, da constituição temporal interna das situações, que aquelas linguisticamente representam.

As situações apenas têm existência real na linha, unidireccional, do Tempo (como se sabe, habitualmente representada por uma seta orientada da esquerda para a direita). Isto quer significar que só se realizam (ou consumam) depois de consumirem uma porção daquela, ou seja, uma quantidade variável de Tempo (propriedade determinada exclusivamente pela sua própria natureza) (umas), ou ocorrerem praticamente num intervalo de Tempo (outras) ou, por fim, acontecerem rigorosamente num único instante Temporal (outras ainda). Daí, e por consequência, a noção de constituição temporal interna das situações, que implica logicamente uma outra, a de limites temporais, ou seja, os intervalos de tempo em que aquelas efectivamente têm início (limite temporal inicial) e se cumprem (limite temporal final), demarcadores, naquela linha, do espaço temporal característico de cada situação que envolva naturalmente aquilo cujo termo duração começa de facto a representar. Para além disso, isto é, uma vez delimitadas, podem ocorrer homogeneamente, apresentarem-se sempre do mesmo modo ao longo do seu curso, sem alteração ou mudança (umas), ou heterogeneamente, com alteração ou mudança ao longo do seu desenvolvimento (outras), ou, por último, nem homogénea nem heterogeneamente enquanto ocorrem (outras ainda).

O falante, na sua qualidade de responsável pela predicação, descurando os 'limites Temporais' de uma situação, pode querer fazer incidir o foco apenas num intervalo Temporal de entre um conjunto de intervalos Temporais que caracterizam

a duração de uma situação ou simplesmente assinalar que está em curso: neste caso, estamos diante das formas verbais (perifrásticas) progressivas, sem mais; ou, não num mas, sim, em vários intervalos Temporais, também de entre um conjunto de intervalos Temporais que constituem a duração da situação em causa: desta vez, estamos na presença das formas verbais (perifrásticas) progressivocomitativas; ou, não num nem em vários intervalos Temporais característicos de uma situação, mas tão-somente na mudança de estado verificável no interior do seu decurso: desta feita, trata-se das formas verbais (perifrásticas) progressivogradativas. Contemplando, agora, os 'limites Temporais', pode querer focalizar o intervalo Temporal inicial (ou os intervalos Temporais iniciais), e obtêm-se assim as formas verbais (perifrásticas) inceptivas, ou, pelo contrário, o intervalo Temporal final (ou os intervalos Temporais finais), e têm-se deste modo as formas verbais (perifrásticas) terminativas; por fim, sem querer fazer incidir o foco em nenhum intervalo Temporal particular nem em nenhum limite Temporal especial, pode pressupor o 'limite Temporal inicial' ou de uma situação já em curso, e temos as formas verbais (perifrásticas) continuativas, ou de uma situação em vias de dar o primeiro passo, e temos as formas verbais (perifrásticas) iminenciais.

Todas estas propriedades – ao mesmo tempo caracterizadoras, definidoras e identificadoras das distintas situações – transparecem, ou melhor, estão linguisticamente representadas, quer já nos verbos enquanto unidades lexicais, quer ainda e sobretudo nas construções – sintagmaticamente geradas – perifrásticas, biperifrásticas e multiperifrásticas constitutivas dos diversos paradigmas verbais, conforme se viu nos capítulos precedentes.[1]

[1] Dado que as construções verbais perifrásticas que descrevem a constituição temporal interna das situações são bastante numerosas (cinquenta no total), optei por tratar, na presente investigação, apenas de nove (ficam, portanto, de fora quarenta e uma: vinte e duas de natureza inceptiva; doze, terminativa; três, continuativa; e quatro, iminencial), assim distribuídas: as que geram as formas verbais (perifrásticas) progressivas (duas), progressivocomitativas (quatro) e progressivogradativas (três), analisadas, respectivamente, nos capítulos III (o primeiro tipo), IV (o segundo) e V (o último tipo).

2. Formas verbais progressivas: identificação e caracterização

Estas formas, resultantes da flexão dos sintagmas verbais <*estar a* + infinitivo> e <*estar* + gerúndio> (cf. *corpora* i e ii, respectivamente), apresentam como propriedade típica a focalização de um único intervalo de Tempo[2], que pode ser um qualquer da totalidade de intervalos de Tempo que caracteriza a duração própria de uma situação (na ocorrência, necessariamente portadora desta última propriedade), com excepção obrigatoriamente do intervalo (ou instante) Temporal final (à direita) e, praticamente sempre, também do intervalo Temporal inicial (à esquerda).

2.1. Formas verbais com <*estar a* + infinitivo>

A metodologia adoptada na análise não só destas formas verbais mas também de todas as outras (quer as que ainda faltam deste capítulo, quer as dos capítulos subsequentes) é, pois, a seguinte: primeiro, apresenta-se o *corpus* e, depois, sempre a partir deste, procede-se, por etapas, à descrição das suas propriedades morfo-sintáctico-semântico-lexicais.

***Corpus* i**

1.1. «– Mas ***está a verificar-se*** alguma receptividade nessa área.»
[*Ex*, 1992/07/25]

1.2. «O serão ***está a ser "escorado"*** em pão caseiro, vinho e presunto. Este último é sublime. "Ah, ***estão a gostar***?... Mas olhem que o porco veio do contrabando. Veio do lado de lá".»
[*JN*, 1993/02/14]

1.3. «**Público** – O Partido Socialista Italiano (PSI) ***está a acabar***?
António Giolitti – Penso que sim. O PSI conclui a sua história com mais de um século. Mas não considero que seja uma coisa trágica. Os partidos não são eternos. São instrumentos da política, envelhecem, mudam, renovam-se.»
[*P*, 1993/03/05]

1.4. «A prática que ***está a ser seguida*** pela administração fiscal é, porém, mais flexível.»

[2] Brianti (1992: 19, 31, 220 e outras), ao estudar a construção equivalente em italiano (<*stare* + gerúndio>), atribui-lhe, por essa razão, o valor de 'imperfectivo-pontual'.

[*I*, 1993/04/16]

1.5. «Em relação a Moçambique, apesar da missão portuguesa estar mais vocacionada para o apoio às comunicações, os ensinamentos colhidos na experiência angolana ***estão*** de algum modo ***a ser canalizados*** de maneira a evitar [...]»

[*P*, 1994/01/23]

1.6. «Eu abordo o problema da homenagem em três planos, todos eles motivo de desgosto. O primeiro plano que ***estamos a analisar*** é a forma. De uma incivilidade e falta de respeito pelo cidadão ilustre que é o sr. dr. Mário Soares.»

[*P*, 1994/01/23]

1.7. «Eu não seria decisivo como ***está a fazer***, em relação a dizer que a missão não foi cumprida.»

[*P*, 1994/01/23]

1.8. «As investigações nos EUA ***estão a ser lideradas*** por um consórcio que reúne o Laboratório Naval de Investigação, a empresa SAIC [...], o NIH [...], e a Universidade da Califórnia.»

[*P*, 1994/02/06]

1.9. «Cientistas americanos anunciaram que ***estão a desenvolver*** uma nova geração de computadores "bio-electrónicos", baseados na utilização de células cerebrais vivas, com a ideia de criarem uma máquina ultra-rápida e talvez tão inteligente como um ser humano.»

[*P*, 1994/02/06]

1.10. «E o certo é que, embora continue a revelar-se um mau aluno, há indícios de que a vida castrense o ***está a amadurecer***, se bem que alguns companheiros assinalem uma certa arrogância que lhe vem do facto de ser filho do Presidente.»

[*P*, 1993/12/26]

1.11. «"Tenho a certeza que se as coisas continuam assim, ***estamos a preparar*** um amanhã – um amanhã que é mesmo amanhã, não é o futuro – que vai ser muito perigoso, e onde haverá lutas racistas que se irão acentuando cada vez mais", concluiu.»

[*CM*, 1994/02/25]

1.12. «Gritam de alegria ao sentirem o pára-quedas aberto e riem-se dos colegas que ainda ***estão a sair***: parecem bonecos articulados.»

[*P*, 1994/02/27]

1.13. «– É catastrofista?

– Sim, mas num sentido realista, não pessimista. Passam-se coisas gravíssimas a que ninguém ***está a dar*** a devida atenção. É o caso do aumento populacional, que é gravíssimo. [...].»

[*P*, 1994/07/10]

1.14. «– ***Está a ser*** muito irónico...

– Apenas incómodo. Quando vou falar às escolas abordo estas coisas. Os jovens ficam a pensar nelas, por vezes ficam assustados.»

[*P*, 1994/07/10]

1.15. «– Alguma vez imaginou que as coisas evoluiriam como ***estão a evoluir***?

– Não, nunca imaginei. Pensei que iríamos passar um período de turbulência, que era inevitável, mas que traria grandes esperanças para os mais necessitados.»

[*P*, 1994/07/10]

1.16. «[...]. Mas a expansão nortista, cristã, ortodoxa romana, ***está a chegar*** ao extremo sul do actual território português. Ainda não findou a primeira metade do século XIII e o território do Algarve já passou para as mãos dos cristãos do Norte, operação militar em que se distinguem os bélicos frades da Ordem militar de Sant'Iago da Espada.»

[*Ex*, 1994/10/08]

1.17. «E dirigindo-se ao teimoso:

– Para que ***estás a negar***, se eu já disse tudo?»

[*TF*, p. 179]

1.18. «[...]; o enorme complexo agro-industrial do Cachão, criado para a comercialização dos produtos da região, ***está a morrer*** ou em processo de falência [...].»

[*Ex*, 1993/02/06]

1.19. «[...], além disso, e aqui para nós, quem tem a parte maior de responsabilidade do que ***está a acontecer*** são os eleitores da capital, não os outros, os da província, [...]»

[*EL*, p. 46]

1.20. «A primeira intervenção foi do presidente da república, Meus senhores, disse, em minha opinião, e creio que nisto coincidiremos todos, ***estamos a viver*** o momento mais difícil e complexo desde que o primeiro acto eleitoral revelou a existência de um movimento subversivo de enorme envergadura que os serviços de segurança nacional não haviam detectado, [...]»

[*EL*, p. 170]

2.1. «A unidade de tratamento da água utilizada para fazer a hemodiálise no Hospital de Évora ***esteve a funcionar*** com uma ligação que a fazia passar directamente dos primeiros filtros colocados após a torneira para o último dos sistemas de tratamento.»

[*P*, 1993/04/09]

2.2. «Agora que o povo norueguês recusou, pela segunda vez, entrar na Comunidade Europeia, ***estive a reparar*** na sua bandeira.»

[*P*, 1994/12/18]

2.3. «Sentindo o olhar de Ermelinda a queimá-lo, tartamudeou:

– Sim, ***estive a pensar***... Não é só o Iglésias que negoceia em peles. Também o Figueroa compra as que alguém lhe leve.»

[*TF*, p. 38]

2.4. «... Agora mesmo, quando eu vinha para cá, ***estive a ver***... Com um pouco de jeito...»

[*TF*, p. 77]

2.5. «Já lhe disse que ***estive a olhar*** bem para a fronteira e vi que é fácil, muito fácil.»

[*TF*, p. 78]

2.6. «– ***Estive a pensar*** no tesoiro e, assim como assim, sempre me arrisco. Vamos a ver o que aquilo dá. Mas não digas nada a ninguém. Por enquanto, até cá a minha patroa escusa de saber...»

[*TF*, p. 188]

2.7. «Conheces aquele tipo, quem é, perguntou o senso comum, É o homem com quem ***estive a falar***, o António Claro, o Daniel Santa-Clara, o original de que eu sou duplicado, julguei que o tivesses reconhecido, [...]»

[*HD*, p. 226]

3.1. «Queres converter-te naquilo que ela é, alimentar-te de couves e de carne crua, enquanto durarem, nestes prédios por aqui parece não viver mais ninguém, serão duas a odiar-se com medo de que a comida se acabe, cada talo que apanharem ***estarão a roubá***-lo à boca da outra, [...].»

[*EC*, p. 241]

3.2. «Que ***se estará a passar*** lá fora, a resposta veio do próprio prédio onde estavam, [...].»

[*EC*, p. 309]

3.3. «Quem sabe que desgraças ***se estarão*** agora ***a passar*** na torreira do deserto, a estas horas... Nem quero pensar!»

[*Putos*, p. 21]

3.4. «As searas diriam, se falassem, muito pasmadas do desacerto, Que é isto que se passa, que não nos vêm colher, alguém ***estará a faltar*** à sua obrigação. São imaginações.»

[*LC*, p. 139]

3.5. «Afinal ***estará a dormir*** quando a mulher entrar na sala, mas o efeito não se perdeu por completo, [...]»

[*HD*, p. 235]

3.6. «Imagino que ***estarás a chegar*** por estes dias, [...]»

[*HD*, p. 268]

3.7. «Não ***estaremos a andar*** depressa de mais, perguntou o segundo auxiliar, [...]»

[*EL*, p. 204]

4.1. «[...]. Ficava em casa durante dias. De olhos abertos ou fechados, tanto fazia. ***Estava a olhar*** para ela. Não conseguia deixar.»

[*I*, 1993/03/12]

4.2. «[...]. Mas o terceiro é que toda aquela agitação fez com que os seus promotores e intérpretes se tivessem esquecido de que ***estavam a homenagear***

memórias e nem sequer o toque de continência de homenagem aos mortos decorreu com a solenidade e compostura que era fundamental que tivesse.»

[*P*, 1994/01/23]

4.3. «[...]. É evidente que pensávamos que a forma como a guerra ***estava a ser feita*** e os objectivos que aparentemente possuía iriam conduzir a situações que não defendíamos: nem a independência negra, nem tão-pouco a branca...»

[*P*, 1994/01/16]

4.4. «Entretanto estabeleceu-se a confusão, pois apesar dos tiros, muita gente não se apercebeu imediatamente do que ***se estava a passar***.»

[*P*, 1994/02/06]

4.5. «Numa dessas cenas de namoro, José Rosas teve um sobressalto. A paz dos campos de centeio ***estava a ser quebrada*** por um "catrapilo" (um "bull-dozer", na gíria local) que lhe rasgava os xistos fragilizados pelo tempo e pelo sol abrasador do estio duriense.»

[*P*, 1994/09/18]

4.6. «Sem o saber, João Nicolau de Almeida (hoje com 45 anos) ***estava a cair*** numa cilada inteligente, montada por alguém ciente do valor do seu regresso.»

[*P*, 1994/09/18]

4.7. «Mal o Discovery tinha acabado de completar a sua ascensão de oito minutos e meio até a sua órbita prevista, os técnicos no solo registaram problemas ao nível de dois dos 44 foguetes que permitem manobrar o vaivém no espaço. Em poucos minutos, um dos foguetes tinha parado de funcionar e um outro ***estava a dar*** sinais de uma pequena fuga de combustível.»

[*P*, 1995/02/04]

4.8. «Foi à janela, abriu as portadas e através dos vidros espreitou a rua. Ninguém passava. O Manuel ***estava a dormir***. Só viria na manhã seguinte. Ao longe via-se uma grande sombra escura: era o pinhal.»

[*NN*, p. 26]

4.9. «[...]. E como a maré ***estava a subir***, teve que se ir embora, pois se ali ficasse morria afogado.»

[*MM*, p. 14]

4.10. «A menina, o caranguejo, o polvo e o peixe ***estavam a fazer*** uma roda dentro de água. Estavam divertidíssimos.»

[*MM*, p. 14]

4.11. «O rapaz entrou na gruta e espreitou. A Menina, o polvo, o caranguejo e o peixe ***estavam a brincar*** com conchinhas. Estavam quietos, tristes e calados. De vez em quando a Menina suspirava.»

[*MM*, p. 41]

4.12. «Não faço ideia onde é que ela ia buscar o dinheiro. É possível que os pais tenham por essa altura começado a mandar-lhe dinheiro para ela sobreviver em N.Y. Sem imaginarem o que ***estava a passar-se***.»

[*FH*, p. 222]

4.13. «Mas, tudo pronto, o "americano" não deu sinal de si. Dizia-se que ***estava a liquidar*** as coisas da mulher, lá na América, e que só em Agosto faria, ali, a sua entrada.»

[*TF*, p. 30]

4.14. «Mal iria a nossa democracia se o partido do Governo não se pudesse expressar livremente. Então é porque ***estávamos a voltar*** ao tempo da ditadura.»

[*Ex*, 1993/05/22]

4.15. «Mas, quando ***estávamos já a chegar*** a casa do Falcão, a Rita disse: não conseguia adormecer e senti-me triste e apeteceu-me ficar sozinha.»

[*POP*, p. 193]

4.16. «A Lídia abriu a porta. Ainda bem que nós aparecíamos. O fim-de-semana naquela casa. ***Estava a morrer*** de tédio. E o Luís quer falar contigo – disse ainda a Lídia.»

[*POP*, p. 325]

5.1. «Chega-se à margem, avista o jovem cavaleiro que ***estivera a falar*** comigo dando de beber à montada.»

[*CPó*, p. 306]

6.1. «Causam-me arrepios as revelações sobre arbitrariedades e maus tratos que ***estariam a tornar-se*** prática corrente nos serviços de fronteiras.»

[*JN*, 1993/02/21]

6.2. «O Antunes, sem deixar de olhar o horizonte, deu-lhe a mão, para que ela também lha agarrasse. Mas a Judite queria ver nos seus olhos o que ele ***estaria a pensar***. E agarrava-lhe ao mesmo tempo a mão para ajudar-se também a adivinhá-lo.»

[*NG*, p. 163]

6.3. «Aliás, na mensagem pascal desse ano, D. Manuel Martins já tinha falado do "azedume" que ***estaria a alastrar*** na sociedade portuguesa, à medida que o fosso entre os pobres e os ricos se estava a alargar.»

[*VP*, p. 165]

6.4. «É que ainda há pouco os sociais-democratas tremiam de indignação perante a acusação socialista de que o crime ***estaria a subir*** em flecha.»

[*Ex*, 1996/10/05]

6.5. «A ominosa visão das chaminés a vomitar rolos de fumo deu-lhe para se perguntar em que estupor de fábrica daquelas ***estariam a ser produzidos*** os estupores das mentiras de plástico, maliciosamente fingidas à imitação do barro, [...].»

[*C*, p. 27]

6.6. «***Estaria*** ele ***a inventar*** e aquilo nunca sucedera?»

[*AR*, p. 116]

7.1. «Com mais 7 milhões para torrar, não admira que o Moniz, embora a ficar careca, ***esteja a rir-se*** à toa.»

[*I*, 1993/03/26]

7.2. «Talvez seja significativo que tudo isto ***esteja a passar-se*** no lugar que o mundo moderno se habituou a ver como o paradigma da Democracia.»

[*V* 49 (1994/02/24 a 03/02), p. 77]

7.3. «Parece impossível que me ***esteja a falar*** nisso, vendo-me aqui doente!»

[*TF*, p. 97]

7.4. «Já, pelos meados de Agosto, o bispo de Setúbal alargara em Fátima toda esta problemática: como é possível que os fenómenos do racismo e da xenofobia ***estejam a acontecer*** mais em regiões marcadamente cristãs?»

[*P*, 1996/09/08]

7.5. «[...]. E mudou de tom:

– O que me entristece é que o primo Gonçalo ***esteja a ser*** um joguete nas mãos dos comunistas.»

[*AI*, p. 35]

7.6. «Por que não respeitar a forma como dez triliões de sinapses se conseguem organizar de tal forma que ***estejamos a ter*** esta conversa, ou a pensar no Hamlet, ou a pensar na beleza de Florença?»

[*Ex*, 2000/06/03]

7.7. «[...], e poderá até suceder que já ***esteja a ser escavado*** o grande fosso onde serão abertos os cavoucos e implantados os fundamentos da nova construção.»

[*C*, p. 19]

7.8. «[...], e tendo encontrado geral aceitação, foram chamados os feitores e ouviram as ordens, Ceifa que ***esteja a fazer-se***, interrompe-se, as outras não se começam.»

[*LC*, p. 305]

7.9. «A nenhuma vizinha do prédio ou da rua parecerá estranho que ***esteja a sair*** agora com bigode quem ontem entrou sem ele, quando muito dirá, se reparar na diferença, Já vai preparado para a filmagem.»

[*HD*, p. 192]

7.10. «Não se esqueça, senhor primeiro-ministro, de que fora das fronteiras do nosso país se continua a morrer com toda a normalidade, e isso é um bom sinal, Questão de ponto de vista, eminência, talvez lá de fora nos ***estejam a olhar*** como um oásis, um jardim, um novo paraíso, Ou um inferno, se forem inteligentes, [...]»

[*IM*, pp. 22-23]

8.1. «[...]. Espetam-nos com um senhor no meio de folhas e flores de plástico, a cantar como se ***estivesse a gargarejar*** com um elixir contra o catarro e a rouquidão.»

[*I*, 1993/03/26]

8.2. «Ora, raciocinava Pacheco, os membros do grupo só poderiam apreciar a aplicação se o regulamento ***estivesse*** efectivamente ***a ser aplicado***, o que não acontece em relação aos jornalistas dado o boicote que se mantém.»

[*I*, 1993/04/16]

8.3. «[...]. Nas paredes, a farraparia doméstica e os croços e croças de palha, para quando fosse preciso sair e ***estivesse a chover***.»

[*TF*, p. 24]

8.4. «Uns, desciam apressados que nem algodão embrulhando grãos de chumbo; outros vagarosamente, deixando-se arrastar, na sua brancura, pela ventania, como se fossem penugem de garça colossal, que ***estivesse a despir-se*** no céu.»

[*TF*, p. 119]

8.5. «Se eu ***estivesse a escrever*** uma novela, riscaria as páginas do dia 12 e do dia 22 deste mês.»

[*MA*, p. 103]

8.6. «Olhou-me, muito nervoso, os olhos em movimento como se ***estivesse a querer agarrar*** e ***fixar*** os pensamentos que iam e vinham em tumulto, e respondeu: [...].»

[*CPó*, p. 78]

8.7. «Qualquer dia despedia-o e o delírio crónico faria parte da vida dela. Talvez ***estivesse a enlouquecer***.»

[*AR*, p. 117]

9.1. «Quem não ***estiver a trabalhar*** ou ***a dormir*** estará, muito provavelmente, na messe.»

[*P*, 1995/10/29]

9.2. «Se o cosmos ***estiver a andar*** à velocidade de escape, não há Grande Esmagão.»

[*V* (2001/07/05 a 11), p. 99]

9.3. «Imagina agora que quando ***estiveres a olhar*** as janelas te aparece a uma delas a mulher do actor, enfim, falemos com respeito, a esposa desse António Claro, e te pergunta por que não sobes, [...]»

[*HD*, p. 157]

9.4. «O outro deu-lhe uma grande palmada nas costas, quase o fazendo desequilibrar-se.

– Ah, não! Quem pensas que somos? Hoje não te deixamos enquanto não ***estiveres a cair*** de bêbedo.»

[*MI*, p. 42]

10.1. «– Que atalhos e que trabalhos?

– **Não *esteja a desconversar***. Sabe bem ao que me refiro.»

[*AR*, p. 228]

11.1. «Mas, uma medida como esta não tem só quem lhe seja favorável e os opositores já advertem que pode ***estar a ser provocado*** um cisma.»

[*JN*, 1992/11/12]

11.2. «De facto, os representantes do PCP e do CDS/PP disseram imediatamente que, nesse caso, não valia a pena ***estar a perder*** tempo pois entrar-se-ia num círculo vicioso, em que o grupo só poderia trabalhar se os jornalistas suspendessem o boicote, o que o impediria de conseguir algum efeito útil.»

[*I*, 1993/04/16]

11.3. «[...]. De acordo com a mesma fonte, o anúncio publicita o tratamento de emagrecimento, chamando a atenção para o facto de ***se estar a aproximar*** o Verão e de, possivelmente, as roupas do ano anterior terem deixado de servir.»

[*CP*, 1993/05/21]

11.4. «Meu caro doutor... Adeus, Aninhas, minha rica... O Chico também deve ***estar a chegar***.»

[*A*, p. 85]

11.5. «Deixei-me ***estar a conversar*** com ele de mil cousas várias, depois saímos, passeámos e tornámos a casa.»

[*MA*, p. 156]

11.6. «Se bem entendi o que acabo de escutar, observou um jornalista em tom que não queria parecer demasiado irónico, na opinião do senhor ministro não é alarmante o facto de ninguém ***estar a morrer***, Exacto, embora por outras palavras, foi isso mesmo o que eu disse, [...]»

[*IM*, p. 18]

12.1. «O facto de estes dois destacados funcionários do aparelho socialista ***estarem a apoiar*** a Frelimo enquanto um outro funcionário do PS/Porto foi proibido pelo responsável das relações internacionais, José Lamego, de apoiar a campanha da Renamo levou, aliás, António Peres (ligado à linha soarista) a apresentar a sua demissão de militante.»

[*Ex*, 1994/10/08]

12.2. «[...]. Por isso não vale a pena ***estares a afligir-***te. Logo, ou amanhã, tornamos a falar.»

[*TF*, p. 80]

12.3. «[...]. Nós éramos assim uma época de esquerda pensando que não e com a convicção de ***estarmos a ser*** muito diferentes...»

[*P*, 1994/01/16]

12.4. «Embora assegurando "não ter que intervir" nesta matéria, o ministro mostrou-se preocupado, pois "alguns relatos de jornais demonstram ***estarem a ser ultrapassadas*** algumas fronteiras" por parte dos estudantes do ensino superior.»

[*P*, 1996/11/03]

12.5. «Significa, sim, que muito bem poderá uma pessoa, homem ou mulher, ***estar a despedaçar-se*** no seu interior por efeito da solidão, [...]»

[*HD*, p. 46]

13.1. «[...]. Tratou-se, assim, de um encerramento com verdadeira "chave de ouro" da segunda edição da Feira do Livro de Braga - que, para o próximo ano, e segundo conseguimos apurar, tanto em contacto com editores e livreiros como junto da organização, poderá vir a ser ainda mais enriquecida, ***estando*** a organização já ***a delinear*** algumas iniciativas com vista a tal projecto.»

[*CM*, 1993/03/29]

13.2. «A supernova 1987A, descoberta a 24 de Fevereiro de 1987, parece estar a entrar numa nova fase, ***estando a ser vigiada*** de muito perto pelos astrónomos, anunciou o Observatório Europeu do Sul (ESO).»

[*P*, 1994/02/06]

13.3. «Alguns destes cegos não o são apenas dos olhos, também o são do entendimento, nem de outro modo se explicaria o raciocínio tortuoso que os levou a concluir que a desejada comida, ***estando a chover***, não viria.»

[*EC*, p. 213]

13.4. «Ora bem, faz hoje um ano que voltei definitivamente da Europa. O que me lembrou esta data foi, ***estando a beber*** café, o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores: "Vai vassouras! vai espanadores!"»

[*MA*, p. 17]

13.5. «[...]. Pelo meio, alguma revisão da matéria e, quando espicaçado, opiniões sobre o mundo, o comunismo, o humor, a arte, a idade... Tolhidas – ou mesmo amputadas – pela desculpa, muitas vezes invocada, de que, ***estando a escrever*** ou tendo já escrito sobre o que eu lhe perguntava, ficava por ali, isto é, por pouco.»

[*Ex*, 2000/03/11]

13.6. «[...], como se tivesse medo dele, mormente ***estando a assistir*** ao colóquio a mulher da limpeza, que logo iria dizer por aí sabe Deus o quê, [...]..»

[*CID*, p. 10]

15.1. «Limites à circulação automóvel ***têm estado a ser estudados***.»

[*P*, 1992/11/12]

15.2. «Sem querer, sinto que ***tenho estado a pensar*** na minha vida. Não dei por isso, mas assim foi.»

[*LD* (1.ª Parte), p. 262]

15.3. «**Exp.** – Com quem é que ***têm estado a trabalhar*** a nível industrial?»

[*Ex*, 1995/08/19]

15.4. «Virou-se para mim e disse: vamos fazer um pacto; ***tenho estado a pensar*** na conversa de ontem à noite. Achas que adiantou alguma coisa?»

[*FH*, p. 189]

15.5. «Por isso, como notam os autores do estudo a que ***nos temos estado a referir***, os residentes/empregados na zona do Porto e concelhos envolventes

(Matosinhos, Maia, Valongo, Gondomar e V. N. de Gaia) são obrigados a deslocações pendulares mais longas.»

[*P*, 1996/02/04]

15.6. «**P. – Porquê?**

R. – Foi uma lei orgânica que o secretário de Estado me entregou no momento da sua saída e ***tem estado a ser revista***, mas até ao fim do ano o IPAE estará constituído e irá arrancar em força em 1998. [...].»

[*P*, 1997/10/12]

15.7. «Começo a pensar que ***tenho estado a falar*** com um louco, [...]»

[*HD*, p. 181]

15.8. «Não há ninguém que ouça partirem-lhe um vidro e não venha correndo a ver quem foi o vândalo infantil. Passou uma hora, e a mulher do médico ainda não apareceu, ***tem estado a chorar***, a pobre, mas agora virá respirar um pouco, [...]»

[*EL*, p. 328]

15.9. «Agora volte para a cama e durma bem o resto da noite, papagaio-do-mar, que eu vou fazer o mesmo, ***tenho estado a trabalhar*** até agora, [...]»

[*EL*, p. 257]

17.1. «***Tinha estado a pensar*** e resolvera não ir para longe, como Iglésias lhe aconselhara.»

[*TF*, p. 139]

17.2. «E agora, quando compreendeu que ***tinha estado a perder*** tempo, que a única forma de fazer chegar a informação aonde convinha, por via segura, seria falar com o director clínico do seu próprio serviço hospitalar, [...].»

[*EC*, p. 40]

17.3. «Não viriam a saber estes auxiliares, por cegos serem, que os cadáveres enterrados, sem excepção, foram precisamente aqueles de que, duvidando, ***tinham estado a falar***, e [...].»

[*EC*, p. 95]

17.4. «Agora sim, agora pode-se compreender o porquê da cara de caso com que a mulher da limpeza ***havia estado a olhar***, [...].»

[*CID*, p. 15]

17.5. «– Está bem – disse o falsário, que, por acaso, descia do andar de cima onde ***tinha estado a afinar*** os pianos. – Calhou ouvi-la, não fiz nada por isso.»

[*AR*, p. 229]

18.1. «(Se assim não fosse, Alexandre O'Neil, ao escrever um "slogan" tão acabado como "Há mar e mar, há ir e voltar", ***teria estado*** pura e simplesmente ***a suicidar-se***; e ele resistiu e está vivo para lá do tempo que Deus lhe deu...).»

[*Pa* 16 (1996/09/08), p. 5]

20.1. «Ao princípio a água veio suja, foi preciso esperar que aclarasse. Estava morna, choca, como se ***tivesse estado a apodrecer*** no interior dos canos, mas o ferido recebeu-a com um suspiro de alívio.»

[*EC*, p. 58]

20.2. «Apesar de parecer um pouco ensaiado, como se Perry Mason ***tivesse estado a instruí***-la no elevador, eu acredito nela.»

[*P*, 1996/05/05]

22.1. «– Também você ficaria rígido se estivesse um dia inteiro sentado num muro – disse a professora McGonagall.

– Todo o dia? Quando podia ***ter estado a festejar***? Eu devo ter encontrado pelo caminho uma dúzia de festas e celebrações.»

[...][3]

22.2. «Em 1998, ambas as equipas sabiam que estava a acontecer qualquer coisa estranha. A expansão cósmica deveria ***ter estado a abrandar*** muito ou pouco, consoante contivesse muita ou pouca matéria – um efeito que deveria revelar-se pelas supernovas distantes a parecerem mais brilhantes do que se esperaria em comparação com as mais próximas.»

[*V* (2001/07/05 a 11), p.100]

22.3. «– Não brinques comigo, João! Não estás a ver bem que aquilo que esperam de mim é que consiga fazer em meses o que deveria ***ter estado a ser feito*** há décadas?»

[*Eq*, p. 76]

23.1. «Não era temê-lo nem buscá-lo o que acontecia: era a sua presença que afectava de tal maneira a realidade que todos recebiam em cheio a impressão de ***terem estado a dormir*** até ele chegar.»

[*NG*, pp. 45-46]

2.1.1. Propriedades morfo-sintácticas

2.1.1.1 Em termos morfo-sintácticos (ou da manifestação flexional da concordância em tempo-aspecto-modo e pessoa-número), o *corpus* i documenta as seguintes possibilidades combinatórias (ou compatibilidades) de <*estar a* + infiniti-

[3] Ocorrência colhida em Rowling, J. K., *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (trad. port. por Isabel Fraga de *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, 1997). Lisboa: Editorial Presença, 1999, p. 18.

vo>: com o presente (1.) nas P2 (17), P3 (1, 2 – primeira ocorrência –, 3, 4, 7[4], 10, 13, 14[5], 16, 18 e 19), P4 (6, 11 e 20) e P6 (2 – segunda ocorrência –[6], 5, 8, 9, 12 15);[7] o pretérito (2.) nas P1 (2, 3, 4, 5, 6 e 7) e P3 (1);[8] o futuro (3.) nas P2 (6), P3 (2, 4 e 5), P4 (7) e P6 (1 e 3); o imperfeito (4.) nas P3 (1[9], 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13 e 16), P4 (14 e 15) e P6 (2, 10 e 11); o mais-que-perfeito (5.) na P3, e apenas uma única ocorrência: não é de estranhar porque as formas verbais que constituem este subparadigma não se usam nunca no discurso oral e, no escrito, restringem-se praticamente aos textos literários (mais notório nos de tipologia narrativa); o futuro do pretérito (ou condicional) (6.) nas P3 (2, 3, 4 e 6) e P6 (1 e 5); o conjuntivo presente (7.) nas P3 (1, 2, 3[10], 5[11], 7, 8 e 9), P4 (6) e P6 (4 e 10); o conjuntivo imperfeito (8.) nas P1 (5) e P3 (1, 2, 3, 4, 6 e 7); o conjuntivo futuro (9.) nas P2 (3 e 4) e P3 (1 e 2); o imperativo (10.): apenas uma ocorrência, e na forma negativa (na afirmativa é, de todo, incompatível), o que quer dizer que não se

---

4 Apesar de se tratar de uma forma verbal de P3, é o pronome de tratamento (*você*) ou a forma de tratamento (*o senhor/ a senhora*) de P2, omissos, que a determina.

5 A mesma situação descrita na nota 4.

6 Ainda que se trate de uma forma verbal de P6, é o pronome de tratamento (*vocês*) ou a forma de tratamento (*os senhores/ as senhoras*) de P5, não expressos (aliás, o contexto não é suficiente para se averiguar se se trata de *vós* ou de *os senhores/ as senhoras/ o senhor e a senhora*), que lhe dá existência.

7 Muito embora não estejam documentadas neste *corpus*, P1 e P5 são perfeitamente construíveis/actualizáveis. Cf., por exemplo, 1.3 e 1.9 (para P1) e 1.6 e 1.8 (para P5) do *corpus* ii, que são cabalmente substituíveis por « ... ***estou a entrar*** ... » e « ... ***estou a viajar*** ... » (para P1) e « ... ***estais a fazer*** ... » e « ... ***estais a morrer*** ... » (para P5).

8 P1, P4, P5 e P6 são igualmente compatíveis: os falantes nativos, se tiverem necessidade, sabem-nas actualizar. Em todo o caso, e a julgar por este *corpus*, parece serem menos frequentes do que as outras pessoas-número.

Porque o que se afirma nesta nota e também na anterior ocorre com uma frequência considerável, doravante todas as ausências de formas relacionadas com a pessoa-número devem ser interpretadas *grosso modo* como aqui se faz – a não ser que haja informação nova, para a qual se chamará obviamente a atenção.

9 Também pode ser P1: o contexto não é explícito.

10 Cf. nota 4.

11 Cf. nota 4.

trata de uma forma tipicamente imperativa, mas tomada de empréstimo ao conjuntivo presente: de facto, trata-se de uma forma verbal de P3, embora pressupondo o pronome e/ou a forma de tratamento de P2[12]; o infinitivo (11.): seis ocorrências; o infinitivo pessoal (12.) nas P2 (2), P3 (5), P4 (3) e P6 (1 e 4); o gerúndio (13.): seis ocorrências; o presente composto (15.) nas P1 (2, 4, 7 e 9), P3 (6 e 8), P4 (5) e P6 (1 e 3); o imperfeito composto (17.) nas P3 (1, 2, 4 e 5) e P6 (3); o futuro do pretérito (ou condicional) composto (18.) na P3, e apenas uma ocorrência; o conjuntivo imperfeito composto (20.) na P3 (duas ocorrências); o infinitivo composto (22.): três ocorrências; e com o infinitivo pessoal composto (23.) na P6 (uma única ocorrência).

2.1.1.2 A ausência de formas no particípio (14.) e nos futuro composto (16.), conjuntivo presente composto (19.), conjuntivo futuro composto (21.) e gerúndio composto (24.) explica-se da seguinte maneira: a forma do particípio progressivo nunca aparece só, mas apenas combinada com as dos verbos <ter> (ou <haver>), auxiliares das formas compostas das construções verbais em análise (cf., por exemplo, e entre todas as que figuram com o número a partir de 15., as ocorrências 15.1 «... *estado a ser estudados* ...», 15.9 «... *estado a trabalhar* ...» e 17.5 «... *estado a olhar* ...»; as restantes, pelo simples facto de não estarem documentadas no *corpus*, mas podem perfeitamente aparecer noutros contextos e/ou situações[13]. Vejamos um exemplo (construído por mim) para cada subparadigma referido, excepto obviamente o do particípio progressivo: 16.1 «Se assim não for, Alexandre O'Neil, ao escrever um "slogan" tão acabado como "Há mar e mar, há ir e voltar", *terá estado* pura e simplesmente *a suicidar-se*;»[14]; 19.1 «Oxalá *tenham estado a estudar*! De outro modo, não sei como vai ser!...»; 21.1 «Se o António *tiver estado a trabalhar*, a Maria vai ficar contente.» e 24.1 «Alguns destes cegos não o são apenas dos olhos, também o são do entendimento, nem de outro modo

12 Cf. nota 4.

13 Cf. notas 7 e 8.

14 Trata-se de uma adaptação a partir de 18.1.

se explicaria o raciocínio tortuoso que os levou a concluir que a desejada comida, *tendo estado a chover*, não viria.»[15].

2.1.1.3 Isto quer, portanto, dizer – e visto estarmos diante de uma construção de progressivo, a mais frequente e também a estandardizada no PE – que temos devidamente documentados o presente progressivo (1.)[16] em quatro PN, o pretérito progressivo (2.) em duas, o futuro progressivo (3.) em quatro, o imperfeito progressivo (4.) em três, o mais-que-perfeito progressivo (5.) apenas numa, o futuro do pretérito (ou condicional) progressivo (6.) em duas, o conjuntivo presente progressivo (7.) em três, o conjuntivo imperfeito progressivo (8.) em duas, o conjuntivo futuro progressivo (9.) em duas, o infinitivo progressivo (11.), o infinitivo pessoal progressivo (12.) em quatro, o gerúndio progressivo (13.), o presente composto progressivo (15.) em quatro, o futuro composto progressivo (16.) numa,[17] o imperfeito composto progressivo (17.) em duas, o futuro do pretérito (ou condicional) composto progressivo (18.) numa, o conjuntivo presente composto progressivo (19.) numa,[18] o conjuntivo imperfeito composto progressivo (20.) numa, o conjuntivo futuro composto progressivo (21.) numa,[19] o infinitivo composto progressivo (22.), o infinitivo pessoal

---

15 Adaptação a partir de 13.3.

16 Cada 'tempo verbal perifrástico' (e são todos desta natureza, como repetidamente se tem dito) é seguido do termo progressivo, que passa a funcionar como traço distintivo do paradigma e como traço identificador dos subparadigmas constituintes. Por outro lado, uma designação como presente perifrástico progressivo, por exemplo, não me parece ser adequada, porque o progressivo só tem expressão perifrástica. Por conseguinte, ao usá-lo, está-se automaticamente a falar de uma forma perifrástica. Nesta acepção, perifrástico é, portanto, redundante. Presente e progressivo bastam: o primeiro termo aponta para a flexão de tempo-aspecto-modo (e também de pessoa-número) e o segundo, para o significado aspectual expresso pela(s) construção(ões) em causa. Esta observação é válida para todos os outros significados aspectuais a tratar ao longo deste estudo.

17 Cf. a única ocorrência no parágrafo anterior (corpo do texto).

18 Ver nota anterior.

19 Ver nota 17.

composto progressivo (23.) numa e o gerúndio composto progressivo (24.)[20].

2.1.1.4 É notório o predomínio das formas verbais de P3 e P6: todos os subparadigmas flexionáveis em pessoa-número da construção que estamos a analisar apresentam sempre formas ou de P3 ou de P6 ou de ambas as PN. Julgo que este facto se prende com a natureza referencial do 'sujeito', explicitamente: as formas verbais de P1, P2, P4 e P5, circunscritas ao seu emprego próprio (ou não-figurado), só podem ter 'sujeito animado humano'; as de P3 e P6, pelo contrário, admitem tanto 'sujeito animado' ('humano' e 'não-humano') como 'inanimado' (ou 'de coisa') como, ainda, a sua ausência (ou 'sujeito nulo')[21]. Não são, portanto, tão restritamente selectivas – daí a frequência de ocorrência daquelas formas pessoo-numerais da construção perifrástica em causa.

2.1.1.5 Muito embora se esteja na presença de um paradigma completo há, todavia, subparadigmas que ocorrem mais frequentemente do que outros. Este facto parece demonstrar, assim, a combinabilidade morfo-sintáctica preferencial da construção. Estão neste caso, por razões óbvias (são as que mais se usam já enquanto formas não perifrásticas e também aquelas cuja natureza significativa mais facilmente se combina com o progressivo), o presente progressivo (1.), o imperfeito progressivo (4.) e o presente composto progressivo (15.), imediatamente seguidos (também pelas mesmas razões) do conjuntivo presente progressivo (7.) e do imperfeito composto progressivo (17.).

[20] Ver nota 17.

[21] Cf. 2.1.2., onde se trata mais de perto desta matéria.

2.1.2. Propriedades sintáctico-semânticas

2.1.2.1 De acordo com o *corpus* i, <*estar a* + infinitivo> enquadra-se nos tipos proposicionais declarativo, interrogativo, exclamativo e, em parte, imperativo,[22] combinados obrigatória e concomitantemente com as formas afirmativa ou negativa, activa ou passiva e neutra ou enfática – isto, na generalidade; na especialidade, porém, só algumas estruturas (produto da combinação dos quatro/cinco tipos com as seis formas proposicionais) estão de facto documentadas, designadamente: declarativo/afirmativa-activa-neutra[23] (oitenta e três vezes: um pouco mais de dois terços), declarativo/afirmativa-passiva-neutra (doze vezes: 1.2 – primeira ocorrência –, 4, 5, 8; 4.3, 5; 7.7; 8.2; 11.1; 13.2; 15.1, 6), declarativo/negativa-activa-neutra (três vezes: 1.13; 9.1, 4), interrogativo/afirmativa-activa-neutra (nove vezes: 1.2 – segunda ocorrência –, 3, 15, 17; 3.2; 6.1; 7.4, 6; 22.1), interrogativo/afirmativa-activa-enfática (uma vez: 15.3), interrogativo/afirmativa-passiva-neutra (duas vezes: 6.5 e 22.3), interrogativo/negativa-activa-neutra (uma vez: 3.7) e exclamativo/afirmativa-activa-neutra (quatro vezes: 1.14; 3.3; 7.1 – só parcialmente exclamativo –, 3). Para além destas (que podemos considerar canónicas), três outras estruturas, híbridas (por isso *sui generis*), constam do *corpus* em análise: declarativo-exclamativo/afirmativa-activa-neutra (uma vez: 7.8), declarativo-imperativo/negativa-activa-neutra (uma vez: 10.1) e exclamativo-interrogativo/negativa-activa-neutra (uma vez: 11.6).

---

[22] Só falta mesmo o tipo proposicional optativo, o que é aliás perfeitamente natural porque de ocorrência extremamente rara. Pode, em todo o caso, ver-se uma, criada *ad hoc* por mim, e apresentada, *supra* (p. 173), no corpo do texto para o conjuntivo presente composto progressivo (19.1).

[23] Esta representação carece das seguintes explicações: 1. a primeira palavra, dado reportar-se ao tipo proposicional, está no masculino e as restantes, porque se referem às formas proposicionais, no feminino; 2. a barra oblíqua (/) separa o tipo proposicional das respectivas formas e o hífen (-) distingue estas últimas que são, como já se assinalou, concomitantes; 3. não uso siglas (do tipo D/A-A-N, para a estrutura em epígrafe, por exemplo) porque, por um lado, não facilita a leitura/descodificação e, por outro, devido à coincidência de iniciais, poderia eventualmente gerar alguma confusão.

Com excepção do imperativo progressivo (10.) (de outro modo, também seria de estranhar), todos os outros subparadigmas do *corpus* se compõem de ocorrências que exibem a primeira das estruturas inventariadas (declarativo/afirmativa-activa-neutra). Alguns deles de forma exclusiva: pretérito progressivo (2.), infinitivo pessoal progressivo (12.), imperfeito composto progressivo (17.), conjuntivo imperfeito composto progressivo (20.) e, ainda (embora constituídos por uma só ocorrência), mais-que-perfeito progressivo (5), futuro do pretérito (ou condicional) composto progressivo (18.) e infinitivo pessoal composto progressivo (23.); outros de forma esmagadora: imperfeito progressivo (4.), futuro do pretérito (ou condicional) progressivo (6.), conjuntivo imperfeito progressivo (8.), conjuntivo futuro progressivo (9.), infinitivo progressivo (11.), gerúndio progressivo (13.) e presente composto progressivo (15.); e outros ainda de forma considerável: presente progressivo (1.), futuro progressivo (3.) e conjuntivo presente progressivo (7.); só mesmo o infinitivo progressivo (22.) é que a exibe uma única vez (em três, em todo o caso). Não restam, por conseguinte, dúvidas de que a estrutura proposicional declarativo/afirmativa-activa-neutra é de longe a mais documentada. Por isso – tudo me leva a crer –, deverá ser considerada o protótipo, até porque a informação aspectual que constitui a essência do progressivo quadra à perfeição, ou seja, não há melhor instrumento proposicional para o manifestar. É, aliás, uma das melhores fórmulas proposicionais (parece-me que, até, universal) de transmitir e receber conhecimento – que, no fundo, é disso mesmo que se trata: transmissão e recepção, com construção concomitante, de conhecimento.

Visto agora de outro ângulo: assim como há subparadigmas que se combinam esmagadora ou exclusivamente com a estrutura proposicional em causa, denotando deste modo uma tendência monoproposicional, outros há que denunciam a tendência exactamente contrária, a de se combinarem com várias estruturas proposicionais (ou da sua natureza pluriproposicional). Estão neste caso, e no topo (com cinco estruturas cada), o presente progressivo (1.) e o conjuntivo presente progressivo (7.), imediatamente seguidos do futuro progressivo (3.), com quatro; e, depois, outros (cf. *corpus* i).

2.1.2.2 Ainda que o *corpus* o não documente de modo cabal, a construção sob escopo é perfeitamente compatível com todos os tipos de sujeito. Discriminem-se pois: com 'sujeito animado e humano', maioritariamente: são setenta e cinco ocorrências, que servem também para ilustrar a sua transversalidade, ou seja, em todos os subparadigmas há ocorrências que exibem esta compatibilidade (por exemplo[24], 1.2 – segunda ocorrência –, 7, 13, 20; 2.2, 7; 3.5; 4.1, 16; 5.1; 6.6; 7.10; 8.7; 9.3; 10.1; 11.5; 12.3; 13.4; 15.9; 17.4; 18.1; 20.2; 22.1 e 23.1); com 'sujeito inanimado' (ou 'de coisa'), consideravelmente: quarenta e uma ocorrências, que também ilustram *mutatis mutandis* (faltam ocorrências em 5., 10., 18. e 23.) a sua transversalidade (cf., por exemplo, 1.1, 2 – primeira ocorrência –, 19; 2.1; 3.3; 4.5, 12; 6.5; 7.7; 8.2; 9.2; 11.3; 12.4; 13.1; 15.1; 17.3; 20.1 e 22.3); 'com sujeito nulo', infimamente: duas ocorrências apenas (8.3 e 13.3); com 'sujeito animado e não-humano', nulamente. Porém, não significa isto que seja incompatível, porque o é (por exemplo: «O gato ***está a comer*** peixe.»). Para além disso, a ocorrência 4.11, que documenta um sujeito misto ('animado e humano' + 'animado e não-humano'), conquanto parcialmente, também o comprova.

Não me parece que um determinado subparadigma se combine preferencialmente com um determinado tipo de sujeito ou vice-versa, facto que – a registar-se – seria por si só merecedor de destaque. Contudo, e atendendo meramente ao *corpus*, o único caso que talvez se possa considerar como próximo disto é o do pretérito progressivo (2.), cujas ocorrências documentam uma combinação esmagadora com 'sujeitos animados e humanos', logo seguido – mas distintamente distantes – dos imperfeito progressivo (4.), futuro progressivo (3.), conjuntivo presente

[24] Porque de relevância secundária neste momento, não se procede à discriminação exaustiva das ocorrências. De qualquer maneira, basta consultar o *corpus*, e o seu reconhecimento faz-se de modo imediato.

Já agora – e no que a esta matéria diz respeito –, que fique aqui registado que se vai proceder de igual modo em relação às demais construções, inclusive assinalar só a tendência – consoante o caso – esmagadora, maioritária, considerável, reduzida, ínfima, sem indicar necessariamente sempre o número exacto de ocorrências.

progressivo (7.), presente composto progressivo (15.) e imperfeito composto progressivo (17.). Outra faceta: a avaliar também pelo *corpus*, o presente progressivo (1.), o subparadigma que maior número de ocorrências ostenta, combina-se paritariamente com 'sujeitos inanimados' e com 'sujeitos animados e humanos'.

2.1.2.3 Os predicados verbais, de cuja natureza semântica (particularmente, do seu significado accional) se vai tratar daqui a instantes, integram-se nas configurações sintácticas que discrimino a seguir, documentando assim outras tantas compatibilidades desta natureza do sintagma verbal <*estar a* + infinitivo>. Começo, tão-somente por ser a que maior número de ocorrências exibe (quarenta), pela configuração transitiva, a que é própria de predicados verbais de dois lugares, que seleccionam dois argumentos: um externo, com a relação gramatical de 'sujeito', e um interno, com a relação gramatical de 'objecto directo' (cf., distribuídas pelo paradigma, as ocorrências 1.2 – primeira ocorrência –, 9, 11, 20; 4.2, 13; 6.5; 7.7; 8.6; 9.3; 11.1; 12.4; 13.1; 15.6; 17.2; 18.1; 20.2 e 22.3); passo, agora, à que aparece em segundo lugar (trinta ocorrências), que é a inergativa, ou seja, própria de predicados verbais de um lugar, que seleccionam um argumento externo com a relação gramatical de 'sujeito' (cf., também distribuídas pelo paradigma, as ocorrências 1.3, 15, 17; 2.3; 3.5; 4.9; 6.4; 7.1; 8.7; 9.2; 10.1; 15.8; 17.3; 22.2 e 23.1); depois (com vinte ocorrências), a configuração transitiva (de dois lugares), que é típica de predicados verbais que seleccionam um argumento externo, com a relação gramatical de 'sujeito', e um interno, preposicionado, com a relação gramatical de 'oblíquo' (cf. as ocorrências 1.16; 2.2, 7; 3.4; 4.1, 16; 5.1; 7.3; 11.5; 13.5 e 15.7); em quarto lugar (dezasseis ocorrências), aparece a configuração sintáctica inacusativa, também própria de predicados verbais de um lugar que seleccionam, ao contrário da inergativa, um argumento interno que ocorre com a relação gramatical de 'sujeito' (cf. as ocorrências 1.1, 12, 19; 3.3; 4.4; 7.2; 9.4; 11.6 e 20.1); a seguir (com quatro ocorrências), a copulativa, a que é própria de predicados verbais que seleccionam semanticamente um argumento interno, constituído este por uma oração pequena (cujo núcleo pode ser ou adjectival, ou nominal, ou

preposicional, ou adverbial), com a relação gramatical de 'predicativo do sujeito' (cf. as ocorrências 1.14 e 12.3, de núcleo adjectival, e 6.1 e 7.5, de núcleo nominal); em sexto lugar, *ex aequo* (duas ocorrências cada), as configurações ditransitiva, transitiva (de três lugares) e 'impessoal': a primeira é própria de predicados verbais de três lugares que seleccionam um argumento externo, com a relação gramatical de 'sujeito', e dois internos: um directo, com a relação gramatical de 'objecto directo', e outro preposicionado, com a relação gramatical de 'objecto indirecto' (cf. as ocorrências 1.13 e 3.1); a segunda (de três lugares) é característica de predicados verbais cujo segundo argumento interno, também preposicionado, tem aqui, diferentemente da anterior, a relação gramatical de 'oblíquo' – os outros argumentos, o externo e o primeiro interno, são exactamente iguais (cf. as ocorrências 4.7 e 15.5); a terceira, de zero lugares, é característica de predicados verbais que não seleccionam quaisquer argumentos (cf. as ocorrências 8.3 e 13.3); em último lugar, também *ex aequo* (uma ocorrência cada), as configurações sintácticas transitiva (de dois lugares) e transitiva predicativa: aquela caracteriza-se por ser própria de predicados verbais que seleccionam um argumento externo, com a relação gramatical de 'sujeito', e um interno, mas com a relação gramatical de 'objecto indirecto' (portanto, sem argumento interno com a relação gramatical de 'objecto directo'): cf. ocorrência 13.6; esta, por sua vez, é própria de predicados verbais, com dois lugares, que seleccionam um argumento externo, com a relação gramatical de 'sujeito', e um interno, que é categorialmente uma oração pequena analisável, por seu turno, em: o 'sujeito' da oração pequena tem a relação gramatical de 'objecto directo' e o núcleo desta mesma oração pequena, a relação gramatical de 'predicativo do objecto directo' (cf. ocorrência 7.10). Portanto, a construção em análise, maioritária na configuração transitiva (seguida, logo, pela inergativa), é compatível com predicados verbais que pertencem a (ou se integram em) todas as configurações sintácticas próprias do português actual.

2.1.2.4 Normalmente, auxiliar e auxiliado, com ou sem conectivo preposicional, são contíguos. Acontece, por vezes, que entre ambos se intercala, quase sempre,

um adverbial (às vezes, porém, também outros categoriais) que não quebra, todavia, o seu carácter unitário. Estão, neste caso, as ocorrências 1.5 (inserção de um adverbial de modo: <de algum modo>), 3.3 (inserção de um adverbial temporal: <agora>), 4.15 (inserção de um adverbial temporal: <já >), 6.6 (inserção de um pronome pessoal de P3 com a relação gramatical de 'sujeito': <ele >), 8.2 (inserção de um adverbial modal: <efectivamente >), 13.1 (inserção de um nome inanimado com a relação gramatical de 'sujeito', <a organização >, e, ainda, de um adverbial temporal, <já>) e 18.1 (inserção de dois adverbiais de modo: <pura e simplesmente>).

2.1.2.5 As formas compostas constroem-se quase exclusivamente com <*ter* + particípio>. Este 'quase', uma ínfima parte que falta para completar os cem por cento, é suprida por <*haver* + particípio>, e, aparentemente (desconhecem-se outros motivos), sempre por razões estilísticas, mais precisamente: nunca ocorre na oralidade, só em textos escritos e, de preferência, de natureza literária. Em vinte e uma ocorrências, só 17.5 é que é com <*haver* + particípio>. Por aqui se vê que se trata de uma 'raridade' ou, se calhar melhor, de uma potencialidade raramente actualizada.

2.1.2.6 As formas que constituem os subparadigmas infinitivo progressivo (11.) e infinitivo composto progressivo (22.) combinam-se preferencialmente com os chamados verbos modais (ou auxiliares de modo), que precedem aquelas determinando-lhes, por consequência, a forma que exibem. Estão nesta situação, no presente *corpus*, as ocorrências 11.1, 4, 22.1, 2, 3, e todas elas determinadas por <poder> ou <dever>, devidamente flexionados, como é óbvio.

2.1.3. Propriedades semântico-lexicais

2.1.3.1 Pela natureza do progressivo (focalização de um intervalo de tempo, que não o primeiro nem sobretudo o derradeiro, da série de intervalos Temporais que caracteriza a duração de uma situação), bem como pela do próprio auxiliar

(<estar>: verbo 'não-télico' e 'durativo' e, também, mas mais genérico, 'não-dinâmico'), é pois evidente que a construção <*estar a* + infinitivo> admite (isto é, combina-se com) todos os tipos accionais de predicados verbais que sejam ao mesmo tempo 'dinâmicos' e 'portadores de alguma duração'. Por conseguinte, dados os seus caracteres 'dinâmico' e 'durativo' e, ainda, os intrinsecamente 'não-delimitado' (uns) e 'delimitado' (outros), os predicados verbais de processo (os primeiros) e processo culminado (os segundos) são as duas tipologias accionais que quadram à perfeição com a construção em epígrafe – facto que o *corpus* i documenta de forma inequívoca, para além de sobejamente. Ora, vejamos: ocorrências com predicados verbais de processo: <fazer> (1.7), <funcionar> (2.1), <pensar> (2.3, 17.1), <falar> (2.7, 5.1, 15.7), <dormir> (3.5, 4.8), <homenagear memórias>[25] (4.2), <brincar> (4.11), <inventar> (6.6), <rir-se> (7.1), <gargarejar> (8.1), <chover> (8.3, 13.3), <trabalhar> (9.1, 15.3), <andar> (9.2), <desconversar> (10.1), <conversar> (11.5), <beber café>[26] (13.4) e <festejar> (22.1); e, agora, ocorrências com predicados verbais de processo culminado (os contextualmente predominantes): <os ensinamentos ... ser canalizados ...> (1.5), <... que ... analisar> (1.6), <preparar um amanhã> (1.11), <viver o momento ...> (1.20), <reparar em ...> (2.2), <pensar em ...> (2.6, 15.2), <roubá-lo> (3.1), <olhar para ...> (4.1), <A paz ... ser quebrada> (4.5), <subir> (4.9), <liquidar as coisas ...> (4.13), <... o que ... pensar> (6.2), <... ser produzidos os estupores ...> (6.5), <falar em ...> (7.3), <... ser escavado o grande fosso ...> (7.7), <... o regulamento ... ser aplicado> (8.2), <escrever uma novela> (8.5), <enlouquecer> (8.7), <olhar as janelas> (9.3), <... ser provocado um cisma> (11.1), <aproximar-se> (11.3), <apoiar a Frelimo ...> (12.1), <... ser ultrapassadas algumas fronteiras> (12.4), <delinear> (13.1), <A supernova ... ser vigiada (13.2), <... que ... ser revista> (15.6), <traba-

[25] Porque o argumento interno, <memórias>, com a relação gramatical de OD, se encontra no plural simplesmente (isto é, sem quaisquer determinações), não possui função delimitadora, logo o predicado verbal torna-se de processo.

[26] Uma vez que o argumento interno, com a relação gramatical de OD, é um nome não-contável, <café>, sem função delimitadora, o predicado verbal permanece de processo.

lhar até agora>[27] (15.9), <afinar os pianos> (17.5), <suicidar-se> (18.1), <apodrecer> (20.1) e <dormir até ele chegar>[28] (23.1).

Pelo levantamento acabado de fazer, verifica-se que tanto a classe accional de predicados verbais de processo quanto a dos de processo culminado são (podem ser) assim, ou por natureza ou contextualmente. Os do segundo tipo, documentados maioritariamente no *corpus* (o que é perfeitamente normal), é que são, todavia, os mais intensamente determinados pelo contexto, devido sobretudo ao argumento interno, com relações gramaticais várias (OD, OI, O), delimitador.

Os predicados verbais estativos, muito embora sejam 'durativos' e 'não-télicos', tal como os de processo, opõem-se em todo o caso não só a esta classe accional de predicados verbais como ainda a todas as outras (às de processo culminado, de culminação e pontuais), por serem precisamente 'não-dinâmicos' (estas quatro últimas classes, ao invés, partilham o traço 'dinâmico'), ficando assim impossibilitados de darem conta da progressão, do curso, de uma situação. Há, no entanto, alguns predicados verbais estativos que denotam situações faseáveis, ou seja, aquelas em que é possível distinguir-se diferentes fases. São os denominados predicados verbais estativos não-permanentes.[29] Estes, e pela razão evocada, são compatíveis ou, talvez melhor, aparecem já combinados com a construção em análise e, obviamente, expressando o mesmo significado aspectual: o progressivo. Estão nesta situação (a frequência de ocorrência é, expectavelmente, diminuta) os seguintes casos: <ser (muito) irónico> (1.14), <ser um joguete> (7.5) <ser (muito) diferentes> (12.3).

---

[27] <Trabalhar> é, por natureza, um predicado verbal de processo. Porém, aqui, devido à presença do adverbial temporal <até agora>, delimitador, torna-se num predicado verbal de processo culminado.

[28] Cf. nota anterior, pois trata-se exactamente do mesmo fenómeno, apenas com variação do adverbial temporal delimitador: <até ele chegar>, desta vez.

[29] Os que denotam situações não-faseáveis (do tipo de <ser alto>, <ser jovem>, <ser Sábado>, etc.) são de todo incompatíveis com a referida construção, e, claro, por ser impossível distinguir-se-lhes diferentes fases. Trata-se, por isso, de predicados verbais estativos permanentes.

Por fim, os predicados verbais de culminação e pontuais, por essencialmente serem 'não-durativos' (os demais traços, neste contexto, perdem a relevância, isto é, secundarizam-se), portanto de escassa duração e que têm lugar num ponto único do eixo temporal, respectivamente, em rigor, não quadram com a construção em epígrafe. De facto, e por isso, também não constituem uma sua preferência combinatória. No entanto, isto não quer significar que tal combinação esteja completamente erradicada. Ao invés. Está, até, razoavelmente documentada. Só que, como é evidente, o significado aspectual expresso é (praticamente sempre) outro, e resultante neste caso da interacção concertada de factores vários: (i) construção perifrástica em análise, (ii) tipos accionais de predicados verbais referidos, (iii) natureza e quantificação do sujeito, (iv) carácter lexical do predicado verbal que funciona como auxiliado e respectiva configuração sintáctica.

Assim, da combinação de <*estar a* + infinitivo> com <acontecer> (1.19 e 7.4), <passar-se> (3.2, 3, 4.4., 12 e 7.2), predicados verbais pontuais, e <sair> (1.12), <morrer> (11.6), predicados verbais de culminação, resulta a leitura (na qualidade de significado derivado desta combinatória) reiterativa/ iterativa, porque o argumento interno, com a relação gramatical de sujeito, ou está no plural ou aponta para um plural; com <cair> (4.6), predicado verbal pontual, e <acabar> (1.3), <morrer> (1.18), <chegar> (3.6 e 11.4), predicados verbais de culminação, a iminencial, sobretudo porque o argumento interno, com a relação gramatical de sujeito, se encontra no singular; e, finalmente, os predicados verbais de culminação <chegar> (1.16 e 4.15) e <sair> (7.9 e, de novo, 1.12[30]), que parecem indicar o exacto (no sentido de crucial) intervalo de tempo em que se dá a ocorrência da situação, para o que também contribui a presença dos adverbiais temporais <já> e <agora> (portanto leitura progressiva), e muito provavelmente por se tratar de verbos de movimento orientado.

[30] Esta ocorrência de <sair> pode ter ambas as leituras.

2.1.3.2 Conforme documenta o *corpus* i, <*estar a* + infinitivo> não se combina com nenhum tipo lexical de predicados verbais em particular (ausência, portanto, de uma preferência combinatória) mas, antes, com um leque de tipos lexicais bastante lato: de 'movimento orientado' (<sair>, <chegar>, <subir>, <voltar>, <aproximar-se>, <cair>), de 'movimento não orientado' (<passar>, <andar>, <abrandar>), de 'mudança de estado' (<desenvolver>, <amadurecer>, <evoluir>, <morrer>, <enlouquecer>, <apodrecer>), de 'actividade mental' (<pensar>, <estudar>), de 'actividades físicas não delimitadas' (<beber>, <dormir>, <rir-se>, <chorar>, <despir-se>, <brincar>, <gargarejar>), 'designadores de actividades para descrever o sujeito' (<escrever>), de 'execução' (<fazer>, <produzir>, <trabalhar>), de 'negação' (<negar>), de 'percepção' (<ver>, <olhar>, <gostar>), de 'língua' (<falar>, <conversar>, <desconversar>), de 'posse' (<ter>), 'existenciais' (<viver>, <faltar>), 'meteorológicos' (<chover>), etc.

2.1.3.3 Esta propriedade (o facto de <*estar a* + infinitivo> não exibir uma preferência combinatória especial no que aos tipos lexicais de predicados verbais diz respeito), juntamente com duas outras (a sua irradiação – no sentido de combinação com – a praticamente todos os tipos accionais de predicados verbais, uma, e os caracteres 'não-télico' e 'durativo' do auxiliar <estar>, a outra) são índices inequívocos do avançado estádio de gramaticalização alcançado pela construção (isto, para além, obviamente, das propriedades morfológicas e sintácticas descortinadas acima): as incompatibilidades ou restrições de selecção de natureza morfológica, sintáctica e semântica são quase inexistentes (ou existem em grau ínfimo) nas formas verbais progressivas. Daí poder (e dever) falar-se, com toda a legitimidade, do progressivo enquanto propriedade do sistema verbal do português da actualidade[31], apenas com a diferença que decorre da respectiva expressão: perifrástica (ou

[31] Nesta linha de pensamento, situam-se, por exemplo, Volpato & Pereira (1997: 341-346), que reclamam (ou propõem) seja aferido ao progressivo «um status de tempo verbal» (p. 345). Concordo com os princípios e objectivos desta proposta, mas já não aceito tão bem a designação de 'tempo verbal' para o progressivo, como facilmente se percebe pelo que está escrito nas páginas que precedem esta.

morfo-sintáctica) por oposição à flexional (ou morfológica), própria dos tempo-aspecto-modo e pessoa-número verbais, por exemplo. Por conseguinte, e pelo que até aqui se viu, não pode haver mais lugar para dúvidas e/ou reservas, tanto no que diz respeito ao estatuto deste significado aspectual quanto no que concerne ao seu respectivo meio expressivo.

Dado que, diacronicamente – tudo parece apontar nesse sentido (cf., por exemplo, Squartini 1998: 17 e 285) –, as perífrases progressivas partiram da combinação com predicados verbais de processo, passando para os de processo culminado, chegando ainda aos de culminação, julgo não se andar longe da verdade se se considerar este fenómeno como uma espécie de força centrífuga que foi/vai alastrando a todos os compartimentos da língua, lá onde aquelas são passíveis de aparecer, construindo e completando-se desta maneira o seu processo de gramaticalização.

2.1.3.4 Como última nota, deve ainda registar-se que, de um modo geral, as formas verbais ditas imperfectivas aparecem combinadas com todos os tipos accionais de predicados verbais (no *corpus*, cumprem este requisito o presente progressivo (1.), o futuro progressivo (3.), o imperfeito progressivo (4.) e o conjuntivo presente progressivo (7.)) e as perfectivas, ao inverso, ocorrem essencialmente combinadas com predicados verbais de processo e processo culminado ('durativos' portanto) (cf., no *corpus*, pretérito progressivo (2.), mais-que-perfeito progressivo (5.), presente composto progressivo (15.) e imperfeito composto progressivo (17.)).[32]

[32] O que acaba de se escrever vai em parte ao encontro (escorando assim esta interpretação) do que Squartini (1998: 55-56), a propósito das restrições accionais impostas pela forma <estuvo>, assinala para o castelhano: «The actional restrictions of the *estuvo* form show that the periphrasis requires a durative situation, thus imposing a given actional value (durativity) rather than an aspectual one.»

2.2. Formas verbais com <*estar* + gerúndio>

Corpus ii

1.1. «De acordo com o autor que ***estamos seguindo***, o responsável científico pela estação, Armando Coelho F. da Silva, as referências com carácter "arqueológico" à Citânia de Sanfins remontam (pelo menos...) ao século XVIII, devidas ao frade teatino e colarejo, D. Jerónimo Contador de Argote, um erudito que viveu durante o reinado de D. João V. Já no século XIX, Pinho Leal, o autor de **Portugal Antigo e Moderno**, não deixaria de referir-se também a Sanfins.»

[*Ex*, 1994/09/17]

1.2. «Só não olharia se soubesse que ***está sendo olhado***. Ele sabe que o vejo acenar para um táxi, embarcar no banco da frente e mandar pegar a primeira à direita.»

[*Es*, p. 13]

1.3. «Quando recupero a visão, já ***estou entrando*** num outro trailer, maior que o primeiro, com cheiro de novo e todo atapetado, macio de pisar.»

[*Es*, p. 69]

1.4. «[...]. As pessoas que viajam em pé, de frente para o meu banco, ***estão achando*** normal.»

[*Es*, p. 66]

1.5. «KNIPPERDOLLINCK

[...]. A língua morta deles reencarnou na nossa língua viva, e eis que uma e outra ***estão reclamando*** o trabalho constante de Deus no meio dos homens.»

[*IND*, p. 16]

1.6. «KNIPPERDOLLINCK

[...]. Porque isso a que vós chamais paz é a pior das guerras, esta que agora mesmo nos ***estais fazendo***, ao querer que nos submetamos, como escravos, às ordens de Waldeck.»

[*IND*, p. 25]

1.7. «ROTHMANN

[...]. A esta cidade de Münster, onde o povo da Nova Aliança se multiplica, e onde já o Último Dia ***está alvorecendo***.»

[*IND*, p. 46]

1.8. «JAN VAN LEIDEN

[...]. E essas vozes, soltai-me essas vozes, que as ouça, jubilosas, o inimigo, não vá ele pensar que ***estais morrendo*** de inanição.»

[*IND*, p. 129]

1.9. «Neste momento, por exemplo, ***estou viajando*** num helicóptero, em missão enviada pela Nação. Meu hospedeiro anda esgravatando verdades sobre quem matou Vasto Excelêncio, um mulato que foi responsável pelo asilo de velhos de São Nicolau.»

[*VF*, p. 21]

1.10. «"[...]. ***Estou começando*** uma casita com a ajuda da Câmara e de alguns vizinhos que me ajudam."»

[*Pa* 17 (1996/09/15), p. 50]

1.11. «– Escute, senhor inspector: o crime que ***está sendo cometido*** aqui não é esse que o senhor anda à procura.»

[*VF*, p. 59]

1.12. «Os corpos deles não são encontrados, mas numa nau que ***está partindo*** para Veneza, por entre os passageiros que se apinham na amurada, dou de relance com o rosto de Sara chorando e acenando-me adeus.»

[*CPó*, pp. 402-403]

1.13. «Cada um disse das suas razões, são como estátuas a distância, tão quietos os veríamos, e agora esperam o que o da bicicleta dirá, vai dizer, ***está*** já ***dizendo***.»

[*LC*, p. 212]

1.14. «E a mesma impaciência nervosa lhe ***está provocando*** a fileira de cassetes no chão.»

[*HD*, p. 134]

1.15. «[...], especialmente em momentos tão delicados como os que ***estamos atravessando***, mas a situação é esta, e não outra, [...]»

[*EL*, p. 46]

1.16. «[...], o que o primeiro-ministro havia proposto era, nem mais nem menos, fugir ao vírus que tinha atacado a maior parte dos habitantes da capital e que, já que o pior sempre ***está esperando*** atrás da porta, talvez acabasse por infectar o que restava deles e até mesmo, quem sabe, todo o país.»

[*EL*, p. 79]

2.1. «E de repente minha irmã dá meia-volta no topo da escada, tão de repente como se fosse para me surpreender, como se fosse para saber se a ***estive olhando*** e como.»

[*Es*, p. 19]

2.2. «Esperando a partida da camioneta, o Lambaça levou o companheiro para uma taberna e aí ***esteve beberricando***.»

[*CD CN*, p. 16]

3.1. «Ele ***estará saltando*** do táxi quando bato com força e definitivamente a porta do apartamento, o motorista mandando ele à merda por causa da corrida idiota.»

[*Es*, p. 13]

3.2. «Sinto que, ao cruzar a cancela, não ***estarei entrando*** em algum lugar, mas ***saindo*** de todos os outros.»

[*Es*, p. 24]

3.3. «Já ***estará anoitecendo*** quando ele reconhecerá as pedras portuguesas da calçada do prédio em L, onde ***estarei morando*** com minha ex-mulher.»

[*Es*, p. 52]

3.4. «KNIPPERDOLLINCK

Queira-o de facto Deus, e a minha espada já ***estará cortando*** antes que as vossas saiam das bainhas.»

[*IND*, p. 63]

3.5. «[...], ninguém sabe o que se ***estará produzindo*** ali.»

[*C*, p. 13]

3.6. «Se do próprio responsável da ideia não podemos, neste momento, esperar que nos ilumine os caminhos, sem nenhuma dúvida tortuosos, por onde vagamente ***estará imaginando*** que alcançará os seus objectivos, não se conte connosco, [...]»

[*HD*, p. 190]

3.7. «O natural seria que neste exacto momento Tertuliano Máximo Afonso pensasse em uma outra mãe que, se já foi informada da triste novidade, igualmente ***estará chorando*** as lágrimas inconsoláveis da orfandade materna, [...]»

[*HD*, p. 300]

3.8. «Depois de amanhã, senhora, ***estaremos arrefecendo*** as almas ao calor das fogueiras... Até havemos de aplaudir...»

[*FHL* p. 109]

3.9. «Os amantes da concisão, do modo lacónico, da economia de linguagem, decerto se ***estarão perguntando*** porquê, sendo a ideia assim tão simples, foi preciso todo este arrazoado para chegarmos enfim ao ponto crítico.»

[*IM*, p. 71]

4.1. «Poucos passos adiante, mal acabara de cruzar o limiar do mundo, percebeu, subitamente, que as velhas sandálias que haviam sido de seu pai ***se*** lhe ***estavam desfazendo*** debaixo dos pés.»

[*EJC*, p. 261]

4.2. «Ao acompanhar o delegado à porta, meu cunhado cuidou de lhe dizer que naquela noite sua mulher ***estava voando*** para o estrangeiro, mas voltaria em breve e deixara lembranças.»

[*Es*, p. 125]

4.3. «Este, porém, nascido naquele feliz tempo, naquele ambiente da família honrada, nem respondia às cartas do pai, nem queria ouvir proferir-lhe o nome. José Teixeira dizia que o filho ingrato ***estava sendo*** o seu primeiro carrasco.»

[*JT*, p. 44]

4.4. «O Antunes queria por força saber o que ***se estava passando*** com ele. Que é que queria dizer tudo aquilo que lhe ***estava acontecendo***?»

[*NG*, p. 181]

4.5. «MATTHYS
[...]. Levantaste-te e abriste a tua janela, não sentiste o ar frio que te cortava a pele, porque ***estavas olhando*** o céu e as estrelas.»
[*IND*, p. 76]

4.6. «Numa conferência de imprensa, afirmou: "A partir de agora é igualdade. Nós ***estávamos sendo*** generosos demais. Se eles fizerem concessões de lá, faremos concessões de cá".»
[*Ex*, 1993/02/06]

4.7. «Acordou algum tempo depois, com um estrondo; a porta do seu quarto ***estava sendo atirada*** por terra.»
[*MC*, p. 144]

4.8. «Corria o ano de sessenta e um, ***estavam chegando*** de toda a parte os padres conciliares, o escol dos teólogos, embaixadores e ministros da Cristandade, [...].»
[*CPó*, p. 102]

4.9. «Ninguém notou, por isso, a confusão e o equívoco em que se ***estava caindo*** e os nossos espíritos eram serenos.»
[*CPó*, p. 142]

4.10. «O senso comum chamar-lhe-ia aproveitador sem escrúpulos, mas ele redarguiria que a situação que ***estava vivendo*** era única no mundo, [...]»
[*HD*, p. 129]

4.11. «Depois de ter saído da cidade, na terça-feira de manhã, veio todo o caminho a discutir com os seus botões se deveria contar à mãe algo do que ***estava acontecendo*** ou se, pelo contrário, seria mais prudente manter a boca firmemente selada.»
[*HD*, p. 230]

5.1. «[...], e aí estava como os seus pressentimentos tinham saído certos, algo de singular, de fora do comum, ***se estivera preparando*** nos últimos tempos, [...].»
[*C*, p. 297]

6.1. «Ela diz "que suspeito o quê" e "que local do crime o quê", e diz "meu filho veio-me ver, foi detido entrando no prédio, se fosse suspeito ***estaria fugindo***", e diz "onde é que já se viu suspeito fugir para dentro?"»
[*Es*, p. 43]

6.2. «Adorava ver-me com aqueles óculos escuros de espelho e adivinhar o que os meus olhos ***estariam dizendo*** por trás do seu esconderijo.»
[*SE*, p. 80]

6.3. «O Lambaça não dormia, nem mostrava tenções disso. Que pensaria? Que ***estaria projectando***? Tê-lo-ia trazido ali para o assaltar e roubar?»
[*CD CN*, pp. 48-49]

6.4. «Você seria sempre a minha cópia, o meu duplicado, uma imagem permanente de mim mesmo num espelho em que eu não me ***estaria olhando***, algo provavelmente insuportável, [...]»

[*HD*, p. 218]

7.1. «Nunca vi ninguém em Portugal preocupado por isto. Preocupado com as chicanas sobre o voto emigrante, sim, no que sempre parece mais um estratagema que uma ânsia de justiça; tal vai a política entre nós. Mas que ***estejamos perdendo*** a oportunidade de criar um Portugal da diáspora, copiando a intuição genial dos judeus (que esplendidamente o fazem), não impressiona ninguém.»

[*P*, 1996/06/30]

7.2. «É possível que eu tenha alguma fixação mórbida nisso, agora talvez ***esteja notando*** indícios; curioso, nunca tinha me dado conta.»

[*CBD*, p. 34]

7.3. «Que bem que me sabe, embora a ***esteja bebendo*** numa tigela de pau em que ela ordenha as ovelhas, com um sarro de dois dedos!»

[*CPó*, p. 250]

7.4. «[...], ninguém poderá imaginar que naquele segundo andar direito, por trás daquelas inocentes cortinas, ***esteja vivendo*** um fenómeno da natureza não menos extraordinário que as sete cabeças da hidra de Lerna e outras quejandas maravilhas.»

[*HD*, p. 193]

7.5. «Creio que tem razão, Talvez, meu caro, o seu ministro lhe ***esteja parecendo*** demasiado cínico, [...]»

[*IM*, p. 57]

7.6. «[...], não é crível, repetimos, que um sistema assim seja primitivo e unidireccional, que a fonte informativa lá onde quer que se encontre, não ***esteja*** continuamente ***recebendo***, por sua vez, os dados resultantes das actividades quotidianas da morte em funções.»

[*IM*, p. 167]

7.7. «[...], e então a morte, terminada a observação, concluiu que não é verdade que o antónimo da presunção seja a humildade, mesmo que o ***estejam jurando*** a pés juntos todos os dicionários do mundo, [...]»

[*IM*, p. 178]

8.1. «Mas hoje, com o sol a pino e sem uma brisa sequer, minha irmã está para dentro e as folhagens não jogam; cada folha é um exemplo de folha, com o seu verde-escuro à luz e seu contraverde-claro à sombra. Hoje é como se o jardim ***estivesse aprendendo*** arquitectura.»

[*Es*, p. 15]

8.2. «Foi aconselhado a conversar abertamente com a filha, pois mesmo que ela ***estivesse dormindo***, por algum canal registou tudo o que aconteceu na noite do assalto.»

[*Es*, p. 116]

8.3. «[...], ao menos, lá, por muito que ***se*** lhe ***estivesse revolvendo*** o espírito de honesta indignação contra as injustiças dos malvados, não passará fome.»

[*EC*, p. 161]

8.4. «– Talvez houvesse já polícia em campo; talvez *Zé-Diabo*, *Búfalo-Bill*, *Caganita-de-Rato*, *Coiote-Manhoso* e os outros ***estivessem escarafunchando*** a cidade, comandados pela nossa professora – pela nossa assustadora professora... E eu ali naquele monte, a horas de estrelas, de costas voltadas para aquele santuário, ao alto daquela ampla escadaria!»

[*Putos*, p. 44]

8.5. «Oiço-os descer as escadas, esforçando-se, ao que parece, por o fazerem o mais silenciosamente possível, como se ***estivessem saindo*** do tribunal.»

[*Putos*, p. 147]

8.6. «[...], e a Ermelinda é uma gorda mulher que abre a porta como se ***estivesse abrindo*** os braços, Entre, [...],»

[*LC*, p. 264]

9.1. «[...]. Enquanto ***estiveres caminhando***, segura esta colher na mão sem deixares que o óleo seja derramado.»

[*Alq*, p. 56]

11.1. «Imagino que possa ***estar cantando*** baixinho, e os rádios dos carros que nos seguem captariam sua voz.»

[*Es*, p. 126]

11.2. «Encontrava-se portanto bem desperto o primeiro cego, e se alguma outra prova fosse necessária, aí estaria a brancura ofuscante dos seus olhos, que provavelmente só o sono escurecia, mas nem disto se podia ter a certeza, uma vez que ninguém podia ***estar*** ao mesmo tempo ***dormindo*** e ***velando***.»

[*EC*, p. 306]

11.3. «Creio que outras damas leiam também a missa em casa, ou por fadiga, ou por doença, ou por ***estar chovendo***, e há sempre que louvar em pessoa que respeita os seus elos espirituais.»

[*MA*, p. 126]

12.1. «No ermo em que estou, só posso fugir em direcção à casa, e o volume crescente dos latidos dá-me a impressão de ***estar correndo*** ao encontro dos cães.»

[*Es*, p. 25]

12.2. «De resto, com que posso contar comigo? Uma acuidade horrível das sensações, e a compreensão profunda de ***estar sentindo***...»

[*LD* (1.ª Parte), p. 50]

12.3. «Dou meia-volta e vou subindo a estradinha de terra batida sem olhar para trás, mas consciente de ***estar sendo seguido*** de muito perto pelos cães espumando, e pelo gémeo risonho que os retém com a respiração.»

[*Es*, p. 80]

12.4. «Ia olhando a um lado e a outro, a ver se havia algum cego acordado, embora ***estar*** um ou mais deles ***vigilando***, ou a camarata toda, não tivesse qualquer importância, desde que não fizesse ruído, [...].»

[*EC*, p. 152]

13.1. «***Estando*** nós por algum tempo ***olhando*** em silêncio aquele lastimável destroço, disse-nos o patrão da nossa nau:

– Senhores, é mais tempo de obrar que de olhar.»

[*CPó*, p. 152]

15.1. «Escrevi tudo isso porque ***tenho estado pensando*** na magia da Escola da Ponte.»

[...][33]

17.1. «Neste mesmo instante, sumiu-se a breve consolação que caridosamente o ***tinha estado embalando*** e, em vez dela, como uma dor que de repente se fizesse lembrar, o medo reapareceu.»

[*HD*, p. 212]

17.2. «António Claro, cuja agudeza de engenho está provado nada ficar a dever à de Tertuliano Máximo Afonso, percebe que os papéis que ambos até agora ***haviam estado desempenhando*** foram trocados, que a contar de agora é ele quem terá de disfarçar-se, e que aquilo que havia começado por parecer uma gratuita e tardia provocação do professor de História, enviar-lhe, como uma bofetada, a barba postiça, tivera afinal uma intenção, nascera de uma presciência, anunciava um sentido.»

[*HD*, p. 247]

17.3. «De repente, sem avisar, fechou-se a torneira donde ***havia estado brotando***, constante, o generoso manancial de padecentes terminais.»

[*IM*, p. 74]

18.1. «Cipriano Algor olhava a filha, lia no seu rosto como nas páginas de um livro aberto, e o coração doía-lhe de engano com que a ***teria estado iludindo*** se os resultados do inquérito viessem a ser a tal ponto negativos que levassem o departamento de compras do Centro a desistir dos bonecos de uma vez para sempre.»

[*C*, p. 287]

---

33 Ocorrência recolhida em Alves, Rubem, *Estórias maravilhosas de quem gosta de ensinar*. Porto: Edições Asa, 2002, p. 79.

2.2.1. Propriedades morfo-sintácticas

2.2.1.1 O *corpus* ii, morfo-sintacticamente falando, documenta as seguintes compatibilidades (ou possibilidades combinatórias) da construção <*estar* + gerúndio>: com o presente (1.) nas P1 (3, 9 e 10), P3 (2, 7, 11, 12, 13, 14 e 16), P4 (1 e 16), P5 (6 e 8) e P6 (4 e 5); o pretérito (2.) nas P1 (1) e P3 (2); o futuro (3.) nas P1 (2 e 3 – primeira ocorrência), P3 (1, 3 – segunda ocorrência –, 4, 5, 6 e 7), P4 (8) e P6 (9); o imperfeito (4.) nas P2 (5), P3 (2, 3, 4 – duas vezes –, 7, 9, 10 e 11), P4 (6) e P6 (1 e 8); o mais-que-perfeito (5.) na P3 (também uma única ocorrência);[34] o futuro do pretérito (ou condicional) (6.) nas P1 (4), P3 (1 e 3) e P6 (2); o conjuntivo presente (7.) nas P1 (2 e 3), P3 (4, 5[35] e 6), P4 (1) e P6 (7); o conjuntivo imperfeito (8.) nas P3 (1, 2, 3, e 6) e P6 (4 e 5); o conjuntivo futuro (9.) na P2 (apenas uma ocorrência); o infinitivo (11.): três ocorrências; o infinitivo pessoal (12.) nas P1 (1, 2 e 3) e P3 (4); o gerúndio (13.): uma única ocorrência; o presente composto (15.) na P1 (apenas uma ocorrência); o imperfeito composto (17.) nas P3 (1 e 3) e P6 (2); e com o futuro do pretérito (ou condicional) composto (18.) na P3 (uma só ocorrência).

2.2.1.2 Se bem se reparou, no *corpus* não há registos que documentem a ocorrência da construção em causa com o imperativo (10.), o particípio (14.), o futuro composto (16.), o conjuntivo presente composto (19.), o conjuntivo imperfeito composto (20.), o conjuntivo futuro composto (21.), o infinitivo composto (22.), o infinitivo pessoal composto (23.) e o gerúndio composto (24.), ou seja, nove lugares por preencher. Com excepção de 10. e 14., explicáveis exactamente pelas mesmas razões que os subparadigmas homónimos de <*estar a* + infinitivo>, este facto, ao mesmo tempo que contribui para ilustrar a escassez de formas perfectivas (oito contra sessenta e quatro de natureza imperfectiva), denuncia também um menor grau de combinabilidade destas formas verbais com a estrutura de progressivo que

[34] Cf. comentário tecido a propósito do subparadigma homónimo de <*estar a* + infinitivo>, p. 172.

[35] cf. nota 4.

se está a analisar, pelo menos na variante europeia do português (quanto à brasileira, que só aparece na extensão textual enquanto termo de comparação e nunca como preocupação analítica primária, o *corpus* não disponibiliza os elementos suficientes para se poder aquilatar do seu real e cabal funcionamento); ao invés, a compatibilidade com os subparadigmas imperfectivos é manifestamente superior.

2.2.1.3. Do exposto deduz-se estarem efectivamente documentados o presente progressivo (1.) em quatro PN, o pretérito progressivo (2.) em duas, o futuro progressivo (3.) em quatro, o imperfeito progressivo (4.) também em quatro, o mais-que-perfeito progressivo (5.) apenas numa, o futuro do pretérito (ou condicional) progressivo (6.) em três, o conjuntivo presente progressivo (7.) em quatro, o conjuntivo imperfeito progressivo (8.) em duas, o conjuntivo futuro progressivo (9.) numa, o infinitivo progressivo (11.), o infinitivo pessoal progressivo (12.) em duas, o gerúndio progressivo (13.), o presente composto progressivo (15.) numa, o imperfeito composto progressivo (17.) em duas e o futuro do pretérito (ou condicional) composto progressivo (18.) também só numa PN.[36]

No que respeita a esta outra construção de progressivo (a menos frequente e também a não estandardizada no PE), temos basicamente os mesmos subparadigmas e praticamente também nas mesmas PN: faltam, no *corpus*, comparativamente a <*estar a* + infinitivo>, o conjuntivo imperfeito composto progressivo (20.) e o infinitivo pessoal composto progressivo (23.).

[36] O futuro composto progressivo (16.), o conjuntivo presente composto progressivo (19.), o conjuntivo imperfeito composto progressivo (20.), o conjuntivo futuro composto progressivo (21.), o infinitivo composto progressivo (22.), o infinitivo pessoal composto progressivo (23.) e o gerúndio composto progressivo (24.), conforme já se disse (cf. § 2.2.1.2, p. 194), não estão documentados no *corpus* e são raros na variante europeia do português. Porém, este facto não é impeditivo de poderem aparecer noutros contextos e/ou situações.

2.2.1.4 Verifica-se igualmente um predomínio claro das formas de P3 e P6. Aliás, à semelhança do que se passa com a construção anterior, com excepção do conjuntivo futuro progressivo (9.) e do presente composto progressivo (15.), todos os outros subparadigmas apresentam formas de P3 e P6 ou só de P3 – para além, obviamente, de outras PN. E a razão de assim ser é exactamente a mesma que se expendeu a propósito de <*estar a* + infinitivo>, ou seja, a natureza referencial do 'sujeito'.[37]

2.2.1.5 Não obstante o carácter menos completo deste paradigma em comparação com o anterior, confirma-se parcialmente a tendência, verificada naquele, no que à combinabilidade morfo-sintáctica preferencial diz respeito. Assim, e pelas razões aduzidas já para <*estar a* + infinitivo>, <*estar* + gerúndio> ocorre preferencialmente no presente progressivo (1.) e no imperfeito progressivo (4.), imediatamente seguido do futuro progressivo (3.), do conjuntivo presente progressivo (7.) e do conjuntivo imperfeito progressivo (8.); das formas compostas, apesar de tudo, a mais representada (mas só duas ocorrências) é o imperfeito composto progressivo (17.).

2.2.2. Propriedades sintáctico-semânticas

2.2.2.1 Em termos gerais, <*estar* + gerúndio> apresenta as mesmas propriedades sintáctico-semânticas que <*estar a* + infinitivo>. Especificamente, contudo, exibe diferenças. Assim, e em conformidade com o *corpus* ii, só os tipos proposicionais declarativo, interrogativo e exclamativo (aliás, também os mais frequentes), combinados com as formas afirmativa ou negativa, activa ou passiva e neutra, é que estão efectivamente documentados.[38] Como os tipos não ocorrem dissociados das formas, e vice-versa, são estas, pois, as estruturas proposicionais realmente

[37] Cf., pois, o que aí (p. 175) se escreve.

[38] A não documentação dos tipos proposicionais imperativo e optativo explicam-se precisamente pelas mesmas razões expendidas já para <*estar a* + infinitivo> (cf. pp. 176-177).

documentadas: declarativo/afirmativa-activa-neutra (sessenta e duas vezes: ultrapassa os quatro quintos!), declarativo/afirmativa-passiva-neutra (quatro vezes: 1.2, 11; 4.7 e 12.3), declarativo/negativa-activa-neutra (quatro vezes: 3.2, primeira ocorrência; 6.4; 7.6 e 11.2), interrogativo/afirmativa-activa-neutra (três vezes: 3.6; 4.4 – segunda ocorrência – e 6.3) e exclamativo/afirmativa-activa-neutra (uma vez: 7.3). Para além destas cinco (menos três do que em <*estar a* + infinitivo>) estruturas proposicionais canónicas, como lhes chamei acima, ocorre também esta (menos duas que em <*estar a* + infinitivo>), híbrida (portanto especial): declarativo-exclamativo/afirmativa-activa-neutra (uma vez: 1.8).

Todos os subparadigmas constituintes do *corpus* ii se compõem, sem excepção, de ocorrências que ostentam a estrutura proposicional que também mais vezes ocorre em toda a sua extensão, o que confirma, de modo ainda mais marcante, a hipótese avançada a propósito da construção anterior sobre a sua natureza prototípica: está-se, evidentemente, a falar da estrutura proposicional declarativo/afirmativa-activa-neutra. Assim, e independentemente de serem constituídos por apenas uma ou mais ocorrências, os seguintes subparadigmas exibem-na de modo exclusivo: pretérito progressivo (2.), mais-que-perfeito progressivo (5.), conjuntivo imperfeito progressivo (8.), conjuntivo futuro progressivo (9.), gerúndio progressivo (13.), presente composto progressivo (15.), imperfeito composto progressivo (17.) e futuro do pretérito (ou condicional) composto progressivo (18.); os restantes, de modo esmagador: presente progressivo (1.), futuro progressivo (3.), imperfeito progressivo (4.), conjuntivo presente progressivo (7.), infinitivo progressivo (11.) e infinitivo pessoal progressivo (12.).

Quanto às tendências mono ou pluriproposicional que assinalei para <*estar a* + infinitivo>, não me parece que seja assim tão relevante para a construção de que me estou a ocupar. Em todo o caso, há dois subparadigmas constituídos por três ou mais ocorrências cuja combinação se faz unicamente com a estrutura proposicional deveras recorrente (declarativo/afirmativa-activa-neutra): o conjuntivo imperfeito progressivo (8.) e o imperfeito composto progressivo (17.). Trata-se tão-só de um indicador. Mais nada.

2.2.2.2 <*Estar* + gerúndio> apresenta exactamente os mesmos tipos de sujeito e as mesmas configurações sintácticas de <*estar a* + infinitivo>, e é igualmente passível dos mesmos reparos em relação às formas compostas com <*haver* + particípio>, à compatibilidade com auxiliares modais e à inserção de adverbiais e/ou outros categoriais.

Comecemos pela tipologia de sujeitos. Constata-se uma combinação maioritária com os de tipo 'animado e humano': cinquenta ocorrências, que permitem igualmente averiguar da sua transversalidade paradigmática (cf., por exemplo, 1.1, 15; 2.1; 3.1, 9; 4.2, 9; 5.1; 6.1; 7.1; 8.2; 9.1; 11.1; 12.4; 13.1; 15.1; 17.2 e 18.1); considerável com os de tipo 'inanimado' (ou 'de coisa'): vinte ocorrências, já sem carácter transversal, isto é, documentado só com alguns subparadigmas (cf., por exemplo, 1.5, 16; 3.4; 4.7; 6.2; 7.4; 8.1 e 17.1); ínfima com sujeito nulo (cf. 3.3 – primeira ocorrência – e 11.3); e nula com os de tipo 'animado e não-humano', mas de todo o modo compatível (por exemplo: «As vacas ***estão pastando***.»).

Também – como se verificou já para <*estar a* + infinitivo> – não me parece que haja uma preferência especial de um tipo de sujeito por um determinado subparadigma ou vice-versa. De qualquer modo, o pretérito progressivo (2.), o futuro do pretérito (ou condicional) progressivo (6.), o conjuntivo imperfeito progressivo (8.) e o infinitivo pessoal progressivo (12.) aparecem largamente combinados com sujeitos de tipo 'animado e humano'. A paridade do presente progressivo (1.) de <*estar a* + infinitivo> com sujeitos 'inanimados' e 'animados e humanos' desaparece com esta construção, e o que temos é uma combinação maioritária com os de tipo 'animado e humano'.

2.2.2.3 Passemos agora às configurações sintácticas. Logo à cabeça, atendendo ao número de ocorrências (trinta e quatro), aparece a transitiva (predicados verbais de dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int./OD): cf., entre outros, distribuídos pelo paradigma, 1.1, 5, 15, 2.1, 3.5, 4.1, 5.1, 6.3, 7.1, 7, 8.3, 6, 12.2, 13.1, 17.2 e 18.1; a seguir, também pelo número de ocorrências (catorze), temos uma outra configuração transitiva (dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int./O):

cf., também entre outros, 1.3, 3.1, 4.2, 7.4, 8.5, 15.1 e 17.3; depois, com doze ocorrências, vem a configuração sintáctica inergativa (um lugar: um arg. ext./S): cf., por exemplo, 1.7, 2.2, 6.1, 8.2, 9.1, 11.1 e 12.1; seguem-se, com três ocorrências cada, as configurações inacusativa (um lugar: um arg. int./S: cf. 1.12, 4.4 – primeira ocorrência – e 11) e copulativa (dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int. *sui generis*/PdS: cf. 4.3, de núcleo nominal, 6 e 7.5, de núcleo adjectival); em penúltimo lugar, temos, com duas ocorrências cada uma, as configurações ditransitiva (três lugares: um arg. ext./S + dois argumentos internos/OD e OI: cf. 1.6 e 14) e 'impessoal' (zero lugares: nenhum argumento: cf. 3.3 – primeira ocorrência – e 11.3); e, em último lugar, apenas com uma ocorrência cada, as configurações sintácticas transitiva predicativa (dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int. *sui generis*/ = OD + PdOD: cf. 1.4), transitiva (dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int./OI: cf. 4.4 – segunda ocorrência) e transitiva (três lugares: um arg. ext./S + dois argumentos internos/OD e O: cf. 4.7). Por conseguinte, e tal como a construção anterior, <*estar* + gerúndio> é compatível com predicados verbais que se enquadram em todas as configurações sintácticas disponíveis no português de hoje – em todo o caso, também maioritária na configuração transitiva seguida, conforme se viu já, e a uma certa distância, pelas transitiva (de dois lugares, com um argumento interno oblíquo) e inergativa.

2.2.2.4 <*Estar* + gerúndio> admite igualmente a inserção de adverbiais (sobretudo) e/ou outros categoriais entre o auxiliar e o auxiliado, sem que o sintagma em causa fique ferido na sua unidade. O *corpus* fornece-nos os seguintes casos: inserção de adverbiais temporais (1.13: <já>, 7.6: <continuamente> e 11.2: <ao mesmo tempo>), de um numeral + expressão de quantificação, com a relação gramatical de sujeito (12.4: <um ou mais deles>) e de um pronome pessoal de P4 com a relação gramatical de sujeito + um adverbial temporal (13.1: <nós por algum tempo>).

2.2.2.5 Continua válido o reparo feito antes[39] a propósito das formas compostas com <*haver* + particípio>, apesar de aqui termos mais ocorrências do que ali: 17.2 e 3. De qualquer modo, raras e, curiosamente, no subparadigma homónimo.

2.2.2.6 Constata-se igualmente a preferência de combinação do infinitivo progressivo (11.) com os auxiliares modais (cf. 11.1 e 2), precedido em ambas as ocorrências de <poder> que se encontra flexionado, respectivamente, no conjuntivo presente (11.1) e no imperfeito (11.2).

2.2.3. Propriedades semântico-lexicais

2.2.3.1 Em termos de *Aktionsart*, <*estar* + gerúndio> comporta-se tal qual a sua congénere, <*estar a* + infinitivo> (outra coisa não seria de esperar, uma vez que ambas são, por assim dizer, 'consortes' na expressão do progressivo), ou seja, combina-se com todos os tipos accionais de predicados verbais portadores simultaneamente dos traços 'durativo' e 'dinâmico': por conseguinte, os de processo e processo culminado. O *corpus* ii, a despeito de não o fazer tão representativamente quanto o *corpus* i (é menos extenso), documenta-o no entanto de forma expressiva e igualmente clara, a saber: ocorrências com predicados verbais de processo: <olhar> (1.2), <viajar> (1.9), <beberricar> (2.2), <fugir> (6.1), <notar indícios>[40] (7.2), <dormir> (8.2 e 11.2), <caminhar> (9.1), <cantar> (11.1), <velar> (11.2), <chover> (11.3), <vigilar> (12.4); ocorrências com predicados verbais de processo culminado (também os que predominam contextualmente): <reclamar o trabalho constante de Deus ...> (1.5), <... esta que ... fazer> (1.6), <alvorecer> (1.7), <... impaciência nervosa ... provocar ...> (1.14), <... os que ... atravessar> (1.15), <... a olhar> (2.1), <anoitecer> (3.3), <chorar as lágrimas>[41] (3.7), <arrefecer as almas>

[39] Cf., *supra*, § 2.1.2.5., p. 181.

[40] Explica-se do mesmo modo que <homenagear memórias> (cf. nota 25).

[41] <Chorar> é, por natureza, um predicado verbal de processo. Aqui, porém, ao ocorrer com o argumento interno, <as lágrimas>, com a relação gramatical de OD, delimitador, transforma-se num predicado verbal de processo culminado.

(3.8), <voar para o estrangeiro> (4.2), <a porta do seu quarto ... ser atirada ...> (4.7), <... me olhar> (6.4), <perder a oportunidade>[42] (7.1), <aprender arquitectura> (8.1), <revolver o espírito ...> (8.3), <escarafunchar a cidade> (8.4), <pensar em ...> (15.1), <... o embalar> (17.1), <... a iludir> (18.1).

À semelhança do que se averiguou para a construção precedente, este levantamento mostra que tanto uma quanto a outra tipologias de predicados verbais são assim, ou por natureza ou contextualmente. A transformação contextual é, como seria de esperar, bem mais marcada e quase sempre devida ao argumento interno, quer com a relação gramatical de OD, quer com a de O, também sempre delimitador.

Os predicados verbais estativos (só os que denotam situações faseáveis, é claro) estão também documentados com <*estar* + gerúndio>, e basicamente na mesma proporção da construção anterior, o que quer dizer, de ocorrência bastante reduzida: <esperar> (1.16), <morar> (3.3), <ser o seu primeiro carrasco> (4.3), <ser generosos ...> (4.6), <parecer (demasiado) cínico) (7.5), e expressando igualmente o progressivo.

Com predicados verbais de culminação e pontuais – já se referiu a propósito da construção anterior –, a combinatória é rigorosamente imprópria, porque de naturezas contrárias, concretamente: a construção em análise requer predicados verbais que denotem situações durativas e aqueles, ao invés, representam situações de parca e nenhuma duração, respectivamente – logo logicamente incompatíveis. Apesar disso, no entanto, o *corpus* ii documenta que a combinação de uma com os outros é perfeitamente gramatical, só que já não é o progressivo o significado aspectual expresso mas, antes, um (ou mais) derivado(s) de tal combinatória, que interage ainda com outros factores, conforme se escreveu já para as ocorrências homónimas de <*estar a* + infinitivo>.

---

[42] <Perder> é, originalmente, um predicado verbal de culminação. Aqui, todavia, combinado com um argumento interno, <a oportunidade ...>, com a relação gramatical de OD – que, reforçando o seu carácter 'télico', lhe atribui maior duração –, transforma-se num predicado verbal de processo culminado.

Ora, vejamos: da combinação de <*estar* + gerúndio> com os predicados verbais pontuais <passar-se> (4.4) e <acontecer> (4.4, 11) e com os de culminação <morrer> (1.8), <perguntar> (3.9), <chegar> (4.8) e <sair> (8.5), porque o argumento (interno ou externo) com a relação gramatical de sujeito se encontra no plural ou aponta para um plural, resulta a leitura reiterativa/ iterativa; com <partir> (1.12) e <cair> (4.9), respectivamente predicados verbais de culminação e pontual, porque o argumento (neste caso, interno) com a relação gramatical de sujeito está no singular, ocorre a leitura iminencial; e, por fim, com os predicados verbais de culminação <entrar> (1.3 e 3.2) e <sair> (3.2 e, outra vez, 8.5[43]), por parecerem indicar o instante temporal preciso em que ocorre a situação, proporciona-se naturalmente a leitura, esperável, do progressivo, e muito plausivelmente por serem verbos de movimento orientado.

2.2.3.2 De acordo com o *corpus* ii, <*estar* + gerúndio> não elege um tipo lexical de predicados verbais com que se combine de modo favorito. Pelo contrário, o leque de possibilidades combinatórias de natureza lexical, à semelhança aliás da construção precedente, está bem aberto, especificamente: de 'movimento orientado' (<entrar>, <partir>, <sair>, <chegar>, <cair>), de 'movimento não orientado' (<viajar>, <atravessar>, <saltar>, <voar>, <atirar>, <fugir>, <caminhar>, <correr>, <seguir>, <embalar>), de 'mudança de estado' (<alvorecer>, <morrer>, <começar>, <anoitecer>, <arrefecer>, <perder>, <desfazer-se>, <abrir>), de 'actividade mental' (<pensar>, <aprender>, <projectar>), de 'actividades físicas não delimitadas' (<beberricar>, <chorar>, <beber>, <dormir>, <velar>, <vigilar>), 'designadores de actividades para descrever o sujeito' (<cantar>, <cortar>), de 'execução' (<fazer>, <produzir>), de 'percepção' (<olhar>, <sentir>, <imaginar>, <achar normal>, <notar indícios>), de 'língua' (<reclamar>, <dizer>, <perguntar>, <jurar>), 'locativos' (<morar>), 'meteorológicos' (<chover>), etc.

[43] Esta ocorrência de <sair> permite ambas as leituras.

2.2.3.3 Esta listagem, para além de evidenciar uma coincidência quase perfeita com a tipologia lexical de predicados verbais que ocorrem com <*estar a* + infinitivo>, mostra ainda uma forte coincidência entre as próprias unidades lexicais. Isto tão-somente quer dizer que, ao manifestar as mesmas propriedades que <*estar a* + infinitivo> (ausência de uma preferência combinatória no que concerne ao tipo lexical de predicados verbais, combinação praticamente com todas as classes accionais de predicados verbais e, ainda, os traços semânticos característicos do auxiliar <estar>: 'não-télico' e 'durativo'), <*estar* + gerúndio> se encontra igualmente num estádio bem avançado de gramaticalização.

2.2.3.4 Verifica-se, de igual modo, que <*estar* + gerúndio>, nas formas verbais imperfectivas, aparece combinada com todos os tipos accionais de predicados verbais e, nas perfectivas, diferentemente, a preferência vai para os de processo e/ou processo culminado.[44]

2.3. Da variação nestas formas verbais

Pelas fontes dos *corpora* e também pela própria experiência enquanto falante/ouvinte (e, claro, leitor/escrevente) do português, trata-se de variantes predominante mas não exclusivamente diatópicas. Apesar de <*estar a* + infinitivo> ser a construção preferida por falantes de PE e <*estar* + gerúndio> a eleita por falantes de PB, há falantes/escreventes que usam a outra (a menos frequente em cada uma das áreas geográficas em que são falados/escritos) e, desta feita, tudo me leva a crer, por razões de natureza estilística (um falante/escrevente considera momentaneamente, sempre, excepcionalmente, especialmente, etc. uma estrutura mais expressiva do que a outra, portanto variantes opcionais intra-individualmente accionadas) e/ou sub-regional (por exemplo, em Portugal, os falantes do Sul – sobretudo no Alentejo e Algarve – preferem a segunda construção, ao passo que os do Centro e Norte, a primeira, por conseguinte variantes opcionais inter-

[44] Cf. *corpus* e, ainda, comentários à construção anterior, ou seja, § 2.1.3.4. (p. 186) e nota 32.

individualmente espoletadas). O fenómeno linguístico aqui implicado é, pois, o que se conhece na literatura da especialidade pelo nome de variação.

Passo a explicitar o que a este propósito os *corpora* nos oferecem. Em relação a <*estar* + gerúndio>, verifica-se o seguinte: dezanove ocorrências de PB, colhidas predominantemente em textos literários de tipo narrativo, mas também ensaística (apenas uma) e literatura esotérica (também só duas), e assim distribuídas: três de presente progressivo (1.2, 1.3 e 1.4), uma de pretérito progressivo (2.1), três de futuro progressivo (3.1, 3.2 e 3.3), duas de imperfeito progressivo (4.2 e 4.7), uma de futuro do pretérito (ou condicional) progressivo (6.1), uma de conjuntivo presente progressivo (7.2), duas de conjuntivo imperfeito progressivo (8.1 e 8.2), uma de conjuntivo futuro progressivo (9.1), duas de infinitivo progressivo (11.1 e 11.3), duas de infinitivo pessoal progressivo (12.1 e 12.3) e uma de presente composto progressivo (15.1); duas de PM (apenas fontes literárias de tipo narrativo) no presente progressivo (1.9 e 1.11); e cinquenta e duas de PE, maioritariamente de fontes literárias de tipo narrativo (as mais representadas) e dramático (sete ocorrências), mas também da imprensa escrita exclusivamente de difusão nacional (quatro), com a seguinte distribuição: doze de presente progressivo (as restantes), uma de pretérito progressivo (a outra), seis de futuro progressivo (as restantes), nove de imperfeito progressivo (as outras), uma de mais-que-perfeito progressivo (5.1), três de futuro do pretérito (ou condicional) progressivo (as restantes), seis de conjuntivo presente progressivo (as outras), quatro de conjuntivo imperfeito progressivo (as não contempladas ainda), uma de infinitivo progressivo (11.2), duas de infinitivo pessoal progressivo (as outras duas), uma de gerúndio progressivo (13.1), três de imperfeito composto progressivo (17.1, 17.2 e 17.3) e uma de futuro do pretérito (ou condicional) composto progressivo (18.1). Por sua vez, relativamente a <*estar a* + infinitivo>, regista-se o seguinte: três ocorrências de PB (fontes literárias de tipo narrativo exclusivamente), a saber: conjuntivo imperfeito progressivo (8.5), infinitivo progressivo (11.5) e gerúndio progressivo (13.4); e cento e quinze de PE, de fontes predominantemente literárias (e estas exclusivamente de tipo narrativo), logo seguidas da imprensa escrita essencialmente de circulação nacional (excepto duas

ocorrências colhidas em periódicos de difusão regional) e, ainda, de um estudo sociológico (apenas uma) e de uma tradução de um original em inglês (também só uma), distribuídas assim: presente progressivo (todas: vinte e uma), pretérito progressivo (todas: sete), futuro progressivo (todas: sete), imperfeito progressivo (todas: dezasseis), mais-que-perfeito progressivo (apenas uma), futuro do pretérito (ou condicional) progressivo (todas: seis), conjuntivo presente progressivo (todas: dez), conjuntivo imperfeito progressivo (seis, excepto 8.5), conjuntivo futuro progressivo (todas: quatro), "imperativo progressivo" (só uma), infinitivo progressivo (cinco, excepto 11.5), infinitivo pessoal progressivo (todas: cinco), gerúndio progressivo (cinco, salvo 13.4), presente composto progressivo (nove: todas), imperfeito composto progressivo (cinco: todas), futuro do pretérito (ou condicional) composto progressivo (só uma), conjuntivo imperfeito composto progressivo (apenas duas), infinitivo composto progressivo (três: todas) e infinitivo pessoal composto progressivo (também só uma).

Conquanto a imprensa escrita represente (e em muitos casos ainda – felizmente!) um tipo de linguagem consideravelmente cuidada, na minha óptica (construída esta pela observação dos dados), está bastante próxima da linguagem corrente/culta. Assim, das cento e dezoito ocorrências que constituem o *corpus* de <*estar a* + infinitivo>, as de 1. (presente progressivo) são praticamente todas da imprensa escrita; nas de 4. (imperfeito progressivo) é francamente dominante; as de 2. (pretérito progressivo) e 3. (futuro progressivo) e de 5. a 24., com excepção naturalmente dos espaços aqui não preenchidos (14., 16., 19., 21. e 24.) e ainda de 5. (mais-que-perfeito progressivo), 10. (imperativo progressivo), 17. (imperfeito composto progressivo) e 23. (infinitivo pessoal composto progressivo), também estão significativamente representadas pela imprensa escrita (de qualquer modo, nuns casos mais representativamente do que noutros); e das setenta e três ocorrências que enformam o *corpus* de <*estar* + gerúndio>, apenas quatro (1.1 e 1.10: presente progressivo, 4.6: imperfeito progressivo e 7.1: conjuntivo presente progressivo) são da imprensa escrita, o que é perfeitamente natural: por um lado, são estas as formas que também estão claramente documentadas em <*estar a* + infinitivo>; por

outro lado, porque <*estar* + gerúndio>, conforme se escreveu há instantes, é a variante favorita do PB, e neste *corpus* não está representada a imprensa brasileira.

Em síntese: <*estar a* + infinitivo> e <*estar* + gerúndio> são, portanto, formas alternativas que, não sendo condicionadas pelo contexto linguístico em que ocorrem, constituem produtos de uma opção (naturalmente, mais consciente nuns falantes/escreventes do que noutros) interindividual e/ou intra-individualmente accionada, o que ocasiona as variantes diatópicas e/ou diafásicas, respectivamente.

CAPÍTULO IV

FORMAS VERBAIS PROGRESSIVOCOMITATIVAS

3. Identificação e caracterização

Estas formas resultam da flexão dos sintagmas verbais <*andar a* + infinitivo> e <*andar* + gerúndio>, principalmente, e ainda, mas bastante mais raramente, <*viver* + gerúndio> e <*viver a* + infinitivo> (cf. *corpora* iii, iv, v e vi, respectivamente).

As duas primeiras estruturas sintagmáticas apresentam como propriedade típica a focalização dinâmica, descontínua, de vários intervalos de Tempo da totalidade que caracteriza a duração própria de uma situação (portadora desta última propriedade), excepto ou os intervalos (instantes) Temporais inicial e final ou apenas este último (contemplando, por isso, quase sempre contextualmente, o primeiro); as duas últimas, por seu turno, caracterizam-se pela focalização não-dinâmica, contínua, de vários intervalos de Tempo da totalidade que é própria da duração de uma situação, salvo também ou os intervalos Temporais inicial e final ou apenas este último.

3.1. Formas verbais com <*andar a* + infinitivo>

Corpus iii

1.1. «As Finanças ***andam***, desde Março passado, ***a notificar*** contribuintes para o pagamento dos impostos relativos aos anos de 1989, 1990 e 1991.»

[*I*, 1993/04/16]

1.2. «Pouco tempo passado, já todos os da comitiva têm no corpo o ritmo da música e nos ouvidos o som dos cantadores que ***andam a botar*** os jogos (leia-se "jôgos"), quer dizer, a cantarolar de porta em porta, cumprindo rigorosamente o ritual de ir a casa de todos os chefes de família (aos homens, e na sua ausência, por morte, às viúvas): [...].»

[*P*, 1995/02/12]

1.3. «"[...]. Vejo todos os filmes que há de miúdos. E agora ***andamos*** os três ***a descobrir*** os museus. [...]."»

[*P*, 1995/03/05]

1.4. «Mas para que não se diga que eu nada disse sobre tão especulativo assunto, direi que, na minha opinião, VPV ***se anda a vestir*** de pudores quando de alguns pudores se havia já despido.»

[*JN*, 1995/07/28]

1.5. «[...]. Outro projecto em que ***andamos a trabalhar*** é o de um simulador que dá a possibilidade ao médico de treinar determinado tipo de operações – ou, se for caso disso, de introduzir os parâmetros relativos a um doente que vai ser sujeito a uma intervenção cirúrgica e ensaiar a operação que vai fazer.»

[*Ex*, 1995/08/19]

1.6. «KNIPPERDOLLINCK

[...]. Bem vedes, católicos, que as vossas razões não nos convencem, depois do mau uso que delas ***andais a fazer*** há mil e quinhentos anos e da perversa maneira como as defendeis hoje.»

[*IND*, p. 21]

1.7. «Os meus pais não ***andam*** propriamente ***a nadar*** em dinheiro. Mas as coisas agora estão a melhorar.»

[*POP*, p. 140]

1.8. «O que se passou é que tudo me ***anda a sair*** mal com os meus pais,»

[*C*, p. 211]

1.9. «Diga ao seu professor que não ***ando a dormir*** e que a personalidade faz muitos estragos no sentimento piedoso.»

[*AR*, pp. 224-225]

1.10. «– Onde tens estado metido? Hoje parece que ***andas a cultivar*** mistérios.»

[*Eq*, p. 73]

2.1. «Não é culpa minha nem do meu discreto ateísmo se em Münster, no século XVI, como em tantos outros tempos e lugares, católicos e protestantes ***andaram a trucidar-se*** uns aos outros em nome do mesmo Deus – *In Nomine Dei* – para virem a alcançar, na eternidade, o mesmo Paraíso.»

[*IND* (Prefácio), p. 9]

2.2. «A Inspecção-Geral de Finanças ***andou a espiolhar*** as contas da câmara municipal da Batalha. E descobriu coisas muito comprometedoras, no tempo em que o actual Governador Civil de Leiria era presidente daquele município.»

[*I*, 1993/04/16]

2.3. «KNIPPERDOLLINCK

[...]. Os camponeses que os príncipes alemães ***andaram a matar*** no Sul ressuscitam agora no Norte, mas, desta vez, não exigem somente o pão e a justiça.»

[*IND*, p. 16]

2.4. «O que possuo é à conta do meu próprio trabalho, nada tenho que esconder. Não ***andei a fazer*** especulação imobiliária, não possuo uma fábrica de celulose e não ando a vender droga.»

[*JN*, 1993/01/31]

2.5. «Nós hoje temos dois activos preciosos em Portugal: um é a estabilidade política, pela qual ***andámos*** treze anos ***a lutar***, e outro é a coesão nacional.»

[*Ex*, 1993/05/22]

3.1. «Às vezes pergunto-me se não ***andarei*** sempre ***a querer completar*** a paixão inacabada de Lourenço de Faria, meu pai.»

[*AI*, p. 174]

3.2. «[...], e também, segunda curiosidade, o que ***andarão a fazer*** os agentes especializados dos serviços secretos e os seus auxiliares de graduação inferior.»

[*EL*, p. 74]

4.1. «"Barroqueiro" (nome de "código" do irmão de "Cheris") ***andava a farejar*** o trilho para passar mercadoria. Redobrava-se nos cuidados porque era de dia. A "coisa" parecia correr bem, mas guardado estava o bocado...»

[*JN*, 1993/02/14]

4.2. «A Palmira apresentou várias vezes a factura ao presidente da secção, que ***andava a colar*** cartazes na fachada, e o presidente respondeu-lhe, com o balde de cola numa das mãos e a brocha na outra:

– Quem não está bem muda-se.»

[*P*, 1995/03/12]

4.3. «Descobriram que o dr. Catroga desde os tempos de ministro de Cavaco Silva que ***andava a angariar*** fundos para o tornar Presidente.»

[*P*, 1995/11/26]

4.4. «A Meiga de Ventosela já entrava em transe quando ***andava a estudar*** para mestra.»

[*TPBP*, p. 46]

4.5. «Ela concordou, enternecida. Sim, também não lhe agradava nada deixar a casa de Santiago e ir para a taberna em que Leonardo ***andava a magicar***. Já agora, que as coisas estavam assim...»

[*TF*, p. 82]

4.6. «Metiam-se do lado de lá e ***andavam a tratar*** da vida, sem que ninguém os incomodasse.»

[*TF* p. 128]

4.7. «Leonardo crispou as mãos e ergueu-as, num desespero:

– ***Andavam a rir-se*** de mim e não me diziam nada! Ninguém me dizia nada!»

[*TF*, p. 157]

4.8. «Nada daquilo condizia com o futuro que ele ***andava a organizar*** para o petiz. Esteve para desistir. Mas a sua vontade aqui de nada lhe servia por ser mais forte do que ele o seu futuro do rapaz.»

[*NG*, p. 45]

4.9. «[...]. É que ***andavam a ser distribuídas*** fotocópias (eu por acaso nem guardei nenhuma) que tinham o perfil da garrafa com a cabeça do presidente no gargalo.»

[*Pa* 53 (1997/05/25), p. 40]

5.1. «Topou-os mesmo junto do seu colmaço. Com eles vinham Leonardo, que ***andara*** também ***a cavar***, por conta alheia, terra para centeio.»

[*TF*, p. 82]

5.2. «Ele falava já de outra coisa, do centeio que ***andara a semear*** e da sua velha aspiração: poder comprar uma lameira, para ter mais duas vacas.»

[*TF*, p. 84]

5.3. «Agora, que ele o não via, desembuchara tudo. ***Andara a pensar*** naquilo, noites e noites. Sabia a encomenda de cor.»

[*G*, p. 287]

5.4. «A verdade era que a irritação corrosiva que me transtornava ***andara a ser destilada*** por séculos e séculos.»

[*U*, p. 53]

5.5. «Como o ditado antigo ***andara*** séculos ***a ensinar***, Mais valem quinhentos pássaros na mão que quinhentos e um a voar.»

[*EL*, p. 52]

6.1. «Se os cães tivessem inventado um deus, brigariam por diferenças de opinião quanto ao nome a dar-lhe, Perdigueiro fosse, ou Lobo-d'Alsácia? E, no caso de estarem de acordo quanto ao apelativo, ***andariam***, gerações após gerações, ***a morder-se*** mutuamente por causa da forma das orelhas ou do tufado da cauda do seu canino deus?»

[*IND* (Prefácio), p. 9]

6.2. «A última carta que recebera de Ramalde não fora ele a escrevê-la, mas o filho, e mencionava uma doença pertinaz de que ***andaria a recompor-se***.»

[*TPBP*, p. 120]

6.3. «Ninguém que não fosse um fora-da-lei ***andaria a passear-se*** por aí com documentos falsos ou subtraídos a outra pessoa, donde é legítimo concluir, [...]»

[*HD*, p. 304]

7.1. «É o marido quem a vai buscar (se bem que ela ***ande a tirar*** a carta de condução) e quem, por vezes, tem de escutar um desabafo fruto do acumular de tensões. E é ele, também, que põe água na fervura quanda ela desata a sonhar com futuros improváveis: [...].»

[*P*, 1995/03/05]

7.2. «Ele afirmava, baixo, olhando-a, numa ternura:

– Sim, porque se nós levantarmos cabeça, quero que sejas dona da tua casa e não ***andes a servir*** por casa dos outros.»

[*TF*, p. 39]

7.3. «– De resto, não é justo que ***andemos a vadiar*** na noite de Consoada, uma noite santa, que diabo, a noite da família... Que diz, mestre?»

[*Putos*, p. 155]

7.4. «Embora a palavra crise não seja certamente a mais apropriada para caracterizar os singularíssimos sucessos que temos vindo a narrar, porquanto seria absurdo, incongruente e atentatório da lógica mais ordinária falar-se de crise numa situação existencial justamente privilegiada pela ausência da morte, compreende-se que alguns cidadãos, zelosos do seu direito a uma informação veraz, ***andem a perguntar***-se a si mesmos, e uns aos outros, que diabo se passa com o governo, que até agora não deu o menor sinal de vida.»

[*IM*, pp. 17-18]

8.1. «[...]. Era também mais afanosa do que avezita que ***andasse***, faminta, ***a bicar*** a terra recém-lavrada.»

[*TF*, p. 93]

8.2. «Desaparecidos sem rastro, de rastro perdido ou com reaparecimento degenerando em drama ou caricatura, eram de todos os dias – a esse propósito, aliás, o repórter d'*A Tribuna* estava a documentar-se com eficácia e interesse crescente, já que seria totalmente improvável que outro ***andasse a beber*** na mesma fonte.»

[*RT*, p. 154]

8.3. «[...]. Oscilamos portanto entre o tudo e o nada, como se ***andássemos a incubar*** desde há séculos uma paixão tempestuosa (em todo o caso mais sofrida do lado de cá do que sentida do lado de lá), a qual, não tendo podido alcançar a consumação plena, passou a alimentar-se de pequenas anedotas, de pequenos despeitos, de pequenos rancores, sempre demonstrativos de que a culpa é *deles*.»

[*V* 235 (1997/09/18 a 24), p. 98]

8.4. «Em troca não ficaram da mal sucedida união filhos que ***andassem*** agora ***a exigir***-lhe grátis o mundo numa bandeja de prata, [...]»

[*HD*, p. 11]

11.1. «Mandaria logo construir uma casa maior ainda do que a de Santiago e, então, já poderia ter sempre a Ermelinda ao pé de si, porque nem ela precisaria de ***andar a servir***, nem ele de fazer vida de "peliqueiro".»

[*TF*, p. 71]

11.2. «Bem podia o sol ***andar a mostrar*** as coisas a toda a luz quando o Antunes só de noite é que as sabia ver todas juntas, ainda para lá das estrelas!»

[*NG*, p. 201]

11.3. «Ora é o MFA da época que força a entrega nestas condições: foi preciso ***andar a correr*** para agarrar o resto destes partidos, financiá-los, procurar quadros, etc.»

[*P*, 1994/02/13]

12.1. «Mas esta situação, de professores ***andarem a leccionar*** anos a fio sem terem os respectivos contratos visados pelo Tribunal de Contas, é uma originalidade do governo de Cavaco Silva.»

[*I*, 1993/04/16]

12.2. «– Ora, ora! Eles não têm lá a Guidita? Arranjam-se muito bem! E depois... que é que rende mais? ***Andares a servir*** ou a venda? A venda, está visto! Não têm que levar a mal. Cada um trata de si...»

[*TF*, p. 101]

12.3. «Pode também vestir um colete de protecção aos seus filhos sempre que eles ***andarem a brincar*** junto da piscina.»

[*Ex*, 2001/05/26]

12.4. «Digo-te isto assim de caras, mas neste caso é o único processo de não ***andarmos a obcecar*** para nada.»

[*POP*, p. 42]

13.1. «Bastava-lhe, se quisesse, apoiar-se em factos recentes. Havia o caso daquele guerreiro dê-erre que, ***andando a preparar*** uma conspiração, ao ver-se diante da imagem de bronze teve um baque! de consciência e, catrapuz, correu a contar tudo ao Imperador.»

[*DE*, pp. 60-61]

15.1. «O exílio de Salman Rushdie já dura há quatro anos. Quem diria? Mas o escritor britânico, que ousou insultar o Corão e que só por isso se tornou vedeta, está farto de andar pelos bastidores. E deu um murro na mesa. ***Tem andado a fazer*** entrevistas colectivas, vai a uma visita oficial a França e o Irão até dá sinais de ceder. Se calhar é só para despistar e o apanhar a jeito.»

[*I*, 1993/04/16]

15.2. «Durante a próxima semana, milhares de cientistas norte-americanos reúnem-se em São Francisco para explicar aos seus pares e ao público (ou melhor, aos jornalistas) aquilo que ***têm andado a fazer***.»

[*P*, 1994/02/20]

15.3. «"Peço perdão", disse.

O dr. Maia Júnior acendia um Partagás.

"Perdão porquê? Por se sentir bem?"

"Nestes últimos dias ***tenho andado a pensar***."

"Belos pensamentos, Prada, se o atiram para os braços de Morfeu."»

[*TPBP*, p. 145]

15.4. «Comemos devagar. Contamos um ao outro o que ***temos andado a fazer***. Com alguma frieza.»

[*FH*, p. 77]

15.5. «No dia seguinte, o Rodolfo Valentino lá estava à espera no mesmo sítio se calhar ***tem***-me ***andado a espiar*** mas nisto o João passou e levou-me quando cheguei ao liceu o pobre estava lá dentro no pátio, um destes descaramentos.»

[*RT*, p. 141]

15.6. «Não foi este o caso de agora, a mãe de Tertuliano Máximo Afonso só ***tem andado a perguntar-se***, Quando será que o meu filho me telefona, e eis que de repente tem a sua voz juntinha ao ouvido, Bons dias, minha senhora mãe, como tem passado, [...]»

[*HD*, p. 132]

15.7. «A migalha do meio, isto é, o livro que Tertuliano Máximo Afonso ***tem andado a ler***, um ponderoso estudo das antigas civilizações mesopotâmicas, encontra-se onde foi deixado na noite de ontem, [...]»

[*HD*, p. 20]

15.8. «[...], enfim, a tese que há tanto tempo ***tem andado a defender*** e de cuja bondade tive o gosto de ser convencido por si, [...]»

[*HD*, p. 151]

15.9. «[...], e depois, quando tivermos arrancado os farrapos de falsa normalidade com que ***temos andado a querer*** tapar a chaga, diremos que a cegueira desses dias regressou sob uma nova forma, [...]»

[*EL*, p. 179]

16.1. «[...]. Iluminado, Teodomiro sentiu estar na presença de algo capaz de materializar uma das mais antigas crenças cristãs. Regressava-se ao domínio da lenda para evocar o período em que o apóstolo Santiago ***terá andado a pregar*** por terras de Espanha, depois da morte de Cristo.»

[*Ex*, 1999/08/07]

16.2. «[...]. Claro que se trata de uma opção de alto risco. Se as eleições ditarem a vitória do novíssimo líder do PSD, o país ***terá andado a perder*** tempo.»

[*Ex*, 2004/07/03]

17.1. «Sobre tesoiros também corria muita mentira. Era ver lá na Galiza. Conhecia homens que ***tinham andado a cavar***, dia e noite, onde se dizia haver oiro enterrado, e nunca encontraram coisa alguma.»

[*TF*, p. 76]

17.2. «A Clara vinha carregada de sacos ostentando os nomes das boutiques por onde ***tinha andado a distribuir*** o seu dinheiro.»

[*FH*, p. 182]

17.3. «[...], pelos vistos a velha do andar de baixo ***tinha andado a servir-se*** de todas as retretes do prédio até não as poder usar mais, [...].»

[*EC*, p. 242]

17.4. «[...], mas os pensamentos dele eram a tal extremo alheios ao que nas últimas vinte e quatro horas ***tinha andado a viver***, que se resolvêssemos [...]»

[*HD*, p. 54]

19.1. «Skoulikidis já tinha revolucionado os trabalhos de restauro da Acrópole, iniciados no fim dos anos 70, ao propor que os agrafes de ferro colocados no monumento na altura do seu primeiro restauro, no início do século, fossem substituídos por cavilhas de titânio inoxidável. Ao enferrujarem, os agrafes tinham feito estalar a pedra. Daí que, desde o início dos anos 80, os restauradores ***tenham andado a desmontar*** os blocos de mármore do Parténon para substituírem as peças enferrujadas.»

[*P*, 1996/11/03]

19.2. «Porque me apaixonei por uma mulher de quem não sei nada, que anda a divertir-se à minha custa, que irá amanhã sei lá para onde e que não voltarei a ver, É hoje que partirei, não amanhã, Mais essa, E não é verdade que ***tenha andado a divertir-me*** à sua custa, Pois se não anda, imita muito bem, [...]»

[*IM*, p. 211]

20.1. «A olaria era como um campo de batalha onde uma só pessoa ***tivesse andado*** durante quatro dias ***a pelejar*** contra si mesma e contra tudo o que a rodeava.»

[*C*, p. 214]

20.2. «Pensei que as escavadoras ***tivessem andado a trabalhar*** muito mais fundo,»

[*C*, p. 326]

23.1. «A Comissão Política Distrital de Braga do PP acusou ontem um agente da PSP de "***ter andado a fotografar*** Manuel Monteiro" durante uma acção de pré-campanha em Barcelos.»

[*DM*, 1995/09/26]

23.2. «[...], condutores que, depois de terem dado mil e três voltas até conseguirem descobrir um local onde arrumar enfim o carro, se tornavam em peões e

passavam a protestar pelas mesmas razões deles depois de ***terem andado a reclamar*** pelas suas, [...].»

[*EC*, p. 127]

3.1.1. Propriedades morfo-sintácticas

3.1.1.1 De acordo com o *corpus* iii, a construção <*andar a* + infinitivo> apresenta as seguintes compatibilidades morfo-sintácticas: com o presente (1.) nas P1 (9), P2 (10), P3 (4 e 8), P4 (3 e 5), P5 (6) e P6 (1, 2 e 7); o pretérito (2.) nas P1 (4), P3 (2), P4 (5) e P6 (1 e 3); o futuro (3.) nas P1 (1) e P6 (2); o imperfeito (4.) nas P3 (1, 2, 3, 4, 5 e 8) e P6 (6, 7 e 9); o mais-que-perfeito (5.): cinco ocorrências, todas de P3, o que é perfeitamente normal pois, à semelhança do que se disse para <*estar a* + infinitivo> e <*estar* + gerúndio>, também as formas verbais que constituem este subparadigma não se usam nunca no discurso oral e, no escrito, restringem-se basicamente aos textos literários (no presente caso, são todas deste tipo); o futuro do pretérito (ou condicional) (6.) nas P3 (2 e 3) e P6 (1); o conjuntivo presente (7.) nas P2 (2), P3 (1), P4 (3) e P6 (4); o conjuntivo imperfeito (8.) nas P3 (1 e 2), P4 (3) e P6 (4); o infinitivo (11.): três ocorrências; o infinitivo pessoal (12.) nas P2 (2), P4 (4) e P6 (1 e 3); o gerúndio (13.): apenas uma ocorrência; o presente composto (15.) nas P1 (3), P3 (1, 5, 6, 7 e 8), P4 (4 e 9) e P6 (2); o futuro composto (16.): duas ocorrências de P3; o imperfeito composto (17.) nas P3 (2, 3 e 4) e P6 (1); o conjuntivo presente composto (19.) nas P1 (2) e P6 (1); o conjuntivo imperfeito composto (20.) nas P3 (1) e P6 (2); e com o infinitivo pessoal composto (23.) nas P3 (1) e P6 (2).

3.1.1.2 A ausência de formas no imperativo (10.) e no particípio (14.) explica-se tal como se procedeu relativamente a <*estar a* + infinitivo> e <*estar* + gerúndio>, a saber mas sinopticamente: em relação a 10., é absolutamente impossível na forma afirmativa, a verdadeiramente imperativa, por causa da incompatibilidade do significado desta última com o da construção agora em análise; quanto ao particípio progressivocomitativo, só pode aparecer combinado com o(s) auxiliar(es) dos

tempos compostos (cf., no *corpus*, todas as ocorrências de 15., 16., 17., 19., 20. e 23.). Por seu turno, nos conjuntivo futuro (9.), futuro do pretérito (ou condicional) composto (18.), conjuntivo futuro composto (21.), infinitivo composto (22.) e gerúndio composto (24.), simplesmente porque não foram encontrados quaisquer registos mas, desde que necessários, ocorrem perfeitamente (vejam-se os exemplos que acabei de criar: 9.1 «Se *andar a escrever* mais um romance, a Teresa terá com certeza menos disponibilidade para outras coisas.»; 18.1 «O que é que o Pedro *teria andado a congeminar* durante todo esse tempo?»; 21.1 «Se o Pedro *tiver* mesmo *andado a faltar* às aulas, terá poucas hipóteses de passar de ano.»; 22.1 «Parece-me que o João deve *ter andado a faltar* às aulas ultimamente.» e 24.1 «*Tendo andado a faltar* sistematicamente às aulas, o João vai ter sérias dificuldades na assimilação das matérias que foram sendo leccionadas.»).

3.1.1.3 Por consequência, e tratando-se da construção de progressivocomitativo igualmente mais frequente e estandardizada no PE, temos efectivamente documentados o presente progressivocomitativo (1.) em todas as PN, o pretérito progressivocomitativo (2.) em quatro, o futuro progressivocomitativo (3.) em duas, o imperfeito progressivocomitativo (4.) também em duas, o mais-que-perfeito progressivocomitativo (5.) numa, o futuro do pretérito (ou condicional) progressivocomitativo (6.) em duas, o conjuntivo presente progressivocomitativo (7.) em quatro, o conjuntivo imperfeito progressivocomitativo (8.) em três, o conjuntivo futuro progressivocomitativo (9.) numa[1], o infinitivo progressivocomitativo (11.), o infinitivo pessoal progressivocomitativo (12.) em três, o gerúndio progressivocomitativo (13.), o presente composto progressivocomitativo (15.) em quatro, o futuro composto progressivocomitativo (16.) numa, o imperfeito composto progressivocomitativo (17.) em duas, o futuro do pretérito (ou condicio-

[1] Cf. a única ocorrência no parágrafo anterior (corpo do texto). O mesmo vale para 18., 21., 22. e 24.

nal) composto progressivocomitativo (18.) numa, o conjuntivo presente composto progressivocomitativo (19.) em duas, o conjuntivo imperfeito composto progressivocomitativo (20.) em duas, o conjuntivo futuro composto progressivocomitativo (21.) numa, o infinitivo composto progressivocomitativo (22.), o infinitivo pessoal composto progressivocomitativo (23.) também em duas PN e o gerúndio composto progressivocomitativo (24.).

3.1.1.4 O presente progressivocomitativo (1.) está documentado nas seis PN que constituem a totalidade deste subparadigma. Seguem-se-lhe o pretérito progressivocomitativo (2.), o conjuntivo presente progressivocomitativo (7.) e o presente composto progressivocomitativo (15.), com quatro PN cada. No entanto, o maior número de ocorrências são de P3 e P6 (segundo o *corpus*, cinquenta contra dezassete – o conjunto constituído pelas restantes PN), o que acaba por confirmar a tendência observada já nas construções de progressivo estudadas imediatamente antes desta. Este facto deve-se, como se explicou aí, à natureza referencial do sujeito próprio de P3 e P6, mais precisamente: porque não exigem um tipo específico de sujeito (admitem todos os tipos referenciais, inclusive a sua ausência), não é de estranhar que sejam as PN que predominam, ou seja, que ocorrem e/ou aparecem mais frequentemente.

3.1.1.5 Estamos, de novo, diante de um paradigma completo. Contudo, observando bem, constata-se que há certos subparadigmas que ocorrem com mais frequência do que certos outros. Este facto revela assim a preferência da construção em termos de combinação morfo-sintáctica, que no presente caso praticamente repete a situação das construções de progressivo, a saber mas *mutatis mutandis*: presente progressivocomitativo (1.), imperfeito progressivocomitativo (4.) e o presente composto progressivocomitativo (15.), e pelas mesmas razões daquelas.[2]

[2] Cf., *supra* (§ 2.1.1.5., p. 175, e § 2.2.1.5., p. 196) o que aí se escreve.

3.1.2. Propriedades sintáctico-semânticas

3.1.2.1 Em termos sintáctico-semânticos, e segundo o *corpus* iii, <*andar a* + infinitivo> confirma a frequência-tendência proposicional das construções anteriores, ou seja, enquadra-se de facto e à perfeição nos tipos declarativo, interrogativo e exclamativo,[3] combinados, neste caso concreto, com as formas afirmativa ou negativa, activa ou passiva e neutra ou enfática. Em termos específicos, no entanto, são estas as estruturas proposicionais presentes no *corpus*: em primeiro lugar, e graças à sua indiscutível recursividade, a declarativo/afirmativa-activa-neutra (cinquenta e sete vezes: passa um tudo-nada de quatro quintos), seguida das declarativo/afirmativa-passiva-neutra (uma vez: 5.4), declarativo/afirmativa-passiva-enfática (uma vez: 4.9), declarativo/negativa-activa-neutra (sete vezes: 1.7, 9; 2.4; 3.1; 6.3; 7.2 e 12.4), interrogativo/afirmativa-activa-neutra (três vezes: 3.2; 6.1 e 12.2) e exclamativo/afirmativa-activa-neutra (duas vezes: 4.7 e 11.2).

Com excepção do futuro progressivocomitativo (3.), todos os demais subparadigmas que constituem o *corpus* iii são compostos de ocorrências com a estrutura proposicional apresentada em primeiro lugar que é, de novo, a que mais vezes aparece em toda a sua extensão, corroborando igualmente a hipótese do seu carácter prototípico de que já se falou a respeito das construções anteriores. Deste modo, e sem se atentar no número de ocorrências de cada um, os subparadigmas que a seguir discrimino exibem exclusivamente aquela estrutura proposicional: conjuntivo imperfeito progressivocomitativo (8.), gerúndio progressivocomitativo (13.), presente composto progressivocomitativo (15.), futuro composto progressivocomitativo (16.), imperfeito composto progressivocomitativo (17.), conjuntivo presente composto progressivocomitativo (19.), conjuntivo imperfeito composto progressivocomitativo (20.) e infinitivo pessoal composto progressivocomitativo (23.); e os

[3] Pelo facto de os tipos proposicionais imperativo e optativo serem extraordinariamente raros, a sua não ocorrência ganha desta maneira um estatuto de 'normalidade'. Por consequência, doravante, a não ser que haja dados novos, não se chama mais a atenção para esta particularidade assumindo-se, assim, como um dado adquirido.

remanescentes – salvo o futuro do pretérito (ou condicional) progressivocomitativo (6.), com uma única ocorrência em três, e o infinitivo pessoal progressivocomitativo (12.), com duas em quatro – esmagadoramente: presente progressivocomitativo (1.), pretérito progressivocomitativo (2.), imperfeito progressivocomitativo (4.), mais-que-perfeito progressivocomitativo (5.), conjuntivo presente progressivocomitativo (7.) e infinitivo progressivocomitativo (11.). Do exposto, e no que à preferência/tendência de combinação proposicional diz respeito, decorre naturalmente que os subparadigmas do primeiro grupo se podem classificar de monoproposicionais e os do segundo, ao invés, de pluriproposicionais.

3.1.2.2 Se já – conforme se viu – as construções precedentes se combinam maioritariamente com sujeitos de tipo 'animado e humano', <*andar a* + infinitivo> e similares fazem-no ainda – como se verá a seguir – de modo mais veemente, isto é, esmagadoramente. Esta propriedade – parece-me – prende-se com a natureza semântica do auxiliar: verbo de movimento intimamente ligado a um sujeito agente dotado de vontade própria que é, como se sabe, o ser humano; e este traço semântico mantém-se, transpostamente, na sua qualidade de auxiliar. Com efeito, no *corpus*, temos sessenta e uma ocorrências com sujeitos de tipo 'animado e humano' (cf., por exemplo, e distribuídos pelo paradigma, 1.2, 9; 2.1, 4; 3.2; 4.3, 8; 5.3; 6.2; 7.4; 8.3; 11.1; 12.2; 13.1; 15.2, 9; 16.1; 17.3; 19.1; 20.1 e 23.2) e duas com os de tipo 'animado e não-humano' (cf. 6.1 e 8.1) contra apenas sete de tipo 'inanimado' (cf. 1.1; 2.2; 5.4, 5; 11.2; 16.2 e 20.2). Trata-se, portanto, de uma presença marcadamente esmagadora. Com sujeito nulo não há ocorrências, mas são compatíveis (por exemplo: «***Anda a chover*** muito pouco ultimamente.»).

3.1.2.3 A despeito de <*andar a* + infinitivo> exibir, comparativamente às anteriores, menos quatro configurações sintácticas (a inacusativa, a transitiva – dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int./OI –, a transitiva predicativa e a 'impessoal': todas compatíveis, embora ausentes no *corpus*), apresenta no entanto, nas efectivamente documentadas, a mesma proporcionalidade. Desta feita, a configuração

transitiva (dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int./OD) é a que está mais bem representada (cf., por exemplo, 1.2, 10; 2.3; 4.2, 9; 5.4; 6.1; 7.1; 8.3; 11.2; 13.1; 15.1, 7; 16.2; 17.4; 19.1 e 23.1), logo seguida da inergativa, razoavelmente representada (cf., também por exemplo, 1.9; 4.4; 5.5; 7.2; 8.2; 11.3; 12.4; 15.3; 16.1; 17.1; 19.2; 20.2 e 23.2) e, depois, da transitiva (dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int./O), de representação reduzida (cf., por exemplo, 1.5; 4.6; 5.3; 6.2 e 20.1); e, por fim, de representação ínfima, temos a ditransitiva, com três ocorrências (cf. 7.4, 8.4 e 15.6), a transitiva (três lugares: um arg. ext./S + dois argumentos internos/OD e O), com duas (cf. 1.1 e 17.2) e a copulativa, só com uma ocorrência (cf. 1.8, de núcleo adverbial).

3.1.2.4 Todos os subparadigmas compostos constituintes do *corpus* são, como se pode observar, formados exclusivamente com <*ter* + particípio>, facto que não deixa aliás de confirmar a regra geral.[4]

3.1.2.5 Por outro lado, começa já a ser uma evidência insofismável o facto de os auxiliares modais precederem maioritária ou, até, esmagadoramente, determinando-lhes por consequência a forma, o infinitivo perifrástico – o que acaba por confirmar este tipo especial de compatibilidade. Obviamente que <*andar a* + infinitivo> também não constitui excepção no que à preferência de combinação do infinitivo perifrástico diz respeito. Deste modo, no *corpus* em análise, todas as ocorrências (três) são exclusivamente determinadas por auxiliares modais, concretamente: <precisar de>, no futuro do pretérito (ou condicional) (11.1), <poder>, no imperfeito (11.2), e <ser preciso>, no pretérito (11.3).

[4] Como terá ocasião de ver-se, das nove construções perifrásticas que constituem objecto de análise na presente investigação, para além de <*estar a* + infinitivo> e <*estar* + gerúndio>, só mesmo mais uma (<*ir* + gerúndio>) é que apresenta formas alternativas com <*haver* + particípio> e, curiosamente ou não, exclusivamente no subparadigma homónimo, ou seja, no 'imperfeito composto perifrástico'.

3.1.2.6 A intercalação de adverbiais e/ou de outros categoriais entre o auxiliar e o auxiliado é ainda mais notória (aumento do número de ocorrências) com esta construção do que com as precedentes, designadamente: inserção de adverbiais temporais (1.1: <desde Março passado>, 2.5: <treze anos>, 3.1: <sempre>, 8.4: <agora> e 20.1: <durante quatro dias>), de um nome com estatuto categorial de um adverbial temporal (5.5: <séculos>), de um adverbial modal (1.7: <propriamente>), de um adverbial de inclusão (5.1: <também>) e de um numeral cardinal precedido de artigo definido com a relação gramatical de sujeito (1.3: <os três>).

3.1.3. Propriedades semântico-lexicais

3.1.3.1 Consistindo, pois, o progressivocomitativo na focalização (descontínua ou contínua) de vários intervalos Temporais, que não o último, de uma sequência que é própria da duração de uma situação e tendo (ainda) presente sobretudo os caracteres 'não-télico' e 'durativo' (porque também é 'dinâmico') do auxiliar <andar>, é claro que faz todo o sentido que <*andar a* + infinitivo> se combine preferencial e predominantemente com predicados verbais que partilham aqueles mesmos traços semânticos, por conseguinte com os de processo (que são 'dinâmicos', 'não-télicos' e 'durativos') e processo culminado (que são, por seu turno, 'dinâmicos' e 'durativos'), e que as restantes classes accionais de predicados verbais (estativos, de culminação e pontuais), exactamente pela razão inversa (não partilham os mesmos traços: os primeiros são 'não-dinâmicos' e os segundos e terceiros, 'télicos' e 'não-durativos'), sejam de ocorrência mais contida expressando, por vezes, outro significado aspectual, que deriva das combinatórias em questão.

Todas as afirmações que se acabaram de proferir estão documentadas no *corpus* iii, e de modo cabal, senão vejamos: ocorrências com predicados verbais de

processo: <dormir> (1.9), <cultivar mistérios>[5] (1.10), <fazer especulação imobiliária> (2.4), <colar cartazes> (4.2), <angariar fundos> (4.3), <fazer entrevistas ...>[6] (15.1), <passear-se> (6.3), <servir> (7.2, 11.1, 12.2), <vadiar> (7.3), <beber> (8.2), <correr> (11.3), <leccionar> (12.1), <brincar> (12.3), <obcecar> (12.4), <pensar> (15.3), <pregar> (16.1), <cavar> (17.1), <pelejar> (20.1), <trabalhar> (20.2), <reclamar> (23.2); e, a seguir, ocorrências com predicados verbais de processo culminado (os mais representados porque, contextualmente, aparecem combinados com um argumento interno, com relações gramaticais várias, delimitador): <descobrir museus> (1.3), <Outro projecto em que ... trabalhar> (1.5), <espiolhar as contas> (2.2), <pela qual ... lutar> (2.5), <farejar o trilho> (4.1), <tratar da vida> (4.6), <... ser distribuídas fotocópias> (4.9), <... do centeio que semear> (5.2), <... de que recompor-se> (6.2), <tirar a carta> (7.1), <incubar> (8.3), <preparar uma conspiração> (13.1), <aquilo que ... fazer> (15.2), <a tese que ... defender> (15.8), <perder tempo> (16.2), <distribuir ... dinheiro> (17.2).

Os predicados verbais estativos, provavelmente por serem 'não-dinâmicos' (ao contrário do auxiliar constituinte da construção em análise, que é 'dinâmico'), exibem uma frequência de ocorrência, conforme ficou já dito, ínfima: no *corpus*, figuram apenas dois casos e, ainda por cima, com a mesma unidade lexical, que é <querer> (3.1 e 15.9).

Os predicados verbais de culminação e pontuais (de ocorrência rara, consoante foi já assinalado) estão também, por essa mesma razão, escassamente representados no *corpus*. Esta míngua tem, com certeza, a ver com o facto de o auxiliar <andar> e os tipos accionais de predicados verbais em questão terem apenas em comum o traço 'dinâmico'. O serem 'télicos' e de 'duração escassa' e 'pontual' são traços que, a despeito de não favorecerem a combinatória, não constituem no

[5] <Cultivar> é, originariamente, um predicado verbal de processo culminado. Contudo, aqui, devido ao facto de o argumento interno <mistérios>, com a relação gramatical de OD, estar no plural, sem quaisquer outras determinações, transforma-o num de processo.

[6] Cf. nota anterior, pois tanto esta ocorrência quanto as imediatamente precedentes documentam exactamente o mesmo fenómeno.

entanto nenhum obstáculo. Por isso, quando aparecem combinados com a construção em análise, sempre com a leitura reiterativa/ iterativa, (i) ou é porque o argumento (interno ou externo) com a relação gramatical de sujeito se encontra no (ou aponta para um) plural, (ii) ou é porque o contexto o ocasiona, pela presença essencialmente de adverbiais criadores/propiciadores de contextos iterativos ou por se encontrar numa forma verbal perfectiva construída por <*ter* + particípio> ou, até, por ambos. Estão, na primeira situação, os predicados verbais de culminação <sair mal> (1.8), <matar> (2.3), <perguntar-se> (7.4) e, na segunda, <morder(-se)> (6.1), predicado verbal pontual, e <perguntar-se> (15.6), predicado verbal de culminação.

Dada a especificidade do progressivocomitativo, e no seguimento do que se escreveu no parágrafo precedente, é perfeitamente natural que nos contextos em que ocorre a construção que o expressa predominem – reforçando-o, nuns casos, e permitindo-o, noutros – adverbiais criadores de um ambiente iterativo. No *corpus*, ocorrem, com este estatuto, os seguintes: <desde Março passado> (1.1), <há mil e quinhentos anos> (1.6), <treze anos> (2.5), <sempre> (3.1), <desde os tempos de ...> (4.3), <por séculos e séculos> (5.4), <gerações após gerações> (6.1), <desde há séculos> (8.3), <nestes últimos dias> (15.3), <há tanto tempo> (15.8), <nas últimas vinte e quatro horas> (17.4), <desde o início dos anos 80> (19.1) e <durante quatro dias> (20.1).

3.1.3.2 Em termos de tipologia lexical de predicados verbais, <*andar a* + infinitivo> não manifesta nenhuma preferência/tendência especial (no que segue as construções precedentes), como se pode verificar na seguinte relação: verbos de 'movimento não orientado' (<passear-se>, <vadiar>, <correr>), de 'actividade mental' (<estudar>, <pensar>, <ler>), de 'língua' (<reclamar>, <pregar>), de 'actividades físicas não delimitadas' (<divertir-se>, <cavar>, <brincar>, <tirar a carta>, <semear>, <rir-se>, <colar cartazes>, <dormir>, <vestir-se>), de 'execução' (<trabalhar>, <fazer>, <organizar>), de 'mudança de estado' (<desmontar>, <matar>, <trucidar-se>, <incubar>, <descobrir>, <distribuir>, <preparar>), 'designadores de

actividades para descrever o sujeito' (<fotografar>, <servir>, <leccionar>), *verba sentiendi* ou 'verbos que se referem a pensamentos, emoções e sensações' (<querer>, <defender>, <perguntar-se>, <obcecar>, <viver>, <exigir>, <recompor-se>, <morder-se>, <espiolhar>, <nadar em dinheiro>), etc.

3.1.3.3 Tal como as construções estudadas antes, porque não se combina especialmente com um tipo lexical de predicados verbais (pelo contrário, o menu – que é claramente plural – não se restringe apenas a estas "opções", como acabou de se ver pela relação apresentada), porque, salvaguardadas as idiossincrasias, pode ocorrer combinado com qualquer tipo accional de predicados verbais e, por último, pelas propriedades do auxiliar ('não-télico' e 'durativo'), também se pode afirmar que <*andar a* + infinitivo> já atingiu um razoavelmente avançado estádio de gramaticalização, embora não tão avançado quanto o das anteriores. Pode-se, portanto, dizer, com Squartini (1998: 285), que a construção é compatível com qualquer classe accional de predicados verbais e que, em relação à construção cognata do castelhano, ao reduzir as suas restrições accionais, avançou no processo de gramaticalização. Por consequência, o progressivocomitativo é também uma propriedade do sistema verbal do português actual, e expressa de igual modo perifrasticamente.

3.2. Formas verbais com <*andar* + gerúndio>

***Corpus* iv**

1.1. «Os "liberais" e os "moderados" do PSD – Os "liberais" e os "moderados" do PSD que se mexeram e remexeram, com o suave propósito de meter o dente em Fernando Nogueira e até, a seu tempo, em Cavaco, acordaram de corda no pescoço. Agora, ***andam*** com certeza ***rastejando*** em penitência à volta do chefe, sob o sorriso amável e condescendente do gnomo Liberato.»

[*I*, 1993/12/17]

1.2. «O ideal seria contratar uma enfermeira, mas enfermeira mamãe acha que cria logo muita intimidade, e qualquer hora mamãe pode levar um tombo, porque ***anda enxergando*** cada vez pior.»

[*Es*, pp. 16-17]

1.3. «Declinava o dia quando chegaram enfim à rua onde moram o médico e a mulher. Não se distingue das outras, há imundícies por toda a parte, bandos de cegos que vagam à deriva, e, pela primeira vez, mas foi por mera casualidade que não as encontraram antes, enormes ratazanas, duas, com que não ousam atrever-se os gatos que por aqui ***andam vadiando***, porque são quase do tamanho deles e com certeza muito mais ferozes.»

[*EC*, pp. 255-256]

1.4. «Neste momento, por exemplo, estou viajando num helicóptero, em missão enviada pela Nação. Meu hospedeiro ***anda esgravatando*** verdades sobre quem matou Vasto Excelêncio, um mulato que foi responsável pelo asilo de velhos de São Nicolau.»

[*VF*, p. 21]

1.5. «[...], em vez disso foi-lhe pôr o nome de um canídeo que se diz ter vivido há quinze milhões de anos e que, segundo ***andam certificando*** os paleontólogos, é o fóssil Adão destes animais de quatro patas que correm, farejam e coçam as pulgas, e que, como é natural nos amigos, mordem de vez em quando.»

[*HD*, p. 232]

2.1. «Meu amigo ***andou*** me ***procurando*** depois que casei, mas eu nunca soube o que ele queria. Descobriu meu telefone, e lembro agora que ligava numas horas que minha ex-mulher julgava inconvenientes. Ela atendia e dizia que eu estava no trabalho, dando plantão, mas ele não acreditava muito. Tornava a ligar dez minutos depois, e minha ex-mulher sempre alcançava o aparelho antes de mim.»

[*Es*, p. 103]

2.2. «Quando entro na sala de jantar, vejo minha sobrinha com o rosto desfigurado. Sento-me de frente para ela, e é evidente que ***andou brincando*** com a maquilhagem da mãe.»

[*Es*, pp. 115-116]

2.3. «***Andou***-lhe ***sentindo*** o arcaboiço de choupo toda a tarde. Bem via nos olhos das outras cachopas um despeito a crescer. Mas ela era outra e não entendia bem os olhares das companheiras.»

[*G*, p. 111]

2.4. «[...]. Com muita familiaridade nos ***andaram mostrando*** quanta maravilha e riqueza há aqui em ouro, prata e pedraria preciosa que jamais cuidei ver.»

[*CPó*, p. 298]

2.5. «Mas os portadores da voz não descansaram em todo o ano, por todo o latifúndio ***andaram proclamando*** as palavras, enquanto guarda e pide abanavam as orelhas inquietas como fazem os burros quando as moscas atormentam.»

[*LC*, p. 329]

3.1. «Não se preocupe, meu caro, existem pelo menos duas cartas iguais a esta, sem falar das muitas e mais do que prováveis fotocópias que já por aí ***andarão circulando***.»

[*EL*, p. 200]

4.1. «***Andava*** José Pequeno ***cogitando*** no expediente mais azado a livrar-se de perseguições, e tentou-o o demónio a atraiçoar os companheiros.»

[*JT*, p. 38]

4.2. «Abandonada a aldeia, principiaram a descer a serra para as bandas de Montalegre. Lá de baixo, subiam cantatas de homens e mulheres que ***andavam cavando*** a terra e ***semeando*** o centeio. E mais para cima, na encosta suave, pastavam vacas.»

[*TF*, p. 88]

4.3. «ROTHMANN

A reformada palavra de Deus soprou o ar dos meus pulmões e tomou o caminho da minha boca quando ainda ***andava pregando*** fora das muralhas de Münster, na Igreja de S. Maurício.»

[*IND*, p. 16]

4.4. «[...], os que capitulavam diante da poesia, e que, como ele, ***andavam padecendo*** de borbulhas desfigurantes.»

[*Ex*, 2000/06/03]

8.1. «E foi seu caminho pacífica e detidamente como se ***andasse espreitando*** a toupeira no seu meloal.»

[*JT*, p. 35]

9.1. «Se Pinto e Miguel não escaparam do destino que Isac lhes preparou, ***andarem remando*** algures no Egeu, nas galeras do grão-turco, eu devo estar definitivamente livre de perseguições, armadilhas, atentados.»

[*CPó*, p. 409]

11.1.«[...], e há que resignar-se, não podemos ***andar*** por aí ***perguntando*** a toda a gente, Como se chama, [...].»

[*TN*, p. 70]

3.2.1. Propriedades morfo-sintácticas

3.2.1.1 Por seu turno, e de acordo com o *corpus* iv, o sintagma verbal <*andar* + gerúndio> é morfo-sintacticamente compatível com o presente (1.) nas P3 (2 e 4) e

P6 (1, 3 e 5); o pretérito (2.) nas P3 (1, 2 e 3) e P6 (4 e 5); o futuro (3.) na P6 (1); o imperfeito (4.) nas P1 (3), P3 (1) e P6 (2 e 4); o conjuntivo imperfeito (8.) na P3 (1); o conjuntivo futuro (9.) na P6 (1); e, ainda, com o infinitivo (11.): uma única ocorrência.

3.2.1.2 Não foram encontrados registos que documentassem a ocorrência desta estrutura verbal com o mais-que-perfeito (5.), o futuro do pretérito (ou condicional) (6.), o conjuntivo presente (7.), o infinitivo pessoal (12.), o gerúndio (13.), o presente composto (15.), o futuro composto (16.), o imperfeito composto (17.), o futuro do pretérito (ou condicional) composto (18.), o conjuntivo presente composto (19.), o conjuntivo imperfeito composto (20.), o conjuntivo futuro composto (21.), o infinitivo composto (22.), o infinitivo pessoal composto (23.) e o gerúndio composto (24.); a ausência do imperativo (10.) e do particípio (14.) explica-se exactamente do mesmo modo que as formas homónimas das construções analisadas anteriormente (quer as de progressivo, quer a de progressivocomitativo). Isto significa que das potenciais combinações morfo-sintácticas só um pouco mais de um quarto é que está documentado. Este facto denuncia, tal como <*estar* + gerúndio> – mas ainda mais expressivamente –, a menor frequência de ocorrência desta outra construção de progressivocomitativo (a não estandardizada no PE), tanto com os subparadigmas perfectivos (só cinco ocorrências) quanto com os imperfectivos (apenas treze ocorrências).

3.2.1.3 Da relação precedente resulta, portanto, estarem de facto documentados apenas o presente progressivocomitativo (1.) em duas PN, o pretérito progressivocomitativo (2.) também em duas, o futuro progressivocomitativo (3.) numa, o imperfeito progressivocomitativo (4.) em três, o conjuntivo imperfeito progressivocomitativo (8.) numa, o conjuntivo futuro progressivocomitativo (9.) também numa PN e o infinitivo progressivocomitativo (11.).

3.2.1.4 Das construções até agora estudadas, <*andar* + gerúndio> é a que apresenta o paradigma menos completo. Por exemplo, e em comparação com a construção de progressivo menos representada (<*estar* + gerúndio>) que exibe quinze subparadigmas, esta só tem sete – um pouco menos de metade daquela, portanto. Isto não quer de modo algum dizer que não possa aparecer noutras combinações morfo-sintácticas, só que a variante europeia do português oferece uma certa resistência (à sua disseminação). Daí a acentuada incompletude do seu paradigma. Apesar disso, mantém-se a tendência das construções anteriores no que à preferência de combinação morfo-sintáctica diz respeito (pelo menos nos dois subparadigmas de primeira eleição). Assim, e exactamente pelas mesmas razões aí convocadas, o presente progressivocomitativo (1.) e o imperfeito progressivocomitativo (4.) são os subparadigmas a que se dá primazia (o número de vezes que ocorrem corroboram-no, pois).

3.2.1.5 Das dezoito ocorrências de <*andar* + gerúndio> que constituem o *corpus* iv, exceptuando 11.1 (ocorrência de um subparadigma não flexionável em PN) e 4.3 (ocorrência de P1), as demais dezasseis são todas de P3 e P6 (sete e nove, respectivamente). Uma vez mais, portanto, a mais do que evidente predominância destas PN, e pela razão já sobejamente conhecida: a natureza referencial do sujeito.

3.2.2. Propriedades sintáctico-semânticas

3.2.2.1 Em conformidade com o *corpus* iv (composto por dezoito ocorrências distribuídas por sete subparadigmas), <*andar* + gerúndio>, proposicionalmente falando, aproxima-se e ao mesmo tempo afasta-se das construções anteriores. Com efeito, ao manifestar de modo exclusivo o tipo proposicional declarativo combinado concomitantemente com as formas afirmativa, activa e neutra, afasta-se obviamente, e muito, das construções até agora estudadas (que apresentam seis, e mais, estruturas proposicionais cada); por outro lado, ao exibir, sem excepções, em toda a sua extensão a estrutura proposicional declarativo/afirmativa-activa-neutra, con-

tribuindo para a constituição da sua prototipicidade, aproxima-se, e também muito, daquelas outras.

Se se excluírem o futuro progressivocomitativo (3.), o conjuntivo imperfeito progressivocomitativo (8.), o conjuntivo futuro progressivocomitativo (9.) e o infinitivo progressivocomitativo (11.), subparadigmas constituídos por uma só ocorrência, poder-se-á afirmar que o presente progressivocomitativo (1.), o pretérito progressivocomitativo (2.) e o imperfeito progressivocomitativo (4.), constituídos os dois primeiros por cinco ocorrências cada um e o último por quatro, assinalam também (não passando de um mero indicador) a sua natureza monoproposicional.

3.2.2.2 É curioso notar que <*andar* + gerúndio>, pese muito embora a sua diminuta representatividade (*corpus* constituído por apenas dezoito ocorrências contra setenta e uma do de <*andar a* + infinitivo>), manifesta *grosso modo* as mesmas propriedades de natureza sintáctico-semântica, que passo a discriminar: quanto à tipologia de sujeitos, repete-se tal qual o mesmo esquema, ou seja, ocorrência esmagadora de sujeitos de tipo 'animado e humano' (cf. 1.1, 2, 4, 5; 2.1, 2, 3, 4, 5; 4.1, 2, 3, 4; 8.1; 9.1 e 11.1, que são todos) e ínfima (uma ocorrência de cada) dos de tipo 'animado e não-humano' (cf. 1.3) e 'inanimado' (cf. 3.1). Também não há ocorrências com sujeito nulo.

3.2.2.3 Os predicados verbais que aparecem combinados com a construção em epígrafe integram-se em apenas quatro configurações sintácticas. Menos duas, portanto, do que <*andar a* + infinitivo>. Em todo o caso (e eis o traço de união a funcionar), as que já ali se encontram mais bem representadas, a saber (da mais para a menos): as configurações transitiva (de dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int./OD) (cf., por exemplo, 1.4; 2.1, 5 e 8.1), inergativa (1.1; 2.2; 3.1 e 9.1), transitiva (de dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int./O) (cf. 4.1 e 4) e ditransitiva (cf. 2.4 e 11.1).

3.2.2.4 A única ocorrência do subparadigma infinitivo progressivocomitativo (11.1) é determinada pelo auxiliar modal <poder>, flexionado no presente. Em todo o caso, e apesar de ser só uma, continua a valer como indicador do que já se disse sobre esta matéria.

3.2.2.5 Compartilha, igualmente, com as construções até agora analisadas o fenómeno da intercalação de categoriais vários entre o auxiliar e o auxiliado, na ocorrência: inserção de um adverbial modal (1.1: <com certeza>), de um adverbial locativo (11.1: <por aí>), de um nome próprio, com a relação gramatical de sujeito (4.1: <José Pequeno>) e de clíticos, formas do pronome pessoal/OD (2.1: <me>) e OI (2.3: <lhe>). Porém, observando mais detidamente, verifica-se que, pelo menos em algumas ocorrências, fica seriamente fragilizada a natureza unitária do sintagma verbal em causa, isto é, parece que ambos os verbos funcionam cada um com o seu significado lexical próprio. Estão nesta situação, para além da já citada 11.1, ainda e particularmente, as ocorrências 1.3, 2.5 e 3.1. Isto significa que a construção, nos casos referidos, se encontra num estádio de gramaticalização bastante baixo, e devido exactamente à presença de adverbiais locativos indiciadores de movimento (<por aqui>, <por todo o latifúndio> e <por aí>), próprio do semantismo de <andar>: verbo de movimento não especificador de direcção/orientação.

3.2.3. Propriedades semântico-lexicais

3.2.3.1 Apesar de bastante mais reduzido (baixando, por conseguinte, a sua representatividade), o *corpus* iv mostra no entanto que <*andar* + gerúndio> apresenta basicamente as mesmas propriedades semântico-lexicais apontadas já para a construção, congénere, <*andar a* + infinitivo> – facto, aliás, esperável, porque ambas as construções são "consortes" na expressão do progressivocomitativo descontínuo.

Assim, como acontece com aquela construção, <*andar* + gerúndio> combina-se de preferência e de modo esmagador com predicados verbais que são ao mesmo tempo 'durativos' e 'dinâmicos', sendo que uns são ainda 'não-télicos' (tal qual o

auxiliar <andar>) e outros, 'télicos', concretamente: predicados verbais de processo (os primeiros): <rastejar> (1.1), <enxergar> (1.2), <vadiar> (1.3), <esgravatar verdades>[7] (1.4), <brincar> (2.2), <circular> (3.1), <pregar> (4.3) e <remar> (9.1); e predicados verbais de processo culminado (os segundos): <... me procurar> (2.1), <mostrar quanta maravilha ...> (2.4), <proclamar as palavras> (2.5), <cogitar no expediente ...> (4.1), <cavar a terra> (4.2) e <espreitar a toupeira> (8.1).

As restantes classes accionais de predicados verbais, também como já se sabe da construção anterior e ainda pelas mesmas razões, estão infimamente documentadas (a dos pontuais nem sequer está presente). Com efeito, enquanto predicados verbais estativos, o *corpus* apresenta apenas <sentir> (2.3) e <padecer> (4.4) e, como predicados verbais de culminação, também só <certificar> (1.5) e <perguntar> (11.1) que, por isso e ainda pelo facto de o argumento externo, com a relação gramatical de sujeito, se encontrar no plural, apresenta a leitura reiterativa/iterativa, um significado aspectual derivado de tal combinatória – como sobejamente se sabe.

3.2.3.2 No que diz respeito às classes lexicais de predicados verbais com que a construção aparece combinada, apesar de aparentemente se verificar um predomínio de verbos de 'movimento não orientado' (<rastejar>, <vadiar>, <procurar>, <circular>, <cavar>, <semear>, <remar>), de modo algum significa isto que se está diante de uma preferência combinatória especial e, muito menos ainda, que outras classes lexicais de predicados verbais estejam ou parcial ou completamente erradicadas. Atente-se, pois, no *corpus* para se ver imediatamente infirmada uma tal interpretação: para além daquele tipo lexical, estão ainda presentes, por exemplo, verbos de 'percepção' (<enxergar>, <sentir>, <mostrar>), de 'actividade mental' (<cogitar>), de 'actividades físicas não delimitadas' (<brincar>, <cavar>, <semear>, <remar>), de 'língua' (<proclamar>, <pregar>, <perguntar>), etc.

[7] É assim por natureza e continua a sê-lo contextualmente: é que o argumento interno <verdades>, com a relação gramatical de OD, porque se encontra no plural, sem mais determinações, não tem função delimitadora, logo permanece predicado verbal de processo.

3.2.3.3 Por fim, relativamente ao estádio de gramaticalização em que a construção se encontra, valem exactamente as mesmas observações expendidas a este propósito para <*andar a* + infinitivo>.[8]

3.3. Formas verbais com <*viver* + gerúndio>

***Corpus* v**

> **1.**1. «De alguma porta encostada escapa também um cheiro de alho, e a voz de uma mulher cantando "***vivo pensando*** no mal, no que pode acontecer...".»
>
> [*Es*, p. 104]
>
> **1.**2. «Imagine a cena, um maluco furibundo, com o miolo cheio de cocaína ou anfetamina, despejando aquela enxurrada amazônica de *non sequiturs* esbugalhados em cima de uma platéia que nunca entendeu e até hoje ***vive tentando*** comicamente entender e terminando por falar do mesmo jeito e acabando invariavelmente por infelicitar alguém.»
>
> [*CBD*, pp. 93-94]

> **4.**1. «Amigo mesmo só me lembro de um. Era alguns anos mais velho e dizia que eu tinha um futuro. ***Vivia lendo*** os jornais, as revistas especializadas, depois me contava que era tudo mentira.»
>
> [*Es*, p. 41]

3.3.1. Propriedades morfo-sintácticas

3.3.1.1 Conforme o *corpus* v, só se pode dizer que a construção <*viver* + gerúndio> é morfo-sintacticamente compatível com o presente (1.) nas P1 (1) e P3 (2) e o imperfeito (4.) na P3 (1). É que faltam registos que documentem a sua ocorrência com os restantes potenciais vinte e dois subparadigmas ou, se calhar melhor, apenas vinte, já que a sua combinação com o imperativo (10.) é impossível (à semelhança aliás do que acontece com os subparadigmas homónimos de <*estar a* + infinitivo>, <*estar* + gerúndio>, <*andar a* + infinitivo> e <*andar* + gerúndio>) e com o particípio (14.), a ser possível (e não me parece que o seja), só combinado

[8] Cf. § 3.1.3.3, p. 224.

com as formas dos auxiliares constituintes dos subparadigmas compostos (tal como naquelas construções). Mas, insisto, não há registos para o comprovar.[9]

3.3.1.2 Ora, do exposto, resulta evidente que só estão de facto documentados o presente progressivocomitativo (1.) em duas PN e o imperfeito progressivocomitativo (4.) apenas numa. Trata-se, por consequência, de um paradigma ínfimo. Mesmo assim, dá para observar igualmente o "predomínio" de formas verbais de P3 (duas contra uma de P1) que, neste caso, e ao contrário das construções anteriores, não se prende com a natureza referencial do sujeito, mas com o facto de a presente construção requerer um sujeito animado e, a julgar pelo *corpus*, também humano.

3.3.1.3 Apesar de termos duas ocorrências de presente progressivocomitativo (1.) e uma de imperfeito progressivocomitativo (4.), não há lugar para se falar de uma combinação morfo-sintáctica preferencial: trata-se de uma mera casualidade, que o *corpus* vi também ilustra, mas exactamente ao contrário (igualmente pura casualidade). Em todo o caso, são *mutatis mutandis* os subparadigmas preferidos em termos de combinação morfo-sintáctica pelas quatro anteriores construções. Portanto, parece existir aqui um indicador de "qualquer coisa" ou, se se preferir, a "confirmação" daquela tendência.

3.3.2. Propriedades sintáctico-semânticas

3.3.2.1 Segundo o *corpus* v, em termos proposicionais, <*viver* + gerúndio> exibe, ainda que de modo muito modesto (apenas três ocorrências distribuídas por dois subparadigmas), as mesmas propriedades apontadas para <*andar* + gerúndio>: uma única estrutura proposicional (carácter que a faz afastar-se também das

[9] De facto, não encontrei uma ocorrência que fosse na imensa bibliografia produzida na variante europeia do português que compulsei para a constituição dos *corpora*, a base desta investigação (como se está a tornar cada vez mais nítido).

outras construções), que é a declarativo/afirmativa-activa-neutra (característica que, ao inverso, a faz aproximar-se das construções que até agora se analisaram).[10]

3.3.2.2 Ainda de acordo com o *corpus*, <*viver* + gerúndio> coocorre exclusivamente com sujeitos de tipo 'animado e humano'. Para além disso, os predicados verbais combinados de facto com a presente construção integram-se em duas configurações sintácticas, ambas de natureza transitiva, mas distintas no que concerne à relação gramatical do argumento interno: dois lugares portanto mas, por um lado, um arg. ext./S + um arg. int./OD (cf. 1.2 e 4.1) e, por outro, um arg. ext./S + um arg. int./O (cf. 1.1).

3.3.3. Propriedades semântico-lexicais

3.3.3.1Se bem se reparar, observar-se-á que <viver> apresenta os mesmos traços accionais que <estar>, a saber: 'não-dinâmico', 'não-télico' e 'durativo'. Qual a diferença, então? Apenas a óbvia: se, numa língua, há unidades lexicais distintas é porque também são distintas as realidades por elas representadas. E é o que se passa exactamente aqui: <estar> e <viver>, mesmo na sua qualidade de auxiliares aspectuais (que é o estatuto que agora aqui têm), remetem para/representam, respectivamente, um intervalo e um período (= conjunto de intervalos) Temporais. Daí, logicamente, estar <viver> ao serviço do progressivocomitativo em geral e <estar>, do progressivo, conforme já ficou claramente explicado.

Regressemos à construção perifrástica em análise. Pelo que já se viu, daquele conjunto de traços, o 'durativo' é o que se destaca por ser intrinsecamente necessário à gramaticalidade da construção. Por conseguinte, <*viver* + gerúndio> aparece combinada exclusivamente (o *corpus* também é mais do que ínfimo) com predicados verbais de processo culminado: <pensar em ...> (1.1), <tentar ... entender>

[10] Dada a exiguidade tanto de ocorrências quanto de subparadigmas, resultam de todo irrelevantes outros comentários que a este propósito se teceram já para outras construções.

(1.2) e <ler os jornais>[11] (4.1). Embora o *corpus* v o não documente, <*viver* + gerúndio> pode combinar-se com as demais classes accionais de predicados verbais: com os predicados verbais de processo e estativos, expressa ainda o progressivocomitativo contínuo; com os de culminação e pontuais, ao invés, o já recursivo reiterativo/iterativo (exemplos construídos.: «O João ***vive lendo***.», predicado verbal de processo, «O João ***vive amando***.», predicado verbal estativo, «O João ***vive saindo***.», predicado verbal de culminação e «O João ***vive espirrando***.», predicado verbal pontual).

3.3.3.2 A única classe lexical de predicados verbais documentada é a dos verbos de 'actividade/esforço mental' (<pensar em ...>, <tentar ... entender> e <ler>). É claro que outras classes lexicais podem também ocorrer: o *corpus* é que é tão mini, que é impossível comportar a documentação de todas as possibilidades. De qualquer modo, são sempre mais reduzidas – encontrando-se, logo, a construção num estádio de gramaticalização bem menos avançado do que as de progressivo-comitativo descontínuo, estudadas antes.

3.4. Formas verbais com <*viver a* + infinitivo>

Corpus vi

> **1.**1. «Amaro sabe a história de cor. O major ***vive a contá***-la.»
>
> [...][12]

> **4.**1. «E o oficial foi estar com o vigário, para lhe dizer que o sargento vinha-se queixando que a mulher ***vivia a sofrer*** debiques do povo da igreja, da mulher do sacristão, das beatas.»
>
> [...][13]

---

[11] <Ler> é, por natureza, um predicado verbal de processo. Aqui, no entanto, por aparecer combinado com o argumento interno <os jornais>, com a relação gramatical de OD, delimitador, transforma-se em predicado verbal de processo culminado.

[12] Esta ocorrência foi colhida em Veríssimo, Érico, *Clarissa*, p. 12, e já a utilizei noutro lugar (Barroso 1994: 97).

4.2. «***Vivia a embirrar*** com as criadas, a minha mãe, mas eu defendia-as sempre.»

[...][14]

4.3. «Eu ***vivia a rogar***-lhe um divã desmontável, [...].»

[...][15]

3.4.1. Propriedades morfo-sintácticas

3.4.1.1 Por sua vez, o *corpus* vi documenta os tipos (tempo-aspecto-modo e pessoa-número) de compatibilidade morfo-sintáctica de <*viver a* + infinitivo>, que são basicamente os mesmos da construção anterior, mais propriamente: com o presente (1.) na P3 (1) e o imperfeito (4.) também na P3 (1, 2 e 3).

3.4.1.2 De resto, mantêm-se as observações feitas a propósito de <*viver* + gerúndio>, ou seja: faltam registos que documentem a sua ocorrência com os outros potenciais subparadigmas; valem os mesmos comentários no que ao imperativo (10.) e particípio (14.) diz respeito; estão igualmente documentados de facto o presente progressivocomitativo (1.) e o imperfeito progressivocomitativo (4.), ambos numa única PN: por conseguinte, o mesmo, e reduzidíssimo, paradigma; com um "predomínio" de formas verbais de P3 ainda mais nítido (todas as quatro) e com a mesma explicação no que concerne à natureza referencial do sujeito; e, por fim, também não é pertinente falar-se de uma preferência quanto à combinação morfo-sintáctica, no entanto vale igualmente a observação final aí expressa sobre esta matéria.

---

[13] Esta ocorrência foi colhida em Rego, José Lins, *Pedra Bonita*, p. 182, e também já me servi dela noutro lugar (Barroso 1994: 97).

[14] Ferro, Rita, **O segredo de Chiffon** (conto), in Coelho, Luísa (Org.), *Intimidades*, pp. 153-154.

[15] Ferro, Rita, **O segredo de Chiffon** (conto), in Coelho, Luísa (Org.), *Intimidades*, p. 159.

3.4.2. Propriedades sintáctico-semânticas

3.4.2.1 No que respeita à estrutura proposicional, o *corpus* vi fornece a informação de que <*viver a* + infinitivo> se comporta tal qual a construção congénere, <*viver* + gerúndio>: unicamente a estrutura proposicional declarativo/afirmativa-activa-neutra.[16]

3.4.2.2 Quanto à natureza dos sujeitos, <*viver a* + infinitivo> repete o quadro de compatibilidades da construção anterior, ou seja: apenas sujeitos de tipo 'animado e humano'. No concernente à configuração sintáctica, por seu turno, repete-o quase na íntegra, explicitamente: as ocorrências 1.1, 4.1 e 2 integram-se na configuração transitiva (dois lugares), só que nas duas primeiras o argumento interno ocorre com a relação gramatical de objecto directo e, na última, com a de oblíquo. A (única) diferença reside, pois, na ocorrência 4.3, que exibe a configuração sintáctica ditransitiva (três lugares: um arg. ext./S + dois argumentos internos/OD e OI).

3.4.3. Propriedades semântico-lexicais

3.4.3.1 Exibe praticamente as mesmas propriedades semântico-lexicais que <*viver* + gerúndio>, de modo discriminado: coocorre quase exclusivamente com predicados verbais de processo culminado: <contar> (1.1), <embirrar com ...> (4.2) e <rogar> (4.3). A ocorrência 4.1, <sofrer debiques>, documenta um predicado verbal de processo, que é tanto por natureza quanto contextualmente (o caso presente pois, combinado com o argumento interno <debiques>, com a relação gramatical de OD, no plural, sem quaisquer outras determinações, logo não-delimitador, continua a ser um predicado verbal de processo).

[16] Cf., pois, o que aí (§ 3.3.2.1, pp. 233-234) se escreve.

3.4.3.2 A classe lexical de predicados verbais que parece predominar é a dos *verba sentiendi* (os que se referem essencialmente a emoções e sensações): <contar>, <sofrer>, <embirrar> e <rogar>. Todos, portanto (mas, se calhar, também podem enquadrar-se noutras classes lexicais).

3.4.3.3 Por fim, parece-me (é apenas uma intuição) que a presente construção se encontra num estádio de gramaticalização ainda menos avançado do que a congénere, <*viver* + gerúndio>. Precisava-se, em todo o caso, de mais elementos (e não estão disponíveis), para se poder averiguar da justeza de tal intuição

3.5. Da variação e especialização nestas formas verbais

Tanto na qualidade de falante/ouvinte quanto na de leitor/escrevente do português, bem como ainda pelas fontes dos *corpora*, que o confirmam na generalidade, é relativamente fácil verificar, porque ressalta logo, que entre <*andar a* + infinitivo> e <*andar* + gerúndio> se observa uma relação de livre escolha. Isto quer significar que se trata de construções alternativas condicionadas não-linguisticamente, portanto espoletadas ou inter-individualmente (de modo mais preciso ainda: por razões de ordem geográfica), dando assim origem a variantes diatópicas, ou intra-individualmente (ou seja: por um leque de razões expressivas multíplice), originando desta feita variantes diafásicas. A primeira destas duas situações (porque demasiado notório) pode verificar-se, antes de mais nada, entre o PE, que prefere a construção infinitiva (<*andar a* + infinitivo>), e o PB, que tem preferência pela gerundiva (<*andar* + gerúndio>), tal como parece ser-lhes próprio,[17] e, a seguir (apenas no âmbito do PE), entre as variedades do Sul, que preferem a construção com gerúndio, e as centrais e nortenhas, que têm preferência pela de infinitivo; por seu turno, a segunda das situações focadas, que se observa também entre ambas as estruturas acabadas de referir, caracteriza-se desta maneira: em cada área geo-

[17] Já se assinalou esta propriedade a propósito de <*estar a* + infinitivo> e <*estar* + gerúndio> (cf., pois, *supra*, cap. III, secção 2.3.) e volta a sublinhar-se noutro lugar (cf., *infra*, cap. V, secção 4.4.).

gráfica onde se usa habitualmente uma construção, um locutor e/ou escrevente, não importa por que razão expressiva, selecciona a estrutura que é a preferência de outra região. Do exposto resulta estarmos, consequentemente, diante da variação, fenómeno linguístico já identificado e devidamente caracterizado.

No que diz respeito a <*viver* + gerúndio> e <*viver a* + infinitivo>, constata-se que os mesmos tipos de variação registados já em relação às estruturas anteriores também se observam relativamente a estas outras, sobretudo o que se apresenta em segundo lugar, ou seja, o que tem a ver com a variação – de condicionamento não-linguístico – accionada por razões intra-individuais múltiplas. Trata-se, por conseguinte, de variantes diafásicas, predominantemente, e diatópicas, subsidiariamente.

Por fim, entre <*andar a* + infinitivo> e <*andar* + gerúndio>, de um lado, e <*viver* + gerúndio> e <*viver a* + infinitivo>, de outro lado, regista-se um outro fenómeno linguístico, o que aqui se designa por especialização, ou seja, de um significado prototípico deriva cognitivamente um outro que, porque partilha daquele, se especializa numa sua particularidade. Assim, as duas primeiras construções expressam o progressivocomitativo descontínuo e as duas segundas, o progressivo-comitativo contínuo.

Abordemos os *corpora* um pouco mais de perto, destacando o que de mais significativo a este respeito nos têm a dizer. E, como parece lógico, vou encetar esta abordagem por <*andar a* + infinitivo>: nenhuma ocorrência de PB no *corpus* iii, e são setenta e uma que o constituem! É, realmente, um facto digno de registo a modo de parangona. Esta constatação significa que a estrutura em epígrafe só está efectivamente documentada na variante europeia do português (todas as setenta e uma ocorrências), para além de contribuir para corroborar o que já se afirmou em outros lugares, ou seja: a tendência/preferência do PE para/por construções (perifrásticas) de infinitivo. As fontes literárias são de longe as mais representadas (quarenta e seis ocorrências), logo seguidas pela imprensa escrita (vinte e três) e, subsidiariamente, de outra origem (de um prefácio: duas): nas primeiras, destacam-se as de tipo narrativo (quarenta e quatro), a que se seguem, mas de representação

ínfima, as de tipo dramático (duas apenas) e, nas segundas, o destaque vai, como seria de esperar, para os periódicos e revistas de circulação nacional (das vinte e três, só uma é que é fornecida por um periódico de difusão regional). E, finalmente, quanto à sua distribuição, porque só ocorre em PE, o que temos é praticamente uma síntese rememorativa do que se escreveu nas páginas precedentes, de modo concreto: dez ocorrências de presente progressivocomitativo (1.), cinco de pretérito progressivocomitativo (2.), duas de futuro progressivocomitativo (3.), nove de imperfeito progressivocomitativo (4.), cinco de mais-que-perfeito progressivocomitativo (5.), três de futuro do pretérito (ou condicional) progressivocomitativo (6.), quatro de conjuntivo presente progressivocomitativo (7.), também quatro de conjuntivo imperfeito progressivocomitativo (8.), três de infinitivo progressivocomitativo (11.), quatro de infinitivo pessoal progressivocomitativo (12.), apenas uma de gerúndio progressivocomitativo (13.), nove de presente composto progressivocomitativo (15.), duas de futuro composto progressivocomitativo (16.), quatro de imperfeito composto progressivocomitativo (17.) e duas para cada "tempo verbal" perifrástico que se segue: conjuntivo presente composto progressivocomitativo (19.), conjuntivo imperfeito composto progressivocomitativo (20.) e infinitivo pessoal composto progressivocomitativo (23.). Em segundo lugar, veja-se o que se passa com <*andar* + gerúndio>: três ocorrências de PB (fontes literárias exclusivamente), com esta distribuição: uma de presente progressivocomitativo (1.2) e duas de pretérito progressivocomitativo (2.1 e 2.2); uma de PM (fonte literária) no presente progressivocomitativo (1.4); e as restantes catorze (que não são muitas) de PE (mais uma vez, predominância das fontes literárias: onze ocorrências das de tipo narrativo e uma da de tipo dramático, seguidas pela imprensa escrita: duas ocorrências recolhidas em periódicos de difusão nacional), distribuídas desta maneira: três (as restantes) de presente progressivocomitativo (1.), também três (as sobrantes) de pretérito progressivocomitativo (2.), uma de futuro progressivocomitativo (3.), quatro (todas) de imperfeito progressivocomitativo (4.) e uma de cada "tempo verbal" que explicito a seguir: conjuntivo imperfeito progressivocomitativo (8.), conjuntivo futuro progressivocomitativo (9.) e infinitivo progressivocomitativo (11.). Atente-se, em terceiro

lugar, na situação de <*viver* + gerúndio>: apenas três ocorrências, todas de PB, e recolhidas exclusivamente em textos literários de tipo narrativo, com a seguinte distribuição: duas ocorrências de presente progressivocomitativo (1.) e uma de imperfeito progressivocomitativo (4.). E, por último, resenhe-se o comportamento de <*viver a* + infinitivo>: duas ocorrências de PB (fontes literárias de tipo narrativo, exclusivamente), assim distribuídas: uma ocorrência de presente progressivocomitativo (1.) e outra de imperfeito progressivocomitativo (4.); e duas de PE (também exclusivamente fontes literárias de tipo narrativo) no imperfeito progressivocomitativo (4.).

Tendo também presente o que a propósito das construções de progressivo se disse sobre a imprensa escrita (nível de língua muito próximo da linguagem corrente/culta), nos *corpora* de momento sob análise, há algo a merecer reparo, que é o seguinte: em dois deles (<*viver* + gerúndio> e <*viver a* + infinitivo>) não constam registos da imprensa escrita;[18] quanto a um terceiro (<*andar* + gerúndio>), apenas dois em dezoito; só mesmo o último (<*andar a* + infinitivo>) é que exibe maior representatividade: vinte e três em setenta e um (com presença assinalável, à semelhança aliás do que se passa com outras construções[19], nos presente progressivocomitativo (1.) e imperfeito progressivocomitativo (4.) e, ainda dignos de menção, nos pretérito progressivocomitativo (2.), infinitivo pessoal progressivocomitativo (12.) e futuro composto progressivocomitativo (16.)). Em todo caso, menos de um terço. Podemos, portanto, concluir que, com a ressalva de <*andar a* + infinitivo>, são todas construções habitualmente usadas/actualizadas por falantes/escreventes em registos de língua um pouco mais elaborados ou, até, de índole

[18] Não se trata de todo, ao contrário do que se poderia pensar, de uma situação insólita. É que, embora seja a primeira vez que se regista, aparece noutros *corpora* que serão objecto de análise, não na presente investigação, mas num trabalho subsequente (estão neste caso, por exemplo, <*deitar a* + infinitivo>, <*largar a* + infinitivo>, <*entrar* + gerúndio>, <*ficar* + gerúndio >).

[19] Cf., por exemplo, entre outras das aqui tratadas, <*estar a* + infinitivo>, <*ir* + gerúndio> e <*vir* + gerúndio>.

idiossincrática, como me parece ser o caso de <*viver a* + infinitivo> em 4.2 e 4.3 cuja colheita se efectuou num texto de uma autora lusa.

Em resumo: as quatro construções cujo tratamento se está mesmo a ultimar, conquanto expressem todas, conforme se viu, o progressivocomitativo, nem por isso constituem (uma que seja) objecto de erosão/rejeição linguística. E isto acontece precisamente por aquelas exibirem um relacionamento perceptivelmente bem diferenciado (daí a sua sobrevivência), que se passa a explicitar: <*andar a* + infinitivo> e <*andar* + gerúndio> opõem-se a <*viver* + gerúndio> e <*viver a* + infinitivo>, porque a língua tem necessidade de representar, pelos seus próprios meios, a distinção cognitiva (ou especialização de significado) entre progressivocomitativo descontínuo e progressivocomitativo contínuo – isto, por um lado; por outro lado, <*andar a* + infinitivo> e <*viver* + gerúndio> são formas alternativas (portanto resultado de uma opção feita, como é natural, sempre de modo mais consciente nuns falantes/escreventes do que noutros), respectivamente, de <*andar* + gerúndio> e <*viver a* + infinitivo>, facto que permite manifestar ou a origem (daí serem variantes diatópicas, o que acontece mais acentuadamente entre <*andar a* + infinitivo> e <*andar* + gerúndio>), ou qualquer tipo de expressividade (daí poderem também ser variantes diafásicas, o que se passa mais pronunciadamente entre <*viver* + gerúndio> e <*viver a* + infinitivo>) – modalidades de relacionamento estas que não são, como é óbvio, linguisticamente accionadas.

CAPÍTULO V

FORMAS VERBAIS PROGRESSIVOGRADATIVAS

4. Identificação e caracterização

Este último subtipo de formas verbais progressivas obtém-se flexionando <*ir* + gerúndio>, <*vir* + gerúndio> e <*vir a* + infinitivo$_1$> (cf., respectivamente, *corpora* vii, viii e ix).

O traço distintivo que partilham é a focalização da mudança gradual de estado sofrida por um "objecto", medida esta pela sucessão, desde o ponto inicial até ao ponto culminante (que pressupõem mas, logicamente, não implicam), dos intervalos de Tempo próprios da duração de uma situação, com uma diferença apenas: o primeiro sintagma fá-lo prospectivamente e os segundo e terceiro, retrospectivamente.

4.1. Formas verbais com <*ir* + gerúndio>

***Corpus* vii**

1.1. «Depois, por entre as folhas, ***vão-se esboçando*** as flores,
e então crescem as flores, e as flores produzem frutos,
e os frutos dão sementes,
e as sementes preparam novas árvores.»

[*NPP*, p. 9]

1.2. «O que vale aos homens, quando confrontados com a realidade feminina, é que ***vão aprendendo*** com o andar dos anos. Assim, quando passam para o liceu, os homens deixam de ser críticos e começam a encorajar a existência de dois mundos distintos.»

[*I*, 1993/03/05]

1.3. «Respondendo ao nosso leitor, creio que não há razões para não escrever quase, ainda que na escola tenha aprendido quasi. Em sua intenção, e na de todos os falantes-escreventes do português, sempre ***vou dizendo*** que, numa língua, há coisas muito mais importantes do que a ortografia...»

[*P*, 1994/01/23]

1.4. «A árvore, os enfeites, os cânticos, os convidados, as luzes e as prendas, tudo se repete propositadamente, com a diferença que as prendas e as pessoas ***se vão tornando*** cada vez mais ridículas.»

[*I*, 1993/12/17]

1.5. «Passado meio século, com a exploração a prosseguir sob a direcção de outro investigador, a cidade castreja ***vai revelando*** os seus segredos e ***revelando-se*** como uma das grandes estações arqueológicas da Península no campo desta cultura dos castros, que teve a sua base no noroeste peninsular.»

[*Ex*, 1994/09/17]

1.6. «[...]. Para sul é um modesto rio Eiriz que ***vai estendendo*** as suas águas.»

[*Ex*, 1994/09/17]

1.7. «Enquanto esperam a chamada para subir à torre, ***vão sendo sujeitos*** a ordens de comando destinadas a explorar ao máximo todos os reflexos.»

[*P*, 1994/02/27]

1.8. «Esse trajecto tem a virtude de nos ir introduzindo num mundo diferente.

Gradualmente, ***vai***-se ***saindo*** ao altiplano onde se desenvolve Cusco (situado entre os três e os quatro mil metros de altitude) e ***descendo*** para os vales férteis onde as comunidades índias repetem ainda hoje gestos milenares.»

[*P*, 1994/10/16]

1.9. «***Vou***-te ***cantando***, e ***vou cantando*** o sol,
A terra, a água, o lume e o suor.
Vou erguendo o meu hino
Como levanta a enxada o cavador!»

[*O*, p. 80]

1.10. «Na CP também se reduz mão-de-obra e as estações ***vão sendo desguarnecidas*** de pessoal, ***transformadas*** em simples apeadeiros, onde, garantem os responsáveis, os comboios continuam a parar e a servir de igual maneira os clientes.»

[*P*, 1995/07/16]

1.11. «– Com isto e com o que tu ***vais abaganhando***, já podemos viver. E manda-se o Iglésias ao diabo!»

[*TF*, p. 28]

1.12. «Na brisa da confiança também batem asas os passarinhos que dão a alcunha ao Quim, pintarroxos e pintassilgos que lá ***vão caindo*** numa rede de emalhar que está sempre montada num terreiro ali perto.»

[*Pa* 7 (1996/07/07), p. 66]

1.13. «Obra sua, e fatigosa obra, também são as dezenas de bonecos acabados que todos os dias ***vão sendo transferidos*** para as pranchas de secagem, [...].»

[*C*, p. 228]

1.14. «Assegurar o futuro das pessoas de quem mais gostamos é uma responsabilidade que, com o tempo, ***vamos assumindo***.»

[...][1]

1.15. «Apesar disso chegaram-me rumores de que algumas pessoas ***vão morrendo***, assim é, senhor, mas trata-se de uma gota de água no oceano, nem todas as famílias se atrevem a dar o passo, [...]»

[*IM*, p. 91]

2.1. «O que se seguiu talvez tenha sido motivado por esse efeito: vagaroso como um lagarto, ***foi-se aproximando*** da laje, acercou-se do carabineiro e, com mil cuidados, teve artes e audácia para lhe sacar a pistola de dentro do coldre...»

[*JN*, 1993/02/14]

2.2. «Esta primazia da oralidade tem várias raízes: uma, de ordem prática (é mais fácil, mais imediato falar do que escrever); outra, da história evolutiva de cada um de nós (aprendemos primeiro a falar do que a escrever); outra ainda, da história dos povos (as línguas começaram por ser apenas meios de comunicação oral e só pouco a pouco se ***foi inventando*** e ***aperfeiçoando*** a escrita).»

[*P*, 1994/01/23]

2.3. «Essas divergências ***foram-se agravando*** à medida que se ia dando um processo de concentração das organizações de extrema-esquerda, que viria a originar depois a UDP.»

[*P*, 1994/02/06]

2.4. «As peças, cuidadosamente seleccionadas por especialistas, ***foram sendo reproduzidas*** por artesãos locais de modo a espelhar a herança única do património das igrejas de Goa.»

[*P*, 1994/02/06]

2.5. «Entretanto, os bens da empresa Minas da Borralha, SA, ***foram sendo penhorados***, por mor das dívidas contraídas à Segurança Social, à banca e à EDP.»

[*P*, 1994/02/20]

2.6. «Hoje, em muitos lugares, portugueses também, sobretudo nas grandes cidades, o Pai Natal ***foi perdendo*** gradualmente junto da pequenada muito do

[1] Ocorrência colhida em panfleto publicitário distribuído pela imprensa hebdomadária.

prestígio e encanto que lhe advinham da sua origem desconhecida e ainda de ser esquivo aos olhares, errante e imprevisível.»

[*P*, 1994/12/18]

2.7. «Durante quase dez anos o primeiro-ministro ***foi ocupando*** com força a boca de cena, ao mesmo tempo que nos bastidores a oposição tropeçava nos cenários e se sucediam líderes nos seus diversos partidos.»

[*P*, 1995/01/22]

2.8. «***Foram indo*** por entre as areias e as rochas, até que chegaram a uma gruta para onde entraram os quatro. O rapaz quis ir atrás deles, mas a entrada da gruta era muito pequena e ele não cabia.»

[*MM*, p. 14]

2.9. «A voz ***foi***-lhe ***engrossando*** pouco a pouco...
Foi de carícia branda a afago inteiro...
De um só degrau ***foi devorando*** dois,
Na pressa de quem sobe cego e mouco..»

[*O*, p. 28]

2.10. «Enquanto a nação andava esquiva pelas serras, ninguém se atreveu a visionar horizontes para lá da primeira encosta. Mas, passado o Tejo, a grei ***foi abençoando*** os olhos à grande luz das distâncias e D. Manuel pôde receber ali a notícia da chegada de Vasco da Gama à Índia.»

[*Po*, pp. 119-120]

2.11. «Sagrou-te, e ***foste desvendando*** a espuma,»

[*M*, p. 59]

2.12. «[...]. Depois, porque ***fui achando*** graça à intervenção política...»

[*P*, 1994/01/16]

2.13. «No princípio, eram 13 homens à volta de uma mesa. Um deles partiu pão, serviu vinho e pediu aos companheiros que repetissem o gesto em sua memória. Depois, lenta mas progressivamente, o gesto ***foi sendo estruturado*** e ***codificado***. ***Assumindo*** formas cada vez mais complexas de ser dito. ***Vestindo*** roupas sagradas, mistérios e perfumes, músicas e artes.»

[*P*, 1993/11/23]

2.14. «Pouco estranho é para mim que revele uma certa incompreensão do que eu ***fui sendo*** na vida e quase não tenha uma palavra sobre o meu filho, ou seja o seu neto.»

[*CS*, p. 28]

2.15. «Os gaibéus ***foram saindo*** em grupos ruidosos pela porta do largo.»

[*G*, p. 301]

2.16. «Depois, aos poucos, ***foi-se desinteressando*** do paradeiro diário do *Catalina*, do *Catarina* e do *Catavento*, deixou de espetar diligentemente as bandeirinhas no mapa, embora continuasse a comparece***r*** religiosamente às partidas e chegadas dos navios da Insular, na Rocha Conde de Óbidos.»

[*Eq*, p. 13]

2.17. «Daí a pouco, tudo se precipitou em crescendo, à medida que os batedores ***foram chegando*** cada vez mais próximo do local onde os caçadores esperavam, atrás dos resguardos.»

[*Eq*, p. 42]

3.1. «"Tenho a certeza que se as coisas continuam assim, estamos a preparar um amanhã - um amanhã que é mesmo amanhã, não é o futuro - que vai ser muito perigoso, e onde haverá lutas racistas que ***se irão acentuando*** cada vez mais", concluiu.»

[*CM*, 1994/02/25]

3.2. «[...]. Mas, mais do que livros, será o ouvido atento e a análise crítica do que ouvimos que nos ***irá dizendo*** o que usam os portugueses para alimentar as suas relações interpessoais. E que nos ***irá mostrando*** por que caminhos anda, hoje, a nossa língua.»

[*P*, 1994/12/11]

3.3. «O Mundo de Cá – uma expressão do vice-rei D. Francisco de Almeida para designar aquelas paragens – é também um percurso pelos trilhos dos portugueses no Oriente, que pode ir sendo acompanhado no PÚBLICO-Magazine, onde, nas próximas semanas, Camilo Azevedo e Paulo Varela Gomes, pela sua própria pena, ***irão contando*** as aventuras imanentes a cada um dos episódios.»

[*P*, 1995/10/15]

3.4. «Amanhã terei as desculpas todas. E os dias, as semanas, os meses, os anos ***irão passando***. Como sempre, no seu jeito de fatalidade.»

[*FH*, p. 270]

3.5. «De qualquer forma, esta situação ***irá evoluindo*** ao longo do Inverno e, a partir de Janeiro, algumas espécies residentes começam a cantar para defender os territórios que irão ocupar na próxima Primavera – é o caso das poupas e dos chapins-reais, entre outros.»

[*P*, 1995/12/03]

3.6. «Talvez atravesse uma crise de idade, e a lembrança a ***irá atormentando*** mais e mais, o carro trepidando nas ladeiras.»

[*Es*, pp. 111-112]

3.7. «[...], ah, sim, não estão esquecidos, os gritos de raiva e medo, os uivos de dor e agonia, aí fica a menção, note-se, em todo o caso, que ***irão sendo*** cada vez menos, a mulher do isqueiro, por exemplo, está calada há muito tempo.»

[*EC*, p. 207]

3.8. «[...]. Solicitámos que, por fax – 02-2080148 – ou por carta, confirmem o desejo de receber o respectivo dossier em que será arquivada a documentação que ***irá sendo produzida*** ou ***recolhida***. [...].»

[...][2]

2 Ocorrência colhida em correspondência da Federação da Cultura Portuguesa.

3.9. «[...]. Ali ***irão sendo*** gradualmente ***concentrados*** quase todos os serviços camarários, ficando apenas de fora departamentos como os do Ambiente e Espaços Verdes e do Turismo, Desporto e Cultura.»

[*V* 210 (1997/03/26 a 04/02), p. 19]

3.10. «Houve uma altura em que cheguei a pensar que isso pudesse vir a suceder, mas os dias foram passando, os rios voltaram ao leito, o que ainda resta de tudo aquilo é como a recordação de um sonho mau que o tempo ***irá extinguindo*** pouco a pouco na memória.»

[*HD*, p. 260]

3.11. «Aí tens a solução para tudo: aceitas o lugar em S. Tomé, que te dará prestígio e decerto um vencimento que ***irás acumulando*** porque lá não terás onde o gastar; [...].»

[*Eq*, p. 77]

4.1. «Quis o acaso que essas mulheres engravidassem todas ao mesmo tempo. O povo da aldeia aproveitou para fazer espírito, atribuindo ao "Peseta" a paternidade das crianças que essas mulheres ***iam dando à luz***...»

[*JN*, 1993/02/14]

4.2. «Essas divergências foram-se agravando à medida que ***se ia dando*** um processo de concentração das organizações de extrema-esquerda, que viria a originar depois a UDP.»

[*P*, 1994/02/06]

4.3. «Cada vez se me tornava mais claro que o PS era incapaz de proceder a reformas de fundo, que ***ia perdendo*** uma visão global da sociedade, que a sua direcção, pelos seus complexos e preconceitos de esquerda, ia definitivamente perder o comboio.»

[*P*, 1994/02/06]

4.4. «No meio da conversa, ***ia trocando*** algumas frases do Português que aprendera na infância, antes de 1961.»

[*P*, 1994/02/06]

4.5. «"É sempre assim no Natal, no Ano Novo e no Carnaval. Eles gostam de cá vir para ver como nós comemoramos as nossas festas", ***ia explicando*** o taxista, católico, meia-idade, falando por isso ainda algum Português.»

[*P*, 1994/02/06]

4.6. «De cada vez que tocava no assunto acrescentava que o caso estava encerrado e que não voltaria a referir-se a ele. Mas o sorriso confiante ***ia-se tornando*** cada vez mais amarelo.»

[*V* 49 (1994/02/24 a 03/02)]

4.7. «À medida que ***se ia aproximando*** dele, o pinhal ***ia-se tornando*** maior. Até que ficou enorme.»

[*NN*, p. 30]

4.8. «E nessa manhã o rapaz e a Menina, enquanto nadavam na água, ***iam contando*** um ao outro as histórias do mar e as histórias da terra.»

[*MM*, p. 30]

4.9. «Depois do banho continuou o seu caminho através das rochas. ***Ia andando*** para o sul da praia que era um deserto para onde nunca ninguém ia.»

[*MM*, pp. 9-10]

4.10. «De novo o caminho ***ia encabritando*** abada acima. Padornelos estava perto, mas mal se divisava.»

[*TF*, p. 20]

4.11. «Através da linguareira, as comadres ***iam sabendo*** e ***comunicando*** aos homens quanto se passava na moradia de Santiago.»

[*TF*, p. 32]

4.12. «Sentindo-se entorpecida, voltou a deitar-se. A claridade do postigo tornara-se mais fusca, ***ia morrendo*** pouco a pouco.»

[*TF*, p. 49]

4.13. «As coisas ***iam sendo***, eram, cada vez mais difíceis, já nem tínhamos o general Spínola na Presidência da República...»

[*P*, 1994/02/13]

4.14. «A vida de Rodrigo Abrantes, ainda que sem arritmias saboreáveis, ***ia sendo desnudada*** dia a dia, pouco importando se a invenção a deformava.»

[*RT*, p. 155]

4.15. «Era um espectáculo bonito de se ver: o rio ficava cheio de toros que batiam nos pilares da ponte e se acumulavam em frente ao cais, onde ***iam sendo recolhidos***.»

[*AI*, p. 59]

4.16. «Ouvido no limiar das grandes matas de pinheiros, que agora ***iam rareando***, causava uma apreensão, um desgosto com qualquer coisa de tentador.»

[*AR*, p. 89]

4.17. «Não tinha nada a ver com a idade, e nem a moral nem o comportamento eram para ali chamados; era qualquer coisa que ganhava legitimidade com os aumentos do meu pai, os carros que ele ***ia tendo***, as melhorias na sala.»

[...][3]

4.18. «Habituados até agora, tal como os seus queixosos parceiros da injecção intravenosa e da coroa de flores com fita roxa, à segurança resultante da contínua e imparável rotação de vidas e mortes, umas que vinham entrando, outras que ***iam saindo***, os lares da terceira e quarta idades não queriam nem pensar num futuro de trabalho em que os objectos dos seus cuidados não mudariam nunca de cara e de corpo, [...]»

[*IM*, p. 32]

---

[3] Ferro, Rita, **O segredo de Chiffon** (conto), in Coelho, Luísa (Org.), *Intimidades*, p. 154.

5.1. «E, desde então, o "americano" ***fora***, pouco a pouco, ***modificando*** a sua atitude para com Ermelinda.»

[*TF*, p. 59]

5.2. «E assim ***se fora esgotando*** outra invernia, de nevões que escondiam tudo: as reses no curral, os coelhos nas luras, as carvalheiras e os vidoeiros sob vestidinhos brancos.»

[*TF*, p. 95]

6.1. «O tipo dominante, porém, é o primeiro, aquele que corresponderia à casa mais primitiva e que, por influência "mediterrânica", ***iria evoluindo*** no sentido da casa quadrangular.»

[*Ex*, 1994/09/17]

6.2. «Em Março, como Ermelinda se mostrasse mais pesada, a senhora Rita voltou a teimar na sua, diariamente: ela podia ficar em casa, pois aquilo devia estar por pouco. Fosse tratando da roupita do fedelho, que eles ***ir-se-iam remediando***.»

[*TF*, p. 95]

6.3. «Se Maria da Paz havia imaginado uma enternecedora cena doméstica em que se visse a si mesma escutando a leitura enquanto ***iria bebendo*** em pequenos goles o chá que ela própria preparara na cozinha do homem amado, podia tirar daí o sentido.»

[*HD*, p. 154]

7.1. «[...]. E de preferência com conversações públicas. Para que o eleitorado ***vá sendo informado*** sobre quais as cedências do Partido Comunista ou os bloqueios que este partido possa pôr à coligação entre os dois partidos.»

[*I*, 1993/12/17]

7.2. «A esferográfica é um bom instrumento de trabalho para escritores cegos, não serve para lhe dar a ler o que tenha ecrito, mas serve para saber onde escreveu, basta que ***vá seguindo*** com o dedo a depressão da última linha escrita, [...].»

[*EC*, pp. 277-278]

7.3. «[...]; os menos sagazes terão dito consigo, ao vê-los, que é bom que Fidélia ***vá aliviando*** o luto do coração.»

[*MA*, p. 141]

7.4. «As raízes das árvores já estão penetrando no cavername, não tarda que estas velas içadas deixem de ser precisas, bastará que o vento sopre nas copas e ***vá encaminhando*** a caravela ao seu destino.»

[*CID*, p. 34]

7.5. «E neste momento – como vo-lo disse – estamos a escassas quatro horas do fim do Ano Velho e não faltará pelos lares onde existe concórdia e algum dinheiro quem ***vá preparando*** garrafas de espumante para saudar o Novo.»

[*Putos*, p. 163]

7.6. «Deixemos que treze duríssimos anos ***vão gotejando*** da torneira do tempo na pia da eternidade; [...].»

[*Putos*, p. 191]

8.1. «O objectivo foi o de desenvolver os estudos históricos e simultaneamente lograr uma visão histórica mais objectiva que ***fosse proporcionando*** um melhor entendimento entre nós.»

[*P*, 1994/02/06]

8.2. «É perfeitamente natural que o imaginário de uma ou mais comunidades ***se fosse abastecendo*** de motivos sagrados, sorte que bafejou este S. Nicolau que inclusivamente é o patrono da Rússia, cujo último czar lhe ostentava o nome.»

[*P*, 1994/12/18]

8.3. «"Conseguiu-se que Salazar ***fosse recuperando***, apesar de ter ficado extremamente inferiorizado, pois perdeu os movimentos dos membros esquerdos e metade da visão nos dois olhos".»

[*P*, 1995/03/12]

8.4. «Aliás, conta o sobrinho, foi por isso mesmo que tiveram uma audiência com o Papa – o que, no seu entender, fez com que muitos padres já ***se fossem calando***, sobretudo os padres seculares, porque os das ordens sempre o aceitaram.»

[*P*, 1995/07/12]

8.5. «Em Março, como Ermelinda se mostrasse mais pesada, a senhora Rita voltou a teimar na sua, diariamente: ela podia ficar em casa, pois aquilo devia estar por pouco. ***Fosse tratando*** da roupita do fedelho, que eles ir-se-iam remediando.»

[*TF*, p. 95]

8.6. «O Grego renunciara à amiga, ciente de que cada coisa tem seu tempo. Esperava que Benito lhe ***fosse falando*** de Do Céu, o que raro sucedia, e sempre poupando nas palavras.»

[*TPBP*, p. 83]

8.7. «Chego a perceber o fluxo do silêncio, e é como um silêncio que viesse por baixo do chão, e o chão se enrolasse feito tapete que ***fosse abafando*** todos os sons até o outro lado da avenida.»

[*Es*, p. 45]

8.8. «[...], e, deitada de costas, com os olhos fitos no tecto, deixou que as suas confusas ideias ***se fossem*** a pouco e pouco ***ordenando*** e tomassem o caminho [...]»

[*HD*, p. 186]

9.1. «O Conselho Europeu terá de reservar para si o papel impulsionador da União e definidor das orientações políticas gerais. O seu protagonismo resultará acrescido à medida que a União ***for ganhando*** mais dimensão política.»

[*P*, 1995/06/04]

9.2. «Carvalhas ficará perto de Vila Real de Santo António, de 1 a 21 de Agosto, acompanhado da mulher, do filho, do cão e dos amigos que ***forem aparecendo*** e, segundo os serviços de imprensa do PCP, ainda terá tempo para participar em dois comícios.»

[*JN*, 1995/07/28]

9.3. «Em plena era da informação, do saber e da popularização da ciência e da tecnologia, o analfabetismo em Portugal não é, assim, um problema marginal que os governos esperam que se resolva naturalmente, à medida que os analfabetos ***forem morrendo***. [...].»

[*Ex*, 1997/07/05]

9.4. «Isto porque as empresas não vão voltar as costas às oportunidades de fazer dinheiro que ***forem sendo abertas*** à medida que os genes e a sua actividade ***forem sendo descobertos***, afirma»

[*P*, 2000/06/26]

9.5. «Sim, talvez, respondeu Tertuliano Máximo Afonso, mas isso não é o mais urgente, aliás é muito provável que não venha a precisar de ver todos os filmes produzidos, portanto principiaremos pelos que têm aqui, e depois, consoante os resultados e as conclusões a que ***for chegando***, assim orientarei as minhas futuras escolhas.»

[*HD*, pp. 52-53]

9.6. «Bom, agora que já estou acordado não se esqueça de me comunicar o que ***se for passando***.»

[*EL*, p. 160]

10.1. «***Vai cantando***!
Vai passando e ***vai durando***,
Asa branca deste dia!»

[*O*, p. 69]

10.2. «– Até amanhã; ***vá fazendo*** as encomendas.»

[*MA*, p. 170]

10.3. «Estou certo de que começará a mudar de opinião quando souber que os vigilantes regressaram sãos e salvos a suas casas, se ainda não se esqueceu das orações da sua infância, ***vá rezando*** para que isso aconteça, [...]»

[*IM*, p. 54]

11.1. «Esse trajecto tem a virtude de nos ***ir introduzindo*** num mundo diferente.

Gradualmente, vai-se saindo ao altiplano onde se desenvolve Cusco (situado entre os três e os quatro mil metros de altitude) e descendo para os vales férteis onde as comunidades índias repetem ainda hoje gestos milenares.»

[*P*, 1994/10/16]

11.2. «Quero, para meu próprio gosto de analisar-me, ***ir***, à medida que isso me ajeite, ***ir pondo*** em palavras os processos mentais que em mim são um só, esse, o de uma vida devotada ao sonho, de uma alma educada só em sonhar.»

[*LD* (1.ª Parte), pp. 51-52]

11.3. «Mais do que fruir a directa emoção dum lúdico passeio, quem percorre o Alentejo tem de meditar. E ***ir explicando*** aos olhos a significação profunda do que vê.»

[*Po*, p. 122]

11.4. «Ainda se aparecessem muitas [peles] de texugo e de tourão, em que os ganhos pingavam mais, sempre se poderia ***ir vivendo***. Mas não.»

[*TF*, p. 19]

11.5. «O Mundo de Cá – uma expressão do vice-rei D. Francisco de Almeida para designar aquelas paragens – é também um percurso pelos trilhos dos portugueses no Oriente, que pode ***ir sendo acompanhado*** no PÚBLICO-Magazine, onde, nas próximas semanas, Camilo Azevedo e Paulo Varela Gomes, pela sua própria pena, irão contando as aventuras imanentes a cada um dos episódios.»

[*P*, 1995/10/15]

11.6. «Custa-me ***ir cumprindo*** tantas pequenas mortes, essas que apenas nós notamos, na íntima obscuridade de nós. Me deixe, inspector, que eu acabei de morrer um bocadinho.»

[*VF*, p. 56]

12.1. «[...]. O melhor é ***ir pondo*** de parte o que eu queria dar. Depois, um dia, dou-o todo junto...»

[*TF*, p. 104]

12.2. «É preciso vencer uma repulsa inicial para a pouco e pouco ***irmos descobrindo*** os estranhos cactos em forma de Rato Mickey, os esquivos pardais de Darwin, os lagartos e as iguanas, [...].»

[*Pa* 8 (1996/07/14), p. 57]

12.3. «Como o rapaz dos bois, comprariam um pente verde e um espelho redondo com flores encarnadas e amarelas por detrás. Usariam risco no cabelo para ***irem rondando*** as cachopas mais maneiras dos ranchos que ali viessem.»

[*G*, pp. 135-136]

12.4. «[...]. Entretanto é de ***irem afinando*** os sentidos, para a fruição de um excelente e tradicional repasto, num naco de Algarve preservado e valorizado.»

[*Ex*, 1996/09/28]

15.1. «A razão que então levou aquele grupo de jovens a dedicarem-se com entusiasmo à tradução das *Confissões* foi não só o valor intrínseco e admirável deste livro cuja mensagem ***tem ido crescendo*** ao longo dos tempos, mas ainda o facto de Santo Agostinho ter estado sempre presente na tradição do pensamento português e hoje já quase só dispormos de traduções estrangeiras...»

[...][4]

17.1. «Do Céu divorciara-se há muitos anos do Caravela, ou ele dela, e pela Rua do Vento ***tinha ido desfilando*** uma procissão de namorados cada vez mais bravos e de menores recursos que chegaram mesmo a roubá-la, pilhando da saleta os presentes com que o pescador julgara emendar as suas longas ausências na Terra Nova.»

[*TPBP*, p. 218]

17.2. «[...]. Desde que o enganava nunca se sentira tão angustiada como agora. Ele ***havia ido***, pouco a pouco, ***reduzindo-se*** na sua consideração.»

[*TF*, p. 84]

17.3. «Durante sete meses, que tantos foram os que a trégua unilateral da morte havia durado, ***tinham-se ido acumulando*** em uma nunca vista lista de espera mais de sessenta mil moribundos, exactamente sessenta e dois mil quinhentos e oitenta, postos de uma vez em paz por obra de um instante único, [...]»

[*IM*, p. 113]

19.1. «Ao longo dos séculos, porém, embora a língua ***se tenha ido modificando*** sob o ponto de vista fonético, a antiga grafia grega foi conservada, tendo as palavras passado a pronunciar-se, contudo, de uma forma bastante diversa daquela que tinham de início.»

[...][5]

4.1.1. Propriedades morfo-sintácticas

4.1.1.1 Morfo-sintacticamente, o *corpus* vii documenta as compatibilidades de <*ir* + gerúndio> que a seguir se discriminam: com o presente (1.) nas P1 (3 e 9 – três vezes), P2 (11), P3 (5, 6 e 8), P4 (14) e P6 (1, 2, 4, 7, 10, 12, 13 e 15); o pretérito (2.) nas P1 (12 e 14), P2 (11), P3 (1, 2, 6, 7, 9 – duas vezes –, 10, 13 e 16) e P6 (3, 4, 5, 8, 15 e 17); o futuro (3.) nas P2 (11), P3 (2 – duas vezes –, 5, 6, 8 e 10) e P6 (1, 3, 4, 7 e 9); o imperfeito (4.) nas P3 (2, 3, 4, 5, 6, 7 – duas

[4] Ocorrência colhida em **Ao leitor** (p. 7) da versão portuguesa (revista por Lúcio Craveiro da Silva e Elias Couto) das ***Confissões*** *de Santo Agostinho*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, [13]1999.

[5] Ocorrência colhida em Walter, H., *A Aventura das Línguas do Ocidente* (trad. port. de *L'Aventure des Langues en Occident* por Manuel Ramos). Lisboa: Terramar, 1996, p. 36.

vezes –, 9, 10, 12, 14 e 17) e P6 (1, 8, 11, 13, 15, 16 e 18); o mais-que-perfeito (5.): duas ocorrências, de P3;[6] o futuro do pretérito (ou condicional) (6.) nas P3 (1 e 3) e P6 (2); o conjuntivo presente (7.) nas P2 (2), P3 (1, 2, 3, 4 e 5) e P6 (6); o conjuntivo imperfeito (8.) nas P3 (1, 2, 3, 5, 6 e 7) e P6 (4 e 8); o conjuntivo futuro (9.) nas P1 (5), P3 (1 e 6) e P6 (2, 3 e 4); o imperativo (10.) nas P2 (1 – três vezes) e P3 (2 e 3)[7]; o infinitivo (11.): seis ocorrências; o infinitivo pessoal (12.) nas P1 (1), P4 (2) e P6 (3 e 4); o presente composto (15.): apenas uma ocorrência, de P3; o imperfeito composto (17.) nas P3 (1 e 2) e P6 (3); e com o conjuntivo presente composto (19.): também só uma ocorrência, e de P3.

4.1.1.2 É a mais documentada das três construções de progressivogradativo, isto é, a que maior número de subparadigmas exibe. Dos vinte e quatro possíveis só nove é que não apresentam registos, o que quer dizer que são praticamente dois terços que estão efectivamente documentados. As ausências encontram, evidentemente, uma explicação no que a seguir se escreve: a sua não ocorrência com o gerúndio (13.) deve-se, penso, à contiguidade de (duas) formas em <-ndo>, possíveis, mas que a variante europeia do português, muito provavelmente por uma questão eufónica, tenta ao máximo evitar; a sua ocorrência com o particípio (14.) explica-se tal como até aqui se tem feito, ou seja, só aparece combinado com as formas verbais dos auxiliares constituintes dos subparadigmas compostos (cf. 15.1, 17.1, 17.2, 17.3 e 19.1); as restantes ausências – ou da sua combinação não documentada com o futuro composto (16.), o futuro do pretérito (ou condicional) composto (18.), o conjuntivo imperfeito composto (20.), o conjuntivo futuro composto (21.), o infinitivo composto (22.), o infinitivo pessoal composto (23.) e o gerúndio composto (24.) – não fazem mais do que denunciar a baixa combinabilidade (e nunca incompatibilidade) do significado aspectual progressivogradativo (na

[6] Cf. comentários tecidos a propósito dos subparadigmas homónimos de <*estar a* + infinitivo> (p. 172), <*estar* + gerúndio> (p. 194) e <*andar a* + infinitivo> (p. 215).

[7] Formas verbais de P3, mas o pronome e/ou forma de tratamento que as determina/m é de P2 – daí o valor de imperativo. Sobre isto, cf. nota 4 ao cap. III.

ocorrência, também 'prospectivo'), expresso pela construção em análise, com os significados de tempo-aspecto-modo (sobretudo 'anterioridade' + 'retrospectividade'), expressos neste caso pelas formas compostas do verbo[8].

Facto digno de registo, visto não ocorrer com nenhuma das seis construções até agora estudadas, é a combinabilidade de <*ir* + gerúndio> com o imperativo. De facto, esta combinação só é possível (o que não acontece nunca com aquelas) porque o ponto/momento de partida (sempre não considerado) ou 'orientação a partir do aqui-agora-eu discursivo' se constitui como o traço semântico identificador da unidade lexical <ir>, que se mantém *abstractamente* na sua qualidade de auxiliar aspectual, como é o caso.

4.1.1.3 Da relação anterior resulta estarem efectivamente documentados o presente progressivogradativo (1.) em cinco PN, o pretérito progressivogradativo (2.) em quatro, o futuro progressivogradativo (3.) em três, o imperfeito progressivgradativo (4.) em duas, o mais-que-perfeito progressivogradativo (5.) numa, o futuro do pretérito (ou condicional) progressivogradativo (6.) em duas, o conjuntivo presente progressivogradativo (7.) em três, o conjuntivo imperfeito progressivogradativo (8.) em duas, o conjuntivo futuro progressivogradativo (9.) em três, o imperativo progressivogradativo (10.) em duas, o infinitivo progressivogradativo (11.), o infinitivo pessoal progressivogradativo (12.) em três, o presente composto progressivogradativo (15.) apenas numa, o imperfeito composto progressivogradativo (17.) em duas e o conjuntivo presente composto progressivogradativo (19.) só numa PN.

[8] Esta constatação-explicação é extensiva às demais construções de progressivogradativo, pois manifestam *mutatis mutandis* a mesma propriedade nas formas homónimas, ou seja, a sua baixa combinabilidade com os subparadigmas compostos. Excepção, se é que se pode assim falar, só mesmo o presente composto progressivogradativo (15.) de <*vir a* + infinitivo$_1$>.

4.1.1.4 Muito embora haja alguns subparadigmas bastante completos no que às pessoas-número diz respeito (presente progressivogradativo: cinco PN, pretérito progressivogradativo: quatro e os futuro progressivogradativo, conjuntivo presente progressivogradativo, conjuntivo futuro progressivogradativo e infinitivo pessoal progressivogradativo: três PN cada), não pode deixar de ser notado o número extraordinário de vezes que P3 e P6, conjuntamente consideradas, ocorre: segundo o *corpus*, são oitenta e nove contra dezassete (das restantes ou, mais precisamente: P1, P2 e P4)[9], e devido ao facto, como se tem repetidamente dito, de P3 e P6 não apresentarem quaisquer restrições de selecção quanto à natureza referencial do sujeito.

4.1.1.5 Como corolário da análise que se tem vindo a fazer de <*ir* + gerúndio>, pode dizer-se que se está na presença de um paradigma *idiossincrasicamente* completo e que não parece demonstrar uma preferência de combinação morfo-sintáctica especial: para além do presente progressivogradativo (1.) e do imperfeito progressivogradativo (4.), que se encontram ao mesmo nível de combinabilidade morfo-sintáctica das construções anteriores, sobretudo o pretérito progressivogradativo (2.) mas também o futuro progressivogradativo (3.), o conjuntivo presente progressivogradativo (7.), o conjuntivo imperfeito progressivogradativo (8.), etc. (só mesmo com excepção dos subparadigmas compostos) estão aí para infirmar qualquer combinação morfo-sintáctica preferencial.

4.1.2. Propriedades sintáctico-semânticas

4.1.2.1 De acordo com o *corpus* vii, <*ir* + gerúndio> ocupa, em termos proposicionais, uma posição mais ou menos intermédia entre as três primeiras construções (que se enquadram em três tipos e exibem seis e mais estruturas proposicio-

[9] Porque P5 não está documentada – o que não é de estranhar, uma vez que se trata da forma de PN de uso cada vez mais restringido a certos dialectos e/ou idiolectos e, também, a certas fórmulas do discurso eclesiástico.

nais, conforme se viu) e as três últimas (que se enquadram num único tipo ostentando também uma só estrutura), ou seja, enquadra-se, por sua vez e de facto, em dois tipos (um transversal a todas as construções: o declarativo; e um outro que aparece a sério pela primeira vez: o imperativo), combinando-se apenas com as formas afirmativa, activa ou passiva e neutra ou enfática, concretamente: declarativo/afirmativa-activa-neutra (noventa e duas vezes: estrutura presente, de novo, em mais de quatro quintos das ocorrências!), declarativo/afirmativa-activa-enfática (uma vez: 1.2), declarativo/afirmativa-passiva-neutra (catorze vezes: 1.7, 10, 13; 2.4, 5, 13 – primeira ocorrência –; 3.8, 9; 4.14, 15; 7.1; 9.4 – as duas ocorrências–; 11.5) e imperativo/afirmativa-activa-neutra (cinco vezes: 10.1 – as três ocorrências –, 2, 3).

A construção em análise não está documentada, portanto, nem com o optativo (o que é, aliás, habitual), nem com o exclamativo nem, ainda, com o interrogativo (que, pelo contrário, costumam aparecer de vez em quando). No que respeita a estes últimos, de modo algum se deve interpretar a sua ausência como sinónimo de agramaticalidade. Para além disso (é um facto deveras digno de registo porque partilhado por todas as construções de progressivogradativo), nenhum dos tipos aparece combinado com a forma proposicional negativa. E, julgo, não por ser de todo incompatível, mas por desvirtuar a essência do significado aspectual em epígrafe.

Excepto, como é natural, no imperativo progressivogradativo (10.), em mais nenhum dos restantes catorze subparadigmas que constituem o presente *corpus* faltam ocorrências que exibem, pode-se dizê-lo com toda a legitimidade, a estrutura proposicional por excelência (declarativo/afirmativa-activa-neutra), distribuída desta maneira: nalguns, exclusivamente; noutros, maioritária e/ou esmagadoramente. Estão, no primeiro caso, o mais-que-perfeito progressivogradativo (5.), o futuro do pretérito (ou condicional) progressivogradativo (6.), o conjuntivo imperfeito progressivogradativo (8.), o infinitivo pessoal progressivogradativo (12.), o presente composto progressivogradativo (15.), o imperfeito composto progressivogradativo (17.) e o conjuntivo presente composto progressivogradativo (19.) e, no segundo, o pre-

sente progressivogradativo (1.), o pretérito progressivogradativo (2.), o futuro progressivogradativo (3.), o imperfeito progressivogradativo (4.), o conjuntivo presente progressivogradativo (7.), o conjuntivo futuro progressivogradativo (9.) e o infinitivo progressivogradativo (11.). Não é, pois, difícil de verificar que esta discriminação tem ainda a vantagem de, por um lado, corroborar a prototipicidade da estrutura proposicional em causa e, por outro, assinalar a tendência monoproposicional de uns subparadigmas e pluriproposicional de outros, não se afastando assim do que até aqui se tem observado.

4.1.2.2 Em conformidade com o respectivo *corpus*, <*ir* + gerúndio> só não exibe ocorrências com sujeito nulo – o que não constitui, de qualquer modo, nenhuma prova da sua incompatibilidade (basta, por exemplo, cf. «Sempre ***vai havendo*** pessoas interessantes.» e «***la anoitecendo*** cada vez mais cedo.», que a derrogam completamente). Dos demais tipos, o 'animado e não-humano' é de ocorrência escassa (só uma: cf. 1.12) e os 'animado e humano' e 'inanimado', ao invés, de ocorrência abundante: o primeiro está representado sessenta e uma vezes e o segundo, quarenta e nove, e tanto um quanto o outro documentados em praticamente todos os subparadigmas (exceptuam-se só o presente composto progressivogradativo (15.), de ocorrência única, que aparece combinado com um sujeito de tipo 'inanimado', e o infinitivo pessoal progressivogradativo (12.), de ocorrência quádrupla, que aparece combinado com sujeitos de tipo 'animado e humano'). Trata-se, por conseguinte, de uma propriedade transversal, característica também desta construção (cf., pois, para sujeitos de tipo 'inanimado', 1.1, 2.3, 3.10, 4.15, 5.2, 6.1, 7.4, 8.7, 9.4 – primeira ocorrência –, 10.1, 11.5, 17.1, 19.1 e, para sujeitos de tipo 'animado e humano', 1.7, 2.12, 3.11, 4.9, 5.1, 6.3, 7.3, 8.5, 9.2, 10.2, 11.2, 17.3). Para além disso, ocorrem ainda duas situações *sui generis*: um sujeito 'híbrido', ou seja, 'inanimado' + 'animado e humano' (cf. 1.4 e 9.4 – segunda ocorrência) e um outro 'misto', isto é, 'animado e humano' + 'animado e não-humano' (cf. 2.8 e 4.8).

4.1.2.3 Os predicados verbais que ocorrem combinados com a construção em análise arrumam-se em sete configurações sintácticas, com predomínio notório das de tipo transitivo, à frente das quais se encontra – como logicamente se esperaria – a transitiva que selecciona um argumento interno com a relação gramatical de objecto directo, para além naturalmente de um argumento externo com a relação gramatical de sujeito. É que aquele (o OD), muitas vezes, corresponde a um argumento interno afectado ou efectuado (isto é: objecto cuja mudança de estado sofrida permite medir a evolução gradual do processo em direcção ao seu cumprimento), que é característico de um número considerável de predicados verbais de processo culminado, e estes (vamos vê-lo daqui a pouco)[10], por quadrarem especialmente bem em termos de compatibilidade aspectual, combinam-se de preferência com as construções de progressivogradativo ou vice-versa.

Conheçam-se, então, as configurações sintácticas em que <*ir* + gerúndio> aparece e respectiva representatividade: a transitiva (dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int./OD), já referida, situa-se algures entre a ocorrência esmagadora e a maioritária, e bem distribuída pelo paradigma (cf., entre outras, as ocorrências 1.3, 11; 2.2 – ambas as ocorrências –, 10; 3.3, 10; 4.3, 17; 5.1; 6.3; 7.5; 8.4; 9.1; 10.2; 11.6; 12.3; 17.2 e 19.1); de representação considerável/reduzida, mas de menor distribuição paradigmática (uma em nove e três em seis subparadigmas), estão as configurações inergativa (cf., por exemplo, 1.2, 2.15, 3.4, 4.5, 6.1, 8.3, 10.1 – as três ocorrências –, 11.4 e 17.1), inacusativa (cf., por exemplo, 1.1, 2.17, 4.12, 5.2, 9.6 e 15.1), transitiva (três lugares: um arg. ext./S + dois argumentos internos/OD e O) (cf., por exemplo, 1.13, 2.1, 4.7 – primeira ocorrência –, 7.4, 8.2 e 11.1) e transitiva (dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int./O) (cf., por exemplo, 1.12, 2.8, 4.9, 7.6, 8.5 e 9.5); e, por último, de ocorrência e distribuição paradigmática reduzidas (em apenas quatro subparadigmas), contam-se a ditransitiva (cf., por exemplo, 1.7, 3.2 – ambas as ocorrências –, 4.8 e 11.3) e a

[10] Cf., *infra*, secção 4.1.3.

copulativa (cf., por exemplo, 1.4, de núcleo adjectival; 2.4, de núcleo nominal; 3.7, de núcleo adverbial; e 4.13, também de núcleo adjectival).

4.1.2.4 O *corpus* fornece só uma ocorrência com <*haver* + particípio>, e igualmente no imperfeito composto perifrástico (aqui, evidentemente, no imperfeito composto progressivogradativo: cf. 17.2). Estes factos confirmam, por um lado, o carácter alternativo da construção a afectar apenas o 'tempo verbal' perifrástico em causa e, por outro, a sua ínfima frequência de ocorrência.

4.1.2.5 Volta a verificar-se aqui a preferência de combinação do infinitivo perifrástico com os auxiliares de modo: das seis ocorrências que compõem o subparadigma infinitivo progressivogradativo (11.), quatro são determinadas, precedendo-as, ou por <querer> (cf. 11.2), no presente, ou por <ter de > (cf. 11.3), também no presente, ou ainda por <poder> (cf. 11.4 e 5), no futuro do pretérito (ou condicional) e presente, respectivamente.

4.1.2.6 À semelhança de outras construções já estudadas, <*ir* + gerúndio> também admite a intercalação de categoriais vários entre o auxiliar e o auxiliado, sem que a unidade do sintagma verbal em questão resulte abalada: inserção de clíticos, com as relações gramaticais de sujeito (1.8: <se>), objecto directo (1.9: <te>) e objecto indirecto (2.9: <lhe>), e de adverbiais graduais (3.9: <gradualmente>, 5.1 e 17.2: <pouco a pouco> e 8.8: <a pouco e pouco>).

4.1.3. Propriedades semântico-lexicais

4.1.3.1 Dada a natureza significativa do progressivogradativo (evolução de uma situação ao longo do eixo temporal), só os predicados verbais (dinâmicos) durativos orientados para um ponto culminante é que podem, rigorosamente, combinar-se com a construção em análise. De facto, em contextos estritamente neutros, os predicados verbais de processo culminado com argumento interno geralmente afectado são os únicos capazes de preencher esse requisito. Para além dis-

so, a própria semântica do auxiliar <ir>, verbo de movimento orientado (implica, portanto, um limite), determina este tipo de combinatória: predicados verbais télicos ou intrinsecamente delimitados. Daqui resulta que os predicados verbais de processo (ou de actividade), de culminação e pontuais e, ainda, os estativos se combinem dificilmente com o sintagma verbal tido agora em consideração: os primeiros por carecerem do traço 'télico' (ou 'intrinsecamente delimitado'); os segundos, do traço 'durativo'; os terceiros, de ambos ('télico' e 'durativo'); e os últimos, exibindo apenas o traço 'durativo', por carecerem dos traços 'dinâmico' e 'télico'. Ora, a ocorrerem, ou é porque o contexto cria as condições necessárias à sua transformação – o que acontece com alguma frequência graças à acção de certos categoriais, sobretudo de adverbiais graduais – ou, não se tendo transformado mas permanecendo apesar disso compatíveis – o que também não é raro ocorrer –, é outro o significado aspectual expresso, resultante este da combinação de <*ir* + gerúndio> com o tipo accional do predicado verbal que funciona como auxiliado. Isto significa que o aspecto lexical (ou a accionalidade) interfere com o aspecto gramatical (concretamente, com o aspecto expresso perifrasticamente) ou, se se preferir, que este último não ocorre (ou não pode ocorrer) independentemente daquele. É, pois, evidente que este tipo de interferências tem implicações directas na (ou no processo de) gramaticalização da construção em causa.

Em termos de semântica aspectual, o *corpus* vii, para além de fornecer outras indicações, de que se destacam naturalmente as mais relevantes, corrobora em toda a sua extensão o que acabou de se afirmar – aliás, só foi possível fazê-lo à sua luz. Com efeito, basta convocar algumas ocorrências (cf., entre muitas outras possíveis, 1.1, 9 – todas –, 10 – ambas –; 2.1, 11; 3.3, 8, 11; 4.8, 16; 5.2; 6.2; 7.1, 5; 8.1, 5; 10.2; 11.1, 3, 6; 12.1, 4), para se verem confirmadas não só a preferência de combinação de <*ir* + gerúndio> por predicados verbais de processo culminado (quer por natureza, quer contextualmente transformados[11]) com argumento

[11] Por exemplo, <cantar>, em «Os pássaros *cantam* alegremente na Primavera.», é um predicado verbal de processo. Porém, na ocorrência 1.9, ao combinar-se com os argumentos internos <te> e <o

interno geralmente afectado (OD, predominantemente, mas também OI e O, nas configurações sintácticas transitivas em geral, e S, na inacusativa e na forma passiva das transitivas) como também, e sobretudo, o seu carácter semântico (durativos e télicos) possibilitar, em contextos de todo neutros, a actualização do significado aspectual em epígrafe.

É particularmente em contextos não-neutros que aparecem, para além ainda dos óbvios de processo culminado, saindo assim reforçada a expressão do progressivogradativo (cf., por exemplo, 2.2 – segunda ocorrência –, 3[12], 6, 9 – primeira ocorrência –, 13 – as duas primeiras ocorrências; 3.1, 9, 10; 4.2, 7 – primeira ocorrência –, 14; 5.1; 8.8; 11.2; 15.1; 17.2, 3 e 19.1), os demais tipos accionais de predicados verbais (no *corpus* estão claramente representados os de culminação, mas também os estativos), todavia já transformados, de molde a poder expressar-se o significado aspectual de que nos estamos ocupando: <aprender>, por exemplo, é um predicado verbal de culminação porém, em 1.2, porque combinado com o adverbial gradual <com o andar dos anos>, que lhe confere o traço 'durativo', e uma vez que já é intrinsecamente delimitado, passa a predicado verbal de processo culminado (com arg. int. implícito), tornando-se assim compatível com <*ir* + gerúndio> (cf. outros casos semelhantes em 2.2 – primeira ocorrência –, 6, 16; 4.3, 12; 9.1 e 12.2); <ser> é um predicado verbal estativo mas, em 3.7, pelo simples facto de fazer parte integrante da forma verbal perifrástica em causa, <ir> (verbo de movimento orientado, portanto dinâmico, durativo e télico), na sua qualidade de auxiliar, acaba por transmitir-lhe estes traços que, coadjuvados pelo adverbial gradual <cada vez menos>, o tornam faseável, passando assim a predicado

sol> (porque repetido), com a relação gramatical de ODs, que actuam como delimitadores, torna-se num predicado verbal de processo culminado, logo compatível com a construção de progressivogradativo em análise.

12 Trata-se de uma ocorrência em que se verifica que é o <se> reflexivo com verbos transitivos (mas também se passa o mesmo com ergativos) que desempenha o papel de argumento interno afectado. Sobre esta matéria, cf., por exemplo, Brianti (1992: 218).

verbal de processo culminado, logo compatível com o sintagma verbal em análise (cf. outros casos análogos em 1.4; 4.6, 7 – segunda ocorrência – e 13).

Por seu turno, quando o contexto não é suficiente para alterar o tipo accional do predicado verbal, e isto não for sinónimo de agramaticalidade, são observáveis duas situações distintas. Em primeiro lugar, <*ir* + gerúndio> só é compatível com predicados verbais pontuais e de culminação, que são télicos e de pontual e escassa duração, se o argumento interno (seja com a relação gramatical de sujeito, na configuração sintáctica inacusativa, seja com a de objecto directo ou outra, nas configurações sintácticas transitivas em geral) estiver obrigatoriamente no plural (ou apontar para um plural, como em 9.6 – ocorrência de um predicado pontual –, ou for um nome colectivo, como em «***Vai morrendo*** muita gente.», ou não-contável, como em «A água ***vai entrando*** pelo telhado.» – ambos predicados verbais de culminação), o requisito morfo-sintáctico(-semântico) imprescindível à sua gramaticalidade (no singular, e neste contexto, é de todo agramatical). Porém, como já se assinalou mas só agora se pode concretizar, o significado aspectual que sobressai é o reiterativo/iterativo, que é próprio de uma situação que se repete de modo indefinido e regular, propriedades que o fazem por isso desembocar no progressivo-gradativo – daí poder dizer-se que se trata de uma das suas modalidades de realização (as outras são a gradualidade e a mutabilidade)[13]. Portanto, o que está de facto marcado é o reiterativo, resultante, conforme se escreveu já, da combinação de <*ir* + gerúndio> com predicados verbais pontuais e de culminação, e que as ocorrências seguintes comprovam inteiramente: 1.12, <cair>, 3.4 e 10.1 (segunda ocorrência), <passar>, cujo argumento interno desempenha a relação gramatical de sujeito (predicados verbais pontuais) e 1.15, <morrer>, 2.15 e 4.18, <sair>, 9.2, <aparecer>, também com argumentos internos com a relação gramatical de sujeito, e 4.1, <dar à luz>, de argumento interno com a relação gramatical de objecto directo (predicados verbais de culminação). Ainda, com alguns predicados verbais dos tipos accionais acabados de reportar, mas apenas no imperfeito

[13] Sobre esta matéria, cf. Brianti (1992: 175 e 180-183).

progressivogradativo (4.), constata-se a expressão da iminência frustrada, no sentido de que uma situação 'quase' acontecia (cf., por exemplo, «***Iam***-me ***caindo*** os papéis.» e «A Rita ***ia-se afogando***.», predicados verbais pontual e de culminação, respectivamente).

A segunda das situações observáveis diz respeito à combinação com predicados verbais não-télicos (os de processo e os estativos), que é bem mais rara. Todavia, quando acontece, adquire, com os de processo, um significado incoativo, e, com os estativos, um significado continuativo, e exactamente por ambos serem, por um lado, durativos e, por outro, não segmentáveis em diferentes fases que permitem ver a evolução (cf. 8.3, <recuperar>, 4, <calar-se> e 10.1 – primeira ocorrência –, <cantar>, que ilustram a sua combinação com predicados verbais de processo, e 10.1 – terceira ocorrência –, <durar>, e 11.4, <viver>, que, por sua vez, a documentam com os estativos).

4.1.3.2 Os predicados verbais lexicalmente graduais são os que melhor quadram com a construção de progressivogradativo que se está a descrever, e isto simplesmente porque também são os que melhor dão conta da evolução de uma situação ao longo do eixo temporal. Por conseguinte, não é de estranhar que seja a tipologia lexical de predicados verbais que predomina no *corpus*. Eis alguns exemplos: <esboçar(-se)> (1.1), <revelar(-se)> (1.5), <estender> (1.6), <descer> (1.8), <erguer> (1.9), <abaganhar> (1.11), <aproximar-se> (2.1), <aperfeiçoar> (2.2), <ir> (2.8), <engrossar> (2.9), <desvendar> (2.11), <evoluir> (3.5 e 6.1), <acumular> (3.11 e 17.3), <andar> (4.9), <modificar> (5.1 e 19.1), <esgotar-se> (5.2), <encaminhar> (7.4), <gotejar> (7.6), <descobrir> (12.2), <crescer> (15.1) e <desfilar> (17.1). Para além disso, e nesta mesma linha de pensamento, verifica-se que os adverbiais graduais são também uma presença constante: <gradualmente> (1.8, 2.6, 3.9), <à medida que> (2.3, 17, 4.7, 9.1, 3, 4, 11.2), <cada vez mais> (2.13, 17, 3.1, 4.3, 6, 13), <cada vez menos> (3.7), <com o andar dos anos> (1.2), <com o tempo> (1.14), <pouco a pouco> (2.2, 9, 3.10, 4.12, 5.1, 17.2), <lenta mas progressivamente> (2.13), <aos poucos> (2.16), <ao longo do Inverno>

(3.5), <mais e mais> (3.6), <dia a dia> (4.14), <a pouco e pouco> (8.8, 12.2), <ao longo dos tempos> (15.1) e <ao longo dos séculos> (19.1). Trata-se, sem dúvida, de dois indícios (de natureza sintáctico-semântica, o último, e de natureza semântico-lexical, o primeiro) claros de que a gradualidade é a propriedade típica do progressivogradativo. Isto parece querer significar que a língua "se arranja" para dar conta, de modo inequívoco e preciso, dos complexos meandros da capacidade cognitiva humana.

4.1.3.3 Nota-se, por fim, um predomínio de verbos reflexos ou usados como tal, e muito provavelmente porque o <se> reflexivo funciona – porém não sempre – como argumento interno afectado do predicado verbal em causa. Ei-los, pois: <esboçar-se> (1.1), <tornar-se> (1.4, 4.6, 7), <revelar-se> (1.5), <aproximar-se> (2.1, 4.7), <agravar-se> (2.3), <desinteressar-se> (2.16), <acentuar-se> (3.1), <dar-se> (4.2), <esgotar-se> (5.2), <remediar-se> (6.2), <abastecer-se> (8.2), <calar-se> (8.4), <ordenar-se> (8.8), <passar-se> (9.6), <reduzir-se> (17.2), <acumular-se> (17.3) e <modificar-se> (19.1) – e, estou agora a reparar, são quase todos da primeira conjugação.

4.2. Formas verbais com <*vir* + gerúndio>

Corpus viii

1.1. «Não vem tudo isto de longe, de tão longe que a memória viva não atinge, mas que apesar disso ***vem dirigindo-se*** para cada um de nós através de séculos, desencontrados, de altos e baixos, como se quis ou como pôde ser? Não! Não somos um fruto qualquer, somos como qualquer outro fruto.»

[*NG*, p. 28]

1.2. «"Trata-se de uma reforma complexa e difícil, que já ***vem sendo tentada*** há mais de 10 anos, sendo esta a primeira vez que vejo uma proposta receber um consenso tão positivo", sublinhou o representante dos reitores.»

[*DM*, 1995/07/28]

1.3. «Portugal Século XX insere-se neste contexto, dando continuidade ao trabalho que, enquanto artista plástico, ***venho desenvolvendo*** e de que a série com o rosto de Amália é sobejamente conhecido.»

[*P*, 1995/12/03]

1.4. «Ainda há sol no alto das montanhas, e a noite ***vem subindo*** pelas vertentes como um óleo.»

[*Es*, p. 24]

1.5. «Os cépticos acerca da natureza humana, que são muitos e teimosos, ***vêm sustentando*** que se é certo que a ocasião nem sempre faz o ladrão, também é certo que o ajuda muito.»

[*EC*, p. 25]

1.6. «KNIPPERDOLLINCK

[...]. Ameaçados agora de fome, quando são já tantas as privações que ***vimos sofrendo***, deveríamos pedir auxílio aos nossos irmãos, onde quer que estejam.»

[*IND*, p. 120]

1.7. «Da Igreja da Misericórdia ***vem*** já ***saindo*** a procissão.»

[*CPó*, p. 73]

1.8. «Guardá-lo de quê, se ele não foge, Dos perigos de roubo, saque e perversidades várias, que esta gente de que ***vimos falando*** é de má casta, [...],»

[*LC*, p. 278]

1.9. «O cutelo desce outra vez. Os verdugos mostram ao povo as mãos cortadas a sangrar. Sem demora levam os pacientes para as forcas, enfiam-lhes os laços nos pescoços, accionam os alçapões e os dois corpos baloiçam no ar. A noite ***vem caindo***. A multidão começa a retirar-se horrorizada. Alguns permanecem ainda, à espera da carnificina final. Longos momentos até que a morte esteja assegurada.»

[*PS*, p. 198]

1.10. «A propósito, como se encontra o seu pai, Na mesma situação, senhor director, sofrer, não parece sofrer, mas para ali está a definhar, a extinguir-se, já leva dois meses naquele estado, e, visto o que ***vem acontecendo***, só terei de esperar a minha vez para que me estendam numa cama ao lado dele, Sabe-se lá, disse o director, e saiu.»

[*IM*, p. 97]

1.11. «[...], e aqui entraremos enfim no frio e objectivo exame que a situação da morte e do violoncelista ***vem requerendo***, [...]»

[*IM*, p. 167]

2.1. «No século XVIII também se lhe refere o frade antiquário Jerónimo Contador de Argote, que ***veio peregrinando*** em busca de saúde a terras de Entre-Douro-e-Minho.»

[*Ex*, 1994/09/17]

2.2. «*(O povo hesita. Alguns braços levantam-se timidamente, outros imitam-nos. Por fim, num movimento que* ***se veio acelerando****, todos os braços aparecem levantados.)*»

[*IND*, p. 123]

2.3. «E não me digas outra vez que a adolescência passou. Cresci tudo para lá dela mas tu não mudaste no eterno de ti. Ou mudaste na intensidade do que

veio vindo contigo até a esta hora final. Mas nem sempre te mereço, não será?»

[*CS*, pp. 110-111]

2.4. «Senti-me objeto dos cuidados de ambos. Rita chegou pouco depois de mim; ***vieram vindo*** outros homens e senhoras, todos de mim conhecidos, e vi que eram familiares de casa.»

[*MA*, p. 25]

2.5. «Comigo, sim, logo que eles me deixaram, ***vim pensando*** no Tristão, que é também rico, que ama deveras a viúva, é amado por ela, e acabará casando.»

[*MA*, p. 140]

2.6. «Ora, não sendo Daniel Santa-Clara, pelo que dele ***viemos conhecendo*** até agora, um delinquente, [...]»

[*HD*, p. 116]

4.1. «Até que viu surgir entre os pinheiros um vulto muito alto que ***vinha caminhando*** ao seu encontro.

"Será um ladrão?", pensou.»

[*NN*, p. 31]

4.2. «Só se viam as ondas que ***vinham crescendo*** do longe até quebrarem na areia com um barulho de palmas.»

[*MM*, p. 5]

4.3. «Por consequência, o dr. Artur tomou as devidas precauções: "Suspendi tudo, tudo quanto cheira a publicidade... Até fiz uma circular que funcionasse como resposta à avalanche das cartas que ***vinham chegando***... [...]".»

[*P*, 1995/07/12]

4.4. «De qualquer modo, a crónica, que está a ser escrita sobre a areia e sob um sol que loucamente estala no branco do papel – quase me cegando, não houvesse o filtro dos óculos escuros –, foge ao assunto político que as suas antecessoras com alguma obsessão ***vinham abordando***.»

[*JN*, 1995/07/28]

4.5. «Lembrou ainda que António Guterres ***vinha desenvolvendo***, desde 1993, esforços no sentido de resolver aquele grave problema.»

[*P*, 1996/01/07]

4.6. «Quando escrevi há dias (duas ou três vezes) que "a moça Fidélia foge a alguma cousa, se não foge a si mesma", tinha em mira o afastamento em que ela ***vinha estando*** da casa da amiga.»

[*MA*, p. 126]

4.7. «Quatro anos depois, Sintra vê alguns sonhos cumpridos – o saneamento básico, por exemplo, chegou a aldeias a quem a promessa ***vinha sendo feita*** há mais de dez anos –, algumas desilusões confirmadas [...].»

[*V* 229 (1997/08/07 a 13), p. 29]

4.8. «A sua casa era a menos pobre do Pátio dos Lírios e os seus notáveis conhecimentos da língua portuguesa, como depressa apurei, ***vinham sendo ministrados*** pelas freiras do colégio infantil de Santa Rosa de Lima.»

[*Putos*, p. 223]

4.9. «Ultimamente, porém, *O Século* ***vinha resvalando*** claramente para o campo republicano, embora muito longe do tom panfletário de *A Luta* ou *A Vanguarda*, com os seus insultos diários à família e à instituição real.»

[*Eq*, p. 81]

4.10. «Habituados até agora, tal como os seus queixosos parceiros da injecção intravenosa e da coroa de flores com fita roxa, à segurança resultante da contínua e imparável rotação de vidas e mortes, umas que ***vinham entrando***, outras que iam saindo, os lares da terceira e quarta idades não queriam nem pensar num futuro de trabalho em que os objectos dos seus cuidados não mudariam nunca de cara e de corpo, [...]»

[*IM*, p. 32]

5.1. «[...], essa deve de ser a razão por que Cipriano Algor não teve tempo para dizer à mulher tudo quanto ***viera pensando***, [...].»

[*C*, p. 46]

6.1. «Ao demais, – e é o principal, – isso ***viria dando*** ao meu papel aspeto menos grave do que convinha.»

[*MA*, p. 130]

7.1. «E lamenta que o transporte em caminho de ferro "***venha ficando*** cada vez mais limitado às grandes distâncias, ou privilegiando-as, pelo menos."»

[*P*, 1995/07/16]

7.2. «A tal cara pertence a um chinezito mais ou menos abandonado, mais ou menos nu, que talvez só à custa de ladinos expedientes ***venha sobrevivendo*** neste mundo.»

[*Putos*, p. 207]

7.3. «Não poderá, evidentemente, ir postar-se à porta do prédio onde ela vive e perguntar a cada mulher que ***venha entrando*** ou ***saindo***, É você a Maria da Paz, [...]»

[*HD*, p. 251]

8.1. «O gracejo levava muitos anos de uso, é mesmo de supor que ***viesse passando*** de geração em geração de oftalmologistas, mas o efeito repetia-se de cada vez, »

[*EC*, pp. 30-31]

8.2. «Semelhante ao rebordo de uma abóbada luminosa que ***viesse empurrando*** a escura cúpula da noite, a fronteira da manhã movia-se devagar para ocidente.»

[*C*, p. 201]

9.1. «Duvido que venham a cumprir sempre a promessa, Então será preciso racionar os alimentos que ***vierem chegando***, disse uma voz de mulher,»
[*EC*, p. 96]

10.1. «Por favor, ajudem-me, digam-me por onde devo ir, ***Vem andando***, ceguinho, ***vem andando***, disse de lá um soldado em tom falsamente amigável,»
[*EC*, p. 106]

12.1. «À vista dos muros da cidade deixei-me ficar para trás e, quando senti mais perto os dois cavaleiros que após nós vinham, parei como a descansar à sombra de uma árvore. [...]. Intrigado, recomecei a caminhar rijo e logo atrás de mim senti ***virem cavalgando***. Que quereria aquilo dizer?»
[*CPó*, pp. 290-291]

12.2. «E João Mau-Tempo, que não pode ter-se nas pernas, que sente os pés ***virem caindo*** de degrau em degrau como se lhe não pertencessem, responde, Se quiserem matar-me, matem-me, mas eu não tenho nada a contar.»
[*LC*, p. 251]

12.3. «A este mar do latifúndio chegam ressacas, pancadas, empurrões das águas, e quanto às vezes basta para derrubar um muro, ou simplesmente saltá-lo, como em Peniche soubemos que aconteceu, por aqui se vê como sentido tem ***virmos*** nós ***falando*** de mar, que Peniche é porto de pescadores, e forte prisional, mas fugiram, [...],»
[*LC*, p. 320]

4.2.1. Propriedades morfo-sintácticas

4.2.1.1 O *corpus* viii, morfo-sintacticamente, mostra existirem as seguintes compatibilidades de <*vir* + gerúndio>: com o presente (1.) nas P1 (3), P3 (1, 2, 4, 7, 9, 10 e 11), P4 (6 e 8) e P6 (5); o pretérito (2.) nas P1 (5), P3 (1, 2 e 3), P4 (6) e P6 (4); o imperfeito (4.) nas P3 (1, 5, 6, 7 e 9) e P6 (2, 3, 4, 8 e 10); o mais-que-perfeito (5.): uma ocorrência, de P3;[14] o futuro do pretérito (ou condicional) (6.): também uma ocorrência, e de P3; o conjuntivo presente (7.): três ocorrências de P3; o conjuntivo imperfeito (8.): duas ocorrências de P3; o conjuntivo futuro (9.):

[14] Cf. nota 6.

uma ocorrência de P6; o imperativo (10.): uma ocorrência (repetida) de P2; e com o infinitivo pessoal (12.) nas P4 (3) e P6 (1 e 2).

4.2.1.2 Por sua vez, <*vir* + gerúndio> é das três construções de progressivogradativo aquela que ocupa a posição intermédia em termos de documentação efectiva (em todo o caso, só mais um subparadigma que <*vir a* + infinitivo$_1$>, como se verá mais abaixo), ou seja, dez subparadigmas com registos e catorze sem: um pouco mais de um terço, portanto. As "catorze ausências"[15] explicam-se assim: a sua não combinação com o futuro (3.) e o infinitivo (11.) deve-se simplesmente ao facto de não terem sido encontrados quaisquer registos; a não combinação com o gerúndio (13.) e também com o particípio (14.) justifica-se tal qual os subparadigmas homónimos de <*ir* + gerúndio> (em síntese: por uma questão eufónica e por só aparecer combinado com os auxiliares constituintes dos subparadigmas compostos, respectivamente); as restantes dez ausências (todos os subparadigmas compostos) têm uma explicação *sui generis*, a saber: porque a forma de particípio de <vir> é igual à de gerúndio (<vindo>, na ocorrência), duas formas em <-ndo> imediatamente seguidas, isto é, contíguas, não são assim tão musicais, pelo menos na variante europeia do português[16] que, muito provavelmente por essa razão, desenvolveu uma outra: em rigor, substituiu a segunda forma em <-ndo> por <*a* + infinitivo>.[17] Por isso, as formas compostas de <*vir a* + infinitivo$_1$> funcionam como subparadigmas supletivos do paradigma agora em análise (<*vir* + gerúndio>). Por seu turno, as formas simples daquela mesma construção, é minha convicção,

---

15 Coloco *catorze ausências* entre aspas ("catorze ausências") porque, muito provavelmente, só são nove. Atente-se no que vai dizer-se no corpo do texto a propósito desta construção e também de <*vir a* + infinitivo$_1$>.

16 Cf., por exemplo, do *corpus* ix, 15.4 «Os soldados indonésios *têm vindo a "apurar"* as tácticas [...].», que parece soar mais harmonicamente que a variante «Os soldados indonésios *têm vindo "apurando"* as tácticas [...].».

17 Aliás, este fenómeno está fortemente sustentado pelo que se passa nesta variante: as construções perifrásticas constituídas por <auxiliar + preposição + infinitivo> são de longe as mais frequentes e preferidas, como se pôde já testemunhar (cf. <*estar a* + infinitivo> e <*andar a* + infinitivo >, por exemplo).

constituíram-se por analogia com aquelas outras dando, assim, origem ao sintagma verbal <*vir a* + infinitivo$_1$>, que é, sobretudo morfo-sintáctica e semanticamente, bem distinto do homónimo <*vir a* + infinitivo$_2$>[18]. Tanto estas últimas – como é natural – como aquelas – porque apresentam a mesma estrutura formal das anteriores (<auxiliar + preposição + infinitivo>) – constituem o *corpus* ix, o que tem a função de documentar as compatibilidades morfo-sintáctico-semântico-lexicais de <*vir a* + infinitivo$_1$>.

À semelhança de <*ir* + gerúndio>, conforme se viu já, merece igualmente destaque a sua combinabilidade com o imperativo. Aliás, são as únicas construções de progressivo *tout court*, de entre as nove que partilham este traço, que se combinam com aquela forma flexional. As restantes sete rejeitam, em uníssono, tal combinação morfo-sintáctica – o que leva, consequentemente, à constituição de dois grupos de construções de progressivo: as que não admitem o imperativo (maioritário) e as que o admitem (minoritário). Deste facto decorre ser a incompatibilidade com o imperativo a propriedade morfo-sintáctica mais relevante no que concerne à identificação deste grupo de construções. Não nos esqueçamos, todavia, que se estava a dizer que <*vir* + gerúndio> é compatível com o imperativo, e isto porque, também à semelhança (mas inversamente) de <*ir* + gerúndio>, o ponto/momento de chegada (sempre não considerado) ou 'orientação até ao aqui-agora-eu discursivo' se constitui como o traço semântico identificador da unidade lexical <vir>, que permanece *abstractamente* na sua qualidade de auxiliar aspectual, como acontece aqui. Em todo o caso, deve assinalar-se que se trata de uma compatibilidade muito especial: ao inverso de <*ir* + gerúndio> combinado morfo-sintacticamente com o imperativo, que aparentemente não apresenta restrições de selecção lexical, <*vir* + gerúndio>, na mesma combinação morfo-sintáctica, só é compatível com verbos de movimento sem orientação definida (cf., por exemplo, 10.1 «*Vem andando*!») e, de modo parti-

[18] Trata-se de uma construção de terminativo que será estudada num capítulo dedicado às formas verbais perifrásticas desta natureza significativa, e que fará parte do vol. II de *Para uma gramática do aspecto no verbo português* (cf. nota 3 à Introdução).

cular, com verbos de movimento orientado para o locutor («*Vem vindo*!», por exemplo), nunca com verbos de movimento orientado a partir do locutor (*«*Vem indo*!») nem com outros tipos de verbos (por exemplo, *«*Vem estudando*!», *«*Vem comendo* a sopa!», *«*Vem dormindo*!», etc.).

4.2.1.3 Pode-se concluir, portanto, que estão de facto documentados o presente progressivogradativo (1.) em quatro PN, o pretérito progressivogradativo (2.) também em quatro, o imperfeito progressivogradativo (4.) em duas, o mais-que-perfeito progressivogradativo (5.), o futuro do pretérito (ou condicional) progressivogradativo (6.), o conjuntivo presente progressivogradativo (7.), o conjuntivo imperfeito progressivogradativo (8.), o conjuntivo futuro progressivogradativo (9.) e o imperativo progressivogradativo (10.): todos numa e, por fim, o infinitivo pessoal progressivogradativo (12.) em duas PN.

4.2.1.4 <*Vir* + gerúndio> também não constitui excepção no que à combinabilidade pessoo-numeral diz respeito. Aliás, confirma a tendência já assinalada em todas as construções estudadas, ou seja, o predomínio de P3 e P6, e sempre pela mesma razão: a sua independência em relação à natureza referencial do sujeito. Com efeito, dos dez subparadigmas efectivamente documentados, só mesmo a sua combinação com o imperativo, tal como lhe é próprio, é que não ocorre em nenhuma daquelas pessoas-número (que, a ocorrer, não passariam de empréstimos tomados do subparadigma conjuntivo presente progressivogradativo). Os demais ou se combinam com P3 e P6, ou só com P3 ou apenas com P6, para além evidentemente da combinação com outras PN, que ocorrem sempre, não obstante numa percentagem muito reduzida: seis ocorrências (de P1 e P4) contra trinta e duas (de P3 e P6). A distância é, uma vez mais, abissal.

4.2.1.5 Dizer que se está diante de um paradigma incompleto, praticamente completo ou, até (à semelhança de <*ir* + gerúndio>), *idiossincrasicamente* comple-

to, só depende da inclinação interpretativa para as sugestões apresentadas mais acima, respectivamente: considerar o paradigma sem subparadigmas compostos, considerá-lo com subparadigmas compostos supletivamente construídos por <*vir a* + infinitivo$_1$> ou considerá-lo simbioticamente. De qualquer maneira, isto não contribui para a combinação morfo-sintáctica preferencial da construção sob escopo. <*Vir* + gerúndio> manifesta, por um lado, a tendência geral das construções anteriores – daí aparecer no presente progressivogradativo (1.) e também no imperfeito progressivogradativo (4.) – e, por outro, de modo particular, a de <*ir* + gerúndio> (mais uma propriedade, para além da combinabilidade com o imperativo, que aproxima ambas as estruturas): com excepção do futuro progressivogradativo (3.), para o qual não se encontrou qualquer registo, aparece igualmente no pretérito progressivogradativo (2.), conjuntivo presente progressivogradativo (7.), conjuntivo imperfeito progressivogradativo (8.), etc. No fundo, e tal como <*ir* + gerúndio>, constata-se não existir uma preferência de combinação morfo-sintáctica a clamar destaque.

4.2.2. Propriedades sintáctico-semânticas

4.2.2.1 Em termos proposicionais, o *corpus* viii documenta a ocorrência de <*vir* + gerúndio> com os tipos interrogativo, declarativo e imperativo, combinados com as formas afirmativa, activa ou passiva e neutra. Todavia, dada a concomitância dos tipos e das formas, são estas, mais precisamente, as estruturas proposicionais documentadas de facto: interrogativo/afirmativa-activa-neutra (uma vez: 1.1), declarativo/afirmativa-passiva-neutra (três vezes: 1.2; 4.7, 8), declarativo/afirmativa-activa-neutra (trinta e cinco vezes: quase seis sétimos!) e imperativo/afirmativa-activa-neutra (uma vez: 10.1).

Apesar de exibir mais um tipo proposicional (o interrogativo) que a construção precedente, nenhum (nem mesmo este último) aparece combinado com a forma negativa (propriedade que as aproxima, conforme se escreveu atrás aquando do tratamento de <*ir* + gerúndio>). Verifica-se, para além disso, que não se afasta

nada da tendência geral no que à presença esmagadora da estrutura proposicional declarativo/afirmativa-activa-neutra diz respeito. Isto quer exactamente significar que, em nove dos dez (exclui-se, como é lógico, o imperativo progressivogradativo (10.)) subparadigmas que constituem o *corpus* em análise, é ou a única estrutura ou a largamente dominante nas ocorrências que os compõem. Incluem-se na primeira situação o pretérito progressivogradativo (2.), o mais-que-perfeito progressivogradativo (5.), o futuro do pretérito (ou condicional) progressivogradativo (6.), o conjuntivo presente progressivogradativo (7.), o conjuntivo imperfeito progressivogradativo (8.), o conjuntivo futuro progressivogradativo (9.) e o infinitivo pessoal progressivogradativo (12.) e, na segunda, o presente progressivogradativo (1.) e o imperfeito progressivogradativo (4.). É evidente que desta inventariação resultam igualmente claras a natureza prototípica da estrutura proposicional referida imediatamente acima e a tendência monoproposicional ou pluriproposicional de certos subparadigmas.

4.2.2.2 Não sei se radica na natureza do seu semantismo, mas o que é facto é que as construções de progressivogradativo com o auxiliar <vir> se distanciam consideravelmente da da com <ir>, no que à coocorrência com os tipos de sujeito diz respeito. Como se viu, <*ir* + gerúndio> combina-se abundantemente, quer com sujeitos de tipo 'animado e humano' quer com os de tipo 'inanimado', com predomínio em todo o caso dos do primeiro tipo. Com <*vir* + gerúndio> e <*vir a* + infinitivo1>, como se verá neste seguimento, apesar de não derrogarem aquela combinatória – antes a confirmam, e de modo nítido –, o predomínio vai, inversamente, para os sujeitos de tipo 'inanimado'.

Assim, e quanto à construção agora sob análise, o *corpus* só documenta a sua combinação, maioritária, com sujeitos de tipo 'inanimado' (cf., distribuídas mais ou menos equitativamente pelo paradigma, as ocorrências 1.1, 9; 2.2; 4.3, 10; 6.1; 7.1; 8.2; 9.1 e 12.2) e, largamente considerável, com os de tipo 'animado e humano' (cf., também distribuídas do mesmo modo pelo paradigma, as ocorrências 1.3, 8; 2.1, 6; 4.6; 5.1; 7.3; 10.1 e 12.3). Não há registos com sujeito nulo

nem com sujeitos de tipo 'animado e não-humano'. Isto, porém, não é sinónimo de incompatibilidade. Como prova de que assim é, basta atentar, respectivamente, em «***Vem chovendo*** com intensidade ultimamente» e «O avicultor disse que os frangos ***vinham comendo*** cada vez mais rações.».

4.2.2.3 Não deixa de ser curioso constatar que <*vir* + gerúndio> ostenta o mesmo número e exactamente as mesmas configurações sintácticas da construção precedente (<*ir* + gerúndio>), não obstante a diferença abissal entre os *corpora* que as documentam: trinta e nove contra cento e doze ocorrências, distribuídas por dez e quinze subparadigmas, respectivamente. Estou em crer que aquela coincidência só quer significar que a natureza accional dos predicados verbais que se combinam com ambas as construções é que é a responsável por isso, mais precisamente: já que é o progressivogradativo o que está em causa, então são também certos predicados verbais os que têm que ocorrer preferencialmente, exibindo de igual modo as mesmas configurações sintácticas (implicação mútua semântica-sintaxe). É, por conseguinte, para esta interpretação que eu me inclino: não se trata de uma mera coincidência mas, antes e tão-somente, de uma orquestração-manifestação linguística ao serviço da cognição humana.[19]

Discriminemo-las, agora, com indicação simultânea da respectiva frequência de ocorrência. Em primeiro lugar, como é natural, surge a configuração transitiva (dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int./OD), que ocorre doze vezes (cf., por exemplo, 1.2, 5; 2.6; 4.5, 8; 5.1 e 8.2); a seguir, com dez ocorrências, está a inacusativa (cf., por exemplo, 1.9, 4.2, 7.3 – ambas as ocorrências –, 9.1 e 12.2); depois, com sete, vem a transitiva (dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int./O)

[19] Se se convocar a situação de <*vir a* + infinitivo$_1$>, quer se considere como construção supletiva de <*vir* + gerúndio> quer como construção autónoma (cf. secção 4.4), o que aqui se afirma permanece inalterável: é que as configurações sintácticas em que se integram os predicados verbais que se combinam de preferência com a construção em epígrafe, apesar de em menor número, são comuns tanto a <*vir* + gerúndio> quanto a <*ir* + gerúndio>. Trata-se, por conseguinte, de mais um argumento – e forte – em abono da interpretação aqui avançada.

(cf., por exemplo, 1.4, 2.3, 4.9, 8.1 e 12.3); em quarto lugar, com seis, encontra-se a configuração inergativa (cf., por exemplo, 2.1, 4.1, 7.2, 10.1 – repetida – e 12.1); em penúltimo lugar, *ex aequo* (com duas), estão a transitiva (três lugares: um arg. ext./S + dois argumentos internos/OD e O) (cf. 1.1 e 11) e a copulativa (cf. 4.6, de núcleo preposicional, e 7.1, de núcleo adjectival); e, em último lugar, com apenas uma ocorrência, a ditransitiva (cf. 6.1).

4.2.2.4 Por fim, <*vir* + gerúndio> também admite, como a quase generalidade das construções até agora estudadas, a inserção de certos categoriais: na ocorrência, de um adverbial temporal (<já>: 1.7) e de um pronome pessoal de P4, com a relação gramatical de sujeito (<nós>: 12.3).

4.2.3. Propriedades semântico-lexicais

4.2.3.1 Sendo <vir> igualmente um verbo de movimento orientado (inverso ao de <ir> mas implicando também um limite, situado algures na área em que se encontra o locutor), traço que não perde na sua qualidade de auxiliar, é pois de todo natural que <*vir* + gerúndio> se combine preferencialmente com predicados verbais durativos orientados para um ponto culminante, sejam estes assim já por natureza ou então por transformação contextual. Aliás, em contextos completamente neutros, os predicados verbais de processo culminado com argumento interno geralmente afectado são os únicos (por serem durativos e télicos) que estão à altura de poder desempenhar esse desiderato, ou seja, o de expressarem o progressivogradativo. Estão nesta situação as ocorrências 1.3, 5, 2.2, 3, 4.4, 8, 6.1 e 8.2, por exemplo. Isto significa que as restantes tipologias accionais de predicados verbais só muito dificilmente é que se combinam com a construção em epígrafe, à semelhança aliás do que acontece com <*ir* + gerúndio>, e exactamente pelas mesmas razões, sinopticamente: porque os predicados verbais de processo carecem do traço 'télico'; os de culminação, do traço 'durativo'; os pontuais, de ambos; e os estativos, dos traços 'dinâmico' e 'télico'; e também, como ali, ou há trans-

formação, de forma a possibilitar a ocorrência do progressivogradativo, ou é outro o significado aspectual expresso.

Passemos ao *corpus* viii, que documenta e ilustra, de forma inequívoca, não só o que acabou de se afirmar como ainda outros aspectos afins. Antes de mais nada, deve sublinhar-se que os quatro tipos accionais de predicados verbais só em contextos não-neutros é que podem, após transformação, expressar o progressivogradativo. Assim, para além ainda da natural ocorrência de predicados verbais de processo culminado, reforçando-se desta maneira o progressivogradativo (cf. 1.1, 2, 4.5, 7), registam-se as seguintes situações: <sofrer> é um predicado verbal de processo mas, em 1.6, por se encontrar combinado com um argumento interno no plural (o que possibilita a construção), com a relação gramatical de OD, delimitador, passa a predicado verbal de processo culminado, tornando-se assim compatível com <*vir* + gerúndio> (outros casos análogos: cf. 1.8, 2.5, 4.9, 5.1 e 12.3); <sair> é um predicado verbal de culminação e <cair> pontual, contudo, em 1.7 e 1.9, respectivamente, porque os argumentos internos, com a relação gramatical de sujeito, são dois nomes cuja natureza semântica implica uma certa duração (na ocorrência, <procissão> e <noite>, também respectivamente), adquirem contextualmente o traço 'durativo' que, juntando-se assim ao intrinsecamente 'télico', desencadeia a sua passagem a predicados verbais de processo culminado, logo compatíveis com a construção em causa; <conhecer> é um predicado verbal estativo, porém, em 2.6, porque combinado com o adverbial temporal delimitador <até agora>, que lhe confere o traço 'télico', e coadjuvado pelo traço 'dinâmico' que o próprio auxiliar lhe atribui, tornando-o faseável, passa a predicado verbal de processo culminado, por conseguinte compatível com a construção em análise (casos semelhantes: cf. 1.11 e 7.1).

Nos contextos neutros ou simplesmente insuficientes para modificar o tipo accional de predicado verbal, e desde que isto não implique agramaticalidade, verifica-se a ocorrência de outros significados aspectuais, que resultam precisamente da combinação de <*vir* + gerúndio> com o tipo accional do predicado verbal que funciona como auxiliado, conforme se tem vindo a sublinhar. Assim, a construção

sob escopo só é compatível com predicados verbais pontuais e de culminação (ambos télicos e de duração, respectivamente, reduzida a um ponto e escassa) se o argumento interno (seja qual for a sua relação gramatical) ocorrer, à semelhança de <*ir* + gerúndio>, obrigatoriamente no plural (ou apontar para um plural ou, ainda, se for um nome não-contável) acarretando, consequentemente, a expressão do reiterativo/iterativo. Encontram-se nesta situação as ocorrências 1.10, <acontecer>, 12.1, <cair> (predicados verbais pontuais), 4.3 e 9.1, <chegar>, 4.10 e 7.3 – primeira ocorrência –, <entrar>, e 7.3 – segunda ocorrência –, <sair>[20] (predicados verbais de culminação). Por seu turno, a sua combinação (de baixa frequência, em todo o caso) com predicados verbais de processo ocasiona a expressão do incoativo (cf. as ocorrências 2.1, <peregrinar>, e 10.1, <andar>) e com estativos, a do durativo (cf. as ocorrências 4.6, <estar>, e 7.2, <sobreviver>), e isto – tal como <*ir* + gerúndio> – por serem durativos e ao mesmo tempo não segmentáveis em diferentes fases que permitem ver a evolução.

4.2.3.2 Obviamente que os predicados verbais lexicalmente graduais são os aliados fortes (estão sempre presentes) de <*vir* + gerúndio>, tal qual como com <*ir* + gerúndio> e exactamente pelas mesmas razões: são os que melhor dão conta da evolução de uma situação ao longo do eixo temporal. Ei-los, pois: <dirigir-se> (1.1), <desenvolver> (1.3 e 4.5), <subir> (1.4), <acelerar(-se)> (2.2), <vir> (2.3, 4), <caminhar> (4.1), <crescer> (4.2), <andar> (10.1) e <cavalgar> (12.1).

Os adverbiais graduais (uma presença constante com <*ir* + gerúndio>) estão menos representados: <através de séculos> (1.1) e <cada vez mais> (7.1). Contudo, compensando parcialmente essa quebra, está documentada outra subespécie: os adverbiais temporais que indiciam gradualidade, iteratividade ou até mutabilidade (as três modalidades de realização do progressivogradativo, de que já se falou),

[20] As ocorrências de 7.3 só são possíveis (isto é, gramaticais) graças à presença do categorial indefinido com função distributiva <cada...>.

a saber: <há mais de 10 anos> (1.2 e 4.7), <até agora> (2.6), <desde 1993> (4.5) e <ultimamente> (4.9).

4.2.3.3 Por fim, muito provavelmente por se coadunar não só com a natureza significativa do progressivogradativo mas também com a do auxiliar <vir>, deve registar-se que <*vir* + gerúndio> se usa de preferência com verbos de movimento, tanto no sentido próprio quanto no figurado, concretamente: <dirigir-se> (1.1), <subir> (1.4), <sair> (1.7 e 7.3 – segunda ocorrência), <cair> (1.9 e 12.2), <peregrinar> (2.1), <vir> (2.3, 4), <caminhar> (4.1), <chegar> (4.3 e 9.1), <entrar> (4.10 e 7.3 – primeira ocorrência), <passar> (8.1), <empurrar> (8.2), <andar> (10.1) e <cavalgar> (12.1).

4.3. Formas verbais com <*vir a* + infinitivo$_1$>

***Corpus* ix**

1.1. «Este é um trabalho que os astrónomos já ***vêm a desenvolver*** há algum tempo, mas que ainda é muito limitado.»

[*Ex*, 1996/10/12]

2.1. «Mas o assunto continua a ser polémico. Se as empresas defendem que precisam de deter exclusividade de exploração dos genes e dos tratamentos que ***vieram a desenvolver*** para terem lucro, outros investigadores afirmam que o desenvolvimento de novos medicamentos pode ser travado pelas patentes.»

[*P*, 2000/06/26]

4.1. «Salazar pressente que manuseia um assunto explosivo. Por um lado, teme que os "rojos", instalados no comando em Madrid, deitem por terra o paciente esforço que ***vinha a desenvolver*** laboriosamente desde que resolveu cavalgar o 28 de Maio. Por outro, receava, em nome da manutenção das colónias africanas e da independência de Portugal, os ânimos mais exaltados das "derechas", onde campeavam teorias radicais preconizando o federalismo ibérico.»

[*Ex*, 1996/07/20]

4.2. «Sentindo o tom censório, pus-me a choramingar: que há anos ***vinha a sofrer*** em silêncio dúvidas terríveis, que no fundo era uma vítima, que a culpa não era minha.»

[*VP*, pp. 159-160]

4.3. «[...]. Para terça-feira, o Instituto Nacional de Metereologia e Geofísica prevê que o tipo de precipitação que ***se vinha a verificar*** passará a regime de aguaceiros fracos e que as temperaturas terão uma pequena descida.»

[*JN*, 1993/04/11]

7.1. «Agora, o que digo também é que se a Europa não conseguir resolver os problemas que mais preocupam os europeus, como, por exemplo, o desemprego – e hoje temos países com 22 por cento de desemprego, como é o caso da Espanha –, será muito difícil suscitar uma adesão entusiástica das pessoas ao Tratado de Maastricht. Daí que eu ***venha a insistir*** muito para que a Europa Comunitária aceite fazer uma intervenção mais activa e coordenada para combater a crise, embora isso possa custar a alguns em termos de ortodoxia orçamental.»

[*Ex*, 1993/05/22]

15.1. «Eu sempre me bati pela autonomia da sociedade civil de que ***tenho vindo a falar*** nesta nossa conversa.»

[*P*, 1994/01/23]

15.2. «Essa promessa – disse – ***tem vindo a ser conseguida***, nomeadamente através das lojas já abertas em Alfragide, Matosinhos, Gaia, Palmela, Algarve e Coimbra.»

[*DM*, 1996/02/08]

15.3. «[...], questão de adoçar-lhe a boca, que do carácter dela já temos suficiente notícia, e isto sem falar do que o cão das lágrimas também ***tem vindo a comer***, [...].»

[*EC*, p. 247]

15.4. «Os soldados indonésios ***têm vindo a "apurar"*** as tácticas de tortura de coacção sob o povo maubere. Segundo o relato de um jornalista britânico, em certas "cerimónias" improvisadas, o exército de Suharto obriga os timorenses a beber... o próprio sangue.»

[*CP*, 1993/01/20]

15.5. «Embora a palavra crise não seja certamente a mais apropriada para caracterizar os singularíssimos sucessos que ***temos vindo a narrar***, porquanto seria absurdo, incongruente e atentatório da lógica mais ordinária falar-se de crise numa situação existencial justamente privilegiada pela ausência da morte, compreende-se que alguns cidadãos, zelosos do seu direito a uma informação veraz, andem a perguntar-se a si mesmos, e uns aos outros, que diabo se passa com o governo, que até agora não deu o menor sinal de vida.»

[*IM*, pp. 17-18]

15.6. «Goddio, que se encontra presentemente nas Filipinas a pedido do Governo local para salvar uma embarcação que ***tem vindo a ser pilhada***, tenciona mostrar ao mundo grande parte dos seus achados.»

[*Ex*, 2001/08/04]

15.7. «Você leu os outros livros e sabe que o meu estilo ***se tem vindo a depurar***. Mais ainda neste.»

[*POP*, p. 23]

15.8. «[...], por outro lado, como por de mais o sabemos, em contradição radical e inconciliável com decisões e pensamentos que, ao longo destas páginas, o mesmo Cipriano Algor ***tem vindo a tomar*** e ***a produzir*** em relação a Isaura, primeiro Estudiosa e actualmente Madruga.»

[*C*, p. 217]

15.9. «De uma personalidade como ***se tem vindo a anunciar*** a deste Tertuliano Máximo Afonso, que já deu algumas mostras de espírito vagueador, e até algo evasivo, no pouco tempo que leva de conhecido, não causaria surpresa neste momento uma exibição de conscientes simulações consigo mesmo, [...]»

[*HD*, pp. 20-21]

15.10. «Certo, certo, é que Almeida Santos não tem sido poupado a críticas por alguns dos seus mais próximos colaboradores, que o acusam de "ausência de acutilância política" e de "falta de organização". E que esta situação ***tem vindo a piorar*** de dia para dia, razão pela qual a demissão do líder parlamentar chegou a parecer verosímil.»

[*I*, 1993/04/16]

15.11. «Um produto farmacêutico da mesma família que o AZT ***tem vindo a ser usado*** em alguns hospitais portugueses que acompanham a evolução de indivíduos infectados pelo vírus HIV.»

[*JN*, 1992/11/08]

15.12. «O vinho verde ***tem vindo a ganhar***, nos últimos anos, um estatuto de maioridade que nem sempre lhe era reconhecido.»

[*Ex*, 1992/07/25]

15.13. «A deposição de sedimentos no leito do Douro, junto à captação de água de Lever, ***tem vindo a impermeabilizar*** o solo, dificultando a recolha de água.»

[*P*, 1993/03/27]

15.14. «Enfim, em Bona segue-se com apreensão a trajectória ascendente do movimento político liderado por Le Pen, factor sem dúvida reconfortante para o partido homólogo alemão que ***tem vindo a subir*** nas últimas eleições locais e regionais.»

[*JN*, 1993/04/04]

15.15. «A iniciativa ***tem vindo a contribuir*** significativamente para a promoção de contactos entre Portugal e a Índia e os seis seminários já realizados – bem como a publicação das suas actas – demonstram que se criaram novas linhas de interpretação e de análise das fontes já conhecidas e novamente descobertas.»

[*P*, 1994/02/06]

15.16. «Talvez a única colónia mundial de gorilas cujo comportamento ***tem vindo a ser estudado***, está ameaçada pela guerra no Ruanda.»

[*Ex*, 1994/09/24]

15.17. «No âmbito da reflexão que ***tem vindo a ser efectuada*** sobre os assuntos de natureza pedagógica e de aproveitamento escolar, esta questão não pode ser ignorada, até porque em algumas disciplinas, nomeadamente nos cursos de Ciências e de Engenharia, a perda das primeiras aulas dificulta muito a possibilidade de sucesso escolar.»

[...][21]

15.18. «O "belo Danúbio Azul" ***tem vindo a ser destruído*** tanto pelos poluentes do Leste como pelos do Ocidente, ao longo do seu curso até ao Mar Negro.»

[*P*, 1995/07/30]

17.1. «Disse-lhe o seguinte, mais palavra menos palavra: desde o meu regresso que queria falar com ele a sério; por uma ou outra razão, ***tinha vindo a adiar*** esse momento; mas não queria que passasse de hoje.»

[*FH*, pp. 208-209]

17.2. «A sociedade civil – que ***se tinha vindo a libertar*** e ***autonomizar***, por surtos, quer com o dr. Soares, quer com o dr. Sá Carneiro, está hoje num estado de dependência absoluta.»

[*P*, 1994/01/23]

17.3. «Como se pode ver, o plano de acção que António Claro ***tinha vindo a delinear*** não só avançou muito na localização dos objectivos como principia a ganhar a consistência de motivos que lhe faltava, [...]»

[*HD*, p. 250]

20.1. «[...], este homem confuso, [...] falou de um caminho que deixara de ter princípio, como se os próprios passos que foram dados ***tivessem vindo a devorar***-lhe as substâncias, quaisquer que sejam, que dão ou emprestam duração ao tempo e dimensões ao espaço, [...]»

[*HD*, p. 292]

23.1. «A mais madura atira o rosto para a paisagem fugiente, do que infiro ***ter vindo a olhar***-me com repulsa, especulando. *Um jovem anarquista a caminho do garrote* – eis o que pensa de mim. Cretina!»

[*Putos*, p. 77]

24.1. «A cegueira estava alastrando, não como uma maré repentina que tudo inundasse e levasse à sua frente, mas como uma infiltração insidiosa de mil e um buliçosos regatinhos que, ***tendo vindo a empapar*** lentamente a terra, de repente a afogam por completo.»

[*EC*, p. 124]

---

21 Ocorrência colhida em Circular RT-29/94, da Reitoria da Universidade do Minho.

4.3.1. Propriedades morfo-sintácticas

4.3.1.1 Por fim, o *corpus* ix mostra que <*vir a* + infinitivo1> é morfo-sintacticamente compatível com o presente (1.): uma ocorrência de P6; o pretérito (2.): também uma ocorrência de P6; o imperfeito (4.) nas P1 (2) e P3 (1 e 3); o conjuntivo presente (7.): uma ocorrência de P1; o presente composto (15.) nas P1 (1), P3 (2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18), P4 (5) e P6 (4); o imperfeito composto (17.) nas P1 (1) e P3 (2 e 3); o conjuntivo imperfeito composto (20.): também só uma ocorrência, e de P6; o infinitivo pessoal composto (23.): uma só ocorrência de P3; e com o gerúndio composto (24.): uma ocorrência.

4.3.1.2 Das três construções de progressivogradativo que estamos a analisar é a menos documentada (todavia, como já se referiu, só conta menos um subparadigma que <*vir* + gerúndio>): faltam registos em quinze dos vinte e quatro potenciais subparadigmas. Por outras palavras: só um terço mais ou menos é que está de facto documentado. Tais ausências julgo poderem ser explicadas como a seguir se discrimina: convocando o que se foi expendendo[22] sobre e a propósito tanto desta construção quanto da precedente, tornar-se-á relativamente fácil entender o porquê deste estado de coisas, o mesmo é dizer, desta míngua de subparadigmas efectivamente documentados. Assim, e no que respeita à não ocorrência com o particípio (14.), a explicação é a que se tem recursivamente dado: a de só aparecer combinado com as formas dos auxiliares para constituir os subparadigmas compostos; a não documentação com o imperativo (10.) é, de facto, um caso de incompatibilidade[23] absoluta entre a semântica desta forma flexional ('não limite à direita' + 'limite à esquerda', coincidente este com o tempo do discurso, a sua origem) com a da construção de que se está agora a tratar ('limite à direita', coincidente com o tempo discursivo); em último lugar, a não combinação, por um lado,

---

[22] Cf., *infra*, o que também se escreve na secção 4.4.

[23] Cf., *supra* (§ 4.2.1.2, pp. 272-273), o que sobre esta propriedade se escreveu já a propósito de <*vir* + gerúndio>.

com o futuro (3.), o mais-que-perfeito (5.), o futuro do pretérito (ou condicional) (6.), o conjuntivo imperfeito (8.), o conjuntivo futuro (9.), o infinitivo (11.), o infinitivo pessoal (12.) e o gerúndio (13.) – o que quer dizer que só quatro subparadigmas é que estão de facto documentados (somente um terço dos doze potenciais) e, mesmo assim, com baixíssima frequência (apenas seis ocorrências) –, muito provavelmente acontece para evitar a homonímia com <*vir a* + infinitivo2>, em que abundam os subparadigmas simples e escasseiam os compostos[24], quase exactamente ao contrário do que se passa com a construção em análise e, por outro, com o futuro composto (16.), o futuro do pretérito (ou condicional) composto (18.), o conjuntivo presente composto (19.), o conjuntivo futuro composto (21.) e o infinitivo composto (22.), tão-somente porque não foram encontrados registos, ainda que sejam perfeitamente actualizáveis.

4.3.1.3 Em consonância com o exposto, resulta estarem inequivocamente documentados o presente progressivogradativo (1.) e o pretérito progressivogradativo (2.) numa PN cada, o imperfeito progressivogradativo (4.) em duas, o conjuntivo presente progressivogradativo (7.) numa, o presente composto progressivogradativo (15.) em quatro, o imperfeito composto progressivogradativo (17.) em duas, o conjuntivo imperfeito composto progressivogradativo (20.) e o infinitivo pessoal composto progressivogradativo (23.) também ambos numa só PN e o gerúndio composto progressivogradativo (24.).

4.3.1.4 Com excepção do conjuntivo presente progressivogradativo (7.), os outros subparadigmas igualmente flexionáveis em pessoa-número, independentemente de ocorrerem (e/ou poderem ocorrer) com as restantes PN, mais uma vez se constata, combinam-se preferencialmente com P3 e P6. Também aqui, tal como acontece com <*vir* + gerúndio>, a diferença é enorme: vinte e quatro ocorrências

[24] Cf. nota 18.

de P3 e P6, conjuntamente tomadas, e umas únicas cinco de P1 e P4, tomadas também conjuntamente. Portanto, e convocando tudo o que a este respeito se tem dito, a combinação esmagadora com P3 e P6 parece ser uma constante absolutamente irrefutável, e sempre pelo mesmo motivo: a sua (recursiva) autonomia em relação à natureza referencial do sujeito.

4.3.1.5 Dois apontamentos finais, ainda de natureza morfo-sintáctica: primeiro: quanto ao carácter mais ou menos completo do seu paradigma, já se disse o que sobre esta matéria podia ser dito, e isto aquando da análise de <*vir* + gerúndio>, onde se fez a interpretação que julgo oportuna, isto é, condizente com a realidade dos factos; segundo: quanto à combinabilidade morfo-sintáctica (de tempo-aspecto-modo) preferencial, é mais do que óbvia (repare-se só nas dezoito ocorrências!), quer pelas razões já avançadas a este respeito para outras construções quer sobretudo porque a semântica da construção ('progressivogradativo retrospectivo') quadra à perfeição com a da forma do paradigma flexional (essencialmente 'anterioridade' + 'retrospectividade'): a sua ocorrência no presente composto progressivogradativo (15.), imediatamente seguido, mas a uma distância considerável (só três ocorrências para cada um), pelos imperfeito composto progressivogradativo (17.) e imperfeito progressivogradativo (4.).

4.3.2. Propriedades sintáctico-semânticas

4.3.2.1 Segundo o *corpus* ix, e no que ao enquadramento proposicional diz respeito, <*vir a* + infinitivo$_1$>, por um lado, afasta-se um pouco das restantes construções de progressivogradativo porque só está documentada no tipo proposicional declarativo, combinado também apenas com as formas afirmativa, activa ou passiva e neutra, o que quer dizer que, concretamente, ocorre nas seguintes estruturas proposicionais: declarativo/afirmativa-activa-neutra (vinte e quatro vezes: quatro quintos do total de ocorrências!) e declarativo/afirmativa-passiva-neutra (seis ocorrências: 15.2, 6, 11, 16, 17, 18); por outro lado, aproxima-se, pois (tal como aque-

las) o (único) tipo proposicional aqui documentado não aparece combinado com a forma negativa.[25]

Com excepção de seis ocorrências (já devidamente discriminadas) no presente composto progressivogradativo (15.), onde a sua presença é aliás extremamente forte, todas as outras que documentam efectivamente os nove subparadigmas constituintes do *corpus* em análise, ao exibirem a estrutura proposicional já reiteradamente interpretada como prototípica (a declarativo/afirmativa-activa-neutra), não só confirmam a sua integração na tendência geral como ainda consagram as suas prototipicidade e tendência-preferência monoproposicional que, no caso presente, está excepcionalmente bem marcada: de modo exclusivo, nos presente progressivogradativo (1.), pretérito progressivogradativo (2.), imperfeito progressivogradativo (4.), conjuntivo presente progressivogradativo (7.), imperfeito composto progressivogradativo (17.), conjuntivo imperfeito composto progressivogradativo (20.), infinitivo pessoal composto progressivogradativo (23.) e gerúndio composto progressivogradativo (24.) e, de forma esmagadora, como já foi referido, no presente composto progressivogradativo (15.).

4.3.2.2 Disse-se já[26] que a presente construção se combina predominantemente com sujeitos de tipo 'inanimado'. E, de facto, assim é: das trinta ocorrências que constituem o *corpus* que a documenta, vinte coocorrem com sujeitos desta natureza (cf., por exemplo, e distribuídas pelo paradigma, estas: 2.1; 4.1; 15.2, 8, 10, 13, 15, 17, 18; 17.2; 20.1 e 24.1). Combina-se igualmente, mas só de maneira considerável, com sujeitos de tipo 'animado e humano' (cf., por exemplo, e também distribuídas pelo paradigma, as ocorrências 1.1, 4.3, 7.1, 15.5, 17.3 e 23.1) e, infimamente (uma só ocorrência), com os de tipo 'animado e não-humano' (cf. 15.3). Embora ausentes do *corpus*, as ocorrências com sujeito nulo são no entanto compatíveis (cf., por exemplo, «***Tem vindo a gear*** nos últimos dias.»).

---

[25] Sobre esta matéria, cf., *supra* (§ 4.1.2.1, p. 258), o que se escreveu aquando do tratamento de <*ir* + gerúndio>.

[26] Cf., *supra*, secção 4.2.2.

De todos os subparadigmas constituintes do *corpus*, o presente composto progressivogradativo (15.) é o único que denuncia uma preferência de combinação no que à tipologia de sujeitos diz respeito: em dezoito ocorrências, catorze aparecem combinadas com sujeitos de tipo 'inanimado'. Trata-se, portanto, de uma coocorrência esmagadora. Para além disso – o que não deixa de ser um facto curioso –, é também o único subparadigma que exibe os três tipos de sujeito efectivamente documentados na totalidade do *corpus*.

4.3.2.3 Quanto às configurações sintácticas em que se integram os predicados verbais que coocorrem com a construção sob escopo, não obstante serem só quatro, não é nenhuma nova nem em relação a <*ir* + gerúndio> nem relativamente a <*vir* + gerúndio>. Este facto não deixa de ser um factor unificador não só das construções em causa como também do próprio progressivogradativo.[27] Ei-las, pois: a configuração sintáctica transitiva (dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int./OD), esmagadoramente representada (cf., entre outras e distribuídas pelo paradigma, as ocorrências 1.1; 2.1; 4.2; 15.3, 8, 13, 18; 17.2 – ambas as ocorrências –; 20.1; 23.1 e 24.1) e as inacusativa, transitiva (dois lugares: um arg. ext./S + um arg. int./O) e inergativa, todas de representação reduzida (cf., por exemplo, as ocorrências 4.3 e 15.7; 7.1 e 15.15; e 15.10, respectivamente).

4.3.3. Propriedades semântico-lexicais

4.3.3.1 Ressalvadas as observações que se teceram a propósito do relacionamento efectivo desta construção com a anterior, e voltando a observar o *corpus* ix, mas desta feita sob a objectiva da semântica aspectual, o que ressalta logo é a sua combinação esmagadora – para não dizer exclusiva – com predicados verbais de processo culminado com argumento interno geralmente afectado. De facto, todas as ocorrências documentam este tipo accional de predicados verbais, dos quais só

[27] Cf. nota 17 ao cap. IV.

mesmo uma ínfima minoria (cf. ocorrências 4.2 e 15.3) é que o não é por natureza mas, sim, contextualmente.

Desta constatação julgo poder (re)tirar-se a seguinte concatenação de ilações: primeiro, fica assim inequivocamente corroborada a combinabilidade preferencial, não só desta construção mas de todas as de progressivogradativo em geral, por predicados verbais de processo culminado com argumento interno geralmente afectado; segundo, fica-se a conhecer o contexto linguístico indispensável à sua (de todas as construções de progressivogradativo) gramaticalização e, terceiro, fica objectivamente provado – e, uma vez mais, ilustrado – quão difícil é combinarem-se estas construções com os demais tipos accionais de predicados verbais[28] (no presente *corpus* não há quaisquer ocorrências, nem mesmo com significados aspectuais derivados).

Observemos, agora, o que se passa com as ocorrências 4.2, <sofrer>, e 15.3, <comer>, referidas há instantes: trata-se de predicados verbais de processo porém, porque combinados com um argumento interno cada, com a relação gramatical de OD, no plural (4.2) e a apontar para um plural (15.3) – o que torna as formas verbais gramaticais –, delimitadores, passam a predicados verbais de processo culminado, compatibilizando-se desta maneira com a construção sob análise.

4.3.3.2 No que respeita à tipologia lexical de predicados verbais, bem como à classe de adverbiais, que predominam, <*vir a* + infinitivo$_1$> não constitui nenhuma excepção comparativamente às construções anteriores. Pelo contrário, confirma as tendências/frequências verificadas já nestas. Assim, no *corpus*, ocorrem os seguintes verbos lexicalmente graduais: <desenvolver> (1.1, 2.1 e 4.1), <apurar> (15.4), <narrar> (15.5), <depurar>(15.7), <piorar> (15.10), <adiar> (17.1), <delinear> (17.3) e <empapar> (24.1); e, em relação aos adverbiais, verifica-se o que de imediato se discrimina: <lentamente> (24.1), <ao longo destas páginas> (15.8), <de

[28] A natureza intrinsecamente orientada de <ir> e <vir> parece infringir a gramaticalização das construções perifrásticas impedindo, assim, a sua extensão a todas as classes accionais de predicados verbais. Cf., sobre esta matéria, Squartini (1998: 280-300).

dia para dia> (15.10) (adverbiais graduais), <por surtos> (17.2) (adverbial iterativo), <há algum tempo> (1.1), <desde que resolveu cavalgar o 28 de Maio> (4.1), <há anos> 84.2), <nos últimos anos> (15.12) e <nas últimas eleições locais e regionais> (15.14) (adverbiais temporais indiciadores das três propriedades características do progressivogradativo: gradualidade, iteratividade e mutabilidade). São tudo elementos que contribuem para medir a evolução de uma situação ao longo do eixo temporal: a essência do progressivogradativo.

4.4. Da especialização e variação nestas formas verbais

Em primeiro lugar, deve registar-se que entre <*ir* + gerúndio>, de um lado, e <*vir* + gerúndio> e <*vir a* + infinitivo$_1$>, de outro lado, ocorre o fenómeno linguístico aqui já designado por especialização (de significado) exactamente porque, expressando as três estruturas o progressivogradativo, a primeira privilegia a sua focalização prospectiva e as segunda e terceira, por sua vez, a retrospectiva: temos, por conseguinte, uma especialização dentro do significado geral que as engloba.

Em segundo lugar, que entre <*vir* + gerúndio> e <*vir a* + infinitivo$_1$> se verifica o fenómeno que se conhece na literatura linguística pelo nome de variação, uma vez que representam construções alternativas ao mesmo tempo linguística e não-linguisticamente condicionadas. No primeiro caso (ou das formas linguisticamente condicionadas), porque se encontram esmagadora mas não exclusivamente em distribuição complementar, ou seja, <*vir* + gerúndio> forma preferencial e maioritariamente os subparadigmas simples e <*vir a* + infinitivo$_1$>, também preferencial e maioritariamente, os compostos, do respectivo paradigma (o progressivogradativo retrospectivo, já devidamente identificado), tratando-se, por essa mesma razão, também esmagadora mas não absolutamente de variantes combinatórias; no segundo caso (ou das formas não-linguisticamente condicionadas), e na sequência do que se acaba de expor, porque <*vir* + gerúndio> não possui a exclusividade de formar os subparadigmas simples e <*vir a* + infinitivo$_1$> também não tem a exclusi-

vidade de formar os subparadigmas compostos, isto é, se só a segunda (<*vir a* + infinitivo$_1$>) é que exibe subparadigmas compostos (ou, pelo menos, que ostentam a sua estrutura formal), já ambas as construções apresentam subparadigmas simples, resultando assim em formas alternativas que, não sendo pois linguisticamente condicionadas, constituem variantes opcionais intra-individualmente accionadas (todos os indicadores parecem apontar nesse sentido): portanto, variantes estilísticas ou diafásicas. Deve ainda acrescentar-se, a este propósito, que as formas alternativas produzidas por <*vir a* + infinitivo$_1$> são sempre, e também comparativamente às geradas por <*vir* + gerúndio>, de baixíssima frequência. Por exemplo, e tão-só com base nos *corpora*, temos, para <*vir a* + infinitivo$_1$> e <*vir* + gerúndio>, respectivamente, uma e onze ocorrências no presente progressivogradativo (1.), duas e seis no pretérito progressivogradativo (2.), três e dez no imperfeito progressivogradativo (4.), uma e três no conjuntivo presente progressivogradativo (7.), e nada mais, ou seja: apenas quatro contra dez, efectivamente documentados (cf. *corpus* viii), em doze potenciais subparadigmas. Isto, evidentemente, tendo só em consideração o que se passa na variante europeia do português. Trazendo à colação a variante brasileira, e porque se desconhece uma situação igual e/ou semelhante à descrita para a europeia (nos *corpora* só há cinco ocorrências para <*vir* + gerúndio> e nenhuma para <*vir a* + infinitivo$_1$>, na sua qualidade de marcadores aspectuais do progressivogradativo retrospectivo), pode e deve, com base nisto, por um lado, por se saber da preferência desta variante do português por construções gerundivas (aliás, comprovada, embora parcamente, no respectivo *corpus*), por outro, e porque intervém um novo eixo de diferenciação, interindividualmente espoletado (o regional ou geográfico), por outro ainda, pode e deve – dizia – considerar-se também uma variante diatópica – de condicionamento não-linguístico, portanto.

Detenhamo-nos agora, com um pouco mais de pormenor, nos *corpora*. Observemos, primeiro, o que se passa com <*ir* + gerúndio>: quatro ocorrências de PB (fontes literárias exclusivamente), com a seguinte distribuição: uma de futuro progressivogradativo (3.6), outra de conjuntivo presente progressivogradativo (7.3),

mais outra de conjuntivo imperfeito progressivogradativo (8.7) e ainda outra de imperativo progressivogradativo (10.2); uma de PM (fonte literária) no infinitivo progressivogradativo (11.6); e as restantes cento e sete de PE (fontes literárias predominantemente, com os textos narrativos muito à frente dos poéticos, mas também outras: logo a seguir, a imprensa escrita essencialmente de tipo nacional e, ainda, mas numa percentagem mesmo muito baixa, textos técnico-científicos, correspondência oficial e panfletos publicitários), assim distribuídas: dezassete (todas) de presente progressivogradativo (1.), todas (dezoito) de pretérito progressivogradativo (2.), onze (excepto 3.6) de futuro progressivogradativo, dezanove (todas) de imperfeito progressivogradativo (4.), duas (apenas estas) de mais-que-perfeito progressivogradativo (5.), todas (três) de futuro do pretérito (ou condicional) progressivogradativo (6.), cinco (salvo 7.3) de conjuntivo presente progressivogradativo, sete (menos 8.7) de conjuntivo imperfeito progressivogradativo, todas (sete) de conjuntivo futuro progressivogradativo (9.), quatro (com excepção de 10.2) de imperativo progressivogradativo, cinco (excepto 11.6) de infinitivo progressivogradativo, quatro (todas) de infinitivo pessoal progressivogradativo (12.), apenas uma de presente composto progressivogradativo (15.), três (todas) de imperfeito composto progressivogradativo (17.) e também só uma de conjuntivo presente composto progressivogradativo (19.). Atentemos, em segundo lugar, na situação de <*vir* + gerúndio>: cinco ocorrências de PB (também exclusivamente fontes literárias), distribuídas desta maneira: uma de presente progressivogradativo (1.4), duas de pretérito progressivogradativo (2.4 e 2.5), uma de imperfeito progressivogradativo (4.6) e também uma (ocorrência única) de futuro do pretérito (ou condicional) progressivogradativo (6.); as demais (trinta e quatro ao todo) são de PE (de novo, predominância das fontes literárias, imediatamente seguidas da imprensa escrita também quase exclusivamente de tipo nacional), com a distribuição que se discrimina a seguir: dez de presente progressivogradativo (menos 1.4), quatro de pretérito progressivogradativo (excepto 2.4 e 2.5), nove de imperfeito progressivogradativo (salvo 4.6), uma única ocorrência de mais-que-perfeito progressivogradativo (5.), três (todas) de conjuntivo presente progressivogradativo (7.), apenas duas de conjuntivo imperfeito

progressivogradativo (8.), também só uma quer de conjuntivo futuro progressivogradativo (9.) quer de imperativo progressivogradativo (10.) (neste caso, repetida) e, por fim, três (também todas) de infinitivo pessoal progressivogradativo (12.). E, em último lugar, vejamos o que acontece com <*vir a* + infinitivo$_1$>: trinta ocorrências única e exclusivamente de PE (fontes maioritariamente da imprensa escrita de tipo nacional, logo seguidas dos textos literários e, ainda, mas numa percentagem mesmo ínfima, de um texto de natureza sociológica e de uma circular de um órgão pertencente a uma instituição pública), assim distribuídas: presente progressivogradativo (1.) e conjuntivo presente progressivogradativo (7.) (uma ocorrência cada), três de imperfeito progressivogradativo (4.), a esmagadora maioria (dezoito) de presente composto progressivogradativo (15.), três de imperfeito composto progressivogradativo (17.) e conjuntivo imperfeito composto progressivogradativo (20.), infinitivo pessoal composto progressivogradativo (23.) e gerúndio composto progressivogradativo (24.) (também uma ocorrência cada).

Convocando o que já foi dito[29] sobre a imprensa escrita (proximidade relativamente à linguagem corrente/culta), deve pois registar-se que, das cento e doze ocorrências que compõem o *corpus* de <*ir* + gerúndio>, mais de metade das do presente progressivogradativo (1.) são da imprensa escrita e que se passa praticamente o mesmo em relação ao pretérito progressivogradativo (2.); nas dos futuro progressivogradativo (3.), imperfeito progressivogradativo (4.), conjuntivo imperfeito progressivogradativo (8.), conjuntivo futuro progressivogradativo (9.) e infinitivo pessoal progressivogradativo (12.) também está consideravelmente representada; nas dos restantes subparadigmas é que o está escassamente; das trinta e nove que formam o *corpus* de <*vir* + gerúndio>, só oito (1.3, 1.4, 2.1, 4.3, 4.4, 4.5, 4.7 e 7.1) é que são da imprensa escrita (portanto, pouco representada; mas, mesmo assim, é predominante tanto no presente progressivogradativo quanto no imperfeito progressivogradativo); e, por fim, das trinta e seis que constituem o *corpus* de <*vir a* + infinitivo$_1$>, apenas doze (4.2; 15.3, 5, 7, 8, 9 e 17; 17.1 e 3; 20.1; 23.1 e

[29] Cf., *supra*, o subcapítulo 2.3. do cap. III (a propósito das construções de progressivo).

24.1) é que não são da imprensa escrita, o que quer dizer que esta está claramente representada, e de modo particular, pelo destaque mais do que notório, no presente composto progressivogradativo.

Em suma: <*ir* + gerúndio>, <*vir* + gerúndio> e <*vir a* + infinitivo$_1$>, a despeito de e também por expressarem o mesmo significado prototípico (o progressivogradativo), distinguem-se no entanto pela tipologia relacional que mantêm entre si, o que conduz naturalmente à interpretação que aqui se faz de tais construções, ou seja: primeiro, a relação de oposição entre <*ir* + gerúndio> / <*vir* + gerúndio> e <*vir a* + infinitivo$_1$>, linguisticamente accionada, para representar a diferença cognitiva (ou especialização de significado) entre progressivogradativo prospectivo e progressivogradativo retrospectivo; segundo, a relação de complementaridade entre <*vir* + gerúndio> e <*vir a* + infinitivo$_1$>, também linguisticamente accionada, para fundamentalmente se obterem os subparadigmas simples e compostos do paradigma progressivogradativo retrospectivo; terceiro (e último), a relação de livre escolha entre ainda <*vir* + gerúndio> e <*vir a* + infinitivo$_1$>, não-linguisticamente accionada, para se representar ou a expressividade em geral ou a proveniência (no caso concreto, outro país onde se fala a mesma língua) do locutor/escrevente.

CONCLUSÃO

1. Dos resultados

No capítulo I, apontou-se, mais implícita do que explicitamente, para uma maneira de proceder; no capítulo II, traçaram-se as coordenadas – tanto teóricas quanto metodológicas – que constituíram aquela maneira de proceder como modelo de descrição linguística; nos capítulos III a V, fez-se a aplicação desse procedimento teórico-metodológico analisando algumas perífrases verbais descritoras da 'constituição temporal interna' das situações no português europeu actual, ou seja, identificaram-se, caracterizando-as, as formas verbais 'progressivas', 'progressivo-comitativas' e 'progressivogradativas' (perifrásticas por natureza), com descrição das respectivas propriedades morfo-sintácticas, sintáctico-semânticas e semântico-lexicais, bem como dos respectivos casos de 'variação' e/ou 'especialização'.

Agora é o momento de falar dos resultados a que se chegou. E porque estes têm implicações tanto ao nível da descrição quanto ao da teorização linguísticas, vai ser também dúplice a sua inventariação, ou seja e respectivamente: primeiro, por construções congéneres e/ou perífrase a perífrase (ou dos resultados parciais) e, depois, pela contemplação conjunta das construções descritas (ou dos resultados globais).

1.1. Resultados parciais

1.1.1 As construções de progressivo, <*estar a* + infinitivo> e <*estar* + gerúndio>, caracterizam-se,

morfo-sintacticamente,

(i) por manifestarem, basicamente, os mesmos subparadigmas de tempo-aspecto-modo (em rigor, vinte e dois, para <*estar a* + infinitivo>, e dezasseis, para <*estar* + gerúndio> – com possibilidade de aparecerem os restantes, naturalmente) e também de pessoa-número;

(ii) por apresentarem esmagadoramente formas verbais de P3 e P6: todos os subparadigmas de <*estar a* + infinitivo> (e praticamente todos os de <*estar* + gerúndio>) flexionáveis em PN exibem formas ou de P3, ou de P6, ou de ambas as PN (muito provavelmente pela sua independência em relação à natureza referencial do sujeito);

(iii) por exibirem paradigmas completo (<*estar a* + infinitivo>) e tendencialmente completo (<*estar* + gerúndio>), mas com a mesma preferência de combinação morfo-sintáctica ('presente' e 'imperfeito' progressivos);

sintáctico-semanticamente,

(iv) por ostentarem, com a excepção natural do 'imperativo progressivo', nos demais subparadigmas a estrutura proposicional declarativo/afirmativa-activa-neutra (ou seja, o tipo proposicional declarativo combinado concomitantemente com as formas proposicionais afirmativa, activa e neutra), o que quer dizer que a sua presença é esmagadora: trata-se, também por isso, da estrutura proposicional prototípica; para além disso, nota-se que alguns subparadigmas de <*estar a* + infinitivo> (mas não os de <*estar* + gerúndio>) manifestam uma tendência ou mono-proposicional (aparecem preferencialmente numa estrutura proposicional) ou pluri-proposicional (aparecem, ao invés, em duas ou mais estruturas proposicionais);

(v) por serem compatíveis com todos os tipos de sujeito, com predominância clara do tipo 'animado e humano', que é transversal (ocorre em todos os sub-

paradigmas), imediatamente seguido – de representação considerável – do tipo 'inanimado', também transversal (mas não em <*estar* + gerúndio>);

(vi) por coocorrerem com predicados verbais que se integram em todas as configurações sintácticas disponíveis no português, com predomínio nítido da transitiva/2 lugares/2 args.: ext./S + int./OD, seguindo-se-lhe, pelo número decrescente de ocorrências, as inergativa/1 lugar/1 arg.: ext./S, transitiva/2 lugares/2 args.: ext./S + int./O, inacusativa/1 lugar/1 arg.: int./S, copulativa/1 arg.: int./PdS, ditransitiva/3 lugares/3 args.: 1 arg. ext./S + 2 args. ints./OD + OI, transitiva/3 lugares/3 args.: 1 arg. ext./S + 2 args. ints./OD + O, impessoal/0 lugares/0 args., transitiva/2 lugares/2 args.: ext./S + int./OI e transitiva predicativa/2 lugares/2 args.: ext./S + int./PdOD;

(vii) por admitirem a inserção de categoriais vários (predominantemente de um adverbial) entre os seus elementos constituintes (auxiliar e auxiliado);

(viii) por exibirem esporadicamente formas compostas com <*haver* + particípio>: trata-se de uma potencialidade raramente actualizada;

(ix) por manifestarem, nas formas do 'infinitivo progressivo' e 'infinitivo composto progressivo', uma combinação preferencial com auxiliares modais, que assim lhes determinam as formas;

semântico-lexicalmente,

(x) por se combinarem a preceito, dados os seus caracteres 'dinâmico' e 'durativo', com predicados verbais de processo e processo culminado. A sua combinabilidade com predicados verbais estativos só é possível se denotarem situações faseáveis (se não, não); com os de culminação e pontuais, ocorre uma leitura 'reiterativa'/'iterativa' (umas vezes), 'iminencial' (outras vezes) e também 'progressiva' (raramente);

(xi) por não seleccionarem um tipo lexical de predicados verbais em especial (o leque de possibilidades combinatórias de natureza lexical está bem aberto);

(xii) por coocorrerem, nas formas imperfectivas, com todos os tipos accionais de predicados verbais e, nas perfectivas, ao invés, preferirem nitidamente os de processo e/ou processo culminado.

As propriedades acabadas de arrolar são índices claros do avançado estádio de gramaticalização das construções de progressivo.

Por fim, <*estar a* + infinitivo> e <*estar* + gerúndio> são formas alternativas, não linguisticamente condicionadas, de expressão do progressivo, isto é: trata-se de produtos de escolhas accionadas interindividualmente (variantes diatópicas) e/ou intra-individualmente (variantes diafásicas).

1.1.2 As construções de progressivocomitativo descontínuo, <*andar a* + infinitivo> e <*andar* + gerúndio>, caracterizam-se,

morfo-sintacticamente,

(i) por manifestarem distintos subparadigmas de tempo-aspecto-modo (vinte e dois, para <*andar a* + infinitivo>, e sete, para <*andar* + gerúndio>) e também de pessoa-número;

(ii) por apresentarem de modo esmagador formas verbais de P3 e P6, para além naturalmente de outras PN;

(iii) por exibirem paradigmas completo (<*andar a* + infinitivo>) e bastante incompleto (<*andar* + gerúndio>), mas com a mesma preferência de combinação morfo-sintáctica ('presente' e 'imperfeito' progressivos);

sintáctico-semanticamente,

(iv) por ostentarem (<*andar a* + infinitivo>, predominantemente, e <*andar* + gerúndio>, exclusivamente) a estrutura proposicional declarativo/afirmativa-activa-neutra, o que contribui para a constituição da sua prototipicidade; para além disso, verifica-se que alguns subparadigmas de <*andar a* + infinitivo> manifestam uma tendência ou monoproposicional, ou pluriproposicional (os de <*andar* + gerúndio> só tendência monoproposicional);

(v) por se combinarem esmagadoramente com sujeitos do tipo 'animado e humano';

(vi) por coocorrerem com predicados verbais que se integram em seis (<*andar a* + infinitivo>) e quatro (<*andar* + gerúndio>) configurações sintácticas, exibindo em todo o caso a mesma proporcionalidade das construções anteriores, a

saber e respectivamente: transitiva/2 lugares/2 args.: ext./S + int./OD (a mais representada), seguindo-se-lhe, também pelo número decrescente de ocorrências, as inergativa, transitiva/2 lugares/2 args.: ext./S + int./O, ditransitiva, transitiva/3 lugares/3 args.: 1 arg. ext./S + 2 args. ints./OD + O e copulativa; e só as primeiras quatro com <*andar* + gerúndio>;

(vii) por admitirem, de modo notório, a inserção de categoriais vários, sobretudo adverbiais, entre os seus elementos constituintes (com <*andar* + gerúndio>, devido essencialmente à presença de adverbiais locativos, o carácter unitário do conjunto auxiliar + auxiliado fica em parte abalado);

(viii) por se combinarem, nas formas do 'infinitivo progressivocomitativo' e 'infinitivo composto progressivocomitativo', de preferência com auxiliares modais, que assim lhes determinam as formas;

semântico-lexicalmente,

(ix) por ocorrerem preferencial e predominantemente, devido aos seus caracteres 'dinâmico' e 'durativo', com predicados verbais de processo e processo culminado; os estativos, talvez por serem 'não-dinâmicos', são de ocorrência ínfima; os de culminação e pontuais estão, pela mesma razão, escassamente representados e de leitura 'reiterativa'/'iterativa';

(x) por não seleccionarem um tipo lexical de predicados verbais em particular (com <*andar* + gerúndio>, todavia, verifica-se uma acentuada ocorrência com verbos de 'movimento não orientado').

As propriedades acabadas de inventariar são índices que denunciam um razoavelmente avançado estádio de gramaticalização das construções de progressivocomitativo descontínuo.

1.1.3 As construções de progressivocomitativo contínuo, <*viver* + gerúndio> e <*viver a* + infinitivo>, caracterizam-se,

morfo-sintacticamente,

(i) por manifestarem os mesmos subparadigmas de tempo-aspecto-modo (dois cada construção) e de pessoa-número;

(ii) por apresentarem "predominantemente" formas verbais de P3;

(iii) por exibirem paradigmas ínfimos (só 'presente' e 'imperfeito' progressivocomitativos);

sintáctico-semanticamente,

(iv) por ostentarem apenas a estrutura proposicional declarativo/afirmativa-activa-neutra;

(v) por se combinarem exclusivamente com sujeitos do tipo 'animado e humano';

(vi) por coocorrerem com predicados verbais que se integram em duas (<*viver* + gerúndio>) e três (<*viver a* + infinitivo>) configurações sintácticas de tipo transitivo, concretamente: transitiva/2 lugares/2 args.: ext./S + int./OD ou O (a primeira construção); estas e, ainda, a ditransitiva/3 lugares/3 args.: 1 arg. ext./S + 2 args. ints./OD + OI (a segunda construção);

semântico-lexicalmente,

(vii) por se combinarem praticamente, sobretudo por causa do traço 'durativo' (necessário à gramaticalidade da construção), com predicados verbais de processo culminado e de processo; os restantes tipos accionais de predicados verbais podem também ocorrer, porém são raros e quase sempre com manifestação de um significado derivado, decorrente da combinatória concreta;

(viii) por não seleccionarem, pelo menos aparentemente (os *corpora* não podem de todo informar sobre esta propriedade), um tipo lexical de predicados verbais em especial.

Pelas propriedades inventariadas, verifica-se que as construções de progressivocomitativo contínuo se encontram num estádio de gramaticalização bem menos avançado do que as estruturas congéneres.

Considerando conjuntamente as construções de progressivocomitativo, constata-se o seguinte: (i) <*andar a* + infinitivo> e <*andar* + gerúndio> opõem-se a <*viver* + gerúndio> e <*viver a* + infinitivo>, para se fazer linguisticamente a distinção cognitiva (especialização) entre 'progressivocomitativo descontínuo' e 'progressivocomitativo contínuo', respectivamente; (ii) <*andar a* + infinitivo> e <*viver* + gerúndio> são

formas alternativas, não linguisticamente condicionadas, de expressão, respectivamente, do 'progressivocomitativo descontínuo' e 'progressivocomitativo contínuo', ou seja: está-se na presença de produtos de escolhas interindividual (variantes diatópicas, de modo mais marcado entre <*andar a* + infinitivo> e <*andar* + gerúndio>) e intra-individualmente (variantes diafásicas, de maneira mais pronunciada entre <*viver* + gerúndio> e <*viver a* + infinitivo>) accionadas.

1.1.4 As construções de progressivogradativo, <*ir* + gerúndio>, <*vir* + gerúndio> e <*vir a* + infinitivo$_1$>, caracterizam-se,

morfo-sintacticamente,

(i) por manifestarem quinze (<*ir* + gerúndio>), dez (<*vir* + gerúndio>) e nove (<*vir a* + infinitivo$_1$>) subparadigmas de tempo-aspecto-modo (também, basicamente, as mesmas PN) e, sobretudo, por <*ir* + gerúndio> e <*vir* + gerúndio> serem compatíveis com o 'imperativo';

(ii) por apresentarem esmagadoramente formas verbais de P3 e P6 (provavelmente pela ausência de restrições quanto à natureza referencial do sujeito);

(iii) por exibirem paradigmas: idiossincraticamente completo e sem preferência de combinação morfo-sintáctica (<*ir* + gerúndio>); incompleto (se se considerar sem subparadigmas compostos), completo (se, ao invés, se considerar com subparadigmas compostos) ou idiossincraticamente completo (se simbioticamente considerado), sem preferência de combinação morfo-sintáctica (<*vir* + gerúndio>) e com combinação morfo-sintáctica preferencial (<*vir a* + infinitivo$_1$>): 'presente composto progressivogradativo';

sintáctico-semanticamente,

(iv) por ocorrerem predominantemente na estrutura proposicional declarativo/afirmativa-activa-neutra e, pela primeira vez (apenas <*ir* + gerúndio> e <*vir* + gerúndio>), na imperativo/afirmativa-activa-neutra, para além da tendência monoproposicional e/ou pluriproposicional de certos subparadigmas; ainda (e trata-se de uma propriedade transversal às construções de progressivogradativo), por não aparecerem em nenhum tipo proposicional combinado com a forma negativa;

(v) por serem compatíveis com todos os tipos de sujeito, predominando em todo o caso, com <*ir* + gerúndio>, os tipos 'animado e humano' e 'inanimado' (praticamente transversais) e, com <*vir* + gerúndio> e <*vir a* + infinitivo$_1$>, inversamente, o tipo 'inanimado';

(vi) por coocorrerem (<*ir* + gerúndio> e <*vir* + gerúndio>) com predicados verbais que se integram em sete configurações sintácticas, com predomínio notório das de tipo transitivo, no topo das quais se encontra a transitiva/2 lugares/2 args.: ext./S + int./OD, seguindo-se-lhe, pelo número decrescente de ocorrências, as inergativa, inacusativa, transitiva/3 lugares/3 args.: 1 arg. ext./S + 2 args. ints./ OD + O, transitiva/2 lugares/2 args.: ext./S + int./O, ditransitiva e copulativa (<*vir a* + infinitivo$_1$> aparece apenas em quatro mas coincidentes com as anteriormente referidas, isto é: transitiva/2 lugares/2 args.: ext./S + int./OD, inacusativa, transitiva/2 lugares/2 args.: ext./S + int./O e inergativa);

(vii) por admitirem (sobretudo <*ir* + gerúndio> e <*vir* + gerúndio>) a inserção de categoriais vários, sem que a unidade dos sintagmas verbais em questão resulte abalada;

(viii) por manifestarem, essencialmente na forma do 'infinitivo progressivo-gradativo' de <*ir* + gerúndio>, uma combinação preferencial com auxiliares modais;

semântico-lexicalmente,

(ix) por se combinarem de modo preferido, porque conformes à semântica dos auxiliares (verbos de 'movimento orientado', portanto 'télicos' ou 'intrinsecamente delimitados'), com predicados verbais de processo culminado com argumento interno geralmente afectado. A sua combinação com os demais tipos accionais de predicados verbais ocorre com alguma dificuldade: ou se dá a sua transformação contextual, para que o significado em causa possa ocorrer; ou, continuando gramaticais as estruturas em questão, com os de culminação e pontuais, ocorre uma leitura 'reiterativa'/'iterativa' (umas vezes), 'iminencial' (sobretudo 'iminência frustrada', outras vezes) e, com os de processo e estativos, as leituras, respectivamente, 'incoativa' e 'continuativa';

(x) por seleccionarem um tipo lexical de predicados verbais próprio, a saber: os lexicalmente graduais (denotadores da evolução de uma situação ao longo do tempo), que ocorrem combinados frequentemente com adverbiais graduais – os indícios claros da 'gradualidade', 'iteratividade' e 'mutabilidade', propriedades do progressivogradativo; para além disso, <*ir* + gerúndio> ocorre predominantemente com verbos reflexos (e talvez porque o <se> funciona como argumento interno afectado) e <*vir* + gerúndio>, com verbos de movimento (quer em sentido próprio, quer figurado).

A relação de propriedades acabada de relatar é um óptimo indicador do estádio de gramaticalização *sui generis* exibido pelas construções de progressivogradativo.

Por último, (i) <*ir* + gerúndio> opõe-se a <*vir* + gerúndio> e a < *vir a* + infinitivo$_1$>, em conjunto, para, linguisticamente, se representar a diferença cognitiva (especialização) entre 'progressivogradativo prospectivo' e 'progressivogradativo retrospectivo', respectivamente; (ii) <*vir* + gerúndio> e < *vir a* + infinitivo$_1$> são construções alternativas, por um lado linguisticamente condicionadas, para se constituírem, supletiva e respectivamente, as formas simples e compostas do paradigma 'progressivogradativo retrospectivo' (variantes combinatórias esmagadora mas não exclusivamente em distribuição complementar) e, por outro lado não linguisticamente condicionadas e accionadas ao mesmo tempo intra e interindividualmente, para representar a 'expressividade em geral' (variantes diafásicas) ou a 'proveniência' (variantes diatópicas).

1.2. Resultados globais

Apesar de, ao tratar da informação de natureza aspectual, se dever rigorosamente falar de preferências ou tendências, mais do que incompatibilidades ou verdadeiras restrições (Miguel 1999: 3047), o que é facto é que, pelo conjunto de características que se foram inventariando para as construções em análise, e com base em critérios previamente estabelecidos, o progressivo resulta inequivocamente uma propriedade do sistema verbal do português da actualidade; o mesmo

acontece, embora não com igual grau de nitidez, com o progressivocomitativo; e quase outro tanto se passa (ressalvadas, naturalmente, as idiossincrasias) com o progressivogradativo.

Para além disso, devem ainda ser discriminadas estas outras propriedades transversais e/ou gerais resultantes do e/ou implicadas no tratamento da informação aspectual:

(i) combinação dos predicados verbais de processo e de processo culminado (dinâmicos, durativos e menos e mais télicos) com todas as construções;

(ii) ocorrência morfo-sintáctica absoluta de todas as construções no 'presente' e no 'imperfeito';

(iii) transversalidade bem pronunciada da estrutura proposicional declarativo/afirmativa-activa-neutra;

(iv) combinação esmagadora com P3 e P6 (a sua independência em relação à natureza referencial do sujeito);

(v) incompatibilidade com o 'imperativo' (propriedade morfo-sintáctica mais relevante no que diz respeito às construções de progressivo *tout court*);

(vi) manifestação dos fenómenos/processos linguísticos variação, especialização e gramaticalização;

(vii) implicação mútua aspecto lexical/aspecto gramatical, manifestada na preferência/tendência das construções em causa por certos tipos accionais de predicados verbais e, ainda, pela ocorrência de significados aspectuais derivados.

2. Da continuação do projecto

O presente trabalho está concluído, mas não a investigação da temática nele tratada. Por conseguinte, na primeira oportunidade (os *corpora* estão já todos constituídos e alguns, inclusive, parcialmente estudados), apresentarei as restantes perífrases verbais descritoras da 'constituição temporal interna' das situações no português europeu actual, ou seja, as inceptivas (<*começar a* + infinitivo>, <*principiar a* + infinitivo>, <*desatar a* + infinitivo>, <*deitar a* + infinitivo>, <*largar a* + infini-

tivo>, <*romper a* + infinitivo>, <*deitar-se a* + infinitivo>, <*botar-se a* + infinitivo>, <*desandar a* + infinitivo>, <*entrar a* + infinitivo>, <*entrar* + gerúndio>, <*pegar a* + infinitivo>, <*meter-se a* + infinitivo>, <*pôr-se a* + infinitivo>, <*ficar a* + infinitivo>, <*ficar* + gerúndio>, <*quedar-se a* + infinitivo>, <*recomeçar a* + infinitivo>, <*passar a* + infinitivo>, <*começar por* + infinitivo>, <*começar* + gerúndio> e <*principiar por* + infinitivo>), as terminativas (<*acabar de* + infinitivo>, <*cessar de* + infinitivo>, <*deixar de* + infinitivo>, <*parar de* + infinitivo>, <*terminar de* + infinitivo>, <*acabar por* + infinitivo>, <*acabar* + gerúndio>, <*terminar por* + infinitivo>, <*terminar* + gerúndio>, <*findar por* + infinitivo>, <*chegar a* + infinitivo>, <*vir a* + infinitivo$_2$>), as continuativas (<*continuar a* + infinitivo>, <*continuar* + gerúndio>, <*seguir* + gerúndio>) e as iminenciais (<*estar para* + infinitivo>, <*andar para* + infinitivo>, <*ir a* + infinitivo>, <*ir para* + infinitivo>), num primeiro momento; e, num segundo momento, todas as outras perífrases igualmente de natureza aspectual, a saber, as resultativas (<*ter* + *OD* expresso + predicativo deverbal>, <*estar* + predicativo deverbal>, <*ser* + predicativo deverbal>), as não-resultativas (<*estar por* + infinitivo>, <*continuar por* + infinitivo>, <*ficar por* + infinitivo>), as orientadoras (<*ir* + infinitivo>, <*vir* + infinitivo>), as repetitivas (<*tornar a* + infinitivo>, <*voltar a* + infinitivo>) e, ainda, da mesma natureza, as biperífrases progressivo-inceptivas (<*estar a* + *começar a* + infinitivo>, <*estar* + *começar* (ger.) *a* + infinitivo>), progressivo-terminativas <*estar a* + *acabar de* + infinitivo>, <*estar* + *acabar* (ger.) *de* + infinitivo>, <*estar a* + *deixar de* + infinitivo>, <*estar* + *deixar* (ger.) *de* + infinitivo>), progressivocomitativo-terminativas (<*andar a* + *deixar de* + infinitivo>), progressivogradativo-inceptivas (<*ir* + *começar* (ger.) *a* + infinitivo>, <*ir* + *recomeçar* (ger.) *a* + infinitivo>, <*ir* + *ficar* (ger.) *a* + infinitivo>), progressivogradativo-terminativas (<*ir* + *deixar* (ger.) *de* + infinitivo>), progressivogradativo-continuativas (<*ir* + *continuar* (ger.) *a* + infinitivo>), progressivogradativo-não-resultativas (<*ir* + *ficar* (ger.) *por* + infinitivo>), inceptivo-resultativas (<*começar a* + *estar* + predicativo deverbal>, <*passar a* + *estar* + predicativo deverbal>), inceptivo-prospectivas (<*começar a* + *ir* + infinitivo>), inceptivo-retrospectivas (<*começar a* + *vir* + infinitivo>), terminativo-progressivas

(<*chegar a* + *estar a* + infinitivo>), terminativo-progressivogradativas (<*deixar de* + *ir* + gerúndio>), terminativo-inceptivas (<*terminar por* + *desatar a* + infinitivo>), terminativo-terminativas (<*acabar por* + *deixar de* + infinitivo>, <*deixar de* + *vir a* + infinitivo$_2$>, <*acabar por* + *vir a* + infinitivo$_2$>), terminativo-prospectivas (<*deixar de* + *ir* + infinitivo>, <*acabar por* + *ir* + infinitivo>), terminativo-retrospectivas (<*acabar por* + *vir* + infinitivo>), terminativo-repetitivas (<*acabar por* + *voltar a* + infinitivo>), iminencial-inceptivas (<*ir a* + *começar a* + infinitivo>), prospectivo-progressivas (<*ir* + *estar* (inf.) *a* + infinitivo>), prospectivo-inceptivas (<*ir* + *começar* (inf.) *a* + infinitivo>, <*ir* + *pôr-se* (inf.) *a* + infinitivo>, <*ir* + *recomeçar* (inf.) *a* + infinitivo>, <*ir* + *ficar* (inf.) + gerúndio>, <*ir* + *ficar* (inf.) *a* + infinitivo>, <*ir* + *passar* (inf.) *a* + infinitivo>), prospectivo-terminativas (<*ir* + *deixar* (inf.) *de* + infinitivo>, <*ir* + *acabar* (inf.) *por* + infinitivo>, <*ir* + *acabar* (inf.) + gerúndio>, <*ir* + *terminar* (inf.) + gerúndio>, <*ir* + *chegar* (inf.) *a* + infinitivo>), prospectivo-continuativas (<*ir* + *continuar* (inf.) *a* + infinitivo>, <*ir* + *continuar* (inf.) + gerúndio>), prospectivo-resultativas (<*ir* + *estar* (inf.) + predicativo deverbal>), prospectivo-repetitivas (<*ir* + *tornar* (inf.) *a* + infinitivo>, <*ir* + *voltar* (inf.) *a* + infinitivo>), repetitivo-progressivas (<*voltar a* + *estar a* + infinitivo>), repetitivo-resultativas (<*voltar a* + *estar* + predicativo deverbal>) e as multiperífrases prospectivo-terminativo-inceptivas (<*ir* + *deixar* (inf.) *de* + *começar a* + infinitivo>) e prospectivo-continuativo-resultativas (<*ir* + *continuar a* + *estar* + predicativo deverbal>), procedendo exactamente ao mesmo tipo de análise para, depois, se poder aferir do carácter concludente/não-concludente dos resultados (sobretudo globais) acabados de inventariar. Só então é que se poderá dar por "concluída" a investigação da temática/problemática em epígrafe.

ÍNDICE REMISSIVO

1. Termos

A

acabado (aspecto) 30, 44
acção 43; 84, 85
accionalidade 94, 101
accomplishment 46, 49, 50, 51
achievement 46, 49, 50, 51
actividade 30, 43, 46, 49, 50, 51
acto 30
actualidade 27
Aktionsart (v. tb. modo de acção) 50, 53; 86, 94, 101
analogia 121
anterioridade 53
argumento interno afectado (ou efectuado) 260
aspecto 29, 48, 49, 50, 53, 69; 82, 84, 85, 94, 101
aspecto flexional 114
aspecto gramatical 86, 88; 113
aspecto lexical 86, 88, 102
aspecto morfológico 115
aspecto perifrástico 115
aspecto sintagmático 116
aspecto verbal 89, 101
aspectualidade 94, 101
atelicidade (v. tb. não-delimitado) 5; 103
atélico 51
auxiliaridade 125
auxiliarização 117

B

biperífrase verbal 115

C

composicional (aspecto/aspectualidade) 40, 54, 60, 62; 111-112

configuração sintáctica copulativa 179, 199; 220; 261, 277
configuração sintáctica ditransitiva 180, 199; 220, 229, 237; 260, 277
configuração sintáctica impessoal 180, 199
configuração sintáctica inacusativa 179, 199; 260, 276, 288
configuração sintáctica inergativa 179, 199; 220, 229; 260, 277, 288
configuração sintáctica transitiva (de 2 lugares/O) 179, 198; 220, 229, 234, 237; 260, 276, 288
configuração sintáctica transitiva (de 2 lugares/OI) 180, 199
configuração sintáctica transitiva (de 3 lugares) 180, 199; 220; 260, 277
configuração sintáctica transitiva 179, 198; 220, 229, 234, 237; 260, 276, 288
configuração sintáctica transitiva predicativa 180, 199
conjuntivo futuro 148
conjuntivo futuro bi(multi)perifrástico 150
conjuntivo futuro composto 149
conjuntivo futuro composto bi(multi)perifrástico 151
conjuntivo futuro composto perifrástico 150
conjuntivo futuro perifrástico 149
conjuntivo imperfeito 148
conjuntivo imperfeito bi(multi)perifrástico 150
conjuntivo imperfeito composto 149
conjuntivo imperfeito composto bi(multi)perifrástico 151
conjuntivo imperfeito composto perifrástico 150
conjuntivo imperfeito perifrástico 149
conjuntivo presente 148
conjuntivo presente bi(multi)perifrástico 150
conjuntivo presente composto 148
conjuntivo presente composto bi(multi)perifrástico 151
conjuntivo presente composto perifrástico 149
conjuntivo presente perifrástico 149
constituição temporal interna 85; 158
continuativo 264
culminação 46, 51, 66, 77; 106
cursivo (aspecto) 30

D

delimitado 5
dinamicidade 103
duração 85; 158
duratividade 5; 103
durativo (aspecto) 30, 44

E

especialização 133; 239; 290
estado 43, 46, 49, 50, 51, 66, 77; 83, 107, 109
estado consequente (v. tb. estado resultante/resultativo) 66, 76
estado de coisas (v. tb. situação) 43; 157
estado faseável 68
estado habitual 54, 67
estado lexical 67
estado não faseável 68
estado permanente 30
estado progressivo 67
estado resultante/resultativo (v. tb. estado consequente) 67; 103
estado temporário 30
estatividade 103
evento 30, 43, 46, 51, 67, 77; 83, 109

evento alargado 46, 51
evento atómico 46, 51
evento delimitado 109
evento durativo 109
evento não-delimitado 109
evento não-durativo 109

F

formas verbais continuativas 130, 152; 159
formas verbais iminenciais 130, 152; 159
formas verbais inceptivas 130, 151; 159
formas verbais não-resultativas 131
formas verbais progressivas 130, 151; 159
formas verbais progressivocomitativas 151; 159
formas verbais progressivogradativas 151; 159
formas verbais prospectivas 131
formas verbais repetitivas 131
formas verbais resultativas 131
formas verbais retrospectivas 131
formas verbais terminativas 130, 152; 159
futuro 148
futuro bi(multi)perifrástico 150
futuro composto bi(multi)perifrástico 150
futuro composto perifrástico 149
futuro composto148
futuro do pretérito (*ou* condicional) 148
futuro do pretérito (*ou* condicional) bi(multi)perifrástico 150
futuro do pretérito (*ou* condicional) composto 148
futuro do pretérito (*ou* condicional) composto bi(multi)perifrástico 150
futuro do pretérito (*ou* condicional) composto perifrástico 149
futuro do pretérito (*ou* condicional) perifrástico 149
futuro perifrástico 149

G

gerúndio 148
gerúndio bi(multi)perifrástico 150
gerúndio composto 149
gerúndio composto bi(multi)perifrástico 151
gerúndio composto perifrástico 150
gerúndio perifrástico 149
gramática 7, 9, 16
gramaticalização 119

H

habitual (aspecto) 30
homogeneidade 104

I

iminência frustrada 264
imperativo 148
imperativo bi(multi)perifrástico 150
imperativo perifrástico 149
imperfectivo (aspecto) 5; 30, 37, 40, 50, 61; 83
imperfeito 148
imperfeito bi(multi)perifrástico 150
imperfeito composto 148
imperfeito composto bi(multi)perifrástico 150
imperfeito composto perifrástico 149
imperfeito perifrástico 149
inacabado 44
inceptivo (aspecto) 30
incoativo 264
indeterminado (aspecto) 30
infinitivo 148
infinitivo bi(multi)perifrástico 150
infinitivo composto 149

infinitivo composto bi(multi)perifrástico 151
infinitivo composto perifrástico 150
infinitivo perifrástico 149
infinitivo pessoal 148
infinitivo pessoal bi(multi)peri-frástico 150
infinitivo pessoal composto 149
infinitivo pessoal composto bi(multi)peri-frástico 151
infinitivo pessoal composto perifrástico 150
infinitivo pessoal perifrástico 149
iterativo (aspecto) 30, 40, 41

L

limite temporal 158
limite temporal final 158
limite temporal inicial 158

M

mais-que-perfeito 148
mais-que-perfeito bi(multi)perifrástico 150
mais-que-perfeito perifrástico 149
modo de acção (v. tb. *Aktionsart*) 94, 101
multiperífrase verbal 115

N

não-acabado ou começado (aspecto) 30
não-começado (aspecto) 30
não-delimitado 5
Núcleo Aspectual 51, 66, 75

O

operador aspectual 70, 75

P

paradigma 141
particípio 148
particípio bi(multi)perifrástico 150
particípio perifrástico 149
perfectividade 52
perfectivo (aspecto) 5; 30, 37, 40, 47, 50, 61; 83
perfeito (aspecto) 5; 83
perífrase verbal 115, 125
ponto 47, 51, 67, 77; 107
ponto da fala 53
ponto de culminação 66, 75
ponto de referência 53
ponto do evento 53
pontual (aspecto) 30, 44
pontualidade 5; 103
posição 43
posterioridade 53
predicação 157
predicado (verbal) 157
predicado atélico (v. tb. verbo atélico) 62
predicado télico (v. tb. verbo télico) 62
predicado verbal de culminação 106
predicado verbal de processo 104
predicado verbal de processo culminado 105
predicado verbal estativo 107
predicado verbal pontual 107
presente 148
presente bi(multi)perifrástico 150
presente composto 148
presente composto bi(multi)perifrástico 150
presente composto perifrástico 149
presente perifrástico 149
pretérito 148
pretérito bi(multi)perifrástico 150
pretérito perifrástico 149
processo 30, 43, 51, 66, 77; 83, 104
processo culminado 51, 67, 77; 105
processo preparatório 66, 75

progressividade 27
progressivo 55, 70; 181, 185
progressivocomitativo 221, 224
progressivogradativo 261
progressivogradativo prospectivo 294
progressivogradativo retrospectivo 294
progressivo-inceptivo 126

R

reanálise 121
Rede Aspectual 67, 75
reiterativo/iterativo 264

S

semelfactivo (aspecto) 40
simultaneidade 53
situação (v. tb. estado de coisas) 43; 157
situação dinâmica 30, 46, 51
situação estática 30, 46, 51
subparadigma 141

T

telicidade (v. tb. delimitado) 5; 103
télico 51
tempo (gramatical) 48, 53; 82
Tempo 82; 158
terminativo (aspecto) 31

U

unidireccionalidade 121

V

variação 131; 204; 239; 290
variantes combinatórias 131, 132; 290
variantes combinatórias em distribuição complementar 132
variantes diafásicas (ou estilísticas) 132; 206; 238, 239, 242; 291
variantes diastráticas (ou socioculturais) 132
variantes diatópicas (ou regionais) 132; 203, 206; 238, 239, 242; 291
variantes livres (ou facultativas) 132
verbo (v. tb. predicado verbal) 101; 157
verbo atélico 30, 40
verbo auxiliado 117
verbo auxiliar 117
verbo estativo 77
verbo não estativo 77
verbo télico 29, 40

2. "Tempos verbais" perifrásticos

1.
presente progressivo 174, 195
presente progressivocomitativo 216, 227, 233, 236
presente progressivogradativo 256, 273, 285

2.
pretérito progressivo 174, 195
pretérito progressivocomitativo 216, 227
pretérito progressivogradativo 256, 273, 285

3.
futuro progressivo 174, 195
futuro progressivocomitativo 216, 227
futuro progressivogradativo 256

4.
imperfeito progressivo 174, 195
imperfeito progressivocomitativo 216, 227, 233, 236
imperfeito progressivogradativo 256, 273, 285

5.
mais-que-perfeito progressivo 174, 195
mais-que-perfeito progressivocomitativo 216
mais-que-perfeito progressivogradativo 256, 273

6.
futuro do pretérito (*ou* condicional) progressivo 174, 195
futuro do pretérito (*ou* condicional) progressivocomitativo 216
futuro do pretérito (*ou* condicional) progressivogradativo 256, 273

7.
conjuntivo presente progressivo 174, 195
conjuntivo presente progressivocomitativo 216
conjuntivo presente progressivogradativo 256, 273, 285

8.
conjuntivo imperfeito progressivo 174, 195;
conjuntivo imperfeito progressivocomitativo 216, 227
conjuntivo imperfeito progressivogradativo 256, 273

9.
conjuntivo futuro progressivo 174, 195
conjuntivo futuro progressivocomitativo 216, 227
conjuntivo futuro progressivogradativo 256, 273

10.
imperativo progressivogradativo 256, 273

11.
infinitivo progressivo 174, 195
infinitivo progressivocomitativo 216, 227
infinitivo progressivogradativo 256

12.
infinitivo pessoal progressivo 174, 195

infinitivo pessoal progressivocomitativo 216
infinitivo pessoal progressivogradativo 256, 273

13.
gerúndio progressivo 174, 195
gerúndio progressivocomitativo 216

14.
particípio progressivo 173
particípio progressivocomitativo 215

15.
presente composto progressivo 174, 195
presente composto progressivocomitativo 216
presente composto progressivogradativo 256, 285

16.
futuro composto progressivo 174, 195
futuro composto progressivocomitativo 216

17.
imperfeito composto progressivo 174, 195
imperfeito composto progressivocomitativo 216
imperfeito composto progressivogradativo 256, 285

18.
futuro do pretérito (*ou* condicional) composto progressivo 174, 195
futuro do pretérito (*ou* condicional) composto progressivocomitativo 216-217

19.
conjuntivo presente composto progressivo 174, 195
conjuntivo presente composto progressivocomitativo 217
conjuntivo presente composto progressivogradativo 256

20.
conjuntivo imperfeito composto progressivo 174, 195
conjuntivo imperfeito composto progressivocomitativo 217
conjuntivo imperfeito composto progressivogradativo 285

21.
conjuntivo futuro composto progressivo 174, 195
conjuntivo futuro composto progressivocomitativo 217

22.
infinitivo composto progressivo 174, 195
infinitivo composto progressivocomitativo 217

23.
infinitivo pessoal composto progressivo 174-175, 195
infinitivo pessoal composto progressivocomitativo 217
infinitivo pessoal composto progressivogradativo 285

24.
gerúndio composto progressivo 175, 195
gerúndio composto progressivocomitativo 217

gerúndio composto progressivogradativo
285

3. Autores

A

Alegre, Manuel 135
Almeida, M.ª 23
Alves 193
Ançã 23
Andresen, Sofia de M. B. 135
Assis, Machado de 134

B

Barbosa 23, 63, 64; 145, 146
Barros 22, 35
Barroso xxvii; 9; 22, 23, 29, 56, 58, 59; 116, 125, 126; 235, 236
Bechara 22; 145, 148
Bentolila & Shimelis 5
Bentolila 4
Benveniste 118, 119
Bertinetto 15; 84
Bessa-Luís, Agustina xxvi, xxvii; 135
Binnick 87
Böckle 22
Bondarko 90
Bonvini 5
Branco, C. Castelo 135
Brianti 15; 92, 115, 116, 125; 160; 263, 264
Brito 124, 125
Buarque, Chico 134
Bühler 40
Builles 4
Busse & Vilela 125
Bybee & Perkins & Pagliuca 120

C

Campo 4; 22
Campos xxvii; 4, 15; 23, 59, 60, 61, 62, 63; 115, 124
Campos, Fernando 135
Carvalho 2
Castilho 22, 29, 33, 35, 39, 40, 41, 42; 115
Castilho, Paulo 135
Castro, Ferreira de 134
Cella 22
Chamoreau 4
Choi 4
Clairis 4
Cláudio, Mário 135
Coelho 236; 249
Coelho, Paulo 135
Cohen 5; 85
Comrie 15; 33, 43; 82
Confais 4; 86
Corôa 22
Coseriu 22, 25, 34, 35, 56, 57, 58; 119
Costa 22, 36, 38; 115, 116
Couto, Mia 134-135
Cunha & Cintra 145, 148
Cunha 23, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74; 104, 115

D

Dietrich 22, 56, 58
Dowty 51, 65, 66
Duarte 15; 22, 43; 115, 116, 124, 125, 139
Duarte & Brito 15; 23, 43, 77; 105, 107, 139

F

Ferreira, Vergílio 135
Ferro, Rita 236; 249
Figueiredo & Ferreira 145, 148
Fraga 171

G
García Fernández 5; 114
Gärtner 22, 26; 116
Gedeão, António 135
Gómez Torrego 15; 140
Gonçalves 124, 125
Gruère & Sardessai 4
Guérin 4
Guillaume 22

H
Heine & Claudi & Hünnermeyer 122
Heine 125
Holtus & Metzeltin & Schmitt xxvii
Hopper & Traugott 120
Hopper 133

I
Ibn El Farouk 4
Ilari 22

J
Jain-Duhaut 4
Jakobson 35

K
Kamp & Reyle 51, 65, 67
Karolak 105
Klöppel 4; 22
Kuryłowicz 120

L
Laca 15; 117, 122, 125
Landman 48
Lee 4
Leiria 23
Lima 120
Lopes, A. 23
Lorenzo xxvii, xxviii
Lyons 15; 33, 43

M
Martin 4
Martins 22; 145
Maslov 90
Merlan 22
Miguel 15; 99, 100, 102, 111; 303
Moens 46, 51, 53, 65, 66, 67, 70, 75; 104
Mónica, M.ª Filomena 135
Monteiro, L. de Sttau 135
Morimoto 5, 15; 102, 110
Mourelatos 65, 66

N
Namora, Fernando 135
Negreiros, Almada 135
Neves 22; 120
Nguyen 4

O
Olbertz 98, 123
Oliveira 5, 15; 22-23, 45, 46, 47, 47-48, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 65; 104, 110, 115, 116
Oliveira & Cunha & Matos 23, 74, 75, 76, 77
Oliveira & Lopes 56
Osório 146

P
Pacheco, F. Assis 135
Parsons 65, 66
Pereira, A. Teresa 135
Peres 145, 146
Pessoa, Fernando 135
Pires, J. Cardoso 135

Q
Quesada 93, 94

R
Ramos 254
Redol, Alves 135
Rego, José Lins do 236
Ribeiro, J. Ubaldo 134
Rodrigues & Galembeck 22-23
Rodriguez Espiñeira 15; 102, 110
Rowling, J. K. 171

S
Santos, D. 23
Saramago, José xxxvii; 59; 134
Schemann 22, 24, 25
Schwall 88, 89, 90
Silva & Couto 254
Silva & Tavares 145
Silva 120
Silva, P. 23, 64, 65; 146
Smith 43, 47; 96
Soares, M.ª 22, 34, 35, 36
Soares, N. 23
Squartini 15; 185, 186; 224; 289
Staudacher-Valliamée 5
Sten 22
Suter 22

T
Tavares, M. de Sousa 135
Tiago, Manuel 135
Togeby 4
Tojal, Altino do 135
Torga, Miguel 135
Travaglia 22, 28, 29, 32, 35; 114, 116
Traugott & Heine 120

V
Vázquez Cuesta & Mendes da Luz 145
Vendler 46, 49, 50, 51, 62, 65, 66, 75
Veríssimo, Érico 235
Vilela 23; 145, 148
Volpato & Pereira 23; 185

W
Walter 254
Weise 22
Wetshemongo Kamomba 4

Y
Yllera 15; 140

BIBLIOGRAFIA

1. Bibliografia teórico-metodológica

AA. VV. 1

(1978) *Quelques aspects de l'aspect. DRLAV*. Paris, Université de Paris VII.

AA. VV. 2

(1967) *Problemas y principios del estructuralismo lingüístico*. Madrid, C.S.I.C.

AA. VV. 3

(1958) «L'aspect verbal», in *RBPh* 36, fs. 1 e 4, pp. 118-143 e 861-876.

Acero, Juan José

(1990) «Las ideas de Reichenbach acerca del tiempo verbal», in Bosque, Ignacio (ed.), *Tiempo y aspecto en español*, pp. 45-75.

Åkerstein, L.

(1968) «Remarques sur l''aspect' et l''ordre de procès'», in *LAnt* 2, pp.19-27.

Alarcos Llorach, Emilio

(1999) *Gramática de lengua española.* Madrid, Editorial Espasa Calpe, S.A. [Real Academia Española – Colección Nebrija y Bello]

([3]1984) *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid, Editorial Gredos.

Alcina Franch, Juan & **Blecua, José Manuel**

([6]1988) *Gramática española*. Barcelona, Editorial Ariel, S.A., pp. 727-813. [[1]1975]

Almeida, João de
(1980) *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. Assis - São Paulo, ILHPA-UCITEC.

Almeida, M.ª Elisete
(2001) «O imperfeito e o *imparfait* numa perspectiva contrastiva», in Correia, Clara N. & Gonçalves, Anabela (eds.), *AENAPL* XVI, pp. 47-59.

Alonso, Amado
(1939) «Sobre métodos: construcciones con verbos de movimiento en español», in *RFH* 1, pp. 105-138.

Alonso, Dámaso (ed.)
(1972) *Studia Hispanica in honorem R. Lapesa*. Madrid, Editorial Gredos.

Ançã, Maria Helena Serra Ferreira
(1990) *A expressão do tempo e do aspecto. Ensino/aprendizagem do português, língua materna*. Universidade de Aveiro. [Tese inédita]

Anderson, J.
(1982) «The 'Perfect' as a Universal and as a Language-Particular Category», in Hopper, P. J. (ed.), *Tense-Aspect: Between Semantics & Pragmatics*, pp. 227-264.
(1973) *An Essay Concerning Aspect*. The Hague/Paris, Mouton.

Anderson, Stephen R.
(1995) «Inflectional Morphology», in Shopen, Timothy (ed.), *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. III: *Grammatical Categories and the Lexicon*, pp. 150-201. [[1]1985]

Anderson, Stephen R. & **Keenan, Edward L.**
(1995) «Deixis», in Shopen, Timothy (ed.), *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. III: *Grammatical Categories and the Lexicon*, pp. 259-308 [sobretudo pp. 295-307]. [[1]1985]

Andres-Suárez, Irene
(1994) *El verbo español. Sistemas medievales y sistema clásico*. Madrid, Editorial Gredos.

Åqvist, Lennart
(1978b) «An Analysis of Action Sentences based on a "Tree" System of Modal Tense Logic», in Rohrer, C. (ed.), *Papers on Tense, Aspect and Verb Classification*, pp. 111-161.
(1978a) «On the Distinction between the Present Perfect and the Simple Past in English», in Rohrer, C. (ed.), *Papers on Tense, Aspect and Verb Classification*, pp. 37-48.

Authier, Jacqueline

(1978) «Points de contacts entre traits sémantiques de verbes, aspect, voix passive, entre linguistique et extralinguistique: remarques informelles», in AA. VV. 1, *Quelques aspects de l'aspect*, pp. 159-176.

Bache, Carl

(1982) «Aspect and Aktionsart: Towards a Semantic Distinction», in *JL* 18, pp. 57-72.

Badía Margarit, A.

(1964) «El gerundio de posterioridad», in *PFLE* II, pp. 287-295.

(1949) «Ensayo de una sintaxis histórica de tiempos. I. El pretérito imperfecto de indicativo», in *BRAE* XXIX, pp. 15-29.

(1948) «Ensayo de una sintaxis histórica de tiempos. I. El pretérito imperfecto de indicativo», in *BRAE* XXVIII, pp. 281-300 e 393-410.

Ballweg, Joachim

(1988) *Die Semantik der deutschen Tempusformen*. Düsseldorf, Schwamm.

Bambeck, Richthofen von M. & **Christmann, H.** (eds.)

(1975) *Philologica Romanica* [Festschrift E. Lommatzsch gewidmet]. München, Wilhelm Fink Verlag.

Bammesberger, Alfred

(1986) *Der Aufbau des germanischen Verbalsystems*. Heidelberg, Carl Winter-Universitätsverlag.

Barbosa, Jorge Morais

(1998b) «Modalidades verbais portuguesas», in *Confluência* 16, pp. 49-64.

(1998a) «Le système verbal portugais», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 71-86.

(1996) «Crioulos portugueses em África e no Oriente», in *Confluência* 12, pp. 59-72.

(1995) «Sistemas verbais portugueses e dinâmica linguística», in *AENAPL* X, pp. 57-67.

(1989) «Contribuição para o estudo do sistema verbal português: "tempos simples" e "tempos compostos"», in *Biblos* LXV, pp. 221-228.

Barbosa, J. Morais & **Santos, Joana V.** & **Lopes, Isabel** & **Loureiro, Ana Paula** & **Figueiredo, Cristina** (eds.)

(1999) *Gramática e ensino das línguas* [Actas do I Colóquio sobre Gramática]. Coimbra, Livraria Almedina.

Barrera-vidal, Albert

(1971) «La traduction en français moderne du prétérit simple et du prétérit composé espagnols. Essai d'analyse différentielle», in Bausch, K.-R. & Gauger, H.-M. (eds.), *Interlinguistica* [Festschrift Mario Wandruszka], pp. 397-415.

Barros, Luiz Martins M. de

(1981) *Princípios e métodos estruturais aplicados ao sistema verbal do português*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ. [Mimeo. Tese de Doutorado]

(1974) *Aspecto e tempo na flexão do verbo português*. Niterói, Instituto de Letras da UFF. [Dissertação de Mestrado]

Barroso, Henrique

(2000) «Das *perífrases verbais* como instrumento expressivo privilegiado das categorias de natureza temporo-aspectual e simplesmente aspectual no sistema verbal do português de hoje», in Gärtner, Eberhard & Hundt, Christine & Schönberger, Axel (eds.), *Estudos de gramática portuguesa (III)*, pp. 89-103.

(1999) «Das *perífrases verbais* e/ou dos *complexos verbais perifrásticos* enquanto meio de expressão privilegiado de alguns valores aspectuais e/ou temporo-aspectuais em português», in *Diacrítica* 13-14 (1998-1999), pp. 331-387.

(1997) «O *aspecto de fases* em português contemporâneo», in Lorenzo, Ramón (ed.), *ACILFR* XIX, vol. I, pp. 333-348.

(1994) *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrónica*. Porto, Porto Editora.

(1993) «As *categorias gramaticais verbais* e a organização sistémica do *verbo* em português: uma hipótese interpretativa», in *Diacrítica* 8, pp. 217-233.

(1991b) «A categoria aspectual da COLOCAÇÃO e sua expressão perifrástica em português contemporâneo», in *Nós* 19-28 [*Atas do I Congresso Internacional de Literaturas Lusófonas* (em homenagem aos Professores Rodrigues Lapa, Celso Cunha e Carvalho Calero). Santiago de Compostela, 1991/09/19-21], pp. 334-347.

(1991a) «Expressão perifrástica da categoria gramatical verbal *aspecto* em português contemporâneo» (II parte), in *Diacrítica* 6, pp. 291-310.

(1990) «Expressão perifrástica da categoria gramatical verbal *aspecto* em português contemporâneo» (I parte), in *Diacrítica* 5, pp. 21-42.

Bassols de Climent, M.

(1951) «La cualidad de la acción verbal en español», in *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, II. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 135-147.

Baum, R. & **Hausmann, F. J.** & **Monreal-Wickert, I.** (eds.)

(1979) *Sprache in Unterricht und Forschung* (Schwerpunkt Romanistik). Tübingen, Gunter Narr Verlag.

Bausch, K.-R. & **Gauger, H.-M.** (eds.)
(1971) *Interlinguistica* [Festschrift Mario Wandruszka]. Tübingen, Max Niemeyer Verlag.

Bechara, Evanildo
([37]1999) *Moderna gramática portuguesa* (edição revista e ampliada). Rio de Janeiro, Editora Lucerna (essencialmente pp. 209-224, 230-233 e 275-286).

Beck-Busse, Gabriele
(1997) «À propos de la nature temporelle des verbes en français», in Lorenzo, Ramón (ed.), *ACILFR* XIX, vol. I, pp. 279-290.

Bentolila, Fernand
(1998) «Introduction à l'étude des systèmes verbaux», in *Idem* (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 5-37.

Bentolila, Fernand (ed.)
(1998) *Systèmes verbaux* (Bibliothèque des Cahiers de l'Institut de Linguistique de Louvain - 98). Louvain-la-Neuve, Peeters.

Bentolila, Fernand & **Shimelis, Frew**
(1998) «Le système verbal de l'amharique», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 165-175.

Benveniste, E.
(s. d.) «As relações de tempo no verbo francês», in *Idem*, *O Homem na Linguagem.* Lisboa, Assírio Bacelar (editor), pp. 29-42. [Colecção Vega Universidade, trad. port. de Isabel Maria Lucas Pascoal].
(1965) «Structure des relations d'auxiliarité», in *ALHafn* 9, pp. 1-15.
(1960) «ÊTRE et AVOIR dans leurs fonctions linguistiques», in *BSL(P)* 55, 1, pp. 113-134.
(1951) «Prétérit et optatif en indoeuropéen», in *BSL(P)* 47, pp. 11-20.

Benzing, J.
(1931) «Zur Geschichte von SER als Hilfszeitwort bei den intransitiven Verben im Spanischen», in *ZrP* 51, pp. 385-460.

Berchem, Theodor
(1973) *Studien zum Funktionswandel bei Auxiliarien und Semi-Auxiliarien in den romanischen Sprachen*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag. [Beiheft zur *ZrP* 139]
(1968) «Sur la fonction des temps verbaux. À propos de H. Weinrich: *Tempus - Besprochene und erzählte Welt*», in *FM* XXXVI, pp. 287-297.

Berschin, Helmut
(1976) *Präteritum- und Perfektgebrauch im heutigen Spanisch*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag. [Beiheft zur *ZrP* 157]

(1975) «A propósito de la teoría de los tiempos verbales: perfecto simple y perfecto compuesto en el español peninsular y colombiano», in *ThBICC* 30, pp. 539-556.

Bertinetto, Pier Marco

(1986) *Tempo, aspetto e azione nel verbo italiano. Il sistema dell'indicativo*. Firenze, Presso l'Academia della Crusca.

(1982) «Intrinsic and extrinsic temporal references. On restricting the notion of 'Reference Time'», in *JIL* 1, pp. 71-108.

Binnick, Robert I.

(1991) *Time and the Verb. A Guide to Tense and Aspect*. New York, Oxford, Oxford University Press.

Björck, G.

(1940) ΗΝ ΔΙΔΑΣΚΩΝ, *Die periphrastischen Konstruktionen im Griechischen*. Uppsala/Leipzig, Almqvist & Wiksell/Harrassowitz. [Skrifter utgivna av K. Humanistica Vetenskaps-Samfundet i Uppsala 32, 2]

Blumenthal, Peter

(1987) «Zur Diachronie des romanischen Tempussystems - eine zyklische Entwicklung?», in Dahmen, W. & Holtus, G. & Kramer, J. & Metzeltin, M. (eds.), *Latein und Romanisch. Romanistisches Kolloquium* I, pp. 144-157.

Böckle, Klaus

(1993) «L'"infinito pessoal" portugais et le problème du subjonctif "illogique" dans la complétive préposée introduite par (*le fait*) *que* dans les langues romanes», in Schmidt-Radefeldt, Jürgen (ed.), *Semiótica e linguística portuguesa e românica*, pp. 105-122.

(1980) «Zum Diasystem der portugiesischen Verbalperiphrasen mit dem 'gerundialen Infinitiv'», in *ZrP* 96, pp. 333-354.

(1979) «Zur aspektuellen Verbalperiphrase im Französischen, Portugiesischen und Italienischen», in Baum, Richard & Hausmann, Franz Josef & Monreal-Wickert, Irene (eds.), *Sprache in Unterricht und Forschung*, pp. 195-216.

Boléo, Manuel de Paiva

(1965) «Os valores temporais e modais do futuro imperfeito e do futuro perifrástico em português», in *Biblos* 41 [Miscelânea em homenagem ao Prof. Doutor J. Providência Costa], pp. 87-115.

(1936) *O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas* (estudo de carácter sintáctico-estilístico). Coimbra, Biblioteca da Universidade.

(1934-35) «Tempos e modos em português. Contribuição para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo», in *BF* 3, fs. 1 e 2, pp. 15-36.
(1929) «Génese do conceito de 'tempo passado' e sua expressão nas línguas românicas», in *Biblos* 5, pp. 315-340.

Bonnard, H.
(1964) «Avec Klum vers une théorie scientifique des marques temporelles», in *FM* 32, pp. 85-96.

Bonvini, Emilio
(1998) «Le système verbal du kàsim: un dispositif de prise en charge du procès», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 177-196.

Bork, Hans-Dieter & **Greive, A.** & **Woll, D.** (eds.)
(1980) *Romanica Europaea et Americana* [Festschrift für Harri Meyer]. Bonn, Grundmann.

Bosque, Ignacio
(1990b) «Sobre el aspecto en los adjetivos y en los participios», in Bosque, Ignacio (ed.), *Tiempo y aspecto en español*, pp. 177-214.
(1990a) «Las bases gramaticales de la alternancia modal. Repaso y balance», in Bosque, Ignacio (ed.), *Indicativo y subjuntivo*, pp. 13-65.

Bosque, Ignacio (ed.)
(1990b) *Tiempo y aspecto en español*. Madrid, Ediciones Cátedra, S.A.
(1990a) *Indicativo y subjuntivo*. Madrid, Taurus.

Bosque, Ignacio & **Demonte, Violeta** (eds.)
(1999) *Gramática descriptiva de la lengua española* (3 vols). Madrid, Editorial Espasa Calpe, S. A. [Real Academia Española – Colección Nebrija y Bello]

Bouzet, J.
(1953a) «Le gérondif espagnol dit de *postériorité*», in *BH* LV, pp. 349-374.
(1953b) «Orígenes del empleo de "estar"», in *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, IV, pp. 37-58.

Braun, M. & **Koschmieder, E.** (eds.)
(1963) *Slavistische Studien zum V. Internationalen Slawistenkongreß in Sofia*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht.

Bréal, M.
(1976a) «Les commencements du verbe», in *Idem*, *Essai de sémantique*, pp. 332-359.
(1976) *Essai de sémantique*. Genève, Slatkine Reprints. [[1]1924]

Brianti, Giovanna
(1992) *Périphrases aspectuelles de l'italien: le cas de* andare, venire *et* stare *et gérondif*. Frankfurt am Main/Berlin/Bern/New York/Paris/

Wien, Peter Lang. [Publications Universitaires Européennes: Série 9, Langue et littérature; vol. 22]

Brieër-van Akerlaken, L. M.

(1967) «Le problème des verbes auxiliaires en français contemporain», in *FoLi* I, fs. 3/4, pp. 194-231.

Brito, Ana Maria

(2003) «Os auxiliares», in Mateus, M.ª Helena Mira *et aliae*, *Gramática da língua portuguesa*, pp. 404-409.

(1994) «Morfo-sintaxe», in Holtus, G. & Metzeltin, M. & Schmitt, Ch. (eds.), *LRL*, vol VI, 2, pp. 223-240 (especialmente pp. 235-238).

Brito, Ana M.ª & **Oliveira, F.** & **Lima, I. P.** & **Martelo, R. M.ª** (eds.)

(1997) *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto, Campo das Letras.

Brockelmann, Carl

(1951) «Die "Tempora" des Semitischen», in *ZPaS* V, pp. 133-154.

Brøndal, V.

(1943) *Essais de linguistique générale*. Copenhague, Munksgaard.

(1943b) «Structure et variabilité des systèmes morphologiques», in *Idem*, *Essais de linguistique générale*, pp. 15-24.

(1943a) «Les formes fondamentales du verbe», in *Idem*, *Essais de linguistique générale*, pp. 128-133.

Bühler, Karl

(²1961) *Teoría del lenguaje* [trad. esp. por Julián Marías de *Sprachtheorie*. Jena: Gustav Fischer, 1934]. Madrid, Revista de Occidente, S.A., pp. 107-185.

Builles, Jean-Michel

(1998) «Le système "verbal" de la variété merina de malgache», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 213-251.

Bull, William E.

(1960) *Time, Tense and the Verb. A Study in Theoretical and Applied Linguistics, with Particular Attention to Spanish*. UCPL 19, Berkeley and Los Angeles.

(1957) «Rec. a Togeby, Knud, *Mode, aspect et temps en espagnol*», in *RPh* 11, 1, pp. 48-58.

Burger, A.

(1949) «Sur le passage du système des temps et des aspects de l'indicatif, du latin au roman commun», in *CFS* 8, pp. 21-36.

Burkhardt, Armin & **Körner, Karl-Hermann** (eds.)

(1986) *Pragmantax* [Akten des 20. Linguistischen Kolloquiums, Braunschweig, 1985]. Tübingen, Max Niemeyer Verlag.

Busse, Winfried

(1994) *Dicionário sintáctico de verbos portugueses*. Coimbra, Livraria Almedina.

Busse, Winfried & **Vilela, Mário**

(1986) *Gramática de valências*. Coimbra, Livraria Almedina.

Bußmann, Hadumod

([2]1990) *Lexikon der Sprachwissenschaft*. Stuttgart, Alfred Kröner Verlag.

Buyssens, E.

(1958) «L'aspect verbal en anglais», in AA. VV. 3, *RBPh* 36, pp. 869-872.

Bybee, Joan & **Perkins, Revere** & **Pagliuca, William**

(1994) *The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the Languages of the World*. Chicago/London, The University of Chicago Press.

Câmara Jr., J. Mattoso

([3]1979) *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão – Livraria Editora Ltda., pp. 125-161 e 163-174.

(1967) *A forma verbal portuguêsa em -ria*. Washington, Georgetown University Press

(1962) «Une catégorie verbale: le futur du passé», in Lunt, Horace G. (ed.), *PICL* IX, pp. 547-551.

(1957) «Sôbre o Futuro Romance», in *RBF* 3, II, pp. 221-225.

(1956) *Uma forma verbal portuguêsa. Estudo estilístico-gramatical*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

Campo, José Luís Azevedo do

(1998) *Tempora, Aspekte und Modi im Spanischen und Portugiesischen: ein Lehrbuch für Lusitanisten und Hispanisten*. Rostock, Universität, Institut für Romanistik.

Campos, Henriqueta Costa

(2002) «Questões aspectuais: algumas especificidades do português», in Große, Sybille & Schönberger, Axel (em colaboração com Döll, Cornelia e Hundt, Christine) (eds.), *Ex oriente lux: Festschrift für Eberhard Gärtner zu seinem 60. Geburtstag*, pp. 73-88.

(1998) *Dever e poder. Um subsistema modal do português*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, pp. 197-225 e 239-254.

(1997) *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística portuguesa*. [Colecção Linguística PORTO EDITORA 2]. Porto, Porto Editora.

(1997c) «Le marqueur "já": étude d'un phénomène aspectuel», in *Idem*, *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística portuguesa*, pp. 53-67.

(1997b) «Ambiguidade lexical e representação metalinguística», in *Idem*, *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística portuguesa*, pp. 93-113.

(1997a) «O pretérito perfeito composto: um tempo presente?», in *Idem*, *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística portuguesa*, pp. 115-122.

(1996) «Para uma reinterpretação de alguns fenómenos aspectuais», in *Actas do Congresso Internacional sobre o Português* (vol. II). Lisboa, Colibri, pp. 77-93.

(1984) «Pretérito perfeito simples/pretérito perfeito composto: uma oposição aspectual e temporal», in *LtS* 2, pp. 11-53.

Campos, Odete A. de Souza

(1980) *O gerúndio no português: estudo histórico-descritivo*. Rio de Janeiro, Presença Edições.

Camproux, Ch.

(1967) «Télescopage morpho-syntaxique?», in *FM* XXXV, pp. 161-183.

Carbonero Cano, Pedro

(1979) *Deíxis espacial y temporal en el sistema lingüístico*. Sevilla, Publicaciones de la Universidad de Sevilla.

Carpinteiro, Maria da Graça

(1961) «Aspectos do mais-que-perfeito do indicativo em português moderno», in *ACILR* IX [= *BF* 19, pp. 199-208].

Carrasco Gutiérrez, Ángeles

(2000) *La concordancia de tiempos*. Madrid, Arco/Libros, S.L. [Cuadernos de Lengua Española 70]

Cartagena, N.

(1999) «Los tiempos compuestos», in Bosque, I. & Demonte, V. (eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (vol. 2), cap. 45, pp. 2935-2975.

(1978) «Acerca de las categorías de tiempo y aspecto en el sistema verbal del español», in *REspL* VIII, 3, pp. 373-408.

(1976-77) «Estructura y función de los tiempos del modo indicativo en el sistema verbal del español», in *RLA* 14/15, pp. 5- 44.

Carvalho, José G. Herculano de

(1984) *Estudos Linguísticos*, 3.º vol. Coimbra, Coimbra Editora.

(1984c) «Temps et aspect: problèmes généraux et leur incidence en portugais, français et russe», in *Idem*, *Estudos linguísticos*, 3.º vol., pp. 199-235.

(1984b) «Tempo e aspecto numas páginas de *A Relíquia*», in *Idem*, *Estudos linguísticos*, 3.º vol., pp. 237-246.

(1984a) «Ficar em casa/ficar pálido: gramaticalização e valores aspectuais», in Carvalho, José G. Herculano de & Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.), *Estudos de linguística portuguesa*, 1.º vol., pp. 131-155.

(s.d.) Verbetes «Aspecto», «Condicional» e «Futuro», in *Verbo*, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vols. 2 (col. 1573), 5 (col 1283) e 8 (col. 1847), respectivamente.

Carvalho, José G. Herculano de & **Schmidt-Radefeldt, Jürgen** (eds.)

(1984) *Estudos de linguística portuguesa*, 1.º vol. Coimbra, Coimbra Editora.

Castilho, Ataliba Teixeira de

(2000) «Problemas do aspecto verbal no português falado no Brasil», in Gärtner, Eberhard & Hundt, Christine & Schönberger, Axel (eds.), *Estudos de gramática portuguesa (III)*, pp. 17-46.

(1970) «Sur l'aspect verbal en portugais», in *RRL* 15, pp. 247-249.

(1967a) *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. [Colecção de teses 6]. [Também em *Alfa* 12 (1968), pp. 7-135]

(1967b) *A sintaxe do verbo e os tempos do passado em português*. Marília SP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. [Também em *Alfa* 9 (1966), pp. 105-153]

(1963) «Estruturalismo, história e aspecto verbal», in *Alfa* 4, pp. 139-166.

Cella, Claudino

(1978) *Système verbal français et système verbal portugais. Étude comparative*. Metz, Université de Metz.

Černý, Jiří

(1976) «La categoría de actualidad en el verbo español», in Boudreault, Marcel & Möhren, Frankwalt (eds.), *ACILPR* XIII, vol. I, 1, pp. 311-317.

(1972) «Tiempos pretéritos compuestos y la estructura del sistema verbal», in *EspA* 22, pp. 1-10.

(1971b) «Dos niveles temporales del verbo español y la doble función del pretérito imperfecto», in *EFil* 7, pp. 173-195.

(1971a) «Los sistemas morfológicos del verbo español y del checo, sus diferencias y dificultades de traducción», in *IAP* 5, pp. 57-68.

(1970b) «El pretérito español y la categoría del aspecto», In Rosetti, Alexandru & Reinheimer-Rîpeanu, Sandra (eds.), *ACILFR* XII, vol. I, pp. 787-792.

(1970a) «Sobre el origen y la evolución de las categorías morfológicas», in *EspA* 17, pp. 1-13.

(1969) «Sobre la asimetría de las categorías del tiempo y del aspecto en el verbo español», in *PhP* 12, pp. 83-93.

Chamoreau, Claudine

(1998) «Le système verbal du p^{h}urhépecha», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 55-69.

Choi, Jaeho

(1998) «Esquisse du système verbal du coréen», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 273-285.

Christmann, Hans Helmut

(1968a) «Tempus und Aspekt. Zu den Thesen von K. Heger», in *ZrP* 84, pp. 481-484.

(1968b) [Rez.] - [«Heger, K. - *Die Bezeichnung temporal-deiktischer Begriffskategorien im französischen und spanischen Konjugationssystem*. Tübingen, 1963»], in *ASNS* 204, pp. 300-307.

(1962) «Rezension zu Wolfgang Pollak, *Studien zum 'Verbalaspekt' im Französischen*», in *RJb* XIII, pp. 192-197.

(1959) «Zum "Aspekt" im Romanischen. Bemerkungen zu einigen neueren Arbeiten», in *RF* LXXI, pp. 1-16.

(1958) «Zu den formes surcomposées im Französischen», in *ZfSL* LXVIII, pp. 72-100.

Chung, Sandra & **Timberlake, Alan**

(1995) «Tense, Aspect, and Mood», in Shopen, Timothy (ed.), *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. III: *Grammatical Categories and the Lexicon*, pp. 202-258. [[1]1985]

Cifuentes García, L.

(1954-55) «Acerca del aspecto», in *BFUCh* 8, pp. 57-63.

Cirot, G.

(1972) «SER et ESTAR avec un participe passé», in *Mélanges de Philologie offerts à F. Brunot*. Genève, Slatkine Reprints, pp. 57-69. [[1]1904]

Clairis, Christos

(1998) «Le système verbal du grec», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 87-95.

Clément, Danièle
(1978) «Une présentation de la contribution d'Erwin Koschmieder à l'étude de l'aspect», in AA. VV. 1, *Quelques aspects de l'aspect*, pp. 49-68.
Clifford, John E.
(1980) *Tense and Tense Logic*. The Hague, Mouton Publishers. [[1]1975]
Coan, Márluce
(1999) «Tempos verbais em variação: o caso dos pretéritos perfeito e mais-que-perfeito», in Lopes, Ana C. M. & Martins, C. (eds.), *AENAPL* XIV, vol. I, pp. 309-322.
Coates, Jennifer
(1983) *The Semantics of the Verbal Auxiliaries*. London, Croom Helm.
Cohen, David
(1989) *L'aspect verbal*. Paris, P.U.F. [Linguistique Nouvelle]
Cohen, Marcel
(1960) «Quelques considérations sur le phénomène des verbes auxiliaires (avec bibliographie pour le français)», in *SCL* XI [Omagiu lui Al Graur], pp. 433-442.
Comes, Elena
(1999) *Les verbes fréquentatifs en français et en roumain*. Constanţa, Ex Ponto.
Comrie, Bernard
(1986) «Tense in Indirect Speech», in *FoLi* XX, fs. 3/4, pp. 265-296.
(1985) *Tense*. Cambridge, Cambridge University Press.
(1976) *Aspect. An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems*. Cambridge, Cambridge University Press.
Confais, Jean-Paul
(1990) *Temps, mode, aspect* (*Les approches des morphèmes verbaux et leurs problèmes à l'exemple du français et de l'allemand*). Toulouse, Presses Universitaires du Mirail.
Corôa, Maria Luiza Monteiro Sales
(1985) *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília, Thesaurus.
Coseriu, Eugenio
(1988) «Tempo e linguaggio», in De Angelis, E. (ed.), *Undici conferenze sul tempo* [= *Jacques e i suoi quaderni* 11], pp. 203-230.
(1987b) «Le latin vulgaire et le type linguistique roman. (À propos de la thése de Humboldt: "Es sanken Formen, nicht aber die Form")», in Herman, József, *Actes du I^er^ Colloque international sur le latin vulgaire et tardif*, pp. 53-64.

(1987a) «Bedeutung, Bezeichnung und sprachliche Kategorien», in *Sprachwissenschaft* 12, 1, pp. 1-23.
(1986) *Principios de semántica estructural*. Madrid, Editorial Gredos.
(1986a) «Significado y designación a la luz de la semántica estructural», in *Idem*, *Principios de semántica estructural*, pp. 185-209.
(1980) «Aspect verbal ou aspects verbaux? Quelques questions de théorie et de méthode», in David, Jean & Martin, Robert (eds.), *La notion d'aspect*, pp. 13-25.
(1978) *Gramática, semántica, universales* (Estudios de lingüística funcional). Madrid, Editorial Gredos.
(1978a) «Los universales del lenguaje (y los otros)», in *Idem*, *Gramática, semántica, universales*, pp. 148-205.
(1977) *Estudios de lingüística románica*. Madrid, Editorial Gredos.
(1977e) «Sobre el futuro romance», in *Idem*, *Estudios de lingüística románica*, pp. 15-39.
(1977d) «Sobre las llamadas 'construcciones con verbos de movimiento': un problema hispánico», in *Idem*, *Estudios de lingüística románica*, pp. 70-78.
(1977c) «'Tomo y me voy'. Un problema de sintaxis comparada europea», in *Idem*, *Estudios de lingüística románica*, pp. 79-151.
(1977b) «El aspecto verbal perifrástico en griego antiguo (y sus reflejos románicos)», in *Idem*, *Estudios de lingüística románica*, pp. 231-263.
(1977a) «El problema de la influencia griega sobre el latín vulgar», in *Idem*, *Estudios de lingüística románica*, pp. 264-280.
(1976) *Das romanische Verbalsystem*. Tübingen, Gunter Narr Verlag.
(1959) «"Fiz" y "tenho feito"». Comunicação apresentada ao *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Salvador/Bahía/Brasil. (Actas inéditas). [Ms. fornecido pelo Autor]
(s. d.) *El verbo español: tiempo y aspecto. Esbozo de una interpretación funcional*. [Apontamentos fornecidos pelo Autor]

Costa, Albano Dias da
(1976) «Periphrastic Verbal Expressions in Portuguese», in Schmidt-Radefeldt, J. (ed.), *Readings in Portuguese Linguistics*, pp. 187-243.

Costa, Sônia Bastos Borba
(1997) *O aspecto em português*. São Paulo, Editora Contexto. [Coleção Repensando a Língua Portuguesa]

Criado de Val, M.
(1969) *El verbo español*. Madrid, S.A.E.T.A.

(1951-52) «Sistema verbal del español. Notas para una sintaxis hispanorrománica», in *VR* 12, pp. 95-111.

(1948) *Sintaxis del verbo español moderno*. I. *Metodología*. II. *Los tiempos pasados del indicativo*. [Anejo XLI de la *RFE*]. Madrid, C.S.I.C.

Cuervo, Rufino J.

(1948) «Sobre el carácter del infinitivo», in *Idem*, *Disquisiciones sobre filología castellana*. Buenos Aires, "El Ateneo" [Colección Cultura Universal], pp. 106-115.

Culioli, Antoine

(1980) «Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique», in David, Jean & Martin, Robert (eds.), *La notion d'aspect*, pp. 181-193.

Cunha, Celso & **Cintra, L. F. Lindley**

([1]1984) *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa, Edições João Sá da Costa.

Cunha, Luís Filipe Alvão Serra Leite da

(1999) «Breve análise semântica de alguns operadores aspectuais do português», in Lopes, Ana C. M. & Martins, C. (eds.), *AENAPL* XIV, vol. I, pp. 447-462.

(1998) *As construções com progressivo no português: uma abordagem semântica*. Porto. [Tese de Mestrado inédita]

Dahl, Östen

(1985) *Tense and Aspect Systems*. Oxford, Basil Blackwell Ltd.

(1981) «On the definition of the telic - atelic (bounded - nonbounded) distinction», in Tedeschi, P. & Zaenen, A. (eds.), *Tense and Aspect*, pp. 79-90.

Dahmen, W. & **Holtus, G.** & **Kramer, J.** & **Metzeltin, M.** (eds.)

(1987) *Latein und Romanisch. Romanistisches Kolloquium I*. Tübingen, Gunter Narr Verlag.

Dahmen, W. & **Holtus, G.** & **Kramer, J.** & **Metzeltin, M.** & **Schwei-Ckard, W.** & **Winkelmann, O.** (eds.)

(1998) *Neuere Beschreibungsmethoden der Syntax romanischer Sprachen* [*Romanistisches Kolloquium XI*]. Tübingen, Günter Narr Verlag.

Dam, Lotte

(2001) «La interpretación de *ser* + participio», in *RLiR* 65, fs. 259-260, pp. 449-462

Damourette, J. & **Pichon, E.**

(1931) «Il a fait, il vient de faire, il va faire», in *RPFL* 43, pp. 81-118.

Dauzat, Albert
(1954) «À propos des temps surcomposés: Surcomposé provençal et surcomposé français», in *FM* XXII, pp. 259-262.

Dauzat, Albert & **Yvon, Henri**
(1955) «Discussions: À propos des temps surcomposés», in *FM* XXIII, p. 44.

David, Jean & **Martin, Robert** (eds.)
(1980) *La notion d'aspect*. [Recherches linguistiques V]. Paris, Librairie Klincksieck.

De Angelis, E. (ed.)
(1988) *Undici conferenze sul tempo* [= *Jacques e i suoi quaderni* 11]. Pisa.

De Both-Diez, A.-M.
(1985) «L'aspect et ses implications dans le fonctionnement de l'imparfait, du passé simple et du passé composé au niveau textuel», in Vet, Co (ed.), *La pragmatique des temps verbaux*, pp. 5-22.

De Dardel, R. & **De Both-Diez, A.-M.**
(1985) «L'ancrage du texte dans le temps absolu», in Vet, Co (ed.), *La pragmatique des temps verbaux*, pp. 114-128.

Desclès, J. P.
(1980) «Construction formelle de la catégorie grammaticale de l'aspect (essai)», in David, Jean & Martin, Robert (eds.), *La notion d'aspect*, pp. 195-237.

Dietrich, Wolf
(1996) «Gemeinromanische Tendenzen III. Verbalperiphrasen», In Holtus, G. & Metzeltin, M. & Schmitt, Ch. (eds.), *LRL*, Band II, 1, pp. 223-235.
(1987) «Die funktionelle Entwicklung des Typs *cantaveram* in den romanischen Sprachen», in Dahmen, W. & Holtus, G. & Kramer, J. & Metzeltin, M. (eds.), *Latein und Romanisch. Romanistisches Kolloquium* I, pp. 126-143.
(1985) «Die Entwicklung der aspektuellen Verbalperiphrasen im Italienischen und Spanischen», in *RF* 97, pp. 197-225.
(1984c) «As perífrases verbais de 'modalidade' em português», In Carvalho, J. G. Herculano De & Schmidt-Radefeldt, J. (eds.), *Estudos de linguística portuguesa*, pp. 59-91.
(1984b) «La función de la forma verbal española en -ra», in *Actas del Segundo Congreso Nacional de Lingüística*. Argentina, Universidad Nacional de San Juan, pp. 319-332.

(1984a) «Zum Typ *estar cantando* und *estar a cantar* im Portugiesischen», in Holtus, Günter (ed.), *Umgangssprache in der Iberoromania*, pp. 137-145.

(1981) «Actualité et inactualité de l'action: Les fonctions modales dans le système verbal des langues romanes», in Geckeler, H. & Schlieben-Lange, B. & Trabant, J. & Weydt, H. (eds.), *Logos Semanticos* [*Studia linguistica in honorem Eugenio Coseriu*], vol. IV, pp. 395-416.

(1979) «La questione delle perifrasi grammaticali», in Vàrvaro, Alberto (ed.), *ACILFR* XIV, vol. III, pp. 477-483.

(1973/83) *Der periphrastische Verbalaspekt in den romanischen Sprachen*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1973. [Versión española de Marcos Martínez Hernández (revisada por el Autor): *El aspecto verbal perifrástico en las lenguas románicas*. (Estudios sobre el actual sistema verbal de las lenguas románicas y sobre el problema del origen del aspecto verbal perifrástico). Madrid: Editorial Gredos, 1983].

Dobrovie-Sorin, Carmen

(1997) «Les verbes auxiliaires et la structure de la phrase en roumain», in Lorenzo, Ramón (ed.), *ACILFR* XIX, vol. I, pp. 1123-1134.

Douvier, Elisabeth

(1964) «Le verbe auxiliaire espagnol», in *BJR* 10, pp. 23-30.

Duarte, Inês Silva

(2003) «Subclasses de verbos e esquemas relacionais», in Mateus, M.ª Helena Mira *et aliae*, *Gramática da língua portuguesa*, pp. 295-316.

(2003) «Frases passivas», in Mateus, M.ª Helena Mira *et aliae*, *Gramática da língua portuguesa*, pp. 521-535.

(1989) «Tipologia dos estados de coisas» e «A categoria linguística aspecto», in Mateus, M.ª Helena Mira *et aliae*, *Gramática da língua portuguesa*, pp. 38-41 e 89-102, respectivamente.

Duarte, Inês & **Brito, Ana Maria**

(2003) «Estrutura argumental e papéis temáticos», «Tipos de situações e tipologia aspectual dos verbos» e «Natureza aspectual do verbo e respectiva estrutura argumental», in Mateus, M.ª Helena Mira *et aliae*, *Gramática da língua portuguesa*, pp. 183-197.

Dubois, Jean

(1964) «La traduction de l'aspect et du temps dans le code français (structure du verbe)», in *FM* XXXII, pp. 1-26.

(1961) «Les sémi-auxiliaires», in *FrM* III, pp. 32-35.

Elia, Sílvio

(s. d.) Verbetes «Modo verbal» e «Verbo», in *Verbo*, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vols. 13 (cols. 1075-1077) e 18 (cols. 893-900), respectivamente.

Evrard, Ivan

(2002) «Le temps, c'est de l'agent! *Être* + participe passé: structure prédicative et référence aspecto-temporelle», in *RLiR* 66, fs. 261-262, pp. 245-259.

Faria, I. Hub & **Pedro, Emília Ribeiro** & **Duarte, Inês** & **Gouveia, Carlos A. M.** (eds.)

(1996) *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.

Fente, R. & **Fernández, J.** & **Feijóo, L. G.**

(1987) *Perífrasis verbales*. Madrid, EDI-6, S.A.

Fernández Perez, M.

(1987) «La importancia de las corrientes de investigación en la configuración de la 'teoría lingüística': un ejemplo con las llamadas *categorías gramaticales*», in *Verba* 14, pp. 75-101.

Fernández Ramírez, S.

(1960) «Algo sobre la fórmula *estar* + gerundio», in *Studia Philologica* [*Homenaje Universitário a Dámaso Alonso*]. Madrid, Editorial Gredos, vol. I, pp. 509-516.

Figueiredo, J. Nunes de & Ferreira, A. Gomes

([2]1973) *Compêndio de Gramática Portuguesa*. Porto, Porto Editora, Lda.

Flämig, W.

(1971) «Zur Funktion des Verbs: Tempus und Temporalität - Modus und Modalität - Aktionsart und Aktionalität», in Grosse, R. (ed.), *Probleme der Sprachwissenschaft - Beiträge zur Linguistik*, pp. 253-289.

Fleischmann, Suzanne

(1982) *The Future in Thought and Language: Diachronic Evidence from Romance*. Cambridge, Cambridge University Press.

Flydal, Leiv

(1943) Aller *et* venir de *suivis de l'infinitif comme expressions de rapports temporels*. [*II Hist.-Filos. Klasse* 3]. Oslo, Jacob Dybwad.

Fonseca, Fernanda Irene Barros

(1996) «Deixis e pragmática linguística», in Faria, Isabel Hub *et alii* (eds.), *Introdução à linguística geral e portuguesa*, pp. 437-445.

(1994) *Gramática e pragmática. Estudos de linguística geral e de linguística aplicada ao ensino do português*. [Colecção Linguística PORTO EDITORA 2]. Porto, Porto Editora.

(1994d) «Para o estudo das relações de tempo no verbo português», in *Idem*, *Gramática e pragmática. Estudos de linguística geral e de linguística aplicada ao ensino do português*, pp. 15-28.

(1994c) «O perfeito e o pretérito e a teoria dos níveis de enunciação», in *Idem*, *Gramática e pragmática. Estudos de linguística geral e de linguística aplicada ao ensino do português*, pp. 37-58.

(1994b) «Deixis et anaphore temporelle en portugais», in *Idem*, *Gramática e pragmática. Estudos de linguística geral e de linguística aplicada ao ensino do português*, pp. 59-73.

(1994a) «Referência, dependência contextual e transposição fictiva: contributos para uma teoria enunciativa da ficção», in *Idem*, *Gramática e pragmática. Estudos de linguística geral e de linguística aplicada ao ensino do português*, pp. 75-86.

(1992) *Deixis, tempo e narração*. Porto, Fundação Eng. António de Almeida.

(1991) «Deixis, dependência contextual e transposição fictiva: contributos para uma teoria enunciativa da ficção», in *AEAPL* VI, pp. 331-356.

(s. d.) Verbetes «Aspecto», «Auxiliar» e «Tempo verbal», in *Verbo*, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vols. 19 (cols. 319-321 e 366-367) e 20 (cols. 1311-1313), respectivamente.

Fonseca, Joaquim

(s. d.) Verbete «Deixis», in *Verbo*, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vol. 19 (cols. 1008-1010)

Fontanella de Weinberg, M. Beatriz

(1970) «Los auxiliares españoles», in *AILC* 10, pp. 61-73.

Fouché , P.

(1929) «Le parfait en castillan», in *RH* 67, pp. 45-87.

Foulet, L.

(1925) «Le développement des formes surcomposées», in *R* 51, pp. 203-252.

Fourquet, J.

(1966) «Deux notes sur le système verbal du français», in *Langages* 3, pp. 8-18.

François, Jacques

(1985) «Aktionsart, Aspekt und Zeitkonstitution», in Schwarze, C. & Wunderlich, D. (eds.), *Handbuch der Lexikologie*, pp. 229-249.

(1978) «La catégorie de l'Aktionsart dans la linguistique allemande. Exposé critique de travaux récents», in AA. VV. 1, *Quelques aspects de l'aspect*, pp. 69-100.

Frei, Henri
(1962) «L'unité linguistique complexe», in *Lingua* 11, pp. 128-140.
(1952) *Systèmes verbaux*. [cours inédit]
(1950) «Zéro, vide et intermittent», in *ZPaS* IV, pp. 161-191.
Fried, E. (ed.)
(1972) *The Prague School of Linguistics and Language Teaching*. London, Oxford University Press.
Fuchs, Anna
(1978) «L'aspect, un problème de linguistique générale: éléments de réponse dans une perspective énonciative», in AA. VV. 1, *Quelques aspects de l'aspect*, pp. 1-30.
Fuchs, C. & **Léonard, A. M.**
(1979) *Vers une théorie des aspects. Les systèmes du français et de l'anglais*. Paris, Mouton.
Gabbay, D. & **Rohrer, C.**
(1978) «Relative Tenses: The Interpretation of Tense Forms which Occur in the Scope of Temporal Adverbs or in Embedded Sentences», in Rohrer, C. (ed.), *Papers on Tense, Aspect and Verb Classification*, pp. 99-110.
Galton, A.
(1984) *The Logic of Aspect*. Oxford, Clarendon Press.
Galton, H.
(1975) «Verbalaspekt im Griechischen und Slawischen», in *FoLi* VIII, pp. 147-156.
García Fernández, Luis
(1998) *El aspecto gramatical en la conjugación*. Madrid, Arco/Libros, S.L. [Cuadernos de Lengua Española 54]
Gardies, Jean-Louis
(1981) «Éléments pour une grammaire pure de l'aspect», in *MLing* 3, pp. 112-134.
(1975) *La logique du temps*. Paris, Presses Universitaires de France.
Garey, H. B.
(1957) «Verbal Aspect in French», in *Language* 33, pp. 91-110.
Gärtner, Eberhard
(1998) *Grammatik der portugiesischen Sprache*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag (sobretudo pp. 19-52).
Gärtner, Eberhard & **Hundt, Christine** & **Schönberger, Axel** (eds.)
(2000) *Estudos de gramática portuguesa (III).* Frankfurt am Main, TFM.

GaweŁKo, Marek

(1985) «À la recherche d'un *tertium comparationis* dans l'étude de l'aspect verbal (à l'exemple du portugais et du polonais), in *BF* 30, pp. 97-112.

Geckeler, H. & **Schlieben-Lange, B.** & **Trabant, J.** & **Weydt, H.** (eds.)

(1981) *Logos Semanticos* [*Studia linguistica in honorem Eugenio Coseriu*]. Berlin/Madrid, de Gruyter/Gredos.

Gili y Gaya, Samuel

([15]1985) *Curso superior de sintaxis española*. Barcelona, Biblograf (Editora Vox), pp. 57-65 e 103-204. [[1]1961]

(1972) «El pretérito de negación implícita», in Alonso, D. (ed.), *Studia Hispanica in honorem R. Lapesa*, I, pp. 251-256.

Godel, R.

(1950) «Verbes d'état et verbes d'événement», in *CFS* 9, pp. 33-50.

Gómez Torrego, Leonardo

(1999) «Los verbos auxiliares. Las perífrasis verbales de infinitivo», in Bosque, I. & Demonte, V. (eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (vol. 2), cap. 51, pp. 3323-3389.

(1988) *Perífrasis verbales. Sintaxis, semántica y estilística*. Madrid, Arco.

(1960-63) «La estilística en las perífrasis verbales», in *Studia Philologica* [*Homenaje Universitário a Dámaso Alonso*]. Madrid, Editorial Gredos, pp. 85-96.

Gonçalves, A. & **Colaço, M.** & **Miguel, M.** & **Móia, T.** (eds.)

(1996) *Quatro estudos em sintaxe do português. Uma abordagem segundo a teoria dos princípios e parâmetros*. Lisboa, Edições Colibri.

Gonçalves, Anabela

(1996) «Aspectos da sintaxe dos verbos auxiliares do português europeu», in Gonçalves, A. & Colaço, M. & Miguel, M. & Móia, T. (eds.), *Quatro estudos em sintaxe do português. Uma abordagem segundo a teoria dos princípios e parâmetros*, pp. 7-50.

Gougenheim, Georges

(1971) *Études sur les périphrases verbales de la langue française*. Paris, Les Belles Lettres. [[1]1929]

Goyvaerts, D. L.

(1968) «Towards a Theory of the Expanded Form in English», in *Linguistique* IV, 2, pp. 111-124.

Greimas, A. J. & **Courtés, J.**

(1979) *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris, Hachette.

Grésillon, Almuth
(1978) «Temps/aspect/types de discours dans les variantes de manuscrit de H. Heine», in AA. VV. 1, *Quelques aspects de l'aspect*, pp. 31-48.
Gross, Maurice
(1980) «Deux remarques sur l'aspect», in David, Jean & Martin, Robert (eds.), *La notion d'aspect*, pp. 69-81.
Grosse, Rudolf (ed.)
(1971) *Probleme der Sprachwissenschaft - Beiträge zur Linguistik*. The Hague/ Paris, Mouton,
Große, Sybille
(1996) «Zur Grammatikalisierung von **venir de** + Inf. Das *passé récent* als Beispiel für den Wandel in der Realisierung temporaler Relationen im Französischen», in Michaelis, Susanne & Thiele, Petra (eds.), *Grammatikalisierung in der Romania*, pp. 1-15.
Große, Sybille & **Schönberger, Axel (em colaboração com Döll, Cornelia e Hundt, Christine)** (eds.)
(2002) *Ex oriente lux: Festschrift für Eberhard Gärtner zu seinem 60. Geburtstag*. Frankfurt am Main, Valentia.
Gruère, J. M. & **Sardessai, M. L.**
(1998) «Le système verbal du konkani», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 97-110.
Guenthner, F. & **Hoepelman, J.** & **Rohrer, C.**
1978) «A Note on the Passé Simple», in Rohrer, C. (ed.), *Papers on Tense, Aspect and Verb Classification*, pp. 11-36.
Guérin, Françoise
(1998) «Première approche du système verbal de l'ingouche», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 253-272.
Guillaume, Gustave
(1969) «Immanence et transcendence dans la catégorie du verbe: esquisse d'une théorie psychologique de l'aspect», in Pariente, Jean-Claude (ed.), *Essais sur le langage*, pp. 205-225.
(1964) *Langage et science du langage*. Paris, Lib. A. G. Nizet.
(1964b) «Théorie des auxiliaires et examen des faits connexes», in *Idem*, *Langage et science du langage*, pp. 71-86.
(1964a) «Comment se fait un système grammatical», in *Idem*, *Langage et science du langage*, pp. 108-119.
(1951b) «La double action séparative du présent», in *Mélanges de linguistique offerts à A. Dauzat*. Paris, D'Artrey, pp. 131-146.
(1951a) «La représentation du temps dans la langue française», in *FM* XIX, pp. 29-41 e 115-133.

(1942-43) «L'architectonique du temps dans les langues classiques», in *Acta Linguistica* III, pp. 69-118.

(1929) *Temps et verbe. Théorie des aspects, des modes et des temps*. [Collection Linguistique XXVII]. Paris, Champion.

Gutiérrez Araus, María Luz

(1995) *Formas temporales del passado en indicativo*. Madrid, Arco/Libros, S.L. [Cuadernos de Lengua Española 24]

Hahn, G.

(1974) *Die Rolle der Zeit bei der Theoretisierung des Verbalaspekts*. Hamburg, Uni., Fachbereich Philosophie, Psychologie, Sozialwissenschaft. [Diss.]

Halmøy, Odile

(1997) «La concurrence futur simple/futur périphrastique dans un roman contemporain – étude contextuelle», in Lorenzo, Ramón (ed.), *ACILFR XIX*, vol. I, pp. 299-312.

Halwachs, D. & **Stütz, I.** (eds.)

(1994) *Sprache – Sprechen – Handeln.* [Akten des 28. Linguistischen Kolloquiums, Graz , 1993]. Tübingen, Max Niemeyer Verlag.

Hamplová, S.

(1968) «Acerca de la manera de acción y el problema de su expresión mediante las perífrasis verbales en español», in *PhP* 11, 1, pp. 209-231.

Harris, M. B.

(1970) «The Verbal Systems of Latin and French», in *TPhS*, pp. 62-90.

Harris, Martin & **Ramat, Paolo** (eds.)

(1987) *Historical Development of Auxiliaries*. Berlin/New York/Amsterdam, Mouton de Gruyter. [Trends in Linguistics: Studies and Monographs 35]

Harweg, R.

(1977) «Zeitstufensysteme», in *Orbis* 26, pp. 189-224.

(1976) «Aspekte als Zeitstufen und Zeitstufen als Aspekte», in *Linguistics* 181, pp. 5-28.

(1974) «Deiktische und adeiktische Zeitstufen», in *ZrP* 90, pp. 499-525.

Heger, Klaus

(1974) «Zu R. Harwegs Unterscheidung zwischen deiktischen und adeiktischen Zeitstufen», in *ZrP* 90, pp. 526-533.

(1967a) «Problemas y métodos del análisis onomasiológico del tiempo verbal», in *BFUCh* XIX, pp. 165-195.

(1967b) «Temporale Deixis und Vorgangsquantität ("Aspekt" und "Aktionsart"), in *ZrP* 83, pp. 512-582.

(1963) *Die Bezeichnung temporal-deiktischer Begriffskategorien im französischen und spanischen Konjugationssystem*. [*Beiheft zur Zeitschrift für romanische Philologie* 104]. Tübingen, Max Niemeyer Verlag.

Heine, Bernd

(1993) *Auxiliaries. Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York/ Oxford, Oxford University Press.

Heine, Bernd & **Claudi, Ulrike** & **Hünnemeyer, Friederike**

(1991) *Grammaticalization. A Conceptual Framework*. Chicago/London, The University of Chicago Press.

Henry, Albert

(1954) «L'imparfait est-il un temps?», in *Mélanges de linguistique française off. à M. Charles Bruneau*. Genève, Droz, pp. 11-17.

Hermann, Eduard

(1933) «Aspekt und Aktionsart», in *Nachrichten der Gesellschaft für Wissenschaften zu Göttingen*, Phil.-Hist. Klasse, pp. 470-480.

(1927) «Objektive und subjektive Aktionsart», in *IF* 45, pp. 207-228.

Hernández Alonso, C.

(1973) «Sobre el tiempo en el verbo español», in *REF* 3, 1, pp. 143-178.

(1968) «El futuro absoluto de Indicativo», in *Archivum* 18, pp. 29-39.

Heyde, K. van der

(1934) «L'aspect verbal en latin. Problèmes et résultats», in *REL* 12, pp. 140-157.

(1933) «L'aspect verbal en latin. Problèmes et résultats», in *REL* 11, pp. 69-84.

(1932) «L'aspect verbal en latin. Problèmes et résultats», in *REL* 10, pp. 326-336.

Hilty, Gerold

(1965) «Tempus, Aspekt, Modus», in *VR* 24, pp. 269-301.

Hlibowicka-Wŷglarz, Barbara

(2000) «A expressão da iteratividade em polaco e em português: análise de carácter contrastivo», In Gärtner, Eberhard & Hundt, Christine & Schönberger, Axel (eds.), *Estudos de gramática portuguesa (III)*, pp. 47-64

Hoepelman, J.

(1978) «A Note on the Treatment of the Russian Aspects in a Montague-Grammar», in Rohrer, C. (ed.), *Papers on Tense, Aspect and Verb Classification*, pp. 49-97.

Holt, Jens

(1943) *Études d'aspect*. [Acta Jutlandica. Aarskrift for Aarhus Universitet XV, 2]. København, Munksgaard.

Holtus, Günter (ed.)
(1984) *Umgangssprache in der Iberoromania* [Festschrift für Heinz Kröll]. Tübingen, Gunter Narr Verlag.

Hopper, P. J. (ed.)
(1982) *Tense-Aspect: Between Semantics & Pragmatics*. Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins.

Hopper, P. J.
(1991) «On some principles of Grammaticization», in Traugott, Elisabeth C. & Heine, Bernd (eds.), *Approaches to Grammaticalization*, vol. I, pp. 17- 35.

Hopper, P. J. & **Traugott, Elizabeth C.**
(1993) *Grammaticalization*. Cambridge, Cambridge University Press.

Hornstein, N.
(1977) «Towards a Theory of Tense», in *Lingl* 8, 3, pp. 521-557.

Hüllen, Werner & **Schulze, Rainer** (eds.)
(1985) *Tempus, Zeit und Text*. Heidelberg, Carl Winter-Universitätsverlag. [Anglistik & Englischunterricht/27]

Ibn El Farouk, Abdelhamid
(1998) «Le système verbal de l'arabe littéral moderne», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 153-164.

Iglesias Bango, Manuel
(1997) «Verbos aspectuales y verbos auxiliares en español», in Lorenzo, Ramón (ed.), *ACILFR XIX*, vol. I, pp. 253-270.

Ilari, Rodolfo
(1997) *A expressão do tempo em português*. São Paulo, Contexto; EDUC.
(1980) «Alguns recursos gramaticais para a expressão do tempo em português - Notas de um projecto de pesquisa», in *Estudos de Filologia e Lingüística*. São Paulo, T. A. Queiroz e EDUSP, pp. 181-194.

Imbs, Paul
(1960) *L'emploi des temps verbaux en français moderne. Essai de grammaire descriptive*. Paris, Klincksieck.
(1959) «Coup d'oeil sur le système des temps du verbe français», in *NS*, [Beiheft 5], pp. 32-40.

Irmen, Friedrich
(1993) «A temporalidade dos tempos verbais em português: o futuro», in Schmidt-Radefeldt, Jürgen (ed.), *Semiótica e linguística portuguesa e românica*, pp. 151-161.
(1980) «Das 'Imperfekt' im Portugiesischen», In Bork, Hans-Dieter & Greive, A. & Woll, D. (eds.), *Romanica Europaea et Americana*, pp. 254-266.

(1966) «Aspectos funcionais e estilísticos do 'mais-que-perfeito' em português», in *ACIELB* V, vol. 3, pp. 319-334.

Irving, T. B.

(1953) «Completion and Becoming in the Spanish Verb», in *MLJ* XXXVII, pp. 412-414.

Isačenko, A.

(1960) «La structure sémantique des temps en russe», in *BSL(P)* LV, 1, pp. 74-88.

Iyanaga, Shiro

(1980) *Estudo de aspecto na língua portuguesa*. (*Análise semântica das perífrases verbais*). Tóquio, Universidade de Estudos Estrangeiros.

Jain-Duhaut, Neeta

(1998) «Le système verbal du hindi», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 111-142.

Jakobson, Roman

(1971) *Selected Writings* II (Word and Language). The Hague/Paris, Mouton.

(1971a) «Zur Struktur des russischen Verbums», in *Idem*, *Selected Writings* II, pp. 3-15.

(1963) *Essais de linguistique générale*, vol. I. Paris, Éditions de Minuit.

(1963a) «Les embrayeurs. Les catégories verbales et le verbe russe», in *Idem*, *Essais de linguistique générale*, pp. 176-196.

Johnen, Thomas

(s/d) «Da integração semântica de *ir*+infinitivo no sistema dos verbos modais numa perspectiva de descrição semântica no âmbito de uma teoria de ação», in http://www.geocities.com/ail_br/ integracaosemantica.html.

(2000) «Quem pode, pode; quem não pode, se sacode: alcances e inconvenientes da pesquisa lingüística sobre os verbos modais portugueses», in Gärtner, Eberhard & Hundt, Christine & Schönberger, Axel (eds.), *Estudos de gramática portuguesa (III)*, pp. 105-144.

Joly, André

(1978) «The Problem of Aspect: a Psychomechanical Approach», in AA. VV. 1, *Quelques aspects de l'aspect*, pp. 101-116.

Joos, Martin

(1964) *The English Verb. Form and Meanings*. Madison and Milwaukee, The University of Wisconsin Press.

Júnior, José Cretella

(1953) «O aspecto e o tempo no sistema verbal», in *JF* 1, 2, pp. 135-141.

Kahane, H. & **Hutter, H.**

(1953) «The Verbal Categories of Colloquial Brazilian Portuguese», in *Word* 9, 1, pp. 16-44.

Kahane, Henry & **Renée**

(1957) «The System of the Verb in the Western Languages», In Reichenkron, G. (ed.), *Syntactica und Stilistica* [*Festschrift Gamillscheg*], pp. 261-275.

Karolak, Stanislaw

(1993) «Arguments sémantiques contre la distinction aspect/modalité d'action», in *SILTA* XXII, 2, pp. 255-284.

Katz, Jerrold J.

(1979) *Teoría Semántica* (trad. esp. por Juan García Puente de *Semantic Theory*. New York: Harper & Row, 1972). Madrid, Aguilar Ediciones (sobretudo o cap. 7, pp. 391-482).

Keniston, H.

(1936) «Verbal Aspect in Spanish», in *H/Hispania* XIX, pp. 163-176.

Kenny, A. (ed.)

([4]1969) *Action, Emotion and Will*. New York, Humanities Press. [[1]1963]

Kenny, E.

(1969) «States, Performances, Activities», in KENNY, A. (ed.), *Action, Emotion and Will*, pp. 171-186.

Klär, H.

(1979) «Die Zeiten der Vergangenheit im Lateinischen, Französischen und Italienischen», in Baum, R. & Hausmann, F. J. & Monreal-Wickert, I. (eds.), *Sprache in Unterricht und Forschung*, pp. 77-86.

Klein, Horst G.

(1974) *Tempus, Aspekt, Aktionsart*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag.

(1972) «Der Verbalaspekt zwischen Satzsyntax und Textlinguistik», in *NS* 3, pp. 133-139.

(1970) «Zur Frage einer aspektuellen Opposition in der Romania», in *RRL* 15, pp. 539-544.

(1969) *Das Verhalten der telischen Verben in den romanischen Sprachen, erörtert an der Interferenz von Aspekt und Aktionsart*. Frankfurt am Main, Phil. Fak.

(1964-73) «Algumas observações sobre a categorização do sistema verbal português», in *BF* XXII, pp. 295-301.

Klöppel, Karl-Heinz

(1960) *Aktionsart und Modalität in den portugiesischen Verbalumschreibungen*. Berlin, Philosophische Fakultät der Freien Universität.

Klum, Arne

(1963-64) «Time, Tense and the Verb», in *RPh* 17, pp. 771-784.

(1961) *Verbe et adverbe. Étude sur le système verbal indicatif et sur le système de certains adverbes de temps à la lumière des relations verbo-adverbiales dans la prose du français contemporain*. Acta Universitatis Upsaliensis [*Studia Romanica Upsaliensia*]. Stockholm, Almqvist & Wiksell.

(1959) «Qu'est-ce qui détermine quoi? Réflexions sur les rapports entre les verbes et les adverbes exprimant une date», in *StN* XXXI, pp. 19-33.

Knobloch, Johann (ed.)

(1986) *Sprachwissenschaftliches Wörterbuch* (1. Band: A-E). Heidelberg, Carl Winter-Universitätsverlag.

Kock, J. de

(1975) «Pour une nouvelle définition de la notion d'auxiliarité», in *Linguistique* 11, 2, pp. 81-92.

Koschmieder, Erwin

(1971) *Zeitbezug und Sprache. Ein Beitrag zur Aspekt- und Tempusfrage*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft. [[1]1929]

(1963) «Aspekt und Zeit», in Braun, M. & Koschmieder, E. (eds.), *Slavistische Studien zum V. Internationalen Slawistenkongreß in Sofia*, pp. 1-22.

(1945) *Zur Bestimmung der Funktionen grammatischer Kategorien*. München, Verlag der Beyerischen Akademie der Wissenschaften. [*Abhandlungen der Beyerischen Akademie der Wissenschaften*, Phil.-hist. Abteilung, Neue Folge, Heft 25]

(1935) «Zu den Grundfragen der Aspekttheorie», in *IF* LIII, pp. 280-300.

Kremer, Dieter (ed.)

(1998) *Homenaxe a Ramón Lorenzo* (2 vols.). Vigo, Editorial Galaxia, S.A.

Kuhn, Steven

(1979) «The Pragmatics of Tense», in *Synthese* 40, pp. 231-263.

Kunert, H. P.

(1984) *Aspekt, Aktionsart, Tempus*. Tübingen, Gunter Narr Verlag.

Kuryłowicz, J.

([2]1975) *Esquisses linguistiques*, vol. II. München, Wilhelm Fink Verlag.

([2]1973) *Esquisses linguistiques*, vol. I. München, Wilhelm Fink Verlag.

(1964) *The Inflectional Categories of Indo-European*. Heidelberg, Carl Winter.

Laca, Brenda

(2004) «Les catégories aspectuelles à expression périphrastique: une interprétation des apparentes "lacunes" du français», in *LFr* 141, pp. 85-98.

(2001) «El orden de las perífrasis verbales y la distinción entre aspecto gramatical y aspecto léxico», in *Cuadernos de Lingüística del I. U. Ortega y Gasset* 8, pp. 9-20.

(2000b) «Les périphrases de phase en catalan contemporain», in STAIB, B. (ed.), *Linguistica romanica et indiana*, pp. 249-269.

(2000a) «Auxiliarisation et copularisation dans les langues romanes», in *RLiR* 64, fs. 255-256, pp. 427-443.

(1998) «Aspect – périphrase – grammaticalisation. À propos du "progressif" dans les langues ibéro-romanes», in Dahmen, W. *et alii* (eds.), *Neuere Beschreibungsmethoden der Syntax romanischer Sprachen*, pp. 207-226.

(1996) «Methodische Probleme bei der Erforschung von Grammatikalisierungsphänomenen», in Michaelis, Susanne & Thiele, Petra (eds.), *Grammatikalisierung in der Romania*, pp. 17-48.

Laca, Brenda (ed.)

(2002) *Temps et aspect. De la morphologie à l'interprétation*. Saint-Denis, Presses Universitaires de Vincennes (PUV).

Lamíquiz Ibáñez, V.

(1982) *El sistema verbal del español*. Málaga, Librería Ágora, S.A.

(1976) «Diasistema y sistemas verbales en español», In Boudreault, Marcel & Möhren, Frankwalt (eds.), *ACILPR* XIII, pp. 319-327.

(1973) «Tiempo lingüístico y época verbal», in *Homenaje a J. de Mata Carriazo*, vol. III. Sevilla, P.U.S., pp. 139-151.

(1971) «Los niveles de actualidad», in *REspL* 1, 1, pp. 89-96.

(1969) «El sistema verbal del español actual. Intento de estructuración», in *RUM* 18, pp. 241-265. [Homenaje a Menéndez Pidal, vol. I]

Lausberg, Uta

(1996) *"Modale" Verba adjecta? Funktionelle Untersuchungen zu den französischen und spanischen Verbalperiphrasen der Charakterisierung*. Münster, Nodus Publikationen, pp. 35-71.

Lecointre, S. & **Le Galliot, J.**

(1970) «À propos d'une macro-structure du système verbal français», in *FM* XXXVIII, pp. 315-337.

Lee, Dong-won

(1998) «Système verbal du coréen standard», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 287-304.

Leiria, Isabel

(1996) «Aquisição de língua não-materna. Um exemplo: o aspecto verbal», in Faria, Isabel Hub *et alii* (eds.), *Introdução à linguística geral e portuguesa*, pp. 71-81.

Leroy, Maurice

(1958) «L'aspect verbal en grec ancien», in *RBPh* XXXVI, pp. 128-138.

Lewandowski, Theodor

(1990) *Linguistisches Wörterbuch*. (5., überarbeitete Auflage). Heidelberg/ Wiesbaden, Quelle & Meyer. [3 vols.]

Lima, José Pinto de

(2001) «Sobre a génese e a evolução do futuro com *ir* em português», in Silva, Augusto Soares da (ed.), *Linguagem e cognição. A perspectiva da linguística cognitiva*, pp. 119-145.

(1999) «Neither by methaphor nor really by metonymy. The shortcomings of these concepts as explanatory of language change processes», in Vilela, Mário & Silva, Fátima (eds.), *AEILC* I, pp. 207-221.

(1997) «Caminhos semântico-pragmáticos da gramaticalização: o caso de *embora*», in Brito, Ana M.ª *et aliae* (eds.), *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*, pp. 643-655.

Lobato, Lúcia M.ª Pinheiro

(1975) «Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade», in Lobato, Lúcia M.ª Pinheiro & Pottier, B. & D'introno, F. & Loffler-Laurian, A.-M. & Vidal, A.-M., *Análises lingüísticas*. Petrópolis, Vozes, pp. 27-91.

Lopes, Ana Cristina M.

(2000) «Ainda», in Gärtner, Eberhard & Hundt, Christine & Schönberger, Axel (eds.), *Estudos de gramática portuguesa (III)*, pp. 65-87.

(1998) «Contribuição para o estudo dos valores discursivos de *sempre*», in Mota, M.ª A. & Marquilhas, R. (eds.), *AENAPL* XIII, vol. II, pp. 3-14.

(1997) «Para uma análise semântica e pragmática do Pretérito-mais-que-Perfeito do Indicativo em português contemporâneo», in Brito, Ana M.ª *et aliae* (eds.), *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*, pp. 657-670.

(1996) «Tempo, aspecto e coesão discursiva», in Duarte, Inês & Miguel, Matilde (eds.), *AENAPL* XI, vol. III, pp. 351-371.

Lopes, Óscar

(1996) «Reflexões de Óscar Lopes sobre o seu próprio currículo», in *Jornal de Notícias* (1996/07/24).

(1986) «A noção de *definido* e a de *presente da enunciação*», in *AEAPL* I, pp. 129-143.

López García, Ángel

(1990) «La interpretación metalingüística de los tiempos, modos y aspectos del verbo español: ensayo de fundamentación», in Bosque, Ignacio (ed.), *Tiempo y aspecto en español*, pp. 107-175.

Lorentzen, Lise

(1997) «Le présent-futur en français moderne», in Lorenzo, Ramón (ed.), *ACILFR XIX*, vol. I, pp. 291-298.

Lorenzo, E.

([3]1980) *El español de hoy, lengua en ebullición*. Madrid, Editorial Gredos.

(1980b) «Un nuevo planteamiento del estudio del verbo español», in *Idem*, *El español de hoy, lengua en ebullición*, pp. 153-168.

(1980a) «Notas sobre el verbo español», in *Idem*, *El español de hoy, lengua en ebullición*, pp. 135-152.

Lüdtke, Helmut

(1951) «Sobre a função do verbo em românico, germânico e eslavo», in *BF* XII, 2, pp. 157-183.

Lyons, John

(1995) *Linguistic Semantics: An Introduction*. Cambridge, Cambridge University Press, cap. 10, pp. 293-342.

(1980) *Semántica* (2.° vol.) [trad. esp. por Ramon Cerdà de *Semantics*. Cambridge/London/New York/Melbourne: Cambridge University Press, 1977]. Barcelona, Editorial Teide, pp. 155-161, 425-432, 573-582, 592-612, 612-624, 637-651, 651-657 e 741-754.

Maler, Bertil

(1976) «L'infinitif gérondival portugais: quelques notes sur sa propagation», in *Littera* 15, pp. 5-15.

Maline, M.

(1958) «L'aspect verbal dans les langues slaves», in *RBPh* 36, pp. 873-875.

Maniet, A.

(1958) «L'aspect verbal en celtique», in *RBPh* 36, pp. 139-143.

Martin, Pierre

(1998) «Les modalités verbales en montagnais», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 39-54.

Martin, Robert

(1985) «Langage et temps *de dicto*», in Vet, Co (ed.), *La pragmatique des temps verbaux*, pp. 23-37.

(1981b) «Potentiel et irréel», in Geckeler, H. & Schlieben-Lange, B. & Trabant, J. & Weydt, H. (eds.), *Logos Semantikos.* [*Studia linguistica in honorem Eugenio Coseriu*], vol. IV, pp. 417-428.

(1981a) «Le futur linguistque: temps linéaire ou temps ramifié? À propos du futur et du conditionnel français», in *Langages* 64, pp. 81-92.

(1971) *Temps et Aspect*. (Essai sur l'emploi des temps narratifs en moyen français). Paris, Klincksieck, pp. 48-158.

(1965) «Temps et aspect en français moderne. Quelques remarques inspirées par la lecture de *Verbe et adverbe* de M. A. Klum», in *TraLiLi* 3, 1, pp. 67-79.

(1962) «Grammaire et lexique: leur concurrence dans l'expression de l'aspect perfectif en français moderne», in *BJR* 6, pp. 18-25.

Martin, R. & Nef, F.

(1981) «Temps linguistique et temps logique», in *Langages* 64, pp. 7-20.

Martinet, André

(1987) *Sintaxis General* (trad. esp. por Alicia Yllera e J. Fidel Corcuera Manso de *Syntaxe Générale*. Pris: Armand Colin Éditeur, 1985). Madrid, Editorial Gredos (essencialmente pp. 174-177 e 190-194).

(1981) «Le parfait en français: Accompli ou prétérit?», in Geckeler, H. & Schlieben-Lange, B. & Trabant, J. & Weydt, H. (eds.), *Logos Semanticos* [*Studia linguistica in honorem Eugenio Coseriu*], vol. IV, pp. 429-433.

Martins, M.ª T. Hundertmark-Santos

(1982) *Portugiesische Grammatik*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag.

Maslov, Ju. S. (ed.)

(1985) *Contrastive Studies in Verbal Aspect*. Heidelberg, Julius Groos Verlag.

Mateus, M.ª Helena Mira & **Brito, Ana M.ª** & **Duarte, Inês** & **Faria, I. Hub e Frota, Sónia** & **Matos, Gabriela** & **Oliveira, Fátima** & **Vigário, Marina** & **Villalva, Alina**

(2003) *Gramática da língua portuguesa* (5.ª edição, revista e aumentada). Lisboa, Editorial Caminho, SA.

Mateus, M.ª Helena Mira & **Brito, Ana M.ª** & **Duarte, Inês** & **Faria, I. Hub**

(1989) *Gramática da língua portuguesa* (2.ª edição revista e aumentada). Lisboa, Editorial Caminho, SA. [[1]1983]

Matos, Sérgio

(1997) «Usos não temporais de operadores de tempo e aspecto», in Brito, Ana M.ª *et aliae* (eds.), *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*, pp. 719-731.

(1996) «Aspectos da semântica e pragmática do *imperfeito do indicativo*», in *RFLP/LL* XIII, pp. 435-473.

Maurer Jr., Theodoro Henrique

(1957) «O emprêgo do infinito pessoal e impessoal (princípios gerais)», in *RBF* 3, pp. 19-57.

Mealha, Isabel M.ª Ferro

(1994) *Tense and Aspect in English: A Contribution to a Pedagogic Grammar*. Lisboa, Edições Colibri.

Meier, Harri

(1965) «Futuro y futuridad», in *RFE* 48, pp. 61-77.

(1933) «*Está enamorado - anda enamorado.* Über die Beziehungen von Syntax und Bedeutungslehre», in *VKR* VI, pp. 301-316.

Meillet, A.

(1948) *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris, Champion. [[1]1926]

(1948a) «L'évolution des formes grammaticales», in *Idem*, *Linguistique historique et linguistique générale*, pp. 130-148.

(1948b) «Sur la disparition des formes simples du prétérit», in *Idem*, *Linguistique historique et linguistique générale*, pp. 149-158.

(1948c) «Sur les caractères du verbe», in *Idem*, *Linguistique historique et linguistique générale*, pp. 175-198.

Melo, Gladstone Chaves de

([3]1978) *Gramática fundamental da língua portuguesa: de acordo com a nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico.

Mendonça, João Ricardo Silva Mesquita de

(1995) «Do caso partitivo, do efeito de indefinitude e do valor aspectual inacabado em finlandês», in *AENAPL* X, pp. 317-329.

Merlan, Aurélia

(1999) «Sobre as chamadas "perífrases verbais paratácticas" do tipo *pegar e + V_2* nas línguas românicas (com referência especial ao português e romeno)», in *RFLP/LL* XVI, pp. 159-205.

Meyer, Matthias

(1992) *Das englische Perfekt: Grammatischer Status, Semantik und Zusammenspiel mit dem* ***Progressive***. Tübingen, Max Niemeyer Verlag. [*Linguistische Arbeiten*, Band 277]

Michaelis, Susanne & **Thiele, Petra** (eds.)
(1996) *Grammatikalisierung in der Romania*. Bochum, Brockmeyer.

Miguel, Elena de
(1999) «El aspecto léxico», in Bosque, I. & Demonte, V. (eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (vol. 2), cap. 46, pp. 2977-3060.

Moens, M.
(1987) *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Edinburg,

Moignet, Gérard
(1980) «La théorie psycho-systématique de l'aspect verbal», in David, Jean & Martin, Robert (eds.), *La notion d'aspect*, pp. 41-49.

Molendijk, A.
(1985) «Point référentiel et imparfait», in Vet, Co (ed.), *La pragmatique des temps verbaux*, pp. 78-94.

Molho, Maurício
(1975) *Sistemática del verbo español* (*Aspectos, modos, tiempos*), 2 vols. Madrid, Editorial Gredos.

Molina Redondo, José Andrés de
(1971) «La construcción "verbo en forma personal + infinitivo"», in *REspL* I, pp. 275-298.

Montes G., José Joaquín
(1963) «Sobre las perífrasis con *ir* en el español de Colombia», in *ThBICC* 18, pp. 384-403.
(1962) «Sobre la categoría de futuro en el español de Colombia», in *ThBICC* 17, pp. 527-555.

Mori, Olga
(1996) *El verbo: ejercicios de gramática española* (Nivel intermedio). Frankfurt am Main, Vervuert Verlag; Madrid, Iberoamericana. [especialmente pp. 13-49]
(1994) «Das Imperfekt im Vergleich: Spanisch – Deutsch», in Halwachs, D. & Stütz, I. (eds.), *Sprache – Sprechen – Handeln*, pp. 155-162.
(1993) «Acerca de las perífrasis verbales con infinitivo en español», in Hilty, Gerold (ed.), *ACILPR* XX, Tome I, pp. 535-547.
(1986) «Spanische Verbalperiphrasen mit Gerundium und mögliche deutsche Entsprechungen», in Burkhardt, Armin & Körner, Karl-Hermann (eds.), *Pragmantax*, pp. 111-120.

Morimoto, Yuko
(1998) *El aspecto léxico: delimitación*. Madrid, Arco/Libros, S.L. [Cuadernos de Lengua Española 57]

Mugler, A.
(1988) *Tempus und Aspekt als Zeitbeziehungen*. München, Fink Verlag.

Müller, Bodo

(1964) «Das lateinische Futurum und die romanischen Ausdrucksweisen für das futurische Geschehen», in *RF* 76, pp. 44-97.

Navas Ruiz, Ricardo

(1990) «El subjuntivo castellano. Teoría y bibliografía crítica», in Bosque, Ignacio (ed.), *Indicativo y subjuntivo*, pp. 107-141.

Neves, M.ª Helena de Moura

(2000) *Gramática de usos de português*. São Paulo, Editora UNESP, pp. 25-65.

(1997) *A gramática funcional*. São Paulo, Martins Fontes, pp. 99-112 e 113-142.

Newmeyer, Frederick J.

(1975) *English Aspectual Verbs*. The Hague/Paris, Mouton. [Janua Linguarum. *Series Practica* 203]

Nguyen, Ba Duong

(1998) «Le système "verbal" du wallisien», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 307-326.

Noia Campos, M.ª Camino

(1998) «Consideracións sobre o aspecto verbal perfectivo na traducción galega do "passé simple" e do "passé composé"», in Kremer, Dieter (ed.), *Homenaxe a Ramón Lorenzo*, vol. II, pp. 823-841.

Novicov, V.

(1979) «Acerca de la influencia del gallego en el empleo de las formas indicativas en *-ra* en el español de América», in *Verba* 6, pp. 225-234.

Nunes, José Joaquim

(⁹1989) *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa, Clássica Editora (sobretudo pp. 270-272 e 319-320).

Nunes, Naidea

(1995) «Os valores aspectuo-temporais dos verbos *haver* e *ter* na *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes», in *AENAPL* X, pp. 397-405.

Olbertz, Hella

(1998) *Verbal Periphrases in a Functional Grammar of Spanish*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter. [Functional Grammar Series 22]

Oliveira, Fátima

(2003) «Tempo e aspecto», in Mateus, M.ª Helena Mira *et aliae*, *Gramática da língua portuguesa*, pp. 127-178.

(1996b) «Algumas peculiaridades do aspecto em português», in *Actas do Congresso Internacional sobre o Português* (vol. II). Lisboa, Colibri, pp. 151-190.

(1996a) «Algumas questões de semântica temporal», in Faria, Isabel Hub *et alii* (eds.), *Introdução à linguística geral e portuguesa*, pp. 363-368.
(1992b) *Algumas questões sobre tempo e aspecto*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Cadernos de Semântica 9]
(1992a) «Alguns aspectos do aspecto», in *AEAPL* VII, pp. 288-303.

Oliveira, Fátima & **Cunha, Luís Filipe** & **Matos, Sérgio**
(2001) «Alguns operadores aspectuais em português europeu e português brasileiro», in Correia, Clara N. & Gonçalves, Anabela (eds.), *AENAPL* XVI, pp. 737-749.

Oliveira, Fátima & **Lopes, Ana**
(1995) «Tense and Aspect in Portuguese», in Thieroff, R. (ed.), *Tense systems in European languages* (vol. 2), pp. 95-115.

Orlandi, E. L. P.
(1978) «A natureza do verbo e sua descrição na língua portuguesa», in *ELing* I, pp. 187-218.

Osório, Paulo José Tente da Rocha Santos
(1999) «O sistema verbal português: da gramática tradicional a uma visão funcionalista», in Barbosa, J. Morais *et alii* (eds.), *Gramática e ensino das línguas*, pp. 155-160.

Otalora, Gaspar
(1970) «El perfecto simple y compuesto en el actual español peninsular», in *EspA* 16, pp. 24-28.

Pariente, Jean-Claude (ed.)
(1969) *Essais sur le langage*. Paris, Les Éditions Minuit.

Pena, Jesus
(1985) «Las categorías gramaticales: sobre las denominadas "categorías verbales"», in *Verba* 12, pp. 5-29.

Pereira, Susana Gomes Costa
(1999) «Predicados adjectivais: propriedades semânticas e aspectuais», in Lopes, Ana C. M. & Martins, C. (eds.), *AENAPL* XIV, vol. II, pp. 309-320.

Peres, João Andrade
(1996) «Sobre a semântica das construções perfectivas do português», in *Actas do Congresso Internacional sobre o Português* (vol. II). Lisboa, Colibri, pp. 33-58.
(1993) *Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Cadernos de Semântica 14]

Piffard, Guérard
(1964) «L'aspect», in *BJR* X, pp. 1-8.

Plachý, Zdenek

(1961) «Quelques remarques sur le problème de l'aspect perfectif ou imperfectif d'un temps verbal», in *PhP* 4,1, pp. 24-28.

Ploae-Hanganu, Mariana

(2002) «Sur les catégories de l'aspect et du temps dans le créole portugais de l'Afrique», In Große, Sybille & Schönberger, Axel (em colaboração com Döll, Cornelia e Hundt, Christine) (eds.), *Ex oriente lux: Festschrift für Eberhard Gärtner zu seinem 60. Geburtstag*, pp. 351-359.

Pohl, J.

(1964) «Aspect-temps et aspect-durée», in *FM* XXXII, pp. 170-178.

(1958) «L'expression de l'aspect verbal dans le français contemporain», in *RBPh* 36, pp. 861-868.

Pollak, Wolfgang

(1960) *Studien zum 'Verbalaspekt' im Französischen*. Wien, Rudolf M. Rohrer.

Pontes, Eunice

(1992) *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas, SP, Pontes Editores.

(1973) *Verbos auxiliares em português.* Petrópolis, Editora Vozes.

Porroche Ballesteros, Margarita

(1988) Ser*,* estar *y verbos de cambio*. Madrid, Arco/Libros, S. A.

Porto Dapena, José Álvaro

(1989) *Tiempos y formas no personales del verbo*. Madrid, Arco.

(1987) *El verbo y su conjugación*. Madrid, Arco.

Posner, R.

(1972-73) «Aspects of Aspect and Tense in French», in *RPh* 26, pp. 94-111.

Pottier, Bernard

(1999) «Le temps, l'espace et les autres dimensions cognitives», In Vilela, Mário & Silva, Fátima (eds.), *AEILC* I, pp. 223-230.

(1992) *Teoría y análisis en lingüística* (trad. esp. por Gabriel Ter-Sakarian de *Théorie et analyse en linguistique*. Paris: Hachette, 1992). Madrid, Editorial Gredos.

(1992a) «Tiempo y aspecto», in *Idem*, *Teoría y análisis en lingüística*, pp. 229-245.

(1980) «Essai de synthèse sur l'aspect», in David, Jean & Martin, Robert (eds.), *La notion d'aspect*, pp. 239-246.

(1976) *Lingüística moderna y filología hispánica*. [Versión española de Martín Blanco Álvarez]. Madrid, Editorial Gredos.

(1976a) «Sobre el concepto de verbo auxiliar», in *Idem*, *Lingüística moderna y filología hispánica*, pp. 194-202.

(1968) «Pour la définition d'un système verbal», in *Festschrift Walther von Wartburg zum 80. Geburtstag*, 1. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, pp. 519-522.

Quesada, Juan Diego

(1994) *Periphrastische Aktionsart im Spanischen: das Verhalten einer Kategorie der Übergangszone*. Frankfurt am Main/Berlin/Bern/New York/ Paris/Wien, Peter Lang. [Europäische Hoch-schulschriften: Reihe 21, Linguistik; Bd. 144]

Rallides, Charles

(1971) *The Tense Aspect System of the Spanish Verb* (*as used in cultivated Bogotá Spanish*). The Haag/Paris, Mouton.

(1968) «The Temporal Element of the Non-Finite Verb Forms in Spanish», in *H/Hispania* LI, pp. 132-136.

(1966) «Differences in aspect between the Gerundive Forms and the Non-Gerundive Forms of Spanish Verb», in *H/Hispania* XLIX, pp. 107-114.

Ramos, Manuel A.

(1972) «El fenómeno de "estar siendo"», in *H/Hispania* LV, pp. 128-131.

Renicke, Horst

(1950) «Die Theorie der Aspekte und Aktionsarten», in *BGDDSL* LXXII, pp. 150-193.

Réquédat, François

(1980) *Les constructions verbales avec l'infinitif*. Paris, Hachette.

Ribeiro, J. A. Peral

(1958) «ESSERE, SEDERE e STARE nas línguas românicas», in *BF* 17, pp. 147-176.

Roca Pons, J.

(1958) *Estudios sobre perífrasis verbales del español*. Madrid, C.S.I.C.

Rocher, L.

(1958) «L'aspect verbal en vieil indien», in *RBPh* 36, pp. 118-127.

Rodrigues, A. C. S. & **Galembeck, P. de T.**

(1996) «Formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo no plano textual-discursivo», in Duarte, Inês & Miguel, Matilde (eds.), *AENAPL* XI, vol. I, pp. 281-296. [Também, repetido (!), no vol. III, pp. 439-453]

Rodrigues, Manuel Augusto

(1993) *Gramática elementar de hebraico*. Maia, Castoliva Editora (sobretudo pp. 56-68). [Reprodução fac-similada da gramática editada em 1967]

Rodríguez Adrados, F.

(1962) «Gramaticalización y desgramaticalización», in *Estructuralismo e Historia* [*Homenaje a A. Martinet*]. Canárias, Universidad de La Laguna, tomo III, pp. 5-41.

(1950) «Observaciones sobre el aspecto verbal», in *EClás* 1, pp. 11-25.

Rodriguez Espiñeira, M.ª José

(1990) «Clases de 'Aktionsart' y predicaciones habituales en español», in *Verba* 17, pp. 171-210.

Rohrer, Christian

(1981) «Quelques remarques sur l'analyse de la forme progressive de l'anglais», in *Langages* 64, pp. 29-38.

(1979) «Temps, aspects et modes d'action dans la grammaire universelle», in *MLing* 1, 1, pp. 63-88.

(1977a) «Zeitsysteme und ihre Anwendung auf natürliche Sprachen», in *ZrP* 93, pp. 36-50.

(1977b) «Die Beschreibung einiger spanischer Verbalperiphrasen im Rahmen eines zeitlogischen Systems», in *Idem* (ed.), *On the Logical Analysis of Tense and Aspect*, pp. 99-129.

Rohrer, Christian (ed.)

(1978) *Papers on Tense, Aspect and Verb Classification*. Tübingen, Gunter Narr Verlag.

(1977) *On the Logical Analysis of Tense and Aspect*. Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1977.

Rojo, Guillermo

(1990) «Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español», in Bosque, Ignacio (ed.), *Tiempo y aspecto en español*, pp. 17-43.

(1976) «La correlación temporal», in *Verba* 3, pp. 65-89.

(1974a) *Perífrasis verbales en el gallego actual*. [*Verba*, Anuário Gallego de Filología, Anejo 2]. Vigo, Universidad de Santiago de Compostela.

(1974b) «La temporalidad verbal en español», in *Verba* 1, pp. 68-149.

(1973) «Acerca de la temporalidad en el verbo español», in *BRAE* 53, pp. 351-375.

Rojo, Guillermo & **Veiga, Alexandre**

(1999) «El tiempo verbal. Los tiempos simples», in Bosque, I. & Demonte, V. (eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (vol. 2), cap. 44, pp. 2867-2934.

Šabršula, Jan

(1972) «Verbal aspect and manner of action in French», in Fried, E. (ed.), *The Prague School of Linguistics and Language Teaching*, pp. 95-111.

(1963) «Les systèmes d'expression du temps, du mode et de l'ordre du procès», in *PhP* 6, 4, pp. 349-362.

(1961) «Les équivalents de l'aspect slave en italien (étude comparative)», in *PhP* 4, 3, pp. 147-160.

Sagüés, Miguel

([11]1999) *Gramática elemental vasca*. San Sebastián, Editora Txertoa (sobretudo pp. 39-87).

Sánchez Ruipérez, Martín

(1980) «Quelques vues fonctionalistes sur l'aspect» (résumé), In David, Jean & Martin, Robert (eds.), *La notion d'aspect*, pp. 27-29.

(1967) «Notas sobre estructura del verbo español», in AA. VV. 2, *Problemas y principios del estructuralismo lingüístico*, pp. 89-96.

(1962) «Observaciones sobre el aspecto verbal en español», in *Strenae*. [Estudios de Filología e Historia dedicados al Profesor Manuel García Blanco. *Acta Salmanticensia* XVI]. Salamanca, Universidad, pp. 427-435.

Santamarina, Antonio

(1974) *El verbo gallego*. [Anejo 4 de *Verba*]. Universidad de Santiago de Compostela.

Santos, A. J.

(1974) «O tempo e o aspecto verbal no indicativo em português», in *Littera* 10, pp. 55-74.

(1967) «Aspecto verbal e sua aplicação ao português», in *Romanitas* 8, pp. 96-123.

Santos, Diana

(1997) «Uma classificação aspectual portuguesa do português», in Castro, Ivo (ed.), *AENAPL* XII, vol. I, pp. 299-315.

(1995) «Imperfeito: A Broad-coverage Study», in *AENAPL* X, pp. 525-539.

(1994) «Integrating tense, aspect and genericity», in *AENAPL* IX, pp. 391-405.

(1992) «Sobre a classificação aspectual dos verbos portugueses», in *AEAPL* VII, pp. 389-401.

Schemann, Hans

(1982) *Die Definitionskriterien der Verbalperiphrasen*. (*Die portugiesischen Verbalperiphrasen: Corpus und Analyse*). Tübingen, Max Niemeyer Verlag.

Schemann, Hans & **Schemann-Dias, Luíza**

(1982) *Die portugiesischen Verbalperiphrasen und ihre deutschen Entsprechungen*. (Lehr- und Übungsbuch mit ausführlichen portugiesischen Beispielen und ihren deutschen Übersetzungen). Tübingen, Max Niemeyer Verlag. [Versão portuguesa: *As Perífrases Verbais Portuguesas e os seus equivalentes alemães*. (Auxílio para exercícios práticos com exemplos portugueses detalhados e sua tradução para o alemão). Braga: Livraria Cruz, 1985.]

Schlachter, Wolfgang

(1959) «Der Verbalaspekt als grammatische Kategorie», in *MSS* 13, pp. 22-78.

Schmidt-Radefeldt, Jürgen (ed.)

(1993) *Semiótica e linguística portuguesa e românica* [Homenagem a José Gonçalo Herculano de Carvalho]. Tübingen, Gunter Narr Verlag.

(1983) *Portugiesische Sprachwissenschaft*. Tübingen, Gunter Narr Verlag.

(1976) *Readings in Portuguese Linguistics* [*Linguistic Series* 22]. Amsterdam, North-Holland Publishing Company.

Schneiders, Hans-Wolfgang

(1997) «*Passé simple*, *passé composé* et *imparfait*. Essai d'une nouvelle approche», in Lorenzo, Ramón (ed.), *ACILFR XIX*, vol. I, pp. 313-322.

Schogt, Henry G.

(1968a) *Le système verbal du français contemporain*. Den Haag, Mouton.

(1968b) «Les auxiliaires en français», in *Linguistique* 3, pp. 5-19.

(1965) «*Temps et verbe* de G. Guillaume trente-cinq ans après sa parution», in *Linguistique* 1, pp. 55-74.

(1964) «L'aspect verbal en français et l'élimination du passé simple», in *Word* 20, p. 1-17.

Schwall, Ulrike

(1991) *Aspektualität: eine semantisch-funktionelle Kategorie*. Tübingen, Gunter Narr Verlag.

Schwarze, C. & **Wunderlich, D.** (eds.)

(1985) *Handbuch der Lexikologie*. Kronberg, Athenäum.

Seidel, E.

(1936) «Zu den Funktionen des Verbalaspekts», in *TCLP* 6, pp. 111-129.

Seiler, Hansjakob
(1969) «Zur Problematik des Verbalaspekts», in *CFS* 26, pp. 119-135.
Serbat, G.
(1976) «Les temps du verbe en latin», in *REL* 54, pp. 308-352.
(1975) «Les temps du verbe en latin», in *REL* 53, pp. 367-405
Setterberg-Jørgensen, Birgit
(1950) Andare, venire *et* tornare, *verbes copules et auxiliaires dans la langue italienne*. Aarhus, Univ. Förlaget.
Shetter, W. Z.
(1961) «Durative Formulas in Brazilian Portuguese: The Verbal Dimension of "Focus"», in *LLearning* XI, pp. 43-62.
Shopen, Timothy (ed.)
(1995) *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. III: *Grammatical Categories and the Lexicon*. New York/Melbourne, Cambridge University Press. [[1]1985]
Silva, Augusto Soares da
(1999) *A semântica de* deixar*. Uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, pp. 531-549.
(1996) «Dos conceitos lexicais aos gramaticais. Aspectos da gramaticalização», in *Diacrítica* 11, pp. 113-138.
Silva, Augusto Soares da (ed.)
(2001) *Linguagem e cognição. A perspectiva da linguística cognitiva*. Braga, Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia de Braga.
Silva, Emídio & **Tavares, António**
(1994) *Dicionário dos verbos portugueses* (conjugação e regências). Porto, Porto Editora.
Silva, Helena Mateus
(1993) «Retroacção aspecto/tempo na textualidade», in *AEAPL* VIII, pp. 488-499.
Silva, Paulo Nunes da
(1999) «A deixis e o verbo: uma abordagem», in Lopes, Ana C. M. & Martins, C. (eds.), *AENAPL* XIV, vol. II, pp. 443-458.
(1998) *Os "tempos compostos" do sistema verbal português*. Lisboa, Universidade Aberta. [Colecção de Estudos Pós-graduados]
Sławomirski, J.
(1983) «La posición del aspecto en el sistema verbal español», in *REspL* 13, 1, pp. 91-119.

Smith, Carlota
([2]1997) *The Parameter of Aspect*. Dordrecht/Boston/London, Kluwer Academic Publishers.
Soares, Maria Aparecida Botelho Pereira
(1987) *A semântica do aspecto verbal em russo e em português*. Rio de Janeiro, U.F.R.J.
Soares, Nuno Verdial
(1995) «*Começar a Vinf* e *Pôr-se a Vinf*: marcadores de que fronteiras?», in *AENAPL* X, pp. 557-567.
Sora, Sanda
(1997) «Essai contrastif sur l'imparfait roumain et français», in Lorenzo, Ramón (ed.), *ACILFR XIX*, vol. I, pp. 323-332.
Spaulding, R. K.
(1926) *History and Syntax of the Progressive Constructions in Spanish*. Berkeley, University of California Press. [*University of California Publications in Modern Philology*, 13, 3, pp. 229-284]
Squartini, Mario
(1998) *Verbal Periphrases in Romance: Aspect, Actionality, and Grammaticalization*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter. [Empirical approaches to language typology, 21]
Staib, B. (ed.)
(2000) *Linguistica romanica et indiana* [Festschrift Wolf Dietrich]. Tübingen, Günter Narr Verlag.
Staudacher-Valliamée, Gillette
(1998) «Le système verbal créole réunionnais», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 143-152.
Steinitz, R.
(1981) «Der Status der Kategorie "Aktionsart" in der Grammatik (oder: Gibt es Aktionsart im Deutschen?)», in *LS/A* 76, pp. 1-122.
(1977) «Zur Semantik und Syntax durativer, inchoativer und kausativer Verben», in *LS/A* 35, pp. 85-129.
Sten, Holger
(1973) *L'emploi des temps en portugais moderne*. København, Munksgaard
(1952) *Les temps du verbe fini (indicatif) en français moderne*. København, Munksgaard.
Stobitzer, Heinrich
(1968) *Aspekt und Aktionsart im Vergleich des Französischen mit dem Deutschen, Englischen und Italienischen*. Tübingen, Fotodruck Präzis.

Stowell, Ernest
(1957) «Contrasts of Aspect in the Spanish progressive and passive», in *H/Hispania* XL, pp. 467-469.

Suñer, Margarita & **Padilla Rivera, José**
(1990) «Concordancia temporal y subjuntivo», in Bosque, Ignacio (ed.), *Indicativo y subjuntivo*, pp. 185-201.

Suter, A.
(1984) *Das portugiesische Pretérito Perfeito Composto*. Bern, Francke Verlag. [*Romanica Helvetica*, vol. 97]

Tedeschi, Philip & **Zaenen, Annie** (eds.)
(1981) *Tense and Aspect*. [*Syntax and Semantics* 14]. New York/London/Toronto/Sidney/San Francisco, Academic Press.

Tesnière, Lucien
(1939) «Théorie structurale des temps composés», in *Mélanges de linguistique offerts à Charles Bally*. Genève, Georg et Cie. S.A., pp. 153-183.

Thelin, Nils B. (ed.)
(1990) *Verbal aspect in discourse: Contributions to the semantics of time and temporal perspective in Slavic and non-Slavic languages*. Amsterdam, Benjamins.

Thiele, Petra
(1996) «Zur Rolle der Grammatikalisierungsmechanismen bei der Herausbildung repetitiver Verbalperiphrasen in der Iberoromania», in Michaelis, Susanne & Thiele, Petra (eds.), *Grammatikalisierung in der Romania*, pp. 107-121.

Thieroff, Rolf (ed.)
(1995) *Tense systems in European languages* (vol. 2). Tübingen, Max Niemeyer Verlag. [Linguistische Arbeiten; 338]

Tláskal, J.
(1994) «Flexion», in Holtus, G. & Metzeltin, M. & Schmitt, Ch. (eds.), *LRL*, vol VI, 2, pp. 160-172 (especialmente pp. 167-170 e 172).

Tobón de Castro, L. & **Rodríguez Rondón, J.**
(1974) «Algunas consideraciones sobre el aspecto verbal en español», in *ThBICC* 29, pp. 34-47.

Togeby, Knud
(1954-55) «Les temps du français», in *Lingua* IV, 4, pp. 379-393.
(1953) *Mode, aspect et temps en espagnol*. København, Munksgaard.

Torres, Artur de Almeida
(1972) «Modos, tempos e aspectos verbais em português», in *Romanitas* 11, pp. 82-99.

Traugott, Elisabeth C. & **Heine, Bernd** (eds.)
(1991) *Approaches to Grammaticalization* (vol. I: *Focus on theoretical and methodological issues*; vol. II: *Focus on types of grammatical markers*). Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company.

Travaglia, Luiz Carlos
(1985) *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. (Edição revisada). Uberlândia, Universidade de Uberlândia.

Trost, Klaus
(1978) «Verbale Zeitstruktur, verbale Handlungsstruktur und die paarigen Fortbewegungsverba im Russischen. Ein Beitrag zur Aspektologie des russischen Verbums», in *FoLi* XII, fs. 3/4, pp. 385-404.

Vásquez-Cuesta, Pilar & **Mendes da Luz, M.ª Albertina**
(1983) *Gramática da língua portuguesa*. [Tradução de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos. Prefácio de Luís Filipe Lindley Cintra]. Lisboa, Edições 70.

Veiga, Alexandre
(2002) *Estudios de morfosintaxis verbal española*. [Colección Grammaton 2]. Lugo, Tris Tram.
(2002a) «El presente histórico como hecho de sistema verbal», in *Idem*, *Estudios de morfosintaxis verbal española*, pp. 15-53.
(2002b) «Tiempos compuestos y estructura de sistema verbal», in *Idem*, *Estudios de morfosintaxis verbal española*, pp. 89-98.
(1986) «Verbo latino e verbo galego. Notas para unha análise comparativa», in *Verba* 13, pp. 75-125.
(1983) «*Cantei* no sistema temporal do verbo galego», in *Verba* 10, pp. 203-222.

Vendler, Z.
(1967) *Linguistics in Philosophy*. New York, Cornell University Press.

Vendryes, J.
(1937) «Sur l'emploi de l'auxiliaire "avoir" pour marquer le passé», in *Mélanges Ginneken*. Paris, Librairie Klincksieck, pp. 85-92.

Vet, Co
(1997) «Temps verbaux et modalité épistémologique», in Lorenzo, Ramón (ed.), *ACILFR XIX*, vol. I, pp. 271-278.
(1985) «Univers de discours et univers d'énonciation: les temps du passé et du futur», in *Idem* (ed.), *La pragmatique des temps verbaux*, pp. 38-58.

(1980) *Temps, aspects et adverbes de temps en français contemporain*. Genève, Droz.

Vet, Co (ed.)

(1985) *La pragmatique des temps verbaux*. Paris, Larousse.

Vikner, C.

(1985) «L'aspect comme modificateur du mode d'action: à propos de la construction être + participe passé», in Vet, Co (ed.), *La pragmatique des temps verbaux*, pp. 95-113.

Vilela, Mário

([2]1999) *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra, Livraria Almedina, pp. 60-179. [[1]1995]

(1995) *Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra, Livraria Almedina (sobretudo pp. 242-245).

(1994) *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra, Livraria Almedina (sobretudo pp. 188-190).

([2]1991) *Dicionário do português básico*. Porto, Edições Asa.

Vincent, Nigel & **Harris, Martin** (eds.)

(1982) *Studies in the Romance Verb*. London, Croom Helm.

Volpato, A. & **Pereira, Iris S. P.**

(1997) «A construção progressiva em Português: considerações histórico-semânticas», in Castro, Ivo (ed.), *AENAPL* XII, vol. II, pp. 341-346.

Weber, R. W.

(1975) «Ist romanisch Imperfekt eine Aspektkategorie?», In Bambeck, R. von M. & Christmann, H. (eds.), *Philologica Romanica*, pp. 389-412.

Wedel, Alfred R.

(1974) «Los conceptos "perfectivo" y "perfecto" en el sistema verbal del castellano moderno», in *NRFH* 23, pp. 381-388.

Weinrich, Harald

(1982) *Textgrammatik der französischen Sprache*. Stuttgart, Ernst Klett Verlag. [cap. 4: Syntax des Verbs, pp. 152-262]

Weise, Karin

(2000) *Kontrastive Textanalyse zu einigen ausgewählten Vergangenheitstempora des Portugiesischen und des Deutschen*. Frankfurt am Main/Berlin/Bern/Bruxelles/New York/Oxford/Wien, Peter Lang. [Rostocker Romanistische Arbeiten, 4]

Wetshemongo Kamomba, Michel

(1998) «Le système verbal de l'òtètèlà: langue bantu du Congo (Zaïre)», in Bentolila, Fernand (ed.), *Systèmes verbaux*, pp. 197-212.

Wilmet, Marc

(1980) «Aspect grammatical, aspect sémantique, aspect lexical: un problème de limites», in David, Jean & Martin, Robert (eds.), *La notion d'aspect*, pp. 51-68.

(1976) *Études de morphosyntaxe verbale*. Paris, Librairie Klincksieck.

(1968) «L'imparfait dit hypocoristique», in *FM* XXXVI, pp. 298-312.

Windfuhr, Gernot L.

(1985) «A spatial model for tense, aspect, and mood», in *FoLi* XIX, fs. 3/ 4, pp. 415-461.

Xavier, M.ª Francisca & **Mateus, M.ª Helena** (eds.)

(1992) *Dicionário de termos linguísticos* (vol. II). Lisboa, Edições Cosmos.

Yavas, Feryal

(1980) «*Estamos vindo* ou *indo*? Uma análise contrastiva dos verbos de movimento 'vir' e 'ir' em inglês e português», in *LH* 13, 42, pp. 126-140.

Yllera, Alicia

(1999) «Las perífrasis verbales de gerundio y participio», In Bosque, I. & Demonte, V. (eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (vol. 2), cap. 52, pp. 3391-3441.

Yvon, Henri

(1964) «Le passé simple est-il en voie de disparition?», in *R* 85, pp. 101-111.

(1963) «Le passé simple est-il sorti d'usage», in *FM* XXXI, pp. 161-176.

(1951a) «Aspects du verbe français et présentation du "procès"», in *FM* XIX, pp. 161-174.

Zawadowski, Léon

(1959) *Constructions grammaticales et formes periphrastiques*. Kraków/ Wrocław/Warszawa, Zakład Narodowy Imienia Ossolinskich Wydawnictwo Polskiej Akademii Nauk.

Zemb, J.-M.

(1980) «L'aspect, le mode et le temps», in David, Jean & Martin, Robert (eds.), *La notion d'aspect*, pp. 83-110.

2. Bibliografia utilizada na constituição dos *corpora*

2.1. Textos literários e outros textos

Alegre, Manuel
([3]1996) *Alma*. Lisboa, Publicações Dom Quixote [[1]1995].
Andresen, Sophia de Mello Breyner
([26]1995) *A menina do mar*. Porto, Livraria Figueirinhas [[1]1958].
(1989) *A noite de Natal*. Porto, Livraria Figueirinhas [[1]1960].
Assis, Machado de
(1988) *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Livraria Garnier [[1]1908].
Bessa-Luís, Agustina
(2002) *A Alma dos Ricos*. Lisboa, Guimarães Editores.
Branco, Camilo Castelo
(1990) *José do Telhado* (Coleccção **O Herói e o Mito**). Lisboa, Edinter [de *Memórias do Cárcere*, [1]1862].
Buarque, Chico
(1992) *Estorvo*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
Campos, Fernando
(2000) *A Ponte dos Suspiros*. Lisboa, Difel.
([11]1999) *A Casa do Pó*. Lisboa, Difel [[1]1986].
Castilho, Paulo
(2000) *Por Outras Palavras*. Lisboa, Contexto.
(1993) *Sinais Exteriores*. Lisboa, Contexto.
([2]1990) *Fora de Horas*. Lisboa, Contexto [[1]1989].
Castro, Ferreira de
([13]1990) *Terra Fria*. Lisboa, Guimarães Editores, Lda [[1]1934].
Cláudio, Mário
(2003) *Ursamaior*. Lisboa, Visão/Publicações Dom Quixote [[1]1999].
Coelho, Luísa (Org.)
(2005) *Intimidades*. Antologia de contos eróticos femininos. Lisboa, Publicações Dom Quixote
Coelho, Paulo
([2]1996) *O Alquimista*. Lisboa, Editora Pergaminho, Lda [[1]1990].
(1996) *O Monte Cinco*. Lisboa, Editora Pergaminho, Lda.

Couto, Mia

(1996) *A Varanda do Frangipani*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.

Ferreira, Vergílio

([18]1990) *Aparição*. Lisboa, Bertrand Editora, Lda [[1]1959].

(1996) *Cartas a Sandra*. Lisboa, Bertrand Editora, Lda.

Gedeão, António

(1990) *Novos Poemas Póstumos*. Lisboa, Edições João Sá da Costa.

Mónica, Maria Filomena

(1993) *Visitas ao Poder*. Lisboa, Quetzal Editores.

Monteiro, Luís de Sttau

(2003) *Felizmente Há Luar!*. Porto, Areal Editores [[1]1961].

Namora, Fernando

([9]1993) *O Rio Triste*. Mem Martins, Publicações Europa-América, Lda [[1]1982].

Negreiros, Almada

([2]1992) *Nome de Guerra*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda [[1]1938].

Pacheco, Fernando Assis

(1993) *Trabalhos e Paixões de Benito Prada*. Porto, Edições Asa.

Pereira, Ana Teresa

(1989) *Matar a Imagem*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.

Pessoa, Fernando

([2]1986) *Livro do Desassossego, por Bernardo Soares* [1.ª Parte]. Mem Martins, Publicações Europa-América, Lda [depois de [1]1935].

([2]1988) *Livro do Desassossego, por Bernardo Soares* [2.ª Parte]. Mem Martins, Publicações Europa-América, Lda [depois de [1]1935].

([14]1992) *Mensagem*. Lisboa, Edições Ática [[1]1934].

Pires, José Cardoso

([7]1999) *Dinossauro Excelentíssimo*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, Lda [[1]1972].

Redol, Alves

([17]1989) *Gaibéus*. Lisboa, Editorial Caminho, SA [[1]1939].

Ribeiro, João Ubaldo

(1999) *A Casa dos Budas Ditosos*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, Lda.

Saramago, José

(2005) *As Intermitências da Morte*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.

(2004) *Ensaio sobre a Lucidez*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.

(2002) *O Homem Duplicado*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.

(2000) *A Caverna*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.

([12]1998) *Levantado do Chão*. Lisboa, Editorial Caminho, SA [[1]1980].

(1997) *O Conto da Ilha Desconhecida*. Lisboa, Assírio & Alvim.
(1997) *Todos os Nomes*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.
(1995) *Ensaio sobre a Cegueira*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.
(1993) *In Nomine Dei*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.
([2]1991) *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa, Editorial Caminho, SA [[1]1991].

Tavares, Miguel Sousa
([14]2004) *Equador*. Lisboa, Oficina do Livro [[1]2003].

Tiago, Manuel
([5]1996) *Cinco Dias, Cinco Noites*. Lisboa, Editorial «Avante!», SA [[1]1994 ?].

Tojal, Altino do
(1989) *Os Putos* (edição comemorativa do 25.º aniversário: 1964-1989). Odivelas, Europress [[1]1964].

Torga, Miguel
([4]1977) *Odes*. Coimbra, Edições do Autor [[1]1946].
([5]1986) *Portugal*. Coimbra, Edições do Autor [[1]1950].

2.2. Imprensa escrita

Correio do Minho (diário), Braga
Diário do Minho (diário), Braga
Expresso (semanário), Lisboa
Jornal de Notícias (diário), Porto
O Comércio do Porto (diário), Porto
O Independente (semanário), Lisboa
Pública (revista dominical do *Público*), edição Porto
Público (diário), edição Porto
Visão (revista semanal), Lisboa